5

VOLUME 19.° N.os 1 a 4 1916

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filologicos e etnologicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS
Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnologico Português

SUMARIO

Artigos desenvolvidos:

Miscelanea:

Necrologia:

Bibliografia:

Erratas:

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
1916

Outras obras de J. Leite de Vasconcellos

Tradições populares de Portugal, Porto, 1891	$50
Poesia amorosa do povo português, Lisboa, 1890	$40
Religiões da Lusitania, 3 volumes 1897-1913	7$50
Ensaios ethnograficos, 4 volumes 1891 (1911)-1910	3$10
Esquisse d'une Dialectologie Portugaise, Paris 1901	$60
Estudos de Philologia Mirandesa, 2 volumes, Lisboa 1900-1901	3$00
Textos archaicos, 2.ª ed. (esgotada).	
O Dr. Storck e a Litteratura Portuguesa, Lisboa 1910 (esgotado)	1$00
Lições de Philologia Portuguesa, 1 volume cartonado, Lisboa 1911	2$00
De Campolide a Melrose, relação de uma viagem de estudo (Filologia, Etnografia, Arqueologia), 1 volume, com muitas estampas, Lisboa 1915	$70
Historia do Museu Etnologico Português (1893-1914), 1 volume, com muitas estampas, Lisboa 1915	1$20

A Revista Lusitana publica-se em fasciculos de 10 a 12 folhas, e saem dois por ano.

Preço da assinatura anual: Portugal e Hespanha . . . . 2$40

Toda a correspondencia literaria deve ser enviada ao director, **J. LEITE DE VASCONCELLOS**, R. de D. Carlos Mascarenhas, 27, Lisboa.

Toda a correspondencia relativa a assuntos economicos (compra e assinatura) deve ser enviada ao editor, **A. M. TEIXEIRA,** P. dos Restaurados, 17, Lisboa.

REVISTA LUSITANA

Tipografia SEQUEIRA
114, R. José Falcão, 122

Revista Lusitana

Arquivo de estudos filologicos e etnologicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. Leite de Vasconcellos

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnologico Português



VOL. XIX

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
Praça dos Restauradores, 20
1916

REVISTA LUSITANA

VOL. XIX — 1916 — N.os 1-2

JOÃO LOURENÇO da CUNHA

A

"Flor de Altura,,

E A CANTIGA

Ay Donas por quê em tristura?

Esse assunto tragicómico sugerira-me até hoje sòmente duas Notas sucintas, escondidas nas *Investigações sobre o Cancioneiro da Ajuda* (1) e num estudo relativo ao *Cancionero Gallego-Castelhano* (2) de Henry R. Lang — obra importante, em que estão reunidos os escassos restos poéticos da idade de transição que conduz do primeiro periodo da lírica-peninsular — *galego-portuguesa* — ao segundo, *castelhano-português*. Foi nela que li, pela primeira vez, uma *Glosa* da famigerada Cantiga de João Lourenço (3), juntamente com um amplo e judicioso comentario (4).

Com ajuda dessa curiosa paráfrase e de mais alguns materiaes, que surgiram posteriormente em territórios de lingua espanhola, vou tentar agora a reconstituição do texto original, depois de haver analisado os principaes reflexos literários da história de João Lourenço e D. Leonor, sem todavia dar por definitivamente terminado o processo.

Se eu acertar nas hipóteses com que tento completar os factos documentados, ficará provado que os coevos palacianos de João Lourenço, em cujo nome fala o anónimo autor de *Ay Donas*, consideravam o drama de 1371 como uma dolorosa aventura de amor, e a vítima não como um ente baixo e risível, mas antes como um doido apaixonado, digno de dó. Apaixonado e digno de dó, porque continuava a adorar a seductora D. Leonor, ainda depois da sua deslealdade, e apesar delà; mas apaixonado extravagante, visto que encobria as suas profundas mágoas com uma máscara galhofeira de cinismo grotesco.

E ficará provado tambem que a gente de então deitava as culpas todas do triste caso ao rei, — tirano e cesarista como o pae, apesar do seu temperamento individual, tão brando, amavioso, remisso e sem cuidados. À medida que o tempo envolvia os acontecimentos em brumas longincuas, D. João Lourenço e D. Leonor ficaram sendo no *Romanceiro* e no *Drama*, essas duas manifestações mais vivazes do espírito peninsular, um par de namorados, mártires da razão de estado e daquele fenómeno medieval, tão bem definido no provérbio antigo *Lá vão leis onde querem reis — Allá van leys ado quieren reys.* —

À distancia de um século, e nas terras afastadas para onde *el de los cuernos de oro* se refugiara, é que, no primeiro tempo de esplendor dos Romances, fusionaram, na mente de autores de narrativas julgarescas, as tres mais empolgantes tragédias de amor que ocorreram no século décimo-quarto no pais dos Namorados: a de *Inês de Castro* (1355), a de *Maria Telles* (1373), e a de *D. Leonor* (1375), que fôra despida por completo dos traços de felonia feminil e de mania louca varonil que a afeavam na realidade. Além disso os factos engalanaram-se com elementos de outros Romances sôbre tragédias domesticas, causadas por soberanos, como p. ex. a sumamente patética do Conde Alarcos. (5)

I

Nota histórica basilar do pouco que sabemos a respeito da Cantiga de João Lourenço, e do sobrenome poético de *Flor de Altura*, dado a Leonor Teles, é um passo contido num dos numerosos Compêndios de história peninsular que em Espanha foram extraidos da *Cronica General*, mandada fazer por Afonso X, o Sábio, de Castela e Leão (6). Até a invenção da Imprensa, e ainda na infância da grande arte, as *Abreviações* do texto, primitivo, que fôra redigido entre 1257 e 1290, eram numerosíssimas. Em regra, não foi todavia a redacção primitiva, mas sim o segundo, terceiro ou quarto *refazimento* da obra magistral, que era compendiado e quasi sempre continuado até o tempo de cada elaborador novo (7).

O respectivo passo encontra-se na refundição, acrescentada por um anónimo, de um Compêndio intitulado *Sumário de los Reys de España*, e que é obra de um Despenseiro-Mór da Rainha D. Leonor (8), primeira mulher de D. Juan I de Castela, o que posteriormente casou com D. Beatriz de Portugal, filha única de D. Fernando e de Leonor Teles de Meneses; do vencido de Aljubarrota portanto.

Dessa refundição ha vários manuscritos (na Biblioteca Régia de Madrid, e na do Escorial) (9). Eles foram aproveitados pelo editor do *Sumário*, D. Eugenio de Llaguno Amirola. Na *Coleccion de Crónicas*, impressas por Sancha em 1781 (10), esse benemérito dá como texto a redacção do Despenseiro, e no fundo das páginas, em forma de anotações, os acrescentos do *Anónimo*. Num curto Prólogo critico o editor torna provável que o acrescentador trabalhou no tempo de Enrique IV. Isto é: entre 1454 e 1474. Tarde portanto. Ainda assim, suas Notas são consideradas fidedignas pelo grande historiador Zurita que as aproveitou nas suas *Emendas y Advertencias a las Crónicas de Pero Lopez de Ayala* (11).

Por serem *inéditas* ainda duas versões ou adaptações portuguesas da Segunda Crónica General (de 1344), continuadas uma até 1383, outra até 1450, e existentes uma na Biblioteca Nacional de Paris e outra na Livraria da Academia das Sciencias de Lisboa, de subido valor para Portugal, é que fica por decidir, se elas tratam, ou não, das grandes tres tragédias de amor do século XIV ([12]), sendo, no caso afirmativo, porventura a fonte primordial das informações castelhanas.

A Nota do *Sumário*, relativa ao reinado de D. Juan de Castela, em que pela primeira vez se menciona a *Cantiga* de João Lourenço, tem o teor seguinte: ([13])

> «*En el* **Compendio** *se añade:* E este noble Rey Don Juan su marido, despues de su finamiento ([14]) casó segunda vez con la Reyna Dona Beatriz, fija del Rey Don Fernando de Portugal, e de la muger de Juan Lorenzo de Acuña, queste Rey Don Fernando le tomó por amores que della ove; y por esta se levantó la cancion que dice:
>
> *Ay donas, por que tristura . . .*
>
> y por esta causa el dicho Juan Lorenzo traia unos cuernos de oro en la cabeza por estos Reynos de Castilla. Y el dicho Rey Don Fernando de Portugal casó con ella, y fué llamada la Reyna Dona Isabel (**sic**, acrescento eu) ([15]) *que la decian la flor de altura.* El qual casamiento fizo con la dicha Reyna Doña Beatriz este noble e católico Rey Don Juan, con tal que despues de la fin deste Rey Don Fernando de Portugal al cabo de doce años . . . ([16]) aviendo fijo legítimo en esta Reyna, que se nombrase Rey de Portugal. Y este Rey se nombró Rey de Castilla e de Leon y *de Portugal*, no mirando las condiciones susodichas; y el, y la dicha su muger, se quisieron entrar en el dicho Reyno de Portugal por le tomar para si; y los Portugueses acordaron de lo resistir, diciendo que la dicha Reyna Doña Beatriz no era, ni podia ser fija legítima herdera del dicho Rey de Portugal Don Fernando, porque la ovo en la dicha Doña Isabel (**sic**) viviendo Juan Lorenzo Acuña su marido, aviendosela tomado por fuerza . . . ([17])»

A Canção Ay Donas por que [*en*] *tristura levantou-se por esta* quer dizer, segundo a minha opinião, que por causa da mulher de João Lourenço uma canção *anónima* começou a correr mundo. T. Braga vai mais longe. Deduziu do teor indicado que a cantiga era *popular*. Chama-a «um dos cantos populares mais antigos ([18])». E quer ver nela uma intencional e pungente *satira*, lançada à vítima. Tenho essa interpretação por arbitrária, ou fantasiosa, em ambos os pontos.

Sátiras contra palacianos eram, nos séculos XIII e XIV, em regra, obra de palacianos ([19]). *Donas* eram damas nobres, aos quaes só excepcionalmente um jogral popular se dirigia. Para decidir a questão é, evidentemente, preciso apurar primeiro de um lado o texto, isto é a forma e a essência de *Ay Donas;* e pelo outro lado a sua história, e a sua divulgação. É o que vou fazer.

II

A mais significativa reminiscência do caso de João Lourenço, tardia embora, é catalã. Um poeta da côrte aragonesa, freire de uma das ordens de cavalaria, coloca o namorado Português numa espécie de *Inferno de Amor*, onde da própria boca dele sai a Canção da *Flor de Altura*. A Canção inteira? De modo algum. Sómente o primeiro e tão sugestivo verso *Ay Donas por que tristura*, ou *por quê em tristura* ([20]).

Esse poeta chama-se *Fra Rocabertí* ou, com o nome que usara no mundo, *Hugo Bernat de Rocabertí*. Era castelão de Amposta, Comendador de Fambra, e Gram-Cruz da Ordem de S. João. Em 1461 comandou um exército de D. João de Aragão, na luta contra seu filho rebelde, o Principe de Viana ([21]).

A obra em que introduziu o João Lourenço, é como todas as congéneres, imitação da *Divina Commedia* de Dante Alighieri. Entitula-se *Gloria de Amor*. Mas tambem a chamam *Comedia de Amor;* ou ainda *Comedia de la Gloria de Amor*. É um poema em dez cantos, composto de tercetos de rima solta (*axa; bxb; cxc* etc.). O manuscrito *Cançoner de Obres Enamorades* ou *Cançoner d'amor* pertence à Biblioteca Nacional de Paris ([22]) e foi várias vezes descrito e extratado por notáveis hispanófilos, mas nunca impresso integralmente ([23]).

No recinto ou círculo do *Inferno* que o poeta reserva àqueles que sofreram ou morreram do «belo delito» de amor, ele encontra alguns trovadores provençaes. Alêm desses, outros amantes de fama universal. Não faltam aí Francesca e Paolo, imortalizados por Dante. Nem faltam Tristão e Isolda, os celtas bretónicos, cuja lenda, desde Chrétien de Troyes (c. 1200) até Ricardo Wagner, inspirou tantos artistas primorosos ([24]). Nem tão pouco esqueceram *Flor e Branca-flor* ou *Flores e Branca-frol*, protagonistas de uma graciosa e comovente novela greco-oriental, (enxertados depois no ciclo carolíngio como ascendentes de Carlos Magno) — protagonistas que se amam desde a infância, e

separados suportam com admirável constância todas as dificuldades e todos os perigos (25).

A par desses vultos de fama sempiterna tem a honra de figurar João Lourenço da Cunha; mas, necessário é confessá-lo, *só e senheiro*, e não na companhia da bela, mas fria e desleal e ambiciosa Leonor.

Dins lo pregon | del foch viu la figura
daquell lorenc | de cuyna portugues
Cantant molt trist | duenyas, por que tristura (26).

Isto é:

Dentro da profundeza do fogo vi a figura
daquele Lourenço da Cunha Português
que cantava muy triste: Ay donas, por que tristura (27).

Impossivel é adivinhar, se Fra Rocaberti, ao colocar a cantiga na boca do próprio João Lourenço, queria estabelecer que a considerava como composição dele, ou sòmente quis dizer que ele fizera sua e repetia a que corria a seu respeito, e em seu nome. Do eventual talento poético do Senhor de Pombeiro da Beira não consta nada. Ainda assim, a primeira hipótese, verdadeira ou não, é natural, visto que em numerosas imitações peninsulares da *Divina Commedia*, os personagens evocados cantam ou recitam versos e ditos seus (28). A esse argumento não deixarei comtudo de opôr o contradito: que àqueles que não tiveram veia poética, forçoso era atribuir dizeres alheios, comquanto apropriados, e que ha numerosos casos de excepção à regra.

III

Em outro Florilégio posterior, o *Cancioneiro General* (29), impresso em 1501, 1511, 1527, 1540 e 1557, e que abrange sobretudo poesias palacianas do século XV, a *Canção de João Lourenço* é mencionada por Guevara. Não no seu *Inferno de Amor* (30). É numas *Trovas de Despedida* que o poeta faz entoar por diversos fidalgos, canções predilectas da moda de então, alheias portanto, no acto em que o Principe D. Afonso (irmão do reinante Enrique IV e da futura Rainha Isabel a Católica, de veneranda memória) (31), aclamado Rei pelos revoltados, saia em 1465 da histórica cidade de Arévalo. Porque o juvenil Principe ainda

não sabia trovar, seus cortesãos entoaram todos, atrás dele, canções *alheias* ([32]).

Da boca de um certo D. Sancho de Rojas, um dos *galanes* que se declaram lastimados da dôr saudosa de terem de afastar-se das bem-amadas, sai o verso *Ay donas, porque'n tristura* ([33]). Sem outras indicações ([34]).

H. Lang quer identificar a Sancho de Rojas com um castelhano desse nome que foi Bispo de Palência de 1403 a 1415, e arcebispo de Toledo até falecer em 1422. E quer assim tornar provável que esse prelado, que esteve em relações literárias com o trovador galego-português Alfonso Alvares Villasandino, fosse o verdadeiro autor da Cantiga de João Lourenço.

Discordo por completo. O Sancho de Rojas, introduzido por Guevara como uma das figuras do séquito do jóvem Principe-Rei D. Alfonso, estava vivo e são em 1465. De mais a mais, já deixei dito que o Duque de Benavente, o Conde de Ribadeo, Diego de Ribera cantam composições *alheias*, em voga então nas cortes peninsulares, como posso provar oportunamente por extenso.

As únicas poesias profanas do Sancho de Rojas de 1465 que existem no *Cancioneiro General*, são insignificantes ([35]) e nada nos adiantam.

IV

Considero como documentação mais importante da voga que a *Canção de João Lourenço* teve nas camadas altas da sociedade no século XV, a *Glosa* a que já aludi. Ela subsiste num precioso Cancioneiro manuscrito, chamado *Cancionero Gallardo* ou tambem *Cancionero San Roman*, com referência aos dois proprietários sucessivos que teve, antes de entrar na Academia de Historia de Madrid, onde se encontra agora ([36]). Autor da paráfrase é o rico-homem Pedro de Quiñones, irmão do quixotesco Suero que em 1434 defendera, por mero espírito cavalheiresco, a Ponte de Orbigo, justando contra seis centos e tantos aventureiros paladines ([37]). De Pedro baste dizer que assinou, como testemunha da coroa, o contrato de casamento entre a Infanta D. Joana de Portugal e Henrique IV de Castela ([38]). Certamente seria então (1455) de idade viril ([39]). As poucas cantigas dele e de Suero que se conservaram, são provavelmente ensaios juvenis ([40]).

Henry Lang que, conforme eu disse na Introdução, publicou o texto — copiado *manu-propria* por Ramon Menendez Pidal —

afirma no Comentário que ele *não* é uma *Glosa* no sentido estrictamente tecnico do termo; isto é: não contêm em cada estância, num determinado lugar, um verso, ou dois versos, da letra que o Glosador pretendia parafrasear (41).

Quando o ilustre catedrático de New-Haven preparava o Cancioneiro, trocámos muitas cartas. Mas quanto à Canção, não chegámos a ver claro. Não chegámos a compreender o texto escuro, tosco, desageitado e desconexo da Glosa.

Nem quando posteriormente, ocupando-me da pobre época de transição da lirica peninsular, reli os versos, encontrei a solução do enigma. Suspeitei-a apenas, momentaneamente, como se entrevê da indicação contida numa anotação do *Cancioneiro da Ajuda* (II p. 283). Pois diz: «creio que a muito citada e versada cantiga portuguesa, ou galego-portuguesa, ou galego-castelhana, ainda se conserva (42)».

Mas só agora (Junho de 1915) imagino ter acertado no modo de desentranhar da *Glosa* de Pedro de Quiñones a letra da Canção de João Lourenço. Ele consiste em juntar os versos 3.º e 4.º e o 7.º e 8.º de cada uma das nove estâncias da *Glosa* que apurei.

Analisemos primeiro esta. Mas para tal fim, é preciso que o leitor tenha o texto à vista. Ei-lo, na grafia galego-castelhana de então. Destaco desde já os versos que julgo serem os da letra.

La glosa de Ai donas porque en tristura,
e principia Pensando en vossa figura.

1

Pensando en vossa figura
olvidar ja non podria (43)
Ai donas por que en tristura
perpasso (44) noite e dia.
Mas, se vossa senhoria
non quer usar de mesura,
non vejo como seria
partida de mi rencura.

2

A voltas de ben e mal
tanto me sento penado
que nunca saio de un val
fermoso bem arvorado.
Antes con pena mortal
de vossa beldade forçado,
pensando mui desigual
passo mia vida cuitado.

3

Sendo de todo chegado
aa vida sen folgura,
achegueí-me a un poblado
du me aparton mia ventura;
e eu (45) con gran queixa pura
ao ceo mirar queria,
vi estar la flor de altura
per quen gran coita sofria.

4

Leixemos agora estar
estes dous versos, senhores: (46)
Vi a estar en un pumar
con outras muitas senhores;
e leixo tamben passar,
(que non faz a meus amores)
donas de alto lugar
colhendo rosas e flores.

5

Damas de grandes valores
vi e de grand'apostura,
tomando muitos sabores,
que de mi non avian cura;
nen de mia desaventura
e congoxa que tiia
salvo ũa por sa mesura
quiso saber da viia.

6

Con temor, qu'é justa lei
de quen pensa ser amado,
de grand' afan lhe falei
como home desacordado;
e depois que acordei
respondi por seu mandado:
Senhora, de cas del rei
trago caminho errado (47).

7

Dixo en ver-me apressurado
e mudar muitas colores:
«Querria saber de grado
quaes son vossos dolores»
ou quaes son los temores
porque viveis enojado,
ou se sodes namorado
de algũa destas senhores.

8

Con medos ja muy mayores
baixo como quen murmura,
respondi: Grandes rencores
passo, forte pena e dura;
que quero mia sepultura,
se por vos non se desvia;
Pois perdí a fermosura
de la vossa sennoria.

9

Inda que non sei a queixura
que vos faz andar penado
parecedes me apressurado,
dixo ela en tal figura
que se este mal vos dura
certamente se diria
que avedes amargura
e grau cuita todavia.

FIM

«Se vossa mercee non cura
mia cuita, senhora mia,
mui triste mort' e segura
espero de cada dia.»

A composição que, principiando liricamente, passa a narrativa, e é dirigida a uma senhora, altamente colocada, visto que o poeta a trata de *Vossa Senhoria*, (verso 5), ganha pelo destaque que dei aos fragmentos entremetidos. Ainda assim continua pouco clara, tormentada na dicção e nos pensamentos (48).

Reunamos agora os versos que, salvo erro, compõem a letra original da Glosa. Entendo que ela principia com uma dupla pregunta, ou uma exclamação e uma pregunta.

Ay donas! por quê en tristura
perpasso noite e dia?
Non (49) vejo como seria
partida de mi rencura?

Que nunca saio de un val
fermoso, ben arvorado;
pensando mui desigual
passo mia vida, cuitado (50).

Acheguei-me a un poblado ([51])
du me apartou mia ventura;
vi estar la flor de altura
per quen gran coita sofria.

Vi-a estar en un pomar
con outras muitas senhores ([52]),
donas de alto lugar,
collendo ([53]) rosas e flores:
tomando ([54]) muitos sabores,
que de mi non avian cura,
salvo ũa por sa ([55]) mesura
quiso saber du viia.

A grand' afan lhe falei
como ome desacordado:
«Senhora, de cas del rei
trago caminho errado ([56])!»

«Querria saber de grado
quaes son vossos dolores ([57]);
ou se sodes namorado
de algũa destas senhores?

Respondi: «Grandes rancores
passo, forte pena e dura
pois perdi a fermosura
dela (sic) Vossa Senhoria».
«Parecedes me apressurado
(dixo ela) en tal figura
que avedes amargura
e gran cuita toda via ([58])».

«Se Vossa Mercee non cura
mia cuita, senhora mia,
mui triste mort' e segura
espero de cada dia!»

Esta Canção (ou Cantiga) extraida da Glosa, compõe-se de um *Mote* de quatro versos, com as rimas *ura ia ia ura* **(abba)** e de quatro Voltas de oito versos cada uma, seguidas de uma *Finda* ou de um *Remate*, de quatro também, com as rimas *ura ia ura ia*. É construção usadissima no século XV. As *Voltas* deveriam terminar todas em *ura ura ia*, tendo o quinto verso ligado pela rima ao segundo e quarto. Esquema *cdcdcAAB*. ([59]) No extracto da Glosa, duas voltas iniciaes tem forma correcta e as últimas duas são irregulares. Saem porêm correctas, se transpusermos as parcelas, segundo as exigências técnicas do género. Mesmo o Diálogo entre João Lourenço e Dona Leonor ganha com isso.

Proponho por ambos os motivos a leitura seguinte:

A grand' afan lhe falei
como ome desacordado:
«Senhora, de cas del rei
trago caminho errado.»
«Parecedes-me apressurado
(dixo ela) en tal figura
que avedes amargura
e gran cuita; todavia

«Queria saber de grado
quaes son vossos dolores,
ou se sodes namorado
de algũa destas senhores?»
Respondi: «Grandes rencores
passo, forte pena e dura,
pois perdi a fermosura
dela Vossa Senhoria.»

«Se vossa mercee non cura
mia cuita, senhora mia,
mui triste mort' e segura
espero de cada dia».

Assim todas as quatro *Voltas* acabam com as consonâncias do *Mote* e constituem um razoado aceitavel.

Da mesma maneira procederemos com a Glosa: a estrofe nona passa a ser a sétima, e a sétima e oitava passam a ser oitava e nona.

Quanto à construção da Glosa, verdade é que ela é invulgar. Mas ainda assim, não é exemplo único. Deve pertencer à primeira metade do século XV (ou mesmo ao último quartel do século XIV), Ao período em que o *género* ainda não tinha atingido a forma fixa e rígida do tempo clássico das *Glosas* (60). Reinava ainda liberdade inteira quanto ao lugar (dentro das estrofes da paráfrase) que o refazedor destinava às parcelas da composição, cujas ideias ia desenvolver; e tambem quanto ao tamanho da estrófe em que as meteria.

Só pouco a pouco os numerosos cultores do género, tìpicamente e essencialmente peninsular, fixaram como forma definitiva a *Décima*, (ou seja *Quintilha dupla*) em que os versos da Letra ocupavam o último lugar, sendo décimos nas *Décimas* (61), e quintos nas *Quintilhas* (62), (ou então os últimos dois de cada uma destas estrofes) (63).

Glosadores houve no primeiro período, entre 1450 e 1500, que, gostando de variar, colocavam os versos alheios nos princípios das trovas (64). Outros metiam-nos no segundo e sexto lugar (65); no segundo e sétimo (66); no primeiro e nono (67); no primeiro e oitavo (68); no primeiro e sexto (69).

Até houve individualistas excêntricos que tiveram a pachorra de arquitectar pirámides, metendo, em climax, o 1.º verso do tema, no 1.º da estrofe inicial da Glosa; o 2.º, no 2.º verso da segunda estrofe; e assim por diante, até a décima e derradeira estrofe findar com o ùltimo verso do tema, se constava de dez linhas. (70)

Nem falta quem alternava dois versos de redondilha seus, com outros dois alheios (71).

Como se vê, havia plena liberdade.

Nem era preciso, por conseguinte, que eu fosse capaz de apontar outro exemplo—(quer imitação, quer modelo) para todos julgarem possivel a distribuição do tema, que suponho exista na Glosa de Pedro de Quiñones, pelos versos 3-4 e 7-8 das Oitavilhas. Mas visto que existe e o conheço, dou aqui o traslado.

É uma parafrase, sem graça nem sal, mas felizmente curta, de João Gomez da Ilha, de uma Cantiga igualmente ensossa do Coudel-mór Fernão da Silveira (72). E diz:

Senhora dona Maria,
em caso que eu podesse
servir-vos, nam leyxaria
por mal que me já viesse,
nem dano que me fizesse,
dama, vossa senhoria,
porque ser nam poderia,
que outrem prazer me desse.

Nem vontade me conssente
dalguma bem-desejar,
mas em vos estaa somente
meu prazer e meu pesar.
Nem me podeys pena dar
mays que meu coraçam sente,
e em vos he ordenar
que viver possa contente.

D'amar-vos nam me desvia
mal que tenha nem tyvesse,
polo qual nam leyxaria
servir-vos, pero pudesse.
Lembrança, se vos prouvesse
terdes de mym, bem seria,
poys que ser nam poderia
que outrem prazer me desse (73).

Com relação ao valor poético da Glosa, bastará dizer que, comparada com as melhores dos *Cancioneiros Gerais* de Espanha e Portugal, é mediocre. Medida pela bitola dos coevos de Cervantes (74), tem até muitos defeitos, que em parte provêem da *Letra* (75). Justo será todavia repetir aqui que, anterior a 1465, e provavelmente a 1459, ela deve ser uma das mais antigas espécies do género. (76)

E a *Cantiga?* O Mote, que muito bem poderia ser de João Lourenço, e de 1371, tem sabor e perfume lírico. Mas sua principal virtude talvez residisse na música, de que infelizmente não ha vestígio. É o que costumo dizer das Cantigas de Macias, o Namorado, que floresceu entre 1360 e 1390 e era portanto coevo do Português. Com os lamentosos versos das composições daquele «mais famoso Galiziano», e com alguns de Affonso Alvarez de Villasandino, seu sucessor imediato, é que *Ay donas* se parece estranhamente. Quanto ao tom, e quanto ao espírito!

Eis uns três de Macias:

1) Cativo! de minha tristura
já todos prenden espanto,
e preguntan que ventura
é que me atormenta tanto! (77)

2) Provei de buscar mesura,
a mesura me falece;
e por mingua de ventura
ouveron mi-o a sandece (78).

3) Pois se faleceu ventura
eno tempo do prazer,
non espero aver folgura,
mas por sempre entristecer (79)

Villasandino pela sua vez tem quadras como as seguintes, mais alegres e ufanas:

4) Ben aja minha ventura
que perdeu escuridade,
e me demonstrou beldade
tan acabada e pura. (80)

5) Acabada fermosura,
esmerado senhorio,
gentileza e alto brio
me foi demostrar ventura. (81)

Ambas são dirigidas a uma das amadas de D. Enrique II, o Velho, irmão e sucessor de Pedro, o Cruel; e ainda têm nas Voltas narrativas de que constam, outros traços de semelhança com a canção de João Lourenço, dedicada indirectamente a D. Leonor.

Todas tem o mesmo ritmo. Todas tem *ura* como primeira e principal rima — (a vogal *u* é freqùente em endechas, por dar expressão adequada a sentimentos *soturnos*, *fúnebres* e *noturnos*). Podem muito bem ter sido cantadas pelo som tradicional da mais antiga e afamada entre elas, que, salvo erro, é a que principiava *Cativo! de minha tristura*, de Macias.

As *Voltas* da Canção de João Lourenço são narrativas. Já disse que depois do verso oitavo faltava a indicação do tempo e do ensejo em que o esposo e amante atraiçoado, depois de noites e dias de tristeza, empreende o seu passeio, saíndo da reclusão, voluntária ou involuntária, e indo como um sonâmbulo instintivamente ao sítio onde vivia D. Leonor. Aos paços de D. Beatriz, a irmã leviana del-rei D. Fernando, que eram um viveiro de fermosuras femininas? Ou em alguma das terras que o rei dera de arras à desposada? Ignoro, se em qualquer delas havia uma propriedade chamada *Val-fermoso*.

*

Nos cancioneiros da idade de transição ha bastantes composições, cujo scenário é, como na nossa, uma *floresta*, uma *montanha*, um *vergel*, um *laranjal*, um *pomar*, um *jardim* cheio de flores, refúgio de rouxinoes, e morada de gentis donas e donzelas.

No Cancioneiro de Baena por exemplo temos as seguintes amostras:

— *Por uma floresta estraña (N.° 40) e 556).*
— *Por uma floresta escura (41)*
— *Em muy esquivas montanhas (42)*
— *Por un naranjal andando*
vi estar donas e donzelas,
todas de amor falando (15) (82)

— *En un vergel deleitoso (505)*
— *Apres de Quadalquebir*
en un jardin deleitoso (12)
— *Fuy a ver este otro dia (527)*
— *Vi estar fermosa vista (343)*.

Vejo em taes temas reminiscencias das antigas *Pastorelas* dos trovadores. As aventuras que nelas se contam, passam-se sempre ao ar livre, em bosques e prados, e começam com a descrição do lugar e do tempo ([83])

As *donas* ou damas a que o Mote se dirigia, devem ser as damas de D. Leonor. E a essa, elevada a Rainha, deve referir-se o diálogo, o tratamento de *Vossa Senhoria*, que salvo erro, era dado no século XIV só a reinantes.

A ideia do poeta, que João Lourenço amava e desejava Leonor, tornaremos a encontrá-la num interessante romance popular, que é o melhor documento do brado que o desacato do apaixonado Rei D. Fernando levantou, não só dentro de Portugal mas tambem e sobretudo nas terras para onde João Lourenço se baniu ou foi banido.

Louvores directos e indirectos de donas de algo, amadas por reinantes ou infantes, não são raros nas literaturas hispânicas. Seria instrutivo e ameno o confronto da Canção de João Lourenço com os versos que Sancho, o Velho, dedicara a D. Maria Paes, a Ribeirinha ([84]); com os de Alfonso XI a D. Leonor de Guzman ([85]); os de D. Denis a Aldonça Rodrigues da Telha, e outras; com as cantigas em que Afonso Alvares de Villasandino enalteceu ora Constança Velez de Guevara, em nome do Duque de Benavente; ora D. Beatriz de Portugal, quando D. Pedro Niño a cortejava; ora D. Joana de Sousa, a amada de Enrique II; ora D. Maria de Carcámo, favorita do mesmo. Mas não entro em taes pormenores.

Apenas vou dizer mais duas palavras a respeito de alguns dos sobrenomes poéticos e encomiásticos que os cortesãos inventaram para donas de algo, amadas por soberanos. ([86])

Alfonso dá o de *nobre rosa* a D. Leonor de Guzman ([87]); Inês de Castro era *colo de garça;* ([88]) D. Juana de Sousa era *flor de lis;* ([89]) D. Constança Velez de Guevara era *flor de açucena* ([90]). Além desses nomes encontro com igual aplicação *dulce flor de paraiso;* (Baena n.º 552); *flor d'espina* (ib. 560); *flor das flores.*

Mesmo *flor de altura* não é louvor, reservado exclusivamente para D. Leonor Teles.

Um jogral de talento, mas sem valor moral, disse, pouco

mais ou menos à data da batalha de Aljubarrota, a uma... moça mora que requestava:

Porque ben servi
ũa flor de altura,
a morte desi
vejo sen mesura. ([91])

Com esse símile quer significar, com exagero de poeta e de namorado, que houve um tempo em que ainda a mora amada era inaccessivel aos seus desejos.

Eu sempre tomara *flor de altura* na acepção de *flor de altitudes*, flor alpina ou *Edelweiss*, a nobre, a branca, a fria. Mas o emprego que lhe deu Garci Ferrans de Jerena, e expressões como *dama d'altura* e *amor d'altura* ([92]) fazem-me hesitar. Para ser digna do nome *Edelweiss*, faltava tambem a Leonor, a nobre e branca, o ser casta e pura.

V

Tendo feito a tentativa de reconstituir a Canção de João Lourenço, não devo deixar de recordar ao leitor, que Teofilo Braga, na sua bela ânsia de restaurar todas as ruinas da literatura nacional, tinha feito outro ensaio.

Já indiquei que, cingindo-se às opiniões emitidas por Amador de los Rios, classificara *Ay Donas* como cantiga *de escarnho*. Guiado por essa ideia compôs uma, em que *el de les cuernos de oro* exterioriza a sua desgraça, rindo-se dela.

E' no Poema dos *Doze de Inglaterra* que o Magriço ouve em terras de Espanha, um cantar relativo a D. Leonor; que o autor precede da seguinte introdução:

Cantar que vagamente lhe recorda
Cousas de Portugal. A Canção anda
Pelas côrtes de Hespanha repetida;
Compôl-a um poeta portuguez fidalgo,
João Lourenço da Cunha, por vingança
Contra o Rei Dom Fernando, quando a esposa
Leonor Telles lasciva lhe raptara.
....

Sobre a intriga da côrte largos annos
Tem passado; que voltas dá o mundo!
Lembra-se o povo do fidalgo ainda
Que trazia por timbre cornos de ouro.
Todos folgam de ouvir a Canção Velha.

Ao som da sanfonina o Jogral canta;
Com malícia as estrophes accentúa:

*

Ay *Donas!* ([34]) por que tristura
hay (sic) tomado por empreza *(sic)*
cuernos d'oro en la cabeza,
Juan Lorenzo d'Acuña?

Ay, Doñas! La Flôr de altura,
Hermosa Dona (*sic*) Leonor,
Tomó-la el Rey su señor
A Juan Lonenzo d'Acuña.
Tienen la misma hechura
Ambas las coronâs d'oro;
Pues tienen egual desdoro,
Ay, Donas! por qué tristura!...

Acho a invenção muito engenhosa. «Assim deve, assim deveria ter sido» como uma noite me respondeu, com um finissimo sorriso ironico nos seus lábios, um poeta amigo, quando lhe lembrei a falta de autenticidade de um Soneto que ele aplicara à vida de Camões, mas que desde 1596 anda no *Lima* de Diogo Bernardes.

VI

O único romance em que se conserva o nome *João Lourenço*, e um eco da aventura em que o Rei envolvera a esposa dele, foi colhido nos nossos dias entre os Judeus levantinos. Expulsos de Espanha no ultimo decénio do século XV, os Israelitas levaram comsigo ao Oriente, e tambem ao Norte da Africa, um riquíssimo pecúlio de Romances, populares então, de que tradicionalmente se conservaram restos importantes, na memória fiel dos seus descendentes.

Entre esses restos, o Romance de João Lourenço, (ou Gian Lourenço) é um dos mais comuns — apesar de ser totalmente

desconhecido na tradição espanhola e na portuguesa. Ele é popular sobretudo em Salónica, mas tambem se canta em Tanger. O texto, que para completar esse ensaio vou reimprimir, foi mandado em 1885 a Menendez Pelayo, (por D. Carlos Coelho y Pacheco, que o recebera de um Judeu de Salónica) e por ele publicado no *Romancero* que forma os volumes VIII-XI da *Antologia de Poetas Liricos Castellanos* (95).

Gian Lorenzo y el rey de Portugal (96)

Gian (1) Lorenzo, Gian Lorenzo! | quen (2) te hiso tanto mal?
Por tener mujer hermosa | el rey me quere matar (3).
Yo estando en la mi puerta | con la mi mujer real,
taniendo (4) la mi vigüela, | mis hijos al son bailar,
alsí mis ojos en lexos | quanto más los pude alsar,
en los campos de Arzuma | grande gente vide baxar;
el corason me lo diera | que era el rey de Portugal,
que viene por los mis hijos | y la mi mujer real.
Echi mi manto en mis hombros | y lo fuera á encontrar:
«Esteis en buen ora, buen rey» | «Gian Lourenzo, en mal vèngades!»
Me oigais el dio del sielo | que es padre de piadad»
Yo le hablaba con buenas, | el me respondia mal
«Si vos plase, oh buen rey | de me vinir a vijitar?»
«Y para todu esta gente | qué les dareis á ermorsar?»
«Para toda esta gente | vacas y carneros hay;
para mi y vos, buen rey | pichonicos con agrás;
en mientres que ordenan mesas | vamos á la guerta á espasiar.»
En la güerta de Gian Lorenzo | hay cresido un buen rosal.
«Tomárais esta rosa | y una rosa del rosal
y de aqui en quinse dias | sereis reina de Portugal.»
«No mateis a Gian Lorenzo | ni lo quijerais matar;
desterraldo de sus tierras | que de ellas no coma pan,
que es padre de los mis hijos | marido de mi mosedad».
Yoraba Gian Lorenzo | lagrimas de voluntad.
«Non yoreis, Gian Lorenzo | ni quijerais yorar;
en forma de carbonero | me verneis á vijitar
mataré yo al buen rey | y vos asento en su lugar.»

Bela e original obra popular (se abstrairmos do último motivo do embuste,) em que os poucos factos históricos que o jogral conhecia, são poeticamente revestidos e enlaçados com motivos internacionaes (como o da rosa). Os filhos provêm da história de Inês (e da do Conde Alarcos). O facto, já apontado, que os amores de Pedro, a felonia de D. Leonor, e o triste fim de D. Maria Teles se confundiram na memoria do povo vizinho, que alêm disso acolheu elementos romanticos de outras tragédias

domesticas, reconhece-se bem pelo estudo comparado de todos os Romances Castelhanos sobre a historia e tradições de Portugal ([97]). Um deles, intitulado *Romance de Doña Isabel* [*de Liar*] começa até *Yo me estando en Tordesillas*, como se fosse D. Leonor que nos falasse, depois da morte de D. Fernando. Deixo esse estudo todavia para outra ocasião.

*

Quando escrevi este pequeno Ensaio, estava persuadida de que ninguem em Portugal havia falado do *Romance* de João Lourenço. Enganei-me todavia. Na segunda edição do seu *Romanceiro Geral Português*, Teófilo Braga aproveitou os ricos elementos que Pelayo e Pidal juntaram nas suas publicações. Numa das Anotações do último volume (saido em 1909) ([98]), dedicada a Inês de Castro, reproduziu o texto levantino. Fantasiosamente coloca-o no século XIV, como contemporáneo dos acontecimentos sobre que se baseia, e declara que originariamente fôra português ([99]). E muitos dirão *Assim deve; assim deveria ter sido!* antepondo a lenda à história.

VII

Claro que aos autores peninsulares de novelas e de dramas não escapou a História de João Lourenço.

Sei de duas Comédias castelhanas. Uma tem por título o provérbio que já citei: *Allá van leyes do quieren reyes*. É de Guillen de Castro, o grande predecessor de Lope de Vega. Foi impressa em Valencia, em 1621 e 1625, no vol. XVI da *Coleccion de Comedias Escogidas* ([100]). A outra é epigrafada *Tambem la afrenta es veneno*. É obra de Tres Ingenios: Rojas Zorrilla, Coello e Velez de Guevara. Foi impressa uma só vez: na colecção de *Comedias de los mejores y más insignes ingénios de España* (Colonia 1697) ([101]) Ambas são rarissimas. Nunca as vi. Ignoro, se contêm vestigios do Romance popular ou da Canção *Ay donas por que en tristura*. Dei passos para as poder ler. Mas sem resultado.

Em Portugal D. Leonor foi assunto de romances e dramas como *Arrhas por foro de Hespanha* (1851), de Alexandre Herculano; *A Monja de Cister* (1896), de F. Barata; de um romance em tres volumes de Marcelino de Mesquita (1904) e de um drama

historico do mesmo (1889), etc. E para breve está anunciada uma *D. Leonor Teles* de Antero de Figueiredo: historia posta em arte, como *D. Pedro e Inês.*

NOTAS

(1) Vol. II, p. 283 e 603.

(2) New-York, 1902.—As *Investigações*, escritas de 1901 a 1903, saíram em 1904.

(3) No LXI (p. 105).

(4) Pg. 224-227. O meu *Compte-Rendu* saiu na *Zeitschrift*, vol. XXVIII, p. 200-231 (1903).

(5) Vid. Menendez Pelayo, *Antologia* X, 117 e XII 535-540 e T. Braga, *Romanceiro Geral Portuguez*, vol. I, p. 488-556. Difícil será todavia decidir, se os Romances de *D. Isabel de Liar* são anteriores, ou não, aos do *Conde Alarcos*, *Conde Jano*, *Conde Alberto*, *Conde Alves*, *Conde Elarde*, *Conde Albelto*, *Conde Alardo.*

(6) Vid. Ramon Menendez Pidal, *Primera Cronica General: Estoria de España que mandó componer Alfonso El Sabio y se continuaba bajo Sancho IV en 1289*, Madrid, 1906.—(Vol. V da *Nueva Biblioteca de Autores Españoles*).

(7) Vid. Ramon Menendez Pidal, *Catálogo de Crónicas Generales de España, Manuscritas.*—Madrid, 1898.—Amador de los Rios, vol. V, p. 263.

(8) Filha de D. Pedro IV de Aragão, caracterizado com o cognome de Cruel, como os seus coevos homónimos, reis de Portugal e de Castela.

(9) R. Menendez Pidal. Na 48 p. 128 e 95 da obra citada na nota sétima.

(10) Vid. Salvá, *Catálogo* n.º 2900: *Sumario de los Reys de España. Por el Despensero Mayor de la Reyna Doña Leonor, Muger del Rey Don Juan el Primero de Castella con las Alteraciones y Adiciones que posteriormente le hizo un Anónimo. Publicado por Don Eugenio de Llaguno Amirola.*—En Madrid: en la Imprenta de Don Antonio de Sancha. Ano MDCCLXXXI.

(11) Autor da *Crónica de D. Pedro* e das de Enrique II, Juan I, Enrique I. Na de D. Enrique II, o vencedor de Pedro o Cruel, ha referencias a D. Leonor Teles no livro relativo ao ano de 1371, cap. VII (p. 10 do *Tomo* 68 da *Biblioteca de Autores Españoles*).

(12) Ocupei-me de ambas essas Crónicas num estudo que aparecerá nesta Revista, logo que, depois da horrenda conflagração europeia, me vierem de Paris as fotocópias que encomendara em Junho de 1914, por intervenção de um ilustre Hispanófilo.

(13) Pág. 79, 2.

(14) O finamento, em 1383, de D. Leonor de Aragão, mãe de Enrique III e do Infante D. Fernando de Antequera.

No *Cancioneiro de Baena*, riquissimo manancial de informações sobre a época de transição, ha uma composição *A la tumba de la Reyna D. Leonor*. N.º 56.

(15) Erro evidente por D. Leonor.

(16) Lacuna no original que é defeituoso. Talvez *le sucediese, non . . .*

(17) A nota continua, e conta além das guerras contra o Mestre de Avis, a vida de D. Juan até sua morte e o enterro em 1390.

Até *Flor de Altura* ela está na *Historia Critica de la Literatura Española* de Amador de los Rios, vol. VI, p. 548 e foi reproduzida no *Cancioneiro Gallego-Castelhano* de Lang, p. 226.

(18) Vid. *Manual*, p. 24 e *Curso*, p. 173. Nesse volume o autor suprimiu o adjectivo *portuguesas.*

(19) Verdade é que Amador de los Rios também agrupou *Ay Donas* com cantarilhos *satíricos* e poeticos como

Esta és Simancas,
don Oppas traydor

e com o motete de

Cardenas, é el Cardenal,
é Chacon, é fray Montero
traen la corte al retortero.

Vid. vol. VII, p. 437. Mas como se verá, sem razão suficiente.

(20) *Em tristuras*, como se lê em uma citação, é erro evidente, conforme se vê da rima *rencura*.

(21) Vid. Milá y Fontanals, *Obras*, vol. III, p. 206 e II 516.

(22) *Fonds Espagnol*, 225.

(23) Além do estudo já citado de Milá y Fontanals, ha extractos em: Morel-Fatio, *Catalogue des Manuscrits Espagnols, etc.* (N.º 595).—Ochoa, *Catálogo Razonado*, p. 268-263.—Bartsch, em *Jahrbuch für Romanische und Englische Literatur*, vol. II, p. 280 seg. (1860). E ha referência na obra de Lang.

(24) A lenda de Tristão e Isolda era conhecida de Alfonso, o Sabio, como se vê no *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, n.º 360, vol. 22-24. Não admira portanto vermo-la citada por um contemporaneo de D. Afonso III (João de Guilhade, *Canc. do Vaticano*, n.º 350), ou Ed. Nobling, vol. 576-579) e pelo rei D. Dinis, *Canc. Vat.* 115, 14, ou ed. Lang, verso 705.

(25) Vid. Menendez y Pelayo, *Origenes de la Novela*, vol. I, p. 48-9, e Lang. p. 123. D. Dinis (vol. 697-701) disse a uma das damas que amava:

pero, senhor, quero vos eu tal bem
qual maior poss' e o mais encoberto
que eu poss'; e sei de Brancafrol
que lhi non ouve Flores tal amor
qual vos eu éi...

E Joan de Guilhade tambem afirmou:

Os grandes nossos amores
que mi e vos sempr ouvemos,
nunca lhi cima fizemos
coma Brancafrol e Flores.

(26) *Dins* é *de intus; pregon* por està *preon proon* de *profundus*.

(27) Já publiquei este trecho na *Zeitschrift*, segundo o traslado que gentilmente para mim fizera o insigne hispanófilo R. Foulché Delbosc, director da *Revue Hispanique*.

(28) Penso por exemplo no *Conort* do catalão Farrer, no *Desconort* de Torrellas, no *Inferno de Amor* de Garci Sanchez de Badajoz e no de Guevara, etc.

(29) Chama-se *Castelhano*, e é essencialmente castelhano, mas contêm tambem algumas poucas composições portuguesas, e várias em lingua catalã.

(30) Na sua *Antologia* Menendez y Pelayo (VI 332 seg.) dedicou algumas páginas a Guevara, pai ou tio do afamado Bispo de Mondonhedo.

(31) Filho de D. Juan II e de D. Isabel de Portugal. Nascido em 1453, morreu em 1468.

(32) Um deles pelo menos, o Duque de Benavente, sabia versificar.

(33) No Canc. de 1501 estava *quien* por *qu'en*.

(34) Vid. *Cancionero General*, ed. de 1882, vol. I, p. 435 (N.º 233): *Obras suyas: a una partida qu'el rey Don Alonso hizo de Arévalo*. Falando às senhoras conta-lhes as cousas que, suspirando, disseram os *galanes* na partida. O proprio Rei D. Alfonso canta: *Ni me plaze ni consiento* (de Gomez de Rojas); o Senhor de Benavente *Loado seas Amor* (de Alfonso Alvares de Villasandino; o Conde de Ribadeo *Oh que fuerte despedida* (Canc. de Res. II, p. 30); Diego de Ribera *Donzella por cuyo amor* (Canc. de Res. III 86 e Canc. Gen. II, n.º 875, 8); Martin de Tavora *Tan asperas de sofrir* (Canc. Gen., I, 89 e Res. I 5 408); Moran *No queriendo soys querida* (Canc. Musical, n.º 13).

(35) N.os 708 e 819; Rennert 291.

(36) *Marca* S-9-2. Esse *Cancionero* foi descrito por Amador de los Rios (VI 548 f. 419).

(37) O *Passo Honroso*, o maior e mais disparatado dos torneios medievais, foi descrito com grande naturalidade por Pero Rodriguez de Lena, escrivão de D. Juan II no *Libro del Paso Honroso*, publicado incompletamente por Juan de Pineda, em Salamanca, 1588.—Cfr. *Cronica de D. Juan II*, Año 1433, cap. 5.—Nas *Generaciones y Semblanzas* de Perez de Guzman ha uma biografia do tio-avô dos dois Quiñones que tambem tinha sido um grande e notavel cavaleiro.

(38) *Historia Genealógica*, *Provas*, vol. I, p. 648-667.—Lang dá informações completas sobre a carreira oficial de Pedro de Quiñones.

(39) O tio-avô morrera em 1444 com setenta e tantos anos.

(40) Vid. Amador de los Rios, vol. VI, p. 548.

(41) How far the composition of Pedro de Quiñones may claim to be a *glosa* of this fourteenth century song, can of course not be fully determined as long as this song remains unknown. So much, however, is certain that it is not a *glosa* in the strict technical sense of this term, which requires that each stanza shall quote, in some given place, at least one verse of the text to be expounded. Inasmuch as this rule is not observed by P. de Q., we may assume that the term glosa was applied to his paraphrase in that more or less loose manner in which names of poetical forms appear to have been used at that period.

Acrescentarei que foi sobretudo com relação a fragmentos de Romances velhos, continuados por poetas da côrte, que *Glosa* tinha o sentido de *explicação, continuação explicativa*.

(42) No meu artigo relativo ao *Cancionero Gallego-Castelhano (Zeitschrift* XXVIII, p. 230-1) ainda dizia, afoitamente *Ein seltsam dunkles Gedicht. Von einer Glosse im gewöhnlichen Sinne hat es in der Tat nichts an sich. Das kann man behaupten, wenn auch das ihm zum Thema dienende einst viel gesungene Lied bis auf die Anfangs-zeile verschollen ist.*

(43) Ou talvez *podia*?

(44) No manuscrito ha *pero penso*. Embora não dê sentido satisfactorio, Lang não o substituiu.

(45) Melhor seria: *eu que*.

(46) Julgo que em lugar de *senhores* haveria um adjectivo. *Melhores*? Ou por ventura *de dôres*?

(47) No manuscrito ha *tirado*.

(48) *Vossa mercee*, no remate não é *titulatura*. Significa *vossa caridade e clemencia*.

(49) *Nem* seria mais expressivo.

(50) Aqui parece faltar alguma coisa; duas meias estrofes, em que o poeta contava, que um dia, impelido pela saudade, saiu da solidão do seu Val-fermoso.

(51) *Achegando* melhorava a construção.

(52) *Senhor*, f. (nos versos 14 e 32) como nos Cancioneiros arcaicos. *Senhora*, à moderna, no verso 23.

(53) *Ll nn* por *lh nh*, como no Cancioneiro da Ajuda.

(54) *Tomavam* esclarecia o texto.

(55) *Salvo ua que por mesura* (cortesia).

(56) *Tirado*, no significado de *banido, desterrado, afastado*, talvez fosse preferivel?

(57) *Dolores* (m.) freqüente em galego-português, talqual *colores*.

(58) No sentido de *sempre, a toda a hora*.

(59) As rimas *cd* são *al ado* na volta 1.ª; *ar ores*, na 2.ª; *ei ado*, na 3.ª; *ado ores*, na 4.ª. Isso é: na lição que proponho.

(60) As *Voltas*, tanto de *Vilanceles* como de *Cantigas*, essas já estavam fixadas.

(61) Vid. *Cancioneiro Geral*, coleccionado por Garcia de Resende, I 338 e 114.

(62) Ib. I. 490 e 386; II 134, 208, 316, 545.

(63) Ib. III 534.—Nas Glosas de Romances são naturalmente sempre dois versos, hemistiquios de uma *Langzeile*, que se entremetem no texto novo. Vid. *Canc. General* n.os 436-443.

(64) Ib. I 244, 302.

(65) I, 164.

(66) I, 148.

(67) Ib. I, 173.

(68) Ib. I, 260.

(69) Ib. II, 494.

(70) Ib. I 236.

(71) *Canc. General* n.º 440.

(72) A cantiga compõe-se normalmente de uma *Quadra-Mote* e de uma *Volta de duas quadras* (Oitavilha).

(73) CG f. 69, ou vol. II, p. 41 da ed. de Stuttgart: Confira-se o *Cancioneiro General* n.º 44.

(74) No cap. 18 da Parte Segunda do *D. Quixote* fala-se das leis apertadas e dos perigos da arte de glosar.

(75) Numa Glosa modelar não devia haver nem remendos nem enchimentos. E nenhum *disse, direi, respondeu*, etc.

(76) No *Cancionero de Baena* não ha nenhuma; nenhuma no *Cancionero Musical*. E no *Cancionero Gallego-Castelhano* de Lang a de João Lourenço é unica.

(77) *Cancioneiro de Baena*, n.º 306; *Canc. Gal. Cast.*, n.º 3; Rennert, *Macias*, n.º 1.

(78) Ib. 310; Lang VI e Rennert IV.

(79) Baena, vol. II, p. 679; Lang VII; Rennert XII.

(80) Baena 15 e 20; Lang XXIX.

(81) Baena 16, Lang XXXI.

(82) É a volta da cantiga *Ben aia* que já citei, feita por amor e em louvor de D. Joana de Sousa.

(83) Com elas se deve comparar a cantiga n.º 11 do *Cancioneiro de Baena*:

> Entre Doyr e Minho estando,
> ben preto de Salvaterra,
> fuy fallar comigo guerra
> un ruysseñor que cantando
> estava de amor, etc.

(84) *Canc. do Vaticano*, n.º 209: *Em hum tiempo cogi flores del mui nobre paraiso.*

(85) Vid. C. M. de Vasconcellos, *Randglosse* XVI e *Cancioneiro da Ajuda*, II, p. 593; Conde de Sabugosa, *Donas de tempos idos*, 1912, p. 23-59.

(86) Cfr. Lang, *Canc.* p. 186. Nota ao verso 562, em que Garci Ferrandes se refere a *ua que chamavam rosa*, e p. 127. Nota relativa a *flor de altura*.

(87) *Canc. do Vat.*, N.º 209.

(88) Não conheço texto algum anterior ao seculo XVI, que registe essa gentil alcunha. Pelo contrário, na *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos, acto I, scena 5, só se fala da *Garça de Portugal*. *Colo de garça*, com alusão ao belo pescoço (de cisne como diríamos na Alemanha) com que é costume retratar a Inês de Castro, encontrei-o na tragédia *Reinar despues de morir* (I, 5, e II, 9). De *Cuello de Garça*, alguns ingénuos fizeram o apelido *Coelho*, imprimindo *D. Inês de Castro e Coelho de Garça!*

Oportunamente tratarei das numerosas e lindas poesias, populares e palacianas, em que figuradamente se trata do *falcão*, do *açor*, da *garça real*, como outros tantos testemunhos do grande apreço que se dava á caça de altanaria. Nada mais natural do que algum cortesão de D. Pedro haver afirmado que a *garça* melhor que ele caçara, era Inês de Castro: verdadeira ave coroada.

(89) Baena 17; cfr. Lang, verso 1011.

(90) Baena 8; Lang, verso 551 e 570.

(91) Baena n.º 565. De Garci Ferrans de Jerena diz a epigrafe geral que «por sus pecados e grand desventura enamorose de una juglara que avia sido mora e pensando que ella tenia mucho tesoro, e otrosy porque era muger vistosa, pediola por muger al rey y diogela, pero despues fallo que no tenia nada». E a epigrafe especial da composição citada que fez com grande quebranto e com amargura, refere que «despues que partio de Málaga, se fue a Granada con su muger e con sus fijos e se tornó moro, é rrenegó la fé de Jesus Christo e dixo mucho mal della. Estando en Granada enamoró-se de una hermana de su muger e seguiola tanto que la ovo etc.»

(92) Vid. *Canc. General* n.º 708.

(93) Ed. de 1902, p. 161.

(94) *Dueñas* no texto de Fra Rocaberti.

(95) Vid. vol. X, p. 304 (1900).—Posteriormente entrou no importante *Catálogo del romancero judio español*, publicado por Ramon Menendez Pidal em *Cultura Española* n.º IV, p. 1064, (1906), mas apenas com os primeiros sete versos bipartidos.

(96) No *Catálogo*, a epigrafe diz: *La muger de Juan Lorenzo*. As lições vindas de Tanger tem algumas variantes que vou registar:

[1] Jan — [2] quien te hizo mucho mal — [3] quiere — [4] tañendo.

(97) *Antologia* VIII, p. 210-216.

N.º 103. Romance de doña Isabel: *Yo me estando en Tordesillas.*

N.º 104. Otro romance de Doña Isabel cómo porque el rey tenia hijos de ella, la reina la mandó matar: *Yo me estando en Giromena.*

N.º 105. Romance de la venganza de doña Isabel: *El rey don Juan Manuel que era de Cepta y Tanjar.*

N.º 106. De como el rey de Portugal vengó la muerte de doña Isabel Liar.

N.º 107. Romance de la duquesa de Berganza: *Un lunes á las cuatro horas.*

N.º 107-A. Romance de como el duque de Berganza mató a la duqueza su mujer: *Lunes se decia lunes.*

(98) Vol. III, p. 573-580.

(99) A p. 574, 578 e 606.

(100) Barrera y Leirado, *Catálogo Razonado*, p. 82, e Adolf Schäffer, *Geschichte der Spanischen National-litteratur*, vol. I, p. 230.

(101) Vid. Schäffer, II, p. 288.

(102) PS. — Essa obra appareceu no entretanto, e faz hoje as delicias dos que amam a lingua pátria.

Porto, Junho de 1915 e Março de 1916.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

Contos populares de Évora

(Vid. REVISTA LUSITANA, XVIII, 205)

XX

O conto dos chilros-bilros

Era um almocreve e era casado e a molher metia frade em casa; e tinha um criado havia muitos anos. E uma ocasião o criado despediu-se e foi-se embora.

E passaram-se tempos e um dia o almocreve e encontrou o criado que já andava por sua conta e fêz-lhe muita festa.

—Adeus rapaz.

—Adeus meu patrão.

—¿Então o que é que tu fazes? ¿Já te casaste?

—¿Quem eu? Nada, eu cá não me caso, isto em molheres não há que fiar.

—Lá isso é verdade, mas ainda há molheres capazes, aí tens a tua patroa.

—!Ora a patroa! Quando o patrão está fora, mete ela um frade lá em casa.

—Isso é mentira.

—Se o patrão quere apostar eu levo-o lá e logo sabe se é mentira ou se é verdade.

—Pois apostamos.

E apostaram: apostaram trinta mil réis e uma égua vermelha muito bonita que o almocreve tinha.

E combinaram o almocreve meter-se numa gorpelha, dentro dos seirões do macho e o criado ir bater lá à porta da patroa.

Assim foi.

O marido foi para casa e disse à molher que ia para fora. Ao depois foi ter com o criado lá adonde tinham combinado e lá foram os dois.

Ali à noitinha e o criado foi bater à porta da patroa. Vem a patroa:

—¿Quem é?

—Sou eu, minha patroa, que lhe vinha pedir para me deixar pôr aí o macho na cavalariça que venho de muito lonje.

—Ai, és tu rapaz, entra, entra.

E apareceu logo o frade:

—Adeus rapaz.

—Adeus senhor Frei Fulano.

—¿Então o que fazes que há tanto tempo que te não via?

—Ora, ando na minha vida; trago aqui um odre de azeite dentro de esta gorpelha, ¡se o senhor Frei Fulano me ajudasse a tirá-lo!

E o frade ajudou a tirar a gorpelha e trousseram a gorpelha para a cozinha.

E a patroa já tinha a ceia pronta e convindaram o rapaz para cear. E começaram todos três a comer.

E a patroa e disse:

—Já que cá temos o nosso criado antigo, havemos de hoje fazer uma saúde; o primeiro há-de ser o senhor Frei Fulano.

E o frade levantou-se e disse assim:

—Eu sou frade franciscano
Passo vida regalada,
Trato-me a vinho do Pôrto
E a boa galinha assada.

—Muito bem, muito bem.

—Agora há-de ser a senhora.

E ela levantou-se e fêz a saúde:

—Meu marido foi ao mar,
Chilros-bilros foi buscar,
Os olhos que o viram ir
Que não no vejam tornar.

—Muito bem, muito bem.

—Agora tu.

E o criado levantou-se e disse:

—Ó tu lá dêsses seirões,
De dentro dessa gorpelha,
Ganhei os trinta mil réis
Mais a minha égua vermelha.

E o marido saltou de dentro da gorpelha e deu uma grande sova no frade e ficou então sabendo que era verdade o que o criado lhe dizia, e bendito louvado, conto acabado.

Colhido em Évora (agosto de 1914).

XXI

Maria do béu-béu

Era uma mestra viúva, e tinha uma filha e havia um homem viúvo que tinha também uma filha. E a filha do homem era muito bonita e a filha da mestra era muito feia. E a menina do homem ia lá à mestra e ela não fazia senão dizer-lhe:

—Diga ao seu pai que case comigo que eu hei-de-lhe dar bolinhos de mel e azeite.

E ela vinha para casa e dizia ao pai e o pai dizia-lhe:

—Ai filha, ela diz que t'os dá de mel e ao depois dá-t'os de fel.

E a mestra andava-lhe sempre a dizer o mesmo e o pai dava-lhe sempre a mesma resposta.

E a menina tanto pediu e o pai disse-lhe:

—Ôlha filha, diz-lhe que sem estragar uma botas que cá tenho, não caso com ela.

E as botas estavam sempre penduradas num prego e não se estragavam. E a menina foi dizer à mestra o que o pai lhe tinha dito. E a mestra preguntava-lhe sempre pelas botas e um dia a menina disse-lhe que as botas estavam penduradas.

E a mestra ensinou-lhe que lhe deitasse umas poucas de brasas para dentro e em elas tendo buracos que dissesse ao pai. Assim foi. A menina deitou as brasas e foi dizer ao pai que as botas já estavam rôtas.

E o pai casou com a mestra.

E a mestra entrou logo a tratar a menina muito mal.

E a menina tinha uma vaquinha e a madrasta mandou a menina guardar a vaquinha e deu-lhe linhol para ela trazer fiado.

E a menina foi com a vaquinha e entrou a chorar porque não tinha roca adonde fiar o linho e a vaquinha disse-lhe:

—Não chores, põe o linhol aqui nos meus paus e vai arranjando o fio.

E a menina assim fêz. E à noite veio mostrar o linho à madrasta e a madrasta que já andava desconfiada disse logo:

—Isto são obras da vaquinha.

E no outro dia mandou-a guardar a vaquinha e deu-lhe um pão e disse-lhe que queria que lhe tirasse o meolo e lhe troussesse o pão enteiro.

E a menina foi e entrou a chorar; diz-lhe a vaquinha:

—Não chores, tira um bocadinho à côdea e mete o pão num dos meus paus e deixa.

E assim foi; e o pão ficou ôco e a menina tornou a pôr o bocadinho da côdea e o pão ficou enteiro e sem meolo.

E veio para casa e a madrasta disse logo:

—Isto são obras da vaquinha, a vaquinha há-de-se matar.

E a menina foi a chorar e a vaquinha disse-lhe:

—Não chores e em me matando diz que queres ir lavar as minhas tripas.

E assim foi: mataram a vaquinha e a menina pediu para ir lavar as tripas.

E a menina foi para a ribeira lavar as tripas.

E já não lhe faltava lavar senão uma e a tripa caiu-lhe das mãos e foi pela ribeira abaixo e ela atrás da tripa e a tripa sempre a correr.

E parou aonde havia uma porta e a menina empurrou a porta e entrou.

E viu uma canzinha e estava tudo çujo e o lume apagado; e ela varreu as casas, acendeu o lume, fêz as camas, pôs o jantar ao lume, deu de almoçar à canzinha e meteu-se atrás da porta.

E nisto vieram três fadas e a canzinha entrou logo a ladrar:

—Béu, béu, béu, atrás da porta está quem nos fêz tanto bem, quem acendeu o lume, quem varreu as casas, quem pôs o jantar ao lume, quem fêz as camas e me deu de comer.

E as fadas disseram:

—Apareça, que não se lhe faz mal.

E a menina apareceu.

E disse uma fada:

—Eu te fado para que sejas a cara mais linda que haja em todo o mundo.

E a outra disse:

—Eu te fado para que enquanto te estejas a rir, te saltem da bôca pérolas de ouro.

E a outra disse:

— Aqui tens esta varinha de condão; tudo o que quiseres pede-lhe que ela t'o há-de fazer.

E a menina foi-se embora e foi levar as tripas à mestra.

E a mestra e mais a filha ficaram muito admiradas de ela vir tam bonita.

E a filha da mestra, às escondidas da mãe, pediu-lhe que lhe dissesse adonde é que ela tinha ido.

E a menina disse-lhe assim:

— Ôlha fui além àquela porta e entrei e apaguei o lume, e entornei o jantar, e çujei as casas, e esbandalhei as camas, e dei uma sova na canzinha e meti-me atrás da porta.

E a filha da mestra foi e fêz tudo o que ela lhe disse.

E vieram as fadas e a canzinha assim que viu as donas entrou a ladrar:

— Béu, béu, béu, atrás da porta está quem nos fêz tanto mal, quem apagou o lume, quem çujou as casas, quem esbandalhou as camas e quem me deu uma sova.

E as fadas disseram:

— Apareça, que não se lhe faz mal.

E disse uma:

— Eu te fado para que sejas a cara mais feia que haja em todo o mundo.

A segunda disse:

— Eu te fado para que te nasça um monco de pirum na testa.

E a terceira disse:

— Eu te fado para que quando te estejas a rir, te saiam cag... da bôca para fora.

E a filha da mestra veio-se embora para casa.

E a mestra assim que viu a filha e ficou que não se podia ter; e com enveja meteu a enteada na tulha do carvão.

E tratava a menina cada vez pior. E a menina fazia queixas ao pai e o pai respondia-lhe:

— ¿Eu não te dizia que ela te prometia bôlos de mel e depois t'os havia de dar de fel?

E houve umas festas riais e as festas duravam três dias.

E a filha da mestra foi dizer à menina que ia às festas e a menina pediu-lhe que fôsse dizer à mãe para ela ir às festas também; e a mãe disse logo que não.

E assim que elas sairam, a menina diz:

— Varinha de condão, pela virtude que Deus te deu, põe-me aqui já uma aia com tudo o preciso para me vestir e um trem para eu ir às festas riais.

E assim foi e apareceu a aia e vestiu a menina e já estava o trem, e a menina meteu-se no trem e abalou.

E lá nas festas ninguém sabia de quem era aquele trem e todos se admiraram daquela menina tam bonita.

E acabou-se a festa e ela veio logo para casa e meteu-se na tulha do carvão.

E à noite a irmã veio e contou-lhe tudo e ela finjiu que ficou com muita pena.

E no dia seguinte o mesmo:

— Varinha de condão, pela virtude que Deus te deu, põe-me aqui já uma aia para me vestir e um trem.

E assim foi, e a menina foi às festas e ninguém sabia quem era aquela menina. E o príncipe viu a menina e quis saber quem ela era. Mas no fim da festa o trem desapareceu e êle por mais que preguntasse não pôde saber quem era a menina.

E no último dia o mesmo. A menina foi e todos queriam saber quem a menina era.

E no fim da festa quando ia a sobir para o trem, para se vir embora e com a pressa caiu-lhe, do pé, uma chinelinha de cetim branco. E o príncipe apanhou a chinelinha; e quis saber de quem a chinelinha era. E andou a preguntar por todas as casas e ninguém lhe sabia dizer.

E foi à da mestra. E a mestra mandou-o entrar e mostrou-lhe a filha feia a ver se lhe servia a chinela e a chinela não lhe servia.

E o príncipe preguntou-lhe se ela tinha mais alguma filha e a mestra não teve mais remédio e mandou buscar a enteada à tulha do carvão e veio a menina e a chinelinha servia-lhe.

E o príncipe pediu-a logo em casamento. E preparou-se tudo e no outro dia foi buscá-la.

E a mestra e vestiu a filha dela e pôs-lhe um véu que não se lhe via a cara. E o príncipe foi e trousse a filha da mestra julgando que era a menina.

E vinham na seje e nisto aparece a canzinha e a canzinha entrou a correr atrás da seje e a ladrar:

— Béu, béu, béu
Cag . . . de porco vai na burra
Moça formosa fica na tulha.

E o príncipe ouviu aquilo e vai e tira o véu à rapariga e viu que não era a menina que êle queria.

E virou logo para trás e foi lá à da mestra para lhe dar a menina e a mestra não teve outro remédio senão entregar a menina e o príncipe casou com ela e ainda lá estão hoje e bendito louvado está o meu conto acabado.

Colhido em Évora (agosto de 1914).

XIX

O menino das maçãs

Era uma molher que vivia do amor de Deus. E tinha uma filha e a filha, como eram muito pobres, nunca aparecia.

E a molher pôs-se doente e morreu. E a rapariga que não sabia nada do mundo e entrou a chorar; e quando ela vê chegar à porta uma velhinha que lhe disse:

—Não chores que aqui estou eu; perdeste uma mãe e achaste outra; aqui tens êste talego de dinheiro e está além aquela vezinha e tu chama-a e diz-lhe que vá despachar o entêrro da tua mãe e hás-de ir à missa com ela e ela é que te há-de fazer as compras e com ela é que hás-de andar sempre; e em te vendo nalguma aflição brada pela tua mãe. E a rapariga assim fêz. E a vezinha entrou a ir com a rapariga à missa e todos faziam mangação da vezinha aparecer com a rapariga que não lhe era nada. E a vezinha por amor disso disse-lhe que se ia embora e a menina entrou a chorar:

—Valha-me aqui a minha mãe.

E apareceu-lhe a velhinha.

—¿Então o que queres?

E ela disse-lhe que a molher já não queria tratar dela. E a velhinha disse-lhe:

—Deixa, não chores, aqui há-de vir uma águia, tu mete todas as tuas jóias num talego e vai atrás dela e adonde a águia parar, pára tu que aí é que hás-de ficar; e quando quiseres alguma cousa brada por mim.

E a rapariga assim fêz e a águia veio e ela foi atrás da águia e a águia chegou a uma terra e desapareceu e ela preguntou ali se havia casas para arrendar. E disseram-lhe que havia umas casas que a fidalga dava às pelingrinas para lhe fiarem o linhol.

E ela foi lá e ficou na casa e a fidalga disse para lhe levarem linhol. E levaram-lhe o linhol. E assim que foi o primeiro linhol fiado a fidalga disse à criada:

—Ó rapariga, quando fôr o linhol para a pelingrina não o

deem deante do meu filho porque êste linhol parece fiado pelas mãos duma santa.

E as criadas assim faziam mas uma vez o filho da fidalga viu o linhol fiado pela pelingrina.

E êle é que quis ir levar o linhol à pelingrina. E êle bateu à porta e disse-lhe que lhe queria falar. E ela abriu o postigo. E êle queria entrar e ela não deixou.

—¿Então nem por a casa ser minha se me abre a porta?

E ela respondeu:

—Entra o senhor e saio eu.

E êle não quis. E êle gostou muito dela e mandou-lhe dizer que queria casar com ela. E ela mandou-lhe dizer que não lhe dava a resposta sem falar com a sua mãe. E chamou pela mãe; e apareceu-lhe a velhinha e ela contou-lhe tudo. E a velhinha disse-lhe:

—Ôlha, diz-lhe que sim e adeus que já não precisas mais de mim.

E desapareceu. E o filho da fidalga foi buscar a resposta e ela disse-lhe que sim; e êle foi dizer à mãe que queria casar com a pelingrina. E a mãe ficou muito zangada e disse-lhe que aquele casamento não era de seu agrado e que nunca mais se dava com êle. E êle não quis saber e casou com a pelingrina. E pôs lavoura e fêz-se lavrador.

E tinha muita sorte: punha uma saca meia de farinha e ia a ver estava cheia; e tinha um pote meio de azeite e quando ia a ver já estava cheio; e a casa sempre a aumentar. E tinham já uma casa muito farta e com muitos criados. E ela teve um menino, e o menino foi crescendo e já andava. E ela todos os dias de santo ia à missa com o menino.

E a fidalga ia também à missa e gostava muito daquele menino e não sabia quem êle era. E as criadas da fidalga conheciam o menino. E um dia as criadas disseram-lhe quem era aquele menino, que era neto dela. E a fidalga beijou muito o menino e a mãe viu a fidalga a beijar o menino e levantou-se e veio pedir-lhe perdão de o filho lhe ter desobedecido e a fidalga gostou muito dela e fêz as pazes. E a nora convindou-a logo para no outro dia ir jantar a casa dela. E veio para casa e contou tudo ao marido e prepararam uma grande festa e um grande jantar. E estava um tacho de água ao lume, em cima da trempe e o menino andava a brincar e tombou-se o tacho por cima dele e o menino morreu queimado. E a mãe disse às criadas e aos criados que não dissessem nada à fidalga, do menino estar morto,

para ela não sofrer um desgosto tam grande logo naquele dia. E assim foi. E arranjaram o menino e amortalharam-no e meteram-no no caixão que estava na casa da entrada. E veio a fidalga e preguntou logo pelo neto e todos lhe disseram que estava a dormir. E todo o dia até ao jantar a fidalga preguntou pelo neto e diziam-lhe sempre que estava a dormir. E ao jantar bateram à porta: era um pobrezinho. E ela tinha o costume de, quando batia um pobre à porta, ela levar ao pobrezinho um bocadinho de tudo o que havia na mesa.

E a fidalga disse:

—¿Para que vos levantais da mesa com tantos criados?

E ela respondeu:

—É êste o meu costume, minha mãe, eu servir os pobrezinhos.

E foi à porta e o pobrezinho olhou para o que ela levava e disse:

—Traz aí coisas muito boas, minha benfeitora, mas de nada que aí traz tenho vontade.

E ela disse-lhe:

—Ó irmãozinho da minha alma mas diga o que quere que eu lh'o vou buscar.

—Eu só queria umas maçãs.

—Ó irmão, eu não tenho em casa tal fruta.

E o pobre respondeu:

—Tem, tem, é porque não m'as quere dar; além dentro daquela caixa está um menino a brincar com um ramo delas.

E ela, deu-lhe o coração uma pancada e foi a correr e abriu o caixão e viu o filho assentado a brincar com um ramo de maçãs na mão. E tirou as maçãs ao menino e quando ia a dá-las ao pobrezinho já o pobre lá não estava.E o menino ficou vivo e ela levou-o à avó e contou-lhe tudo e lá ficaram sempre muito amigos e bendito louvado, conto acabado.

Colhido em Évora (set.º de 1914).

BERNARDINO BARBOSA.

Errata neste artigo

Os n.os dos dois contos de pag. 27 e 29, devem ser XVII e XVIII, e não XX e XXI.

Fragmento de um tratado de teologia do sec. xv em português

Entre os papeis da Inquisição de Lisboa que se guardam no Arquivo Nacional, encontra-se um caderno de 48 folhas, que tem o seguinte titulo: *Livro da Recepta e despesa do Thisoureiro do Santo oficio do anno què começa de Janeiro de 1563 em diante.* Como estes papeis ainda não estão catalogados nem sequer numerados, não posso indicar a sua colocação.

O que notabiliza o caderno, é a capa que o reveste, nada menos que uma folha de pergaminho arrancado de um codice medieval português. A forma da letra denuncia-o trabalho do sec. xv, de algum primor. As letras capitulares são pintadas de vermelho e azul e os sumarios dos capitulos, escritos de vermelho.

O assunto do codice era de natureza teologica, não sendo possível sem largo conhecimento da literatura medieval descobrir o autor, provavelmente estrangeiro. A palavra *anchura* empregada no texto, faz pensar num original castelhano ou talvez galego, de que o presente fragmento seja tradução.

Pedro d'Azevedo.

..do cõ grande maravjlha que começou a chamar pubricamente deante del. nõ foy sẽ mereçjmẽto. que o diaboo que despreçou a mj. nõ podesse sofrer a tua presença Ca a tua virtude nõ digo eno ardor da mjnha mançebia. mas aynda agora nõ ousaria provala sẽ pirigoo da castidade E este exenpro como quer que o abade iohã o cõtava por muj grande maravilha. enpero nõ amoestava a nẽhũu dos monges que o provasse Ca sabia que mujtas cousas forõ feytas dereytamente de hũus. que trouxerõ grande dano a outros que [o] quiserõ arremedar. Non podẽ todos apropriar a ssi o que o nosso senhor deu a poucos po[der?]especial Mas agora tornemos a falar da sçiençia da qual foy tomado o começo da desputaçõ.

Capitulo viij. da sçiençia spiritual

Porende asi como de suso dissemos a sçiençia spiritual açerca mujtas profissões e estudos se departe Mas a sçiençia spiritual partesse ẽ duas. eno entẽdjmẽto estorial e ẽno espoy-

mento spiritual Onde salamõ quando contava as mujtas maneiras de [*Recto—Primeira coluna*] graças ena egreia ẽnhadeo e disse Ca todos os que som ẽ ela som vestidos dobremẽte Tropo quer dizer. palavra trasladada da sua segnjficação propria a outra nõ propria Tres sõ as maneiras da sçiençia spiritual. tropologia. estoria. alegoria e anegogẽ Tropologia he a sçiençia que retẽ en si hũu ssiso e mostra outro por as palavras Das quaes fala enos proverbios mas tu escreve aquelas cousas a ty en tres maneiras sobre a anchura do teu coraçõ Pois a estoria cõprehende o conheçjmento das cousas pasadas e vẽetes. as quaes reconta o apostolo dizendo asi Escripto he que abrahã ouve dous filhos hũu de serva e outro de ljvre. mas o da serva naçeo segundo a carne e o da livre por prometjmẽto Estas palavras hã outro entendjmento que chamã alegoria A alegoria perteeçe quando as cousas que som feytas e passã segũdo verdade fegurã forma de outro sacramento segũdo he aquelo que diz o apostolo Estes sõ dous testamẽtos. o hũu eno monte synay que geera ẽ servjdõoe e esta he agar Mas synay he hũu mõte ẽ arabia que he aiũtado aaquela que he agora iherusalem e ser [*Recto—2.ª columna*] ve cõ seus filhos Anagogẽ he aquela sçiençia que dos misterios spirituaaes sobe a outros mais altos e mais sanctos secretos E conta o apostolo dizendo asi. ca o que de ssuso he iherusalem. ljvre he que he nossa madre Ca escripto he alegrate manjnha que nõ pares ronpe e chama que nõ sofres doores de parto. ca muytos sõ os filhos da desenparada mais que de aquela que a marido Tropologia he esparnamẽto das escripturas segũdo costumes pera emẽdar a vjda e he doctrina que perteeçe aa ujda autiva asi como se ẽtendemos por estes dous testamẽtos a sçiençia actual e a espiritual Ou ẽ outra maneira se por iherusalem ou por syon quisermos entender as almas dos homẽes segũdo aquelo. iherusalem louva ao senhor syon louva teu deus Porende estas quatro feguras se queremos mesturãse en hũu ca hũa e essa meesma iherusalem se pode ẽtender ẽ quatro maneiras segundo a estoria. iherusalem quer dizer çidade dos iudeus. segundo alegoria. iherusalem quer dizer egreia de ihesu xpo. segundo anegogẽ. iherusalem quer dizer aquela [*Verso. Primeira coluna*] cidade çelestial de deus que he madre de todos nos, segũdo a tropologia iherusalem quer dizer a alma do homẽ Ca espessamente a louva o nosso senhor e a doesta so este nome Destas quatro maneiras de entrepetraçõoes. diz o apostolo asi. mas agora hirmãaos se veher a vos falandovos ẽ ljngoas en que vos aproveytarey se vos nõ fala en revelaçõ ou ẽ sçiençia ou en propheçia ou en doutrina Ca aa rrevelaçõ perteeçe ale-

gorja por a qual se decrarõ por sisso spiritual e por esposiçõ aquelas cousas que iazẽ ascondidas so a estoria Asi como se tenptarmos decrarar aquelo en que maneira os nossos padres forõ todos so a nuvẽ e todos forõ bautizados por moysem ena nuvẽ e eno mar E en que maneira todos comerõ ese meesmo mãiar spiritual e beverom ese meesmo bever da pedra que os seguja e a pedra era xpo A qual conparada aa esposiçõ da fegura do corpo e do sangue de ihesu xpo. o qual reçebemos de cada dia contem en si a rrezõ da alegoria Pois tãbẽ a sçiençia de que fala o apostolo [*Verso. Segunda columna*]................ ..nosso senhor aficadamente dizendo* Senhor deçende ante que moira meu filho a qual mjngua de fe como quer que o nosso senhor o rreprehendeo por estas palavras. se nõ virdes sjnaaes e maravjlhas nõ creeredes Enpero nõ husou da graça da sua devijndade segundo a fraqueza da fe del. nẽ tirou as ẽfermidades mortaaes da febre por presença corporal asi como a el creera. mas soou as por a palavra do seu senhorjo. dizendo. vay ca o teu filho vive. E aynda esta meesma largueza de graça. leemos que foy mostrado ena curaçõ de aquel paralitico Ca el demandava remedio contra a enfermidade do corpo e foylhe outorgado primeiro a saude da alma por estas palavras. filho sey çerto que perdoados te som a ty teus pecados Enpos esto porque os prinçepes que se chamavã escribas nõ criã que el podia perdoar os pecados dos homẽes pera cõfonder a sua descrẽeça apremou de cabo os nenbros do paralitico que era ia sãao e disse a eles Porque penssades maas cousas ẽ vossos [Recto *Primeira columna*] coraçõoes qual he mais ligeiro de dizer ou perdoados te som os teus pecados ou dizer levantate e anda Mas porque saybades que o filho do homẽ ha poder ena terra de perdoar os pecados Entonçe disse ao paralitico levãtate e toma teu leyto e vayte a tua casa Aynda tã bem demostrou a sua largueza da sua boa voontade ẽ aquel que iazia ena ribeira do natatorío de syloe xxx e viij anos de balde esperando mẽezinha eno movjmẽto de aquela augua Ca querendoo chamar aos remedíos da saude disselhe queres seer sãao e entonçe el querelandosse que avja mjngua dé aiuda de homẽ Disse senhor nõ ey homẽ que me meta ena pecina quandosse avolve a augua Mas o nosso senhor perdoador aa mjngua da sua fe e do seu nõ saber tornouho sãao asi como antes fora nõ por aquela maneira que el esperava mas por a merçee que el quise. dizendolhe levantate e toma teu leyto e vayte a tua casa E qual maravilha se disermos que estas cousas forõ feytas por o po [*Recto — Segunda coluna*]

der de deus quando outras cousas semelhantes destas obra a graça de deus aynda por os seus servos Ca entrando eno templo sam pedro e sam iohã demandavalhes esmola aquel tolheyto que nũca soubera andar depois que naçera do ventre de sua madre E eles nõ lhe derõ aquela moeda vjl que demandava o enfermo mas derõlhe o ofiçio de andar. E ao que esperava prazer de muj pequena aiuda enrriquecerõno de gualardõoes de saude a qual el nõ esperava. dizendolhe sam pedro. eu nõ ey ouro nẽ prata mas o que eu ey esso te dou. eno nome do nosso senhor ihesu xpo nazareno levantate e anda.

Capitulo. xvij. que a despensaçõ de deus nõ se pode escodrjnhar.

Podemos entender por estes exenpros que avemos ditos que tomamos dos evangelhos que deus procura a saude do humanal ljnhagẽ por maneiras departidas e sẽ conta. por carreiras que senõ poderiã escodrjnhar. e que move o cursso de algũus que o querẽ e o deseiã a mayor entendjmẽto. e outros que nõ [*Verso. Primeira coluna*]. querem constrangeos contra sua võotade E agora nos aiuda porque se conpram aquelas cousas que el entende que nos deseiamos a proveyto de nos. E agora aspira ẽ nos começos de santo deseio. ou danos começos de boa obra ou de perseverança E de ali he que quando oramos nõ tãsoomẽte o achamos defendedor e salvador mas aynda aiudador e reçebedor Ca ẽ esto que el primeiramẽte nos chama e nẽ o sabendo nos nẽ o querendo tragenos a saude pareçe que he nosso defendedor e nosso salvador. ẽ esto que quando nos esforçamos aiudamos e quando fogimos amoestanos e reçebenos. dizese nosso senhor e nosso defendjmento En cabo o santo apostolo tractando ẽ sua võotade esta largueza da despensaçõ de deus ẽ muytas maneiras e semelhando que era caydo en hũu peego muj fundo da piedade de deus que nõ ha cabo nẽ fjm chama a grande voz Oo alteza de riquezas da sabedorja e da sçiençia de deus. ca os seus iujzos nõ se podẽ escodrjnhar. e as suas carreiras nõ se podẽ sigujr Ca quẽ conhe.. [*Verso, Segunda coluna*].



Retalhos de um Adagiário

Os provérbios e locuções que se seguem são extraidos, ao acaso, de uma colecção composta de alguns milhares, em cuja organização trabalho há alguns anos, sem que—por causas bem contrárias à minha vontade—conseguisse, até hoje, dar-lhe impulso definitivo.

Bem ou mal, pouco provido de cabedal para entrar em assunto de semelhante natureza e de tal importância para o estudo folklórico, e, portanto, guiado por um critério indubitavelmente discutível, eu procurei anotar boa parte dos provérbios e locuções da minha colecção, com os materiais que me foi possível reunir — materiais pobres na qualidade mas que, agrupados com o adágio a que respeitam, talvez possam prestar algum serviço a quem um dia se dispuser à tarefa de organizar o conjunto do adagiário português.

Vivendo numa cidadezinha de província, sem o convívio de uma biblioteca pública, e dispondo apenas do escassíssimo recurso dos meus livros, e do generoso empréstimo de outros, feito por um ou outro amigo, eu não podia ter a vaidade de fazer uma compilação grandiosa.

Os artigos que agora publico são uma amostra do meu trabalho, cuja pouquidade scientifica sou o primeiro a reconhecer. Mas nem por isso deixarei de persistir no meu intento, tendo em vista o preceito, tantas vezes recomendado pelos mestres do folklore, de que em trabalhos de semelhante natureza se não deve desprezar nenhum elemento nem nenhuma versão, por mais inúteis e insignificantes que pareçam.

Leiria, 15 de Janeiro de 1916.

I

O homem ruivo e a mulher barbuda || de longe os sauda.

Êste provérbio encontra-se nas colecções de Bento Pereireira (1) e de Rolland (2).

(1) *Adágios Portugueses* (apensos à Prosódia há dela várias edições).

(2) *Adágios, provérbios, rifãos.* Há duas edições.

Teófilo Braga (*O Povo Português*, II, 344) diz que a parte do provérbio referente á «mulher barbuda» se explica pela crença, referida por Herodoto, de que em um templo perto de Halicarnasso, quando crescia a barba à sacerdotisa, estava para acontecer uma grand deesgraça.

Roux de Ling (*Proverbes Français*, I, 222) insere o antigo provérbio francês *Femme barbue, de loing la salue, un baston à la main* — e atribue-o à crença corrente na idade-média de que uma mulher com barba era bruxa. Esta razão parece-me mais aceitável do que a de Teófilo Braga, muito embora eu não conheça versão identica portuguesa.

Cf. o provérbio *A mulher barbada não dês pousada.*

Quanto à aversão manifestada contra os *ruivos* neste e noutros provérbios (1), parece que ela se funda na crença de que Judas era ruivo — crença corrente em Portugal e que em França deu origem à locução *avoir un poil de Judas*, isto é, *ter os cabelos ruivos.*

Vem a propósito um caso contado por Fernão Lopes, e que revela a má conta em que já no século XIV eram tidos os *ruivos*: Quando Henrique II, de Castella, deliberou invadir o nosso país, para responder à acção do rei português D. Fernando I, que, aliado com o duque de Lencastre, pretendia despojá-lo da coroa, alguns homens do seu conselho, mais tímidos e de vistas menos largas, opinavam que a guerra fosse adiada, alegando para isso várias razões. «El-rei, quando viu (diz Fernão Lopes) que todos eram daquele acordo, e nenhum desviava dele, deu-lhes em resposta dizendo: «Ou vós todos estais bêbados, ou sandeus, ou sois traidores.» — «Não já eu, senhor, disse o bispo (2) porque não sou ruivo.» — «Ah! bispo, disse el-rei, por mim dizeis vós isso», porque el-rei era branco e ruivo. — «Não senhor, disse ele, mas por este que aqui está»: a saber Pero Fernandez de Velasco, que estava junto com ele, que era um pouco como ruivo ...» (3).

---

(1) Cf.: *Falso por natura, cabelo preto e barba ruiva. Ruivo de mau pêlo, mete o demo no capelo. Se o grande fosse valente, e o pequeno paciente, e o ruivo leal, todo o mundo seria igual. Para um coxo um careca, para um careca um ruivo, e para um ruivo um tiro.*

Com relação a animais: *A porca ruiva, o que faz isso cuida. Mais conhecido que cão ruivo.*

(2) O bispo de Siguenza.

(3) Transcrevo isto da *História de Portugal por Uma Sociedade de Homens de Letras*, I, 237.

Francês: *De femmelette barbue et divine, «libera nos, Domine»*.

Espanhol: *A la mujer barbuda, de lejos la saluda* (1).

Italianos: a) *Omo rosso e femena barbuta, da luntan tre mia la saluta, contre pière in man* (Veneto); b) *Donna barbuta, co'sassi la saluta* (Toscana); c) *Fimmina varvuta, di luntanu si saluta* (Sicília); d) *Rosso dal mal pelo, cento diavoli pei cavèlo* (Veneto) (2).

Como se vê, são vários os provérbios italianos em desfavor dos *ruivos*.

Porêm, como segundo a tradição popular, Jesus Cristo tinha a barba um tanto ruiva, lá diz um provérbio siciliano: *Du fôrn li russi fidili: Gesù Cristu e la vittedda di Surrentu* (3).

Latim: *Si ruber est fidelis, diabolus est in cœlis.*

II

A mordedura do cão cura-se com o pêlo do mesmo cão

Variantes:

a) **A ferida do cão cura-se com o pêlo do mesmo cão.**

b) **Do cabelo** [ou *do sangue*] **da bêsta, que te faz a mordedura, farás a cura** (4).

Deve procurar-se a cura do mal, na origem do próprio mal.

Segundo Teófilo Braga (5), a doutrina dêste provérbio foi originàriamente uma verdadeira receita para nos curar da mordedura do cão, e fornece-nos uma das antigas e numerosas

(1) Sousa Viterbo (*Portugalia*, I, 532, n.º 364) apresenta — entre vários outros adágios sacados dum códice do séc. XVI — o castelhano: *A la muger barbuda, de longe la saluda*, que nesse códice aparece acompanhado do seguinte (*sic*):

Obvia cum fuerit barbis horrenda virago
Verbis parce, lapis primus, et alter eat
Turpe vir investis, turpi barbata puella
Ihac nullum in toto letrius orbe molum.

O adágio castelhano, como outros daquele códice, apresenta uma mescla das línguas portuguesa e castelhana, o que levou Sousa Viterbo a supor que a compilação houvesse sido feita por algum espanhol ou por qualquer colector que ao mesmo tempo se servisse de subsídios escritos nas duas línguas.

(2) Todos estes proverbios vem em Pitrè, *Proverbi Siciliani*, Palermo, 1880.

(3) Pitrè, *loco citato.*

(4) João Bonança, *Enciclopédia de Aplicações Usuais*, p. 889.

(5) *O Povo Português*, II, 348.

aplicações do preceito homeopático *similia similibus curantur*, segundo o qual o que produz a doença tambêm a cura.

O povo português tem o ditado com o seu primitivo intuito prático.

Entre nós existe a crença de que a mordedura do cão se cura colocando-se sôbre ela uns pedaços de pêlo do mesmo cão, fritos em azeite.

Leite de Vasconcelos referiu a mesma superstição, mas restringiu-a à mordedura do *cão não danado*, segundo a versão que colheu na Beira-Alta ([1]). Todavia, em Portugal, a crença tem-se ampliado à mordedura do *cão danado*, como se vê em D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*, p. 110 ([2]), onde se lê: «... mas deixai-me ver se acaso tem o cidrão a virtude do cão danado, cujos cabelos, se os põe na mordedura que ele fez, dizem que a sara logo.»

Curvo Semedo — referindo-se tambêm ao cão danado — dá-nos uma variante de receituário no seu livro *Atalaya da Vida contra as Hostilidades da Morte* ([3]), onde prescreve que os cabelos do cão danado, cortados à tesoira e misturados com clara de ôvo, aplicados sôbre a mordedura do mesmo cão, *aproveitam muito*.

Taylor, citando a mesma superstição ([4]) transcreve, esta frase das Edas escandinavicas: «o pêlo do cão cura a mordedura».

Na Sicília existe crença idêntica. Di-lo Gubernatis, *Mythologie Zoologique*, II, 39: «En Sicile, quand quelqu'un est mordu par un chien, on coupe á celui-ci une touffe de poil qu'on plonge dans du vin avec un charbon ardent; on fait boire ce vin à la personne mordue.»

A variante *b*) oferece-me a novidade da substituição do *cabelo*, ou do *pêlo*, pelo *sangue*, e da indicação de que a crença não se restringe ao *cão*. Nesta última parte, a variante *b*) condiz com a versão do *Dicionário de Larousse*, referida na nota 7.

Francês: *Reprendre du poil de la bête*. ([5])

([1]) *Tradições Populares de Portugal*, p. 169.

([2]) Ed. do Pôrto, 1873.

([3]) O exemplar que consultei apresenta a falta de algumas das primeiras páginas, incluindo a do frontispício, mas tem o parecer dum dos membres do *Santo-Ofício* datado de 5 de Setembro de 1717.

([4]) *Civilização Primitiva*, tradução francesa. I, p. 98-99.

([5]) Esta locução vem no *Dic. de Larousse*, assim completada: «Chercher son remède dans la chose même qui a causé le mal, comme font les buveurs, qui dissipent la malaise que leur a laissé l'ivresse de la veille par l'ivresse du lendemain. Cette expression vient de la croyance populaire que le poil de certains animaux appliqué sur la morsure qu'ils on faite, en opère la guérison.»

Alemão: *Hundsbiss heilt Hundshaar.*

Italianos: *Con la pelle del cane si sana la morditura;* b) *Del can che morde, il pelo sana.*

Escocês: *Tak a hair o' the dog that bit you.* [1]

Provérbio da Lunda: *mazêũ ma kabũa akumũoka ni uvije ũa mũéne kabũa* (Dentes de cão tratam-se com o pêlo dele cão). [2]

III

Á terça-feira não cases a filha nem urdas a teia [3]

Variantes:

a) **Ás terças e sextas-feiras, nem cases a filha nem urdas a teia.** [4].

b) **Á sexta-feira, não cases a filha nem lances a teia.** [5]

c) **Á terça-feira, não cases a filha, não urdas a teia, nem partas em navio para a terra alheia.** [6]

Espanhóis:

a) *En Martes, ni te cases, ni te embarques.* [7]

b) *Boda buena, boda mala, el Martes en tu casa.* [8]

c) *En Martes, ni tela urdas, ni hija cases.* [9]

d) *En martes, ni gallina eches, ni hija cases.* (Avila) [10]

e) *Nin en Viernes, nin en Martes cases les fies ni mués les vaques.* (Proaza-Astúrias) [11]

Em Hernan Nuñez, *Refrances:—En Martes ni tu casa mudes, ni tu hija cases, ni tu ropa tajes.*

[1] Eugène Rolland, *Faune Populaire de la France*, IV, 59. (Paris, 1877).

[2] Henrique de Carvalho, *Método Prático para Falar a Língua de Lunda.* Substituo por *ũ* o «*u* breve» do autor, o qual falta na tipografia.

[3] Da tradição oral.

[4] Do jornal *O Futuro*, de Olhão, de 19—Janeiro 908.

[5] Teófilo Braga, *Superstições Populares em Portugal*, na Rev. *Á Volta do Mundo.*

[6] Francisco Maria Supico, *Almanaque do Arquipélago dos Açores*, 1868. É provérbio da ilha de S. Miguel.

[7] Francisco Rodriguez Marin, *Cinco Cuentezuelos Populares Andaluces* (in *La Enciclopedia*, 1880).

[8] *La Filosofía Volgar de Irean de Mal Lara* (impressa juntamente com os *Refranes*, de Hernan Nuñez, Madrid, 1619).

[9] Mal Lara, *ibidem.*

[10] L. Giner Arivau, *Contribución al Falk-lore de Asturias. Folk-lore de Proaza* (*Biblioteca de las Tradiciones Populares Españolas*, Madrid, 1884).

[11] Os Espanhóis teem ainda, com relação à influência nefasta da terça-feira, o prov. andaluz *en todas partes tiene cada semana su mártes* (*El Folk-lore Andaluz*, Sevilla, 1882-83) e a locução *dar á uno con la del martes*, eqùivalente a maltratá-lo, enchê-lo de impropérios. (Obr. cit. na nota 5.

*

Os Atenienses, como os Romanos, tinham *dias nefastos;* nesses dias não se casavam, não começavam trabalho algum, não tomavam parte em assembleias, não administravam justiça. O décimo oitavo e o décimo nono dias de cada mês eram empregados em purificações. Havia um dia, nefasto entre todos, em que se velava a estátua da grande divindade políada. (¹)

Não há dias nefastos oficiais no mundo moderno, como havia entre os romanos e os gregos, mas a crença supersticiosa contra as têrças e sextas-feiras está quási universalmente radicada no espírito popular.

*

Porque são tidos por *aziagos* aqueles dias?

Quanto à *têrça-feira*, atribuem alguns a sua sinistra influência à casualidade de terem ocorrido nesse dia fatalidades repetidas e consideráveis. (²)

Diz o padre Mariana, no cap. 20, liv. 14.º, da sua *Historia de España*, que «*al tiempo que el rey* (D. Jaime) *estaba en Játiva, los suyos fueron destrozados en Luxen. El estrago fué tal y la matanza, que desde entonces comenzó el pueblo à llamar à aquel dia, que era martes, de mal agüero y aciago.*»

Zurita, no cap. 100, liv. 3.º, dos seus *Anales*, refere mais extensamente o feito de armas e diz que «*segun Marsilio escribe, se decia aún en su tiempo, por los de Játiva, el martes aciago.*»

Transcrevo estes trechos de um artigo publicado em *El Folk-Lore Andaluz* (Sevilla, 1882-1883), o autor do qual expõe assim a sua opinião:

«La van preocupación de la influencia perniciosa del martes tiene, á nuestro entender, filiacion gentilica. Asi como el miercoles estaba consagrado à Mercurio, el jueves à Júpiter, el viernes à Venus, y á Saturno el sábado etc. estábalo á Marte el segundo dia de la semana. Sabido es que el dia dedicado al Dios de la guerra se destinaba á toda suerte de ejercicios corporales y violentos, que robusteciesen y agilizasen los miembros y los diestrasen para la lucha, prohibiéndose los placeres y todo cuanto enervase el cuerpo ó afeminase al individuo.»

(¹) Platão, *Leis*, VII, p. 800, Filocoro, *Fragmentos*, 183, Xenofonte, *Helénicas*, I, 4,12—tudo citado por Fustel de Coulanges, *A Cidade Antiga*, tradução de Sousa Costa, Lisboa, 1911, I, 393.

(²) G. Arivau, obr. citada.

Com relação à *sexta-feira*, é possivel que se lhe ligasse uma ideia de desgraça, por ter Cristo morrido nesse dia, na cruz, e por causa do luto que reveste a Igreja no aniversário dessa morte, da tristeza dos seus cânticos e das suas cerimónias — muito embora, na opinião de alguns, devesse ser considerado como bemdito o dia que foi testemunha do suplicio da cruz e em que foi resgatado o género humano.

Efectivamente nós dizemos *sexta-feira-santa*, os franceses *Vendredi-Saint* e os ingleses *Good-Friday*.

Pode tambem ter concorrido para tornar antipática a sexta-feira a circunstância de, segundo alguns doutores da Igreja ([1]), ter sido cometido o pecado original no sexto dia da criação do homem (sexta-feira) ([2]). O mesmo consta de uma lenda rabínica ([3]).

*

Entre nós, a superstição contra as *terças* e *sextas-feiras* está ainda larga e profundamente espalhada, vivendo vida nédia e fortalecida, não só entre a população rústica, mas tambêm no espírito de muitas pessoas argutas, cultas e inteligentes — o que, pode dizer-se, sucede quási universalmente ([4]).

([1]) Francisco Spirago, *Catecismo Popular Católico*, tradução de Manuel Abundio da Silva, Pôrto, 1908, t. 175.

([2]) Em Inglaterra existe a mesma crença. V. nota 15, *in fine*.

([3]) Giner Arivau, *ob. citada*.

([4]) Na Escócia, a têrça-feira é dia feliz; a segunda-feira é que não: «Monduy was accounted an unlucky day on wich to begin a piece of work. There were parents who would not enter their children at school in this day. Tuesday was regarded as a lucky day for entering on any new work.»

A sexta-feira é tambem dia infausto: «Friday was specially avoided as the day on wich to begin any piece of work. It was very unlucky for a ship to sail on this day.» (Walter Gregor, *Notes on The Folk-Lore of the North—East of Scotland*, London, 1881, p. 149).

Refere esta mesma obra, que antes do uso do sabão na Escócia e quando ali se empregava o estêrco de vaca na lavagem da roupa, se dizia numa canção popular:

Her it washes on Friday
Hiz little skeel indeed.

— Eugène Rolland (*Faune Populaire de la France*, Paris, 1877, IV, 76) refere esta superstição do cantão de Aunean (Eure-et-Loir): «Il ne faut pas commencer la lessive un vendredi, si l'on ne veut pas être mordu dans le courant de l'année par un chien fou.»

— Em Espanha, *el mártes y el viernes son días aciagos, y nada debe emprenderse en ellos porque saldría mal*. (Artigo cit. na nota 11, de pag. 46).

— Na Rússia o «mujik» não pode lavar-se à *sexta-feira* nem partir para uma viagem à segunda-feira, porque a pratica de qualquer dêstes actos constituiria prenúncio de grande desgraça. (Ladislau Batalha, *A Rússia por dentro*, p. 217.)

— Diz Fernando Nicolay que encontrou num documento de 1675 uma carta de Colbert, na qual êste célebre homem de estado lamentava que uma esquadra tivesse adiado uma viagem em consequência de os marinheiros se terem recusado a partir à *sexta-feira*. (Sirvo-me de uma tradução em espanhol, por Juan Bautista, com o título *Historia de las Creencias, Supersticiones, Usos y Costumbres*—Barcelona, 1904).

Assim não se deve nesses dias: *a*) viajar (1); *b*) encetar qualquer emprêsa, trabalho ou negócio; *c*) entrar para nova residência (2); *d*) tomar posse de um emprêgo ou entrar no exercício dele; *e*) contrair casamento; *f*) baptizar filhos; *g*) sair pela primeira vez à rua depois de longa doença; *h*) inaugurar um estabelecimento; *i*) estrear roupa, calçado, chapéu, joias, etc.; *j*) deitar galinhas; *k*) cortar as unhas ou o cabelo; *l*) urdir a teia, etc.

*

As bruxas juntam-se com o diabo ás quartas e *sextas-feiras*.

Segundo uma versão de Lisboa, tambêm ás *têrças-feiras*. Assim, é uma superstição muito vulgar na capital defumar as casas ás *têrças* e *sextas-feiras*, para se afugentarem as bruxas (3). Segundo outra versão, porêm, é para afugentar as *coisas más*, e deve defumar-se ao meio-dia. (4)

—No Minho, quem ás *têrças* e *sextas feiras* passar de noite por encruzilhadas, pode contar que se encontra com bruxas ou feiticeiras. (5)

É ás *têrças* e *sextas-feiras*, da meia-noite ás duas horas, que os lobisomens teem de fazer a sua corrida, visitando sete adros (cemitérios) de igreja, sete vilas acasteladas, sete oiteiros e sete encruzilhadas. (6)

—Ás *sextas-feiras* não é bom andar de noite, porque os lobisomens aparecem em forma de cavalo. (Vila-Flor). (7)

Outra versão (Vila Rial) diz que os lobisomens vão espojar-se nas encruzilhadas, transformando-se depois em cavalos, ás *sextas-feiras* (8).

---

(1) No Minho, às *têrças* e *sextas-feiras*, não se deve começar coisa que não se possa acabar antes da meia-noite. No Algarve, esta ideia está expressa por outra forma: não é bom deixar de concluir obra ao sábado porque, se assim suceder, no domingo entra o bispo na catedral com o nariz torcido. (*O Futuro*, de Olhão n.º 783, de 19-I-908).

—Aquela superstição minhota tem a sua equivalente em Inglaterra: «Begin not a piece of work on Friday, or you will never finish it; neither must you set off on a journey nor put out to sea on a Friday, or some misfortune will befall you. The superstitions dread of placing any dependence on this day is almost universal. A tradition, I have heard, that Ádam and Eve ate the forbidden fruit upon a Friday, assigns a very early origin to its unfortunate reputation.» (*West Sussex Superstitions*, in *The Folk-Lore Record*, London, 1878-1880, I, 13).

(2) Cf. *Tradições Populares do Cadaval*, por mim publicadas 'nesta *Rev.*, VI, p. 102, n.º 48.

(3) Consiglieri Pedroso, *Superstições Populares Portuguezes*. (*Positivismo*, II, 276 a 277).

(4) Idem, ibidem.

(5) *Almanaque de Lembranças*, 1870, p. 139.

(6) Oliveira Martins, *Sistema dos Mitos*, p. 295.

(7) Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*, p. 263-264.

(8) Idem, ibidem, p. 264.

—Em Guimarães, o lobisomem passa ás *têrças* e *sextas-feiras*, fazendo tanto barulho como um *camboio*. (1)

—No Minho, os *corredores* andam todas as *têrças* e *sextas-feiras* a *correr fado*, em forma de animais, até que apareça alguma alma caridosa que lhes *corte o fado*, ferindo-os na cauda; se lho não fazem dentro de certo tempo, passam a lobisomens. (2)

Esta crença era antigamente (pelo menos até 1867) tão vulgar e arreigada entre o povo de Roriz, concelho de Barcelos, que os rapazes não saiam ao serão nas *têrças* e *sextas-feiras*, com mêdo do *corredor*. (3)

Em vista destes prejuízos—e de tantos outros—como não há-de o povo ingénuo e supersticioso, recear a influência dos dias que a sua ignorância lhe apresenta como fatídicos e aziagos?

Cf. os provérbios:

a) *Quem ri à sexta-feira chora ao domingo*, fundado numa crença popular a que já me referi no artigo que publiquei na *Rev. Lus.*, vol. VI, p. 97 e seguintes.

(Cf. tambêm Consiglieri Pedroso, *Superstições Pop. Portuguesas*, in *O Positivismo*.)

Em Milão há prov. idêntico:

Chi rid in venerdì, piang in domenica; mas na Toscana a sexta-feira é substituida pelo sábado: *Chi ride in sabato, piange la domenica*. (Pitrè, *Proverbi Siciliani*).

Racine, na comédia *Les Plaideurs,* emprega o prov.: *Tel qui rit vendredi, dimanche pleurera.*

b) *Há de morrer a uma sexta-feira*, que se diz de uma pessoa avarenta, sovina, unhas de fome.

c) *Nascer a uma sexta-feira*, isto é, nascer em má hora, estar predestinado para uma vida infeliz.

Canção popular:

Chamaste-me triste, triste,
tristes são as *sextas-feiras;*
alegres são os domingos
para as mocinhas solteiras. (4)

---

(1) Leite de Vasconcelos, ibidem, p. 263.

(2) *Almanaque de Lembranças*, 1867, p. 114.

(3) Em Guimarães faz-se a seguinte distinção entre lobisomens e corredores: aqueles comem gente, e estes andam a *correr fado* em forma de animais. *Trad. pop.* de Leite de Vasconcelos p. 263).

(4) Da tradição oral do Alentejo. (A. T. Pires, *Sentinela da Fronteira*, n.º 333, de 12-VIII-84).

IV

Atirar a primeira pedra

Dizia-se, no sentido próprio, daqueles a quem, na lapidação (1) *competia atirar a primeira pedra ao condenado. No sentido figurado, significa ser o primeiro a acusar alguém.*

Esta locução provêm daquele passo bíblico em que Jesus, amparando a mulher adúltera, a quem os Judeus tumultuariamente queriam apedrejar, disse: «Aquele de vós que se achar sem pecado, seja o primeiro que atire as pedras.» (*Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat*). Vid. *Evang. de S. João*, VIII, 7.

V

Bem prega frei Tomás...‖faze o que êle diz, não faças o que êle faz

Variantes:

a) **Bem o prega frei Tomás...;‖olha para o que êle diz, não olhes para o que êle faz.**

b) **Bem o prega frei Tomás...;‖se bem o prega, pior o faz.**

c) **Bem o prega frei Tomás...;‖bem o diz e mal o faz.**

Diz-se das pessoas que dão bons conselhos aos outros, mas que não praticam as acções que recomendam:

---

(1) A lapidação consistia em matar os culpados à pedrada, no que alguns querem ver mais a intenção do sarcasmo, do desprêzo, do que o propósito de agressão. Êste suplício — que se encontra em quási todas as sociedades, pelo mènos na sua origem — foi usado, sobretudo, pelos povos do Oriente. A lei de Moisés condenava à lapidação os adúlteros, os blafesmos, os adivinhos, os violadores do *sabbat*, etc.

Na Grécia, a lapidação era freqüente nos tempos primitivos, mas tornou-se rara nos tempos históricos; conserva sempre o caracter de vingança colectiva. Entre os Macedónios era castigo legal. Talvez acontecêsse o mesmo em Cartago. Em Roma, só acidentalmente se menciona, e apenas para os revoltosos e como castigo militar. Nos Judeus e nos Hebreus foi uma verdadeira instituição.

O *Levítico* (XXIV, 14 e 16), o *Deuteronómio* (XIII, 11: XXI, 21 e XXII, 21 e 24), os *Números* (XV, 35) e *Josué* (VII, 25) enumeram os crimes punidos com êste suplício, que foi por largos tempo empregado.

Segundo o *Déuteronómio* (XVII, 5 e 7), as testemunhas de acusação eram obrigadas a lançar a primeira pedra. O que denunciava um delito, ao recordar o crime de que fôra testemunha, devia experimentar sentimento e indignação tais, que não podia vacilar em ser o primeiro executor do castigo que fizera cair sôbre o pecador.

Platão (*Leis*, 9) diz que os magistrados que tinham proferido a sentença, eram obrigados a arremessar a primeira pedra, como prova da sinceridade da sua decisão.

Até os animais éram condenados à lapidação. Pela lei de Moisés (*Exodo*, XXI, 29 e 32) o boi que matava alguem, ou o feria com as pontas, devia ser apedrejado.

Entre os Lusitanos eram apedrejados os parricidas: vid. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusit.* II, 79, onde faz muitas comparações.

A teu forçoso argumento
Respondo *como frei Tomás:*
Faze o que o prègador diz,
Não façaș o qae elle faz. (1)

Num artigo publicado a pag. 149 do *Alamanaque Bertrand* de 1910 afirma-se que o frei Tomás do nosso provérbio existiu e que foi êle o próprio que motivou e fez o provérbio.

Segundo o artigo, frei Tomás de Sousa se chamava o frade. Nasceu em Ponte da Barca, por 1530, e era filho natural de Manuel de Magalhães, morgado de Fonte Arcada. Indo para Lisboa aos 18 anos, vestiu o hábito de religioso no convento de S. Domingos e conseguiu pelo seu talento e pela protecção de que dispunha, ser nomeado prègador régio por el-rei D. Sebastião e ser escolhido pela rainha D. Catarina para seu confessor.

Freqùentando assiduamente o Paço, usando de grande liberdade na expressão do seu sentir, quis aproveitar a influência de que gozava, para corrigir, até onde lhe fosse possível, os vícios dos cortesãos e os maus costumes da côrte.

Foi então que um fidalgo, anónimo, lhe pregou na porta do quarto um distico em que se dizia:

Aqui mora frei Tomás, que bem o diz e mal o faz.

O frade, que tinha veia, quando leu a inscrição, não a apagou, nem deu mostra alguma de ela o contrariar. Escreveu-lhe por baixo:

Fazei vós o que êle diz, e não façais o que êle faz.

Toda a côrte festejou a réplica, mormente depois de ver que o rei aplaudia a boa saida do seu prègador.

Esta versão encontra-se tambêm na *Enciclopédia Portuguesa*, de Maximiano de Lemos.

Sem entrar na apreciação da veracidade da anedota, tenho para mim que o provérbio não pode referir-se a frei Tomás de Sousa, o qual foi, efectivamente, prégador régio no tempo de D. Sebastião e confessor da rainha D. Catarina.

*

Entre alguns adágios que Sousa Viterbo extraiu de um códice do século XVI, que pertenceu ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e que aquele escritor deu a lume na revista *Portugalia*, I, 532, aparecem, sob os n.os 455 e 475, estas formas:

a) *Frei Thomaz ...*

b) *Frei Thomas bem o diz ...*

Ora frei Tomás de Sousa nasceu em 1530 e professou como

(1) Nicolau Tolentino, *Obras*, edição de José Tôrres, Lisboa, 1861.

dominicano em 1548, sendo portanto evidente que não podia atingir a nomeada que o levou à côrte, senão já muito no âmago do terceiro quartel do século XVI — e é inadmissível que, se o prégador de D. Sebastião houvesse dado origem ao provérbio, êste se tivesse tornado tão conhecido e tão vulgar aindo dentro dos restantes poucos anos do mesmo século, que já então bastasse apenas enunciá-lo por mais de uma forma, e incompletamente, para ser logo compreendido por todos, à légua.

Alguns provérbios há, efectivamente, que se induzem das suas palavras iniciais — como por exemplo, *vozes de burro...* — mas dessa regalia gozam apenas aqueles que o transcurso de dezenas e dezenas de anos, até de séculos, familiarizou com o espírito popular.

Se efectivamente o fidalgo anónimo e frei Tomás escreveram as palavras da anedota, não vejo nesse facto senão uma aplicação oportuna e chistosa do provérbio, já então bastantemente conhecido, por certo.

*

Na tradição popular de alguns países existe a referência ao frade que prègava contra o roubo, mas que se ia apropriando do alheio. Parece ser o caso do nosso provérbio, expresso por outra forma.

A. C. Méry (1) apresenta a comparação popular italiana: *somiglia al frate che predicava che non se devesse rubare, mentre avea l'oca nel capulario.*

Cfr. o provérbio holandês: *De monnik preekte dat men niet stelen mogt, en hij zelf had de gans in zijne schapperade* (o frade prègava contra o roubo e tinha o ganso na despensa). (2)

Em inglês ha tambêm um provérbio, que não conheço nessa lingua, mas que, segundo L. Martel, (3) se refere ao frade *qui prêchait contre le vol, tandis qu'il avait le boudin volé dans sa manche.*

Alude ainda ao prégador o provérbio sciciliano: *Facit zoccu dicu eu, e num faciti zoccu fazzu eu, dici lu pridicaturi.* (4)

A forma francesa eqùivalente à nossa é — *fais ce que je dis, et non ce que je fais*, que corresponde literalmente ao provérbio veneziano citado por Joaquim de Araujo n-A *Tradição*, IV, 12: *Fate quello che dico io, e no fate quello che faccio io.*

---

(1) *Histoire Générale des Proverbes*, I, 343 (Paris, 1828-1829).
(2) Bohn, *A Polyglot of Foreign Proverbs*, London, 1857.
(3) *Petit Recueil des Proverbes Français*, p. 115.
(4) Pitré, *Proverbi Siciliani*. Palermo, 1880.

VI

Bofetada, mão cortada [1]

Antigamente, como hoje, a bofetada era considerada como agressão infamante. Temos até um provérbio que diz: ***Para uma bofetada, uma facada***.

Nos tempos feudais, o fidalgo combatia a cavalo, coberto com a sua armadura e com o rosto protegido pela viseira do seu capacete; o vilão ia a pé e com a cara a descoberto. Daqui, talvez, a conclusão de que receber uma bofetada eqüivalia a ser tratado como vilão. Por isso, a simples ameaça de bofetada era tida por ultrage mais grave que a mais violenta agressão.

---

(1) A pena de *mão cortada* é remotíssima. No *Deuteronómio*, XXV, 12, há uma cominação de mão cortada: ***abscides manum illius, nec flectéris super eam ullâ misericordiâ***. De Adonibezec, rei cananeu vencido por Josué, diz o ***Velho Testamento*** (*Juizes*, I, 6): ***Fugit autem Adonibezec: quem persecuti comprehenderunt caesis summitatibus manuum ejus ac pedum.***

Uma lei de Atenas punia o suicidio com o cortamento da mão que havia cometido o crime: e não cause espanto esta punição, porque as antigas leis da Alemanha mandavam queimar os corpos dos suicidas, e em França procedeu-se contra êles, arrastando-se o seu cadáver pelas ruas, e enforcando-o depois. (*a*)

Os Visigodos, se o reu de crime de moeda falsa era escravo, cortavam-lhe a mão direita. (*b*)

Os Ostrogodos puniam os réus de arrancamento de marcos, sendo livres, com o cortamento da mão. (*c*)

Entre os Romanos, os desertores eram castigados com a amputação das mãos e das pernas. (*d*)

D. Afonso II, de Portugal, promulgou em 1211 uma lei, que mandava cortar os pés e as mãos aos fabricantes de moeda falsa e aos ourives que falsificassem oiro ou prata. O mesmo prescreveu uma lei de D. Afonso III. (*e*)

Nas ***Ordenações Filipinas*** não há já a pena de mão cortada para os crimes do moeda falsa, mas existe em outros casos, como por exemplo para o crime de ***arrancamento de arma na presença do Principe, no Paço ou na Corte***. (Liv. 5.º tit. 39. § 1.º).

Na idade-média, a pessoa do alvazi era sagrada, e tinha a mão cortada quem o ofendesse. (*f*)

Parece que a pena de mão cortada, nos casos de moeda falsa, é de origem germânica. Vid. A. Blanchet, ***Études de Numismatique***, I, 1892, p. 105, capitulo intitulado ***L'amputation de la main dans les anciennes lois monétaires***; e cfr. Leite de Vasconcelos, ***Ensaios Ethn.***, IV, 130-132.

Ao crime de mão cortada se referem as cantigas populares:

a) Essa carta vai sem porte,
remetida a quem quer bem:
tem crime de ***mão cortada***
se nela bulir alguêm.

b) Não ponhas o pé no meu,
nem a mão na minha cinta;
tem crime de ***mão cortada***
quem com amor's doutros brinca.

NOTAS Á NOTA PRECEDENTE

(*a*) Pereira e Sousa, *Classes dos Crimes*, Lisboa, 1816, p. 308.
(*b*) Idem, ibidem, p. 58.
(*c*) Idem, ibidem, p. 354.
(*d*) Idem, ibidem, p. 69.
(*e*) ***Portugaliae Monumenta Historica.***
(*f*) *História de Portugal*, por uma ***Sociedade de Homens de Letras***, I, 116.

VII

Cão que ladra não morde

Variante: **Cão que muito ladra, pouco morde.**

Num fabulário português do século XV: *Cam que muyto ladra poucas vezes morde.* (1)

Popular:

Tenho corrido mil terras,
mil terras tenho corrido,
muito cão me tem lodrado,
mas nenhum me tem mordido.

Angolense: *Imbua ibôza ki ilumatê.* (Cão que ladra, não morde). (2)

No dialecto teto (Timor): *Aço haténo récin lá táta* (Cão que ladra, não morde). (3)

Crioulo de Cabo Verde: *Cachor que tâ ladrâ câ tâ mordê* (Cão que ladra, não morde). (4)

Francês: *Chien qui aboie, ne mord pas.*

Inglês: *A barking dog seldom bites.*

Alemão: *Hunde, die viel bellen, beissen nicht.*

Italianos: a) *Il can che abbaia, non morde;* b) *Can che abbaja, poco morde* (século XVIII); c) *Can che sbragia non morsega.* (Veneziano) (5)

Espanhol: *Perro ladrador, poco mordedor.*

Holandês: *Blaffende honde bijten mèt.* (Cães que ladram, não mordem) (6)

Ceiloense: *Cachôrro que ladrà nan murdê.* (7)

Latino: *Nemo canem timeat, qui non laedit nisi latret.*

VIII

Cheirar a alho (8)

Diz-se do homem de hábitos ordinários que não se trata, que não cuida de si.

(1) O fabulário existe na Biblioteca Palatina de Viena d'Austria. Vid. Leite de Vasconcelos, in *Rev. Lus.*, VIII, 99.

(2) Cordeiro da Mata, *Filosofia Popular em Provérbios Angolenses*, Lisboa, 1891.

(3) Rafael das Dores, *Dicionário Teto-Português*, Lisboa, 1907.

(4) Joaquim Vieira Botelho da Costa & Custódio José Duarte, *O crioulo de Cabo Verde* (in *Bol. da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série n.º 6, p. 325.).

(5) Joaquim de Araujo, *Provérbios Venezianos* (in *A Tradição*, IV, 12).

(6) Henry G. Bohn, *A Polyglot of Foreign Proverbs*, London, 1857.

(7) Tavares de Melo, *Folklore Ceiloense* (*Rev. Lus.* X, 110).

(8) Entre nós, o alho é muito aproveitado como condimento, mas goza de má fama. O povo das nossas aldeias usa-o como alimento. Nos arredores de Leiria co-

IX

Choram o meu e o alheio, por uma quarta de centeio

Êste adágio provêm do antigo costume das *carpideiras*, *choradeiras* ou *pranteadeiras*, que em Portugal assistiam aos defuntos e os acompanhavam á sepultura, chorando e arrepelando-se sôbre êles, para receberem uma gratificação ([1]).

mem-no com pão de milho (boroa), principalmente quando não há peixe. Existe o mesmo costume nas provincias do Norte. Um môlho de que o alho faz parte, e que é chamado *môlho de vilão*, bem mostra que outrora os altos e poderosos senhores desprezavam o alho, pelo uso que o *vilão ruim* delo fazia—e é talvez por isso que ainda hoje exalar cheiro a alho é ter cheiro a vilão e ser indigno dos salões. (Cf. o provérbio: *Vilão farto de alhos.*)

O Dicionário de Bescherelle refere-se assim ao uso do alho no Sul da França: «Dans les provinces méridionales, l'ail, qui a beaucoup moins d'âcreté que chez nous, est employé comme substance alimentaire, tandis que nous ne le regardons guère que comme assaisonnement».

Cf. os provérbios a): *Moça a quem sabe bem o pão, perdido é o alho que lhe dão;* b) *Onde alhos há, vinho haverá.*

([1]) Por esta cerimónia começava a demonstração do sentimento, que quando se tratava de pessoa rial, se executava com muito maior excesso e maior número de carpideiras, as quais com as lágrimas e os gemidos misturavam louvores ao defunto, de quem, se era rei, faziam grandes elagios, dizendo do bom tratamento que dispensara ao seu pôvo, clamando que êle não vexara o país com tributos, que enriquecera o tesoiro, etc.; e com estes e outros elogios, gritando e soluçando, faziam mais lutuoso o régio funeral.

O papel das carpideiras teve grande voga entre nós, como se vê das Constituições de vários bispados e das posturas de diversas câmaras municipais.

Na Constituição do bispado do Pôrto (1687) lê-se: «Proibimos que nos dittos acompanhamentos, e enterramentos, e nas igrejas em que os defuntos se enterrarem, se consintam pessoas *que vão dando vozes discompostas*, ou *fazendo extraordinarios e desconcertados prantos.*» (Liv. IV, tit. II, const. 9, p. 471).

A postura da Câmara de Lisboa, de 1385, determinou: «Porque o *carpir e depenar sobre os finados* é costume que descende dos gentios, e é uma espécie de idolatria, e é contra os mandamentos de Deus, ordenam e estabelecem os sobreditos que daqui em diante nesta cidade nenhum homem ou mulher não *se carpa nem depene, nem brade sobre algum finado*, nem por ele, ainda que seja pai, mãe, filho ou filha, irmão ou irmã, marido ou mulher, nem por outra nenhuma pena, nem nojo, não tolhendo a qualquer que traga seu dó e chore se quiser . . . »

Diz frei Francisco Brandão (*a*) que o costume das carpideiras se acabou no tempo de D. João I, mas engana-se, manifestamente, porque nos nossos cronistas se acha memória de semelhantes costumes em épocas mui posteriores. Lá diz G. Vicente:

Prantos fazem em *Lisboa*
Dia de Santa Luzia,
Por el-rei D. Manuel
Que se finou nesse dia.

O uso das *carpideiras* existiu, mesmo, até muito mais tarde, pelo menos em localidades sertanejas. O segundo visconde Santarém (*b*) supõe que êle durava ainda nos princípios do século XVIII, mas parece que foi muito mais além, porque Leite de Vasconcelos, nas suas *Tradições Populares de Portugal*, p. 245, diz, no ano de 1882: «O costume das choradeiras está actualmente decadente. Em Vila Chã de Cangueiros (c. do Mondim) vigorava há anos (não sei se ainda). A respeito do Alto Minho deram-me a seguinte informação: — Na freguesia de Suajo, costumam ir *carpideiras*, mulheres com saia pela cabeça, a chorar ao pé do morto, para o que recebem uma posta de bacalhau, um vintêm de pão, e vinho ou dinheiro correspondente a um quartilho.» Em Leiria existiu até ao ano de 1900, aproximadamente, o seguinte costume, que

X

Chorar [ou *falar*] na barriga da mãe

Diz-se das pessoas felizes, a quem tudo corre á medida dos desejos.

---

constituia, a meu ver, uma reminiscência das carpideiras: Os funerais eram, geralmente, acompanhados por umas quatro a seis mulheres, cada uma das quais levava uma vela acesa. Uma dessas mulheres conduzia de um taboleiro em que recolhia, no cemiterio, a cera distribuida aos convidados, ganhando pelo seu trabalho seis vintêns. As outras recebiam apenas o salário de quatro vintêns.

A literatura popular — êsse valioso e inexgotável repositório dos costumes que o pó dos tempos sepultou — conserva ainda a recordação das pranteadeiras, como vamos vêr:

No conto popular *A carpideira e a viúva* (pub. por Teófilo Braga, *Contos tradicionais*, I), diz aquela:

Estou a chorar
o marido alheio,
por um alqueire
de centeio:
não sei se m'o dão
meiado ou cheio.

Uma versão de Coimbra (vid. Leite de Vasconcelos, *Trad. Pop.*, p. 244) diz: «Era uma vez uma mulher que estava a carpir um finado, e vai ao depois perguntou-lhe uma vizinha o que estava a fazer, e ela disse.

Estou aquí a chorar o marido alheio
por um alqueire de trigo ou de centeio;
não sei se m'o darão meio, se cheio.

Nisto a viúva do defunto por quem a outra estava a carpir, pôs-se a saltar no mėio da casa e a dizer:

Há-de ser calcado (o alqueire)
e repimpado,
e ainda por cima
um grande punhado.»

A uma vêlha da Terra da Feira, ouviu Leite de Vasconcelos esta versão:

«Era uma vez uma mulher, cujo marido estava morto, e depois foi às vizinhas pedir se elas o vinham chorar com a saia preta pela cabeça, e as vizinhas começaram a dizer:

Ai! ai!
Quem há-de chorar o alheio
por um quarto de centeio!

A viúva respondeu-lhes:

Chorai-o mais bem chorado
que vos dou mais um punhado.»

O romance popular *D. Linda*, ouvido em Guimarães, a uma vêlha, por Leite de Vasconcelos (obra cit. p. 244), termina assim:

«Ela depois que o viu morto,
logo se pôs a chorar:
Chamem-me padres e frades
para o vir enterrar,
eu mando chamar senhoras
p'ra me ajudar a chorar».

Leite de Vasconcelos transcreve ainda, na mesma obra, a p. 245, um romance da Maia, no qual há este passo:

Bou dar c'o meu belho morto
entre as pedras do lagar,
atirei-lhe c'um fueiro,
acabei de o matar;
fui chamar as *choradeiras*
que o biesse chorar:
bem chorado ou mal chorado
bá o belho a enterrar.

Benito Losada, na revista *Galicia* (Coruña, 1877, fasc. 1.º) dá conta do costume po-

Esta benção baseia-se numa crença popular, segundo a qual a criatura que chorar ou falar no ventre materno, há-de ser muito feliz, contanto que a mãe lho não diga antes dos 7 anos de idade.

---

pular das *choradeiras* na Galiza, como se vê das duas seguintes quadras:

Cando morreu Xan Pereiras,
veciño de Santa Comba,
chorando detras d'a tomba,
iban catro pranxideiras.

Berrade mais — dilles Xan:
E unha mala cara pondo,
contesta: — Berro d'abondo,
p'ra dès cartos que me dan.

Vem a propósito, e não deixa de ser curiosa, a descrição de um funeral na ilha de S. Nicolau de Cabo Verde, com a intervenção de carpideiras. Faz a narrativa o cónego Joaquim da Silva Caetano, no *Bol. da Soc. de Geog. de Lisboa*, 3.ª série, n.º 6, p. 350 (ano de 1882), nos seguintes termos:

«O uso das carpideiras, acompanhando os mortos, fazendo o que chamam *guisa*, é usança que não tem sido possível extirpar completamente, mesmo com o auxílio das autoridades. Imaginem-se vinte, trinta ou mais pessoas caminhando por uma estrada fora, dois homens transportando aos ombros um cadaver amarrado a dois toscos paus, indo adiante quatro ou seis mulheres gritando com toda a fôrça dos pulmões, fazendo momices e imodestos accionados; vindo após o morto os homens, calados, taciturnos, e far-se há ideia de uma *guisa*. Pelo estranho dela se dão a conhecer os teres e haveres do finado ou da família que tem de concorrer com as despesas do nojo (*esteira*, lhe chamam) pelo espaço de oito ou mais dias, e por isso algumas se fazem ouvir a grande distância. Os pobres, porêm, não teem *guisa* porque não teem comida ou bebida para distribuir pelos que acompanham. Depositado o cadáver em uma casa, todos o rodeiam acto contínuo, e então homens e mulheres tudo grita, girando em volta, mandando saudades (*mantenhas*) para os amigos e parentes falecidos, e descrevendo as qualidades físicas e morais do morto. Em quanto dura a *esteira*, choram a horas certas, comem e bebem até á saciedade, e quem pela vez primeira observar a prática dêstes gentílicos costumes, que nenhum sentimento inspiram, admirar-se há do que vê e ouve.»

O *Velho Testamento* (*Jeremias*, IX, 16-17) refere-se às carpideiras, que o Senhor mandou chamar por causa da iminente tomada e destruição de Jerusalêm.

Até ao tempo de S. Jerónimo, como êle mesmo testifica, durou na Judea o costume das carpideiras (c). Da sua existência entre os Egipcios, fala o dr. Favret, *Funérailles et Sépultures*, Paris, 1868, p. 144.

Diz José Maria Sbarbi (d) que do povo hebreu passou a prática das carpideiras para os povos grego e romano, e dêstes para as mais nações, adquirindo com o tempo importância tal semelhante instituição, que à mulher que servia de chefe ou cabeça de cada grupo de carpideiras chamavam os romanos *praefica*. Tinha essa mulher o encargo de presidir ao grupo nos actos públicos e dar a estes o tom de tristeza que melhor estivesse em relação com as qualidades pessoais do defunto ou com a mais ou menos pompa que as suas exéquias revestissem.

Que a prática das carpideiras teve voga entre os Gregos, vê-se da lei de Solon, referida por Fustel de Coulanges n-*A Cidade Antiga* (e) e pela qual se proibia que se seguisse, gemendo, o entêrro de um homem que não fosse parente.

Da existência das carpideiras entre os Romanos há, pelo menos, a prova da Lei das Doze Tábuas e o testemunho de Horácio, na *Arte poética*, quando diz:

«Ut qui conducti plorant in funere, dicunt,
Et faciunt prope plura dolentibus ex animo . . .»

A intervenção das carpideiras foi, naturalmente, estabelecida na Peninsula durante a ocupação daquele povo conquistador; mas dos regulamentos do califa Yousef vê-se que aquela interferência se realizava entre Arabes, porque uma das suas disposições prescrevia a proibição de se *alugarem carpideiras para fingirem saudades que não sentiam*. (f)

Se actualmente não há carpideiras, que a tanto por cabeça chorem sôbre o ataúde dos mortos, existem os *mendigos fúnebres*, uma especialidade no genero, ex lo-

Existe a mesma crença na Andaluzia (1).

Outra versão diz, que a mãe não deve revelar a pessoa alguma que a criança lhe chorou ou falou no ventre, sob pena de cortar a sorte ao filho e de êste nascer anão ou gigante.

Os meninos que choram ou falam no ventre da mãe, chamam-se *bentos*, ou *meninos bentos*, teem uma cruz no céu da bôca (2), adivinham o futuro e são dotados de poderes mágicos contra as doenças. (Cf. *Bento é o varão que por si chora e por outro não*).

No libelo acusatório contra o feiticeiro Luis de la Penha (3) alega-se, entre outras coisas: «E assi confessou q. entendia q. adivinhava algumas cousas porque chorou no ventre da mãe, segundo lhe ella diz».

Adolfo Coelho (*Rev. Lus.* I, 182) fala de um *menino bento* que existiu perto de Viana do Castelo e que era procurado e consultado por pessoas que afluiam de todas as partes, porque tudo quanto êle dizia *saía certo*.

Leite de Vasconcelos alude, nas suas *Tradições Populares*, § 375, a um *bento* que conheceu na sua infância e de quem tinha muito mêdo. Êle era um homem encorpado, de voz pausada, e bêbado; vestia à moda antiga da serra: chapéu desabado de pano grosseiro, nisa (espécie de casaca muito curta) de saragoça com botões lisos de metal amarelo, calção também de saragoça, e grandes meias negras. De toda a parte o procuravam, pelo que várias vezes tinha sido condenado pelos tribunais. Quando ia ás curas, levava sempre uma burrinha para carregar os frutos que lhe davam, porque nunca aceitava dinheiro, segundo se dizia. Na ocasião de curar, fazia muitas rezas, bençãos, mesuras; pegava num Santo-Cristo suspenso posteriormente por

radores, de preferência, das missas e exéquias do sufrágio e dos enterros, que terminam quási sempre por uma espórtula mais ou menos avultada, segundo a quantidade dos mendigos e a devoção e os teres dos parentes ou amigos do defunto.

NOTAS A' NOTA PRECEDENTE

a) *Monarquia Lusitana*, part. VI, liv. XIX, cap. XXIV.

b) *Inéditos (Miscelânea)* coligidos, coordenados e anotados por Jordão de Freitas, Lisboa, 1914, p. 132.

c) Pereira de Figueiredo, *A Bíblia Sagrada*, anotação a *Jeremias*, IX, 17.

d) *Ilustración Española y Americana*, Madrid, ano I (1906), p. 346.

e) Tradução de Sousa Costa, Lisboa, 1911, I, 50.

f) Citação do Visconde de Santarem, no local cit. na nota *b*).

(1) *El Folk-Lore Andaluz*, Sevilla, 1882-1883, p. 413.

(2) Observa Leite de Vasconcelos (*Trad. Pop. de Portugal*, § 335-x), que é a cruz resultante da articulação dos maxilares superiores com os palatinos.

(3) Supliciado pela Inquisição, em Évora, aos 26 de Novembro de 1626.

uma fita, de modo que parecia firme, sem amparo, sôbre os dedos, e com isto iludia os crédulos. Receitava com freqüência defumadoiros, e bebidas feitas de água e cinzas da camisa dos doentes.

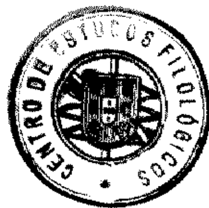
Há várias lendas da Igreja a respeito dos *meninos bentos.* De S. Bento, diz o padre Manuel Bernardes, na *Nova Floresta* (1): «E tanto madrugou para os louvores de Deos esta celestial avezinha (cujas asas despoes cobrirão todo o mundo), que ainda antes de sair a luz, & estando dentro do ninho, ou ventre materno, foy ouvido cantallos.»

Segundo o Evangelho, a mãe de S. João, esclarecida por luzes divinas ao ser saudada por Maria, que a felicitava por se manifestar nela a graça do Senhor, penetrou o mistério que se operara no seio da mãe de Jesus, e comunicando-se as suas vivas comoções ao fruto que trazia nas entranhas, *sentiu seu filho exultar em seu seio.* S. João, profeta desde o ventre materno, reconheceu e anunciou a presença do Salvador (2).

Observa Leite de Vasconcelos (*Ensaios Etnográficos*, III, 45) que o milagre dos filhos de Rebeca, mencionado nestas palavras «...geminos edidit, qui *in matris alvo exultasse* saepius traduntur», lembra a nossa superstição popular a respeito dos *meninos bentos.*

XI

Lôbo não mata lôbo



Variantes:

a) **Nunca um lôbo mata outro.**
b) **Com um lôbo não se mata outro.**
c) **Lôbo não manjeia lôbo** (3).
d) **De lôbo a lôbo não vai nada.**
e) **Cão não mata cão.**
f) **Um áspide não mata outro.**

Os maus, ou os da mesma profissão, não fazem mal uns aos outros.

Angolense: *Kimbúngu ka kaiê mukuá.* (Um lôbo não devora outro) (4).

Francês: *Les loups ne se mangent pas entre eux.*

---

(1) Lisboa, 1706, I, 234.

(2) *O Evangelho*, pelo padre Dehaut, tradução do padre A. Gomes Pereira, Pôrto, 1905, I, 179-180.

(3) Vid. a *Enciclopédia de Aplicações Usuais.*

(4) Cordeiro da Mata, *Filosofia Popular em Provérbios Angolenses.*

Ingleses: a) *Hawks do not pick out hawk's eyes;* b) *Dog does not eat dog.*

Italianos: a) *Il lupo non mangia della carne di lupo.* (Séc. XVIII); b) *Lupo non mangia lupo;* c) *Lupo non mangia mai ciccia di lupo.*

Espanhol: *Un lobo á otro no muerde.*

Latinos: a) *Canis caninam non est;* b) *Canis caninam non est mordere pellem.*

Confira: a) *Ladrão não furta a ladrão;* b) *Corvos a corvos não se tiram os olhos.*

XII

Pouca barba pouca vergonha

As barbas são consideradas como distintivo da virilidade, da coragem, da energia, da honra, da autoridade e do saber.

Um homem de longas barbas é prudente, sábio, recto, esforçado e valente; o grau da sua respeitabilidade está na razão directa da longura das suas barbas; as suas palavras são sentenças de oráculo, os seus conselhos seguros e infalíveis, o seu braço extremamente vigoroso e possante. Daí as expressões usuais: *ter barbas para uma emprêsa arriscada; empenhar as barbas* [1]; *barbas honradas; boas barbas; fracas barbas; fazer* (ou *dizer*) *alguma coisa nas barbas de alguém; respeitar, honrar* ou *desonrar as barbas,* etc., e, ainda, *ter bons bigodes,* no sentido de «ter aspecto varonil, boa presença»; *homem de bigodes,* para significar o indivíduo que tem firmeza de carácter.

---

[1] É sabido que D. João de Castro, nosso Vice-Rei da Índia, levantou ali um empréstimo, sob penhor das suas barbas. O *Almanaque Bertrand* de 1900, p. 259, cita um caso idêntico, precedentemente ocorrido, e narrado por Jacques de Vitry, na sua *História das Cruzadas,* liv. I, colecção de Guizot, t. XXII, p. 142.

Vitry, depois de dizer que os habitantes da Síria consideram como o maior dos opróbios que se lhes corte a barba, ou, sequer, que se lhes arranque um pêlo dela, conta que Balduino, conde de Edessa, tendo empobrecido, recorrera astuciosamente a seu sogro — um Arménio riquíssimo — a quem prevenira de que forçado pela necessidade, empenhara a barba aos credores. O Arménio, querendo salvar dêsse opróbio eterno a filha e o genro, deu a êste trinta mil besantes, sob promessa de que daí em diante nunca mais empenharia a barba, quaisquer que fossem as circunstâncias críticas em que se encontrasse.

Segundo o articulista do *Almanaque Bertrand,* a aproximação dêstes factos lança bastante luz sôbre o hábito oriental a que o nosso D. João de Castro recorreu, e faz-nos compreender mais vivamente a valia do penhor por êle oferecido aos seus credores.

A barba não se cortava para ser deposta nas mãos dos prestamistas. Continuava a honrar a cara do devedor, o qual se obrigava sòmente ao opróbio de cortá-la, ou de se submeter a que lha cortassem, se faltasse à sua palavra, e portanto, à sua honra.

*

Vem de longes tempos a veneração dos rostos pilosos e a privação da barba como castigo. Já os pagãos guarneciam de boas barbas as figuras de quási todos os seus deuses e semi-deuses.

Refere a *Bíblia* [1] que Hanon prendeu os servos de David e lhes mandou rapar metade da barba.

Da *Bíblia* anotada pelo padre António Pereira de Figueiredo (nota aos *Reis*, II, X, 4) consta que foi êste, também, o castigo que os Lacedemónios depois deram aos que na batalha davam costas ao inimigo. Cita aquele comentador o passao de Plutarco, na *Vida de Agesilau: Fugientibus ex acie ignominiae causâ barbam partim radunt, partim promittunt.*

Em nota aos *Números*, XXXV, 6, ensina ainda o padre A. P. Figueiredo que os imperadores romanos Graciano, Valentiano e Teodósio o Grande, por uma lei que anda no código de Teodósio o Moço, condenam a destêrro, a açoites e a perderem os cabelos e a barba a todos os que, de sua autoridade, tiverem tirado um homem da igreja.

Diz Vilas-Boas na *Nobiliarchia Portuguesa*, que os Egipcios nobres traziam longas barbas, por divisa de nobreza.

*

A consideração das barbas transparece, aqui e além, na nossa tradição popular.

Assim, há os adágios: a) *Queixadas sem barbas, não merecem ser honradas* [2]; b) *Pouca barba, pouca vergonha;* c) *guarda-te de homem mal barbado e de vento encanado;* d) *cara sem barba, cara sem vergonha;* e) *comer à custa do barba longa* [3].

E temos as canções populares:

a) *Azeitona miúdinha,*
que azeite pode render?
O homem com pouca barba,
que vergonha pode ter?

b) *Espelho que não tem aço,*
vira-se para a parede;
o homem que não tem barba,
poucas falinhas com êle!

c) *Homem sem barba,*
fala amulherada,
muita festa p'ra festa,
mais disso nada.

---

(1) *Reis*, Liv. II, cap. X, 4.

(2) Leite de Vasconcellos, *Lições de Philologia*, p. 87.

(3) I. é:—à sombra da autoridade, antigamente denotada pela longa barba dos magistrados, fidalgos, etc., à custa ou à sombra deles (*Colecção de Provérbios* do Perestrelo da Câmara, p. 20).

Aqueles nossos provérbios casam-se com o provérbio espanhol: *a poca barba, poca verguenza* e com os italianos: a) *Poca barba, e men colore, sotto il Ciel non è il peggiore* (séc. XVIII); b) *L'omu senza varva è un gran minchiuni* (Sicilia); c) *Dio me varda da l'omo de poca barba* (Veneto). (1)

Mas, se o povo assim se manifesta em favor das másculas barbas, também não oculta a aversão a tais pêlos, quando êstes ensombram um rosto feminino, como expressa nos provérbios: a) *A homem ruivo e a mulher barbuda, de longe os saúda;* b) *A mulher barbada não dês pousada.*

Como se vê do primeiro dêstes dois últimos provérbios, a *barba ruiva* é que não merece confiança ou consideração. A confirmá-lo tem ainda os provérbios: a) *Falso por natura, cabelo preto e barba ruiva;* b) *Ruivo de mau pélo mete o demo no capelo;* c) *Se o grande fosse valente, e o pequeno paciente e o ruivo leal, todo o mundo seria igual;* d) *Para um coxo um careca, para um careca um ruivo e para um ruivo um tiro.*

Está no mesmo caso a *barba de três côres,* da qual diz outro provérbio: *Barba de três côres, barba de traidores.*

As barbas são igualmente objecto de veneração entre alguns povos africanos, como testemunham Capelo e Ivens, aos quais certo soba ofereceu generosa retribuição para que êles implantassem no seu rosto lampinho alguns cabelos das compridas barbas que ostentavam. Dizem aqueles distinctos exploradores do continente negro que as suas barbas causavam por toda a parte a estupefacção do belo sexo e a inveja dos homens. E acrescentam: «A barba, segundo as opiniões mais autorizadas, é objecto tão importante na África, que por si só pode decidir da escolha de um homem para chefe de estado» (2).

*

Em muitas localidades de Portugal, os homens do povo costumam deixar crescer a barba e o cabelo em sinal de sentimento, principalmente por morte de pessoa de família.

Esta forma de revelação de pesar é antiqüíssim. O sapateiro Pedro Esteves, que ficou celebrado na história com a alcunha de *Barbadão,* sabendo que sua filha Inês Pires mantinha relações amorosas com D. João I — de quem aquela houve dois filhos — de tal forma se sentiu do procedimento da filha que, não obstante a alta gerarquia do amante, jámais quis tornar a ver Inês Pires; e

(1) Pitrè, *Proverbi Siciliani,* Palermo, 1880.
(2) Capelo & Ivens, *De Benguela às Terras de Iáca,* I, 77.

como manifestação da sua mágua, tomou as resoluções de deixar para sempre crescer as barbas, provindo-lhe dai a alcunha de *Barbadão*.

Diz-se na *Enciclopédia das Familias*, ano XI, p. 267, que foi tal o sentimento da nação portuguesa por ocasião da morte do rei D. Manuel, *o Venturoso*, que, alêm do burel, da almáfega e dos mais trajes lutuosos com que a nação se cobríu, até aos barbeiros foi proibido fazerem barbas e cortarem cabelos por espaço de seis meses — determinação que rigorosamente se cumpríu.

Já Tito Lívio, aludindo no pesar que ao povo romano causou a prisão do consul Manlio, diz, no Liv. VI: *Conjecto in carcerem Manlio, satis constat magnam partem plebis vestem mutasse, multos mortales capillum ac barbam promisisse* (1). À primeira vista, parece que isto contraria o que atrás se disse na referência a leis dos imperadores Graciano, Valentiniano e Teodósio. Mas não: a frase de Tito Lívio denota apenas que os Roromanos — que usavam longas barbas — manifestavam o seu pesar e o seu luto descurando o tratamento destas e não lhes cortando as extremidades de tempos em tempos (2).

*

Segundo J. Novicow, na sua obra *A Emancipação da Mulher*, não se pode contestar que existe um laço entre os órgãos genitais e aquilo a que se chama os caracteres sexuais secundários. Assim, os homens, quando eunucos, não teem barba.

Já Brás Luis de Abreu dissera no *Portugal Médico*, p. 342, § 197: «A barba pêcca, e despovoada de cabelos em idade não competente, como a dos Lampinhos e Eunuchos, insinua fraqueza atreiçoada, e debilidade astuta, e infiel. Já Marcial reprehendeo semelhante barba». Ed. de Coimbra, 1726.

Em Mondim da Beira diz-se que a um homem que trabalha na meia não cresce a barba. (3)

Aos provérbios depreciativos dos homens privados de barba, contrapõeem os lampinhos: — *Deus deu a barba a uns e a vergonha a outros.*

Leiria, 15 de Janeiro de 1916.

José Maria Adrião.

(1) M. Gilbert — Charles le Gendre, *Traité Historique et Critique de l'Opinion*, tomo 3.º p. 672-673 (Paris, 1761).

(2) Idem, Idem, p. 672.

(3) Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*, p. 256.

TEXTOS ANTIGOS PORTUGUESES

VI

(Cf. *Revista Lusitana*, xv, 177)

As duas narrativas que ora trago a lume foram extraídas do Codice alcobacense n.º 771, do qual o snr. Pedro de Azevedo já aqui (vol. xvi, pag. 101) deu um excerto e que compreende a mais, como aliás informa o respectivo indice, as composições seguintes: uma bastante extensa, pois ocupa nada menos de oitenta e nove e quasi meia folhas, contando as duas que faltam, segundo declaração do mesmo, dividida em quarenta e oito capitulos, de conteúdo mistico, devendo, porêm, notar-se que no verso da folha XCVIII apenas linha e meia foram escritas, estando a parte restante em branco, seguindo-se-lhe uma folha que começa pelas palavras *a ti meesmo* e tem a numeração C e continuando-se até CI, onde apenas se escreveram cinco linhas, dizendo a ultima a tinta vermelha: *aqui se acaba o livro de Ysaac*, tendo o verso dessa folha sido escrito mais de metade, mas depois inutilizado por uns traços cruzados o que aí se escrevera. Na folha imediata CII lê-se: *capitulo que fala em quantas maneiras peca o homem eno pecado da aciidia e som* XII e no verso da CIII, cinco linhas antes do fim, encontra-se o mencionado excerto, o qual se estende até fols. CVIII, em cujo verso ha assinaturas, frases, notações musicais etc. e imediatamente depois uma folha que não pertence aqui, pois tem o n.º XCIX, mas continua o verso da XCVIII, como indica uma chamada que neste se lê, estando a seguir os textos que vão adiante, dos quais o primeiro se estende de fols. CX, Rº, a fols. CXVI, Vº, principiando o segundo na folha seguinte, CXVII Rº, e vindo a terminar a fols. CXIX Rº, em cuja parte inferior se escreveu: *Sequitur* e *começa-se a vida de sancta Maria egiciaca e do sancto homem Zozimas,* a qual verdadeiramente só se inicia no verso, concluindo-se no da folha CXXXV, até pouco mais de meio, lendo-se a seguir: *Incipit vita sancte Pelagie edita a Jacobo Diacono,* ou seja a *vida de Santa Pelagia*, versão inteiramente identica á que se acha no codice 266 e já aqui (vol. x, 179) publicada. No verso da folha CXLVI, logo no principio, lê-se: *capitulo: que nobre e sancta cousa he guardar o homem sua consciencia,* seguido doutros até o fim do volume intitulados: *da oraçom per que os homeens guanham a gloria do parayso; da alta contemplaçom, a qual he sobre toda oraçom* e finalmente: *como he maa cousa e muyto*

de esquivar a companhia e conversaçom das molheres. Do que deixo escrito vê-se que o conteudo do volume concorda com o indice nele existente e, segundo parece, coevo com o livro, apenas com a diferença de indicar a folha CXX para a vida de santa Maria egiciaca, mas é evidente ter havido alterações da parte do encadernador na colocação das folhas, como já notou o snr. Azevedo. É mesmo possivel que a colocação defeituosa das várias partes de que ele se compõe ascenda ao tempo da sua organização, porquanto o citado indice diz que nas treze folhas desaparecidas figurava desde I a XI uma composição intitulada XII *mandamentos que o bispo Athanasio deu ao duque Antioco* e esta devia preceder imeditatamente a intitulada *vida do duque Antioco*, como se depreende do seu começo e se verifica pelo codice n.º 283, existente na Biblioteca Nacional, que contem de fols. LIX, V° a folhas LXVI, V° e a seguir um ao outro os respectivos originais latinos. Donde estes fossem extraidos não me foi possivel haver noticia, pois não os encontrei nem nas *Vitae Patrum* que, na Idade Media, foram a fonte aonde principalmente se foi buscar a hagiografia em lingua vulgar do tempo, tanto lá fora, (1) como cá, do que são exemplo as biografias das santas Pelagia, Thais (Tarsis no codice 266), Eufrosina e Maria Egipciaca, insertas em latim e português em codices da mesma proveniencia que o 771, nem tampouco no *Speculum historiale* de V. de Beauvais, nem ainda na *Legenda aurea* de J. de Voragine, onde aliás se acham, como é notorio, bastantes das lendas que figuram no agiologio cristão, apenas na sua obra *Commentariorum de Alcobacensis MS bibliothecae libri tres* Fr. Fortunato de S. Boaventura nota a pag. 570, quanto ao primeiro, que Montfaucon o considera entre os apócrifos de santo Atanasio.

Passando ao estudo da linguagem usada nos textos a seguir, a sua comparação com a empregada noutros do tempo (seculo XIV ou principios do XV) mostra-nos perfeita identidade, mas o haverem sido vertidos do latim contribuiu de certo para o emprego não só de grafias alatinadas, que de forma alguma representam a fala de então, como são *enlecto, provecto, sancto, perfecto, delectar, aceptar, dillectos* ou *dellectos*, *fecta* (a par de *feita*), *dicto, plancto, regno, multo, terribili, duru, usu, in*, mas tambem destes e outros vocabulos literarios: *abstinencia* (ao lado do popular *aster*), *revocar, ergo, convivios* etc. Isso não obstante, a palavra *males* ainda aparece sem o *-l-* intervocálico, que per-

(1) Cf. Gaston Paris, *Littérature française au moyen âge*, § 145.

dera regularmente, embora lá se ache *maleza*. Começam tambem a notar-se já contracções nas vogais dobradas, do que são exemplos evidentes estas: *as*, *recebeo*, *revocou* em vez de *aas*, *recebeo-o*, *revocou-o*. Quanto á forma *ouvelhas*, a existencia de *ouelhas* faz crer que nela a repetição da consoante é apenas gráfica.

Direi agora como procedi na respectiva transcrição. No intento de torna-los acessiveis ao maior numero de leitores, continuei o processo, quasi sempre por mim seguido, de pontua-los á moderna, a ortografia, porêm, respeitei-a, desfazendo apenas os breves e representando por *m* o sinal de nasal empregado no codice, excepto quando lá se encontrava *n*. Entre as abreviaturas desfeitas figuram o verbo *guardar*, que escrevi *gardar*, sem contudo poder afirmar, embora muito inclinado a pensar, que assim se proferia ao tempo, e o nome *Deus*, que escrevi assim e não *Deos*, como pretende o snr. Epiphanio Dias (cf. *Rev. Lusitana*, VIII, 170, nota 1), por te-lo encontrado com esta ortografia noutro códice de linguagem similhante, a *Cronica dos X primeiros Geraes da Ordem de S. Francisco*, que sob o n.º 94 se guarda na Biblioteca Publica e está sendo impresso entre as publicações da Academia das Sciências de Lisboa.

J. J. Nunes.

Começa-sse a vyda do duque Antioco que depoys ffoi abbade

Quando esto ouvyo Antiocho, screveo todo em o livro do seu coraçom e muyto apressa ffoy-sse logo ao moesteyro e penssando em seu coraçom, disse: Se eu quiser seer e viver soo, crecer-me-á argulho e soberva, porem melhor he star em o moesteyro sso obediencia e conssiirar e veer a vida e converssaçom dos monjes, e assy com a graça de Deus poderey proveitar e aver boa ffin. E, como o penssou, assy o ffez. E, depoys que emtrou no moesteyro, non penssava que vivya e converssava antre homeens, mays tiinha que vivya e morava com angios, e com todo boo desejo, plazer grande e alegria compria e fazia o que lhe mandavam. Toda honrra, requeza e dignidade e vããgloria do mundo e ponpa reputava e avya por nen hũa cousa; outra cousa non cuydava sse nom em a doctrina e mandamentos do sancto bispo Athanasio. Era muyto humyldoso e avya muyta caridade e amor grande aos monjes, esgardando sempre na vida eternal e perduravyl e nos promytimentos de nosso senhor Jesu Christo. Os monjes que esto viam eram muyto hediffícados, porque o virom muyto rico, em muyta honrra, criado em muyto viço e dillectos, e agora nom

sse avia por homeem, elle que ffora em alguum tempo livre, nem honrrado, e por que com toda humildade ffazia toda obra, aynda muyto reffece, e glorifficavam e davam graças a Deus, que muyto mays dá aos homeens do que elles demandam.

Veendo o emmigo em el tanta emsinança, disciplina e graça, non o pode soffrer e semeou e espargeo, assy como melhor pode, a peçonha da sua maa arte e tenptou de empeecer a este homem e servo de Deus. E o abbade e toda a congregaçom, veendo em el tanta fe e humildade e gram bondade, contra seu proposito e voontade e fazendo aynda el planto e gram doo, o ordenarom e fezerom preposto ao abbade e despenseyro e moordomo dos beens do moesteyro, o quall com muy grande obediencia e humildade e por [1] proveyto do moesteyro tomou o officio.

Este per muytas vezes por proveito do moesteyro hya aa ciidade, em a qual achou huum diacono seu amigo que avya nome Pisto, e per quantas vezes viinha aa ciidade pousava com el. Este diacono avia hũa filha, a qual huum lector per nome Aleyxandre corronpeo e ouve de virgindade. Veendo o lector a moça prenhe, com temor e vergonha e por non seer descuberto, emsinou-a que o peccado e mal que el fezera, que o posesse e dissesse que o fezera Antiocho. E, depoys de XL dias que a moça paryo, o diacono, seu padre, sse querelou do mal que lhe era feito ao bispo, o qual bispo muyto a pressa emviou por a moça e com muytas ameaças e grande espanto a preguntou que todavia lhe dissesse quem commetera e lhe fezera aquel mal. A qual respondeo e disse que o monje Antiocho, que per muytas vezes hya a casa de seu padre e pousava com el, fezera aquel mal. A qual cousa o bispo e todos que com el estavam creerom, e logo muyto apressa e com gram sanha emviou ao moesteyro e lho trouxessem com toda deshonrra a ciidade, e assy foy feito, E quantos ende stavam tantas sentenças davam; hũus o emjuriavam de palavras, outros lhe cospiam no rostro, outros com as mãaos o fferiam, outros o empuxavam e mal tragiam. O qual assy mal tragido o bispo preguntou sse commetera e fezera tanto mal e que o confessasse. Antiocho respondeo em seu coraçom: Eu se diser verdade, a mynha verdade nom seera creuda e mays creerom a ssua mentira. Estando assy o bispo e os creligos e todo o poboo, altas vozes braadou a moça e disse contra el. Que podes tu dizer? Tu non podes negar que tu non fezeste

[1] No original *pro*.

este mal, ca tu geeraste este infante e de ty naceo. Por que ás vergonha conffessar o mal que tu fezeste? Emtom Antiocho, servo de Deus, com grande amargura e affliçom de seu coraçom, gemendo, suspirando, disse: Dade-me esse infante, que diga se he assy, como sua madre diz, e se o geerey eu ou nom, e per el o Senhor Deus mostrará e provará a verdade. E tomou o infante em suas mãaos e levantou seus olhos ao ceeo e disse ao infante: Eu te conjuro per o nosso Senhor Jesu Christo que me digas se foste de my geerado. Entom o infanté per a graça de Jesu Christo deu gram voz e disse: Nom. Oo servo de Deus, tu desta cousa linpo es ante Deus, mays o lector Alexandre geerou este scandalo e fez este mal. Quando a manceba vyo tal prova seer feita, nom per homeens, mays per Deus, cayo ante os pees de Antiocho e expirou, e o bispo, por que creo mal e de ligeiro, pedi-lhe perdom. E o lector Aleixandre partio-sse e foy-sse nom longe da ciidade e emçarrou-se em hũa pequenina cella, vestido em huum saco, carregado de fferro; ataa o dia de sua morte, com muyto planto e choro e gemido, fez digna penitencia por o peccado.

Como o mancebo que furtou a ssaya a pobre se tornou a servir Deus.

E, tornando-sse Antiocho da ciidade pera o moesteyro, chegou a el ao caminho huum mancebo e deitou-sse ante os pees de Anti[o]cho, rogando-o e dizendo: Servo de Deus, perdoa-me; porque crii de ligeyro e como nom devia aquella moça, cospy em tua face. Emtom o servo de Deus, Antiocho, disse a el: Por o que a mym fezeste nom chores, mays chora, jejũua [1] e faze penitencia por a saya que furtaste a hũa muy prove molher viuva. E tu, que avias e tiinhas cinquo sayas, que bem podias mudar, furtaste da viuva hũa soo que tiinha. Quando esto ouvyo o mancebo, maravilhou-sse muyto e estremeceo todo, por que lhe disse como furtara hũa saya e como a tomara de noyte. E ffoi-sse a ssua casa e filhou as suas cinquo sayas e a outra que furtara e levou-as todas sseys e deu-as a vyuva e rogou-a que ffossem ambos lançar-sse aos pees de Antiocho. E, quando Antiocho os vyo jazer ante ssy e vyo que o mancebo sse doya muyto do pecado que fezera, extendeo sua mãao e levantou-o de terra e deu-lhe osculo e beyjo de paz. Entom disse o mancebo ao Antiocho: Senhor, sse me mandares, jajũuarey [2] muytos dias, por que pequey muyto. E

(1) No original *jejuua*.
(2) Idem *jajuuarey*.

Anti[o]cho disse: Em quanto jajũares, que farás? El respondeo: Visitarey meus amygos e procurarey meus negocios e, quando for ora de vespera, comerey. Entom disse Antiocho: Esso nom he jajuum, porque, se tu jajũares e diseres mal ou proffaçares dalguum, ou lhe fezeres [1] emgano, ou fezeres rica cea aa vespera, ou comeres ou beveres muyto, ou fezeres ou cubiçares algũas cousas torpes, a que aprovecta tal jajuum? aster-te das viandas e fazer maaes e torpidades e deleitar-te em elles? O jajuum boom e perfecto he gardar o homem ssua boca de todo maao dizer e de toda palavra maa e ouciosa e ssuas orelhas de todo maao ouvyr e non dar, nem fazer mal por mal e, quando veer ora de vespera, nom coymas outra cousa, se nom pam e agua, e os manjares que fezeres para teu comer dá-os ás viuvas e aos orffõos e aos pobres, e assy sey humildoso, e a tua humildade fará a elles provecto, e elles rogarõm a Deus por ty, e assy seerás scripto nos ceeos. E, quando esto ouvyo o mancebo, logo asinha deu todo o que avia a pobres e seguyo o Antiocho e ffoy-sse com el e emtrou em o moesteyro e viveo em toda abstinencia, humildade e paciencia, com planto, choro e gemidos, e viveo huum anno e, acabado, deu a alma a Deus e *requievit in pax*.

Como Antiocho foy electo abbade.

E depoys desto tres annos o abbade daquell moesteyro deu a alma a Deus e, ante que sse finasse, o bispo da cidade o veo visitar e o abbade o rogou que lhe prouvesse ffazer, depoys de ssua morte, abbade este santissimo Antiocho, e assy rogou toda a congregaçom, os quaes o rogarom que aceptasse o tomasse a abbadia. E o sancto homem, com muy gram planto e choro e contra seu talante aceptou e tomou e foy ordenado abbade, ao qual o sobredito abbade encomendou todos os monges e ffrades e deu a alma a Deus e *requievit in pace*.

Como dous monjes sse sayrom e fugirom do moesteyro.

E, depoys dous annos que o dito Antiocho ffoy abbade do dito moesteyro, dous ffrades, fracos e de pouco saber, de noyte fugirom do moesteyro e, assy como o cam que torna a comer a vyanda que regeyta, assy estes ffrades se lançarom aos viços e dillectos do mundo, vagando e participando em el como ante. Por a ffugida e departimento dos quaes o sancto Antiocho e

[1] No original *feceres*.

servo de Deus era muyto afflicto e tormentado e de dia e de noyte rogava e fazia oraçom a Deus por elles. E, estando el com os monjes a ora de noa em oraçom, o benaventuyrado Antiocho ficou os geolhos e ffoy rapto e levado em spirito. (1) E depoys desto, per spaço de algũas oras, penssarom os ffrades que via el algũa vison. E, acabada a noa e ssua oraçom, partiron-sse do oratorio. E depoys acerca de sol posto o sancto servo de Deus Antiocho sse levantou, dando muytas graças a Deus e dizendo: Gloria seja dada ao Senhor. E outra vez: Gloria ao amador e fazedor e criador de todas as cousas, nosso senhor Jesu Christo, todo poderoso. Entom veerom os ffrades a el, rogando-o que lhes dissesse a visom que vira. (2) O qual fez oraçom e, feyta, disse: Eu ffuy levado per huum angeo a huum canpo, qual non o ssey, o qual me amostrou huum pastor que gardava e pascia muytas ovelhas. Estas ovelhas eram muyto alegres e andavam en bõos prados e de muytas boas hervas, e o pastor sse alegrava muyto com ellas. E o angeo me disse: Vees este pastor? (3) E eu dixe: Vejo, senhor. E el disse a mym: Este he o angeo dos dellectos, que engana e corronpe as almas dos servos de Deus e lhes revolve os corações e as voontades de todo bem e boom penssamento, pera que esqueeçam e olvydem sua devoçom e voto que prometeram e nom servam a Jesu Christo, ao qual sse derom e fezerom de ssy voto em seendo em pequena hydade, e saen-sse (4) e partem-sse dos moesteyros e andam vagos en (5) muytos viços e em ponpas e vaydades do mundo e son per este angeo enganados e tragidos a perdiçom e a morte per sempre perduravyl. E depoys desto fomos a huum outro lugar e mostrou-me huum outro pastor, a vista do qual era muy espantosa e terribil e na maão tragia huum bagoo duro (6) e com muytos noos e com el huum açoute. A vista deste pastor era muyto pessima e maa e terribil (7) e espantosa de veer, do qual eu ffuy muyto temeroso. Este pastor veo e furtou as ouvelhas da grey do primeyro pastor, e trouxe-as a huum lugar muyto streyto e aspero e de muytos spinhos e cardos cheo e comprido assy e tanto que as ovelhas nom podia[m] andar nem sayr dantre elles. Estas ouvelhas eram em

(1) A margem: *como Antiocho foy rapto.*
(2) Idem: *Da visom do abbade Antiocho.*
(3) Idem: *E dos pastores que vio.*
(4) No original *saan-se*: cf. adiante *saae*[*m*].
(5) Idem *in.*
(6) Idem *duru.*
(7) Idem *terribili.*

muy grande coyta e affliçom, por que este pastor as ameaçava e fferia e tragia muyto mal d'huum cabo pera o outro. Eu, veendo que as feria assy e tragia mal, fuy muyto triste e doy-me muyto dellas e dixi ao angeo: Ó senhor, que pastor he este tam sem caridade que nom ha misericordia nem piedade com estas ovelhas? E el me disse: Este he o angeo da penitencia, que toma os servos de Deus que erram e andam ffora do boom desejo e obras e voto que prometerom e sse saae[m] dos seus lugares e andam vagando pello mundo em dellectos e viços da carne, comprindo seus desejos. Este angeo primeiro dá a estes muytas affliçoes, tribullações, infyrmidades muytas; recebem aynda de muytos, no mundo onde andam, muytas injurias e grandes dãpnos e outros maaes e, quando veem que lhes nom vay ben, nem fazem seu proveyto no mundo, vem-lhes na mente e no coraçom a vida celistial e o bem que leyxarom. E, depoys destas muytas affliçoes passadas, vem este angeo da penitencia e torna-os a sseu lugar e correge-os e castiga em boa disciplina e doctrina. E entom penssam em seu coraçom e nembram-sse dos maaes e obras que fezerom no mundo e dam gloria e graças a Deus, que he justo e dereito juiz e justamente rege e governa todas as cousas, e as pennas e affliçoes que elles ouverom forom por seus merecimentos. E disse-me o angeo. Todos os ffeytos e actos carnaaes som dellectos e toda cousa, em que toma sabor e faz de boa voontade com prazer do mundo, sanha ou soberva, ponpa, etc. E o monje bevodo ou que faz propria voontade ou outra cousa ssemelhavyl viço lhe he; estes actos e obras ssom muyto empecyviis aos servos de Deus. Outros viços e dillectos e sabores ha hy que som gram bem aos servos de Deus: obrar bem, continencia, paciencia, obediencia, vigilias; por estas obras fugem a morte e guaanham e ham a vida perduravyl *in secula seculorum*. Estas cousas me mostrou o angeo e tornou-me a meu lugar. E poremde, hyrmãaos, viinde e demos graças ao muyto poderoso Deus, por que benigno, [1] piadoso e misericordioso he e soffre e ha paciencia nas malezas dos homeens e os tira do pecado e trage a penitencia e leva a vida eternal.

Como os ffrades que fugirom se tornarom ao moesteyro.

E depoys acabo de pouco tempo os dous ffrades que fugirom do moesteyro encorrerom em muytas affliçoes e tribulações e grandes doores. E a huum delles naceo na ylharga hũa landoa

(1) No original *begnino*.

e plaga e ffoy lançado e levado a hũa albergaria e per tres vezes per phisicos ffoy talhado e nom o poderom saar. O outro ffoy presso e posto em carcer, emçarrado e carregado de fferro e em lugar muy scuro e ffedorento bem gardado. O sancto servo de Deus nom cessava fazer oraçom por elles, e as suas orações forom ante Deus e Deus ouve misericordia e compassom com elles, e de poys de dous messes soltou-o das cadeas e prisões em que jazia. E el sayo-sse de nocte do carcer e veo ao outro, que jazia na albergaria muyto doente e emfermo e em seus pees nom podia andar e o endussera primeiramente que sse sayssem do moesteyro, e poss-llo em seus ombros e trouxe-o e veo-sse com el ao moesteyro. E, quando esto ffoy per o porteyro ao ssancto homem dicto, deu muytas e grandes graças ao muy poderoso Deus e, ffecta oraçom por elles, recebé-os com pax e com muy gram prazer, e o monje, que era chagado e doente muyto, logo, fecta a oraçom, ffoy ssãao. E estes monjes, que vagando andarom, com toda humilldade fezerom penitencia do que fezerom, andando fora do moesteyro, e tal e tam grande que todos os ffrades sse maravylhavam do seu plancto e afflliçom e lagrimas. E per tres annos compridos fezerom digna penitencia e plazivyl muyto ao nosso senhor e salvador Deus e assy derom ssuas almas a Deus, ao qual he e seja honrra, gloria e senhorio pera ssempre amen.

Outra vez aconteceo que, estando este benaventuyrado Antiocho leendo por o livro dos mandamentos que o sancto bispo Athanasio lhe fezera e disera, quando primeiramente o ffez monje, delectando-sse em elles e leendo-os com prazer com grande alegria, huum dos ffrades, scuytando e com toda diligencia ouvyndo e penssando nas palavras delles, disse a el: Senhor, estes castigos e mandamentos cousas grandes e maravylhosas som e podem alegrar muyto os corações dos que os gardarem e fezerem. E aynda disse: Senhor, estes mandados som duros, graves e caros de fazer e duvydo sse podem seer gardados. E o sancto homem com o ssembrante sanhudo emtom respondeo e disse: Oo homem molle e fraco e pera pouco, como a molher, ffrio e tepido, por que te torvas e duvidas? Nom conhoces a grandeza e nobreza de Deus, quanto he grande, forte, maravylhoso e muy poderoso. E el formou e fez o mundo por o homem e deu-lhe poderio e senhorio sobre todallas [1] cousas que ssom sso o ceeo, na terra e no mar e sobre as aves que voam no aar.

[1] No original *todalhas*.

Em como assy seja verdade que Deus he senhor e poderoso de todas as cousas, como pode seer que nom seja senhor e poderoso destes mandamentos? Dy-me: Rey David nom venceo Golias, gigante, homem forte, armado e gram batalhador? Certo ssy. E venceo por sseo poderio e per sua virtude e fforça? Certo nom, mays per boom proposito e ffe, teendo e creendo firme em sseu coraçom que Deus o ajudaria, e por a ffe e sperança comprida que ouve em Deus ouve victoria e venceo o gigante com hũa pedra. Ora, amygo muyto amado, tornemos a ffalar em sam Stevom, que foy primeyro martyr, quantas feridas e pedradas ouve e recebeo dos judeus! e nom pode morrer, ataa que el rogou e demandou a Deus que recebesse o sseu sspirito. Pera que avemos de contar as virtudes e obras e fectos dos homeens? Se queres, ffalemos em aquella sancta molher, Judyth, muy mays forte que todos os homeens, que venceo o muy forte e poderoso de muitas gentes, Ollofernes, nom por ssua virtude propria, mays per voontade e poderio de Deus. Esta sancta molher nom penssou, nem cuydou sua fraqueza e como era molher, nem disse, nem penssou que em a ciidade eram e stavam muytos fortes batalhadores e aviam uso (1) de batalhar e nom ousavam de sayr da ciidade, nem pensou como era molher e fraca e como avya d'yr a hũa tam grande hoste e antre tantos homeens armados. Esto todo reputou e ouve por nen hũa cousa e, armada de e ffe sperança, emtrou e foy com firme coraçom e deiitou-sse e fez oraçom e, assy armada per ffe, sse foy e matou Olophernes, nom ela, mays o muy poderoso Deus, ao qual sse ella de todo coraçom e voontade deu, e assy cortou a cabeça do seu contrairo e emmiigoo. Tyremos ergo de nós toda duvyda e priguiça e ajamos firme ffe e sperança, por que o Senhor Deus por aquelles que a ham usa das virtudes e a elles dá esforço pera todo bem fazer. Dy e rogo-te que me digas: que virtude ou que esforço ouve o ladrom posto na cruz? certo nem huum, salvo que soo ouve ffe e de todo o coraçom creo, por a qual ffe mereceo primeyro que outro nem huum emtrar no parayso. Ou qual virtude ouve aquella molher que com myrra e aloes ungeo o nosso senhor e lavou com suas lagrimas os seus pees e ffoy salva, sse nom pura e verdadeyra fe? Nom te quero dizer da ffe e batalhas de Thecla e sancta Enes e de sancta Euffemia e de outras muytas molheres martires, que nom podem seer contadas, e todas em dia do juyzo ham de receber do nosso senhor Jesu

(1) No original *usu*.

Christo coroas pera sempre, por a gram fe e esforço que ouverom. E aquelles que ssom fracos e duvydosos de coraçom, os quaes ora o diaboo spanta e poem temor e tremor, e que dizem que nom podem ffazer bem óvyróm e veeróm depoys as molheres e os infantes e os menynos cantando em o parayso em muy grande gloria, dando graças e louvores ao muy alto Deus, e elles hyram e seeram dados a pena pera sempre. Porem te digo que todo o homem que de coraçom e voontade prometer e quiser servir a Deus pode gardar e cumprir e fazer estes mandamente, mays os que som duros de coraçom e de pequena fe nom os pode[m] gardar. E porem vos, que ssodes fracos, temerosos e duvydosos, avede sperança e ffe de todo coraçom e voontade em o Ssenhor e logo sem nen hũa duvyda conhocerедes que nom ha cousa mays ligeyra, nem mays segura, nem mays leve que servir a Deus em esta cavalaria e seer monje de Jesu Christo e nom servir ao mundo e as cousas misquinhas del, por que os que a Deus servem de coraçom emtrarám e possuyram o reyno dos ceos, e aquel que o busca aquel o acha, e aquel que o pede o dam, e aquel que fere e bate aa porta, aquel abrem. Assaz he muyto mesquinho, vãao, sandeu e de pouco saber aquel que em este mundo quer aver plazer e alegria e depoys no outro aver plazer e gloria com Jesu Christo. Porem, hyrmãaos, en este tempo pequeno que avemos corramos e servamos a nosso senhor Jesu Christo, por que el he fonte de vida e rayz de toda bondade; a el seja louvor e gloria *in secula seculorum*, amen. *Explicit vita ducis et abbatis Antiochi.*

Este he o dicto e vida de huum monje de Roma que grande no paaço do emperador foy.

Veo em outro tempo huum monje da ciidade de Roma, o qual ouve no paaço do emperador gram lugar. Este morou em o monte que he dicto e chamado Stiti antre os ffreguesses da igreja. Este avya huum servidor que o servia e lhe ministrava as cousas que avya e lhe faziam mester. Veendo o creligo da igreja a ffraqueza deste monje e como fora criado e vivera no mundo em muytos viços e dellectos, das cousas que el tiinha e lhe Deus dera e das offertas que viinham a ygreja ministrava e partia com el. O qual monje em o dicto lugar de Stiti viveo per XXV annos, e era muyto grande contenplador e por os actos de fora conhocia as emtenções e condiçõoes e feitos dos homeens em tanto que era dito e avydo por propheta. Huum monje dos grandes do Egypto, ouvyndo ssua fama, partio-sse do Egipto e veo-o

veer, pera saber o modo seu de viver, sperando de achar em el vida, modo e converssaçom mays streyta. O qual monje em sua emtrada o ssaudou e, feyta a oraçom, sse poussarom. Veendo o monje hospede como este monjé que el veera buscar estava vestido de pannos nobres e delicados e almocella e pelle em que dormya e cabeçal sso ssua cabeça e os pees lavados e com calças, ffoy 'scandalizado dentro em ssy, por que non era tal custume antre os servos de Deus em aquel lugar, mays usavam e ffaziam abstinencia mays streita em todo. O velho romaão era, como já dixe, contenplador e avia graça de prophecia, e emtendeo que o monje hospede era escandalizado em el por o sseu modo de viver e disse ao seu servidor: Ffaze hoje boom dia por este monje que veo. E o servidor cozeo hũas poucas de verças que tynha e, depoys que ffoy hora honesta pera comer, comerom. E o velho por ssua emfirmydade tiinha huum pouco de vinho e aquel beverom. E, depoys que foy hora de vespera, disserom XII psalmos e dormirom e outros XII disserom de nocte. E, como foy manhãa, o monje do Egipto disse ao velho: Roga e faze oraçom a Deus por my. E ssayo-sse e ffoy-se scandalizado e pouco hediffìcado. E, yndo ja huum pouco fora da cella, veendo o velho que hya scandalizado e querendo-o saar e reconciliar, enviou pós el e revocou-[o] e trouxeo aa cella e recebé-o com grande amor e com muyta caridade e preguntou-o de qual provyncia era. E el disse: Eu som do Egipto. E o velho disse e preguntou: De qual ciidade? E el respondeo: Eu nom fuy de ciidade, nem vivy, nem morey em ella. E o velho o perguntou: Ante que ffosses monje, que fazias e que officio usavas na aldea e lugar em que moravas? E el respondeo: Era gardador dos agros. E o velho o perguntou: Onde dormyas? E el respondeo: No agro. E disse: Tiinhas algũa cousa strada? E respondeo: Eu no agro avya de teer strado e cama em que dormisse? E o velho disse: Em que dormyas? E el respondeo: Em terra ssem outra cousa. E o velho romãao disse: Em no agro que comyas ou que vinho bevyas? E respondeo: Pam e bevya agua, que tal he o comer e bever nos agros. E o velho disse: Como ergo vivyas? E respondeo: Comya pam seco e das hervas que achar podia e bevia da agua. E o velho disse: Que gram trabalho e forte vida! E ffez-lhe outra pregunta: Avyas banho em que te lavasses? E el respondeo: Nom, mays, quando queria, lavava-me em no ryo. Depoys que o velho o preguntou e soube del todas estas cousas e soube os seus trabalhos e o modo da sua vida que ouvera e ffazia ante que fosse monje, querendo-o hediffìcar e fazer em el

proveyto e qualquer bem, contou-lhe e disse toda sua vida que ouvera e qual fora, quando era secular e vivya no mundo, e disse: Este mesquinho de mym que tu vees sey certo que eu ffuy da gramde ciidade de Roma e avia gram lugar ante o emperador e em sseu paaço. E o monje que veera do Egipto, em seu dizer e começo de suas palavras movido e pungido em seu coraçom, com todo boom desejo e boa e pura entençom ouvya o que o velho dizia. E disse: Eu leyxey Roma e viin a este hermo. E aynda disse: Eu avya muytas e grandes casas e muytos dinheiros e pecunyas e todo leyxey e desprecey e viin pera esta pequena cella. E aynda disse: Eu avya lectos cubertos de ouro e com roupas muy preciosas e de muyto valor, e por esto deu-me Deus este almadraque e esta pelle. As mynhas vestiduras eram de [tam] gram preço e de [tam] gram valor que nom podiam seer extimadas, e por estas nobres trago e uso [1] de aquestas viis. [2] E aynda disse: No meu jantar sse despendia muito [3] ouro, e por aquel nobre jantar deu-me Deus hũas poucas de verças e huum vaso pequeno de vinho; avya muytos servidores que me serviam, e por todos elles deu-me Deus este huum; por os banhos que avya, lavo os pees com hũa pouca de agua; e por mynha emfirmidade e fraqueza uso [1] e trago estas pequenas calças e piugas; e por laude, rabeca e citola e outros strumentos musicos em que me delectava em meus comeres e meus convyvios, digo XII psalmos de dia e XII de nocte; e por os peccados que ante fazia, ffaço prazer pouco e serviço pequeno e sem provecto a Deus. E porem te rogo, oo padre, que nom sejas scandalizado por a mynha emfirmidade. E, quando esto ouvyo o monje que veera do Egipto, (e) em ssy meesmo penssando, disse: Maldiçom he a mym, por que de muyto trabalho e de muytas afflições do mundo viin ao hermo a repouso e a gram ffolgança, e o que emtom nom tiinha, nem podia aver, agora o tenho, mays tu de muyto bem, viços e dillectos e requezas e plazeres do mundo, de tua proprio voontade, veeste em muyta affliçom, em muyta humildade e gram proveza. Do qual sermom e dizer o monje do Egipto ffoy muyto edifficado e conssolado e fycou muyto seu amygo e assy sse partio pera sua cella. E muytas vezes e muyto ameude o viinha veer e visitar por sua conssolaçom, por que era o servo de Deus complido da graça e odor do Spirito ssancto. *Laus et gloria sit Christo. Amen.*

---

(1) No original *usu*. (2) Idem *viins*. (3) Idem *multo*.

TRADIÇÕES POPULARES DE BARROSO

(Concelho de Montalegre)

(Continuação da pág. 302, vol. XVIII, fasc. 3-4)

VI. — COSTUMES

I. **Vida infantil.** — Quando se lava uma criança pela primeira vez deita-se a agua ao longo duma porta e diz-se:

A agua a correr,
E o menino a crecer.

(Cortiços).

Se é rapaz deita-se a agua á rua e diz-se:

O mundo é p'rós homens.

Se é menina deita-se atrás duma porta.

(Montalegre).

Em casa estranha, quando se péga numa criança, diz-se:

Se em todas as mãos crêças,
Só nas minhas não desmerêças.

(Montalegre).

Quando se vê uma criança pela primeira vez, diz-se:

«O Senhor te benza e te ponha a virtude».

Ás crianças de peito põe-se no pulso esquerdo uma figa benzida.

Uma criança é voltada frequentes vezes no berço para não ficar com a cara mais gôrda dum lado do que do outro.

E' costume fazer-se o batismo duma criança dentro de oito dias depois de nascida. A criança é conduzida pela parteira acompanhada pelos padrinhos. Uma rapariga conduz uma caneca com agua, uma toalha e sal. A madrinha dá o enxoval e paga á mulher que conduz a criança. O padrinho dá a baeta á criança, uma galinha, e uma vela de 120 reis ao padre, e paga aos rapazes que pegam nas velas e tocam os sinos. Os rapazes que vão á espera da *rebatina* (dinheiro, confeitos, etc.), se os padrinhos não lhes atiram nada, dizem:

Remoinho, remoinho,
... para o padrinho

Remoinha, remoinha,
... para a madrinha.

II. **Vida religiosa.** — O dia de Santa Cruz é considerado como o maior dia-santo do ano.

No domingo de Ramos levam algumas pessoas á igreja para serem benzidos. Levam tambem varas de azevinho, e com elas esfregam depois as barrigas das vacas quando doentes.

Nas ruas por onde passam as procissões é de uso espalhar diferentes hervas, alecrim, flôres, etc. Nas janelas põem-se colchas e toalhas.

Santos advogados:

S. Sebastião, fome, guerra e leitões; S. Antonio, porcos; S. Luis, vista; S. Bras, garganta; S. Frutuoso, cão *derramado* (danado); S. Salvador, gado; S. Jeronimo e Santa Barbara, trovoada.

Entre as diferentes promessas feitas aos santos ha: a de pesarem-se a centeio ou a cêra; a de darem de joelhos em redor duma igreja, em geral, nove voltas; a de irem descalços com uma vela na mão em qualquer procissão; a de irem os filhos vestidos de anjos ou de penitentes, conforme as procissões. E' costume assistir ao cumprimento da promessa a pessoa em intenção da qual esta é feita.

Quando o paroco vai *tirar o folar*, coloca-se em uma mesa alguma das coisas seguintes: um *trigo*, uma laranja com uma moeda de prata ou cobre, *ofertas brancas* (ovos), uma *bica* de manteiga, um ou mais arrateis de açucar, tudo coberto com uma toalha. Do lado de fóra da porta colocam-se cobertores ou mantas que servem de tapetes.

Num dia aprazado de Setembro ou Outubro levam em carros ao paroco a lenha para queimar durante o inverno, que por sua vez os obsequeia com abundante jantar.

As mulheres e as crianças quando passam por um padre dizem: «Bote-me a sua benção».

Em Mourilhe, no dia de S. Brás, depois da procissão, bebem na igreja uma pinga d'agua que lhes dá um dos mesarios, passando-lhes depois o paroco no pescoço uma vela de cera. Algumas pessoas levam para casa algumas garrafas cheias da mesma agua.

Homens e mulheres vão á missa sempre com as capuchas.

Em algumas povoações há o hábito de cantar na igreja durante a missa.

Quando alguem deixou de cumprir o preceito quaresmal, diz-se que «ficou como as messes de Santo Adrião» (Montalegre).

No sitio em que alguem é assassinado ou morreu de desastre, põe-se uma pequena cruz de madeira.

Para desviar uma trovoada é bom deitar no lume hervas

santas (ramos de oliveira, alecrim, loureiro, cangorsa [1]) benzidos na igreja em domingo de Ramos); nas frèguesias de Padrôso, Padornélos e Donões vão tocar os sinos da igreja.

Quando troveja, é Deus que está a ralhar. E' costume rezar o *credo em cruz*.

Emquanto ceiam na noite de Natal põem no fogó do lar um bocado de carvalho *berinho* e, acabando de cear guardam o tição para o pôrem no lume quando *tôa* (troveja) porque o fumo dêles livra dos raios.

De noite por ocasião de trovoada só se acendem candeias de azeite.

Durante uma trovoada não devem estar as crianças á janela, porque podem ficar *enjagadas* (enfezadas).

III. **Vida domestica.**— Em Barrôso ha apenas duas refeições: o jantar, entre as 9 e as 11 horas, antes da saida do gado para o pasto; e a ceia, a refeição mais abundante, á noite.

Sempre que se sai de casa para guarda do gado, qualquer trabalho ou mesmo simples passeio, é costume levar-se a chamada *merenda*, que consta de pão de centeio.

Quando se acaba de comer o caldo em casa alheia, diz-se «Deus dê saude a quem o fez»; ao que se responde: «Bom proveito lhe faça.»

Se se oferece com insistencia alguma coisa a alguem, se aceita diz: «Já que tanto ateimas, vá lá.» Se se responde «em cortesia, não quero,» não se insiste mais.

Quando se aceita um copo de vinho, diz-se ao bebê-lo: «á saude»; ao que se responde: «que lhe preste.» Acabando-se de beber, é delicadeza voltar o copo a escorrer, ou coloca-lo voltado.

Quando alguem vai a casa estranha e lá o obsequeiam com uma tigela de leite, ao acabar de bebê-lo diz: «Santo Antonio guarde a vaca»; ao que o oferente responde: «E o bezerrinho que o mamou.»

Quando alguem chega a logar onde se está comendo, diz logo antes de qualquer cumprimento: «Coma, que bem lhe preste» ou «Faça-lhe bom proveito;» ao que se responde francamente: «Assim fará, se fôr servido.»

Subsiste o habito de patrões e criados comerem do mesmo prato e beberem pela mesma vasilha.

Quando alguem anda até tarde em jejum e tem entrado em

---

(1) Congossa.

casa alheia sem que lhe ofereçam de comer, diz: «Já fui a casa de F..., mas não tirei o freio.»

Quando alguem deixa cair um bocado de pão, diz: «Para as alminhas.»

E' costume dormirem nús.

Quando alguem mata uma raposa, é costume irem pelas portas pedir ovos.

Saudações: da manhã: «Bons dias lhe dê Deus» ou «Venha com Deus.»

A quem anda trabalhando: «Deus os ajude.»

De quem chega: «Salve-o Deus,» ou «Guarde-o Deus.»

Da noite: «Boas noites nos dê Deus,» ou «Deus nos deixe passar boas noites; adeus passem bem a noite; o Senhor lhe dê as mesmas.»

De despedida: «Adeus até amanhã, se Deus quiser,» ou «Então adeus e mais companhia», ou« Santinha, até mais vêr.»

É expressão de agradecimento: «Muito obrigado ós teus fabôres, se precisares d'alguma coisa que t'eu possa fazer 'stou ás ordes; Muito obrigadinho»; a que se responde: «Não haja [1] por isso,» ou «não por isso.»

Para agradecer uma coisa de que não se precisa diz-se: «Muito obrigado,» ou «Muito agradecido, não me faz preciso.»

Depois de alguem responder o nome da terra a que pertence, costuma o interrogante dizer: «Por muitos anos e bons», ao que se responde: «E vossemecê que os conte,» ou «E vossemecê que os veja.»

O tratamento usual dos sobrinhos aos tios e ás vezes aos pais é «sr.» e «você.» Ao avô chama-se «paizinho.» Dá-se tambem o nome de «tio» a qualquer individuo desconhecido ou de certa idade.

E' costume muito antigo deixar-se ao filho mais trabalhador a terça parte da herança.

Eis os presentes que em Montalegre é costume oferecer ás pessoas de amizade nas diferentes epocas do ano: Pelo Entrudo: orelheiras, pés de porco, pernicos e chouriços.

No 1.º de novembro: vestuario, lenços, saias, etc.

Pela Pascoa: folar (pão cozido com carne), cabritos, manteiga e ovos.

Pelo S. Martinho: vinho e castanhas.

E pelo Natal: bacalhau, polvo, manteiga e ovos.

---

[1] [Deve ser *nanja*? J. L. de V.].

Ha o costume de presentear o paroco por ocasião das confissões geraes.

Se se diz a alguem que tem um porco ou um bezerro bom, logo responde: «Santo Antonio o guarde» ou «Se Santo Antonio o guardar.»

Em cima do lar, mesmo iminente ao fogo, costuma estar pendurada uma corrente de ferro, a que chamam *gramalheira*, que sustem na extremidade inferior uma caldeira para aquècer água para os usos domesticos.

E' costume deitar-se sal no lume para fazer desaparecer o fumo produzido pela lenha que arde mal.

IV. **Morte e funeraes.** — As mulheres, quando estão de luto por morte dos maridos, tiram os brincos, e cortam o cabelo, deixando apenas á frente uma pequena cabeleira; usam lenço preto e meias ròxas. Os viuvos deixam crescer a barba, pelo menos durante um ano.

Quando morre alguem da casa, é costume tirarem as campainhas ao gado em sinal de luto. Subsiste o habito de o defunto ir para a cova de barba rapada.

No caixão mete-se uma bula, um rosario, e medalhas de santos a cujas confrarias pertencia o morto (Fiães do Rio).

Quando qualquer pessoa está moribunda, é costume tratar logo dos preparativos do enterro, compra de vinho, etc.

O pagamento ao paroco por uma *cabeceira*, ou entérro de cabeça de casal, varia nas diferentes frèguesias, constando de certo número de alqueires de centeio, em geral 18, alguns arrateis de cêra, geralmente 14, um carneiro que a irmã do padre vai escolher no rebanho e 1500 reis [1]. O padre que canta a missa recebe 2.500, e os que vão ao oficio de corpo presente 1.000 reis, e levam uma missa a 300 reis. Se se trata de *meia cabeceira*, é a contribuição no centeio reduzida a metade. Se os padres fazem o serviço gratuitamente, é-lhes oferecido o jantar. Os vizinhos que foram com o gado no *dia obito* comem á noite.

Oito dias depois do ofertorio é oferecido um jantar aos homens que conduziram o cadaver, aos que foram chamar os padres, etc.

As pessoas que velam o cadaver tem pão de centeio e vinho. Emquanto o cadaver se conserva na igreja, distribue-se á porta o *carôlo*, que consta de pão e vinho.

---

[1] Cf. *Revista Lusitana*, v. 13, pag. 19.

Em algumas freguezias fazem-se ainda os enterros dentro das igrejas, e nestas ha um logar reservado para o paroco.

V. **Vida pastoral e agricola.** —As pessoas e tambem os animaes que foram mordidos por cães *derramados*, é costume leva-los a S. Frutuoso (Montalegre), prometendo-lhe uma ou mais cabeças de gado, e comerem pão depois de terem tocado com êle algumas vezes a imagem do santo.

Todas as vacas teem nomes: Eis os mais usados: *Cuca, Ruda, Galheira, Formosa, Cereja, Dourada, Mourisca, Galanta, Cordeira, Castanha, Pinheira, Briosa, Redonda, Galharda, Cabana, Oliva, Beleza, Barmelha, Goucha, Marela, Laranja.*

Ha nomes mais usados em certas povoações do que noutras.

Perguntando a um lavrador em Outeiro a significação daqueles nomes respondeu-nos:

Briosa, que é opiniosa e *hábel*, que tem brio em tudo o que faz.

Galharda, quando tem as galhas abertas e puxadas.

Cabana, galha decida á frente;

Pinheira, galhas direitas acima e viradas ó fora.

Os bois são designados pelos nomes de *Castanho, Louro, Marelo, Cabano* e *Pisco.*

As cabras tem tambem os nomes de *Pinta, Branca, Marela, Estrela, Móna, Brava, Franjuda, Côrça, Goucha*, e *Cabana.*

Ha o costume de dar a um animal o nome da terra d'onde veio, e o mesmo acontece com as pessoas.

Os lavradores, quando de noite não ouvem o som das campainhas postas no pescoço das vacas, logo ficam apreensivos por as suporem doentes.

Para afugentar das córtes os ratos, queimam nelas calçado velho e cascos de vitela, e se se trata de afastar as febres dos animaes, faz-se um defumadouro de galhos de carneiro, ruda, fosforos, solas velhas, e alecrim.

No Domingo-Gôrdo costumam os pastores levar comsigo boas merendas e comerem-nas juntos.

E' muito vulgar os pastores usarem capotes de palha (a que chamam *croças*, luvas e polainas. Quando o godalho vem arripiado do monte, diz-se:

De verão bom era,
De inverno nunca t'eu tivera.

(Fiães do Rio).

Em Montalegre, no dia 1.º de Maio, enfeitam as pastoras o

melhor godalho dos seus rebanhos com fitas e flôres, e levam-no pelas ruas da povoação, dizendo, ao som de pandeiro e castanhêtas:

> Senhores! aqui se apresenta o bicho godalho,
> O grande comedor de lameiros,
> O grande saltador d'hortas
> Rão tão prão, viva o Maio, viva o godalho!

e quadras como a seguinte:

> A Ana das Talhadas
> Era uma grande realista:
> Os rapazes da vila
> Deram-lhe cabo da crista.

Em Cortiços no mesmo dia as pastoras enfeitam o godalho com flores do Monte e fitas de sêda no lombo e na cauda, uma laranja dependurada em cada côrno, na cabeça uma boneca a fiar, e ao pôr do sol conduzem-no para a povoação na frente do respectivo rebanho, guiado por duas pastoras vestidas de branco.

No verão, quando o sol está ao Sul, chamam-lhe «estrela com que o boi môsca.»

Em Vilar de Perdizes os criados tem alimentação, *usos* e soldada. Se são homens, constam os usos, para cada um, de dois pares de calças, tres camisas de linho cru, um par de sócos, e respectivos concertos. Se raparigas, uma saia de burel, uma *saiola,* tres *inaguas*, um par de sócos, dois lenços, e dois pares de meias.

No tempo das segadas é em Barroso costume juntarem-se os vizinhos, e trabalharem em comum ([1]). Algumas vezes os lavradores contratam gente que anda á geira e constitue ranchos. A geira no verão regula por 500 reis a sêco, no inverno por 360 a 400 reis sêcos.

Nas segadas todos os trabalhadores comem nas casas onde trabalham, regulando a geira dos *atadores* por 550 reis, e a das *seitoiras* por 300 reis a 360 se são homens, 200 a 240 reis se são mulheres.

A alimentação no tempo das segadas consta de pão e vinho, de manhã cêdo, a que chamam *parva;* o almoço ás 8-9 horas consta de carne ou bacalhau com batatas, vinho e *caldote* (caldo). Ao meio dia o jantar é de composição semelhante ao almoço. A merenda é a comida (refeição) mais forte: consta de arroz e carne de duas qualidades (toucinho e cabra ou carneiro), e vinho. A ceia consta de carne com batatas e caldo.

([1]) Dos vestigios de comunismo que ainda ha em Barroso trataremos noutro logar.

Ao acabar a malhada da cabeceira do ultimo *eirado*, se o fiador não está presente com o vinho, os malhadores agarram o dôno da casa, deitam-no no *painal* ([1]) e levam-no em charola em volta da eira, emquanto outros com os malhos no ar vão cantando e fazendo algazarra. Por ultimo, e emquanto não aparece o fiador, deixam-no cair algumas vezes a corpo môrto.

A malhada do ultimo eirado chama-se *do galo*, que os malhadores devem comer na ultima noite, mas que nunca comem.

Em Montalegre é costume dar a cada trabalhador, alem da geira e da alimentação, uma cigarrilha ou um vintem de cigarros.

Antes de se começar qualquer serviço faz-se o sinal da cruz.

Para desmamar os bezerros põem-lhes os lavradores no focinho uma taboinha com pregos.

Nomes dos mezes: *De S. João* (Junho), *de S. Tiago* (Julho), *de S. Miguel* (Outubro), *dos Santos* (Novembro), *de Natal* (Dezembro).

Quando se deitam os ovos a uma galinha, diz-se:

Em louvor de S. Salvador,
Saiam todos frangas e um cantador (ou galador).

Quando a galinha acabou de chocar os ovos, se sucede ficar algum mais atrasado, é costume metê-lo uma mulher no seio a fim de salvar o pintainho. Em Padornélos, quando se deita uma galinha, põe-se sal nos ovos, fazendo uma cruz e dizendo:

Em louvor de S. Amador,
Que saiam todos frangas
Só um cantador.

E quando *tôa* (troveja) e está uma galinha no chôco, deitam *cagalhêtas* de cabras nos ovos para não ficarem *grôlos*. As galinhas deitam-se de modo que em quarta feira de trevas estejam os pintos nascidos. Se os ovos fôrem do mês de Maio, os pintainhos hão de nascer no mesmo mês, e se assim não fôr saem todos tôlos.

E' costume muito arreigado criar-se o gado vacum a meias. Assim um individuo pode comprar uma vaca por 50.000 reis, entrega-a ao lavrador, e a cria que tiver é vendida aos 4 a 5 meses, dividindo-se pelos dois o produto da venda, sendo a vaca propriedade do individuo que a comprou e confiou ao lavrador. Chama-se «andar a vaca a meias». Pode dar-se o caso de o indi-

([1]) Lençol que as mulhéres manejam durante a malhada.

viduo comprar duas bezerras de 4 a 5 meses, e confiá-las a um lavrador; passados dois anos vendem-se, sendo o lucro dividido pelo proprietario e lavrador. Chama-se a isto «andarem ás meadras». Pode ainda dar-se o caso de haver combinação na ocasião da compra, para ao fim de dois anos cada um ficar com a sua vaca, repondo o pensador o custo respectivo. Se o proprietario quiser ficar com a melhor, tem de repôr a diferença entre as duas.

Quando os lavradores se levantam, e vêem o ceo vermelho ao nascente, dizem: *chuva de repente*; se é ao mar: *velhas a sôlhar*.

Quando se vê o arco-iris diz-se:

Arco da Velha,
Vai-te deitar,
Que as moças novas
Querem-te capar
ou
Vão-te capar.

Em Vilar de Perdizes dizem:

Arco da Velha,
Vai-te deitar,
Que dizem as moças
Que t'hão de capar.

Arco da Velha
De ponta
Marinheiro
De pé.

Em Fiães do Rio diz-se que o arco-iris tem um pinto na ponta que pousa no chão.

VI. **Casamento.** — Na manhã do dia de noivado, o noivo, acompanhado dos seus amigos, dirige-se a casa da noiva, que está rodeada pelas suas amigas, vestidas de trajos domingueiros, e com aneis e grossos cordões de ouro, em geral pertencentes a outras pessoas. Depois o noivo, acompanhado da sua comitiva, sai de casa da noiva para um dos extremos da povoação a esperar os cantadores que tem sido prèviamente contratados. Chegados estes, organiza-se um cortejo, cantando os cantadores ao som de harmonicos e rabecas, e dirigindo-se a casa da noiva; logo que ali chegam, um deles acompanha o noivo até á corôa da escaleira, cantando em cada degrau uma cantiga como as seguintes:

Adeus ó vida da minha vida!
Aqui chegou o prègador,
O vinho já o cá temos
Sái a noiva com a flôr.

O' vida da minha vida,
Tambem o guardar é bô:
O chapéo que leva a noiva
Era do pai do avô.

Anda, Rosairinha, anda.
Vem descendo a escaleira.
Diz adeus á tua mãe,
E á vidinha de solteira.

A vidinha de solteira,
Esse tempo já lá vai!
Diz adeus á tua mãe,
Juntamente com teu pai.

Anda, Rosairinha, anda,
Vem descendo cá p'r'ó estrado:
D'aqui a nove meses
Teremos um bàtizado.

Uma das pessoas de mais consideração, das que acompanham o noivo, bate á porta do sobrado, e perguntando-se-lhe de dentro: *Quem é?* — Responde: *Gente de paz.* — *Que pretende? Gente, honra e fazenda.* Torna-se de dentro: *Entre, que tudo encontrará;* ao mesmo tempo que se abre a porta, atirando então a noiva com um lenço ao noivo. Os noivos pedem a seguir a benção aos pais, fazendo a mãe da noiva uma choradeira a que chamam *fazer o pranto.*

Organiza-se depois o cortejo nupcial, indo na frente a noiva seguida pelas suas amigas que conduzem saquinhos com confeitos e amendoas, e a seguir o noivo com a sua comitiva, dirigindo-se todos á porta do adro, onde passam debaixo de um arquinho feito de era, fitas brancas e encarnadas, flôres artificiaes, e uma laranja pendurada. Emquanto o cortejo se dirige para a igreja, alguns amigos dos noivos dão tiros para o ar nas ruas transversaes da povoação ([1]). Chegado o cortejo á igreja, onde os noivos pouco antes se confessaram e comungaram, ouvem todos ali uma missa, ficando durante ela o noivo do lado superior do arco da igreja, e a noiva um pouco mais abaixo. Depois da missa o padrinho conduz a cruz que está na sacristia, e coloca-se debaixo do arco, ficando o noivo á sua direita e a seguir a noiva e a madrinha.

Efectuado o casamento cai sobre os noivos grande aguaceiro de confeitos, depois do que se dirigem a casa dos pais da noiva onde os espera uma abundante bôda, no fim da qual chegam varias pessoas com presentes oferecidos á esposada, constantes de *ramos*, que são delgadas hastes de madeira cobertas com papel de côr e com flôres suspensas e doces dispostos em forma piramidal.

Um dos ramos é sempre oferecido pela madrinha, e no oferecimento dizem-se versos como estes:

Aqui tem este raminho,
Da minha mão delicada:
Se algum dia foi solteira,
Agora está casada.

Aqui tem este raminho,
Da minha mão se lhe oferece:
Num é como eu quero,
Nim como a senhora merece.

Aceite este raminho,
Por vir da mão de quem vem:
Eu não era merecedora,
D'alcançar tão rico bem.

([1]) Em 1 de Junho de 1874 houve um casamento na povoação de Penedónes, consumindo-se na bôda 4 vitelas e 3 pipas de vinho, e deram-se salvas durante oito dias, nas quaes se gastaram 400 kilos de polvora.

Os cantadores indicam então por meio de cantigas o numero de doces que as pessoas presentes, começando pelas de mais respeitabilidade, devem tirar, continuando os descantes e danças até alta noite.

Se a noiva tiver alguma mancha, não ha tiros nem ramos.

As raparigas que assistem ao casamento, a fim de casarem depressa, vão disfarçadamente para trás duma porta, e ali comem tres amendoas com a perna direita no ar.

VII. **Vária.** — Os nomes dos dedos das mãos são os seguintes: *Mendinho, seu vizinho, maior de todos, fura-bolos* e *pai de todos* (Montalegre); *Mendinho, redondinho, pai de todos, fura-bolos* e *mata-piolhos* (Pitões); *Mendinho, rosmaninho, pai de todos, fura-bolos* e *mata-piolhos* (Fiães do Rio); *Mendinho, fernandinho, pai de todos, fura-bolos* e *mata-piolhos* (Tourem); *Mendinho, segundinho, terceiro, quarto* e *polegar. Mendinho,* este diz que adivinha, este diz *que quer pão,* este diz *que se vá roubar,* este diz *alto lá* (Cortiços); *Mendinho, seu vizinho, pai de todos, fura-bolos, mata-piolhos.* Dedo *mendinho,* este *vai á lenha,* este *vai ós ovos,* este *frita-os,* e este *come-os* (Pedroso).

Quando se pergunta a alguem se tem cara de ladrão, êle logo responde: «ladrão não sou, mas cara de ladrão tenho, e tu teos cara de burro»; ou: «Mais vale ter cara de ladrão que de burro».

O 1.º de Abril é o dia dos enganos.

Ás raparigas que andam a aprender a costurar costuma dizer-se-lhes que fazem calças para o cuco, e que se as não fazem, êle vem e tira-lhes os olhos. «Vai pôr as calças ao cuco num carvalho» (Pitões).

Quantas vezes o cuco repetir o canto, tantos anos faltam a uma pessoa para se casar. Por isso os moços, ao ouvirem o cuco, costumam dizer:

Cuco de Maio,
Cuco de Aveiro,
quantos anos
me dás de solteiro?

Quando ouvem cantar o cuco pela primeira vez, dizem alguns: «Este ano já não morro sem ouvir cantar o cuco», e se anda em jejum: «Aquele apanhou-me em jejum».

Quando ouvem cantar a *parpalhaça* (codorniz), contam os gritos, e quantos ela der, tantos tostões custa o alqueire do pão nesse ano.

Em geral ha em cada povoação um calvario, um cruzeiro e

um relogio de pedra que marca as horas por meio da sombra da faca (ponteiro fixo).

Quando um rapaz tira um dente, deita-o ao lume e diz:

Dente fóra, dente fóra,
... na cova.

Em Pitões atiram-no para tras a fim de nascer outro.

No dia de S. Martinho é costume reunirem-se varios individuos e levarem para o monte castanhas e vinho. O que mais se embriagar fica «Juiz de S. Martinho», e faz-se gala em adquirir aquela classificação. No final da patuscada gritam: «Viva S. Martinho, a cabaça e ó vinho».

Em Montalegre as farmácias estão abertas só de manhã. No resto do dia, quando alguem precisa de algum medicamento, vai chamar o farmaceutico a casa.

Em Fiães do Rio põem os taberneiros á porta um ramo de louro.

Quando uma rapariga não é honesta, os rapazes agarram-na e metem-na num pôço. Procede-se do mesmo modo com algum rapaz extranho á povoação e que ali vai falar com alguma rapariga. Só o largam depois que êle promete «pagar o vinho».

Quando casa uma rapariga não virgem ou viuva, põem-lhe á porta, na vespera do casamento, cornos e chocalhos, e por meio duma buzina de chifre dirigem insolencias aos noivos. (Cortiços).

Nas vesperas de S. João e S. Pedro trancam-se as ruas com cancelas, portas, arados, etc. (Cortiços).

Ha o costume de irem buscar a casa extranha algumas brasas acesas para acender o lume.

No meio da Quaresma faz o rapazio a chamada *serração da velha*, e para isso arranjam uma panela de barro, colocam-lhe na bôca uma pele e ao meio quatro sedas de cauda de cavalo unidas a um pauzito que produz um som especial. Dirigindo-se ás portas das velhas dizem, fingindo chorar: «Minha menina, deixa os teus netinhos».

Em Tourem os rapazes levam de dia para fóra da povoação um boneco de palha que representa uma velha, e vão dizendo em cantilena: «Ó minha velhinha», ao mesmo tempo que fazem barulho com *roncas* e chocalhos. De noite *atrancam* cordas nos caminhos. Em Fiães do Rio levam os rapazes um serrão de pau e um cortiço ás portas das velhas e gritam:

— Ó minha avòzinha!
— Que é lá isso?

— Venha a velha
P'ró cortiço.

Em Pitões com um cortiço e uma serra de madeira fazem que serram, e fingindo que choram dizem:

> Ó minha avòzinha,
> Tanta tigela de papas me deste!

VII. — CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

1 — No 1.° de Janeiro levantam-se cedo e lavam-se bem, para começarem bem o ano, e não terem preguiça durante êle.

É bom lavar-se uma pessoa na manhã de S. João antes de nacer o sol, mas fóra de casa, em agua que tenha sido orvalhada.

Á meia-noite, em ponto, de S. João as raparigas deitam um ovo num copo d'agua para no dia seguinte verem a sorte que no futuro as espera. Ao deitarem o ovo dizem:

> S. João de Deus amado,
> S. João de Deus querido,
> Deparai-me a minha sorte
> Neste copinho de vidro,
> ou
> Que Deus me tem prometido.

> ou
> Está meia-noite a dar,
> E eu a minha sorte a deitar,
> Para vêr o que Deus tem
> Para me dar.

Tambem na mesma noite põem tres favas atrás do cantaro, uma com casca, outra sem ela, e outra só com metade da casca. De manhã vão com os olhos fechados tirar uma á sorte: se vier a que tem casca inteira, é sinal de casarem bem; se for a que estiver meia despida (meia casca), nem bem nem mal; se a que não tem casca, casam mal.

Tambem na noite de S. João e na de S. Pedro as raparigas batem ás portas de nove casas diferentes, mas não devem falar com ninguem. No dia seguinte antes do nacer do sol põem-se á janela, e é com o primeiro rapaz que virem que devem casar, ou com pessoa parecida.

2 — Quando uma galinha canta de galo, deitam-na no dia seguinte fóra por uma janela das traseiras da casa, com a cabeça dela voltada para dentro e dizem:

> Trista com trista,
> D'órredor da minha casa
> S. João Batista!
> Trista com trista,
> D'órredor de tudo quanto é meu
> S. João Batista!
> Trista com trista,
> D'òrredor desta vila toda
> S. João Batista!
> (Montalegre).

Tambem ha quem a coma e ao degola-la diga:

> Sorte com má sorte
> Por ti venha a morte. (Montalegre).

Em Cervos *escorricham-na* e dizem:

O que tu adivinhas
Por ti te venha.

Em Pitões, mal ouvem uma galinha cantar de galo, deitam-na fora por uma janela dizendo:

Boa sorte, ruim sorte,
Por ti venha a morte!

Em Covêlo do Gerez matam-na ou vendem-na, gastando o dinheiro em calçado.

Galo que canta fóra de horas, é sinal de mau agouro.

Quando se compra uma galinha, passa-se em cruz por cima do lume, e diz-se:

Irás e virás,
E para casa tornarás.

3 — O umbigo duma criança é guardado para que os ratos o não comam, e a criança não saia ladra como eles. Em Cervos queimam-no. A envide deve deixar-se maior aos rapazes que ás raparigas. As parteiras dizem: «É macho, deixa-se-lhe a *embide* maior».

4 — Uma mulher gravida não pode passar por baixo de corda que prenda um animal, porque lhe vem as *libres* (1) ao pescoço, e abafam a criança ao nascer; não póde passar por baixo duma roseira, para a criança não nascer com sinais no corpo; não deve tocar no baço de qualquer animal, para a criança não nascer escura; não deve comer polvo, para não ter um bicho em vez duma criança; não deve cheirar uma flor, para que a criança não traga algum sinal; não deve ir ao pé doutra que esteja com as dôres do parto, para que não lhe venham as mesmas dôres; não póde ir a um batizado, porque lhe morre a criança que vai batizar ou a sua.

Uma mulher com criança de peito, sempre que sai de casa para vêr um defunto, deve levar pão e sal, para não dar á criança o ar do defunto.

No quarto da parturiente deve estar acesa uma candeia de azeite emquanto a criança não é bàtizada.

Uma criança que já fale não deve beijar outra de berço, porque pode perder a fala.

(1) No vocabulario barrosão que publicarei na *Rev. Lusitana* se explicará esta e outras palavras.

Quando as crianças nascem com as mãos abertas, serão francas; no caso contrario, agarradas ou sovinas.

As raparigas que nascem de bruços não terão filhos.

Não é bom uma pessoa negar-se quando é convidada pela primeira vez para apadrinhar uma criança. Fica mal bàtizada a criança, se os padrinhos se enganarem no credo. As crianças bàtizadas ao morrerem, vão directamente para o ceo, onde pedem primeiro pelos padrinhos e depois pelos país. Se tiverem mamado na mâe, passam pelo fumo do purgatorio.

Quando uma mulher pare uma criança morta, para se não repetir este sucesso, deve ir á ponte da Misarela munida dum pucaro com que se colhe a agua para a criança ainda no ventre ser bàtizada pela primeira pessoa que ali passar, nem que seja um pobre do fôrno [1], á meia-noite. Quando uma criança tem rutura, levam-no á Misarela, bàtizam-na lá tres pessoas, e fazem-na passar tres vezes por uma fenda aberta num carvalho *berinho*, depois do que ligam a ferida que depois vai fechando á medida que vai ligando a arvore. O Diabo fez a ponte da Misarela numa noite, por aposta que perdeu, pois ainda lá se vê uma pedra por colocar no seu logar. Depois de feita, ninguem podia passar nela por causa do Diabo, mas um padre que ia passando para dizer missa tirou do bolso uma laranja e atirou-a pela ponte adiante, fazendo-o fugir [2].

Uma mulher parida deve, ao acabar de beber, deitar fóra uma pinga do liquido, a fim de que outra tambem parida, se beber o resto, não lhe leve o leite (Cortiços). Para fazer secar o leite a uma mulher, deve qualquer fêmea comer-lhe os restos da comida, e para o fazer voltar deve a louça em que comer ser dada a lamber ao mesmo animal e comer-se o resto que êle deixou (Pitões). Para que seque o leite ás mulheres que andam a criar, faz-se qualquer das seguintes coisas: põe-se nos seios um lenço de bolso sujo que tivesse sido usado por um homem; espremem-se os seios de modo que o leite caia nas cinzas da lareira; cheira-se ou esfrega-se o peito com ruda; tambem é bom pôr entre os peitos um pente. Se o leite secar a uma mulher, para lhe voltar, tem de ir lavar com vinho ou leite os pés de S. Mamede, em

(1) [Em algumas terras do Norte, quando se está a cozer o pão no fôrno, e chega um pobre que pede esmola, é da praxe dar-lhe um pedacinho de pão, porque o contrário seria pecado. Refere-se a isto a expressão *pobre do fôrno* que figura no texto? — J. L. de V.].

(2) Á lenda da ponte da Misarela se refere Leite de Vasconcellos nos *Ensaios Ethnographicos*, II, 65, e L. de Vilhena Barbosa num artigo publicado no *Commercio do Porto*, Novembro de (?)

Cambêses, e bebê-lo depois. Uma fêmea parida rouba o leite a uma mulher, se comer os seus sobejos ou lamber a louça em que esta acabou de comer; e para o fazer voltar, tem de comer um bocado de pão passado pela baba dum animal.

Quando cai leite ao chão, não se deve cuspir nêle, para que não seque á fêmea.

Quando uma vaca está parida, não se deve dar o leite dela sem uma pedrinha de sal para que não lhe fuja (Cortiços).

Quando uma mulher anda a dar leite a uma criança e tem uma *dada*, benze-a, fazendo com a criança uma cruz sobre o peito dizendo:

Dois t'a deram,
Tres t'a tiraram,
Com as pessoas da Santissima Trindade,
Padre, Filho e Espirito Santo.

Esta operação deve ser feita durante tres dias, e tres vezes em cada um (Cortiços).

Quando nasce uma criança, é bom mostra-la á lua durante tres noites dizendo:

Lua, luar,
Deste-me um filho,
Ajudai-m'o a criar
P. N. e A. M.

(Cortiços).

Não se deve mostrar ao espelho uma criança que ainda não fala, porque isso lhe retarda o falar.

Se alguem saltar por cima duma criança, tem de tornar a *salva-la* para que cresça.

Não é bom cortar as unhas e o cabelo ás crianças emquanto não falam.

Até aos dois anos as mães cortam com os dentes as unhas das crianças.

A primeira camisa que é vestida a uma criança, é guardada para com ela a poderem defumar, se algum dia tiver gôta.

Quando dá um ataque a uma criança, é bom tirar-lhe a camisa e queimar-lha.

É sinal de morte ter a criança recemnacida uma veia azulada a aparecer no nariz.

Quando uma criança é *aluada*, corta-se uma moeda de 100 reis, e prende-se-lhe ao pulso esquerdo.

Quando as crianças teem o sono trocado, dormindo de dia em logar de o fazerem de noite, é bom pôr-lhes a roupa na bôca do cantaro.

Não se deixa sair cousa alguma para fóra de casa, quando nela ha uma criança por bàtizar, a fim de que não saia ladra (Padornelos). Quando ha uma criança por bàtizar não se deve deixar sair lume de casa (Cortiços).

Para matar as bichas a uma criança, cortando-lhes a cabeça, deita-se-lhe *feluge* nas cruzes e raspa-se depois com uma navalha de barba.

A mulher menstruada não deve tocar na carne que está no sal, no leite destinado a manteiga, etc. Se olha para um relogio, fá-lo parar.

Não é bom pisar o sangue da menstruação.

As mulheres a quem falta a menstruação defumam-se com pênas de perdiz.

Ás crianças durante uma ou duas horas depois de bàtizadas, não se deve dar de mamar, para que, se algum dia cairem á agua, dêem tempo que chegue alguem que as livre de morrerem afogadas.

5. — Quando ha bruxaria em casa, em qualquer pessoa ou objecto, ou quando se sai de casa com o gado para venda, deve este ser benzido com a fralda duma camisa suja de um homem.

Se algum animal domestico tem parto dificil, procura-se um homem para deitar a fralda de fóra.

Por causa das Bruxas é bom trazer no bolso um anel, agulha ou canivete, de aço. As Bruxas de noite disfarçam-se em animais. Deus tem mais poder que as Bruxas. As Bruxas entram pelas fechaduras. As Bruxas, se forem feridas, transformam-se em pessoas. Emquanto uma criança não é bàtizada, é bom pôr debaixo do travesseiro uma tesoura aberta por causa das Bruxas, que fogem do aço. Para afugentar as Bruxas, prende-se numa casa do colete uma cruz de ruda, e põe-se ás vezes ao pescoço das vacas. (Pitões). Uma ferradura colocada na face exterior da porta da cosinha, afugenta as Bruxas (Pitões).

Para curar o mau olhado que alguem por inveja deitasse a um animal, é bom esfrega-lo com uma carapuça, camisa, carpim do pé esquerdo d'um homem ou ceroulas sujas.

As casas de comercio, para evitarem o mau olhado e a bruxaria, teem uma ferradura de cavalo na face interior d'uma porta. Ha de ter sido achada, e tem melhor virtude, se o tiver sido em jejum. Tambem se usa para o mesmo fim um par de cornos de carneiro preto colocados num buraco do interior da casa.

Tambem para combater o mau olhado é bom trazer no bolso uma *alha* (alho sem dentes).

Quando dá um mau ar numa pessoa, deve ser defumada com hervas bentas, e as cinzas deitadas numa encruzilhada, mas a pessoa que lá as levar não deve ter medo, nem olhar para trás depois que as deitar no chão.

Se aparecer á porta de casa uma bica de manteiga, foi ali posta por Bruxa que deseja mal na *fazenda, perca* em casa, doença, etc. Se se cardar muito com uma carda de cardar a lã até se desfazer, aparece no dia seguinte a cara da pessoa que pôs a manteiga ao pé da porta toda *crivada* (cheia de feridas). (Padornélos).

Para afugentar as Bruxas deve dizer-se:

Por cima de carvalhelhos [1]
E por baixo de silvaredos.

Uma Bruxa, para morrer, tem de passar o novelo a outra.

Quando se encontra uma Bruxa, para a fazer fugir, deve dizer-se:

Tu és ferro,
Eu sou aço;
Tu és Bruxa,
Eu t'embaço.
Primeiro me *biu* Deus a mim
E á pata [2] que te pariu a ti.

Na vespera de S. João metem-se nos buracos das fechaduras e das janelas ramos de sabugueiro para não entrarem as Bruxas que naquela noite andam á solta.

Quando o lume *espirra*, é bruxaria e sinal de que alguem está a falar mal da casa. Deita-se-lhe então sal e diz-se:

«Anda, fala agora».

No dia seguinte aparecem arrebentados os labios do maldizente.

Quem tiver uma cruz na palma da mão está livre de Bruxas.

6. — Os eczemas que aparecem no corpo são atribuidos ao *côxo*.

Mão que mata toupeira fica com virtude para talhar o *côxo*.

A toupeira trocou os olhos pelo rabo do sapo. Este, vendo-se perseguido, ourina para o perseguidor, e se a ourina lhe chega aos olhos, fica com o *coxo*.

Quando se atira uma pedra a um sapo, deve fechar-se a boca.

Quando se dobra uma camisa que acabou de ser lavada e séca, cospe-se-lhe tres vezes para matar o *coxo*, e diz-se:

Côxo lembrado
Não é pegado.

(1) [*Carvalhêdos?* — **J. L. de V.** (2) Eufemismo.

Para cortar o *côxo*, queima-se palha dos alhos e deita-se a cinza em azeite com que se untam as feridas. A pessoa que fizer a operação deve estar em jejum, cuspir para o chão uma vez, e depois tres vezes nas feridas (Cortiços).

Em Pitões deita-se azeite numa malga com saramago e molhando nêle a galha duma vassoura diz-se:

> *Côxo e recôxo*, vai-te d'aqui;
> Vassoira do lar anda atrás de ti.
> Pela graça de Deus e da Virgem Maria
> P. N. e A. M.

Para curar a *cochicha* (doença no pescoço) deve-se dormir com a cabeça sobre uma molhelha.

Para fazer mudar uma doença d'uma para outra povoação, vai-se lá lavar a roupa d'um doente.

Quando a alguem aparece uma nevoa num olho, deve a primeira pessoa que a viu chegar-lhe o sangue duma picadela do seu dedo mendinho da mão direita. É condição essencial ser feita a operação pela primeira pessoa que a vir (Cortiços).

Para curar a *triz* (ictericia) deve-se tomar durante nove dias um ovo quente com tres piolhos vivos. Para curar a mesma doença pode-se ainda fazer o seguinte: ourinar durante nove dias ao pé de certa planta á margem dum rio, ou ourinar em jejum, e durante nove dias, numa vasilha de ferro, e pondo-a depois ao lume, assistir á evaporação.

Para curar a doença imaginaria chamada *espinhela cahida*, deve o paciente deitar as mãos a uma trave e suspender o corpo tres vezes. Ha outra receita que consiste em uma pessoa puxar por um dos dedos polegares do doente e ao mesmo tempo untar com azeite a parte do pulso correspondente a uma veia. Se esta der um estalido, está curada a espinhela. Tambem se usa o seguinte: a mézinheira passa com um pé nas cruzes da doente que está deitada de bruços, e depois de se levantar suspende-a tres vezes. Esta operação faz-se durante tres dias consecutivos.

A quem se solta o sangue pelo nariz ou dá o mal da gota é bom pôr nas costas uma cruz de palha sem que êle o saiba.

Para fazer passar os soluços a alguem deve-se-lhe meter um susto, ou deve a pessoa que os tem engulir tres vezes o *xupo* sem tomar respiração.

7. — Os raios quando caem enterram-se sete metros na terra e vão subindo um metro por ano; findos os sete anos, o raio está á superficie sob a forma de uma pedrinha polida e aguçada,

que leva para casa quem a encontrar, por trazer felicidade e guardar das trovoadas.

Ter imagens de gesso em casa é sinal de infelicidade.

7-A. — Dizem que os lobos só tem uma tripa.

8. — Quando a candeia se conserva quasi apagada e com morrão, é sinal de sofrimento das almas do purgatorio. Quando a candeia *espirra* muito, é sinal de falatório (Padornélos).

Borboleta branca em volta da luz, é sinal de carta, boas noticias.

Em Pitões borboleta em volta da luz, não se lhe faz mal, porque é uma alminha.

Não é bom haver dois *lumes* (lares) na mesma casa.

Quem cospe no fogo é judeu, e quem brinca ou ourina no lume ourina na cama.

Quando cai o murrão da candeia, é sinal de presente ou visita.

As crianças que morrem sem batismo vêem o morrão de candeia depois que os pais a apagam (Cortiços).

De noite aparecem luzes azuladas, que são *alminhas a penar*. Quando passam pela gente parece que vão a bufar e nos carvalhidos dizem suavemente: Restitui, restitui! (Cortiços).

Em alguns sitios aparecem luzes, que são alminhas a cumprir promessas.

Ao pé do lume não se deve falar em ninhos, porque vão lá as formigas.

Quem bebe com a candeia na mão, bebe o juizo.

9. — Na noite de Natal fica a mesa posta porque as alminhas vão lá comer as migalhas.

Não se dá o fermento depois do pôr do sol, por ser mau agouro.

A quem emprestar o fermento depois do pôr do sol vão-lhe os filhos todos para a vida militar (Padornélos).

É grande pecado ter o pão de costas para baixo; e é sinal de ladrões em casa.

As crianças, que comem a massa (farinha amassada), tornam-se muito faladoras.

Comer o primeiro bocado que se tira dum pão é sinal de casar cedo.

10. — Se alguem engulir um cabelo de mulher, nasce-lhe uma cobra no estomago; metido na agua, transforma-se tambem em cobra.

De cada cabêlo branco que se arranca, nacem muitos mais.

Como o homem dorme mais voltado para o lado direito, tambem dêsse lado na cabeça nascem mais cabelos brancos (Cortiços).

11. — Em Cabril ha certos penedos inacessiveis e arredondados aos quaes as raparigas atiram pedras, que se lá ficam, são sinal de que se casam.

Em Paradela ha tambem um daqueles penedos, a que as raparigas atiram pedras com o pé direito.

Não se deve casar ás terças e sexta-feiras, nem no Entrudo e na Pascoa.

Unhas com pintas brancas são sinal de tantos amores quantas as pintas.

Puxando os dedos das mãos, quantos estalidos derem, tantos amores se têm.

Chover nas bodas é sinal seguro de felicidade.

Quando um dos namorados oferece um lenço ao outro, é sinal de findar o namoro.

Quando se empresta uma vassoura d'uma casa para a outra, é sinal de se juntarem os casaes.

Para fazer sair de casa alguem de quem se não gosta põe-se atrás duma porta uma vassoura com a *frouça* (rama) voltada para cima, tendo antes disso batido com ela tres vezes no chão (Padornélos).

Varrer á noite a casa para a rua é deitar fora a fortuna.

12. — Não se deve fazer a barba á terça-feira, porque anda o Diabo á solta, nem á sexta, porque nesse dia a fizeram os judeus á Nosso Senhor.

Quando se volta um banco de pernas para o ar, anda o Diabo em casa.

No dia de S. Bartolomeu anda o Diabo á solta.

13. — Se duas pessoas bebem ao mesmo tempo num pôço, uma bebe sangue e a outra *materia*.

Se num rego de agua bebem duas pessoas simultaneamente, morre a de baixo.

Á meza duas pessoas que bebam ao mesmo tempo podem tambem morrer simultaneamente.

Em se abrindo ao mesmo tempo a boca a duas pessoas, hão de ser compadres.

Quando a alguem se abre a boca, faz na sua frente cruzes com o polegar da mão direita.

14. — Comer a ponta da lingoa do porco é sinal de falar muito.

Porco morto em mingoante encolhe na panela.

Comer tromba de porco faz quebrar a louça.

Não se devem matar porcos por ocasião da lua-nova ou quarto-mingoante, para não mingar a carne.

Quantas estrelas se contarem, tantos cravos nascem nas mãos.

Vêem-se os quartos da lua olhando-se para ela pelo pano (fundo) duma peneira.

O sol atirou á lua com uma mão cheia de cinza, e a lua atirou-lhe com um agulheiro de agulhas. — Complete-se esta lenda com o que diz Leite de Vasconcellos na *Trad. pop. de Portugal*, §§ 7-9.

15. — Andar para trás é ensinar o caminho ao Diabo.

Se a orelha direita está quente, estão a falar bem de nós; se a esquerda, estão a falar mal. Sendo a parte inferior, é mulher; a superior indica homem.

Deve-se dar esmola ao primeiro pobre do dia. Não é bom dar esmola do *meio-dia p'ra cima* (isto é, depois do meio-dia). É sinal de pobreza.

Quando cai a tesoura, é sinal de carta.

Oferecendo-se algum objecto, se este cai ao chão, é porque foi dado de má vontade.

Achar uma agulha é sinal de miseria.

Não é bom falar quando uma porta bate com o vento.

O dedo mendinho faz-se crêr ás crianças que tem o poder de adivinhar.

Sobrancelhas unidas, sinal de larapio.

Dentes *ralos*, mentiroso.

Para se tirar um argueiro dum olho deve esfregar-se atrás da orelha do mesmo lado.

Fazendo uma cruz com saliva no braço ou pé dormente, logo êle melhora.

As mães dizem aos filhos, quando vão para a vida militar, para um emprêgo, etc., que entrem com o pé direito.

16. — Não se deve levar para casa a pele da cobra; por ser sinal de questões judiciaes.

A pele da cobra é boa para curar a tosse aos animaes.

Piar de coruja ou de môcho, uivar de cão, corvo a grasnar, são sinais de mortorio (morte).

Entrar em casa um bezouro negro ou uma *vêspera*, borboleta preta em volta da luz, quebrar um vidro ou espelho, entornar azeite, são sinaes de mau agouro.

Crê-se que os animaes falavam no principio do mundo.

Dia de S. José chegam as andorinhas.

O cuco chega a 10 de abril e retira a 10 de junho, porque não quer vêr os *medouchos*.

O cuco vai comer os ovos ao ninho do *chasco*, e deposita lá os seus.

Vinho entornado na mesa é sinal de alegria.

Não é bom ter dó quando se vê matar algum animal, para não lhe custar muito a morte.

Os lagartos são amigos dos homens e inimigos das mulheres. Com as cobras sucede o contrario.

É benta a lingoa dos cães, e cura as feridas que ela lamber.

Uma ferida deve vedar-se com teia de aranha para sarar mais depressa.

Se um caçador encontra um môcho, é «galinhaço», isto é, mau agouro.

Quando se passa pelo espojadoiro dum burro ou dum cão, deve-se cuspir tres vezes.

As cobras vão mamar nas vacas que ficam de noite no monte (Pitões).

Mordedura de cobra á sexta-feira não tem cura.

Pessoa mordida por cão *derramado* (danado) vê um cão na agua.

17. — Sinaes de chuva: entrarem muitas moscas em casa; aparecerem salamandras e *sapinhas;* catarem-se as galinhas; juntarem-se os pardaes, e doerem os calos.

De bom tempo: espirros de bode.

18. — Sinaes de fortuna ou dinheiro fresco (estar para vir): pulga na palma da mão esquerda; ourinar cão á porta; petiscar um fosforo, ardendo toda a massa, sem se acender o pavio.

19. — Creem que já houve dinheiro de sola. — Cfr. Leite de Vasconcellos, *Elencho das lições de Numismatica*, I, 18, nota 3.

20. — Dizem que não ha ninguem no mundo que ouça uma missa com verdadeira atenção, e que se salvará quem a ouvir com atenção completa e perfeita.

Quando na igreja cheira muito a cera, ou quando os sinos *tocam com paixão*, é sinal de morte.

É ato de piedade deitar-se uma mão de terra por ocasião de alguem se enterrar.

Quando a terra sobe na sepultura, é sinal de que a alma foi para o ceo.

A S. Miguel deu Nosso Senhor a balança para pesar as almas no Ceo.

Os fogos-fatuos pensa o povo que são *alminhas* do outro mundo.

21. — Quando alguem tem um pesadelo atribue-o ao Trasgo, e diz que se volta a «pestana» do figado (Montalegre).

Em Pitões diz-se que é o Tardo ([1]).

Pôr as meias á cabeceira da cama faz sonhar muito.

Os sonhos tem a seguinte significação:

Ovos	contos, intrigas.
Galinhas	pênas (desgostos) e prejuizos.
Ajuntamentos	morte.
Que caiu um dente	morte em parente.
Dinheiro em prata	fortuna.
» » cobre	desgosto.
Uvas brancas	lagrimas.
» pretas	letras (cartas).
Aguas claras e roupa lavada	fortuna.
Defunto	é para se lhe rezar por alma.
Santos	satisfação.
Cobras	vida arrastada.
Piolhos	miseria.
Carvão	dinheiro.
Que pessoa viva está morta	dobra-lhe a vida.
Ouro	«fézes» (desilusões).
Carne fresca	morte na familia.

22. — Na primeira sexta-feira de março é bom as mulheres irem junto duma silva-macha, e, cortando as pontas das tranças, atarem-nas a um ramo, dizendo:

Eu prendo aqui o meu cabelo
P'ra crecer tanto como esta silva.
Com a graça de Deus e da Virgem Maria
P. N. e A. M.

Consoante cresce a silva, assim cresce o cabelo (Padornélos).

23. — Crê-se que se o sangue de pessoa assassinada cair numa pedra, nunca mais sai.

VIII. — ENSALMOS

1. — Para tirar o *argueiro* dum olho:

Corre, corre, cavaleiro,
Tira-me este argueiro
Que aí vem Nossa Senhora,
Que m'o tirará primeiro.

([1]) *Tradições populares de Portugal*, do snr. dr. J. Leite de Vasconcellos, p. 292.

Deve dizer-se tres vezes.

2. — Para passar o terçol ao vizinho fazem uma grande fogueira, por cima da qual a pessoa que o tem passa a cara varias vezes, dizendo em voz alta:

Agua, agua,
Qu'arde a casa do triçol!

Depois desfaz-se a fogueira ás pedradas.

3. — Para afugentar o nevoeiro:

Nevoeiro, nevoeiro,
Vai p'ra trás daquele outeiro,
Que lá está o teu tio
A comer um bom carneiro.

4. — Para fazer desapparecer o *farafalho* (borbulhas na lingoa) a uma criança, leva-a uma mulher durante tres dias, e em cada um a tres fontes diferentes, em cada uma das quaes molha um pano vermelho que contenha dentro tres pedrinhas de sal, passa-o pelos labios da criança, e, atirando-o para as costas, diz:

Farafalho, vai-te d'aqui;
O paninho vermelho vai atrás de ti.
Pela graça de Deus e da Virgem Maria
P. N. e A. M.

Em cada fonte deixa um pano, e deve regressar por caminho diferente, não falando com ninguem, nem olhando para traz.

5. — Para talhar a *zipéla* diz-se, ao mesmo tempo que se fazem cruzes com uma faca diante do rosto do padecente:

Faca que cortas a carne e o pão,
Corta este zipelo, zipela e zipelão,
Pela graça de Deus e da Virgem Maria.
P. N. e A. M.

Ha tambem a seguinte oração, que deve dizer-se tres vezes ao dia:

Pedro-Paulo [1] foi a Roma,
Pedro-Paulo veio de Roma,
Jesus Christo encontrou:
— Que vai lá, Pedro-Paulo?
— Muita zipela e zipelão.
— Torna lá, Pedro-Paulo, e corta-a.
— Com quê, Senhor?
— Com corda de esparto,
Pena de galinha,
Raminho de oliveira.
Esta zipela, zipelão
Nunca mais lavraria.
Aqui te acerco,
Aqui te arrodeio
P'ra vir bem e amor
Como vem as cinco chagas
De Nosso Senhor.
Pela graça de Deus e da Virgem Maria
P. N. e A. M.

[1] Acerca d'esta expressão, vid. Leite de Vasconcellos, *Lições de Philologia*, pag. 815.

6. — Para talhar o *côxo* diz-se a seguinte oração tres vezes ao dia:

Rata, ratão,
Cobra, cobrão,
Sapo, sapão,
Aranha, aranhão,
Bicho de toda a nação,
Tudo corto.
Aqui te acerco,
Aqui te arrodeio,
P'ra vir bem e amor,
Como vem as cinco chagas
De Deus Nosso Senhor.
Pela graça de Deus e da Virgem Maria
P. N. e A. M.

Se a oração apanhar os quartos da lua, abate logo o *côxo*.

7. — Para cortar o *fogo ardente* (inchação e erupção da pele no tempo das segadas):

— Onde vais, S. Belentino?
— Senhor, ao fogo ardente vou fugindo,
De morte me vai perseguindo.
— Torna atrás, S. Belentino, e corta.
— Com quê, Senhor?
— Com nove galhinhas de gesta negral,
Nove pedrinhas de sal,
Nove paninhos vermelhos.
Aqui te acerco,
Aqui te arrodeio,
P'ra vir bem e amor,
Como vem as cinco chagas
De Deus Nosso Senhor.
P. N. e A. M.

Deve ser rezada durante tres dias, e, em cada um, tres vezes. Quem está a benzer deve atirar para trás com uma das galhinhas, das pedrinhas e dos paninhos.

8. — Para fazer com que o caracol deite os corninhos de fora, dizem os rapazes:

Caracol, col, col,
Põe-na tenda ao sol.

9. — Para fazer sair uma *largata* da parede, dizem repetidas vezes, tendo pedras na mão para lhe atirarem:

Largatinha, sai, sai,
Que lá vem o teu pai
C'um *arrate* de carneiro
Que roubou ao carniceiro.

ou

Largatinha sai, sai,
Que teu pai foi aos lobos,
Tua mãe vem já.

10. — Para fazerem sair o grilo da toca com uma palheira, cantarolam:

Grilo, grilote,
Sai cá p'r'á porta,
Que t'andam as cabrinhas na horta.

11. — A um insecto chamado *joaninha*, dizem:

Joaninha, vôa, vôa,
Leva as cartas a Lisboa;
Se passares pela minha porta
Darei-te pão e cebôla.

12. — Para fazerem saír uma doninha da parede, dizem repetidas vezes:

Feia, feia,
Cassóla, cassóla.

13. — Para agarrarem uma vespa, espetam uma mosca numa palhinha, e dizem repetidamente:

Zirizir-zão, zão, zão.

14. — Para fazerem ir o gado para a córte no tempo do calor, dizem:

Arraba, arraba,
Pica, pica,
Qu'anda mósca
Na botica.
Z-z...

15. — Para desadormecer um pé, diz-se:

Desadormece pé, desadormece pé,
Que 'stá o lobo atrás da casa do Tomé.

IX. — DITADOS TOPICOS

1. — Viva Barroso, que é palheiro velho!
2. — Montalegre, altas torres, muitos carvalhos, poucas flôres.
3. — No mês que tenha «R», não comas laranjas nem vás a Montalegre ([1]).
4. — Em Montalegre, tres meses de verão, tres de inverno, e seis de inferno ([2]).
5. — Montalegre, terra de muitos Moraes e de pouca moralidade.
6. — Os da vila || são cães de fila.

7. — Senhora das Tribulações,
Que moraes na serra da neve,
Pedi a Deus que nos livre
Dos ladrões de Montalegre.

8. — Coelheiros, os de Medeiros.
9. — Pretinhas as de Travassos da Chã.
10. — Salta-sêbes os de Peirezes, Paredes, Gralhós e Codeçoso da Chã.
11. — Negrões, || trinta moradores e sessenta ladrões; ou Negrões, || trinta vizinhos, quarenta ladrões, e o pároco quarenta e sete.

([1]) No nosso papel de colector fiel das tradições populares, claro está que ninguém nos póde acusar de menos respeitosos das cousas e pessoas de Montalegre ao publicarmos este e os seguintes ditados e cantigas.

([2]) [Ha um ditado análogo a respeito de Miranda.—J. L. de V.].

12. — O boi de Donões *podeu, podeu* c'o da vila.

13. — Tarouqueiros os de Outeiro, Cortiços e Donões.

14. — Os de Padroso dizem aos de Padornélos:

Tarouqueiros de Padornélos,
Acabai de taroucar;
Comesteis um burro morto,
Sexta-feira ao jantar;
Tinha murrões como dedos,
Não lh'os quisesteis tirar;
Dissesteis que era gordura
Para com ela engordar.

Por sua vez, os de Padornélos dizem aos de Padroso:

Os de Padrôso são lacaios,
Comeram o burro morto
Quinta-feira ao jantar;
Tinha bichos como dedos.
Não os quiseram tirar;
Diziam uns para os outros:
Isto tudo é fartar!

15. — Os de Gralhas são cabriteiros, comeram a cabra e esqueceram-se do vinho.

16. — Os de Meixide fizeram uma bôda, nada lhes sobrando, nem nada lhes faltando. Ou: Na bôda de Meixide não sobejou comida, nem faltou fome.

17. — Covas e Pinho com vinho; Vila da Ponte sem vinho; e Covêlo do Gerêz‖vale por todos três.

18. — Covas e Pinho com vinho, Vila da Ponte sem vinho, mas lugar por lugar‖Capeludos d'Aguiar.

19. — Polainudos os de Cambêses.

20. — Burriqueiros os de Meixêdo.

21. — Scorna-cruzes ou cruza-veigas os de Solveira.

22. — Jarrêtas os de Vilar de Perdizes.

23. — Arriateiros os de Santo André.

24. — Os da Ponteira são cucos. É arriscado cucar na povoação. Ha na povoação um monte onde se diz que se separam os cucos.

Na Ponteira‖deram-nos bem de comer, e deitaram-nos numa eira.

25. — Carabunhas os de Vila Nova.

26. — Quandó não chover em domingo de Ramos, não comem os de Vila Nova a vaca.

27. — Fidalgos, os de Covêlo do Gerez.

28. — Fidalguinhos, ou rabinos, os de Loivos.

29. — Peixeiros os de Cidróz.

30. — Papa-ventos os de Ferral.

31. — Penseiros os de Viveiro.

32. — Carrapatos os de Pardieiros.

33. — Borra-ladeiras os de Santa Marinha.

34. — Caroceiros os de Nogueiró.

35. — Rabaceiros ou couveiros os de Paradela.

Fomos a Paradela || queriam-nos dar caldo, mas não tinham tigela.

36. — Vesguinhos os de Fiães do Rio. Os de Fiães oferecem de beber a um amigo depois d'êle já ir longe.

37. — Arreguicha, Covelões!

38. — Cabril pousa foles em Chão de Moinho.

39. — Cornos os da vila (de Cabril).

40. — Os de Ladrugães, sfola-gatos e mata-cães.

41. — Os de Travassos do Rio são carraceiros.

42. — Os de Lama são leirões.

43. — *Largatos* os de Firvidelas.

44. — Formigas os de Brandim.

45. — Cinzeiros os de Vilaça.

46. — Carvoeiros os de Sabuzêdo.

47. — Celoureiros os de Pitões.

48. — Leites quentes os de Antigo d'Arcos.

49. — Saias 'marelas os de Cervos.

50. — Largateiros os de Pedrario.

51. — Pêgos os de Vilarinho (de Cervos).

52. — Formigueiros os de Sarraquinhos.

53. — Ovelhas os de Zebral.

54. — Vasa-ôdres os de Sacozêlo.

55. — Muito vagar teve Deus
Quando fez a Séla e Sirvozêlo,
S. Pedro e à Ponteira,
E Nigueiró e Sacozêlo.

56. — Definados de Braga,
Escouça malgas Lovainhos,
Maus homens do Carvalho,
Mal lavados Arrechão,
Sai o grilo aos do Torrão,
Porqueiros do Sudro,
Contrabandistas de Salamonde,
Poucos e taes de Ruivaes,
Esfola cabras das Boticas [1],
Papa-ventos de Lamalonga,
Saca-bolsas do Codeçôso,
Mata-lebres de Paio Afonso,
Manteigueiros de Acoimbró,
Perdigotos da Venda da Serra,
Escorna-cruzes das Alturas,
Azeiteiros d'Atilhó,
Perfumados das Lavradas,
Arremete a Carvalhelhos,
Arranca-nabos de Beça,
Capa-cães de Seirões,
Rabinos das Quintas,
Pica-burros das Boticas [2],
Cucos da Pastoria,
Caramboleiros das Casas dos Montes,
Pouca nobreza ha em Chaves.
Padeirinhos de Faiões [3].

---

(1) Povoação perto de Ruivães.

(2) Séde de comarca.

(3) Cf. a «Oração do Almocreve», na *Revista Lusitana*, vol. 10.º, pag. 323. — Na minha versão suprimi alguns versos, por terem cruezas que não podem aqui publicar-se.

X. — DITADOS VARIOS OU PROVERBIOS

1. — Fole pequeno, fole de veneno.

1-A. — A pior saida é a da porta.

2. — Carro velho á porta quebra.

3. — Quem não cria, não fia.

4. — Quem não cria, espia.

5. — Quem não mente, não é filho de boa gente.

6. — Mal vai á raposa quando anda aos grilos, mas pior quando anda aos ovos.

7. — Quem não trabuca, não manduca.

8. — Em casa daquêle home, quem não trabalha não come.

9. — Um cavalo bom, duas esporas boas; e um cavalo ruim, uma [1] que passe dum lado ao outro.

10. — Ao resto da teia é que se sabe o fiado.

11. — O negociante e ó porcó sabe-se depois de morto.

12. — O conforto é o alivio dos tristes.

13. — Onde a pêga tem os ovos, lá tem os olhos.

14. — Burro velho não toma andadura, e se a toma pouco lhe dura.

15. — Quem torto nasce, tarde e mal, ou nunca se endireita [2].

16. — A herva ruim não a séca a giada.

17. — Ruim é o passaro que nasce na ruim ribeira.

18. — Gado de bico nunca faz o amo rico.

19. — Quem não guarda o que é seu não guarda o alheio.

19-A. — Quem lhe doe o dente, esgravate a gengiva.

20. — Quem lhe doe os dentes, que lhe ate um lenço.

21. — Quem lhe doer a cabeça, que lhe ate o lenço.

22. — Vale mais fabricar o nosso ao longe do que o alheio ao perto.

23. — Cuidados alheios é matação dos asnos.

24. — Um carro sem duas rodas não pode andar.

25. — Duas pedras duras não fazem farinha.

26. — A quem boa arvore se encosta, boa sombra o cobre.

27. — Os homens conhecem-se pelas palavras e os bois pelos galhos.

28. — Esmola que mata o pobre, não lhe devia aparecer.

29. — Casa feita, pêga morta.

---

(1) [Isto é, uma bala? J. L. de V.].

(2) Este ditado anda ligado a uma lenda em que figuram Nossa Senhora, a mula do presepio, os *fentos* e a silva.

30. — Tempo que tempera a noite, e mulher que é d'oitro ‖ não ha firmeza nem num nem noitro.

31. — Vale mais cair em graça, que ser engraçado.

32. — Ha sol que rega, e chuva que seca.

33. — Quem quiz casar, sempre casou; se não foi onde quiz, foi onde topou.

34. — Não procures menina p'ra te casares nos domingos, dias de festa e feiras.

35. — Quanto maior é a nau, maior é a tormenta.

36. — Quem se não sente, está morto.

37. — Não compres a quem comprou; compra a quem herdou, que não sabe o que lhe custou.

38. — Faz o teu filho herdeiro onde pegar a nevoa em janeiro.

39. — Não sirvas a quem serviu, nem peças a quem pediu.

40. — Quando não ha vento, não ha mau tempo.

41. — Quando Deus quer, chove com todos os ventos.

42. — Quem o alheio veste, na praça o despe.

43. — A neve é branca, mas põe os corações pretos.

44. — Bexigas e sarampêlo, tres vezes ao pêlo.

45. — Vêr o *arujo* no olho alheio, e não ver a tranca no seu.

46. — Onde ha fumo, ha fogo.

47. — Onde ha pão, ha migalhas.

48. — Na veiga p'ra um mes, e na eira p'ra um ano.
(Alusão ao centeio).

49. — Bota-me no pó (diz o centeio)
E de mim não tenhas dó;
Bota-me na lama,
Chora-me na cama.

50. — Presunção e agua benta cada um toma a que quer.

51. — Um ano que o serôdio abona, sempre se deve queimar.

52. — Se não neva no dia de Santa Luzia, neva para o outro dia.

53. — Ano de muita neve, ano de muito pão.

54. — Não ha mal que sempre dure, nem bem que se não acabe.

55. — A honra da mulher tambem está na lingoa.

56. — Não faças aos outros o que não queres para ti.

57. — Guarda que comer, e não guardes que fazer.

58. — Vale mais dobrar do que torcer.

59. — A preguiça nunca mantem bons criados.

60. — Sterca e não marques, e verás com quem partes.

61. — O cão e ó menino vão para onde lhe fazem o ***agarimo*** (afago).

62. — Ó menino e ó borracho põe Deus a mão por baixo.

63. — Tu que sabes e eu que sei, cala-te tu que eu me calarei.

64. — Valem mais cinco na mão, que dez a voar.

65. — Vale mais quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga.

66. — Mãos que não dais, porque esperais?

67. — Cada um é para o que nasce.

68. — Quem nasce p'ra pobre, não chega a rico.

69. — Quem nasce p'ra cinco, não pode chegar a dez.

70. — Beber sem comer, é cegar e não ver.

71. — Comer sem conta, viver sem honra.

72. — Quem anda desanda.

73. — Quem espera, desespera.

74. — Desconfiar de cão que não ladra, e homem que não fala.

75. — Cão que ladra, não morde.

76. — Depois de minha filha casar, não lhe faltam maridos.

77. — Depois do meu porco vendido não lhe faltam compradores.

78. — Depois de burro morto, cevada ao rabo.

79. — Falar não enche barriga.

80. — Dá-o Deus na eira, tolhe-o Maria na masseira.

81. — Quem não tem bois, antes ou depois.

82. — Quem semeia, colhe.

83. — Quem quiser vêr o aranhão é meter-lhe a candeia na mão.

84. — Quem quiser vêr o Diabo é falar-lhe na pele.

85. — Acompanha com os bons, serás um dêles; acompanha com os ruins serás peor do que êles.

86. — Usa, serás mestre.

87. — Só dura a mentira, emquanto não chega a verdade.

88. — Quem paga o que deve, sabe o que lhe fica.

89. — Quem quer ser pobre sem *no* sentir, é meter obreiros e deitar-se a dormir.

90. — Quem não poupa sal nem lenha, não poupa coisa que tenha.

91. — Guardar da risa p'r'á chora. (Da fartura para a fome).

92. — Quem promete o seu antes que morra...

93. — Homem prevenido nunca é vencido.

94. — Criança que se não ri ao fim dum mês, ou é tola ou o pai que a fez. (Alusão ás crianças que se não riem para quem lhes faz festa).

95. — Leve o Diabo a mãe que pariu um filho tôlo. (Alusão ás pessoas que não cuidam dos seus interesses).

96. — Giada na lama, chuva na cama.

97. — Vento soão, chuva na mão.

98. — Quem se veste de ruim pâno, veste-se duas vezes por ano.

99. — Quem quer vai, quem não quer manda.

100. — Quem bem decrua, bem entravessa.

101. — Madrasta, o nome lhe basta.

102. — Em tempo de guerra, mentira como terra.

103. — Fazer bem a algumas pessoas é como manteiga em focinho de cão.

104. — Fazer bem, e não saber a quem, seus perigos tem.

105. — Quem lava focinho a burro preto, perde sabão e tempo.

106. — Caldo sem pão só no inferno o dão.

107. — Quem come arroz com pão é lambão.

108. — Quem tem capa, sempre escapa, e quem a não tem, escapa tambem.

109. — Homem de capa no verão ou é pobre ou ladrão.

110. — Quem liso vive, liso fica.

111. — Um homem para ser rico, ou hade herdar ou roubar.

112. — Feliz daquele que nace de pé no mundo.

113. — Arde mais a lenha verde do que pedras enxutas.

114. — Quem bem nos fala, mal nos quer.

115. — Livrai-vos do mau vizinho da porta.

116. — Com teu amo não jogues as peras, come as maduras e dá-te as verdes.

117. — Porco de mês, cabrito de tres, moça dos dezoito aos vinte e tres.

118. — Quem aos vinte não é, e aos trinta não tem, aos quarenta não é ninguem.

119. — Quem c'o a traça anda, a traça o lenha.

120. — Quem com porcos se deita, com porcos se levanta. (Alusão ás pessoas pouco limpas).

121. — Quem com ... joga o vinte, ... sai ... pedinte.

122. — Vozes de burro não chegam ao ceo.

123. — Mais vale tarde, que nunca.

124. — Pobre, nem quêto nem calado.

125. — Pés quentes, cabeça fresca, não haverá mal nenhum.

126. — Homem barbado, homem honrado.

127. — Quem se arrepende, salva-se.

128. — D'onde se não esperam as coisas, é que elas veem.

129. — Quem muito fecha, pouco aperta.

130. — Mulheres, mulas e mulêtas escrevem-se todas c'o as mesmas letras.

131. — Atrás de nós virá quem de nós bom fará.

132. — Mais vale «bem fiz eu» do que «se eu soubera».

133. — A palavra do «eu fiz» é muito bonita, mas a palavra do «eu fizera» é muito feia.

134. — Deus cose direito com linhas tortas.

135. — A lingoa tem bom fiador.

136. — Não faças mal com esperança de te vir bem.

137. — Não *nas* faças com tenção que as não pagues.

138. — Quem muito jura, muito mente.

139. — Pescador de cana come mais do que ganha.

140. — Pescador de cana nem p'ra fumar ganha.

141. — Ossos da *suão*, barba untada e barriga em vão.

142. — Quem se deita sem ceia, toda a noite rabeia.

143. — Quem muito dorme, pouco aprende.

144. — Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.

145. — O comer, o ranhar e o coçar, todo o mal é começar.

146. — Almoçar com um caçador, jantar com um lavrador, e cear com um arreeiro.

147. — Montalegre e Monforte, merenda e capote.

148. — Bôlo quente, muito na mão, e pouco no ventre.

149. — Bôlo frio, pão cozido.

150. — Quando não ha pão, come-se bica.

151. — Em ano de fome não ha ruim pão.

152. — Quem eu quero não me quer, e quem m'a mim quer não me faz conta.

153. — Faz-me rico, que riquissimo faço-m'eu.

154. — Vale mais um ano á volta do que nunca a casa.

155. — Quem troca caminhos por atalhos, nunca lhe faltam trabalhos.

156. — Á terça-feira não cases a filha, nem urdas a teia.

157. — Quem quiser que o seu menino creça, ... rape-lhe a cabeça.

158. — Muitas vezes põe-se o ramo numa banda, e vende-se o vinho na outra.

159. — Cabrito que não berra, não mama.

160. — Ha tres qualidades de *homes: home*, *homezinho* e *homezão*.

161. — Mulher barbuda, vaca embiguda, o que uma faz, a outra cuida e o seu dono ajuda.

162. — A mulher governadeira traz a filha na dianteira.

163. — Fole pequeno, fole de veneno.

164. — Galinha de campo não quer capoeira.

165. — Diz a caldeira p'r'á certã: tira-te lá, não me enferretes.

166. — Quem anda devagar, anda muito.

167. — Quando a esmola é grande, o santo desconfia.

168. — Muitas vezes as coisas dadas saiem mais caras do que as compradas.

169. — Quem tem muito mel, come um com o dedo e outro com a colher.

170. — Quanto mais raros se matam, mais raros ficam.

171. — Um dia é do caçador e outro da caça.

172. — Onde existires, faz como vires.

173. — Tudo o que cai na rêde é peixe.

174. — Aos homens tudo a comer e nada a saber.

175. — Filhos não tenho, netos me dão canceiras.

176. — O bicho que eu como, não me come a mim.

177. — Quem porcos lhe faltam, tonças lhe roncam.

178. — Sai o linho á linhaça e o diabo á sua casta.

179. — Perca-se um amigo, não se perca uma resposta.

180. — Cabra manca não tem sésta, e se a tem pouco lhe presta.

181. — Quem é de mel, as moscas o comem.

182. — A boca diz o que o coração dita.

183. — Esbarrar não é cair.

184. — Quem foge, não quer guerra.

185. — As pessoas que nos querem bem são as que nos podem dar mais prejuizos.

186. — Cada um sabe das suas dôres, e Deus das de todos.

186-A. — Só se veja, quem só se deseja.

187. — Bem fala o doente p'r'ó são.

188. — Não cases a filha onde haja sogra e cunhada.

189. — Albarda-se o burro á vontade do dôno.

190. — Do cerejo ó castanho bem me amanho; || do castanho ó cerejo mal me vejo.

191. — Aquilo que mal começa, mal acaba.

192. — A ovelha ruim tolhe as outras todas.

193. — P'ra cá do Marão mandam os que cá estão.

194. — Janeiro, giadeiro.

195. — Em janeiro leva-me ao palheiro (diz a ovelha).

196. — Uma castanha em janeiro vale um carneiro.

197. — Quem quiser o bom alheiro, plante-o no mês de janeiro.

198. — Em janeiro
Sobe ao outeiro:
Se vires negrejar,
Põe-te a cantar;
Se vires verdejar,
Põe-te a chorar.

199. — Em fevereiro chega-me ao lumedeiro (diz a velha).

200. — Fevereiro, cada sulco seu regueiro.

201. — A neve de fevereiro derrete-a a velha...

202. — Fevereiro quente traz o diabo no ventre.

203. — Fevereiro matou a mãe á sêde.

204. — Março pelarço, as noites c'os dias e as messes c'os marcos.

205. — O sol de março queima a dama no paço.

206. — Março marçagão, ao meio-dia cara de homem honrado, e á noite ou breja ovelha ou cai-lhe o rabo.

207. — Março marçagão, de manhã cara de cão, de dia cara de homem honrado e á noite cara de vilão.

208. — A neve de março é dura como o aço.

209. — Pascoa em março, fome ou mortaço.

210. — Na Pascoa enfeitam-se as tolas, e na Senhora da Lapa as moças todas.

211. — Ramos molhados e Pascoa enxuta, ano de muita fruta.

212. — Valem mais duas trovoadas entre março e abril, do que o carro e o carril ([1]).

213. — Entre março e abril o cuco ha de vir, ou el-rei está morto ou o fim do mundo p'ra vir.

214. — Quem quiser o alho cachapernudo, plante-o no mês do Entrudo.

215. — Em abril abre a porta á vaca e deixa-a ir.

216. — Em abril abre-me a porta e deixa-me ir (diz a ovelha).

217. — Em abril agoas mil.

218. — Coriscadas de abril matam *no* pôrco no covil.

219. — Neve do cuco por abril, depois vem a da arada.

220. — Em abril vai o carro onde não deve ir.

221. — Abril quantas falopas de neve deitou, quantos grãos de pão criou.

222. — De maio para abril pouco vai que rir.

([1]) Este ditado anda ligado a um conto popular.

223. — Maio louro, *ni* meio louro.

224. — Ahi vem *no* mês de maio, ahi vem *no* mês da cocaina, mas *num* faço conta de romper muita polaína.

225. — Maio pardo, ano farto.

226. — Maio, turvo.

227. — Maio, moço.

228. — Fraco é o maio que não rompe uma crossa.

229. — Maio seródio e maio temporão, a espiga com o grão.

230. — Mamaio me mõlha, mamaio (1) me enxuga.

221. — S. João claro como o olho do galo fá'lo ano a Deus louvado.

233. — Junho, ceitoira ao punho.

234. — Poupa, poupa pão p'ra maio e lenha p'r'àbril, e o melhor tição p'r'ó S. João.

235. — A chuva em S. João talha o vinho e não dá pão.

236. — Quem o melhor quiser, semeie pelo S. Miguel.

237. — *In* agosto dá o sol pelo rosto.

238. — Agosto, malha a teu gosto.

239. — Até á Senhora d'Agosto malha a teu gosto, da Senhora d'Agosto por diante a suor do teu rosto.

240. — Se queres teu homem morto, dá-lhe sardinhas em maio e couves em agosto.

241. — Em agosto secam as fontes, e em setembro ardem os montes.

242. — Em setembro ou secam *nas* fontes ou leva açudes e pontes.

243. — Natal, inverno carual (2).

244. — Entre Santos e Natal, inverno carual.

245. — Quem quiser o bom alhal, plante-o no mês do Natal.

XI. — DITOS E FRASES POPULARES

1. — Abrir as agoas (= abrir a agoa d'um pôço).

2. — Á certa confita (= exactamente).

3. — Adeus, minhas encomendas!

4. — Adeus, temos conversado!

5. — Adeus, vá com Deus, haja saude.

6. — A gente deve andar ás suas comodidades.

7. — A gente, já vê... (frase empregada com freqùencia numa conversa).

---

(1) [Deve entender-se *má'Maio* por *mau Maio*. Fenomeno de próclise, como *má'pecado*, etc. J. L. de V.]

(2) O mesmo que *crual*.

8. — Agora é que são elas.
9. — Agora pago eu outra roda de vinho.
10. — Ah! malandros, que vos escangalho! e a posta mais pequena que vos fica é a das orelhas (= expressão de ameaça a rapazes).
11. — Á hora de comer sempre o Diabo traz mais um.
12. — Ai homes! (expressão de admiração).
13. — Ai Jesus! (expressão de medo).
14. — Ai que pôço!
15. — Ainda bem não era morto, já estava esfolado.
16. — Alagar (1) uma parede (diz-se quando alguem está a ourinar junto dela).
17. — A lei que é para uns, é para os outros.
18. — Alguem lhe quer falar (diz-se a quem deixa cair um objecto mais duma vez).
19. — Alminhas vos gozem (diz-se quando se sacodem as migalhas duma toalha).
20. — Amanhã ha pagamento? (diz-se a quem traz a berguilha (2) desapertada).
21. — A modo d'um (= parecido com um).
22. — Andar á roda (= á vez).
23. — Andar ás aranhas.
24. — Andar ás cambalhotas.
25. — Andar ou ir aos gambosinos.
26. — Andar com uma pessoa: «Sant'Antoninho, onde te porei?»
27. — Andar em calças pardas.
28. — Andar de casa na cêsta (diz-se de quem anda a mudar de casa).
29. — Andar de Jou p'ra Jales (3) (= mudar com frequencia de casa ou de terra).
30. — Andar a estudar p'ra galgo (= andar muito magro)
31. — Andar numa dobadoira.
32. — Andar numa fôna.
33. — Aquele não é dos que deixam fazer o ninho atrás da orelha.

(1) [Creio que *alagar* está aqui no sentido de «derribar», «deitar a baixo»: usa-se neste sentido em algumas partes.—A frase de que se trata diz-se noutras regiões: *deitar a baixo uma parede*.—J. L. de V.].
(2) = braguilha.
(3) Dois lugares.

34. — Aquele não tem a bêta (diz-se de quem profere obcenidades).

35. — Aquele sabe-a toda.

36. — Aquele é que *abeza* uma saia quadrada (= intrujão).

37. — Aquele já não ouve cantar o cuco (está muito doente).

38. — Aquele por ora inda não sabe o que é peixe-agulha.

39. — Aquele já marca passo (está bebado).

40. — Aquele está em cólicas.

41. — Aquilo parece que tem diabrilhos.

42. — Arreganhar a tacha (= mostrar os dentes).

43. — As que morrem solteiras...

44. — Bem fala o são c'o doente (= o rico com o pobre).

45. — Bem, bem, não tem dúvida, nós cá 'stamos.

46. — Bem 'stá!

47. — Bem te conheço, pau de laranjeira!

48. — Bem postado (= bem vestido. Pitões).

49. — Bô, bô.

50. — Bom bai (= é isso, não ha dúvida).

51. — Bote-me a sua benção, ó padrinho. — Em Padrôso ouvi um rapaz dar uma especie de grito como que para chamar a atenção do padrinho antes de pronunciar a frase. A resposta é: «Deus te cubra».

52. — Burro branco não come o lobo.

53. — Cada um governa-se.

54. — Cá o nosso Barrôso é mui bravo (aspero, frio).

55. — Canta, que logo bebes.

56. — Chegar os touros (= levá-los ao campo para se liarem).

57. — Chuvinha de molha-tôlos (= miuda).

58. — Cobrir o boné (= pô-lo na cabeça).

59. — Coisas á tôa não se fazem.

60. — Começa o dia cêdo (diz-se d'alguem que se ri muito logo de manhã).

61. — Compra um cão negro, ou come uma crista de galo atrás d'uma porta (diz-se a alguem que tem mêdo).

62. — Comer o caldo (frase muito empregada por alguem que convida um estranho a passar uns dias em sua casa).

63. — Cortar as asas a alguem (= cercear-lhe os abusos).

64. — Curar a bebedeira.

65. — Dar casca.

66. — Dar um cascarrão.

67. — Dar no vinte (= acertar).

68. — Dar ao esfregão (=estar sempre a falar; e tambem: estar de costas direitas, não fazer nada).

69. — Dar, dá o relogio horas.

70. — Dar tudo em aguas de bacalhau.

71. — D'aqueles tres por nove ruas (alusão a alguem que se quer classificar de muito velhaco).

72. — De caminho (=a seguir).

73. — De mentes em quando (= de vez em quando).

74. — Deitar a manápula a alguma coisa.

75. — Deitar a fatexa (=a mão).

76. — Deve de haver (=deve haver).

77. — Deu-lhe a mosca (diz-se da rapariga que foge de casa para namorar).

78. — Deus lhe fale na alma (=referencia a pessoa já falecida).

79. — Digo-lhe eu (=é verdade).

80. — Do pão do nosso compadre ‖ grande fatia ao afilhado.

81. — Em barda (=abundancia).

82. — É da geração ou do mesmo tronco.

83. — Ê, é, sim senhor.

84. — Ele é perto.

85. — Ei! carocha, o que ai vai.

86. — Êle 'stá i o meu tio?

87. — É tudo ao fundo (=a decer).

88. — É tudo ao pique (=a subir).

89. — Em cortesia, não quero (quando se ateima com alguem para aceitar alguma coisa, e êle responde com aquelas palavras, não se insiste mais).

90. — É-me tarde p'ra m'ir embora.

91. — Então como vai essa bizarria?

92. — Então lá vai á saude (cumprimento ao beber-se um copo de vinho oferecido).

93. — É p'ra diante! no mar anda ‖ quem p'ra nós ganha (diz o dono da casa por ironia á sua governanta quando esta é perdularia).

94. — Esgravatar p'ra fóra (diz-se duma mulher franca, perdularia).

95. — Esbarrar não é cair.

96. — Espera aí, que já bebes (ameaça).

97. — Esta vida não chega a netos, ‖ nem a filhos completos.

98. — Esta é pelo preço da chuva (=é dada).

99. — Está o ar muito fino (diz-se quando ha baixa temperatura).

100. — Está um dia de S. Fernando, ri-se o moço e chora o amo (dizem os criados quando não saiem de casa por causa da chuva).

101. — Estar á mão de semear.

102. — Estar de trombas.

103. — Estar como o parvo no meio da ponte.

104. — Estar a meio pau (= com algum vinho).

105. — Estar com a «tia Joaquina» (= bêbado)

106. — Estar á quinta pergunta (= não ter dinheiro).

107. — Estar em pêlo (= em jejum).

108. — Estar entre as dez e as onze (= meio bebado).

109. — Estar com a esquerda em frente (= bebado).

110. — Estar meio azul (= bebado).

111. — Estar do meio dia p'r'á noite (= bebado).

112. — Estar em ponto de rebuçado (= zangado).

113. — Estar em ares de marcha.

114. — Estar levado da breca.

115. — Estar estrumado (= ter comido o suficiente para poder beber).

116. — Estás um gamardo Dias!

117. — Estava levada da má ventura (= encolerizada).

118. — Estava ó par das coisas (= conhecia muito bem o negocio).

119. — Eu demoro pouco tempo, o que tenho de fazer é um *istante* (instante).

120. — Estoura-vêrgas.

121. — Estraga-albardas.

122. — É uma religião d'isso (= ha muito).

123. — Falar de mais.

124. — Fala com esta pedra! (diz ás vezes uma mulher quando questiona com outra, ao mesmo tempo que volta uma pedra no chão)

125. — Fazer esquerda, rodar (= roubar).

126. — Fazer cêra (= trabalhar pouco).

127. — Fazer ou dizer cousas do arco-da-velha.

128. — Fazia um vento, qu'eu sei lá!

129. — Faz-lhe umas queixadas (diz-se a quem deixou passar qualquer oportunidade).

130. — Ferver em gargalão ou cachão.

131. — Ferve mentiras (diz-se duma vasilha que tem simplesmente agua a ferver, e quando alguem pergunta o que está a ferver).

132. — Ficar a ver navios no Alto de Santa Catarina.

133. — Fica-te, mundo, cada vez a pior!

134. — Fica-te, mundo, e ficarás,
Mil e tantos viverás,
E a dois mil não chegarás.
(Palavras atribuidas a Christo).

135. — Fulano é um stroi-tudo,
Come carne na caresma,
E bacalhau no entrudo.

136. — Gastar cêra com ruim defunto.

137. — Graças ao Senhor!

138. — Ha de ganhar muito com isso!

139. — Hade fazer pela vida como o burro pela albarda (diz-se de quem é indolente).

140. — Ha ali muita alma de riqueza (diz-se de algum sitio onde consta haver tesouros encantados).

141. — Haja saude, e côza o fôrno.

142. — Homem sem homem não presta p'ra nada.

143. — Home, tu já andaste a estudar nas Covas de Salamantiga? [1] (diz-se de quem se quer fazer esperto. — Pitões).

144. — Home! Homes! Homes essa! (expressões de admiração).

145. — Hoje não te viu a raposa (diz-se a alguem que fez um bom negocio).

146. — Horas, dá-as o relogio.

147. — Ir abaixo de Braga.

148. — Ir de braço cobrado (diz-se de alguem que vai levar um presente).

149. — Ir a pé calcante (latinismo).

150. — Ir num pé e vir noutro.

151. — Isso é dos livros (= é cousa certa).

152. — Isso fia mais fino.

153. — Isso tem que se lhe diga.

154. — Isso, tó rôla!

155. — Isso tem bicos.

156. — Isto não é engenho d'agua.

---

(1) [Alusão ás Covas de Salamanca, onde, segundo a lenda, se ensinava magia: cfr. F. Adolfo Coelho, *De algumas tradições*, Paris 1900, pp. 40-41 (separata da *Revue Hispanique*, t. VII). Deve haver relação das Covas com o antro da Sibila Cumana, o qual tem paralelos em tradições da Italia: cfr. G. Paris, *Légendes du moyen âge*, 2.ª ed., p. 88 s. — J. L. de V.].

157. — Isto aqui é um supormos.
158. — J. H. Guimarães.
159. — Já não dá rêgo direito.
160. — Jogar å leite de pita (= sem ser a dinheiro).
161. — Lá foi tudo c'os diabos!
162. — Levantar a cesta a alguem.
163. — Levar coiro e cabêlo.
164. — Levar lambada (= sofrer prejuizo).
165. — Logo comes comida dobrada (expressão de ameaça a crianças, nas quaes se não quer bater diante de quem está).
166. — Logo dou-te o arroz (expressão de ameaça).
167. — Mal pecado!
168. — Matar o bicho (tomar alguma bebida em jejum).
169. — Meter-se em camisa de onze varas.
170. — Meter-se a tralhão (=a direito, sem escolher caminho).
171. — Meter rôlhos (= ganhar jogos).
172. — Morra um homem e fique fama, nem que não seja senão de ladrão.
173. — Morreu algum galêgo (diz-se quando sopra um vento muito fino).
174. — Não cabe na pele, de contente.
175. — Não é por aí que o gato vai ás filhós.
176. — Não ha ouro sem liga, nem prata sem fezes.
177. — Não ha tempo a perder.
178. — Não me faz favor duma palavra! (expressão para chamar alguem, a fim de se lhe falar em particular).
179. — Não te faças Alonso.
180. — Não faz minga (= não é preciso).
181. — Não vale dez reis de mel coado.
182. — Não comas as amendoas todas (diz-se quando alguem se despede de pessoa que foi a uma festa).
183. — Não vivo de cantigas.
184. — Não tem mais nada desta vida (= é muito pobre).
185. — Não saber de certeza.
186. — Não te nasce a barba (diz-se a um rapaz que rapa o tacho em que se acabou de fazer marmelada) [1].
187. — Não nego a minha terra (expressão empregada depois

[1] [Isto funda-se na analogia que se estabelece entre tacho *rapado* e cara *rapada*, por «imberbe». Grande número das nossas superstições e ditos provém assim de analogia falsa. Ha no intimo de tudo isso um principio ou regra de magia imitativa. — J. L. de V.].

de declinado o nome da terra a que se pertence, por se lha ter perguntado).

188. — Não sinto quem tenha disso.

189. — Não te mordem os cães!

190. — Não rompe uma cobra pela messe (= está muito forte).

191. — Não se vê palmo de terra (= está a noite muito escura).

192. — Nem comes, nem deixas comer (diz-se a um individuo que se *tranca* no caminho d'alguem, falando de mulheres).

193. — Nem ata, nem desata (diz-se duma rapariga que, sendo requestada, não diz que sim, nem que não).

194. — Nós não sabemos quando nos metem canela em ôdre (resposta dum individuo em Vilar de Perdizes a quem se perguntava pelas cerimonias dum casamento).

195. — *Num na* sei (= não a sei).

196. — Nunca usei d'isso.

197. — Or'àgóra (ou: or'àgôra).

198. — O dinheiro em certas ocasiões não vale nada.

199. — Ó com seiscentas tapadas! (exclamação).

200. — O juiz na terra, e Deus no Ceo.

201. — Ó papão, não te rias (diz-se a quem se ri muito).

202. — Ó p'r'acolá (= para aquele lado).

203. — Ó Santissima Virgem!

204. — Olha que não!

205. — Olhar contra o governo (= olhar de través).

206. — Olha, se não tens sócos novos, não vais pegar ó andor, ou não vais á festa.

207. — Ó que milagre! ou: ó que mundo! (exclamação de quando se vê uma coisa grande).

208. — O que é ladrão não come o que rouba.

209. — Ó (=ao) tempo, tempo, e ó relogio corda..

210. — O tordo e a carriça dão carne p'rá Pascoa.

211. — O vento inda puxa do sul.

212. — Pancada de criar bicho.

213. — Para voz com'á de burro não ha (diz-se quando se ouve alguem cantar mal).

214. — P'ra cá vens tu de carrinho (= comigo perdes o tempo).

215. — Pescar da poda (= saber da arte).

216. — Pintar a manta (= ser amigo da pandega).

217. — Pintar o sete (= ser muito divertido).

218. — Pois é, é, sim senhor!

219. — Pois então vá lá c'o Senhor, ou: pois então vá com a graça do Senhor.

220. — Pois sim, canta que logo bebes.

221. — Por uma linha negra (= por um tris).

222. — P'r'ó ceo (diz-se quando se ouve alguem espirrar).

223. — Puxe cadeira e sente-se no chão.

224. — Quando vier ó p'ra cá.

225. — Quando Deus queria, de baixo ventava e de cima chovia.

226. — Que Deus lhe perdôe ou que Deus haja (referencia a pessoa já falecida).

227. — Queixa-te ao Barradas (diz-se a quem já não tem para quem apelar).

228. — Quem nos honra? (pergunta feita de dentro de casa a alguem que bate á porta).

229. — Quem lhe encomendou o sermão, que lhe pague.

230. — Quem quer saber, vai á feira (diz-se quando se não sabe ou não quer responder a uma pergunta).

231. — Quem tiver amargôr de bôca...

232. — Quem pagou, arrisou.

233. — Quem lhe doe o dente, *prègunte* ó barbeiro.

234. — Quem não vem, não come (diz-se quando alguem que ficou de ir a um jantar se vai demorando).

235. — Querer abranger o ceo c'o as pernas (= ter muitos negocios ao mesmo tempo).

236. — Résvés, Campo d'Ourique.

237. — Sabe que regala.

238. — São todos da mesma linha (= do mesmo tronco).

239. — Seja pelas almas (expressão d'alguem a quem acontece uma sensaboria).

240. — Sempre estás um engaranhado! (diz-se a alguem que trabalha pouco).

241. — Ser bem mandado (= obediente).

242. — Ser levado do Diabo.

243. — Ser de estrela e beta, e pé calçado.

244. — Se vais por esse andar, não arranjas casa de sobrado.

245. — Só te lembras de Santa Barbara quando tôa.

246. — 'Stou que 'stá (= parece-me que está).

247. — Tanto se me dá, como se me deu.

248. — Tanto lhe dá que a agua corra para baixo, como que corra para cima.

249. — Tanto tem (= tanto faz).

250. — Tambem o mel é negro, e come-se muito bem (resposta duma rapariga a quem se dirigiu um galanteio por ser morena).

251. — Tanta volta dei, que veio mesmo ao pintar.

252. — Tem raça de cão pelado (diz-se d'alguem que tem muito frio).

253. — Tem-te, Maria, não caias!

254. — Tem sido uma boa pedra (1) (diz-se duma mulher que tem conhecido varios homens).

255. — Tenho muita pêna, mas não posso chorar.

256. — Ter bicho carpinteiro... (= ser inquieto).

257. — Ter culpas no cartorio.

258. — Ter fome de rabo.

259. — Ter gana ou osga a alguem.

260. — Ter entradas de lião e saidas de sendeiro.

261. — Ter lingoa comprida (= falar de mais).

262. — Ter unha na palma da mão (= ser larapio).

263. — Ter muita leria.

264. — Ter muito milho, massa ou chêta (= ter muito dinheiro).

265. — Ter os olhos pisqueiros (= estar bêbado).

266. — Tire-se d'essa vida (= deixe-se d'isso).

267. — Tó Diabo! (= expressão de admiração).

268. — Todo o ladrão que arromba a porta quer-se prêso; os presos da cadeia arrombaram a porta (diz-se quando se vê alguem com as meias rôtas nos dedos dos pés).

269. — Tratar debaixo d'orde (= muito bem).

270. — Trazer um grão na asa (= estar com algum vinho).

271. — Tu és uma laróta.

272. — Tudo é um (= a mesma coisa).

273. — Tu viste o lobo! (diz-se a quem estrá rouco) (2).

274. — Tu vendes azeite? (dizem os rapazes quando vêem algum com a *berguilha* desapertada).

275. — Tu levas o palmito quando morreres (diz-se a uma rapariga honesta que já vai entrando em anos).

276. — Um dia com cara de homem (= lindo).

277. — Um dia não são dias.

---

(1) [Entender-se-ha: pedra de toque. — J. L. de V.].

(2) [Isto relaciona-se com o que digo nas *Trad. pop. de Portugal*, § 330, de o lobo fazer perder a fala. Cfr. tambem Liebrecht, *Z. Volksk.*, p. 335, e H. Gaidoz, *La rage et St. Hub.*, p. 189 e 190. — J. L. de V.].

278. — Um homem é um homem, e um gato é um bicho.

279. — Um quaisquer.

280. — Um tudo-nada, um tantinho, um ratinho (=um quasi nada).

281. — Vai á fava emquanto a ervilha enche.

282. — Vai pentear macacos.

283. — Vai bugiar.

284. — Vai-te, pecado!

285. — Valha-te um burro aos coices!

286. — Vejam como o Diabo as arma.

287. — Vêr Braga por um canudo.

288. — Veremos, como dizia o cego, e nunca viu.

289. — Viva vossa senhoria muitos anos!

290. — Você a cara tambem lhe defende as costas.

XII. — COMPARAÇÕES

1. — Agatanha como um gato.

2. — Alto como um tigre.

3. — Amargar como fel.

4. — Amigos como o cão e o gato (ironia).

5. — Antes na taberna do que na botica (o dinheiro que ha-de gastar-se com doenças).

6. — Antes queria ter um filho do que tirar uma mó (dente).

7. — Andar depressa como o *pouso* do moinho (ironia).

8. — Anda coma mim.

9. — Andar ou estar como uma joeira ou joeirinha (expressão muito empregada pelos carpinteiros para significar justeza).

10. — Andar como lebres.

11. — Aos pares, como os frades.

12. — Aquele por dinheiro é como o Diabo por almas.

13. — Aquilo ha de saber que nem pescada.

14. — Arder como isca.

15. — Arder como palhas.

16. — Atirar-se a alguem como S. Tiago aos Mouros.

17. — Atirar-se como um lobo.

18. — Baixo como um pote.

19. — Beber como as vacas na carrada.

20. — Beber como uma esponja.

21. — Bebado como um carro.

22. — Berrar como uma cabra.

22-A. — Boa (mulher) como uma pescada.

23. — Bom, é como bom.

24. — Branco como a neve.
25. — Bruto como uma porta.
26. — Bruto como um pote.
27. — Bruto como um peixe.
28. — Bufar como uma cobra.
29. — Caro como fogo.
30. — Carregar como um macho.
31. — Chegada a ocasião, tanto faz gastar dez como vinte.
33. — Cheio como um ôdre.
33. — Claro como o sol.
34. — Comer como um lobo.
35. — Contente como um cuco.
36. — Como Pilatos no Credo.
37. — Consumido como o vento.
38. — Conhecer alguem como os dedos das mãos.
38-A. — Danadas (sardinhas) como pilha.
39. — De rastos, como as cobras.
40. — Dôce como mel.
51. — Dormir como uma bêsta.
42. — Dura (casca) c'ó Diabo.
43. — Duros (burros) como camelos.
44. — Duro como ferro.
45. — Duro como um côrno.
46. — É como o ferreiro da maldição, quando tem ferro, não tem carvão.
47. — É como Pedro-Sem, que já teve e agora não tem.
48. — É como S. Benedito, come pouco e anda gordito.
49. — É como o piolho em costura lavada.
50. — É como o prêto (diz-se de quem gosta muito de azeite) ([1]).
51. — É o Diabo em figura de gente.
52. — É do tempo dos afonsinos.
53. — Entende tanto d'aquilo como eu d'um lagar de azeite.
54. — Estar como um quatorze (estar muito bem).
55. — Estar como o peixe na agua.
56. — Escuro como um prego.
57. — Esfomeado como um lobo.
58. — Falso como Judas.
59. — Faz frio, que até grit'ó pecado ([2]).

([1]) [Relaciona-se com isto a facecia do preto que ia molhar pão na lampada da igreja e dizia: *Molhar, remolhar, para preto consolar* (Beira). — J. L. de V.].

([2]) [Aqui *pecado*, ou *Pecado*, estará por *Diabo*. — J. L. de V.].

60. — Fazer bem àquele é como manteiga em nariz de cão.
61. — Fazer mais barulho ca sete galegos.
62. — Fazer como a toupeira, que trocou os olhos pelo rabo.
63. — Fazer pela vida, como o burro pela albarda (ironia).
64. — Fazia um calor que tremia.
65. — Feio como um bode.
66. — Feio como o Diabo.
67. — Fino como um sóco.
68. — Fino como um alho.
68-A. — Fino como um rato.
69. — Fino como azougue.
70. — Foge como o Diabo da cruz.
71. — Foi tão verdade, como eu aqui estar.
72. — Fresco como uma rosa.
73. — Fresco como uma alface.
74. — Frio como a neve.
75. — Fugir como o vento.
76. — Gorda (mulher) como um ôdre.
77. — Gordo como um teixugo.
78. — Gordo (passaro) como um tralhão.
79. — Gordo (rapaz) como um tortulho.
80. — Gordos (cavalos) como lontras.
81. — Gostar dum animal como dum cristão.
82. — Ha gente mais bruta qu'ós animaes.
83. — Ha mais dias do que chouriços (= diz-se a quem come muito).
84. — Honrada como a porca de Murça.
85. — Importar-se tanto d'aquilo como da primeira camisa que vestiu.
85-A. — *Imprar* com'ó sapo.
86. — Justo como uma luva.
87. — Ladrar como um cão.
88. — Leve como uma pêna.
89. — Liso como a palma da mão.
90. — Liso como a casca do sobreiro (ironia).
91. — Má (mulher) como uma loba.
92. — Mais velho que a sé de Braga.
93. — Mais bruto que uma couçoeira [1].
94. — Mais maldade ca sete raposas.
95. — Magro como um dêdo.

[1] [Cfr. *tapado como uma porta*. E vid. o n.º 25.—J. L. de V.].

96. — Magro como uma mão.
97. — Magro como um guiço.
98. — Magro como um cão.
99. — Manso como um carneiro.
100. — Manso (cavalo) com'á terra.
101. — Mau como o Diabo.
102. — Mergulhar como uma cortiça (ironia).
103. — Mentir como uma cesta rota.
104. — Meter-se como o piolho na costura lavada.
105. — Moeu-o como a centeio verde.
106. — Nadar como um prego (ironia).
107. — Não vale uma ponta de cigarro.
108. — Navega com'ó leite quente (=está a enriquecer).
109. — Necessita d'aquilo como de pão para a boca.
110. — Negro como o carvão.
111. — Negro como o pêz.
112. — Pagar-se com'ó moleiro.
113. — Parece um cavalo de cem moedas.
114. — Pesado como chumbo.
115. — Pobre como Jó.
116. — Pode como um camélo.
117. — Pôr-se como um gualdrapo (molhado).
118. — Puseram-no como um S. Lazaro.
119. — Puseram-no como um Christo.
120. — Quente como um fôrno.
121. — Quente como borralho.
122. — Rebentar como um ôdre.
123. — Ressonar como um porco.
124. — Rico como um porco.
125. — Rijo como ferro.
126. — Sabe mais do que lhe ensinaram.
127. — Sabe que nem gaita.
128. — São com'á unha e a carne.
129. — Sêcas como palhas.
130. — Ser como um chasco (=fraco).
131. — Ser como um sapo (=andar pouco).
132. — Ser como um negro (=serviçal muito trabalhador).
133. — Tão bom é o Diabo como Satanaz.
134. — Tão certo como chover albardas (ironia).
135. — Teimoso como um burro.
136. — Teimoso como um pórco.
137. — Ter força como um boi.

138. — Ter mais tretas do que obras.
139. — Ter mais manha ca sete raposas.
140. — Ter força como um galego.
141. — Ter força como um gigante.
142. — Ter os olhos a par como os lobos.
143. — Têso como um pau.
144. — Têso como um pinheiro.
145. — Tôrto como um vencelho.
146. — Tratar alguem como um cão.
147. — Trabalhar como uma maquina.
148. — Trabalhar como um Mouro.
149. — Trabalhar como a mouramia.
150. — Trabalhar como um macho.
151. — Trabalhar como um negro.
152. — Trazer alguma coisa com'óvinhos em peneira.
153. — Tremer como varas verdes.
154. — Triste como a noite.
155. — Um homem que não sabe lêr é como um canhôto.
156. — Vale tanto como nada.
157. — Vale mais um *toma* do que *dois te darei*.
158. — Vai-se como cesto rôto.
159. — Vermelho como *uma* tomate [1].
160. — Vermelho como um pimento.
161. — Velho como as igrejas.
162. — Vira-se como o vento.
163. — Vira-se como a folha do olmo.

XIII. — RIMAS E FRASES ESTEREOTIPADAS

1. — Rafael da Cunha,
Obra feita,
Dinheiro á unha.

2. — As silvas que dão?
Amoras.
Debaixo do burro
Conta-lhas horas.

3. — Pouca bulha, que não ha quem dance.

4. — Faz pouco barulho, que está a galinha a chocar os ovos.

5. — Sempre foi e ha de ser;
E o que fôr,
Ha de se vêr.

---

(1) [Ou será *tomata*? Assim se diz na Beira, *Rev. Lus.* XII, 316 (Gomes Pereira); tambem em Alvações do Corgo ouvi dizer *tomata* (a par de *tomato*). Temos aqui um fenomeno analogo ao de *açuda* (Beira) por *açude*. — J. L. de V.].

6.—Se a candeia chora,
Está o inverno fora;
Se a candeia ri
Está o inverno p'ra vir [1].

7.—Deus que te marcou
Algum erro te achou.

8.—Em vista d'isso e ós atos (por *autos*), quem comeu escusa de prato.

9.—Minha mãe tem tem,
Tripas a cozer:
E ó do tri-pó-pó
Qu'eu me hei de encher.

10.—Antão era pastor, guardava ovelhas.

11.—Bem te conheço: és de Braga e chamas-te Lourenço.

12.—Coitadinho de quem morre! Quem cá fica sempre come.

13.—Está triste, porque o amor não lh'assiste.

14.—Muito bem se canta na sé, mas é quem é.

15.—A castanha
Tem uma manha;
Quem a vê
Logo a apanha.

16.—Lerias tuas, trinta e duas.

17.—Não meta o nariz onde não é chamado.

18.—Que horas são?—*falta* dez reis p'ra meio tostão.

19.—Valha-me Nossa Senhora d'Agrela, que não ha outra como ela!

20.—Vamos á deita, qu'está o sôno á espreita.

21.—Ah meu Deus de Covas, que tão perto estás, e tão longe moras!

22.—Sabados alegres,
Domingos triunfantes,
Segundas tristes.

30.—Sabados a chover,
E bêbados a buber,
Nunca ninguem os póde vencer.

XIV.—JOGOS E RIMAS INFANTIS

1.—Amanhã é domingo
Pé de cachimbo,
Gato montês,
Pica na rez;
A rez é miuda,
Bate na cuba;
A cuba é d'ouro,
Pica no touro;
O touro é bravo,
Arde-lhe o rabo.

---

[1] [Alusão ao estado do tempo em dia da Senhora das Candeias, 2 de Fevereiro.—J. L. de V.].

2. — Graças a Deus que já cozemos
Sete pães, quatorze devemos.
Graças a Deus que nem a *bica* (1) *probemos*.

VARIANTE

Graças a Deus que sete cozemos,
Quatorze devemos
Que nem a bica probemos.
Graças a Deus

3. — Sorrobico, bico, bico,
Quem te deu tamanho bico?
— Nosso Senhor Jesus Christo.
— D'onde vais e d'onde vens?
— Buscar os meus vintens.
— Os de prata e os de ouro?
— Nem são de ouro, nem de prata,
São do rabo da *largata*.
Palma rainha,
Raia *largata*,
Vai buscar
Os tres vintens de prata.

4. — Tanto dancei
Á porta da Rita,
Tanto dancei
Que me deram da bica;
Tanto dancei,
Á porta do forno;
Tanto dancei
Que me deram do bôlo.

5. — Amanhã é domingo,
Canta o pintassilgo;
O pintassilgo é dourado,
Não tem séla nem cavalo.
Minha mãe dê-me pão,
P'ra mim e p'r'ó meu cão.
O meu cão não está cá,
Está debaixo do navio.
Dá-lhe o vento, e dá-lhe o frio,
Faz andar o correpio.

6. — Pico pico que eu piquei,
Grande milho eu achei:
Eu deitei-o ao moinho,
O moinho não moeu,
O ratinho m'o comeu,
Que me apalparam os calções.
Eu chamei por S. Tiago,
S. Tiago não me ouviu,
Ouviram-me os tres ladrões

7. — Amanhã é domingo,
Chichero pingo,
Tarre-tarrez,
O adro é fino,
Toca no sino,
O sino é d'ouro,
Toca no touro,
O touro é bravo,
Tem bichos no rabo.

8. — Chiquerichi ou chicherichi, minha mãe foi á feira
Chiquerichi que lá foi buscar?
Chiquerichi um alqueire de sal,
Chiquerichi p'ra que é o sal?
Chiquerichi p'ra dar á pita,
Chiquerichi p'ra que é a pita?
Chiquerichi p'ra pôr o ovo.
Chiquerichi p'ra que é o ovo?
Chiquerichi p'ra dar ao padre.
Chiquerichi p'ra que é o padre?
Chiquerichi p'ra dizer a missa.
Chiquerichi p'ra que è a missa?
Chiquerichi p'ra nos salvar.

(1) Veja-se depois o Vocabulario.

9.—Aqui vai a Maria Madeira
Assentada na sua cadeira,
A fiar o algodão,
P'r'ó abade capitão.
Tlim, tlim, caiu no chão.

10.—Minha mãe
Caldinho tem;
Era de verças,
Sabia bem,
Couvinhas quatro,
Tamanho pão
Como a lingoa do gato.

11.—A velha fez as papas,
O pote deitou-lhas fóra:
Ha cem anos que foi isso,
Inda hoje a velha chora.

12.—Padre nosso,
Caldo grosso,
Chicha gorda,
Não tem ósso,
Chucha tu,
Qu'eu já não posso.

13.—Ave Maria
Tigela vazia,
Se me désse mais,
Mais comia.

14.—Salvé rainha,
Salvé rachão,
Corto-te as pernas,
Com um enxadão.
Salvé rainha,
Salvé rachola,
Corto-te as pernas
C'ũa sachola.

15.—Cruz de pau,
Cruz de ferro,
Quem mentir
Vai p'r'ó inferno.

16.—Fiar, fiar
Qu'eu vou p'r'ó mar,
Agarrar peixinhos
P'r'ó meu jantar.

17.—Sapatinho rebicado,
Aqui levo, aqui trago
Sapatinho rebicado, etc.

18.—D'onde vens, cabra cega?
—Venho de Castela.
—Que levas de venda?
—Pão e canela.

19.—A minha mãe p'ra m'eu casar
Prometeu-me tres ovelhas,
Uma manca, outra cega,
E outra sôcha das orelhas.

20.—Ó rú-rú
Papinhas...
Fizera-t'as eu,
Papara-las tu
Ó rú-rú, etc.

21.—Assim se amassa,
Assim se peneira,
Assim se dá volta
Ó pão da masseira.

22.—Quem foi ó vento
Perdeu o assento;
Quem foi ó ar
Perdeu o lugar.

23.—Quem dá e torna a tirar,
Ao inferno vai parar.

24.—Maria
Rabo d'inguia,
Fecha a porta
Com de dia,
Que lá vem *no* bicho mau
Que te vai ó bacalhau.

25.—A pitinha põe-no óvo,
Que vem o papá
E papa-o logo.

26.—Ó doutor da mula ruça,
Tira o chapeo e põe a carapuça.

27.—Ana,
Magana,
Rabeca,
Susana,
Lazaro,
E Ramos,
Em Pascoa estamos.

VARIANTE:

28.—Ana,
Magana,
Roca,
Susana,
Lazaro,
Ramos,
Em Pascoa estamos.

29.—Eu vi Amelia
Sentada ó lume,
C'um pontapé
Tirei-lhe o costume.

30.—João,
Come pão,
Leva as vacas
Ó patrão.

31.—O carrapato e mais a ovelha,
Foram p'rá serra bater a orelha.
O carrapato não queria andar,
Juribáto, que te hei de matar!

32.—É berdade, é berdelho,
Carrapato, persebelho.

33.—Um, dois, tres,
Vaca parda,
Boi mirandês.

34.—Um dois três,
Toca-te a ti
A bonita vez

35.—Um, dois, tres,
Toca-te a vez,
Uma vara de Viana,
Uma gata castelhana.
Ó zerim-tim-tim,
Aqui estão os vinte e tres.

36.—Vaca pinta,
Boi marelo,
Leva o carro
Costa acima.
Não ha moça nesta terra
Que tres vezes diga, diga.
(Deve dizer-se sem tomar respiração).

37.—Confissão de burra preta,
Absolvição de castanheta.

38.—Um, perũ,
Dois, bois,
Tres, rez,
Quatro, gato,
Cinco, pinto.

39.—Um, vai-se c'o pirũ,
Dois, vai-se c'os bois,
Tres, vai-se c'o a rez,
Quatro, vai-se c'o gato,
Cinco, vai-se c'o pinto.

40. — Pião que não tem sêlo
Vai p'ra casa d'um camêlo.
(Vilar de Perdizes).

VARIANTE:

41. — Pião que não tem sêlo
Vai p'ra casa de Soutêlo.

VARIANTE:

42. — Pião que não tem rabo
Vai p'ra casa do Diabo.

43. — Una, duna,
Tena, centena,
Surata, batata,
Bira, birom,
Conta bem
Quantos som.

43-A. — Una, duna,
Tena, centena,
Gafo, magafo, mafagafão,
Conta bem
Que doze são.

44. — Catufelinho, catufelão!
Adivinha, toleirão,
Quantos dedos tem na mão.
— Dois.
Se disseras tres,
Nem perdias,
Nem ganhavas,
Nem tanta
Porradinha levavas.
Catufelinho, catufelão!
Adivinha, toleirão,
Quantos dedos tem na mão, etc.

45. — Doze e doze, rebaldoze;
Vinte e quatro com quatorze;
Dezasseis e vinte e um:
Faz um cento menos um.

46. — Vamos a uma demandinha:
O teu galo foi á minha vinha,
E ó teu foi á minha:
Vamos nós lá a uma demandinha.

Sopram depois para os olhos e dizem:

Fraco raposo que fecha os olhos.
(Sirvosêlo).

48. — As crianças para fazerem perder os companheiros no jogo do *bedrêlho*, dizem:

Rabo de cão
Que te parta a mão!

Ovos fritos na caçóla,
Ovos fritos na caçóla.

Andemos iguais
Com'ó rei dos pardais;
Peço a Deus que não faças mais,
Nem mais um.

Engaranho (ou engabranho), engaranho,
Com'ó rabo do meu anho,
Engabrito, engabrito,
Com'ó rabo do meu cabrito.

49. — Em Friães as raparigas dizem ás que querem arreliar:

Vai ajudar a junguir teu pai,
Qu'anda além do rio
Lanhado c'o a môsca.

50. — Sei um ninho de rinchão
Que tem cem ovos e um ...

XV.—ALITERAÇÕES

1. — Antes assim, do que assado.
2. — Lé com lé, cré com cré.
3. — Mau, Maria, que a coisa vai mal.
4. — Arcas, arcas, etc.
5. — Sei um ninho de gafamagafa, com cinco gafagafinhos, morreu a gafamafaga, guifequifaram os gafagafinhos.

6. — Tenho uma casa
Com vinte e quatro caibros,
Muito mal intrabrinquadrilhada:
Hei de chamar o mestre intrabrinquadrilhador
Para intrabrinquadrilhar melhor.

7. — Atrás d'aquela sêbe sêca
Está minha mãe florida:
Se florida a achei,
Florida a deixei.

8. — Ó de maquife,
Ó de maquife.

9. — Dar c'os cordões no lar,
Dar c'os cordões no lar.

10. — Atrás do fôrno está meu pai
A ensacar alhos e a desensacar alhos.

11. — Tenho um ovo grôlo
Que sobe da cama ó côro
E do côro á cama.

12. — Tem paciencia, que tambem a teve o João do Outeiro, casou com a mulher e não dormiu com ela tres dias.

XVI.—IMPRECAÇÕES

1. — Acabado sejaes vós!
2. — Consumido sejas tu como o vento!
3. — De rastos te vejas como as cobras!
4. — Diabos te *leve!*
5. — Diabos te nunca *leve!*
6. — Diabos a levassem!
7. — Diabos te levaram!
8. — Dialhos te levem!
9. — Engaranhado sejas tu!
10. — Eu arda, s'eu sei!
11. — Eu vos tempero!
12. — Inda tu sirvas a fada do dinheiro!
13. — Morte te deixe!
14. — Morte te leve!

15. — Morte te nunca leve!
16. — Nas profundas dos infernos estejas emquanto não pedires perdão!
17. — Os Diabos te tivessem levado já ha mais tempo!
18. — Oh que espiga!
19. — Oh que catrino!
20. — Ó safada do inferno.
21. — Raças te *coma*.
22. — Raça te pele a lã dos olhos! Que tal é!
23. — Raças te *parta!*
24. — Raios te partam.
25. — Rais te *parta!*
26. — S. Pedro me leve, se eu tirei alguma coisa.
27. — Vai á tabúa.
28. — Vai bugiar.
29. — Vai pentear macacos.
30. — Vai p'r'ó Diabo.
21. — Vai p'r'ós Diabos que te levem.
32. — Vai p'r'ó raios que te partam.

Junho — 1914.

FERNANDO BRAGA BARREIROS.

NOTA AO ARTIGO PRECEDENTE

Juntamente com a metodica e abundante colecção de tradições populares que os leitores agora acabaram de ler, mandou-me o snr. Braga Barreiros um valioso Vocabulario barrosão, que publicarei na *Rev. Lusit.*, logo que possa. A região de Barroso, etnograficamente falando, era *terra incognita*. Depois do que a seu respeito disse de relance, ha quasi trezentos anos, o bom Fr. Luis de Sousa na *Vida do Arcebispo*, liv. III, cpp. 5 e 6, poucos tornaram a falar d'ela, e tambem só com igual fugacidade: de modo que os dois escritos do snr. Braga Barreiros serão, sem dúvida, muito apreciados dos estudiosos.

J. L. DE V.

CASA PORTUGUESA

(Inquerito etnografico)

Os trechos que vão ler-se são extraídos de dissertações que passei na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa a alunos meus. Entendo que convem arquivá-los na *Revista Lusitana*, e por isso aqui os trago a lume, com uma ou outra leve emenda que lhes fiz.

J. L. DE V.

I

Ilha da Madeira

O meu humilde estudo refere-se apenas ás habitações que mais vincadamente caracterizam a civilização tradicional do povo madeirense.

Ainda hoje s'encontram em grande abundancia essas habitações caracteristicas, podendo dizer-se que só as não ha na capital (Funchal), nas vilas (Camara de Lobos, Ribeira Brava, Ponte do Sol—hoje só conhecida por Ponta de Sol—, Santa Cruz, Machico) e em lugares como Madalêna do Mar, Monte, etc. E destes centros, influenciados já pelas exigencias da civilização, temos de distinguir o *Monte* onde o estrangeiro, monopolizando todas as manifestações de vida social, vae fazendo desaparecer o gosto local de todas as coisas.

Nas habitações tradicionaes do povo madeirense podem distinguir-se três tipos: a *furna*, a *palhosca* e a *casa terreira*.

Consideremos cada um em separado.

A *furna* é uma cavidade, ou praticada na rocha pelos homens, ou caprichosamente talhada pela propria Natureza: póde ter diversas dimensões, e ha furnas em quasi todas as frèguesias ruraes, conhecendo-as eu principalmente em Camara de Lobos, na Madalêna do Mar e na Boaventura. Quasi todas as furnas são hoje ainda habitadas, e não representam menos adiantado estado de civilização dos seus habitantes. Ou porque o analfabetismo é geral na ilha da Madeira (e ele tristemente nivela as classes), ou porque a religião católica levanta o significado social das classes proletárias,—um habitante das furnas goza dos mesmo direitos á face da lei e das mesmas atenções no convivio que qualquer habitante das «casas terreiras». É asim, e por isso, que ha exemplos de troglóditas madeirenses que possuem alguma instrução e algum dinheiro, «pé de meia»,

como eles chamam ás suas economias. As furnas raras vezes são á beira do oceano, menos na frèguesia de Madalena do Mar.

As *palhoscas*, ou «choupanas», como lhe chamam as pessoas cultas, são casas dum só *quarto* (i.é, compartimento) e de teto de colmo, terminado em angulo, /\, teto que é pelo povo conhecido pelo nome de *impeno* (=*empeno*). As paredes são o mais rudimentares possivel: em geral de pedras (basalto) amontoadas sem cal, ou com cal muito grosseira. As *palhoscas* abundam nas frèguesias do N. da Ilha, particularmente em Sant'Ana, S. Jorge, Faial e nas povoações limitrofes das serras. No Sul não existem, em geral. Uma ou outra que exista é o *impeno* do sanimaes. Neste caso a palavra *impeno* sofreu uma extensão de sentido, i. é. passou de significar o teto da casa coberta de colmo a significar toda a casa.

As *casas terreiras* são as casas construidas com pedra e cal, com mais cuidado que as palhoscas, e é onde em geral habitam os *feitores*, os *colonos* mais considerados, as autoridades locaes, e muito os *proprietarios* e os *senhorios* das terras. Tem em regra tres «quartos»: dois de dormir, um de jantar e cozinha, e tem só um andar.

Dito isto, não vem fora de proposito falar do mobiliario, que é, em geral, o mesmo nas *furnas*, nas *palhoscas* e nas *casas terreiras*.

Na cozinha que serve de «quarto de jantar» ha uma grande caixa de madeira dentro da qual se guarda a baixela do casal, bem como as roupas mais importantes e alguns dinheiros para as despesas extraordinarias.

É sobre essas caixas que se come, assentando-se a familia nos bordos. Acabada a refeição, nos sitios onde não ha agua á mão, lavam-se, espremendo nas mãos um fruto, uma nespera, no tempo delas.

Nos quartos de dormir desconhecem-se ainda os catres de ferro. Usam-se as camas antigas, de madeira, muito altas, algumas tão altas, que para elas sobem por umas escadas portateis (1).

---

(1) [Outr'ora os leitos eram por vezes muito altos, e subia-se para eles por escadas tambem altas. Já nos Romanos acontecia isto: vid. desenhos de leitos com escadas em Rich, *Dict. des antiq. rom. et grecques*, s. v. «lectus», § 2.º, e no *Dict. des antiquit.* de Daremberg & Saglio, s. v. «lectus», p. 1021. O leito que se usa na Madeira deve ser continuação de um costume da metropole, o qual porém creio se perdeu; mas d'ele ficaram vestigios cá, pois na Extremadura se diz, quando se vê um homem pequenino, que a mulher, que o desposar, precisa de lhe pôr uma escada para ele subir para a

Nos mesmos quartos se vê outra caixa onde se guardam as roupas de uso, igualmente grande, e onde se sentam a trabalhar as mulheres que se entregam ao labor dos «bordados».

São estas as notas mats curiosas das habitações caracteristicas do povo madeirense.

EDUARDO ANTONIO PESTANA.

II

Costa de Cima

Costa de Cima é uma aldeola situada numa branda elevação de terreno, a 5 kilometros da vila da Batalha e a 10 da cidade de Leiria, a cujo concelho pertence.

Como em toda a parte, o seu tipo de habitação obedece ás condições ambientes do solo, ao qual pede os materiais de construção.

Compõe-se essa aldeia apenas de umas trinta casas de moradia, aproximadamente, e a disposição d'ela é tudo quanto ha mais simples: — no centro um cruzeiro de pedra, precisamente no ponto onde a curvatura do terreno é mais patente, e em volta as casas pegadas umas ás outras, como que a protegerem-se mutuamente. No entanto, essa união é interrompida por uns quatro caminhos que vão dar aos campos.

O tipo de habitação é pobre, e não só na Costa de Cima, como em toda a frèguesia. Apenas uma ou outra casa avulta pela sua aparencia menos rude, e são essas as mais modernas, aquelas cujos proprietarios viveram em Lisboa ou no Brasil, e que de volta á sua terra fazem melhoramentos nas casas que já possuiam, ou constroem outras mais confortaveis, utilizando as antigas para arrecadação. Contudo, o progresso é lento. Não ha gôsto de as aformosear.

Na Costa de Cima ha dois tipos de habitação: a casa de alpendre, que é a mais antiga, e a casa sem alpendre, composta apenas de um pavimento. Tanto uma como outra são construidas

---

cama (Obidos). Com a mesma ideia se relaciona em parte esta cantiga, que se ouvè tanto no Sul, como no Norte:

Hei-de-me casar c'um velho,
Para me fartar de rir:
Fazer a cama bem alta,
P'r'ó velho não assubir.

No conto popular das «Tres cidras do amor» o principe manda fazer dos ossos da preta uma escada para a menina subir para a cama: cf. Consiglieri Pedroso, *Contos pop. portug.*, Lisboa, 1910, p. 69. — J. L. de V.].

com os materiais fornecidos pela região: — pedra, cal, areia e saibro. A cantaria, essa, é fornecida pelas pedreiras duma região que fica perto de Porto de Mós. Isto de maneira geral, porque se descermos a minuciosidades, encontraremos alguns pormenores na construção, os quais dependem, na maior parte, das circunstancias pecuniarias de cada individuo.

As casas de alpendre são as mais velhas. É debaixo desse alpendre que as mulheres aninham as suas roupas e fazem os trabalhos em que não precisem andar de pé de um lado para o outro, pelo motivo de receberem dentro de casa pouca luz. A maior parte das casas recebem ar na cozinha pela porta que dá acesso para o pateo, onde fazem os estabulos para os animais, — o burro e o porco: aquele para os transportes e trabalhos do campo, e este para parte do sustento da familia. Dentro desse pateo fazem-se tambem casas de madeira para arrecadação da palha,—os *palheiros*—, a adega, etc.... Porém, ha casas em que a respiração se faz apenas pela porta da rua; outras ha em que ela se faz por postigos ou telhas de vidro, por onde ao mesmo tempo entra luz nos quartos. As divisões interiores das casas são sobrias. Cada casa tem um compartimento de entrada, onde se vê uma arca ou uma mesa, no meio de duas cadeiras de pau; um, dois ou três quartos, e uma cozinha com a sua cantareira enterrada na parede, e a lareira, que pode ser rasa ou não. É na cozinha que se reune a familia á ceia. Os telhados são cobertos de telha vã e ás vezes apenas assentes numa rede de traves de madeira, vendo-se o ceu através dêles. Embora algumas casas sejam já forradas, e de pé direito, na maioria são de tectos inclinados.

As casas sem alpendre são tambem muito simples e quasi que não diferem das outras. Todas tem hoje soalho de madeira, mas uma existe ainda, de fórma triangular, composta de uma unica divisão, de chão terreo, com duas das suas paredes de pedra e a terceira de madeira. Serviu já de habitação.

Possue tambem a aldeia uma capela, a qual, como as casas, apresenta a fórma de alpendre, que assenta em pilares de pedra.

Os tipos de casas que acima referi são os mais antigos. A casa moderna tem já bastantes divisões, atravessada ao centro por um corredor; é muito arejada, de largas janelas, de tecto direito, com sótão. Na fachada principal tem uma varanda de pedra, com dois degraus que a ligam com a rua. É a *varanda descoberta*. No interior, as portas não são pintadas.

A madeira mais usada, tanto na casa antiga como na mo-

«derna, é a de pinheiro; todavia, emprega-se tambem a madeira de carvalho e de faia (a primeira abunda mais na região).

Para terminar, direi que a unica riqueza da aldeia é o solo, e que todos, mais ou menos, tem nele o seu quinhão. A propriedade rustica está repartida; os campos são separados apenas por curtos marcos.

ESMERIA DE SOUSA.

III

Mirandela

Mirandela, vila de Tras-os-Montes, cabeça do concelho e da comarca do mesmo nome, está situada na margem esquerda do rio Tua, sobre uma grande elevação. Vista da margem oposta, tem alguma semelhança com Coimbra. Está no centro da provincia, e em frente da vila vê-se uma extensa ponte de cantaria que atravessa o Tua.

A palavra *Mirandela* é deminuitiva de *Miranda*, e esta é o adjectivo-participio latino «miranda» do verbo *miror:* significa na origem «digna de ver-se», mas depois deve ter significado «atalaia» [1]. Ha em Portugal mais localidades com o nome de *Mirandela*, e na Galiza ha tambem *Mirandela*, em Badajoz *Mirandilla* e na Italia *Mirandola* [2]. Diz-se de Mirandela:

Mirandela, Mirandela!
Mira-a bem, ficarás nela:
Quem Mirandela mirou,
Em Mirandela ficou.

E tambem (principalmente na bôca dos de Bragança):

De Mirandela || ou mata ou pela [3].

Não ha nesta terra edificios notaveis, a não ser o dos Tavoras, que hoje serve de quartel. A vila foi murada e teve um castelo; das tres portas que havia nas fortificações, só hoje existem restos de uma.

A casaria é moderna e de construção simples; casas puramente antigas e tradicionaes são raras, existindo porém algumas na parte alta da vila, as quais vou descrever por alto, visto eu não ter ido agora lá, para poder tirar notas minuciosas.

---

(1) Vid. Leite de Vasconcellos, *Lições de Philologia*, Lisboa, 1911, p. 332.

(2) Vid. Leite de Vasconcellos, *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 34.

(3) Isto é: «a gente de Mirandela ou mata ou arranca o cabelo (levando dinheiro de mais)». Não se tome à letra o ditado, pois a muitas terras se aplicam ditados semelhantes, por causa de rivalidades. No nosso caso a má vontade dos Bragançanos para os de Mirandela resulta de se ter demorado longo tempo a construcção do caminho de ferro de Mirandela para Bragança.

As casas antigas e tradicionaes de Mirandela são de um unico andar, e servidas por uma escada exterior, de pedra; no cimo dessas escadas costuma haver um espaço pequeno, que dá ingresso para a cozinha, que é a primeira divisão ou compartimento que se encontra ao entrar. Ás vezes esse espaço, chamado *patim*, é seguido, para um dos lados, duma varanda coberta, de madeira. Esta varanda é utilizada principalmente para arrumações: lenha, grãos a secar, palha, etc. A porta da rua é, como já se pode depreender, no unico andar da casa; esta porta é algumas vezes acompanhada dum postigo ou segunda porta que se abre para dar entrada ao ar e á luz, ou saida do fumo que se produz na lareira, quando a chaminé simples e rudimentar não tem saida suficiente. Os baixos da casa aproveitam-nos para guardar utensilios de lavoura, e muitas vezes para lojas de bois.

Ao falar da cozinha, devo dizer que é o compartimento mais importante da casa, pois que é ai que se passa grande parte da vida dos moradores d'ela: serve de sala de jantar, ponto de reunião de toda a familia e das visitas. A lareira está ao nivel do sobrado, ou em plano superior. Nas noites de inverno, a familia toma assento á lareira num grande banco que denominam *escano*. Por cima da lareira colocam os chouriços, ou *fumeiro*, amarrados a compridas varas. O mobiliario e utensilios de cozinha são geralmente muito rudimentares: nas classes menos abastadas ha uma mesa, pequena, que raras vezes utilizam para se jantar, e só serve para pousarem loiças etc.; um guarda-louça feito duma simples taboa enfeitada com jornaes, e algumas vezes, ainda que raras, com papel de côr. Olhando-se para o teto da cozinha vêem-se as telhas e as traves: duma trave que passa sobre a lareira pende uma corrente; e a chaminé é formada por duas ou tres telhas postas ao alto e cobertas por outra.

O telhado é em geral de duas vertentes, havendo-os tambem duma só.

As divisões interiores da casa são poucas, pequenas, e por isso muito aproveitadas, quasi todas do mesmo tamanho, e não passam de meros e acanhados quartos.

As janelas tambem costumam ser pequenas, poucas, e servidas duma portinha dum só batente; algumas são envidraçadas, e deitam para a varanda.

O feitio da casa é quadrangular e de construção atarracada. O tipo destas casas é muito freqùente nas aldeias do concelho de Mirandela; conquanto na vila as casas sejam quadran-

gulares, as portas e janelas são mais rasgadas. Mirandela tem muitas construções modernas, mas em geral copiadas das antigas, embora com mais alguma elegancia. Na parte baixa da vila, isto é, junto á estrada, já não existe nenhuma casa antiga e tradicional. Na parte alta e nos arredores existem algumas casas terreas; estas não tem mais de duas divisões, a cozinha e um quarto, e algumas vezes não tem divisão nenhuma

JOSÉ MARIA ALEIXO DE LEMOS.

IV

Portalegre

As casas antigas de Portalegre, situadas principalmente na parte medieval da cidade, são construidas de pedra e cal, compondo-se geralmente de lojas e de um só andar. Por fóra são caiadas de branco.

Na distribuição das portas e janelas falta ás vezes regularidade e simetria. As janelas são todas de correr.

O telhado é de telha ordinária, e sem goteiras: excede um pouco a fachada, e a ágoa das chuvas cai directamente d'ele para a rua. Diz-se então que «pingam as agoeiras». As mulheres pobres põem a essas agoeiras alguidares, e apanham aí a ágoa, que aproveitam depois para os gastos domesticos (lavagens).

Algumas casas têm sótão, a que a gente da terra chama «sobrecamara». D'essas sobrecamaras, algumas nem janelas têm, mas apenas um vidro direito, ou por vezes, uma telha de vidro, para dar luz. Outras têm uma janela pequena, que dá para o telhado, e a que chamam «gateira». Noutras, esta janela é rente ao telhado, formando neste uma especie de varandinha, a que até chamam «eirado», e que aproveitam para pôr vasos com flores, para estender roupas, etc. As gateiras são geralmente menores que os eirados, e servem apenas para trazer á casa um pouco de ar e luz. Todavia, a diferença principal entre a «gateira» e o «eirado» é que a «gateira» não é rente ao telhado, ao passo que o «eirado» é rente ao telhado da casa, o qual lhe fica logo por debaixo.

No interior das casas antigas de Portalegre temos principalmente de notar o seguinte: o chão é de ladrilhos de tijolo, e muitos dos tetos, até nas casas antigas, são estucados; ha, porem, tetos sem estuque, formados por traves (chamadas lá «paus

de emmadeirar»), com os intervalos preenchidos por ladrilhos. Nas casas mais pobres os tetos são unicamente de telha vã.

A chaminé é de lareira. O lume faz-se no chão, dentro da chaminé; nalgumas casas ha fornalhas, tambem de tijolo, onde cozinham com carvão de «cêpa», quando lhes não basta o lume que fazem no chão, o qual é aceso com lenha de azinho ou de carvalho. Á roda das chaminés ha um friso, onde colocam a louça de cobre, de folha branca, e de estanho. Ao conjunto das primeiras chamam o «arame» da cozinha. «Ter muito arame» e «muito estanho» é um dos orgulhos das casas portalegrenses. Nalgumas casas mais pobres este friso existia mesmo fóra da chaminé e da cozinha: era então de alvenaria, e servia para aí colocarem louça. A boca interior das chaminés é formada por ladrilhos dispostos em linha quebrada.

Nada mais me ocorre de caracteristico, ou que se afaste do tipo comum, nas casas de Portalegre.

PEDRO LINO BRAGANÇA GIL.

V

Ereira, concelho do Cartaxo

Situada ao Noroeste da importante e risonha vila do Cartaxo, sem dúvida uma das melhores do Ribatejo, se não do país, e á distancia de sete quilometros, encontra-se a Ereira, séde de frèguesia, que consta de mais duas povoações de alguma importancia, Lapa e Casais. Os seus habitantes, essencialmente trabalhadores, empregam-se nos trabalhos rurais, e poucos no comercio e industria, que ali se exercem em pequena escala.

Todos têm mais ou menos de seu, o que se deve atribúir aos bons costumes enraizados naquela gente. Por via de regra, não se realiza um casamento, até nas classes menos abastadas, sem que o noivo possua casa propria, adquirida por compra, ou mandada fazer por ele, e sem que a noiva tenha o correspondente mobiliario.

Os individuos são muito altivos e pouco submissos, mas bem morigerados, sendo raros os que, em virtude de crimes cometidos, tenham de prestar contas á justiça. É raro tirarem o barrete, como sinal de respeito, a qualquer pessoa que os comprimente; mas ninguem que conheça a região se julga desconsiderado, porque sabe que é esse o uso e estilo de lá.

As casas são, em regra geral, de um só pavimento, mas divididas em varios compartimentos, conforme a necessidade das familias. A parte inferior é de salão, asfalto, tijolo, ladrilho ou sobrado; a parte superior é forrada, e contem um sotão, que abranje toda a área da casa, e serve para arrecadações e até de dormitorio em caso de necessidade.

As paredes interiores e exteriores e os telhados são rebocados e caiados a miudo, e a chaminé da cozinha, quando não é forrada de azulejos, é habitualmente caiada todas as semanas. Quasi todas as casas têm quintais com entrada pelas traseiras do predio, ou, se aquêle não confina com a via publica, por uma porta larga ao lado da que dá ingresso á habitação.

Nos quintais ha alojamentos para os animais, arrecadação de utensilios de lavoura, lenhas, etc.; e as propriedades que têm adegas e lagares de fabricação de vinhos e azeites tambem têm estas dependencias intaladas nos quintais ou ao lado das habitações.

As casas da Ereira, por mais humildes que sejam, primam pelo asseio. Os edificios da frèguesia não demonstram antiguidade, parecendo, ao contrario disso, que estamos diante de povoações modernas, pitorescas e de agradavel aspecto.

As ruas são macadamizadas e calçadas, conservando-se sempre limpas, porque os seus habitantes se encarregam da limpeza, obtendo assim parte dos adubos que empregam nas suas propriedades.

ALDA GUEDES TEIXEIRA.

VI

Frèguesia de Lavos (Figueira da Foz)

A frèguesia de Lavos tem tres aspectos diferentes, que se traduzem em tipos especiaes de casas: junto ao mar uma faixa de areias móveis, dunas, com as tres povoações da Cova, da Costa e da Leirosa; ao Norte e a Leste terrenos quaternarios, aluviaes, com as povoações da Gala, dos Armares, do Casal da Fonte e Bezoireiro; para o Sul, a maior parte da frèguesia.

Esta assenta em terrenos terciarios, dunas consolidadas onde não ha pedra que possa ser trabalhada, e onde pelo contrario o pinheiro é abundantissimo; daqui resulta que a habitação de madeira é frequentissima, a de adobes é vulgar, e a pedra aparece apenas como produto de progresso, de civilização. Os tipos antigos de casas vão desaparecendo; leis regulam hoje a

edificação dos novos predios, em breve a civilização fará recuar ou antes desaparecer os velhos tipos de casas pobres, feias na sua singeleza, sem o pitoresco da casa do Minho, para serem substituidas por casas modernas. O Brasil e a Africa tem dado grandes capitaes para esta frèguesia; pobres trabalhadores encontraram no sal de Cabo Frio, ou nas roças de S. Tomé riquezas bastante grandes; mas a riqueza que lhes augmentou o bem-estar, augmentou-lhes tambem a falta de gôsto: é por isso que olham para as suas casas novas, verdadeiros abortos de arte, com muito amor e afecto, e as fazem suceder umas ás outras, no sitio principal da freguesia, em Santa Luzia, —dominio do Brasileiro.

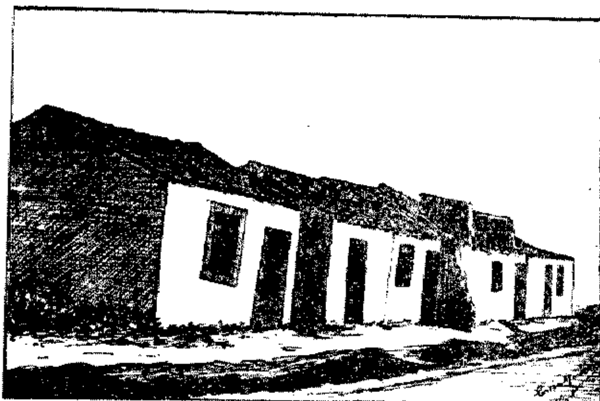


Fig. 1.– Uma rua (Regalheiras)

Tipo geral das casas.—É na parte alta da frèguesia que se encontra o tipo geral da casa, de pedra e cal, ou de adobes e só alicerces de pedra, ou parte de pedra e parte de madeira; aqui, embora o material de construcção varie, o tipo conserva-se inalteravel.

A casa é baixa, só de um andar, pouco elevada do solo, e em geral com um degrau de entrada. O telhado é de duas ágoas, de telha, e um pouco saído da parede; a frente é caiada de branco e tem a um lado a porta, a outro uma janela, que a ocupam por completo, com caixilhos pintados de verde ou azul de preferencia (fig. 1). Atrás ha uma porta que da casa do forno deita para um pateo, onde quasi sempre duas galinhas esgravatam na estrumeira, perto da cortelhazita de um porco enfezado, que no Natal é sacrificado, ainda que tenha teimado em não engordar; ás vezes, raramente dum dos quartos, abre-se para o pateo um postigo pequeno. O interior corresponde na singeleza ao exterior (fig. 2).

Á entrada, em todo o comprimento da casa, ha a chamada «casa de fóra» que é, por assim dizer, o lugar nobre da habita-

ção: uma porta dá entrada para o quarto, outra para a cozinha; nesta ha em geral outro quarto, que é aquele em que dormem os donos da casa; outra porta estabelece comunicação entre a cozinha e a casa do forno, onde ha o forno para cozer a «borôa» (pão de milho), e que serve tambem para arrecadações. O mobiliario é simples: na casa de fóra uma cantareira, de madeira, sempre enfeitada com papeis de côres, recortados de bicos e abertos, na qual repoisam as loiças melhores, que servem apenas nos dias de festa, e os asados de bojo largo e pé estreito, com duas asas; o

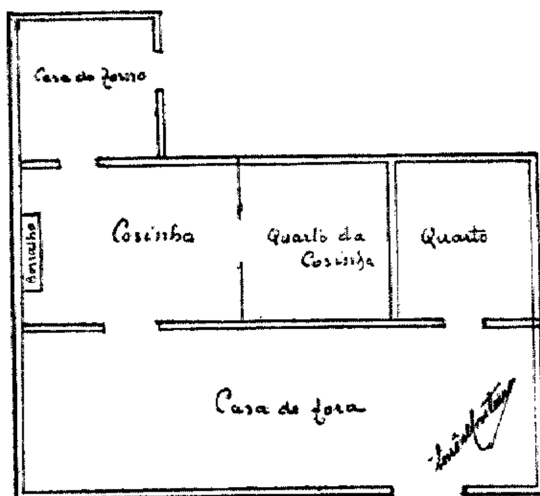


Fig. 2. — Interior

«pucaro» deitado sobre o «testo», e uma toalha branca estendida sobre eles. Ás vezes, d'antes principalmente, na parede da sala um Senhor de madeira era pregado á parede, em cima de um bocado de papel de côr. Na mesma sala uma arca (ou mais), onde arrecadam o milho, o feijão, etc., serve tambem, muitas vezes, com uma esteira por cima, de cama de dormir aos filhos mais velhos, que ficam assim mais perto da porta, e mais facilmente podem sair de noite, ás escondidas dos paes. Se na casa ha bois, os filhos, de certa idade em diante, passam a dormir junto deles; se ha machos, mulas ou burros, á porta do curral põem um chavelho de ovelha para preservar os animaes dos maus olhados, das Bruxas e das maleitas. Alem das arcas, na sala ha ainda uma meia duzia de cadeiras.

A cozinha é a parte principal da casa: serve de casa de jantar, de sala de visitas das pessoas que não são de cerimonia, de lugar de reunião da familia e de alguns vizinhos mais intimos. Tem um «borralho» (lareira) com cantareiras em volta, na altura da chaminé, da qual, a meio, desce uma corrente de ferro com um gancho na ponta, em que se pendura a panela da comida, por sobre o fogo; perpendicularmente á chaminé, encosta-se um

armario para restos de comida e outros arranjos; na parede uma cantareira serve para guardar as loiças da cozinha, uma cana rachada para segurar os garfos e as colheres, e uma taboa para ter a borôa; a um canto ha uma mesa pequena, baixinha, que serve de mesa de jantar, e alguns bancos ou cadeiras pequenas; estes bancos existem em numero bastante grande no borralho, porque é neles que a familia e os amigos se sentam, em volta do fogo, nas longas noites de inverno; perto do borralho está sempre o balde de lavagem para o «bacorinho».

No quarto ha a cama feita de taboas seguras em dois bancos, com esteiras em cima; ao lado ha uma arca pequena.

É esta a casa tipica da frèguesia, construida com pedra e cal a maior parte das vezes, com adobes algumas, e com madeira, dos alicerces para cima, poucas, muito poucas mesmo, na região de que falo neste momento. Estas casas são, todos os anos, escrupulosamente caiadas, por ocasião da Pascoa, quando o prior passa a visita pascal, dando o Senhor a beijar e lançando agoa benta com um raminho de alecrim, ao entrar a porta.

Com o augmento da riqueza, a casa augmenta tambem; o trabalhador torna-se quasi sempre proprietario, embora modesto, e, se a fortuna o ajuda, quando casa, constroe uma habitação maior do que aquela onde nasceu,—com a frente mais comprida, a porta ao meio e uma janela de cada lado, com os caixilhos verdes a sobresairem na alvura da cal das paredes; ás vezes a seguir, e pegado á casa, um telheiro, com um portão de madeira dá entrada para o pateo.

No pateo, bastante grande, ha o curral dos, bois com os carros, as charruas e as grades, se o lavrador é medianamente rico, o burrinho e a cortelha do porco, se é mais pobre. Uma figueira ensombra a casa, umas cepas fazem latada junto das casas de madeira, dependencias da habitação, e uma eira, espera cheia de lenha, vides, ramos secos, etc., que a epoca das colheitas a encha de milho e de feijão.

Os dois tipos de casas, ou antes as duas modalidades do mesmo tipo, encontram-se perto um do outro, pertencendo elas ás vezes ao mesmo dono, no que deixam transparecer a sua riqueza progressiva d'este.

Não quero deixar de falar de duas construcções que estão intimamente ligadas á vida do povo da frèguesia de Lavos: o «pavilhão» e o «moinho».

O pavilhão é um tablado de madeira, assente sobre estacas de um metro (pouco mais ou menos) de altura, rodeado de

uma grade e em geral com forma quadrada ou rectangular; ás vezes, raras, o pavilhão, mais pobre, assenta directamente no chão, outros, mais rico, imita a forma de um barco, no que se revela a influencia do mar, que se ouve constantemente; ao centro um pau muito alto, «o mastro», sustenta uma bandeira, e em volta dele, elevado do tablado quasi um metro, vê-se o «coreto» onde durante uma noite inteira um clarinete, um saxofone, uma flauta e algumas rebecas estropiam canções populares, mazurcas, «modas de roda» e «valsas puladinhas». Tudo isto é enfeitado com verdura, bandeiras e balões.

Alguns meses antes do S. João já rapazes e raparigas resolvem formar um «rancho» para o que pagam um tostão (em geral) todos os meses; dirigem-se ás pessoas principaes da terra e pedem alguma coisa para o pavilhão, ficando os subscritores com o direito de lá entrarem nos dias da festa. No principio de Junho o entusiasmo augmenta, principalmente quando ha dois ou mais ranchos, que pretendem apresentar o melhor pavilhão; a construcção começa, fala-se á musica, as raparigas fazem saias novas «enesgadas» e com barras de seda, — último grito da moda para esse bom povo —, «corpinhos» com rendas, e compram sapatos «afiambrados», que nos dias de festa hão-de ser a penitencia dos seus pecados, «mordendo-lhes» os pés, mas que elas suportam heroicamente. As danças começam na vespera de S. João á noite. É a noite principal, a de mais luxo: toda a aldeia se acumula em volta do pavilhão e dos lugares vizinhos chegam carroças puxadas por machos pequenos, mas vigorosos, com a carga de canastras de sardinha mudada em carga de frescas moçoilas e latagões «endomingados». Estoiram no ar alguns foguetes: é o signal. O rancho rompe com uma marcha entusiastica, cantando fortemente, emquanto a musica *ataca* as notas solemnemente; durante toda a noite as danças populares sucedem-se, entremeando as «modas de roda» com as mazurcas e as «valsas puladinhas»; e a voz forte dos rapazes casa-se no ar com as notas vibrantes das raparigas, dominando por vezes a musica, saindo por entre a verdura e a irradiação palida da luz dos balões de cores e espraiando-se na vastidão dos campos adormecidos. É o mais belo dos costumes populares desta região. Pela manhã todo o rancho se dirige para a igreja, e depois da missa, no largo, as danças sucedem-se ainda durante uma hora, ou mais, tão puladinhas, que ninguem diria (quem o não soubesse!) que aqueles pés, «mordidos» pelos sapatos, já tinham dançado uma noite inteira. Nessa noite de S. João ha dança ainda, e depois no

S. Pedro e durante algum tempo nos domingos e dias santos que o povo guarda sempre, mesmo aqueles que existiam só no seu calendario.

O moinho é muito notavel. O milho constitue uma das culturas mais intensas da região, e o pão de milho, «borôa», a principal alimentação do pobre; ainda os que apenas são remediados, e que «trabalham a dias» para os lavradores, tem o seu bocado de terra e os seus alqueires de milho, que eles proprios mandam moer, pagando, não com dinheiro, mas com uma percentagem da farinha moida (a paga é de uma maquia, 1/16 do alqueire, por cada alqueire). Compreende-se facilmente que o moinho surja, por isso, perto das casas de habitação, muito abundante; mas o ganho só pode existir sendo pequena a despesa, porque a remuneração do trabalho, que é pequeno, é pequena tambem. Por isso o moinho de agoa é raro, e pertence apenas a alguns moleiros de profissão que vivem mais afastados da aldeia; o moinho que aparece junto das casas é o moinho pequeno, de madeira, que pede pouco trabalho; as filhas da casa vão pô-lo ao vento, colher as velas, deitar o grão na «moéga»: num instante chegam lá; e mesmo a mãe, que ficou tratando da comida, de vez em quando la vai. O moinho é todo de madeira (fig. 3); nisto se revela a influencia do pinhal, abundantissimo. É de forma triangular, com a aresta por onde sae o «mastro» cortada por uma estreita superficie; o telhado é formado pelo «cume», que atrás termina por uma saliencia, chamada o «rabo do cume», que protege a porta em cuja direcção fica; o cume é atravessado pelo mastro a que estão seguras oito «varas» que sustentam as «velas»; as varas são ligadas na ponta por arames ou cordas que tem o nome de «verdascos» e ligadas á ponta do mastro por meio de «espias».

O moinho assenta em cima de um morro de terra que tem o nome de «cepa»; ao meio da cepa há uma pedra onde encaixa um eixo que está na mesma aresta do moinho em que trabalha o mastro; as outras duas arestas tem uma roda cada uma, que assenta num murozinho de pedra lisa, «carreira», que descreve um circulo com o centro na pedra onde está o eixo; desta forma o moinho com o auxilio de uma «tranca», que fica contra a roda, pode virar-se para qualquer lado que o vento o exija.

O interior do moinho é muito curioso; as paredes são de madeira, sem pintura alguma, e nas travéssas que as sustentam vêm-se pendurados varios utensilios, a «amontolia» do azeite, a vassoira, etc. Em cima e atrás ha uma trave (d, na fig. 4) da qual

parte o mastro que vai saír pela aresta; na mesma direcção, mas á frente, ha outra trave, «a ponte» (c) que é atravessada pelo mastro (a); este péga na trave por meio de uma saliencia de ferro, «aguilhão» (f), que encaixa numa reinterancia tambem de metal, «rela»; junto da porta está fixa ao mastro (que é horizontal) uma roda que lhe é perpendicular, chamada «entrosga»; esta roda é toda de madeira (b), e tem vinte e quatro dentes tambem de madeira que lhe são perpendiculares e estão do lado das velas do moinho; o mastro é igualmente todo de madeira, bem como a trave e a ponte.

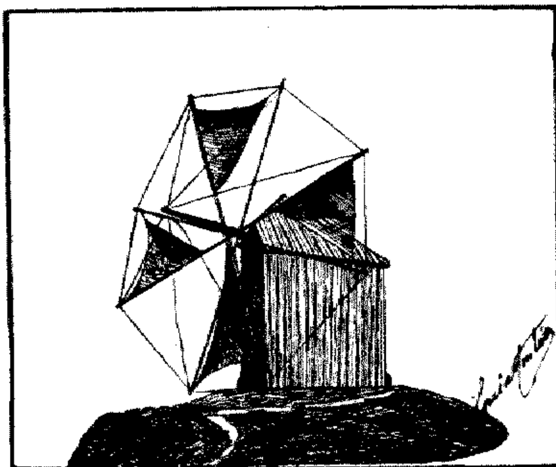


Fig. 3 — Moinho a trabalhar

Na ponte, do lado por onde sai o mastro, ha um encaixe de madeira com ferro, saliente, que tem o nome de «raposa», no qual gira o veio. O veio é vertical e prependicular ao mastro (b, na fig. 5); é de ferro quadrado; da raposa chega até á mó superior (d), onde termina, fazendo-a mover; em cima, junto da ponte, ha uma grade de madeira, «roquete» (a), que tem seis «fusélos». Das duas mós, a infeferior é fixa, e assenta na «mesa da pedra», e a superior movel juntamente com o veio; esta é sustentada por outro veio (f), que em baixo assenta numa trave por meio de um «aguilhão» (m), e em cima é seguro á mó, entrando num encaixe que esta tem, encaixe que se chama «segurelha» (k). As mós não se vêem, a não ser a superior, olhando de cima, porque trabalham dentro do «combeiral», que é uma caixa de madeira, redonda, que sai pouco acima das mós e assenta na mesa da pedra (h, na fig. 6); no combeiral ha uma abertura, coberta com um abafador de pano (i), por onde sai a farinha depois de moido o grão. Para baixo da mesa da pedra (k) ha um degrau, no qual se vê um buraco (l) por onde se pode regular o «parafuso do tempero das farinhas»; a seguir ha a mesa da farinha (m). Em cima, encostada á parede do moinho, está a «moega» (a), onde se põe o mi-

lho, que dai passa para a «calha» (c); preso á calha com um fio, ha um bocado de madeira que assenta sobre a mó, o «chamador» (g), a meio do qual poisa uma «ripa», que está presa á parede do moinho e tem um «pêso (f) seguro por um fio; o pêso em geral é uma pedra, e pode ser mudado mais para a frente ou mais para trás. Finalmente, em baixo ha uma trave, que num dos lados péga a uma outra vertical, e do outro tem seguro um parafuso (a, na fig. 7), que vai sair acima, junto da mesa da farinha, e que se chama «parafuso do tempero da farinha»; a meio assenta o veio inferior por meio de um aguilhão. O vento, dando nas velas, faz mover o mastro com a entrosga, cujos dentes pegam nos fusilos do roquete, fazendo mover o veio, e este obriga a mó superior a girar; o chamador, com o movimento da mó, faz estremecer a calha e a moega, e o milho cai; a ripa serve para regular ô movimento ou pressão do chamador. O milho passa por entre as mós, onde é triturado, saindo a farinha por baixo do abafador; o parafuso do tempero faz baixar ou levantar o veio inferior, que, sustentando a mó superior, regula a distancia entre as duas mós.

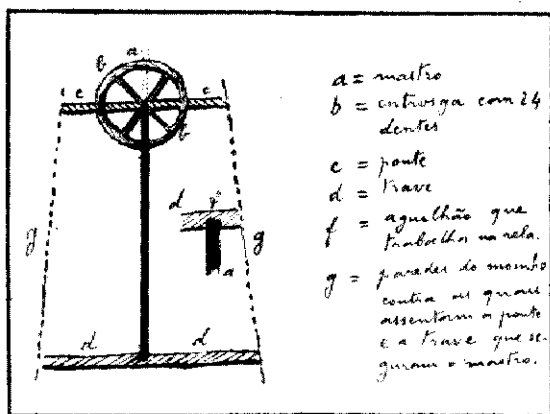


Fig. 4. — Interior do moinho

É este o moinho de madeira, tão curioso, não só como assunto antropogeografico, mas tambem como modelador da paisagem a que dá vida e animação, sobressaindo no alto das cepas, as velas ao vento, na vastidão plana das terras cultivadas; está tão intimamente ligado á habitação, que bem se pode considerar uma sua dependencia, e por isso tratámos d'ele aqui.

As casas da Cova, da Costa e da Leirosa.—A Cova, a Costa e a Leirosa são tres povoações da beira-mar, assentes em dunas e que se fazem notar pelo aspecto das suas casas de madeira, assentes em estacas; a razão da sua existencia explica-se unica-

mente pela pesca da sardinha que é feita com redes de arrastar. Existiriam outrora, nestes sitios, habitações lacustres? É possivel, mas hoje as povoações afastaram-se do mar, não muito, porque a pesca o não permite, mas o suficiente para que a agoa das marés lhes não chegue; o aspecto que tanto faz lembrar as aldeias lacustres deriva contudo, quer-me parecer, de outro motivo: causas diferentes na essencia, mas semelhante na instabilidade e efeitos, provocaram aspectos de habitações notavelmente analogos.

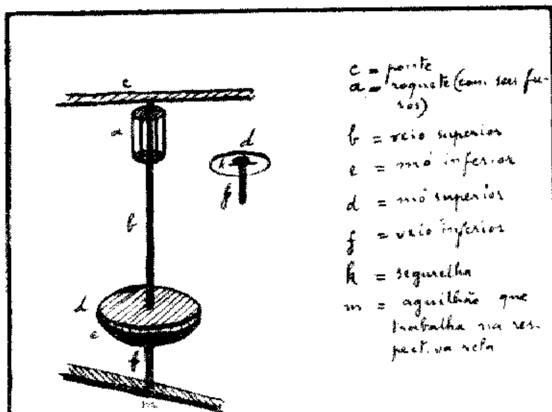


Fig. 5.—Interior do moinho

Na Suiça prehistorica as necessidades da pesca e da defesa obrigaram a construções de casas sobre a agoa: a estacaria surgiu naturalmente, provocada por esta; em Lavos as necessidades da pesca provocaram a construcção de habitações; feitas dentro do mar não resistiriam decerto á furia das ondas em dias de temporal; fugiram para as dunas: a instabilidade destas fez surgir tambem a estacaria, e sobre ela casas de madeira, mais leves e mais baratas, por ser a madeira fornecida pelos pinhaes das mesmas dunas. Ao principio pequenas, estas povoações forom crescendo em virtude das necessidades cada vez maiores, causadas pela pesca; a horticultura era necessaria á vida: aparecem então os quintais,

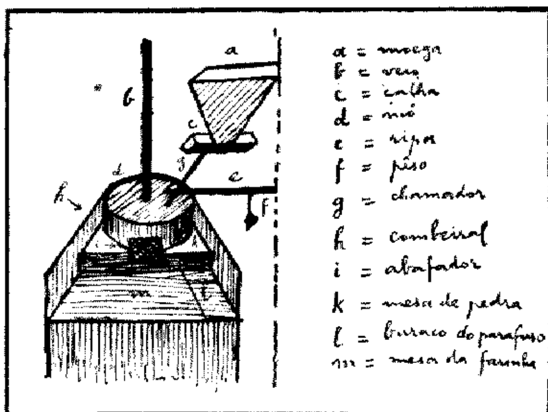


Fig. 6.—Interior do moinho

feitos na areia, resguardados do vento por morros feitos com a areia tirada deles proprios, e vedados por meio de paliçadas de canas secas ou verdes. O muito adubo fornecido pelos restos de peixe apodrecidos em areia, e pelos bois empregados no trabalho de puxar as redes, baratos por isso mesmo, torna productivos esses quintais, que são amanhados á mão e fornecem aos seus donos milho, batatas, feijão, aboboras, e até vinho. A agoa doce aparece. A povoação tem assim condições de vida, desenvolve-se.

Ás casas destes lugares é costume chamar «Palheiros»; esse nome, que existiu decerto, tendo dado o nome a varias povoações [1], desapareceu da lingoa comum. Em volta da Figueira, para o norte, encontramos os Palheiros de Buarcos, depois os Palheiros de Quiaios, distante 3 quilometros e meio de Quiaios para o lado do mar, e os Palheiros da Tocha, que se afastam sete quilometros e seiscentos metros de Tocha, para se chegarem tambem ao mar. A influencia revela-se ahi perfeitamente. Buarcos, por ficar perto das aguas não deu logar a nenhuma outra povoação, e a influencia da cidade fez desaparecer os palheiros para deixar apenas o nome á parte da localidade onde eles existiram. Quiaios e Tocha, bastante no interior, deram logar a povoações da beira-mar, que ainda hoje conservam o nome de «Palheiros». A Cova, a Costa e a Leirosa representam sem duvida os palheiros de Lavos, mas esse nome desapareceu por completo, e nem o povo hoje o conhece. É de notar só haver lugares com o nome de «palheiros» ao norte do Mondego; para o sul o nome desapareceu até da tradição. Não pude averiguar ainda a causa disto; talvez o exame

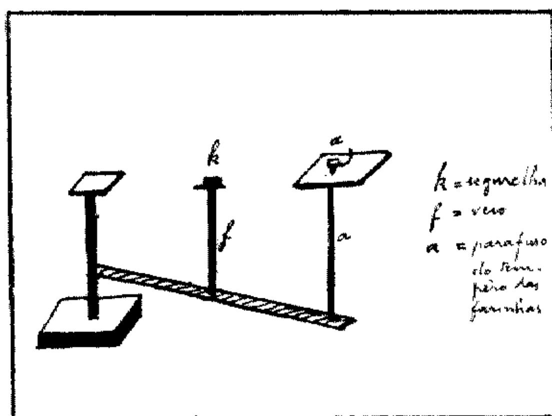


Fig. 7.—Interior do moinho

(1) Cfr. Leite de Vasconcellos, *Historia do Museu Etnologico*, pp. 57 e 316.

comparativo das povoações do norte e do sul, revele diferenças de tipo ou outras quaisquer que expliquem.

A casa é construida sobre estacas cuja altura varia, é toda feita de madeira não trabalhada, mas sobreposta uma sobre a outra; é coberta por um telhado de duas aguas, de telha, e reproduz perfeitamente no aspecto geral a casa tipica anteriormente descrita; rectangular, com a porta a um dos lados e uma janela no outro, difere apenas na escada, de madeira tambem, e com uma grade, que conduz a uma varandinha que serve de patamar á porta de entrada; ás vezes a madeira não é pintada: apresenta a côr negra e baça da taboa velha, batida pela chuva; outras vezes é pintada apenas a frontaria, outras a casa toda, sempre de vermelho escuro, carregado. Os caixilhos das janelas quando pintados apresentam a mesma côr das portas, branca, azul, verde ou vermelha viva de côr aberta (fig. 8).



Fig. 8.—Uma rua na Costa de Lavos

Na Costa a estacaria desapareceu quasi por completo, porque fizerom descer as taboas até junto da areia para aproveitar esse espaço para curraes de porcos, armazens ou tabernas; por vezes a madeira é posta por dentro das estacas, e então estas vêem-se, como sucede numa das casas da fig. 8, outras vezes é posta por fora e então temos a ilusão de que elas não existem, outras vezes ainda a areia, trazida pelo vento, encobre por completo a estacaria. As casas alinham-se mais ou menos em ruas, umas largas, outras mais estreitas. Ás vezes têm á frente uma especie de pateo vedado por madeira, onde está o porquinho, as galinhas, os coelhos; as da frente dominam o mar no alto duma barreira onde os barcos esperam o tempo da pesca. As mais das vezes as dependencias são atrás da casa: ali ha uma varanda para onde deita uma porta, as estacas são despidas de madeira desse lado, e fazem a entrada do telheiro onde dormem os bois e fica o carro; uma coelheira, uma galinheira ou uma cortelha de porco constituem ainda dependencias; é a casa mais rica já.

Freqeüntemente os baixos das casas são ocupados por uma taberna que ao mesmo tempo acumula as honras de mercearia e é ponto de reunião dos pescadores. Principalmente nos meses de Março, Abril e Maio, o vento atira as areias contra as casas ficando algumas quasi soterradas: com o bom tempo começam os trabalhos de desaçoreamento, se a casa conseguiu ficar incolume.

Interiormente a casa assemelha-se imenso á já descrita; a casa do forno desaparece, e a sala de fora é pegada com a cozinha, passando a servir quasi que de corredor; muitas vezes tem um alçapão por onde são feitos os despejos, e varrido o lixo.

Hoje o interior tem-se modificado bastante; os quartos augmentam, a sala aparece, as paredes levam reboco e são caiadas; tem um todo mais confortavel, a que uma varanda, na parte posterior, provída de porta, dá luz e ar.

É esta a casa que fórma as povoações da Cova, da Costa e da Leirosa, casa alta pelas estacas que a suportam; aglomerada a outras numa duna da costa, mais alta do que as restantes. A falta de pintura, ou a pintura carregada, escura, a estreiteza e mal alinhado das ruas, fazem com que, de longe, estas povoações avultem como uma mancha escura, morta, que jaz no lençol branco, scintilante ao sol, da areia; só ao pé se lhes pode encontrar o pitoresco que as distingue, a beleza que lhes dá o mar espumante, a graça que lhes emprestam as pontas agudas dos barcos, os bois humildes e pachorrentos que puxam as redes, os pescadores fortes e musculosos que olham o mar com orgulho.

As casas da Gala.—A Gala é o lugar que, começando junto do Mondego, se estende ao longo da Estrada Nacional, e péga ao oeste com a Cova. É uma povoação de pescadores, não como os da Cova, da Costa ou da Leirosa, pescadores de sardinha com rede de arrastar, mas pescadores de sardinha em lanchas, de «mexoalho» ou «pilado» (carangueijo pequeno que serve para adubar as terras) ou de bacalhau. Nas praias o pescador trabalha por conta do dono da rede; na Gala pesca por conta propria: o lucro é maior; ou então embarca nos navios que vão para o bacalhau, e á volta traz um peculio muito consideravel. O habitante da Gala vive por isso muito desafogadamente, até com certo luxo: e este viver reflecte-se evidentemente na habitação.

Primitivamente a Gala devia ser talvez um aglomerado de modestas habitações de pescadores que vieram da Cova tentar fortuna com um barco proprio. Essas habitações encontram-se ainda: são de madeira, mas com estacaria, assentes directamente

no chão, pequenas, semelhantes ás que se encontram na praia vizinha; depois a povoação progride, o mar dá bons lucros, a vida torna-se mais desafogada; a influencia da cidade faz-se sentir e a habitação de pedra tenta aparecer. Dá-se então uma luta curiosa: dum lado a casa de pedra, mais solida, mais estavel, mais duradoura, mas mais cara; do outro a casa de madeira, mais barata, mais fraca, menos solida, mas auxiliáda pelo costume trazido da Cova pelos primitivos habitantes, e propagado de pais a filhos. E surgem então casas muito dignas de nota: parte de pedra e cal, parte de madeira. Vemos duas principalmente que estão nesse caso. Uma tem a parte de baixo, da altura de pouco mais de dois metros, de pedra e cal, e a parte de cima, um pouco mais estreita toda de madeira sobreposta, de côr vermelho-escura: influencia manifesta da praia da Cova; na parte de baixo fica a porta, na de cima duas janelas; o telhado é de duas agoas, mas faz o angulo de junção na frente da casa e não lateralmente, como nas habitações já descritas. Outra casa (fig. 9) tem a parte central de pedra e cal com a porta e uma janela, e duas partes laterais, de madeira, tambem não trabalhada, sobreposta, na côr natural, com uma janela cada uma; o telhado de duas agoas tem a mesma disposição do precedente.

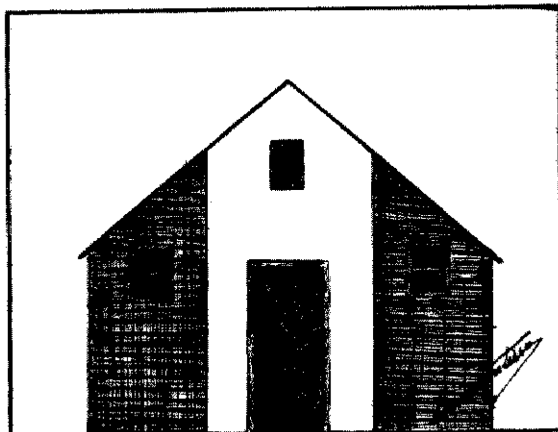


Fig. 9.—Casa da Gala

Ha mais casas deste gôsto, mas nenhuma tão caracteristica como estas, produto curiôso da luta travada. O mais notavel ainda é que, como resultado dessa luta, encontramos ao longo da estrada casas de pedra que se intermedeiam com casas de madeira. Individuos estranhos á povoação, ou que, pertencentes a ela, adquiriram, juntamente com certa instrucção, fôrça suficiente para vencer a rotina, constroem casas de pedra, reveladoras de abastança invejavel. Pelo contrário o povo, o pescador, continúa construindo casas de madeira, a que, por muito

favor, dá uns alicerces de pedra; mas o contato com a cidade, as viajens feitas nos navios de bacalhau, o dinheiro ganho nessas viajens levaram-no a transformar o tipo dessas casas: elevaram-nas, trabalharam-nas melhor, apertaram-lhes a frente para lhes dar fundo, rasgaram as janelas, attearam os telhados o mudaram-lhes o angulo da junção para a frente: numa palavra deram-lhes elegancia; a influencia da tradição, da povoação vizinha, revela-se no material de construcção, na côr vermelho-escura das paredes, verde, azul ou branca das portas e dos caixilhos, no sobreposto (a maior parte das vezes) da madeira; a influencia estranha está bem patente na elegancia expressa em certa aparenciade *chalet*, na frente do telhado cheia de rendilhados de madeira, em todo o aspecto geral.

Esta povoação estabelece a transição entre a casa de madeira das praias, dos lugares de dunas, e a casa de pedra da povoação alta. Mas ao mesmo, em toda a habitação as dependencias de madeira, a taboa disseminada por vezes na propria casa, nos portaes grandes que dão entrada para o pateo, na cortelha dos bácoros, no curral dos bois, em toda a parte, revela clara e nitidamente a influencia forte, poderosa que tem sobre a povoação os pinhaes enormes que lhe fecham o horizonte pelo sul ([1]).

JOAQUIM FARIA CORRÊA MONTEIRO.

VII

A casa minhota

a) *Origem e evolução da casa minhota:* — As sobrevivencias dos mais remotos agregados sociaes da Lusitania, na provincia do Minho, são as que nos revelam as *cividades* e os *castros*, onde as habitações de alvenaria e aparelho poligonal eram redondas ou rectangulares, com presumivel cobertura cónica de colmo.

Com o andar dos tempos e pela influencia de factores de ordem económica, artistica e moral, foram-se subvertendo e modificando as construções, ainda que, fóra dos ambientes urbanos, elas se subordinassem a moldes tradicionalmente consagrados.

([1]) A proposito do assunto aqui tratado, veja-se: Leite de Vasconcellos, *Hist. do Museu Etnologico*, pp. 57 e 316 (lugares já acima citados), e *Religiões da Lusitania*, I, 59; Rocha Peixoto, «Os palheiros do littoral», in *Portugalia*, I, 79 ss.

A *facies* que ficara apenas a exprimir uma época ou uma feição local, como as rotulas e gelosias em Guimarães e Braga, nem essa perdurou, com poucas excepções.

b) *Tipo urbano:* — Embora se possam organizar séries nos agrupamentos urbanos, quanto ao arranjo e á decoração arquitéturaes não se consegue estabelecer um tipo definido e comum de casa, exclusivo da provincia.

c) *Tipo rural:* — Na habitação rural, um pormenor construtivo, tambem espalhado por outras provincias, — a varanda — estabelece uma caracteristica de generalidade quasi tipica do Minho.

O tipo predominante desta casa é ter ela geralmente um só andar.

A varanda, voltada quasi sempre para SO e E, defendida dos ventos frios e aberta ao sol, inclue-se numa fachada, e assenta na parede desta, ou em esteios de pedra, alpendrando a parte inferior do edificio. O acesso á varanda faz-se por uma escada, que lhe é perpendicular ao meio, ou a um dos extremos, ou que se ergue numa das testeiras. Tambem ha o lanço duplice que converge a um patamar comum. No inverno, a varanda é o lugar mais quente da casa, onde se trabalha e onde se passa o dia. No verão, é o lugar onde se dorme, em noites de calor excessivo. É para onde o Minhoto, em fim, se vira, como uma planta para a luz. Para ela dão os aposentos da familia: o salão que comunica com o páteo alpendrado por onde entram as visitas, e os restantes quartos.



Casa rural do Minho

No rés-do-chão ficam a cozinha, quartos de creados, lojas para o gado, a tulha, capoeira, adégas e o lagar.

Ao lado da casa ha o *coberto* ou *telheiro*, onde se guardam as apeirias e lenha, e onde geralmente está a casa do forno, de tecto cónico.

A cobertura da casa é quasi sempre de telha vã, fixa por pedregulhos, ou por argamassas.

A chaminé geralmente é simples e consiste por vezes em um unico buraco aberto no telhado, e protegido por uma cortiça.

Os tectos, janelas e portas eram antigamente de castanho, mas, como esta madeira é agora bastante rara no Norte, foi substituida por pinho.

As portas são baixas, dum batente só e de almofadas; as vidraças de caixilhos aos quadradinhos; as janelas com largos poiaes, e do lado exterior tem misulas de pedra, onde se colocam vasos de flores: cravos no S. João; mangericos pelo ano adiante; sardinheiras de côr vermelha muito viva.

Á medida que a familia aumenta, a casa vai alargando pelos anos fóra e crescendo para cima, formando-se por isso a *casa torre*, isto é, com mais de um andar.

A casa dos ricos costuma ficar dentro duma quinta, que é toda murada, por vezes.

Á entrada do *portal* da quinta encontra-se um *terreiro*, que comunica por meio de portas com o *eido*. Neste ha a horta sempre viçosa, as arvores frutiferas, as grandes latadas que no verão dão sombra apetitosa, os campos de milho, centeio, batatas, os olivaes, etc.

A eira de granito, como as casas, sempre muito lisa, fica em sitio alto e batido pelo vento, com o *espigueiro* ou *canastro* ao lado, bem arejado, e o inseparavel *palheiro*, onde dorme o cão de fila. Junto da eira ha em geral uma casa para guardar os cereaes por ocasião de chuvas, chamada a *casa da eira*.

Esqueciamo-nos de dizer que no edificio rural, por vezes a construção se prolonga em duas alas perpendiculares aos extremos da parte principal, formando páteo interior, que em geral é fechado por um muro com portal de entrada, e um ou dois corpos de secção quadrangular que excrecem para o alto como reminiscencias de torres.

É precisamente por tudo isto que se deve assignalar o intimo laço de parentesco que existe entre a modesta casa rural e a solarenga de que ha ainda tantos espécimes disseminados pela provincia desde remotos tempos até o seculo XVIII. Citemos alguns exemplos:

Com uma torre na testeira:— Dornelas (Amares); Giela (Arcos do Vale do Vez); Landelas (Caminha); Gomariz (Vila Verde); Crusistelo (S. Julião de Freixo, em Ponte do Lima).

Num dos angulos:— Casa de Quintela — Crasto (Ponte da Barca); Casa de Azevedo — Lama (Barcelos).

Ao centro da fachada:— Caneira (Viana do Castelo); Vitorino das Donas — (Ponte do Lima).

Nos extremos, enquadrando a frente:— Casa dos Pinheiros (Barcelos); Casa dos Marqueses, Casa de Calheiros, Casa de Bertiandos, Casa da Gloria (Ponte do Lima); Casa de Requeijo (Arcos); Casa da Brejoeira (Monção).

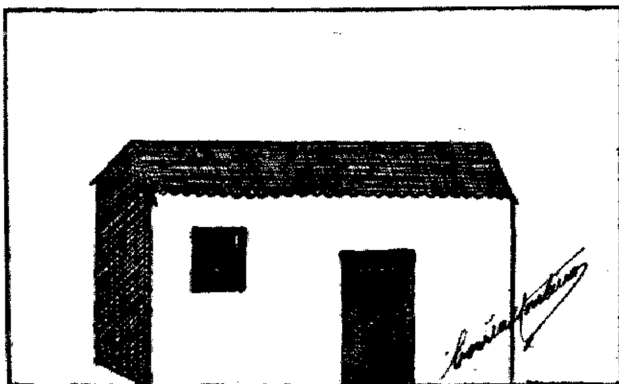
E não faltam a varanda, a escada exterior e o alpendre.

ANTONIO DE JESUS GONÇALVES.

VIII

Bouça-Cova

A frèguesia de Bouça-Cova, concelho de Pinhel, dista da séde do concelho uns 15 kilometros, e da estação do caminho de ferro de Pinhel (linha da Beira Alta) 2 kilometros; é servida por estrada que liga esta estação com as importantes frèguesias de Alverca da Beira e Freixedos.



1.º TIPO

Os seus habitantes, como os de toda a região, tem processos de cultivo ainda muito atrasados; mas, mercê de grandes esforços, vão saindo da rotineira e melhorando as condições de vida e de amanho das terras.

As casas de habitação são dos tipos mais usados em toda esta região fria e pobre.

Pondo de parte algumas poucas casas, feitas em condições

higienicas, confortaveis e elegantes (influencia da viziahança da linha férrea), podem reduzir-se a dois os tipos caracteristicos que dão á povoação cunho de antiguidade e viver.

1.º tipo:

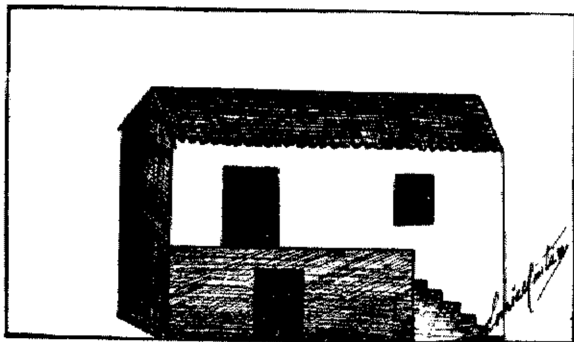
Construções de alvenaria (pedras miudas ligadas com barro grosseiro): comprimento 5 metros, largura 4 metros, altura 3 metros. São casas rasteiras, de pavimento terreo.

Ao lado da porta tem um janelo sem vidraça, e em algumas nem janelo existe; não tem chaminé, e o fumo sai pelo telhado e pela porta.

O telhado tem duas *empenas* (vertentes), cujo *cucume* é formado por uma trave na direcção do comprimento da casa.

Estas casas não são caiadas; quando muito caiam-se os *ombraes* e as *tocas* (ou escarções) das portas e janelos. O seu aspecto é desagradavel.

No interior nem sempre ha divisões; ás vezes porém, a par com a cozinha, ha um pequeno compartimento que serve de quarto de dormir, de deposito de cereaes e de dispensa.



2.º TIPO

2.º tipo:

Construcções de alvenaria; como o tipo anterior: comprimento 9 metros, largura 5 metros, altura 6.

Tem loja, um andar (a que dá acesso uma escadaria de pedra) e uma varanda, ás vezes com grades de madeira e coberta. O janelo ao lado da porta em geral não tem vidraça.

Como o tipo anterior, o telhado tem duas empenas; os ombrais e as toças são caiados, bem como uma faixa de meio metro a todo o comprimento do beirado da frente.

O vão da escada é aproveitado para galinheiro.

No interior ha várias divisões. Estas casas são sobradadas, forradas e caiadas.

*

Para terminar, não podemos resistir á curiosidade de enumerar alguns termos de giria dos pedreiros desta região por os

acharmos curiosos. Juntamos-lhe o significado que tem na linguagem comum.

Calmeirante	sol
Canôco.	pão
Torranhas, merluças, solucas	batatas
Chusmo	vinho
Lampilho	azeite
Laurêta.	aguardente
Gerigóta	lenha
Borgau.	pedras miudas
Rufo.	lume
Lhaste	o pôr do sol.
Argaço!	atenção! caluda! silencio!
Calhau	patrão
Á réta.	ao pé de...
Anes	corpo
Nossos anes	nós
Leijo	dinheiro
Focar	dar
Chara	carne
Coimbrante	vinagre
Ansia	agua
Gróde	caldo
Branquioso	leite
Gaudiço	refeição
É choina fusca raüla . . .	já é noite
Pinante.	moço de recados

A maior parte destes termos são da giria dos *gabiarras* (pedreiros *minhotos*, salvo erro).

MANOEL DO NASCIMENTO SIMÃO.

IX

Espàriz (Coimbra)

Ha em Espàriz dois tipos de casas populares: um, pobre, sem varanda e com uma *quinta* para porcos; e outro, mais rico, com varanda e pateo para onde dão as lojas de bois, currais de porcos e de ovelhas.

O tipo mais pobre, ou primeiro tipo, é constituido por lojas térreas, que servem para arrecadações de generos, currais de porcos e poleiros de galinhas, e por um primeiro andar, onde se encontra uma sala, com uma arca, algumas cadeiras e bancos, (sala que serve ao mesmo tempo para visitas e de refeitorio no verão), dois ou tres quartos com um postigo em vez de janela e uma cozinha de lareira sem chaminé. No inverno os habitantes destas casas comem, quasi sempre, junto da lareira.

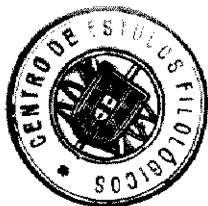
No segundo tipo vemos um andar nobre, um sotão, e lojas terreas, que servem para guardar cereaes, vinho e azeite, para currais, cozinhas e fornos. O andar nobre tem salas e quartos. O último andar, fôrro ou sotão, de muito pouca altura, serve para guardar batatas e feijões. As casas deste tipo tem janelas, e as salas são ás vezes caiadas ou feitas de pedra bastante esboroavel.—Junto das casas do segundo tipo ha em regra casebres que servem para palheiros ou para currais, e um quintal com um poço d'onde se tira a agua para dar aos animais. — A gente da povoação bebe agoa da fonte de Espàriz.

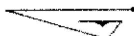
Todas as casas são soalhadas, e as do segundo tipo muitas vezes forradas, visto que a madeira de pinheiro abunda na região.

Tanto as casas do primeiro tipo como a maioria das do segundo não são porém caiadas.

Os habitantes da região de que estou falando costumam aformosear as janelas e varandas das casas, colocando nelas vasos com flores: as mais usuais d'estas são as sardinheiras, os coelhinhos, e os brincos de princesa ou de rainha.

ADELAIDE SARAMAGO.





MISCELANIA

Etimologias

1. *Pé-Calvo.*

É o nome moderno de uma courela no termo de Avis. O meu amigo Mario Sá, estudante do Instituto Superior Tecnico, que investiga com cuidado papeis velhos da sua terra, averiguou em documentos manuscritos do sec. XVI que a referida courela se chamava então *Pai-Calvo*. Sem dúvida *Pai-Calvo* está por *Paio-Calvo*, e temos aqui um caso de sincope sintactica: cf. *Textos Archaicos*, 2.ª ed., p. 154, e *Esquisse d'une Dialectologie*, p. 87. De *Pai-Calvo* passou-se para *Pé-Calvo* por etimologia popular (haveria como fórma intermédia * *Pá-Calvo*).

2. *Manamar.*

Assim se chama hoje não só um ribeiro que desagôa no Alcórrego (concelho de Avis), mas um cabêço vizinho. Em documentos manuscritos do sec XVI, segundo me informa o snr. Mario Sá, que os compulsou, lê-se *Benamar*. Tem de certo origem arabica esta palavra: *Ben-amar;* cfr. *Abenamar* no *Romanceiro* de Duran, I, 5.—De Benamar passou-se para *Manamar*, por assimilação regressiva, e mudança usual de *e* (+ *n*) em *a*.

3. *Casével* e *Pontével.*

Creio que *Casével* estará por casebre. O nome *Casebre*, com o plural *Casebres*, aparece no onomastico, tanto do Norte como do Sul.—Talvez *Pontével* se formasse analogamente: *pontebre; contudo no sec. XV essa palavra tinha a fórma *Pontéval*: vid. Cortesão, *Onomastico*, s. v. Cfr. *Setuvel* (arc.) a par de *Setuval* (arc.) e de *Setubal* (mod.).—A correspondencia que ha aqui entre *-bre* e *-vel* nota-se tambem entre *condestavel*, e *condestabre* (arc.).

J. L. de V.



REVISTA LUSITANA

VOL. XIX 1916 N.os 3-4

GLOSSARIO DIALECTOLOGICO

DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VALDEVEZ (Alto-Minho) (1)

..Todos falam bem, o aldeão analphabeto, no meio dos seus campos e dos seus montes, e o escriptor apurado, que na leitura dos classicos illustra o estilo..

. . . .

...Andam errados os que escarnecem da linguagem do pobre povo.

(*Dialectos minhotos* por J. L. de Vasconcellos, Porto, 1885).

PREAMBULO

Datam de vinte anos as primeiras colheitas para este glossario. Se porem, desde 1895 até 1915, eu tivesse permanecido sempre no centro dialectal que me propús investigar, devia ser mais nutrida a cópia de vocábulos, de frases e de fenomenos fonéticos. Se, em principio, o nucleo lexicologico de qualquer região não é ilimitado para um dado momento, a experiencia demonstra que é inatingivel praticamente. Ainda neste ano corrente eu pude fazer aquisição de ineditos, quando pareceriam esgotados e não apenas deminuidos, depois do meu labor pertinaz e da colaboração dedicada de alguns amigos. A estes recorri, porque a minha permanencia nesta região do Minho tinha longas interrupções, e portanto, desejando eu fazer obra leal e bem informada, era de bom conselho ouvir pessoas que tivessem ali residencia contínua.

Em 1905 julguei chegado o momento de publicar o *Glossario;* escrevi o preambulo; mandei tirar alguns exemplares do que já havia colhido e distribui-os por pessoas conhecedoras do falar regional, pedindo-lhes que revissem o meu trabalho e o acrescentassem ou comentassem na medida ao seu alcance. Resultou

(1) Com este artigo constituo o n.º XXI dos meus *Estudos do Alto-Minho.*

deste expediente um notavel aumento de termos ineditos e significações novas, e emfim um melhoramento geral para a minha tarefa. Quero deixar aqui consignados os meus agradecimentos a estes colaboradores, cujos nomes são:

João Candido de Gusmão e Vasconcellos, antigo director e redactor do jornal *O Arcoense*.

Custodio Martins Pereira, proprietario.

P.e Joé Antonio Saraiva de Miranda (então pároco).

Pe. João de Brito Galvão (abade).

P.e Manuel José da Cunha Brito, professor [1].

Ao 1.º destes nomes, que o é de um velho amigo meu, devo alem do que lhe pertence, o concurso prestado pelo 2.º, com uma boa vontade de que sempre serei reconhecido. Ao 3.º muitas vezes consultei sobre significação e pronuncia de vocabulos. O 4.º, o saudoso abade de Sistelo, é um nome inolvidavel, cujo passamento nenhum conterraneo deixa de recordar sentidamente e que me votava uma estima, de que tenho fundas saudades. Todos estes, mais ou menos, trouxeram valiosos elementos para o meu trabalho; mas não os apoucará que eu dedique á colaboração do 5.º e ultimo nome palavras especiaes. Os conhecimentos filologicos do P.e Cunha Brito, o seu espirito e metodo de observação, a sua amizade e confiança conjugaram-se para trazerem ao meu Glossario um subsidio de inestimavel valor pela quantidade e pela qualidade. Uma excursão, que este ilustrado eclesiastico realizou expressamente pelas frèguesias montanhosas do concelho, produziu farto resultado, não só com o numero dos vocabulos recolhidos, como no estudo da fonetica especial daquella região, mais isenta de comunicações lingüisticas com o resto do concelho. O presente *Glossario* deve a esta extraordinaria colaboração não menos talvez que metade do que é e do que vale, até materialmente.

Não tendo porfim prosseguido os meus esforços activados em 1905-1906 e depois em 1911, chego a 1915 com mais copia ainda de vocabulos e com o plano determinado de fazer a publicação definitiva do meu trabalho e dos meus desinteressados cooperadores.

Porfim neste ano, pude travar relações epistolares com um ilustrado sacerdote do concelho de Monção, paroco em Troporiz

---

(1) Os nomes destas pessoas são abreviados pela seguinte fórma nas citações que deles faço: 1.º: (G. V.); 2.º: (M. P.); 3.º: (S. M.); 4.º: (B. G.); 5.º: (C. B.).

Foi tambem copioso o subsidio deste desinteressado colaborador, que não se limitou e coligir palavras avulsas, mas transmitiu-me frases, proverbios e até ensalmos, que aproveitei a titulo de colheita etnografica. Aqui deixo tambem o meu reconhecimento ao rev.do snr. João Luis Lourenço Loução (abreviaturas «L. L.»), tal é onome do esclarecido eclesiastico.

As palavras do meu preambulo de 1905 tem contudo aqui cabimento.

Não é a primeira vez que sobre a linguagem do meu concelho recáe estudo. O sr. Director d'esta revista, ao qual devemos contar como a um dos primeiros que criaram em Portugal a sciencia da linguagem, publicou alguns artigos na *Revista de Guimarães* ácerca da *Lingoagem popular de Soajo* (Rev. de Guim. II-15-1885) e da *Lingoagem popular de S. Jorge* (ibid. II, 238, 1885).

Já antes disto, no opusculo — *Uma excursão ao Soajo*, 1882, o mesmo auctor se tinha ocupado do falar da gente deste antigo concelho, inserindo até um pequeno vocabulario. Em 1902 publicou tambem no *Arcoense* de 17 de agosto (n.º 857) outro interessantissimo estudo: *Toponimia do Alto-Minho — Nomes do tipo de Suatorre* (1).

Trago estas referencias como necessaria illustração do assunto, pois que, para justificar a curiosidade com que eu registei as especialidades phoneticas e lexicologicas do falar da minha terra e comprovar a importancia e seriedade de tarefa d'esta natureza, não me parece necessario escudar-me hoje só no exemplo e conselho dos grandes mestres.

Os dois periodos, com que encabeço o meu trabalho, estão actualmente impressos no espirito, não direi de toda a gente, mas pelo menos no da que possue criterio esclarecido.

Todos os phenomenos humanos, por mais comezinhos e rasteiros que pareçam, são dignos de estudo, são dignos de sciencia. Poucas serão porém as pessoas que conhecem o alto valor dos estudos do proprio idioma e da sciencia da linguagem, não se lembrando de que, por viverem num seculo que se jacta, a cada volta do sol e com razão, do seu grande progredir, nenhu-

(1) Foi reproduzido (com modificações) na *Rev. Lusit.*, VIII, 67; e cfr. XIII, 137. Juntarei o sitio de *So-santo* que escrevem *Sussanto*: fica por baixo da *Fonte do Santo* (Soajo).

ma ordem de phenomenos existe que não possa ser objecto de lucubrações, que não possa tornar-se objecto de uma sciencia.

É por isso que modernamente o estudo das humildes tradições populares em todas as suas modalidades do conto infantil, do romance versejado, da adivinha, da superstição, do jogo, do proverbio, constitue um ramo importante de conhecimentos e a colheita de factos da ethnographia nacional, quer elles se procurem na lavoura, na industria caseira e pastoril, na cozinha, na olaria, no amuleto, na musica popular, nas festas e arraiaes, no trajo, na habitação do senhor, do caseiro, do pescador, do pastor, caracteriza uma nobilissima forma de orientação, de actividade especulativa, que alarga os campos scientificos e a área do conhecimento do homem como é, em continuação do que foi.

Ao lado d'estes estudo, o da linguagem popular tem fóros inviolaveis de nobreza scientifica. As variedades do falar das diferentes regiões do pais já não são consideradas *corrupta vocabula*, nem indistinctamente vicios de expressão; são fórmas dialectaes sujeitas a leis que ninguem pode derrogar. A «linguagem dos rusticos» já não é uma coisa desprezivel e inferior á linguagem da côrte; é pelo contrário a sua raís, o segredo da sua conservação e da sua defêsa como coisa nacional, e é só depois de constituido como sciencia, no seculo XIX, o estudo da linguagem, que os factos são vistos por este aspecto; já João de Barros se contentava muito com os termos que se conformam ao latim e não só os que se encontravam nas escripturas antigas, mas os que andavam no uso de «antre Douro e Minho, conservador da semente portugêsa, os quaes alguns indoutos desprezam por não saberem a raiz donde nacem»=*Dialogo em louvor da nossa linguagem*, por J. de Barros, citado na *Esquisse d'une Dialectologie portuguaise* por J. Leite de Vasconcellos, pag. 57).

Posto isto, para que os homens que em Portugal á glottologia se dedicam (e bem poucos são elles) possuam elementos de laboração, que lhes economizem horas e até anos de investigação, preciso é que alguns amantes da sciencia não deixem perder-se factos que a esses cáem mais facilmente debaixo da alçada da observação, inventariando-os e collecionando-os pacientemente, para que d'elles se venha a tirar proveito scientifico.

Eis, mal dito, o que explica a publicação quasi nua e arida deste pequeno glossário, que ainda me levou alguns anos a reunir. Convicto da importancia dos estudos dialectaes, tendo vivido num meio, onde o falar se conserva ainda sem a endosmose dos estrangeirismos, depois de haver notado que muitos vocabulos

de uso do povo não me eram conhecidos pelos diccionarios e comtudo deviam pertencer ao tesouro da lingua, eu senti-me naturalmente levado a archivar todos os termos que me iam parecendo dignos d'isso ou pela absoluta novidade ou por alguma singularidade de significação ou de pronuncia.

De facto, o povo pode conservar no seu falar quotidiano algumas fórmas arcaicas, que auxiliem o estudo da evolução fonetica das palavras; pode até guardar inconscientemente formas ineditas, e não poucas encontrei que vem enriquecer os diccionarios; pode ainda dar-nos na pronuncia a fórma exacta e justa da ortografia de um vocabulo. O povo é por assim dizer o cadinho da linguagem. As linguas primeiro existem faladas e só tarde passam a ser escriptas, o que parece que lhes deve dar mais fixidez [1]. Mas ao lado da feição popular do mesmo idioma, começa a formar-se a feição litteraria ou erudita (*Esquisse d'une Dialect. portug.* por J. L. de Vasconcellos, pag. 15).

Estes glossarios são ainda importantes debaixo do aspecto geographico da lingua, isto é, da repartição dos dialectos e subdialectos dentro dos limites do país.

Parece-me que escrevi o bastante para demonstrar que o meu modesto empenho, com que durante alguns anos, com interrupções, sollicitamente registava em canhenho as expressões singulares que ouvia aos meus conterraneos, não era uma infantilidade ou uma banalidade; era um encelleirar continuo de formiga, para um dia fazer entrega dos resultados á attenção dos homens de sciencia.

Dei principal extensão ao vocabulario, porque era esta parte a que estava mais ao meu alcance de simples collector. *Ce n'est pas seulement la grammaire proprement dite qui donne un caractère dialectal aux parlers des provinces, mais aussi le lexique.* (*Esquisse d'une Dialect. port.*).

Não recolhi textos populares, seguindo exemplos que tinha nos olhos; confesso que nada julgo mais difficultoso do que isso, quando desconfiado de fôrças proprias, se intenta trabalhar com exacção e lealdade. Ou por anomalia natural, ou por falta de exercicio e de pratica, não distingo sufficientemente certas mo-

---

[1] O português só começou a escrever-se no sec. XII; o mais antigo documento conhecido e datado é um auto de partilhas, do ano de 1192, que hoje se guarda no Archivo Nacional, mas que proveio do mosteiro de Vairão, que é ainda na provincia da «semente portuguesa da linguagem».

dalidades foneticas que vejo desfiadas nos livros da especialidade; por isso só anotei o que exige um ouvido menos afinado.

Tenho tambem feito a observação de que, quando a alguns dos meus interlocutores casuaes eu pedia a repetição de uma pronuncia que me impressionava o ouvido, rara era a vez em que não se produzia immediata confusão, parece que com o receio da incorrecção.

Por isso é preciso, a quem nisto se empenha, colher a pronuncia em flagrante e fugir de solicitar uma repetição.

Quanto á exacção e lealdade do meu trabalho, não me limitei a observações pessoaes, porque, ordenado o vocabulario, foi elle distribuido por alguns amigos meus, pessoas que eu sabia de bom criterio e viviam habitualmente no meio, cujo falar me interessava. Colhi os ensinamentos, correcções e acrescentamentos que, com o seu grande conhecimento da materia, se dignaram ministrar-me, de modo que esta collecção tivesse depois os melhores dotes de autenticidade.

Precedi o vocabulario da resenha de alguns phenomenos dialectaes do dominio da fonologia, da morfologia e da sintaxe; enumerei-os sem os sistematizar, coma aliás faria qualquer filologo. Nelles saberão os especialistas vêr fenomenos linguisticos já conhecidos e communs a outras provincias ou caracteristicos do norte. Não era de jurisdição minha entrar neste assunto; seria meter foice abelhuda em seara alheia.

Devo agora acrescentar a estas, mais algumas observações preliminares. Os vocabulos aqui incluidos, são apenas os que eu proprio ouvi ou os meus colaboradores; não se forrageou em glossarios alheios; d'ahi resulta que aparecerão vocabulos já recolhidos noutras regiões e agora apenas confirmados, quer no seu uso, quer na sua fórma ou significação. Desta sorte a colheita é directa; salvo raras excepções, não cito escritos nem revistas da especialidade; a minha tarefa foi apenas a que me era permitida pela minha inexperieneia e incompetencia filologica: ouvir e notar. O que pois se contem neste trabalho, áparte o que me proporcionou o meu amigo e distinto professor P.e Manuel da Cunha Brito, são apenas elementos e materiaes de estudo para os que se consagram á dificilima sciencia da linguagem; não tenho sobre o assunto opiniões.

O vocabulario foi cotejado em duas fases da sua evolução pelo *Novo Dicionario da Lingua Portuguesa* do snr. Candido de Figueiredo (ed. de 1899); primeiro pelo meu mallogrado amigo e eximio numismata Manuel Joaquim de Campos e em segunda vez pelo P.e Cunha Brito; mas depois disso já acresceram muitas verbas que não foram conferidas pela recente edição (1913) d'aquela obra. É possivel que alguns vocabulos perdessem d'esta vez a absoluta primazia, mas ganham a anotação para o Alto-Minho.

Inclui excepcionalmente vocabulos de outros concelhos do norte da pais, porque, de passagem, tive ensejo de os recolher directamente, mas esses são em pequenissimo numero; do Alto-Minho, particularmente de Monção, ainda vai uma mancheia de vocabulos que devo a «L. L.».

Na ortografia procedi com o método que me pareceu mais adequado á natureza de um glossario dialectal; assim suprimi o *v* que é substituido por *b* no Minho [1] e portanto no concelho dos Arcos; no principio de certas palavras suprimi o *e* de *es*, visto que não se pronuncia, ouvindo-se apenas o *s*=*x*; em outras, que começam por *em*, *en*, escrevi *im*, *in* por motivo identico, excepto quando aquelas nasaes tem a pronuncia de *âm*, *ân*. É como se vê uma ortografia sónica, para dar mais exactidão á fonetica.

No fim do glossario, adicionei uma lista de vocabulos colhidos apenas pela sua pronúncia, este expediente desengrossa o glossario e metodiza o meu trabalho. É claro que só registei os termos que ouvi ou ouviram os meus colaboradores; se eu fosse respigar vocabulos ou nos dicionarios ou nos trabalhos parcelares, avolumaria exageradamente as minhas listas, sem que o valor da minha tarefa se acrescentasse, no que toca á sua sinceridade.

Não fugirei tambem á praxe de um suplemento; no decorrer da impressão, podem tornar-se necessarias aclarações, correcções e ampliações.

Aos meus inestimaveis cooperadores dou lealmente o que lhes pertence, indicando com iniciaes o artigo ou com aspas a parte do artigo com que contribuiram para este glossario.

[1] No falar do povo alto-minhoto, pelo menos do meu concelho, nunca se ouve v, nem se dá a troca, que se quer presumir com a inexacta sátira do *vom binho*. Tive até nos Arcos uma criada, que sabia fazer praticamente a distinção entre *v* e *b*, e contudo dizia que tinha vergonha de pronunciar de modo diferente das outras pessoas da terra.

E por ultimo, aos leitores direi que fui sincero nas minhas colheitas, mas não posso juntar a este requisito as vantagens de uma prévia preparação filologica; confesso-me ignorante das mais rudimentares noções de filologia portuguesa. Isto é, como já disse, apenas material para o trabalho dos que estudam a escabrosa e delicadissima sciencia da linguagem.

Lisboa — Dezembro de 1915 — Junho de 1916.

I. NOTA TOPOGRAFICA

A topografia do concelho dos Arcos de Valdevez não é indiferente para o estudo do seu dialecto. Podemos compará-lo a um rectangulo, em que os lados maiores olham, um ao N. e outro ao S. Todo o la do do S.é constituido pelo rio Lima, que corre de L. a O.; pelo N. confina com os concelhos de Melgaço e Monção. Por O. e L. são os lados menores; de Leste o limite é a Galiza e dentro do concelho são tambem por esse lado as frèguesias montanhosas da serra de Soajo e Outeiro Maior, isto é: *Ermello*, *Soajo*, *Gavieira*, ás quaes devemos agregar outras, embora mais a dentro do concelho, mas tambem pertencentes á zona serrana e são: *Grade*, *Carralcova*, *Cabana-Maior*, *Cabreiro* e *Sistello*. Do lado do O., a linha divisoria toca nos concelhos de Paredes de Coura e Ponte de Lima. A região central do concelho é o vale do rio Vez, na parte que corre de Norte a Sul; paralelamente a esse curso desce a estrada principal, que liga Monção a Braga e constitue uma das arterias de comunicações com o país; é portanto por aí que principalmente se infiltra tudo o que constitue inovação e progresso, mas na direcção inversa, isto é, ascendente, porque o centro da vida oficial do concelho está ao S., quasi á margem do Lima: é a vila dos Arcos de Valdevez. Esta ultima zona, que constitue a parte ribeirinha e mais civilizada, tem ainda assim uma região alta e outra baixa: a alta e mais afastada é constituida por frèguesias, que avizinham os concelhos de Monção ao N. e Coura a O., e são *Estremo, Padroso, Eiras, Mei*, *Aboim*, *Sabadim*, *Senharei*, *Rio de Moinhos*, na margem direita do vale e da estrada e *Portella*, *Alvora*, *Loureda*, *Sá*, *Vilela* e *S. Cosme* na margem esquerda; a região baixa é a que circunda a vila dos Arcos, estando em contacto quotidiano com ela, o que influe evidentemente no seu modo de falar e se estende ainda pela margem direita do Lima: constituem-na as frèguesias de

Gondoriz, Couto, Azere, Giella, Vale, S. Jorge, Oliveira, Paçô e ***S. Paio da Vila*** na margem esquerda do Vez, e *Aguiã, Prozello, Rio Frio, Parada, Guilhafonxe, Monte Redondo, S. Salvador da Vila, Guilhadeses, Tabaçô, Souto, Tavora* e *Santar* na margem direita do Vez. Ladeiam ainda o Lima, que é tambem uma arteria de comunicação, as frèguesias de *Jolda, Padreiro, Cendufe, S. Vicente*, afastando-se um pouco para as montanhas *Cabrão, S.ta Cristina* e *Miranda*.

No decurso do glossario, algumas referencias se fazem a estas frèguesias; sem esta *nota topografica* não se compreenderia o alcance da referencia. Os proprios habitantes da vila, ainda os incultos, distinguem o falar das diversas regiões do concelho, e não é só a musica que os auxilia nesse conhecimento, é tamtambem a fraseologia e terminologia.

Imperfeições haverá em barda, mas só desejo que as não tomem á conta de deslealdades.

2. OBSERVAÇÕES GRAMATICAIS

1. Fonética.

-ão soa *õu*, vog. *irmõu*, mas tambem se ouve *irmáũ*. *Não* pronuncia-se *nõu* (em pausa) e *num* (em próclise). «*Num quero, nõu!* L. L.» *Meão* diz-se *miáũ*, isto é, *mião* com *a* aberto. *Orgão* diz-se *órgo*. Nos montes (Sistêlo) ouvi *cã* e *cãs* por *cão* e *cães*, e na ribeira: *cõu, cões; rão = rã*.

-ã > *-áum* (i. é, *-ão*, com *a* aberto), v. g. *irmã*, que se diz *irmáum; minháum* (manhã); *maçaum; milháum, láum* (lã).

-am e *an-* > *-áum* (= *-ão* com *a* aberto), v. g. *áundas, láunçar, cáumpo, táumpa, cáuntro* (cantaro). Nas freguesias dos montes, a pronuncia é pelo contrario muito fechada: *ândar, Antone*.

Nas 3.as pessoas do plural dos verbos pronuncia-se *-um*. Ás vezes o *an* vale *ain* em *saingue, sain-José*, mas *sáum-Pedro*.

á > *â* nas frèguesias dos montes; v. g. *jâ, lâ, âltár, âlgum* (Cfr. *Excursão ao Soajo* pelo snr. dr. Leite de Vasconcellos, p. 15). «Em proclise, ouve-se na Miranda, Sabadim etc. C. B.». São frèguesias que avizinham com Paredes de Coura.

Antes de *m* e *n* o *a* é aberto: *cáma, láma, cána*.

Vale *i* (assim como o *u*) em *jinela, jintar*.

Vale *ai* em *graixa, faixa*.

-ãi > Nas frèguesias dos montes a palavra *mãe* soa como a arcaica *mãi*, que tambem existe em galego.

-al pronuncia-se *áur* em umas frèguesias e *ár* em outras; isto no principio ou no meio das palavras; no fim vale algumas vezes *ául*, v. g. *animául*. Ex.: *cáurdo* (caldo), *áurdeia* (aldeia), *máurga* (malga), *socáurco* (socalco); paralelamente ouvi *márga, socárco, árma* (alma), *árminha* (alminha). Tambem se ouve *doçar* (doçal, uva), *poregar* e *poregául* (polegar), *colmear* ouvi em

uma frèguesia quasi dos montes, Cabreiro [1]. Com as outras vogaes, ouve-se tambem: *or*, *ur*, *éur*, por *ol*, *ul*, *el*: *bôrso*, *fórga*, *surdado*, *úrtimo*, *azur*. Pronunciando-se *móle*, diz-se *morezinho*. Ha uma casta de uva chamada pelle de sapo: ouvi *péur de sapo*. *Fôlego* diz-se mais vezes *fôrgo*. Na proxima vila de Ponte do Lima esta pronúncia mantem-se ainda com certa intensidade, porque os proprios Arcuenses, quando querem satirizar os seus vizinhos, perguntam-lhes pelo *aridur* (areal) do rio. «Em Monção, v. g. *armas*, *argumas*. L. L.».

-*a*, no fim de algumas palavras, vale *e*: *forje*, *dobradice*, *jorne* (jorna), *gorge* (gorja), *ripe*, *graces* a Deus, *beije*-mão. Mas *alfacia*, e *fácia*, *spécia*. «Em Monção dizem *truite*, (truta) *sarne*. L. L.».

-*ê* ouve-se aberto nas terminações: *éu*, *énto*, *ésa*, *étra*, *édo*, *éno* e outras; v. g. *certéza*, *cédo*, *mésa*, *térça*, *naturéza*, *bénto*, *mésmo*, *témpo*, *négro*, *létra*, *nubémbro*, *bréu*, *coméu*, *stréla*; mas ouve-se mais *chapêu* (com *ch*) do que *chapéu*. Nas frèguesias dos montes pronuncia-se *êsta*, *êssa*, *êstas*, *êssas*, *aquêlla*.

-*e* ouve-se *ei* antes de palatal: em *beijo* (vejo), *peijo* (pejo), *têilha*, *lêinha*, *feicho*. Nos montes dizem *biejo* (vejo). *Velho* ouve-se porem *bélho*.

-*en* vale *in* e *ã*, conforme é na ribeira ou na montanha; assim: *então* diz-se *intõu* naquella, *ãtõu* nesta; paralelamente diz-se *ãtrar* e *intrar*. C. B. ouviu tambem *ãtendo* nos montes o que na ribeira é *intendo*. Assim é *andêgo* por *endêgo* (endez).

é ouve-se como *a* nos montes: ex. *Cânto á?* (Quanto é).

e mudo e eufonico no fim das palavras: ex. *bão-e* (bom); *foi-e* (foi).

Ouve-se *féjão*, *feinjão* e *fanjão*.

om no fim das palavras ouve-se *ô*; v. g. *bô* (mas tambem *bão*).

ô vale *ó*; v. g. *óvo*, *caróço*, *óito*, *ólho*, *tójo*, mas diz-se *fôjo*. Ao passo que se ouve *pórco*, *pórcos* como substantivo, como adjectivo é *pôrco*, *pôrcos*. Diz-se *àgôra* e *côstas*. Ha *côrpo* e *côrpos*, *pôço* e *pôços*; *grósso*, *gróssos*; e se é *óssos*, é porque no singular se diz *ósso*. C. B. averiguou que -*ôso* no plural é -*ôsos*, mas no feminino é -*ósa*, -*ósas*. Ás vezes *ô* vale *oi*, v. g. *coixo*; *hoje* é *hoinje*. Nos montes a interjeição *ó* é *ôi*.

on e *en* atonos são nasaes surdas: *aumentar*, *assentar*, *cunfissão* e *redundinho*, mas *redôndo*.

ui não se nasala em *muito*, *fruito*. Como estas, pronuncia-se em ditongo *muinho*.

u vale *i* em *jimento*; ouve-se *truita* (Em Monção *truite*).

«*A nossa i arma* = a nossa alma. L. L.».

in emprega-se eufonicamente antes de bastantes palavras: *inruga*, *im-*

---

[1] Quando foi das tentativas e receios de incursões monárquicas, o meu concelho esteve, muito tempo, ocupado militarmente, sendo a vila o principal centro de ocupação. Certo dia, constou no comando que um homem tinha dito na vila que, no cemiterio da frèguesia de Gondoriz, estavam muitas *armas* enterradas. Deante de uma noticia destas, organizou-se quasi uma expedição militar que os habitantes da vila viram partir, um tanto alvoroçados. Entretanto averiguava-se que, tendo havido uma mortalidade desacostumada naquela frèguesia, um homem de lá, vindo á vila e referindo-se ao grande numero de obitos, se exprimira com a sua pronuncia local contando que já muitas *armas* (almas) se tinham enterrado no cemiterio da sua frèguesia, durante os ultimos tempos. O equivoco não chegou porém ao conhecimento do comandante das forças encarregadas de desenterrar as *armas*, a tempo de evitar alguns trabalhos de pesquisa no cemiterio de Gondoriz. De modo que, no regresso á vila, segundo me informaram, o destacamento foi recebido com desapiedada chalaça por parte do mulherio.

porém, in-antes, imprénsa (prênsa), *infinalmente, infingir, infirmar-se, infundir* (fundir).

im em *sim;* ouve-se ás vezes *sem* com *e* mudo.

ç vale *z* em *azoutar, bizo, sázeiro, Cezilia.* C. B. ouviu tambem *zóque* (çóco-tamanco).

l no meio das palavras vale *r: azurado, deregado, fôrgo* (fôlego), *Cremente, inuterizar, faramengo* (flamengo) *reberia* (revelia). Daqui provém o aforismo dos campos: *cáuntos mais raros se mátum, mais raros ficum;* paradoxo fundado na homofonia de *ralo* (subst.) e *raro* (adj.). «Em Monção ha o mesmo fenomeno: *imprasto, cataprasma.* L. L.».

l vale ás vezes *lh;* v. g. *palhito, cavalharice* (mas *cabálo*), *balhéta,* (*valêta,* nome de bairro e rua na vila); mas *galinha*, etc. Em vez de *n: lumear, alumear* (nomear).

ch tem som explosivo (*tch*); mas é certo que vai desaparecendo, e só se encontra na gente mais rude.

s intervocálico soa *j* em: *vejita, criôjo* (curioso), *tijouro, abijouro, crujidade* (curiosidade), *méja, tijoura, rejidir, rejistir.* «Ás vezes ouve-se *x*, v. g. *couxinha* (cousinha): L. L.».

s vale *x* em *pexigueiro, péxigo, dixe, inxinar, xiringa;* já ouvi *punxão* (pensão).

r final vale ás vezes *l: Xabiel, poregal* (polegar). «*Miselicordia.* L. L.».

g no meu concelho não é aspirado, mas logo em Paredes de Coura dizem *paghar, ghado.* Este som sofre ás vezes troca por outro, principalmente *b;* ex. *pubereiro* por pegureiro, *bodalho* por godalho; *sbangalhar* por sbandalhar.

qua soa sempre *ca*, v. g. *cadrado.* Em *quaresma*, ouve-se *curesma, caresma* e *cresma.* Ha *carenta* e *córenta.*

A preposição *per* encontra-se em *pr'o, pr'a,* sendo mudas as vogaes; ex.: *dei-lhe uma prenda pr'o Natal* (pelo Natal). Se fosse *pr'ó Natal*, isto é *ó* aberto, seria a preposição *para;* ex.: *dou-lhe uma prenda pr'ó Natal.*

2. **Morfologia.**

Pronomes e particulas:

Todo-los dias; toda-las noites; Deu-lo queira; des as tres horas (desde as tres horas); *não lhes as deu* (não as dou a elles); *eu lhes a mando* (eu a mando a elles); *nes* por *nos*; *má-lo* ou *má-la* por *mais o, mais a.*

Pardal, plural: *pardales* (L. L.).

«Predomina o plural em *ões: capitões, capelões*, etc. L. L.».

Verbos auxiliares:

Ser: *sondis, fôssim, fôrum.*

Estar: *staì* (*cume staì?* como está); não é geral esta fórma, que aliás se ouve tambem no concelho de Monção. *Stabámos* por *estávamos*, nos montes.

Ter: *tinhanes* (tinhamos); *tinhum; têndis;* eu *têbe*, elle *tibe; tiênho* ao lado de *tânho*; *témos* na ribeira e *tâmos* nos montes ([1]).

([1]) Esta expressão *nos montes* é local, quer dizer: nas montanhas, isto é nas fréguesias montanhosas, Soajo, Gavieira, Cabana-Maior, Sistêlo.

Haver: impessoalmente diz-se *hai*.

1.ª conjugação:

Cántim (cantera); ***déiamos*** e ***deámos*** por «dêmos»; ***dêia-nos*** (dê-nos) ***andainde*** (andae); ***ficha·nde*** (fechae); ***consídero, consíderes; bareia*** (varia); ***stróba*** (estorva); *deixá-nes* (deixar-nos); ***meijo, meijum; andastes*** (andaste) ***eandastis*** (andastes) e assim outros verbos em *-ar*; ***andabámos***, nos montes, como acima: ***precisabâmos*** (idem); (*agôo, agôas, agôem* e não *agúo* etc. C. B.); ***suféca*** (sufóca); ***crébo, créba*** (quebro e quebra, quando o acento é na 1.ª silaba do verbo ***quebrar***, que aliás se pronuncia ***cobrar***). ***Fussa*** e ***coluca*** em vez de «fóssa» e «coloca», é colheita de C. B.

2.ª conjugação:

Bende, bendes (vêde, vêdes), ***correnda*** (correi), eu ***quês***, elle ***quis***; eu ***fes***, elle *fiz; fijérum; **colhérum; cido, cida*** (cedo, ceda); ***dizo, dixe*** (digo, disse); ***troufe*** (trouxe) em algumas frèguesias; ***sufre*** (sofre).

Feço, por ***fedo***, de feder; ex.: *já feço a **chamusco*** (C. B.).

Arço, por ***ardo***, de arder; ex.: *arço em febre* (L. L.).

Quijo, por *quis; fijo*, por *fiz*, no Peso. *Mudo*, por ***moído*** (L. L.).

3.ª conjugação:

Sume-te! (sôme-te); ***fuge*** (fôge); ***fuginde*** (fugi); ***pessôe*** (possûe); ***biênho, biênha; atóe*** (atui); ***loze*** (luz); *borne* (brune); *béum* (veio); ***caín*** (caí); ***rejéste*** e ***reséste*** (resiste); ***tenge*** (tinge).

Nos montes: *bã* (vem), *binhér* (vier); *binhestes, binhémos, binhestis, binhérum* (vieste, etc.).

Asseste, por *assiste* (L. L.).

-eira: sufixo preferido a *-ôra; **lavradeira, administradeira***. Tambem: ***salmueira*** (salmoira); ***labueira*** (lavoura).

-eiro, -eira: sufixo que designa um objecto considerado separadamente; um *milheiro* (um pé de milho); um ***pingueiro*** ou *-a* (pingo de chuva); ***guiceiro*** (guiço, pequeno páu); um *greiro* (grão); *tojeiro* (um pé de tôjo); uma ***palheira*** (uma haste de palha triga ou centeia); uma *arieira* (grão de areia); uma *linheira* (fio de linho); um *cabeleiro* (um pêlo do cabêlo).

Freqüencia de terminações em *-ume: **teçume, ordume, tapume*** (termo de tecedeira).

Freqüencia de terminações em *-em: petem, dessequem, **pelem***.

Freqüencia de terminações em *-al: linhal, **junhal, canal*** (canavial).

Freqüencia de deminuitivos em *-ôlo, -ôto* e no feminino: ***caixôto, leiróta, ripóla, igrej.la***.

Tendencia para converter a terminação *-ana* em *-aina: **sacaina, rodaina***; contudo dizem *andáme* e não *andarme*.

Calor é feminino nas freg. dos montes; *anchor* e ***largor*** tambem.

Prefixo *so-* liga-se a muitas palavras, ainda sem serem toponimicas; *solombo, sobraço, somaça, soombro, sospeito, someter* e talvez ***solaça***. Vid. s. v. *Soadevesa*.

3. **Sintaxe.**

— É vulgar a substituição do adverbio pelo adjectivo correspondente: *côme sufrible* (come sofrivelmente); ***chobe torrencial***.

— Concordancia aparentemente errada: *é ũ'hora; má aço; má genio; má actos; má raios te pártum.*

— *Qâuntos copos bubêu? Tauntos coma sí.*

— *Vir a cuándo alguem* (vir na mesma ocasião). *A caund'a mim* (ao mesmo tempo que eu).

— *Tornar bir* (tornar a vir).

— *Ir de pôs d'alguem* (ir após de alguem).

— *Eu cá de mim.* C. B. ouviu tambem: *eu cá in de mim.*

— *F. é morto* por: já faleceu. E' expressão muito usada para indicar a morte de um individuo, como facto um pouco remoto e consumado. Quando num tribunal um juiz pergunta pela parentela de quem está a perguntas, é vulgar ouvir a resposta: *é morto*, e não: «morreu», quando na verdade falecesse qualquer parente.

— *Elle*, quando é complemento, leva a particula *n* com os verbos transitivos, havendo referencia a uma pergunta anterior: *A herva?* Resposta: *Anda a cortar nella. O cavallo? Anda a passear nelle* (anda a passear a cavallo e não: anda a passear no cavallo). Só se exprime assim uma acção que se está realizando; *estou a matar nella*, e não: *vou matar nella*, com referencia, por exemplo a uma galinha; *estou a abrir nella*, e não: *vou abrir nella* (garrafa, v. g.) nem: *fui abrir nella.*

— *Se v. pêga que bai lá d'reito*... O *pêga* é enfático e o *que* vale por: *e* (1). Tambem se diz: *eu peguei e fui ter com F.*

— *Dá-m'o lenço d'ind'ha pouco*, isto é: aquele de que me servi ha pouco, por exemplo.

— Usa-se um *ó* no fim das frases principalmente com imperativo: *bái-ó, âund'ó.* «Tambem: *'stou aqui, ó!*, L. L.».

— Ouve-se tambem um *se*, no fim da frase, e até ás vezes no fim de cada oração, quando falamos com pessoas humildes ou que taes se julgam; este *se* parece ser uma abreviatura de *senhor. Fui á billa-se* (pausa) *e num o topei lá-se; o binho-se* (pausa) *é álegria do próbe-se.* Sempre tenho ouvido fazer uma curta pausa, depois deste *se*, que é dito muito fugitivamente. Isto porem não se dá com todos os individuos.

— *Hei d'ir ond'a si* (hei de ir procurá-lo a v.).

— *Ind'ágora* (ha muito pouco tempo).

— *Não faz preciso* (não é preciso).

— *A tal'hora* (a esta hora, neste momento). *A tal'hora 'stão fartos de ralhar um c'o outro.* É uma significação muito diferente do vulgar *a tal hora* ou *a tantas horas.*

— *Ou quê* (seja o que fôr, coisa parecida). *Âundum hi ós bôtos ou quê* (andam por ahi aos votos ou seja ao que fôr). Exprime pois incerteza, duvida ou mesmo desejo de ocultar o verdadeiro nome do que se quer dizer.

— *Bâmos que* (suponhamos que).

— *Ser amigo com alguem.*

— *A bom concerto* (finalmente).

— *Ou senhor! Ou elle!* Exclamações de surpresa, de admiração, mas em desacordo com quem se fala, verdadeiro ou cerimonioso.

— *Um não póde* (não se póde, não posso). Ex. colhidos por C. B.: *quer um ir de biaje e num tem dinheiro* (quer uma pessoa, ou quer a gente, etc.); *bai um á feira e num acha que comprar* (vai uma pessoa, etc.).

---

(1) [Propriamente creio que temos *pêga que*, expressão de realce, como *é que*. — J. L. de V.].

— *Quer não!* (embora, muito embora, sem embargo, não importa).

— *Stiúno* (este ano, no ano corrente), (C. B.).

— *Sc'àssim* (como assim). Tambem se ouve: *Scom'àssim.* (C. B.).

— *A mais sim* (mas sim).

— *Por em cheio* (completamente). Uma criança não ocupa o seu lugar num carro *por em cheio*, isto é, completamente.

— *Credo, filho! oi!* Exclamação da gente dos montes.

— *Im antes* (antes).

— *Até derradeiro* (até final).

— *Qâunto de mais* (demais a mais). (C. B.).

— *Eu cá de mim* (eu, por minha parte).

— *Ũ'hora cum de noute* (uma hora ainda com noite). (C. B.).

— *Coma mim, coma ti* por *como eu, como tu (Rev. Lus.*, IX, 119).

— É muito usada em familia a supressão do artigo antes dos nomes proprios das pessoas; assim: *Onde foi José? Manuel não está em casa. Antonio já veio?*

— É corrente a supressão da particula *depois* antes de um pronome, na locução *depois de*; v. g. «A casa... depois della acabada, ha de ficar bonita», dizem: *della acabada*, etc. Assim: *delle pronto*...

— Infinito impessoal por pessoal: *Ha duas coisas no mundo — que não posso intender — os padres irem para o inferno — e os medicos morrer.* (L. L.).

De L. L.: É vulgar em Monção este erro de concordancia: *Diabos te lébe; Raios te parta; Lôbos te côma.* Dizem: *á d'el-rei* por: *aqui d'el-rei.*

Aditamento de C. B.:

1.º—A conjunção *e*, na Gavieira, Sistélo e parte de Soajo, tem por vezes duas pronuncias: *é* antes de consoante na palavra seguinte e *i* antes de vogal, ex.: *é dixe-le, eu é tu;* mas *tu i eu.* Influencia de Melgaço, onde o fenomeno é freqüentissimo. Cfr. L. de V., *Philol. Mirandesa*, I, 445.

2.º—A nasal *en* ou *em* átona não se confunde, na mesma região com *im*, como no resto do concelho. É perfeitamente um *e* átono, como o *e* final de *grande*, anasalado. Assim *entendo* pronuncia-se quasi como *ântendo* e não *intendo. Pàrtem* não se pronuncia *párteim*, nem *pártim*, mas *partẽm.*

D'ahi resulta que as formas verbaes *sáem* e *cáem* confundem-se na pronuncia com *sâm* e *câm*, contraindo-se as duas vogaes.

3.º—O plural de *-ão* (quasi sempre igual-a a *-om*) não é *-ões*, mas sim *-ons* ou *õs* nas mesmas frèguesias. *Tostão* (= *tostom* ou *testom*) faz pois no plural *tostons* ou *tostõs.*

4.º—Em alguns pontos do concelho o artigo *o, a*, etc. pronuncia-se em certos casos aberto. Em Lordelo de Cabreiro ouvi perfeitamente dizer: *a cigarra e à formiga*, com o segundo artigo *a* aberto. Este fenomeno já foi registado noutros sitios do pais pelo snr. dr. L. de Vasconcellos nos *Dialectos, interaminenses*, III, 11.

5.º—O *e* tonico aberto em Soajo tem muitas vezes grande tendencia para *à*, podendo talvez comparar-se ao *a* breve inglês ou antes ao *u* breve prolongado. Ouvi-o por ex. nas palavras: *febre, pé, pés*, etc.

6.º—*Vós* = tu. Na Gavieira e em Sistêlo ainda se ouve o tratamento de *vós* no singular em vez de *tu.*

7.º—O verbo *ficar* ouvi-o sempre substituido por *quedar* na Gavieira. *Quéde com Deus. Vá, que eu quêdo aqui.*

8.º—Ha palavras em que dizem sempre *ou*; v. g. *touro, mouro*. Mas dizem *stoiro, barredoiro, stoirada* ao lado de *stouro*, etc. Ainda se ouve *dous*, mas quasi sempre *dois*. Parece que o *ou* é mais proprio das frèguesias dos montes.

De L. L. (Troporiz, Monção): a) Não se nasalam, como nas provincias do sul as silabas *am*, *em*, *im*, *om*, e *ão*, *ãe*, *õe*; mas isto não se verifica em todo o Alto-Minho; do rio de Mouro, afluente do Minho, para o nascente são nasaladas.

b) Nos canticos, quer sagrados, quer profanos, acrescenta-se um *ê* aos versos que terminam em *ão*, *ar*, *er*, *ir*, *or*.

Vai em Monção, *foi em Monção* por vai a Monção etc.

A troca do *b* pelo *v* dá lugar á seguinte frase estereotipada, cheia de ironia, que se emprega quando uma filha casa contra vontade dos pais, e se deseja exprimir um dote negativo: *Os pais deram a F.ª uma saia e uma libra*. Tanto *saia* como *libra* são fórmas dos verbos *sair* e *livrar*, no sentido de «escapar-se» (1).

Segue-se agora o Glossario:

A

abagar—i. Abater, descer a cheia de um rio; diminuir um liquido dentro de um recipiente.

abanador e **Abanico**—m. Utensilio de cozinha feito de uma pequena haste de madeira, aberta em leque numa estremidade e entretecida desse lado com fitas (lascas) de cesteiro; a outra estremidade serve de cabo (L. L.).

abaniar—O mesmo que *abanar*, estremecer (L. L.).

abantar—tr. (Gavieira). Aturar muito caminho, andando. Parece ter relação com *aguentar* ou com *avante* (C. B.).

abarbada—adj. Usa-se na seguinte frase: *Vaca abarbada a parir*, i. é, no fim do tempo, proxima a dar á luz (C. B.).

abècer (avècer?)—i. Correr bem um trabalho, um serviço. *O serbiço hoje num abéce*, diz-se, por ex., do serviço agricola feito em dia de chuva.

«Sortir resultado; diz-se até de uma praga que se rogue, de uma mèzinhice que se faça (L. L.)».

Este termo foi primeiramente recolhido pelo autor e comunicado ao sr. dr. L. de Vasconcellos, que propôs uma etimologia na *Rev. Lus.*, IV, 128. Depois apareceu no *Novo Diccionario*, do sr. C. de Figueiredo.

abeias—f. pl. *Estar de boas ou más abeias*, estar de bom ou mau humor; andar de boas ou más relações com alguem. *Abeias* no plural é que tenho ouvido; não *beias*.

«Diz-se no mesmo sentido: *estar de boa beia, estar de fraca beia*, o termo deriva pois de *veia* (C. B.)».

abelar—tr. e i. Pôr um genero ao sol para perder a humidade que contraiu; tambem se diz da roupa, no enxugadouro, meio-sêca, *Stá abelada*.

(1) Trocadilho analogo usa-se em calão eclesiastico, quando um sacerdote omite a reza canonica: *Reza de Santa Clara*; *clara* porque passa a reza em *claro* (L. L.).

abeleira—f. Acto de abeleirar (C. B.).

abeleirar—i. Fazerem dois lavradores, de sociedade, o trabalho das suas sementeiras, da primeira á ultima, prestando-se mutuamente gente, gado e alfaias agricolas. O lavrador A *abeleira* com B ou faz ou tem *abeleira* com elle (C. B.).

abelhardo—m. Abelhão, zangão (C. B.).

abeloura e **beloura**—f. Graminea brava que nasce por entre o trigo ou centeio. Diz-me C. B. que é o mesmo que *Palanques*. Este vocabulo faz-me lembrar o nome de uma graminea ou um cereal cultivado no Ribatejo: *balanco*.

aberdegado—adj. Algum tanto verde. *Fruito aberdegado.*

abernúncio—Exclamação empregada em sentido repulsivo; origem eclesiastica, mas deturpada.

abesardo—m. Besouro. A fórma usada geralmente no concelho é *Abisouro;* aquela ouvi-a em Ermêlo (C. B.).

abezeirar—i. O mesmo que *Abeleirar* (q. v.). De *bezeira*=*vezeira* (C. B.).

abiação (aveação)—f. O conjunto das aves da capoeira. Tambem tenho ouvido *Biação*=*veação.*

abocanhar—i. Suspender-se a chuva por instantes. *O*=*u. Abocánha, já podémos sair de casa.*

aboiar—tr. *Aboiar uma vaca*—levá-la á cobrição.

abono—m. (T. de carpinteiro). Pedaço de madeira que supre qualquer dimensão de outra peça insuficiente. Por extensão de sentido: adubo dos campos.

aborralhado-a—Da côr da borralha.

abrideira—f. Comida ou bebida propria para abrir o apetite, antes das refeições.

abrigueiro—m. Sitio abrigado do vento ou da chuva.

abroscar—i. Ficar para trás, atrasar-se no serviço, quando êste se faz de companhia com outras pessoas.

acadar—tr. Aparar ou receber uma coisa que se atira ou vai a cair (C. B.).

acadimar-se—Habituar-se a um serviço, a um trabalho. *O gado acadima-se bim bem*, quer dizer: ageita-se, vai-se habituando ao serviço. Já notei tambem *Acatinar*, que julgo deverá ser o mesmo vocabulo. Ouvi est'outra fórma na frase: *o rapaz não acatima;* isto é, não toma juizo. Seria pois a mesma significação. Ainda se ouve: *Acadinar*, *cadinar* e *incadinar.*

acadramar—tr. Prender com *cadrama* (C. B.).

açanicar—i. Acenar com frequencia; o mesmo que *sanicar* neste glossario (C. B.).

Não será mais exacta grafia *assanicar?*

acarbalhar (carvalhar)—tr. Decotar ou aparar um carvalho (ou qualquer outra arvore) de fórma que fique para a exploração do talhadio alto. Diz-se, por ex.: *acarbalhar ña debésa*, podar todos os carvalhos della de fórma adequada.

«Plantar uma videira de modo que fique a prumo. M. P.».

acarrejada—f. O acto de acarrejar, feito por varias pessoas (Cabreiro): Noto que muitos substantivos em *-ada*, como *apanhada* (por ex. da azeitona), *cavada*, *espadelada*, *fiada*, *podada*, *sachada*, *varejada*, etc. e que designam trabalhos colectivos da gente do campo, não se encontram no *N. D.* Serão, pois, exclusivos do Minho? Podia ainda acrescentar *roçada*, que o *N. D.* traz como termo brasileiro e que se usa no continente com significação analoga (C. B.).

acatimar—Vid. *Acadimar-se.*

acatrinar-se—Embebedar-se. De *Catrina*=Catarina.

acendedalho—m. Acendedalha ou acendalha (C. B.).

acente—Herva que, se não é o absinto,

é comparante. Tem muito emprego na medicina caseira (L. L.).

achanzar—tr. Tornar plana uma superficie.

acharar—Medir cereaes sem *rapão*. *Comprei meio alqueire de milho, medida acharada,* quer dizer medida que não foi *rapada*, nem *cogulada* ou *acogulada* (L. L.).

acizanar—tr. Acirrar, importunar, atenazar (de que é conhecida a metatese *atezanar* ou *atazanar* e tambem *atizanar;* desta ultima, por influencia de acirrar, se formou, a meu ver *acizanar*, ou talvez de *cizania* (C. B.).

acobertalhar—tr. Acobertar, capear, servir de capa de velhacadas (C.B.).

acuar—Arredondar o *cu* do pau (L. L).

açulagrado—adj. Feito muito á pressa, de fugida, e portanto mal feito, não a eito. Escrevo *açulagrado*, porque me parece uma alteração de *acelerado* (C. B.).

acurrar—tr. Levar ao curro, isto é, levar a vaca, quando *boieira*, à cobrição. Tambem significa apertar em lugar estreito; encurralar (C.B.) D'ahi *acurrado*.

acusacristos—Nome que os rapazes da escola chamam ao companheiro, que acusou algum d'elles ao professor (L. L.).

acutuar (acotoar?)—tr. e i. Secar, mal e incompletamente, um cereal, a roupa; quasi o mesmo que *abelar*.

adei intôum—E então. Colhido em Margaride. Será por *E d'ahi então*.

adêlha—f. Caixa de madeira em forma de tronco de piramide de base quadrada, mas invertida, onde se lança o grão nas azenhas e moinhos, a uva nos esmagadores, etc.

adelhão—Calha por onde sai o cereal para o olhal da mó, sacudido pelo *tanganho;* está suspenso da *adelha* e esta do tecto (L. L.).

adéuzinho—Saudação ou melhor, salvação vulgar na linguagem minhota. *Salvar* é o termo usado. Tambem se diz, quando se ignora o nome de pessoa: *Salbe-o Deus, santinho!*

adita-se—3.ª pessoa de um verbo; o mesmo que *adoita-se* de *adoitarse*, parecer-se, assemelhar-se. (C.B.).

admeniar—tr. Gerir, administrar uma casa, uns bens; dirigir negocios. «Penso que vem de *dominio*, que daria *dominiar*, corrompido em *demeniar* e *ademeniar* ou *admeniar*, provindo por sua vez do primeiro destes três o termo *demenio*, que conheço muito bem e que se emprega por ex. nas frases: *ter o demenio da casa*, isto é ter a direcção da casa (C. B.)».

adoado—adj. (Pessoa) comedida, educada, lhana, atenciosa.

«Tambem significa docil, acessivel, pacato, meigo. No mesmo sentido se emprega *dado*, que vem de *dar*, como *adoado* vem de *doar*. Cfr. o latino *dare* e *donare* (C. B.)».

adoitar-se ou **adoutar-se**—Ainda se usa com a significação de: parecer-se com. Vid. *Rev. de Guimarães*, III, 62. Tambem *afeitar-se* (C. B.).

adonar—i. Tombar.

adreira e **adereira**—A hera (L. L.). Vid. *Areira*.

afarfalhar—i. e tr. Ganhar *farfalhos* o leite ou qualquer preparado em que elle entre. Tambem se diz *afarfalhar as palavras*, atrapalhar as palavras, gaguejar.

afeitar-se—*Dois namorados andam a afeitar-se* ou *a adoitar-se*, isto é, procuram-se um ao outro, buscam afeiçoar-se cada vez mais, travar-se de relações mais intensas, mesmo sem mau sentido. A galinha tambem *se afeita* para pôr (C. B.).

No Novo Dicc. vem sem pronome e noutro sentido.

afeloar—tr. Trabalhar com o *folão*—aparelho de tratar a lã tecida

para a apertar. Deveria pois ser *Afoloar*, mas talvez seja *afloar*.

a-fêsto—Loc. adv. A direito, a pino: *subir o monte a fêsto*, subi-lo a direito, *pela costárriba*.

afonso—m. Sapo. *Para um sapo houve sempre uma sapa*, diz-se a quem vai passando da idade de casar (L. L.).

Apolear um *afonso* é uma manobra em que todos os rapazes de campo são práticos. Coloca-se um pedaço de madeira a meio sobre um objecto erguido um pouco do chão. Em uma das estremidades do pedaço depõe-se o sapo e na outra da-se uma forte pancada ou sacholada. O pobre e util batraquio vôa pelos ares a grande altura, caindo no meio da algazarra do rapazio.

aformar—tr. Trocar terra por terra, leira por leira. Será contracção de *aformalar*, de *formal?* Veja-se esta palavra.

afruitado—adj. *Campo bem afruitado*, bem guarnecido de fruteiras.

afumar—tr. Dar as primeiras voltas á corda do carro, sem apertor de vez, vigiando que ella, por baixo das chêdas, prenda nos pontos convenientes. E' t. de Soajo e Gavieira, e creio que com elle se relaciona o t. *fumeiro*, ali tambem usado na significação de *fueiro*, estadulho. Na Gavieira chamam *baraço* a esta corda, embora tenha ás vezes mais de dez braças de comprido (C. B.).

afundar—i, mergulhar (C. B.).

afundo—m. Mergulho. *Andar aos afundos*, correr todas as coxias, andar por séca e méca a saber de alguem ou alguma coisa.

afusál—m. Pelo menos em Soajo ainda se usa esta palavra, para significar certa quantidade de linho espadelado, á qual, em certos pontos do norte do concelho, tambem se chama *udeita* e geralmente *mólho*, medida muito superior aos dois arrateis que Viterbo dá ao *afusal*, pois tem mais de uma duzia de estrigas. Uma mulher *espada* num dia um mólho ou pouco mais de linho (C. B.).

aganão—m. Rato grande, ratazana, rata. Tambem se ouve *aguanão*.

agáno—m. Coleoptero que, cuspindo-se-lhe, expele um liquido semelhante na côr ao sangue, depois de estar em contacto com a saliva. E' de côr preta e as dimensões de uma joaninha.

Doença no gado bovino produzida por comer o *agano*. Tambem se ouve *Argano*. Vid. *Ramilha* (L. L.).

agarantado—adj. *Medida agarantada*, àvantajada, crescida.

agosteira e **agostinha**—adj. *Carrasca agosteira*, especie de carrasca que floresce em agosto; t. de Ermêlo, Gavieira, etc. (C. B.).

agra—f. Terra cultivada mas repartida em leiras (recolhido em Vila do Conde).

agradar—tr. Gradar ou passar a *grade* sobre a lavoura (L. L.).

agramilar—Fechar ou prender com o gramilo (C. B.).

aguçar as unhas—Fugir. *Sempre a lebre aguçava as unhas*...

aguiadoiros—Tolas ou atalhadoiros, d'ordinario permanentes, feitos nos prados, tanto nas beiras como pelo meio, a fim de a agua cobrir e limar a um tempo toda a superficie. (C. B.).

aguichar-se—Aplicar a vista muito, adiantar-se, aproximar-se de alguma coisa com o mesmo fim. Ouvi este termo na seguinte frase, a primeira vez: *aguicha-te, Maria!* Era um soajeiro, que indicava á sua mulher a exposição de um ourives de feira, incitando-a a que se aproximásse e visse bem. Na *Rev. Lus.*, v, pag. 28, vem o t. *arreguichada* com analoga significação.

«Eu derivava o t. imediatamente de *guicho* (olho), muito vivo, principalmente falando-se de crianças. *Aguichar-se* é pois aplicar bem a vista». C. B.

agulha—f. Uma das pedras que formam a umbreira da porta; é a que fica superiormente ao tranqueiro e é colocada em posição horisontal; seixo oblongo que termina o veio vertical do moinho e trabalha sobre outra pedra (rela), que tem uma cavidade adequada; a agua impede-o de aquecer.

aido—m. Logar onde se guardam animaes; córte. Recolhido em Vila do Conde.

ajoujado—adj. Adoentado, um tanto enfraquecido pela doença (C. B.). «Mentecapto (L. L.)».

ajoujo—m. Chocalho ou guiso para animaes, como cabras, cães, furões (C. B.).

ajoular—i. Tornar a deitar-se na cama, de manhã, depois de se ter erguido, a fim de continuar a dormir. Colhido em Gondoriz (C. B.).

ajudeuzado—A modo de judeu.

alaborar—O mesmo que *Alborar* neste glossario.

alagar—tr. Desfazer o que estava feito: v. g. desmanchar uma meia depois de feita, ou parte della; desarmar uma igreja que se tinha aparelhado para uma festa. Assim diz-se: *Alagar uma meia; alagar um altar*, etc. (C. B.).

alambicadura—Porção de substancia distilavel (brôlho ou bagaço de uva, borras ou fezes, etc.) que é distilada de uma feita, e constitue a carga ordinaria de um alambique.

alampar (o milho)—i. Diz-se do milho quando, pelo excessivo calor ou frio das noites de verão, lhe secam as folhas inferiores.

«Diz-se tambem *alampear* e *alamparar*. C. B.».

alaraxado—adj. Chato e estendido, alastrado, rasteiro. *Esta herva tem as folhas alaraxadas.*

albariça—f. Colmeal. Colhido na Portela de Estremo (C. B.).

albário—adj. *Carvão albário*, isto é, feito de urze *albária* ou branca (de flor branca, ou alvar); em contraposição ao carvão *mouro*, feito de raizes (tórgos) da urze moura, de flor avermelhada (C. B.).

Será uma fórma popular de *alveiro?*

albazenha—f. Bocanho. Colhido em Ermélo (C. B.).

albeiro—m. Falcatrua, tropelia, tratantada. *Olhai, não bádes fazer albeiros* (C. B.).

albôio—Casarão, casa mal construida. Cfr. *Rev. Lus.*, VII, 202.

«Cobêrto de telha ou colmo, onde se guarda o carro e outros utensilios de lavoura (L. L.)»

alborar—Diz-se de um cozinhado que, posto a um lume forte, fica por dentro crú e por fóra queimado; safar-se. Neste ultimo sentido ha em português *desarvorar*, que tambem dizem *desalborar*. Tambem se diz: *mulher de cabeça alborada*, isto é, levantada.

alcepão e **alçapão**—O serpão (L. L.).

alcoques, alcróques e **alacóques**—A digitalis vermelha ou branca (L. L.). Vid. *Troques*.

alcoube—m. Alfobre de couves. Termo formado de *alfobre* por influencia da palavra *couve*. Usa-se em todo o concelho, onde alfobre é palavra quasi completamente desconhecida. Tambem *alcoufe* (que se pronuncia *arcoufe*) em Prozêlo. (C. B.).

aldrabão e **aldabrão**—Trapalhão no dizer, no falar, no fazer.

aleitar—*Aleitar uma pedra*, assentá-la na parede em construção; cada pedra, lavrada ou não, tem *leito*—a face inferior, e *sobreleito*, a superior.

alfádega—f. Planta aromatica, muito

comum; o aroma lembra o do mangerico *(mangericão)*; é por isso muito apreciado da gente moça do campo. O sr. Candido de Figueiredo coligiu o vocábulo de um dicionario manuscrito da Torre do Tombo. E' tão vulgar o termo, como é comum a planta e por isso não se acredita que tivesse estado tanto tempo arredado dos dicionarios. Eu tinha-o nas minhas primeiras listas.

alfuzel—Fusos, balaustres ou varetas de madeira dura, que no carrinho das azenhas, constituem outros tantos dentes, em que entrosam os dentes da outra roda vertical.

algareira ou **(argareira)**—Diz-se da criva ou peneira de buracos ou malha larga, que deixam passar o grão mais volumoso ou a farinha mais grossa. Ouvi o termo em Sabadim e nas Choças. Em Santar, diz-se *galgueira* com a mesma significação (C. B.).

algrebe, algrabe *e* **algarbe**—m. Pio ou lagar onde é moida a azeitona (C. B.).

Tambem ouvi a forma *Alguerbe*.

alhas—f. pl. Plantas dos montes, especie de alhos bravos (Gavieira) (C. B.).

alicante—m. Velhaco, maroto. D'ahi *Alicantina*, que vem nos Dicionários (C. B.).

alicantice—Chicana, fajardice, velhacaria. Tambem se ouve *Licantice*.

alicorne e licorne—Dente que dizem ser de veado e serve para, com a sua infusão a frio, lavar uma parte do corpo apeçonhado (L. L.).

alicraque—E' provavelmente uma alteração de *alacrau*, nome do escorpião mas creio que é coisa bem diversa do escorpião o bicho a que o nosso povo chama *alicraque* (C. B.).

alicrario—Larva semelhante á do bicho da sêda, de côr verde; aparece nas folhas das arvores e é tido como peçonhento (L. L.).

alimpanços—m. pl. Residuos que ficam de limpar os cereaes e que tambem mais geralmente se chamam *alimpas*. Recolhido em Ermêlo (C. B.).

almofia—f. Prato, de barro vidrado ou não, redondo, grande e relativamente fundo. E' utilizado para servir comida a varias pessoas ao mesmo tempo.

alombar—tr. ci. Tomar alguma coisa pesada ás costas. *Nesta freguezia alomba-se mais do que naquella*, quer dizer que os transportes tem de se fazer acolá quasi todos ás costas das pessoas, porque o terreno é acidentado e maus os caminhos.

alóque—m. Mamadeira que se mete na bôca ás crianças. E' assim, segundo me informam, que se diz em Viana. Nos Arcos diz-se *loca*, ou antes o deminutivo o *lòquinha*, com a mesma significação, alem das que vem no Dicionario (C. B.).

aloqueiro—m. Buraco cheio de água ou lama, num caminho ou noutro sitio. Talvez de *loca* (C. B.).

alourar—tr. Turvar a agua do rio com terra para melhor pescar as trutas. R. na Gavieira (C. B.).

altôr—m. Altura. Termo usado quando se fala de um objecto da altura de uma pessoa. *Uma vêla do meu altôr* (C. B.).

alubedar—i. Levedar; gretar a terra por falta de chuva ou por causa da geada (C. B.).

Tambem se diz da terra levantada pelo trabalho da toupeira ou coisa semelhante.

alutar—i. Ofegar, *inquidar*, arquejar (De *luctare?*) (C. B.) Vid. *Loitar*.

amado—m. *Roupa do amado*, a roupa ou fato que se dá á ama.

«*Amado* é a profissão de ama, como professorado de professor (C. B.»).

amatadeira—f. Pequena pá de madeira, de que se faz uso ao amassar o pão. Ao deitar na farinha a agua bem quente, é com a *amatadeira* que se *amata* a agua, mexendo rapidamente a massa em vários sentidos. Depois disso, é que se amassa com as mãos. Ouvido o termo e a sua explicação no logar da Mourisca, freguesia de Estremo. Este instrumento, quando é de ferro, é o que se chama *ferrea* (C. B.).

amatar—Lançar a agua a ferver na farinha antes de começar a amassar.

ambinhos—Diminutivo de *ambos*. Porque denota amizade, ternura, o recolhi: *Hemos de ir ambinhos á romaria.*

amedronhar—tr. Trabalhar com o medronho, servir-se delle (C. B.).

ameziar—Intrigar, mexericar (C. B.).

amezio—m. Intriga, mexerico. *Num quero que façais amezios!* ouvi dizer a uma mulher que se dirigia a uns rapazes, seus filhos, os quais se estavam queixando asperamente e com ameaças, contra uns outros rapazes que os haviam desfeiteado. Será o termo arcaiço *omesio*, no seu sentido etimologico ou aproximado, ou será apenas uma variante de *inmezios (inimizios)*, palavra que porem, creio só ser usada por gente dos montes, ao passo que aquela ouvi-a na ribeira? Não é facil decidir, tanto mais que, dias depois de eu ter ouvido aquela frase, preguntei á mulher que a proferiu o que queria dizer com a *amezio*, e ella respondeu-me que não se lembrava de ter dito essa palavra (C. B.).

amiga—f. Bebedeira (L. L.).

Suponho que é calão monçanense.

amolentar—Amolecer. *Quem unla, amolenta* (L. L.).

amorar-se—Esconder-se, ocultar-se no meio de objectos em situação adequada; diz-se das pessoas ou dos animais, por ex. dos cães de caça, Cfr. *Rev. Lusitana*, V 157 e *Archeologo Português*, III, 255 e XVIII, 199). Viterbo interpreta o participio como—refugiado á morte. Não o ouvi em sentido transitivo ou ainda separado do pronome reflexo, como vem nos dicionarios.

«*O pequeno não foi á escóla, amorou-se pelo caminho* G .V.».

«Tambem significa: demorar-se (M. P.»).

amarotar-se—Diz-se dos rapazes que ficam pelo caminho na ida á escola (L. L.).

amorosinho—adj. Agradavel, mimoso, macio ao tacto. Diz-se portanto das coisas ou objectos e não das pessoas, como poderia parecer. Tambem se ouve *amorisinho*; tanto em uma como em outra palavra, o *s* tem o som intervocalico, caracteristico.

amorqueirado—adj. Formado de *morcão* ou *morconho* (C. B.).

amorroar—i. Ganhar morrão a candeia, a vela.

anacentar—tr. Regar a terra da *estivada*, tres dias depois da sementeira do milho serôdio, para fazer *nacer* ou germinar a semente. Esta rega faz-se mesmo com a chuva, por isso diz-se: *Anacentar até co'a croça*. R. no logar da Varzea, Soajo (C. B.).

anage—(Annagem; de anno) Conjunto de circulos que se notam nos córtes transversaes de um tronco e correspondem á sua idade; cada um destes circulos (L. L.).

anchôr—m. Anchura. Usado pela gente dos montes, quando vem comprar fazendas nas lojas da vila, as quaes fazendas quer que sejam de muito *anchor* (C. B.).

andada—(Uma *andada* de agua) T. de direito consuetudinario em as-

suntos de aguas. Uma *andada* é a agua que rega ou lima que cabe em partilha aos consortes da mesma levada; o mesmo que *rolda*.

andeiradas—f. pl. *A chuva stá ás andeiradas:* em bátegas sucessivas. O mesmo que o termo seguinte;

andeiros—m. pl. Chuvadas repetidas alternadas com bom tempo pouco demorado. *O tempo está de andeiros, ás andeiradas*; isto é, ora chove, ora faz bom tempo. (C. B.).

andejar—tr. e i. Agitar um liquido dentro do seu recipiente. Sera variante de *ondejar, ondear?*

andêz—(Ovo andêz). Endêz. Tambem lhe chamam *ninheiro*.

«Em Lanhezes, Viana, dizem aninhadouro. (C. B.)».

anilha—f. Prego grande das rodas do carro de bois; são quatro em cada roda. (L. L.).

anobar (Anovar)—tr. Fazer novo, renovar.

ant'ano—adv. O ano passado. R. em Soajo. Comp. o francês *antan*. (C. B.).

antebém (Antevem)—m. Pequena refeição entre duas das refeições principaes, quando a segunda destas tiver de tardar um pouco mais que o costume. (C. B.).

antecasa—Diz o tombo de uma freguezia (Sabadim) do meu concelho: *Casa telhada terreira com sua antecasa e aliud: Confronta com a lata que está a cabo da antecasa.*

anteira—(Pedra anteira). Pedras do forno de cada lado da porta. *Anta-ae*, sabe-se que é um termo latino de arquitectura.

antepôr—tr. *Antepôr* o gado é deixá-lo ao carro de bois em andamento, sem alguem á frente. Esta significação é a normal, mas acontece com esta palavra, um fenomeno que se dá com muitas outras no Minho; é terem ali um sentido fixo, inalteravel, tendo em vulgar um sentido mais generico, mais elastico. O vocabulo até creio que está consagrado nas posturas municipaes, que prohibem aos lavradores o trazerem ao carro o *gado anteposto*.

«Ouve-se igualmente *antrepôr*. C. B. e M. P.».

antigüissimo—Superlativo de *antigo*.

antinha—f. Camada de terra, de eira. Nunca ouvi senão este deminutivo. *A herva nos prados corta-se ás antinhas*, isto é, ás camadas. Igualmente tenho ouvido dizer que a terra nas *rótas*, vala funda, extráe-se ás *antinhas*, ás camadas sucessivas.

Mas C. B. diz-me que o informaram de que, na freguezia de Eiras, se ouve *Anta* e G. V. registou-me *Antas*. Afirma ainda C. B. que na freguesia de Sabadim se ouve *enta*, que aliás já vem no *Novo Dicionario* e que em Paredes de Coura foi alterada para *enda*; em Sistêlo ouve-se *entinha*. L. L. registou *Antea* em Monção.

antre—Entre; é muito vulgar; v. g. *Antrecôsto*, peça da carne de vaca.

anzonas—f. Mexericos, intrigas (C. B.).

Decerto por *onzena*.

anzoneiro—m. Intriguista, onzeneiro. (C. B.).

apancadado—adj. Pessoa que tem pancada, mania. Não se usa *apancado*.

apanhada—Apanha ou o trabalho de apanhar. Vid. observações ao vocabulo *acarrejada*. (C. B.).

apanhador—m. Pá do lixo, feita porem de madeira com cabo vertical, isto é, perpendicular á pá.

aparadeira—f. Arandela de castiçal. Tambem a ouvi a um medico no sentido de parteira, que trabalha só por pratica, sem habilitações.

apardiscada — *Maçãs apardiscadas:* semelhantes ás pardas.

apatanhar—tr. Pisar com a pata.

apègamento—Acto de apègar. (L. L.).

apègar—tr. Medir a superficie de uma

terra em pés; aplica-se tambem a outras medidas, por ex. ao metro, continuando a dizer-se *apêgar*. (L. L).

apeirias—do lavradio, são os aparelhos ruraes; carro, arado, grade, etc. quando consideradas em geral.

apeiro—m. Jugo sem canzis, que assenta sobre umas *molides* no cachaço do gado, tudo (jugo e molides) *junguido* (preso) aos chifres. Trabalhando de apeiro, o gado caminha mais direito e a força de tracção não se apoia só sobre o cachaço, mas tambem na cabeça dos animaes. R. em Soajo. (C. B.).

apejeirar—Fazer *pejeiros* para distribuir a agua num campo; *atolar* ou fazer *tólas* ou *atólas*. (C. B.).

apelidar—Chamar por, pedir. *O doente já não apelida pelo vinho.*

apetadela ou **petadela**—Acto ou efeito de petar, no sentido de contundir; vestigio ou sinal de pancada na fructa.

apetar ou **petár**—tr. Dar pequenas e curtas pancadas com o malho (mangoal), faca, etc. Tambem carregar com o dedo na fruta, de modo que fique nodoa.

«Apodrecer a propria fruta. (G. V.)».

«Semear, a pequenas cavadélas de sachola, o milho, o feijão, quando na primeira sementeira aparecem grandes claros. (M. P.).

apicoar—i. Azedar o vinho; ganhar *pico* ou *picar*.

apilarado—Adj. *Obra* ou mesmo *pessoa apilarada;* asseiada, elegante, bem feita ou bem posta, perfeita. Talvez de *pilar*.

apilarado—m. Alizar da porta ou janela. Rodapé alto, de madeira almofadada (substitue neste caso o fr. *lambris*).

apilrar—i. Reverdecer uma planta; cobrar saude uma pessoa; vencer uma doença. Tambem se ouve *apirrar*.

«Diz-se ainda *apildrar*. C. B.».

apintalhar—Pôr pintalhas. R. em Ponte de Lima. (C. B.).

apintar—i. Começar a ganhar côr, falando das uvas e outros frutos. (C. B.).

apiugar—Vid. *Piugar*.

apodregado—Apodrentado. (C. B.).

apòjar—tr. Juntar a *cria* com a mãe (vaca ou cabra) para vir melhor o leite. (L. L.).

apolear—tr. Suponho que é dar tratos de polé, nas circunstancias em que tenho ouvido este termo. Vid. *Afonso*.

apôr—tr. *Apôr* o gado é encangá-lo e pô-lo ao carro. Vem nos dicionarios o termo, mas inseri-o aqui pela mesma razão que dei para *antepôr*.

«Tambem, atribuir. M. P.».

apôr-se—Opôr-se, entrar em luta ou porfia com alguem. *Comigo ninguem se aponha, que não vence!* (C. B.).

aportelar—Fazer ou abrir portêlos numa parede. Parede *aportelada*, parede mal feita. (G. V. e C. B.).

apostiçar—Rejeitar, lançar á margem enjeitar.

«Deixar a galinha de pôr, durante muito tempo, quando já é velha e lhe começa a cair a pêna. C. B.».

apostura—Peça do arado.

apousar—Pousar falando das abelhas. *Apousa! apousa! apousa mestra!* São gritos muito usados para fazer pousar um enxame de abelhas, quando na primavera saiu da colmeia. (C. B.).

apreçoado—Abundante. *Ração apreçoada*. (C. B.).

Este termo faz-me lembrar o vocabulo *presador* (preçador) da inscrição gotica de Odrinhas, no *Archeologo Português*, XIX, 345.

aprozar—i. Medrar, desenvolver-se bem, vingar, com referencia a vegetaes. É verbo defectivo; tenho

ouvido *aprozou*, *aprozem*, *aprozava*, etc.

apuladoiros—Peças de pau no carro de bois, entre as quais gira o eixo.

«Nalgumas freguesias *apeladoiros*. M. P.».

apular—i. Subir, trepar, marinhar, saltar, pular. Conjuga-se *apólo*, *apolas*, *apola*, etc.

«Não é desusada a forma *apulir*, pois ouve-se *apóles*, *apolim*, etc. C. B.».

Saltar o carro fóra dos eixos; usado em Sistello.

«Apular a uma arvore. G. V.».

Tambem ouvi este vocabulo no sentido de discutir, ralhar e repreender, portanto v. tr.

apúpa — Herva de caule cilindrico, umbelifera. As crianças fazem canudos com ela, para brinquedo. (L. L.).

aquelar—Verbo que significa tudo; serve para substituir qualquer outro que não lembre rapidamente e que traduza uma acção; tambem se emprega para designar uma acção complexa demais para ser expressa por um só vocabulo. *Não aquéle!* Não mexa.

aqueloutrar—Tem identica significação a *aquelar*: é porem menos empregado.

aquidade—Beneficio, obsequio, franqueza, fineza, pequena dadiva. Por *equidade*. (C. B.).

arabéssa—(*Aravessa*). Chamam assim em Coura ao arado rudimentar, denominado *zanga* nos Arcos. O Novo Dicionario escreve *araveça*, o que certamente não é correcto, pois a palavra deve formar-se de *ara* (de arar) + *véssa* (de vessar). (C. B.).

areira—f. Pé de hera; a planta chamada hera.

«Tambem se houve *Adreira*. F. R.».

arenga—Sardinhas *arengas* são as vendidas com cabeça. (L. L.).

aresta—Fragmentos não filamentosos do linho (caem do invólucro das fibras textis); argueiros. Cfr. *Rev. Lusitana* V, 27.

«*Tomentos das arestas* são a escória fibrosa saida ao *lascar*; é mais ordinaria que os tomentos dos *loijos*., L. L.». Vid. esta palavra.

arganas—Guelras de peixe. (L. L.).

arganaz—m. Ratazana. (G. V.).

argano—m. Doença na boca do gado bovino por baixo da lingua. R. em Soajo. Geralmente chamam-lhe a *bolha* e é preciso picá-la quanto antes, senão é morte certa para o animal. (C. B.).

arganoeiro—Buraco ou toca de rato, de toupeira, etc. (L. L.).

argolar—(*Argolar o varapau*) Aplicar-lhe ponteira e ferrão ou só ponteira, i. é, argola.

ária—Impostura, vaidade. *Fulana é bem bonita e tem um ária* . . .

arieira—f. Grão de areia.

arieiro—m. Pequena cova á entrada de um rego numa terra, para nella se depositar a areia arrastada pela agua.

«Banco subterraneo de areia. M. P.».

arjão—Estaca de madeira sêca, provida de quasi todos os seus ramos; serve para empa da vinha alta e ainda para apoio do feijão, abobora, etc.

arje—f. Em Padroso chamam *arjes* a umas varas compridas de salgueiro, que estendem sobre os *colmaços* horizontalmente e em cima das quaes, em angulo recto, veem pousar outros paus mais grossos, a que chamam *minholeiras*, que chegam desde o cume até ás beiras do colmaço. As *arjes* tambem servem de pequenos *arjões* para especar feijões, ervilhas, etc. nas hortas. Penso que é de *arje*, que deriva o aumentativo *arjão*. Em Soajo, chamam *arjes* aos paus ou troncos de urze, dispostos sobre os

caibros, como que servindo de ripas, para em cima estender o colmo dos colmaços. (C. B.).

arjoada—f. Vinha amparada ou empada por arjões. (L. L.).

arjoar—tr. Pôr arjões. *Arjoar a vinha, vinha de arjoar.*

armar — tr. Arranjar, obter, dispôr, causar. *Armar um titulo; armar uma conversa; armar uma desordem. Armou-a boa!* Tem vasta significação.

arnal—(*Tôjo arnal*). Especie de tojo macio, tenro. Cfr. *Rev. de Guimarães*, III, 147. (C. B.).

arnento—adj. Aspero, picante, salgado. *Pão arnento*, quando é grosseiro e aspero. *Sardinha arnenta*, aspera de salgada. *Tojo arnento*, que pica ou arranha muito. (C. B.).

arranha-lobos—Especie de tojo de côr verde, muito escuro e de espinhos muito raros, abundante nos concelhos de Viana, Caminha, e parte do de Ponte de Lima. Nos Arcos ha-o no Estremo e na Varzea, Soajo. Nesta ultima região chamam-lhe tojo cruzado. (C. B.).

arrebanhar—Termo dos funileiros ou soldadores. Diz-se da solda quando se estende e vai unindo e vedando a junta do objecto a soldar. Haverá confusão com arrepanhar? (C. B.).

arrebitado—adj. Diz-se duma pessoa toda luxenta, garrida, toda chieira, e tambem de quem fala com arreganho, com soberba. (C. B.).

arrebitar — Esguichar, repuchar um liquido por um orificio apertado. (C. B.).

arrebite—m. Resolução subita e posta em execução com toda a pressa e desembaraço; repente. (C. B.).

arreceber-se—Celebrar o acto religioso do casamento. Cfr. *Excursão ao Soajo* do snr. dr. Leite de Vasconcellos.

arredoar—Cortar, aparar, fazendo redondo algum objecto; decotar podando uma uveira, deixando uma fórma circular por cima, fazendo roda com os ramos.

arredór—Beirada de uveiras ou de quaesquer outras arvores. *Terra lavradia com um arredor de giesta.*

«O ruido que a perdiz faz ao saltar fóra da moita, e ao levantar-se do chão com aquêle bater caracteristico das asas que, é a *consumição* dos caçadores pichotes. G. V.».

arregace—m. Termo de pedreiro. Disposição obliqua da face interna dos umbraes das portas e janelas, com o fim de tornar o vivo mais amplo internamente.

arreiteiro—*Vinho arreiteiro*, vivo, esperto, com muita agulha; são.

arremessas—Prognostico do tempo, segundo o estado atmosferico que predominar desde o dia 13 de dezembro até 25 do mesmo mês, correspondendo a cada um desses 12 dias os 12 mêses do ano proximo. (C. B.).

arrenegar-se—Zangar-se.

arrieiro—Nas azenhas e moinhos é o barrote horizontal, onde pousa o eixo vertical do *carrinho*. É susceptivel de baixar ou elevar-se por meio da *cruzeira* e do *trabésso*.

Definição de L. L.: páu assente no inferno do moinho; uma das extremidades engata na cruz, pela qual se levanta e abaixa a mó para fazer farinha viva ou morta e na outra extremidade engata na *lasga*; nele é embebida a *rão*, (*ráum*) ponto de apoio de todo o maquinismo.

arrôcho—Peça do engenho do linho.

arrotar—Diz-se da voz propria da perdiz.

arroubiado — adj. Deteriorado pelo tempo, com mau aspecto, ameaçando estragar-se ou perecer. Diz-se principalmente das arvores. (C. B.).

árrú—Voz para chamar os vitélos em Soajo.

arruado—m. Peça de musica que uma banda toca ao percorrer as ruas.

articular—Discutir, ralhar.

asado—m. Qualquer vasilha de barro com asa, que não seja grande.

asinha—Esta antiga palavra portuguesa entra no ensalmo de cortar o *Lixo*. Vid. *Lixeiro*.

asnal—adj. Arnal. R. em Soajo, Gavieira, etc. Vid. *Arnal*. (C. B.).

assapar—Esmagar, arremessar para, esmagar, assentar, aplicar com força. *Assapou-lhe uma bofetada*. Agachar-se.

assecalhado—adj. Um tanto sêco.

assediado—adj. Que tem fendas pouco aparentes; diz-se principalmente da pedra para construção. Talvez provenha de *séda*, por se parecerem aquellas fendas com fios de sêda. (C. B.).

asseguichar—Esguichar.

asseguicho—Brinquedo para esguichar, feito de um pedaço de cana e uma haste de madeira com estopa numa ponta, capaz de entrar dentro da cana e servir de embolo para aspirar agua e esguichá-la. O proprio esguicho; v. g. *A burra está arrenegada, atira com asseguichos de...!* (L. L.).

assentador—Pedreiro que tem por função especial assentar as pedras de uma parede em construção; utensilio para assentar o fio das navalhas de barba.

assem, assens—Os vermes da carne de porco na salgadeira.

assocar—Cobrir o estrume sobre o qual se lançou a semente, com a terra dos bordos do rego aberto ao arado; enterrar os pés na lama, ao andar. (L. L.).

assolear—Vid. *Solear*. (C. B.).

assórça—f. A carne de porco, preparada para encher chouriços. (C. B.).

assubalhar—Poder mais ou ter mais força. *Aquéla báca assubalha a outra*, isto é, domina-a e vence-a. Uma uveira *assubalha* outra uveira vizinha, quando é mais alta que ella, abafa-a e não a deixa desenvolver á vontade. (C. B.).

astrar—estrar. R. em Soajo. (C. B.).

astrilho—Aquilo que serve para *astrar* (estrar) R. em Ermêlo. (C. B.).

astro—(*Astro da terra*). Emanação, vapor, bafejo da terra. Foi junto da boca de uma mina, que primeiro ouvi esta expressão, referida ás emanações com cheiro especial de argila humida, que vinham de dentro; o proprio pavimento ou chão de uma mina; ouve-se tambem *Estro*.

«Tambem se diz no sentido de subsolo. G. V.».

«Leito do rego quando se lavra a terra ou da galeira quando se planta a vinha. L. L.».

atado—adj. Pêco, nenho, sem resolução, sem desembaraço. (C. B.).

atalhadoiro—Atóla feita num rego para desviar a corrente da agua. (C. B.).

ateiró—Peça do arado.

atentar—Tentar, causar tentação, provocar. *Num m'estejá'tentar!...*

atesar—Retesar, entesar. (L. L.).

atimar—tr. Acabar de ageitar, ultimar qualquer coisa (Cfr. *Rev. Lusitana*, V, 217); *Olhe se atima isso hoj'ó!* diz-se por exemplo a uma pessoa para acabar qualquer trabalho.

«*Não atimo o caminho*, por atinar. C. B.».

atóla—Tóla. Vid. este v.

«O mesmo que *cortadouro*. M. P.».

atolar—Fazer tólas ou atólas nos regos. (C. B.).

atoscalhado—adj. A modo de tosco, um tanto tosco.

atotadela—Acto de atotar alguem.—*Levou uma atotadela*. (L. L.).

atotar—Abraçar alguem com o fim sinistro de o matar, esmagando-lhe

o peito. — *Morreu porque o atolaram.* (L. L.).

atouçar—Afiar a ferramenta de córte em direcção quási aprumada. (L. L.).

atrancos—*Andar aos atrancos*—correr esbaforidamente para chegar a algum sitio ou a saber de alguem ou de alguma coisa. Provavelmente em vez de andar a *trancos* ou *aos trancos*. (C. B.).

atrás-dônte—Trás-ante-ontem; antes de ontem.

atrebidade — Atrevimento, ousadia, arrojo. *Tébe a atrebidade de m'oferecer um cruzado pela galinha!* (C. B.).

atrigar-se—Assustar-se, atarantar-se. (C. B.).

atroado—adj. Precipitado em fazer qualquer serviço, o qual por conseguinte fica mal feito. (C. B.).

atrôlha—Peça do arado.

atrolhar—Cavar a terra a pouca profundidade, especialmente com o fim de enterrar o adubo e cobrir a semente. Tanto se póde fazer com sacho, como com a enxada.

«Fazer mal e atabalhoadamente um serviço. C. B.».

atufado—Que se ira e exalta facilmente e vai logo ás do cabo; atrevido. (C. B.).

augaréla (aguarela)—Coisa dissolvivida em muita agua, especialmente caldo pouco substancial, muito aguado.

aumentação—Certa reza que o paroco deve fazer pelos defuntos. Por *amementação*, de *memento*, primeira palavra de um responso funebre. (C. B.).

aução—*Gabar-lhe a aução;* acção, determinação de alguem.

azeitoneira—Uma baga de azeitona. (C. B.).

azoutar—tr. Açoutar o vento ou a chuva batida pelo vento.

B

baboija — m. O mesmo que *Tonho* neste Glossario R.º em Venade (Caminha). (L. L.).

babujar—Chover miudinho, choviscar.

babujos—Choviscos. *Cairam só uns babujos de chuva.* (C. B.).

bacatela! (bagatela) — Usa-se muito como exclamação para apoucar o que se ouve dizer ou os efeitos do que se conta.

badajola—Palerma, pacóvio, lorpa.

badalear—Tagarelar, badalar. Tambem se diz *badelear* e dai o substantivo *Badélo*. (C. B.).

badalhocas—Pedaços de lama ou de sujidades aderentes ás pernas trazeiras do gado.

badánas—Abas ou partes pendentes de qualquer coisa.

badejo—Especie de peixe.

badelo—Badálo, tagarela.

bàdice (vadice?)—Vertigem sincope.

«Terá a mesma origem de vágado (*al.* wagida) pela queda do *g* intervocalico e pela adição do suf. *ice*? A significação é a mesma C. B.».

baga (vága)—Baixa, reintrancia ou depressão em uma superficie ou numa aresta: é o termo oposto a *lombo*, na tecnologia de carpinteiros, pedreiros, etc. D'aqui proveiu *Abagar*.

bagageiro—Vàdio (Ponte de Lima). (C. B.).

baganheira—Chuva miuda.

baixa *da camisa*—Parte inferior, fralda. Na camisa da mulher chamase *emenda*. (L. L.).

baixame—Vexame, rebaixamento, humilhação.

balaio—Recipiente de madeira.

balcão—Altura de um campo que fórma trincheira sobre outro. Em Caminha dizem *comareiro*. Quando tem muro de suporte, é baládo. (L. L.).

baldear—Ter baldas de juizo, actos ou indicios de loucura.

«Em Miranda etc. dizem *Baldejar*. M. P.».

baldio—Vid. *Maninho*.

baldoeiro—T. tecnico de pedreiro. É um pau de comprimento pouco superior a 1 metro, delgado mas forte, que se introduz nos agulheiros de uma parede em construção, e serve para sustentar os andaimes ou *estadas*. *Baldoeiro* é o pau e não o orificio.

baldrame—Rasgo ou encaixe que se abre ou pratica nas traves ou barrotes do sobrado, para nelle se firmarem as extremidades inferiores das tabuas de um taipado. (C. B.).

bálito—Valor ou preço de uma coisa; valimento. *A gente aí não sabe o bálito das coisas e é comida nos contractos*. (C. B.).

balôna—Gordura do intestino delgado do suino; com ela se faz o *pingue*. (L. L.).

baloucas—Sulcos profundos abertos nos caminhos pelas grandes enxurradas. Talvez relacionada com *valo* ou vala. R. em Rio-Frio. (C. B.).

balseiros—Pampapos pendentes nas uveiras. Tambem chamam *redeiros*.

baluana—Pêta, patranha. (C. B.).

baluanas—sing. *Um baluanas*; trapalhão, patranheiro (C. B.).

bambão (báumbôum)—O dobre dos sinos; balouço dos rapazes. *Tocar a bambão*; *andar no bambão*. É vocabulo principalmente infantil.

banaboia—m. Pascácio, indolente, pusilanime.

bancada—Camadas de pedra na pedreiras.

banço—Degrau de escada de encosto. (Cfr. *Rev. Lusitana*, V, 30). Dá *imbançar* e *desimbançar*.

«As varinhas em que se divide o *rocanço* da roca e que os *sisos* conservam separadas L. L.».

banda—*Banda d'unto*, peça de unto que se extráe do porco, quando este se *desmancha*. (L. L.).

bandada—Bando, multidão de animaes. *Uma bandada de éguas*.

bangalear e banguelear—Bambalear. (C. B.).

báno—Balanço, oscilação dos objectos.

banqueta—Fileira de pedras aparelhadas, ao centro ou aos lados dos caminhos, principalmente lamosos, para uso de gente de pé. Na Beira Baixa chamam *Baloral* (pron. *Balorel*).

barada—Cacetada com a *bara*; pontuada no gado.

barajeiro—Brejeiro. (C. B.).

barandão (varandão)—Palheiro para arrumações agricolas. Recolhido em Braga.

barar—*Varar uma vasilha com vinho*, introduzir uma vara pelo batoque para apreciar a quantidade de vinho, que a vasilha ainda conserva.

«Admirar-se. (G. V. e M. P.). *Fiquei barado!* estupefacto».

baras (varas)—Em tecnologia de pedreiro, são os postes ou mastros cruzados na estremidade erguida no ar, que servem nas paredes em construção para se içarem os materiaes, hoje por meio de guincho de ferro, antigamente pelo sarilho. Do alto das *baras*, pende o *cabaço* ou moitão, por onde passa o cabo que se enrola naquellas machinas. *Bara* é tambem o varapau, a aguilhada.

«Compridas varas de pinheiro ou barras de ferro, de que os mineiros se servem para pesquiza de agua, dentro das proprias minas. (M. P.).

«As duas peças mais longas e paralelas da serra de Leiria; são de madeira. A serra de Leiria consta alem da folha e das baras, de testinhos, brôchos, fuzis e malhêtes. (L. L.).

Baras de correr são as que nas

latas se colocam longitudinalmente por cima dos tirantes e por baixo dos braços da videira. *Baras de coberta* são as que cruzam as de correr. (L. L.).

barba-queixo—*Aprender a nadar de barba-queixo*, aprender a nadar, segurando outra pessoa o nadador pelo queixo.

barbeitos — Campos, nas brandas, nos quaes se semeia num ano centeio, noutro ano batatas. R.º na Gavieira. (C. B.).

barbela—A barba ou fios da espiga de milho. (L. L.).

barbelar—Deitar a barbela (L. L.).

barbilha—T. de pedreiro. Rasgo ou sulco dos tranqueiros das portas ou janelas, onde encosta a *couçoeira*.

«Barba rara. M. P.».

barbilho—Qualquer empecilho colocado no focinho das crias dos animaes para não mamarem. (M. P.).

bardasca (verdasca)—Pessoa que come muita fruta. (G.).

bareiro (vareiro) — Cada uma das varas compridas de carvalho ou salgueiro, que se estendiam sobre os caibros das latadas para nellas se prenderem os braços e varas das videiras, como hoje se prendem em fios de arame. Tambem se chamam *latos*. O seu uso vai-se restringindo cada vez mais, por causa do fio de arame de vantagens conhecidas. (C. B.).

barejada—O trabalho de varejar, por ex. a azeitona, castanhas, etc. Vid. observações ao vocabulo *acarrejada*. (C. B.).

barge—Vagem. (C. B.).

barges—Dentes da roda de maçar o o linho, no respectivo engenho.

bariar (variar)—Delirar, endoidecer.

barra—Sobrado ligeiro e elevado ou andaime construido dentro de um armazem, de uma loja ou de um quarto, a certa distancia do chão, para sobre elle se colocarem ou arrumarem objectos quaesquer. Póde ter ou não espeques ou escoras.

barranheira — Córte ou quebrada grande no saibro; solo barrento mais ou menos escalvado.

barredalho—Lixo que se junta ao varrer. Tambem se emprega como termo injurioso. (C. B.).

barreduras—Verrugas. R. na Gavieira. (C. B.).

barreleiro—m. Sitio da cozinha, onde se fazem as barrelas, onde se lava a loiça, etc.

«Adj. *Cesto barreleiro;* cesto grande que serve para a roupa das barrelas. (C. B. e G. V.)».

barrenar—Abrir buracos na rocha com a *barrena*. (L. L.).

barrêno—m. Broca calçada de aço, muito comprida, aguçada nas duas extremidades, com que ha anos ainda se faziam os buracos nos penedos, sem necessidade de marrêta, com o fim de os abrir a fogo.

«Em Senharei recolhi a pronuncia *Barrenho*. C. B.».

«Em Monção é *barrena*. L. L.».

barrêta—Barrete, carapuça.

barrôco—Barranco, caminho fundo. Na Beira Baixa chamam *barroco* ao que no Minho se chama penedo.

barroso—*Centeio barroso*, qualidade mais rustica que o da região; semeia-se mais cedo e serve para forragem do gado. (L. L.). Talvez por *barrosão*.

barrufador—Borrifador, regador de folha, jarro de agua.

barrufar—Borrifar.

basconceira (vasconceira?)—Mulher suja, maltrapilha. Depreciativo de *vasconço*?

basculho—Pequeno molho de palha ou rôlo de trapos, empregado nas hortas e campos para rega pelo pé, com o fim de distribuir e regular sucessivamente o curso e distribuição da agua do rego.

«Pano ou outra coisa com que

se varrem os fornos de cozer pão. M. P.».

basta—Prega ou refêgo, principalmente na saia das mulheres do campo; tem por fim regular o comprimento. (C. B.).

bastoneiro — Varapáu verde ainda com casca.

«Grande cacete. C. B.».

bate-banco — Chamam assim, nas margens do Minho, ás mesas falantes, que de Portugal vão alguns credulos consultar á Galiza. (L. L.).

bátle—Matraca movida pelo vento para enxotar passaros; o mesmo que *batrécula*. *Bale* com epentese de *l*, como em *têllo*, *Alberllo*. R. no Couto. (C. B.).

batoeirar—Bater ou dar pancadas repetidas com ruido sobre um objecto qualquer.

batoque—O mesmo que *Zique-traque* neste glossario. (L. L.).

batujar—Sacudir violentamente um liquido dentro de um recipiente qualquer; chocalhar de proposito.

baxurro—Doença eruptiva na pelle dos cevados. (C. B.).

bazaruco—Badulaque, homem muito gordo e atarracado. (C. B.).

begia (*vigia*)—Todas as ovelhas e cabras pertencentes a um lugar, pastoreadas á vez, uns dias por um, outros dias por outro pegureiro. R.º em Selim. *Solla a begia!* Tambem se chama *rês*. (C. B.).

begieiro (vigieiro)—O pastor da *begia*. (C. B).

bègueiro—Jumento de carga. (*Vehicularius*?) (C. B.).

beirada—O conjuncto das *uveiras* em redor ou a cada lado do campo ou leira.

beifo—Pessoa ou animal de beiço curto, que deixa ver os dentes.

belotas—Borlas de côr nas cantos das sacas para as *infeiturar*. (L. L.). Em Coura dizem *baçanêla*. Decerto por *bolota* ou *boleta*.

benção e **bença**—Benção, mas a primeira destas palavras é oxitona. (C. B.).

bencilho (vencilho)—Arame que se coloca no focinho do porco para não fossar. (L. L.).

bentas—f. pl. Verrugas. (R. em Padroso). O termo tem relação com o nome de S. Bento, advogado contra as verrugas e cravos. Em vez da conhecida formula popular: *Verrugas trago, verrugas vendo*, diz-se pois:

> Bentas trago,
> Bentas vendo,
> Deixae-me ir lá
> Que vou correndo. C. B.».

benteada (*venteada*) — adj. *Pedra benteada* é a pedra que apresenta fendas ou *ventos*, rachada. Cfr. *Rev. Lusitana*, v, 108.

bentrada—adj. Diz-se da sardinha estripada e com o primeiro sal, para oferecer á venda. R. na Gavieira. (C. B.).

berde—m. O sangue. *Abrir ao berde*, ferir de modo tal que se abre sangue; chegar a fazer sangue numa desordem.

berdem—m. Sabor ou cheiro a verde. Diz-se dos frutos e da madeira.

berdoengo—*Fruta berdoenga*, fruta não madura.

berdura—É a hortaliça de comer. *Podes deitar a berdura ó cáurdo.*

bergalho—adj. Verguio, flexivel, *vergueiro*. Este ultimo termo tem a mesma significação. (C. B.).

berganhiço—m. Caruma. R. em Padroso. Cfr. *Morganhiço* neste Glossario. (C. B.).

bergueira—f. *Á bergueira*, a vergar de peso, ou por outro motivo, em grande quantidade. *Puxou do cacete e deu á bergueira*; quer dizer que deu a bom dar, que o varapau vergava ou dobrava com o esforço *Esta bideira tem ubas á bergueira;* tem uvas em tal quantida-

de, que se dobra ou verga com o peso.

bergueiro—Verga de carvalho, atada em forma de 8 ás *fueirelas*, quando o carreto o exige. (L. L.). Varapau.

berpilheira—Mulher de má lingua, difamadora. Tambem se ouve *Bespilheira*.

«Mulher andrajosa, trapalhona. C. B.».

berréga—O mesmo que *póla* neste glossario. R. em Coura. (C. B.).

berros—Pequenos tumores na pelle do gado, produzidos por um insecto com o nome de *berro*. (C. B.).

«Em Caminha (Venade) dizem *berres*. L. L.».

No Dicion. vem *vernes*.

bertoldo—Homem estupido e pateta.

bérula (*vérula?*)—Penugem das crianças e do rosto da mulher; buço incipiente. É palavra de uso corrente e contudo tem permanecido ignota; isto escrevia eu logo á primeira colheita de vocabulos. Salvo melhor juizo, suponho que a boa ortografia será *vélula*, do latim *vellula*. A troca do *v* por *b* é sabida; a do *l* por *r* tambem é propria do nosso dialecto; cfr. *pilula*, pron. *pirula*.

«Tambem se aplica aos frutos. C. B.».

bessadouro (*vessadouro*)—Peça do arado comum. R. em Vila do Conde.

bestúm—m. Estupido, lorpa, besta. (C. B.).

betumada—O mesmo que *palhuço*. Vid. este v. (L. L.).

betume—Estrume cortido e pronto para lançar á terra.

bezalhos—Sobejos de comida. R. em Sabadim. É possivel que haja confusão com *sobejalhos*, que tambem se usa e com mais frequencia. (C. B.).

bezeira (vezeira)—O mesmo que *Abeleira* neste Glossario. (C. B.).

bezeiro—m. O trabalhador que anda à vez a trabalhar nesta ou naquela propriedade. R. em Santa Vaia.

bezerreira—Curral de gado nas brandas.

«Tapamento ou recinto fechado com giesta ou piorno, nos montes, para os bezerros não mamarem o leite das mães. C. B.».

bia—O conjunto de 3 ou 4 paveias ou mólhos de trigo atados, que o atador deixou juntos atrás de si para serem transportados para o medeiro; fiada de mólhos de centeio dispostos paralelamente (vid. *Binca*); cada fiada ou camada de mólhos de centeio ou trigo que se vão pondo no medeiro ao lado uns dos outros. R. em Sabadim. (C. B).

biada—O mesmo que *binca*. R. em Tabaçô (C. B.).

bibença—Terreno grande ou pequeno com casa de habitação; o conjunto das duas coisas. (L. L.).

Vê-se que equivale a *vivenda*.

bibo (vivo)—O gado em geral; ao gado lanigero chama-se particularmente a *rez*. Em Paredes de Coura ouvi *Bibeiro*.

bica—*Uma bica de manteiga;* a manteiga fresca aparecia no mercado em pequenos bolos de forma oblonga e ponteaguda, com o comprimento de 1 a 1,5 decimetros, maxima largura 0,05 e espessura 0 03. Estes bolos são as *bicas*. Corresponde talvez ao que em França se chama *livre de beurre*. «O mesmo que amúo. Ex.: *Andar de bica com alguem*. L. L.»

bicarada—Colherada pequena. Ouve-se dizerem as amas ás criancinhas ainda o diminutivo: *uma bicaradinha de sopinha!*

bicha—Dá-se muitas vezes este nome aos largos tubos de borracha das bombas de adega.

bichoca—Buraco ou galeria feita por insecto na fruta e na madeira, especialmente nas vasilhas.

bichoquento — adj. Que tem bichoca. (C. B.).

Só ouvi aplicar este termo á fruta. *Maçã bichoquenta.*

bico — Beijo, principalmente em crianças.

«*Os brinquedos dos homens são como os bicos dos burros.* L. L.»

bida (vida) — *Fazer a bida*, defecar.

bidal (vidal) — adj. Activo, esperto, trabalhador, videiro; diz-se das pessoas: *Ser muito ou pouco vidal.*

bideira (videira) — adj. *Volta videira*, a ultima volta que se dá com a corda para atar o carreto (isto é, a carga de carro). Chama-se *videira*, porque é ella que verdadeiramente segura a carga que o carro leva. R. na Gavieira. C. B.).

bideirinha — Nome de uma dança; bem como Regadinho, Lirio Amarelo, Preto pretinho, Lambão, Gota, Hespanhol de roda, Os arames, O bira, etc. (L. L.).

bido—Vidoeiro. R. na Gavieira. (B. B.).

bidonho (vidonho)—m. Grande quantidade ou plantação de videiras; grande extensão de vinha.

bidres—Nervos ou *liásas* resistentes (jarretes) nas pernas dos cevados, pelos quaes se penderam quando é da matança, enfiando-se por dentro dêles o chambaril. R. em Soajo. (C. B.).

bijuairo—Ente imaginario, mas rerepresentante de pessoa viva que esteja para morrer; manifesta-se batendo de noite á porta de algumas pessoas e chamando pelo morador; pelo metal de voz essas pessoas conhecem quem foi o *bijuairo* que as procurou, e que virá a morrer d'ahi a 1, 2 ou 3 meses; o *bijuairo* tambem se manifesta nocturnamente, sendo visto por certos crentes dentro do esquife numa encruzilhada, ou ao sairem a porta de casa, ou num largo. Sabe-se que a pessoa indigitada não bateu á porta de ninguem, nem se meteu em esquife; foi o *bijuairo* ... Veja-se coisa parecida no termo *stántegas*. (L. L.).

bilhetas—s. f. Avisos para pagar a décima; *as bilhetas da décima*. (C. B.).

Cfr. *barrêla* de que atrás falo.

bilhetes—s. m. As listas para as eleições.—*Domingo é dia em que se bolam os bilhetes. Eu bóto o bilhete pelo snr. F* ... (C. B.).

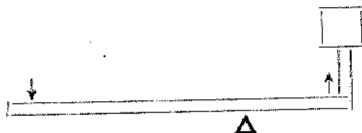
bim—Bem. Ouve-se em diferentes frases, ex.: *Cum bim passe!* Passe bem, tenha saude; *F. colhe bim bem milho*, colhe bastante, muito milho; *andou bim bem depressa*, muito depressa; F. *cóme-lhe bim bem*, come muito (o *lhe* é enfático); *cai bim bem chúbia.*

«A forma *bim* explica-se pela sua posição proclitica, que faz com que o *e* se atenue para *i*. Com *sem* e *nem* dá-se o mesmo, assim diz-se *sim nada, sim elle, nim eu*. Cfr. *Rev. Lusitana*, v, 144. C. B.».

bimbar—Assentar com força, bater, fazer cair uma coisa sobre a outra.

bimbarra—f. (Termo tecnico de carpinteiro e pedreiro). Alavanca, ou coisa que dela faça o efeito, quando serve para erguer ou impelir pelo lado debaixo um corpo pesado. A alavanca apoia-se num ponto intermedio; em uma extremidade exerce-se força de cima para baixo; em outra extremidade descansa um barrote ou tábua vertical que vai encontrar inferiormente o objecto e o impelle de baixo para cima no momento oportuno.

bimbarrar — Erguer com alavancas um objecto pesado, apoiando-as num calço intermedio. Póde bimbarrar-se uma parede inteira ou parte de uma construção: basta ver a seguinte figura:



Veja-se *Colar* neste Glossario.

binca—Fiada de molhos de centeio, na eira, para malhar, dispostos paralelamente, primeiro uns com as pontas para o mesmo lado e depois outros por cima destes em sentido inverso. Malhados os da camada superior, puxam-se os debaixo pelos pés e passam-se para cima daquelles. Chama-se *malhar á fiada*. Em Santa Vaia diz-se *malhar á esteira*. (C. B.).

bincá — O mesmo que *bia*, supra. R. em Santa Cristina de Padreiro. (C. B.).

bingo—adj. Vingado, criado, desinvolvido; diz-se dos frutos, dos cereaes; de certo por *vingo* ou vingado.

«Na Miranda diz-se *bingue* .M. P.».

bintada (vintada)—s. f. Série de vinte coisas ou pessoas. Vid. *Catruzada*. (F. R.).

biqueira—*biqueira do lagar*. É o orificio e canal saliente da saida do vinho.

biqueirada—Pontapé, pancada com a biqueira do calçado. (C. B.).

birgueira (Moça—)—Virgem.

«De Coura para a Ribeira, não bái báca parideira, nem moça birgueira. L. L.».

birões—Os aros de ferro das rodas do carro de bois. R. no lugar da Mourisca. Geralmente chamam-se *Rastos*. (C. B.).

birra—Pau, pedaço de madeira colocado de forma que se conservem separados dois objectos ou peças que tendem a unir-se; pau colocado em sentido oposto a outro; escora ou espeque em forma de diagonal, quando apoia uma peça horizontal sobre outra vertical ou em angulo recto.

biscalheira—Longa cana aberta em uma estremidade, para com ella se tirarem das uveiras ou latadas os *biscalhos*, que ficam depois da vindima. Tambem dá pelo nome de *Ladra*.

biscalho—Fragmento, esgalho de um cacho.

biscato—O mesmo que o anterior.

«Esta palavra designa hoje um trabalho ou serviço que deixa bom lucro. G. V.».

«Trabalho custoso. L. L.». Este meu correspondente recolheu *biscate* em Monção.

biscouto—Um biscouto é um pão de trigo, *um trigo*. Parece ser o que em Lisboa, chamam *pão abiscoitado*.

biturão—Certa rêde para pescar iscas ou peixe meudo, que serve para iscar os anzoes na pesca do peixe maior. Creio que o nome é importado. Aqui usa-se mais *isqueira*. (C. B.).

bixanos—Chamiço, fasco. R. em Prozêlo. (C. B.).

Bõa—Em vez de bôa, fem. de *bom*, ainda se ouve em Sistello. (C. B.).

bô, bôa!—O femenino lê-se *boua*. Como exclamação tem o sentido de negação, de desacordo. Cfr. *Rev. Lusitana*, v. 225.

bôa-te-bái!—Exclamação de contrariedade, reprovação, admiração. (C. B.).

Tambem se ouve *bôa vai éla!*

bocadela—Porção de qualquer coisa que se mete na boca.

bocanho—Aberta de sol em dia de nuvens; interrupção da chuva. Vid. *Abocanhar*.

bóche—Bófes ou pulmões dos animaes; o *ch* é explosivo. Vid. *Boxe*.

«Cfr. *Rev. de Guimarães*, III, 66. C. B.».

bodelho—O mesmo que *bodalho*. R. em S. Lourenço da Montaria, c. de Viana. (C. B.).

boia—Peça cilindrica com um orificio em que gira o fio de prumo. (C. B.).

boieira—*Vaca boieira*, que anda no cio.

bôja—Batoque, buraco da vasilha por onde se enfusta o vinho; a rolha que o tapa. (L. L.).

bojanca ou **bojenca**—Pequena ferida puriforme. Cfr. *Bejoga* e *bojega* no Novo Dicionario. (C. B.).

boltar (voltar)—Dar o troco do dinheiro. *Caundo m'ha de boltar?*

bombaça—Pequena chaminé feita de telhas ao alto em forma de Λ; cúpula de folha de ferro numa chaminé (C. B.).

bombeiro—Homem que toca bombo (gaiteiro). (L. L.).

bômcencê—Você. O *en* é mudo.

«Tambem se ouve *bócencê*. M. P.»

«Em Monção ouve-se *bomecê*. L. L.»

boqueiro—Abertura ou canal no açude, onde se coloca uma rêde de fio ou de vime, na qual o peixe se introduz, procurando subir a corrente que ahi se fórma; á propria rêde se chama *boqueiro*.

borcar—Emborcar, voltar um objecto, um recipiente. O *o* é mudo. Vid. *Brocar*.

«Cair, tombar. G. V.»

«Vomitar. M. P.»

bórda—O mesmo que bósta.

bordão—Termo de carpinteiro. Filete ou fasquia de madeira, redonda ou semicilindrica.

«O mesmo que bordoaneta, mas nas caixas fortes. L. L.».

bordoeira—A pele de uma caixa ou bombo do lado contrario áquele em que se toca e que se chama *baledeira*. (L. L.).

bordoanetas—Cordas (duas) que atravessam paralelas a pele das caixas, chamada *bordoeira*.

bórno—adj. Morno. *Ver-se bórno*, atrapalhado, o mesmo que noutras partes: ver-se azul.

borrascar-se—Lavrar a tinta no papel, quando se escreve. (L. L.).

borrasco—Porco inteiro.

borreiro—Orificio no tampo meão das vasilhas e junto ao javre. Decerto de *borra*, por ser ai que se juntam as lias do vinho.

borriço—Fezes, borras (ouve-se bórras), depositos ou impurezas de um liquido. Tambem chuva meuda. A origem deve ser a mesma.

borruiço—Fédito nauseabundo do cabrito na época do cio. (L. L.).

bosteira—Acumulação de bosta nas córtes. (L. L.).

botar—Tem sentido neutro ou intransitivo nesta frase: *Bóto pela cama fóra*, lanço-me da cama para fóra.

«*A báca está botada de tantos de tal*, quer dizer que foi á cobrição a tantos de tal. M. P.».

boubiana—Ventania forte, que sópra continuadamente. (C. B.).

boubióla—O mesmo que *boubiana*. R. em Ermêlo. (C. R.).

bouça—Pedaço de monte, vedado, onde cresce mato e arborização.

«Rama da giesta. Diz-se por ex.: *Um feixe de bouça*. R. em Sistêlo, Gavieira, etc. C. B.».

boulhão—Termo que entra na seguinte frase: *ir tudo num boulhão*, levar as coisas á viva força, através de todas as dificuldades e vencendo todas as resistencias. (L. L.).

bouto—Galo ou pequeno inchaço produzido por uma pancada na cabeça. (C. B.).

bóxe—Seixo do rio. R. em Ponte de Lima. Suponho que não tem o *ch* explosivo e por isso escrevi com *x*. O outro *Boche* é que tem o *ch* forte.

brabas—*Aguas bravas*, aguas do monte em época de enxurradas; aguas que correm pois, fóra dos regos ordinarios, sem governo. A estas aguas chamam tambem, personificando-as, *o João do monte*, quando se fala dos seus estragos e se inquire a causa.

braçadeira—Pedra comprida e da grossura de palmo, que atraca na parede alguns cabeços. (L. L.).

braceira—Pedra pequena de parede.

bracejar—(o touro, o boi, etc.). É introduzir no anus a mão do operador.

braga — Vid. *Pedras*.

branças — Refugo dos cereaes, da colheita. Diz-se por ex. de alguns lavradores que dão ao senhorio as *branças* e guardam o milho limpo e bom (C. B.).

brancelho — Casta de uva.

«Em Monção, diz-se barancelho. L. L.».

branda — Terra de pascigo durante o verão no alto das montanhas, aonde cresce o feno natural. Corresponde ao fr. *Brande* que vem no Dict. de Litré e diz: *sorte de bruyère;* logares onde cresce. Etim. *branda* da baixa latinidade; origem desconhecida, a não se supôr o mesmo radical de provençal *brandar* (mexer) e do fr. *brandir*.

Du-Cange, s v. *Branda* cita um documento de 1205: *brandae sive braeviae ad usum furni sui*.

Parece-me esta explicação preferivel á do snr. Candido de Figueiredo.

brandear — Dar de si, fazer-se brando, ceder a um peso. Diz-se das coisas principalmente; mas figuradamente tambem póde aplicar-se em sentido moral.

brandeiro — s. m. O individuo que apascenta o gado na branda. Adj. Brando tanto ou quanto, flexivel.

brébia (brévia)—f. Descanso, feriado, boa vida.

bréjoa — f. Pequeno brejo, profundo, escuro e cerrado de arvoredo ou arbustos. R. em Padroso. (C. B.).

brélho — m. Tijolo pequeno.

«Vid. *Rev. de Guimarães* III, 67. C. B.».

bricheiro — Vendedor ambulante de briche e outras fazendas.

brijões — Pés ou troncos de giesta. R. em Padroso e Coura. (C. B.).

«Giesteiros. R. em Coura. G. V.».

briol — *Puxar pelo briol*, trabalhar afincadamente, ganhar a vida com duro trabalho. Deve ser frase que tem origem nautica; na tecnica do mar, ha estingues e *brioes*, que são cabos com que se recolhem as velas, isto é, com que se carrega o pano redondo. No calão de Lisboa, *briol* é o mesmo que vinho; mas no dialecto ou melhor sub-dialecto dos Arcos, veja-se *Embriolar-se* (com *i*).

«*Chega-lhe ao briol, que póde bem*. C. B.».

brôa d'unto — Cada uma das *bandas* de unto, depois de enrolada e cheia de sal. (L. L.).

broada — Ruido causado por quem *brua*. (C. B.).

broar — bater com estrondo. Dar pancadas repetidas e fortes; bater despiedadamente mesmo em sêres vivos. Conjuga-se como se se escrevesse com *u*; eu *bruo*, elle *brua* etc.

«Tambem o troar do trovão L. L.».

brocar — n. Diz-se das folhas do milho, da couve, cabaças, etc, quando na fôrça do calor, murcham e pendem para o chão. Provavelmente o mesmo que *borcar*. Diz-se no indicativo presente: *bróca, brócam*. R. em Soajo. (C. B.).

brôcho — Pequenos tornos de ferro que seguram os furos na serra de Leiria. (L. L.).

brôco — adj. Bronco, estupido, lorpa. (C. B.).

brôlho — m. Bagaço da uva em maceração, balsa.

brôma — Merenda ou comezaina arranjada ás ocultas. (L. L.).

broncas — fem. pl. Má cara, aspecto carrancudo, de quem está zangado. *F. sempre leva umas broncas!* (C. B.).

brossada — Herva que nasce entre o milho e dificulta a sacha. (L. L.).

broucar — Pàdejar ou empèlar a massa para formar a borôa e metê-la

no forno. R. na Varzea (Soajo). (C. B.).

bròzento—adj. Mal enxuto. (M. P.).

brózio—adj. *Pau ou madeira brózia*, com principio de podridão.

buba—*Agua que corre de buba;* em pequeno cachão ou em ondulações com a forma de *poupas* ou bubões. Vid. *Bourbe* no Dict. de Litré e *Rev. Lusitana* I, 361.

bubiana—O mesmo que *boubiana*. Uma e outra palavra são certamente de origem onomatopaica. (C. B.).

buço—Orificio de esgoto de um tanque; disposição em forma de cone nas rêdes chamadas *boqueiro* e *nassa*, por onde o peixe entra e não sai.

«A propria pedra em que está aberto o *buço* (bucho); o cabaço do arado em Lanhezes, Viana. (C. B.).

budanha ou **bodanha**—Certa planta trepadeira, frequente nas sebes e silvados, que produz numerosos cachos, pequenos, de bagas muito vermelhas depois de maduras, que o povo emprega contra as febres. (C. B.).

bufa—Pão de massa a que tambem se chama sêmea. R. em Melgaço. (L. L.).

bufo—Mal na espiga do trigo; consiste em enegrecer o miolo do grão. (L. L.). Vid. *Cêgo*.

bulador (*velador*)—Cabide de segurar a candeia; consta de uma haste ou fasquia de madeira, verticalmente implantada num quadrado de tabua ou rodéla, e munida de orificios. Tambem se lhe chama *mancebo*.

bum-bum—Dizem as mães ás crianças, quando lhes dão a beber: *Toma bum-bum*. (L. L.).

burbête—Grumo de farinha no caldo; qualquer coisa que o pareça; pequeno gomo na vide.

«Na Miranda dizem *burbeto*. M. P.».

burbilhão—Pequeno espeque, de cerca de um palmo, fixo inferiormente no cabeçalho do carro de bois, para que este não pouse de todo no chão; termo ouvido em Lanhezes. Nos Arcos chamam *pigarro* ao dito espeque. *Borbulhão?* (C. B.).

burda—*A agua deste rêgo vem de burda ou de burdada;* diz-se quando corre precipitadamente, trasborbordando alguma (*débordée?*); diz-se tambem de um regato. No mesmo sentido já ouvi *buba*. O termo deve ser bem português: no Alemtejo, *burdo* significa queda de agua em barranco ou ribeira.

burdar—Acrescentar, aumentar, trasbordar. Recolhi em Sistello.

burgo—m. Seixo rolado. R. em Vila do Conde.

burmeiro (vurmeiro)—Inflamação com vurmo, nascida.

burra—Conjunto de peças pertencentes ao fulão.

burro—Nome habitual do cavalo; ao burro reserva-se a designação de jimento, bègueiro.

C

cabaço—Moitão; fruto de uma cucurbitacea; medida commum de capacidade para liquidos, correspondente a 11 litros e 85 centilitros. O nome ainda subsiste, apezar de a medição do vinho se fazer por recipientes de folha. Havia cabaços naturaes que, depois de seccos, levavam muito mais, 15, 20 litros e até 1 almude. O cabaço tinha 20 quartilhos. Peça do arado.

cabalear (cavalear)—Ficar uma coisa sobre outra, como que a cavalo dela. Por ex.: O cabo de um guincho ou sarilho, quando não é bem guiado ao enrolar-se, caballeia por cima da volta anterior Tambem significa: andar a cavalo.

cabalête (cavalête)—*Muro de cavalê-*

te, muro que tem a parte superior redonda ou de aresta, isto é, meio cilindro ou prisma horisontal.

cabanaes — Nome que dão em algumas freguezias ás cavidades abertas no saibro, nas quaes os lavradores recolhem o carro, arado, etc. Cfr. *Rev. Lusitana*, v, 34.

cabaneira — Mulher que passa o tempo sentada junto de casa, não fazendo coisa que preste, a não ser dar á lingua; mulher maldizente e ociosa.

«Na Miranda, mulher que não tem lavoura. M. P.».

cabaneiro — Alpendre ou telheiro junto das eiras, onde se recolhem os utensilios e trem de lavoura e secam cereaes, livres da chuva.

«Na Miranda, homem que não tem lavoura. M. P.».

cabanel e cabanélo — O mesmo que *cabaneiro* nas freguezias do norte do concelho (C. B. e B. G.).

cabáno — Nome dado aos bois que tem os galhos descaidos para deante.

«Chapeu de abas avantajadas: termo mais ou menos satirico. M. P.»

«Alpendre, cabanel. R. em Lanheses, Viana. C. B.».

cabeça (*do leite*) — A nata que sóbe á superficie. R. em Ponte de Lima. (C. B.).

cabeçalho — Nome de uma peça do carro de bois, a peça central de madeira, onde se prende o jugo e chega á parte posterior do carro.

«O mesmo que cagócio. G. V.».

cabêço — (T. de pedreiro). Pedra curta e grossa, sobretudo com uma parte mais volumosa; o conjunto ou nascença das pernadas nas uveiras de enforcado.

cabeçuda (sardinha) — Sardinha que vem para a venda com cabeça. A que já não a trás, chama-se *scochada*.

cabedulho — Parte do campo, a qual, quando principalmente se lavra a direito e não em redor, fica na testeira do campo por lavrar e tem de ser cavada á enxada. *Lavrar de cabedulho*, lavrar em volta do campo mas a direito, contra uma testeira do campo.

«Tambem *cabadulho*. L. L.».

cabenco — adj. Parvo.

cabouca — Escavação ou gruta aberta numa trincheira de saibro, como ás vezes fazem os rapazes, para se abrigarem da chuva.

cabouqueiro — Pedreiro ordinario de obra grossa; faz principalmente *socalcos*, que são simples paredes de sustentar as terras; qualquer outro artista reles.

cabouro — adj. Do cabo, da extremidade (duma varanda, dum campo). Termo usado por gente das montanhas.

Talvez por *cabeiro*.

cabrestilho — Cinta larga de cabedal sobre o couro dos tamancos, no peito do pé, para reforçar aquele.

cabresto — Corda ou verga destinada a prender o gado cavalar e que forma cabeçada. Quando é de cabedal, chama-se *cabeção*.

«Pedra que o pedreiro assenta atravessada num caminho para ter mão em calçada ou camada de seixo. L. L.».

cabrita — Lenha de poda da videira de enforcado, que fica presa ou pendurada da arvore; especie de arado muito singelo.

cabrito — Amúo, despeito.

cabroada — Corja, cambada. (C. B.).

cabrueiras — Cordões de mólhos de centeio dispostos em X para secar. R. em Padroso, Santa Vaia, etc. (C. B.).

cabrunco — Tumor no pescoço ou nas costas (L. L.) (*Carbunculo?*).

cacada — Pancada no *caco*, isto é, na cabeça, com varapau por ex.; grande porção de qualquer coisa, isto é, um caco cheio.

cação — Pessoa mal ageitada, com roupas ou modos desalinhados. (L. L.).

Já ouvi tambem em Lisboa, como termo ofensivo.

cacarelhos — Grande quantidade de cacos. (L. L.).

cacaróla — Bogalho dos carvalhos. (L. L.).

cacarôlo — Vaso ou recipiente velho em mau estado, qualquer que seja o seu feitio; pedaço de vaso; um caco perfeito.

cáce ... cace — Voz para chamar os suinos. (L. L.).

cachaço — Murro na cabeça; o mesmo que *cachação* já registado no Novo Dicionario.

cachada — Leiras, terras cachadas ou arroteadas; acto de cachar ou arrotear. Este vocabulo é frequentemente toponimico.

cachafeder — Comprometer, importunar muito.

«Ter grande medo. B. G.»

«Enraivecer-se, dar cavaco. Tambem se ouve *cascafeder* e *scachafeder*. C. B.»

cachafundar — Dar cachafundos ou mergulhos.

«Tambem ha *acachafundar* que pode ser transitivo. C. B.».

cachafundo—Mergulho com estrondo.

cachar—Arrotear, surribar terras novas, quando se arranca a vegetação arbustiva que a ocupava e se cava fundo.

cachear—Revistar os bolsos de alguem. Cfr. *Rev. Lusitana*, v, 34.

cacheira — Parte curva de uma bengala ou cacete, o gancho; ás vezes a parte pelo todo, a propria bengala (*bangala*).

cachiça—Os ramusculos de cacho.

cachicha—Sujidade; exclamação que se profere em presença de uma coisa suja, e que é em geral acompanhada de uma cuspidela purificadora para o chão [1].

«Ha tambem a forma *caticha*. C. B.».

cachiço (*cão cachiço*)—De raça apurada, correcto de formas e pêlo muito fino. (B. G.).

cacho—Peça do tear (roldana ou moitão).

cachoeira (*porca cachoeira*)—Que anda no cio. (C. B.).

Cfr. *Boieira*.

cachola—Caveira de animal ou, por desprezo, cabeça de pessoa.

cachucho—A cabeça do savel ou da sardinha. «*Minha mãe, deia-me o cachucho da sardinha*». (L. L.)

cachulo—Variedade de uva *esganoso*, de cachos grandes e compactos e vagos volumosos. (C. B.).

cacifre—Alem da significação de armadilha de passaros e pequena vedação de verga para proteger uma planta em redor della; «utensilio feito de verga com que se colhe fruta na estremidade de uma vara alta. L. L.». Vid. *Pantel*.

cacoeta—m. Velho ginja, decrepito, cachetico.

caçôlo—Caixote pequeno ou panela velha que é aplicada a vaso de flores. (L. L.).

cacujar—Mexer, revolver gavetas, livros, etc. (L. L.).

cadeixas—Elos feitos de vergas torcidas, nas *soladas* ou *sóleas* de pau, em que se não usa ainda cadeia de ferro. Um dos élos liga e articula as duas peças de pau, iguaes entre si, de que a *solada* se compõe e o outro está numa das estretremidades livres e serve para atar a outra *solada*, para o que se abre, se faz entrar uma ponta num buraco desta e depois se torna a fechar ou atar, ligando uma á outra as duas pontas que se haviam

---

[1] Tambem se cospe para o chão ao empregar a palavra *stupôr!*

separado. Cfr. *Cadexo* e *Cadoxo* em o Novo Dicionario. (C. B.).

cadilho—O conjunto de fios da urdidura, que vão passando pelos orificios da espadilha ao urdir a teia. A *Portugalia* chama-lhe *cadilha*. (C. B.).

cadinar—O mesmo que *acadimar*.

cadino—adj. *F. está cadino no serviço*, esta muito exercitado no tal serviço. Tanto se diz das pessoas como dos animaes.

cadouxa ou **cadoixa**—O conjunto ou madeixas de fios que se sobrepõem no novêlo, ao dobar, emquanto se não muda a posição deste entre os dedos das mãos que o sustem. Cfr. *cadexo* e *cadoxo* no *Novo Dicionario*. (C. B.).

«O mesmo que *cocha* neste glossario. L. L.».

cadraço—*Biscalho* de uvas. R. em Ermelo. (C. B.).

cadrama—Pequena verga que trama no carro de bois dois fueiros fronteiros, para que não cedam, abrindo com o peso da carga. E' atada em forma de 8 e nos fueiros da frente. Será *quadrama?* Vid. *Bergueiro*.

cadramento (*quadramento*)—Quadratura, o ser ou ficar quadrado.

cagalhoto-del-Rei—Tortulho fedorento. Mudam ás vezes o *g* em *r* e dão-lhe outros sinonimos da mesma força. (L. L.).

cagatas—Manchas que as pulgas deixam na roupa branca. (L. L.).

cagocio—Animalculo das aguas estagnadas, que não é outra coisa senão um dos estados da evolução da rã, quando tem a forma de uma cabeça munida de pequena cauda vibratil, propulsora.

«Ouvem-se tambem as variantes *cagózio* e *cagôto*. C. B.».

«Tambem se chamam *cabeçalhos* e *colheres*. G. V.».

«Diz-se ainda *cagópito*. M. P.».

«O povo diz que dali se formam as saramélas. Tambem dizem *cagópio* e *colhareiro*. L. L.».

caibrada—Pancada violenta com varapau.

caibraria—Conjunto de caibros ou barrotes, aglomeração.

câigeira ou **queijeira**—Nebrina translucida que envolve o horisonte, principalmente nos grandes dias de calor. Vid. *Rev. Lusitana*, (IV, 275) onde aparece recolhido pela primeira vez este vocabulo, ao qual o snr. dr. Leite de Vasconcellos propôs a magnifica etimologia de *caliginaria*.

«Tambem se diz *Câjeira*. C. B.».

cain . . . cain—Vozes imitativas do cão ao fugir, ganindo; ouve-se nas descrições *ao vivo*.

cair—*Cair bem*, ficar bem, parecer bem. *Este chambre cái-te tam bem!* (C. B.).

caixa—(t. de pedreiro)—Grande paralélepipedo de pedra (granito) extraido a guilho dos penedos. Das *caixas* saem os *esteios* que são por fim paralélepipedos mais delgados, em que as *caixas* se subdividem. A extracção das caixas começa por um grande tiro, que o penedo leva e que faz soltar um enorme calhau ou mais. Nestes calhaus é que o pedreiro escolhe quasi sempre o *correr* da pedra e é na direcção deste correr, que se alinham as primeiras fiadas dos guilhos de aço, aliás seria impossivel tirar esteios que chegam a ter 20 palmos de comprimento com um de largo e meio de espessura. Vid. *Pasta*.

caixão—O mesmo que *caixa*. (L. L.).

caixeiros—Tamborileiros. Termo dos montes. (C. B.).

Na ribeira dizem de preferencia *gaiteiros*.

caixoto—Caixote, caixa pequena.

calabrear—Misturar quaesquer substancias, agitando-as.

calaça—Preguiça, mandria, calaçaria.

calandro — Termo de comparação usado quando um animal novo dá esperanças, pelo seu aspecto, de chegar a adulto; *fino como um calandro*. (L. L.).

calão—Calaceiro, mandrião. Em latim ha o termo *calones*, que vejo no *Dict. d'Archéologie* de E. Bosc, com a significação de uma especie de escravos. O fem. português é *calona*.

calcadouro — Sitio muito calcado dos pés de quem passa.

«Espaço circular de terra arregaçada para colocar o ripanço e se proceder á operação respectiva. L. L.».

calcaré — Codorniz. Cfr. *calcoré* em Guimarães. Leite de Vasconcellos. *Trad. pop. de Portugal*, Porto, 1882, p. 159.

cálcemo—Herva de medecina caseirá, com cheiro desagradavel, folhas aderentes, decompostas, flores amarelas, raiz fibrosa, altura 1 metro. (L. L.).

caloeiro — Arrastado, preguiçoso, calaceiro (caloiro?). Tenho ouvido *Laboeira* e *Laboeiras* (locativos) em vez de *Laboira*. (C. B.).

calçumeiros — Verbasco, planta dos troques brancos ou antes amarellos. (C. B.).

caldejar — Escaldar, lavar com agua a ferver.

«Derramar azeite ou então substancia gordorosa quente nas patas dos animaes feridos por algum prégo ou quando padeçam de *formigueiro*. G. V.»

calête — m. O conjunto de qualidades moraes que constituem o caracter individual.

«Diz-se tambem dos animaes, quando são de medrar e engordar bem. G. V.».

calhado — Talvez por *coalhado*, entra em um ensalmo de cortar o ar:

Ar córto, azeite de oliva, ferro desta maçã, cordão de S. Francisco, rosario benzido, sal virgem do mar sagrado; se é de morto ou de vivo, ou de algum excomungado, arre diabo para o mar *calhado!* Se és de porta ou de janela, ou de moço ou moça donzela, ou de cão ou de cadela, ou de gato, ou gata, ou de bicho do ar, ou de bicho rasteiro, ou de peneira, ou de masseira, ou de mesa, ou de banco, ou do dia, ou da noite, ou do sol, ou do luar, córto todos os ares, todos os males. Por graça de Deus e da Virgem Maria, que Ela quanto fazia, tudo obedecia. Um P. N. e uma A. M. (L. L.).

calhão — Adelhão, pequena cale de madeira, por onde o grão corre para cair no *olhão* da mó do moinho. R. em Ponte de Lima (C. B.). É curioso que nunca ouvi o t. *calha* no Minho e contudo existe o aumentativo, como se vê.

calôr — Na Gavieira dão o genero femenino a esta palavra. «*Onde bám por esta calor?*» (C. B.).

calouro – m. Pedra grande e bruta cortada a fogo.

cama — *Ganhar ou ter cama;* adquirir certa forma ou feitio em consequencia de prolongada posição; v. g. uma vara, de videira que esteve um anno em certa posição, ganhou *cama* nesse sitio e é dificil alterar-lhe a forma.

camaço — Grande camada de neve, de geada. (C. B.).

camalhão — Faixa de terra que separa as *galeiras* em uma sementeira horticola e é mais alta que ellas; disposição analoga de terra.

cambalhão — *Semear de cambalhão*, semear o trigo ou centeio sem sulcos (L. L.).

cambalho — O mesmo que *cambo* neste glossario. (L. L.).

cambalhuto — Jogo de crianças (L. L.).

cambalheiro — Aro de madeira com 2 páus cruzados em diametros e

serve para pendurar os chouriços ao *fumeiro*. (L. L.).

cambanito — Gancho de pau, preso á ponta de uma corda de que os serradores andam munidos. (L. L.).

cambão — Peça de engenho de serra; O mesmo que *solinho*, isto é, o páu por onde o gado puxa a grade.

«Páu abengalado por onde o lavrador guia e desanda a grade. L. L.».

cambas — Taipaes verticaes de madeira que ladeiam as mós nas azenhas e moinhos e servem para impedir a fuga da farinha e sustentar o *panal*. Peça das rodas do carro de bois.

cambeiro — Aparelho pendente do tecto da casa, geralmente uma tabua com uns tórnos salientes na parte inferior, sobre os quaes se colocam brôas de pão, carne, etc. R. na Gavieira. (C. B.).

cambito — Peça da grade, constante de um páu ou vara que, presa na travessa trazeira da grade, serve para o lavrador a dirigir.

cambo — Tranças, enfiada ou réstea de cebolas para pendurar; enfiada de peixes seguros pelas guelras em uma varinha verde, que deve ter uma forquilha na parte mais grossa para sustentar o ultimo peixe. Vid. *Cambalho*.

cambolhada — f. *De cambolhada*, á mistura, de roldão.

cambolhar — Ligar, prender uma coisa á outra, como os élos de uma cadeia.

camboseia ou **camborzela** — O mesmo que *solada*. R. em Melgaço. (L. L.).

cambotas — O mesmo que *cambas*, vid. *supra*. R. em Pias, Monção. (C. B.).

«As pedras interiores do forno que assentam no lar. L. L.».

camisa e capote — (*Porta de*—). E' expressão de carpinteiro. Diz-se quando o *pano* da porta é feito de tàbuas de alto a baixo, de modo que as pares se sobrepõem ás impares pelas arestas lateraes (pelo alcantilado). L. L.).

camizote — Pequeno casaco, de pano branco, para trazer sobre a camisa, como agasalho.

campío — adj. *Feno campío*, isto é, mais alto que o comum e mais ordinario por ter muito pouca folha. R. na Gavieira. (C. B.).

canabarro — Grande cantaro ou canéco.

canal — Telha que se coloca no telhado com a concavidade para cima e a convexidade para baixo.

«Canavial. L. L.» Creio tambem ter ouvido com este sentido nos Arcos.

canastro — Pequena construção agricola, feita de varas ou vergonteas encanastradas, de carvalho ou outra arvore; a fórma é a conica invertida, truncada; serve para guardar as espigas de milho em boas condições de secarem. A cobertura é de colmo, de fórma tambem conica e movel, pois se levanta para carregar ou encher esta especie de *espigueiro*. As espigas vão-se tirando por uma portinhola, que está na base, á medida das necessidades depois de sêcas. Chama-se *canastro de vergasta*, para se distinguir do feito de grade de madeira com planta rectangular.

candamalho — Cangaço das uvas. R. na Gavieira. (C. B.).

cancujes ou **cancujas** — Bugigangas, quinquilharias. (C. B.).

candeiral — Mata de carvalhos na maior parte sêcos. R. na Gavieira. (C. B.).

Relacionar-se-á um logar destes sitios: *S. Bento do Cando?*

candeiro — Páu sêco e comprido de carvalho; páu que se deita por cima de uma parede ou *portal* (portêlo) para melhor vedação. R. na Gavieira. (C. B.).

canear — Pescar á cana.

«Mangar. B. G.».

canêcha—Caminho apertado por onde as duas pessoas mal podem passar. L. L.).

Suponho ser uma variante local da seguinte:

caneja — Rua estreita, viéla. Em Trás-os-Montes *Calega*, *canelha*; vid. *Rev. Lusit.*, v, 35, 218 e 225.

canela — Pedaço de cana ou tubo de madeira que se adapta ao recipiente do vinho, para o despejar. (L. L.).

caneleiro — Acessorio do tear; serve para encher a canela.

canêlo — Pedaço de cana compreendida entre dois nós. *Homem de um canêlo*, homem destemido, valente, activo.

«Ratoeira de toupeiras. M. P.».

cangalho—Jugo com que se unem os bois para o trabalho. É mais ou menos alto com relêvos, ornatos, etc. O que não acontece á canga que é simples, rasa, e sem ornamentação alguma. R. em Lanhêses, c. de Viana. (C. B.).

cangaraço—Cangaço. (C. B.).

cango e **cangaço**—Engaço do cacho, portanto o mesmo que o anterior.

çangoinheiro e **çangrinho**—O mesmo que *zangarinho* (q. v.). R. na Gavieira, Cabreiro, etc. (C. B).

cangueiro—Homem timido, fraco, submisso em excesso.

«Tambem madraço. M. P.».

canhadeira—Vassoura grande, de ramos de codeço ou giesta, para *canhar*. Veja-se a respeito desta palavra e das duas seguintes a *Rev. Lus.* VII, 105, s. v. *acoinadêra* e sqq. (C. B. e L. L.).

canhar—Varrer ou limpar os canhos, no fim da malhada do trigo ou centeio. Cfr. ainda *Coanhar* no *Novo Dicionario*. Tambem significa andar a saber da vida alheia, do que se passa, gostar de *pescar peixe á cana*, como aliás é proprio de quem anda aos canhos pelas casas dos outros. (C. B. e L. L.).

canhos—Detritos de palha que ficam sobre o grão ou á mistura com elle, no fim da malhada, depois de retirada a palha mais graúda. São varridos levemente com a *canhadeira*, ao mesmo tempo que se vai mexendo o grão com os *engaços* e juntos num monte a um canto da eira, para serem limpos e separados do grão, que ainda continham, no fim de se haver limpado o principal. (C. B.).

canhota — Acha, cavaco grande de lenha para o fogo.

«Pedaço de vara velha de vide aderente á base da nova, para bacêlo (*calebo*). L. L.».

canhotada — Pancada com varapau, (rigorosamente com *canhota*).

canhôto—m. Tronco de arvore destinado a ser rachado ou desfeito em achas ou *canhotas* para o fogo.

«Adj. Esquerdo. M. P.».

caniças—Guardas do carro de bois, feitas de varinhas encanastradas, as quais se empregam quando a carga é composta de coisas meudas, estrumes particularmente. As caniças são, umas vezes compostas de 2 peças, outras vezes de 3 No primeiro caso, uma das peças é a porta, que tem o nome de *caniço*, e é colocada sobre a parte posterior do carro; a outra, como é flexivel emquanto nova e verde e depois ganha o geito ou *cama*, dá a volta pela frente do carro, guarnecendo os lados. No segundo caso, alem da porta, ha duas peças iguaes para cada lado do carro.

«Especie de cancela volante nos campos, feita pelo mesmo sistema. G. V. e M. P.».

caniço—Portinhola das *caniças*.

«Espigueiro, canastro. Em sentido depreciativo: *Sláis como um caniço! Ó caniço!* L. L.».

canistrel—O mesmo que *Pantel*. (L. L.».

canle—Cale para conduzir agua (*canalis*). Pronuncia-se assim em Cabreiro, onde ha o lugar chamado Portacal, que tambem lá dizem Portacanle ou Portacâle. Tal pronuncia, mais conforme com a etimologia do que a de *cale* ou *cal*, vai desaparecendo, bem como *gando* em vez de gado. (C. B. e em Monção L. L.).

«A *canle* dos moinhos tanto pode ser um cano de taboado, como um pinheiro encanelado. L. L.».

canleiros—Càleiro. Frequente nas freguesias do N. do concelho. (C. B.).

cano—O mesmo que *canucho*.

Entra nas expressões de aplauso ou elogio a qualquer obra ou acto: *estar de um cano! ou de cano!* v. g. uma festa, uma feira, um jantar, etc. (L. L.). No meu concelho diz-se *De um canêlo*.

cantadouras—Peças do carro de bois, sob as quaes trabalha e *canta* o eixo.

cantélas—Gatos de ferro que prendem interiormente as cambas das rodas de carro de bois aos miúlos. Recolhido em Padroso, Choças, etc. (C. B.).

canucho — Fragmento do caule do milho, trigo ou centeio, que fica com raizes na terra depois da ceifa.

«Tambem se ouve *canuche*. M. P.» (1).

«O miolo da couve, da nabiça, etc. L. L.».

capacho—*Corucho* ou remate de uma *moreia*. R. no lugar de Mourisca, Portéla. (C. B.).

capar *a agua*—Arremessar pedrinhas ou cacos tangencialmente pela superficie da agua, de maneira que forme saltos sucessivos. É brincadeira de rapazes.

çapateiro (*porco çapateiro*) — Porco que tem certo defeito nas patas.

capear—*Capear* uma parede é colocar ao longo da sua parte superior uma camada de *cápeas*. (*Rev. Lusit.* v, 35).

capeas—Pedras compridas, que servem para revestir e proteger pelo seu peso e forma a parte superior das paredes.

capilé—Capinha usada como grande luxo, pelas mulheres de algumas freguesias de Melgaço. Ouvido a uma mulher de Parada do Monte, Melgaço. Hoje é já raro o seu uso. (C. B.).

capistrano—Aluado.

capitão—*Arremessar algum objecto de capitão* — arremesá-lo com uma estremidade voltada para o chão, como se fosse de cabeça para baixo.

capoeira—Pessoa que gosta muito de estar ao lume, ao borralho. (C. B.).

capucha—*Levar um sino á capucha*; voltá-lo, no dobrar, com a boca para cima e a *porca* para baixo.

carabéla — *Sardinha caravéla* — salgada.

carabunha—Caroço, pevide.

«Individuo mau de contentar, principalmente sendo criança. C. B.».

caramanchão—Ouvi chamar este nome depreciativo ás crianças já crescidas que nada faziam ou para coisa alguma prestavam.

caramanjão—Pé de carqueja, grande e já velha. R. na Varzea, Soajo. (C. B).

carão — Face superior de uma coisa, face voltada para o espectador. *Botar terra no carão do cesto*, isto é, lançar terra directamente na fa-

(1) O sr. M. P. vive na Miranda; ocorre-me notar aqui, á vista das colheitas anteriormente registadas, a tendencia para o *e* final naquela freguesia.

ce interna do fundo do cesto. *O carão do brôlho no lagar*, a face superior da balsa.

Vid. *Gazeta das Aldeias*, 1913, n.º 929 e *Gramatica*, de Fernão de Oliveira, edição de 1871, pág. 81.

«*Comer alguma coisa*, v. g. *fruta*, *ao carão do estomago*; **diz-se** quando o estomago está vasio, em jejum, antes de qualquer outro alimento. C. B.».

«*Dormir com o cobertor ao carão do corpo*, isto é, sem lençol. G. V.».

carapeleiros — Grupos de tres molhos de centeio postos de pé e unidos em cima para secar, depois de cegada. Em Gondoriz e Couto dizem *coropêlos*. (C. B).

carapetada — Carga de chuva com intervalos de tempo. (L. L.).

carbalhinho (*Fazer o carvalhinho* — É uma habilidade dos rapazes; consiste em pôrem as mãos no chão e as pernas para o ar, abertas em V, em equilibrio.

carcéla — É só a abotoadura das calças, que substituiu o antigo alçapão.

cárcere — Utensilio cortante de cesteiro.

cardenho — Casa pobre, pequena e miseravel.

carêtas — m. Pessoas mascaradas. *Lá veem os carêtas!* No feminino é a mascara.

carimbado — Velhaco, impostôr. (C. B.).

carimbar — Selar ou estampilhar uma carta. Usado pela gente dos montes, que ao sêlo chama carimbo. (C. B.).

carimbo — Estampilha. Vid. o vocabulo anterior.

carneirinhos — Chamam carneirinhos ás nuvens classificadas *cirrus*.

caròquinhas — Fantasias, sugestões, ideias fixas que se metem na cabeça de alguem, mas são falsas ou prejudiciaes. Dim. de *Caròcas*, mas usa-se mais, embora no mesmo sentido dos dicionarios.

carocha — m. *O carocha*, o diabo. R. na freg. da Vale. (C. B.).

caróço — O *caróço do milho*, carôlo da espiga.

carolina — Serie ou fiada das estremidades dos dentes do pente do tear.

carouchos ou **crouchos** — Coalhos do leite de vaca, fervido ao **lume**, no 1.º dia depois da paridura e que em algumas partes ingerem. **R.** em Soajo. Tem varios nomes. (C. B.).

carpaça — Certa herva dos montes da Gavieira. (C. B.).

carqueija — (Vocabulo da linguagem encoberta) é o cabelo da região pubiana. (L. L.).

carracóla — Bicho de muitas pernas; Tambem chamam *cadela de frade*. R. em Soajo. (C. B.).

çarradoiro — Tranca que fecha pelo lado de fóra da porta ou cancela, ficando presa a esta por uma verga ou corda e as estremidades encostadas contra a parede exterior, de cada lado da porta. R. na Gavieira. (C. B.).

carramelha — Especie de *carrasca*. *Sopra da carramêlha*, dizem assim em Vilarinho de Ermêlo, quando o vento sopra do lado de Paredes do Vale porque ahi a ha. (C. B.).

«Em Caminha chamam *carrasco*; em Monção *carrasco* é outro arbusto. Em todo o caso, nenhum é o *carrasco* do Sul. L. L.».

carranchada — Pequena carrada. *Vou buscar uma carranchada de tojo.* (C. B.).

carrancho — Quarto parceiro no jôgo do sólo. *Jogar de carrancho.* (C. B.).

«Insecto que se fixa no gado, nos cães, etc. De algum vinho verde, dizem por ser muito carregado na côr: *Parece sangue de carrancho.* Em Caminha (Venade) carrapeto. (L. L.).

carranchola — Dá-se este nome a uma vaca de chifres tortos.

«Por *carranchada*, pequena carrada, v. g. de tojo. C. B.».

carranco — Nascida ruim, tumor maligno; pequena saliencia.

«*Tira aquelle carranco á pedra*, diz o mestre pedreiro aos oficiaes. C. B.».

carrapita — Busina. R. em Ponte de Lima. (C. B.).

carrar — Acarrejar com o carro, carrear. R. em Soajo, Gavieira e Sistelo. (C. B.).

carrasca — Planta vulgarissima nos montados e de que ha algumas variedades. Em Ermêlo distinguem a *agostinha*, tambem chamada em outras partes *agosteira*, que floresce em agosto; a *moura* de flor vermelha, e ainda outra a que chamam *cernelha*. A uma destas especies, cuja flor é parecida com pequenos copinhos ou folipos, chamam em Cabreiro *folipeiros: Bola o gado pr'os folipeiros!* (C. B.).

carregar — Lançar no livro, no rol; tomar nota por escrito de alguma coisa. Dai, *descarregar*, fazer a descarga, riscar, lançar a nota de que já está pago ou já está feito aquilo que motivou o apontamento. (C. B.).

carrêgo — Carga de pôr ás costas ou á cabeça.

carrêgos — Paus nos colmaços, para segurar o colmo, postos ao correr do mesmo colmo. R. em Soajo. Vid. *Arje* e *miñholeiras* neste glossario. (C. B.).

carregueira — Este vocabulo, talvez no sentido de *carrégo* ou castigo, entra no seguinte ensalmo:

Sem ver, de honrado
foste nascido,
sem ser semeado
agua do Ceu
foste regado.
Eu córto e talho
toda las esiplas
e todo los corvos.
Reborado em cruz
E santo nome de Jesus.
Em louvor de N.ª Senhora da Franqueira
que lhe tire esta carregueira
Padre Nosso e Ave Maria. (L. L.).

carrélo — A região das vertebras cervicais. (L. L.).

carretão — Carrão. R. na Gavieira. (C. B.).

carreteira — *Pipa carreteira* — casco ou pipa estreita e comprida, propria para ser transportada em carros por maus caminhos, por não elevarem o centro de gravidade. É fórma classica no Alto-Minho.

carreteiro — Carreiro; homem que faz carrêtos em carro de bois.

carriceiras — Moitas de *carriços* (graminea das margens dos rios, de folhas compridas, estreitas e resistentes, usadas para atilhos da vinha na Gavieira). (C. B.).

çarrilho — Sêbe de varas entretecidas para vedar uma propriedade. R. na Gavieira. (C. B.).

carrinho — Roda ou tambor, com varetas ou balaustres de madeira dura, que entroza numa roda dentada e serve para transformar em horizontal o movimento vertical da roda motora. Os discos terminaes chamam-se *rodilos;* os dentes ou balaustres, alfuzeis. Isto nas azenhas.

carriola ou **corriola** — Guia, trepo ou rebento de qualquer planta trepadeira. Disposição em linha de insectos, v. g. *bombix processionária*, (rapaconichos) ou de pessoas, de cavaleiros, etc. (L. L.).

carronho — adj. Sombrio, mal encarado, grosseiro, que não fala á gente. (C. B.).

carroucha — Grande coleoptero negro com fortissimas antenas, conver-

gentes e dentadas internamente. Vive nas devesas de carvalhos. As antênas servem de amuleto... E' o lucano?

«*Historias da carrouchinha*. Variante de carocha? Tambem se ouve *carroucho*, que é uma carroucha pequena. C. B.».

«Vaca carroucha ou cabreira. vaca de casta pequena, de chifres pouco abertos. Nalgumas freguesias (Miranda) o insecto chama-se *vaca loura*. M. P.».

«L. L. dá-me *carroicho* como lucano femea, dizendo que o lucano macho é *vacaloira*, que vem nos dicionarios».

carrúlo—Nuca. (C. B.).

cartão—Ouvi este termo a um pedreiro; são espaços deixados em saliencia nas cantarias, ou por ornato, ou para nelles se gravar algum emblema; por isso julgo ser a pronuncia de *quartão*, como *cadrado* é de *quadrado*. Corresponderá ao *cartouche*.

«Em uma descrição da reliquia de S. Sebastião em Santa Cruz de Coimbra (*Archivo Historico Português*, I, 112) lê-se: *entre quartões e tarjas, etc.* O Novo Dicionario não dá de *quartão* significado que sirva para o caso. Será o mesmo que *cartão*, registado pelo autor deste glossario? C. B.».

cartéla—A correia da roca que a fiadeira enrosca sobre o linho, estopa ou lã. (L. L.).

carto (*quarto*)—Subdivisão da maçadura do linho, é a qué cabe em uma só mão para tascar. (L. L.).

carumba—Caruma. R. em Sabadim. (C. B.).

carunha—Caruma. R. em Cabreiro. A grainha da uva. R. em Ermêlo. (C. B.).

carunho—O carôlo do milho. R. em Venade (Caminha) (L. L.).

carunchento—Caruncholso. (C. B.).

carunfa—*Ir á carunfa*, ir ao pelo, á cara de alguem. (L. L.).

cascabelho — Cascabulho, cascavel. (C. B.).

cascabulhar—Mexer ou procurar qualquer coisa entre outras que fazem barulho á maneira de cascabulhos. (C. B.).

cascalheira — Touça de rebentos ou vergonteas de castanheiro, que nascem no sitio em que se abate algum. Destas vergonteas se fazem *costellas* para os cestos, arcos para as vasilhas, varapaus, etc.

caseiro—Lavrador ou agricultor que traz de renda uma propriedade rustica, quer more, quer não more nella.

casqueiro—Tábuas exteriores de um tóro de arvore, quando se serra em tábuas; são pois as duas que tem ou tiveram casca.

catebo—Bacelo feito com vara nova que tem na base um pedaço (*canhota*) de vara velha. (L. L.).

catita—f. *Char-à-bancs* coberto.

catruzada—f. Grande quantidade de coisas.

«Corrupção de *quatorzada*, que tem a mesma significação. (C. B. e F. R.).

caunté (*canté*)—Exclamação de desejo; quem dera! tomára eu! Nas montanhas pronuncia-se *cânté*. Supõe-se que é contracção de *quanto é*; ignoro se tambem o não pode ser de *quando é*, o que mais quadraria ao sentido. *Canté* corresponde unicamente áquele sentido e não a outro, como se tem escrito, pelo menos na região de que trato.

caurdear (*caldear*)—Soldar dois objetos de ferro, aquecendo-os de forma que se atinja o estado de amolecimento necessario para essa operação; exceder indevidamente esse estado ou momento. Ex.: *O ferro já caurdeia*, isto é, já está capaz de se ligar a outro. *O ferro caurdeou*, isto é, foi aquecido de-

masiadamente para o trabalho da forja, fundindo-se.

Eis como foi inventado o processo de *caldear*: Um *ferreiro* tinha dois ferros sobre o brazido da forja; passou um cão e, querendo afastá-lo, o ferreiro atirou-lhe com um dos ferros que ia em braza e foi cravar-se na areia; correu logo a buscá-lo, e sem o sacudir, com a areia aderente, tornou a colocá-lo na forja, encostando-o ao outro; passados instantes notou que os dois ferros se tinham soldado um ao outro por causa da areia. Estava descoberta a receita!

«*Caldear um pico*, restituir-lhe o bico gasto com o trabalho, estendendo-o ao fogo. L. L.». Nos Arcos diz-se *aguçar*.

càurdeiro (*caldeiro*) — Individuo que gosta muito de caldo.

cavada—Cava, o trabalho de cavar. Vid. *acarrejada*. (C. B.).

cêba—O porco de cria.

cebolinho do monte—Herva de bolbo tunicado, a que os rapazes chamam «còpinhos», de côr branca ou amarela. Folhas compridas e estreitas; haste de 0,20 a 0,22 de altura, apenas com as flores. Floresce em Fevereiro e Março e habita os montes. (L. L.).

cebôlo—A sementeira da cebola; mais em uso no diminutivo.

cêgo—O mesmo que *bufo*. R. em Paredes de Coura. (L. L.).

ceifa — O periodo mais apertado de serviço na lavoura, quer no tempo das sementeiras, quer no das colheitas. Em algumas partes, no Couto por ex., diz-se *çoufa*, que creio ser apenas uma variante fonetica. (C. B.).

cenicho e **cenichinho**—Bocado muito pequeno de alguma coisa, como pão, comida, etc.; cigalho. (C. B.).

cenisco—O mesmo. (C. B.).

centieira — Campo de centeio. (C. B.).

ceré—Voz com que chamam os vitellos em Carralcova.

cernelha—Especie de carrasca. Vid. v. (C. B.).

cernido—adj. *Campo cernido* é aquele cujo pasto o gado cortou cerce com os dentes, não podendo portanto fornecer mais pasto emquanto a erva não tornar a crescer. R. em Sabadim. (C. B.).

cerôla, cerulha, cerulia—Herva, talvez medicinal, cujo sinal mais evidente é manar um liquido amarello, quando comprimida. Vid. *Impinja*. (L. L.).

Será o mesmo que *ceruda*, que vem no Dicc. de Moraes.

certão—Nome que se dá á pedra da lagareta, sobre a qual se espremem as uvas. (L. L.).

chabelhão—No carro de bois, é um páu de oliveira (ás vezes um ferro) que atravessa a parte dianteira do cabeçalho e segura o jugo. Este pau, que terá dois palmos escassos, é noutros sitios substituido por um fueiro.

«Tambem se ouve *chabelho*. C. B.».

chabêlho — Peça de arado.

chabousco — adj. Chavasco.

«Pessoa mal amanhada e pouco esperta. Tambem se ouve *achabouscado*. G. V.».

chaçadeira — Pedaço de ferro sobre o qual os tanoeiros batem com martelo ou maço para apertarem os arcos das vasilhas.

chaçar — O mesmo que *picolar*. R. em Sabadim. (C. B.).

chacear — Meter ou pôr *chaços* ou chapuzes. É t. de carpinteiro.

chaço — Qualquer pedaço de madeira, curto e grosso quasi sempre; chapús que serve em carpintaria para os muitos fins, a que a sua fórma se presta. Não tenho ouvido dar este nome senão a pedaços, que na maior dimensão não ultrapassam 26 a 30 centimetros.

chafurdo — O mesmo que *chafurda* do Novo Dicionario, que aqui nunca ouvi. (C. B.).

chamadouro — Nos moínhos e azenhas, pequena haste de madeira que, pelo seu atrito e trepidação sobre a mó, regulariza a queda da semente. Tambem se chama *Cadêlo*.

«O nome por que se chama pessoa ou coisa. C. B.»

Qual é o seu chamadouro? Como quem diz: qual é a sua graça?

chambaril — (Pronuncia-se quasi como *chamberêl*). Pau pendente do tecto da casa, com uns tornos ou ganchos na parte superior, para pendurar a carne ao fumeiro. R. na Gavieira. (C. B.).

chamiço — O mesmo que *chamadouro* na 2.ª significação. (C. B.).

«Em Monção dizem: *estar sujo como um chamiço*, quando se está enfarruscado; *cheira a chamiço*, quando uma coisa cheira a queimado ou ardido. L. L.».

chamiços — Caruma, folha de pinho. R. em Prozello, S. Cosme, etc. (C. B.).

chança — Garbo, impostura, vaidade, *chieira*.

chanços — Peça da grade.

chantrear — Encontrei este verbo nos estatutos de uma confraria, referindo-se aos eclesiasticos que nas solenidades entoam o cantochão. Mas ainda se usa.

chaprão — Qualquer prancha grande e grossa de madeira.

charóla — O mesmo que *bezeira* ou *abeleira* supra. R. em Coura. (C. B.).

charquear — Brincar em charcos de agua.

charrueira — Terra sêca, pedregosa, má, sem fundo, impropria para cultura.

chasco — Passaro pequeno que emigra no inverno.

chassar (ou **chaçar**?) — Picotar. R. em Padroso. (C. B.).

chêdas — Parte do carro de bois.

chegadela — Repreensão, chega. Cfr. *cheganço* na Rev. Lusit., IX, 169. (C. B.).

cherêlo — Chichárro. O mesmo que *pancho*.

«Talvez por *sorêlo* C. B.».

chernir — Termo empregado no jogo das pedras; topar com a mão que joga, em uma segunda pedra, fazendo perder o jogo, *chernindo*. (L. L.).

cheriscar — (Termo usado no jogo do botão). Dar um piparote no botão impelindo-o para a *Fócha* ou *Rôdinha*. (L. L.).

chia ou **chiça** — Peripecia no jogo da bisca em que um parceiro mata com o ás de trunfo o sete de outro parceiro. (C. B.).

chiçadouro — Vid. *sarriscadouro*.

chichão — (chichon) Com o abade e cirurgião, chichão. (L. L.).

chicherrubío ou **chicherrubiro** — Voz imitativa de certo passaro a que dão o mesmo nome.

Entra numa lenga-lenga do jogo das pedras: Fui á feira—Buscar uma peneira — Para peneirar — E amassar—Chicherobiro—Que lá a vai buscar. L. L.».

chicho — Bocadinho muito pequeno de qualquer coisa. O diminutivo *chichinho* é mais usado.

«Em Ponte do Lima: forreta, sovina. C. B.».

chieira — Vaidade, presunção, amor proprio.

chimpista — Estremidade curva dum caibro de ferro, nas ramadas, para formar varandas erguidas ao alto. (C. B.).

chinado — Seco, muito seco, quási queimado, v. g.ª madeira. Tambem se ouve *chisnado*.

«No mesmo sentido se ouve *rechinado*. G. V.».

chincharrabelho — Sujeito pequeno, mas vivo, palrador, irrequieto. (C. B.).

Suponho que é nome de passaro e daí o sentido metaforico.

chincla—Queda trambolhão. (C. B.).

chinar—Entrar em uma casa sem chamar ou aproximar-se de quem conversa, para ouvir; v. g. *Que vens aqui chinar?* (L. L.).

chines — Vocabulo qae entra no ensalmo dos doentes que se supõe terem feitiço. Vid. *carta*.

chino—Porco grande atarracado. Pessoa que tal parece.

chiolas — Tamancos grandes e mal feitos (C. B.).

chiscar—Ferir lume na pederneira. Confusão com *chispar?* (C. B.).

choia—Gralha. R. na Gavieira. Cfr. *Rev. Lus.* VII, 209. (C. B.).

choinha—m. e f. Sujeito sonso, envergonhado, humilde, acanhado.

«Tambem se ouve *chòninha*. G. V.».

chóra—1. Flor da oliveira, do linho e milho. Em Soajo pronunciam *chôra*. Do latim *flore* que deu *chor* s. f., que ainda se usa em várias partes do país, inclusivé em Monção. (Vid. *Rev. Lus.* II, 371 e III, 327).

2. Com palavra homonima ha esta frase: *Guarda da risa para a chora*, isto é, da abundancia para a penuria, do tempo da fartura para o da fome. (C. B.).

chorimas—Flores de tojo. R. em Lordêlo de Cabreiro. (C. B.).

chorinca—Certa ave de arribação, a qua na Beira Baixa ouvi chamar *ave-fria*.

«Tambem se usa avefria. F. R.».

chôro—O mesmo que *chora*, mas aplicando-se sómente á flor da oliveira. R. em Vila-Chã, Ponte da Barca. (C. B.).

chôsco—Lorpa, pateta, nenho, bajoujo. R. em Pias, Monção. (C. B.).

chousa—Usa-se ainda na Varzea (Soajo) com a significação de horta. (C. B.).

choupo de Deus—Tortulhos comestiveis. *Choupos do Diábo e das cobras*, tortulhos que se parecem com os comestiveis. *Choupo de coelhos*, tortulho com pelos na superficie como os de coelho. (L. L.).

chouteiro—Cogumelo de comer. *Chouteiro, chouteiro, mostra-me o teu companheiro*, diz quem os busca.

«Tambem *choucho* e *chouchei-ro*. C. B.».

chubedice—Pingas mortas de chuva que ressumbram das telhas e caem dentro de casa; *nodoas de chubedice*. (C. B.).

chuchos—Herva cujas flores as crianças chucham por ser adocicada. Cheiro um pouco desagradavel; raizes fibrosas, caules obliquos, folhas pecioladas, opostas, crenadas, flores vermelhas, bilabiadas. (L. L.).

chuclear—Agitar um liquido dentro de um recipiente. Será corr. de *chocalhar?* Tambem a voz da galinha choca. Faz *chucleia*, etc.

chumbadouro e **inchumbadouro** — Parte do gonzo de uma porta que fica chumbada á parede.

chumbar—n. *Esta arvore está a chumbar com o fruto*; quer dizer que está carregada de fruto que lhe pesa como chumbo.

chumbeirar — Lançar a chumbeira, pescar á chumbeira, que é a rede a que noutros sitios se chama tarrafa.

chusca—Bebedeira. *Stá co'a chusca!* O ch é explosivo. (L. L.).

cibinho—Pedaço pequeno de pão, sinonimo de *cigalho*, *ludonada* e *bucha*. Vid. *Tranca*. (L. L.).

cidroiro—Peça de couro onde encaixa ou prende o pertego do malho ou mangoal. Recolhido em Ermêlo. (C. B).

cieiro—Vento norte, aspero e frio (proprio para gretar os beiços.

cigalho—Bocado de qualquer coisa. *Dé-me um cigalho de pão*. (L. L.).

cimbra—Vergasta. Tambem se ouve *zimbra*. (C. B.).

cimbrada ou **zimbrada** — Vergastada, chibatada. (C. B.).

cimedas — Bichinhos brancos que se criam no toucinho velho. R. em Soajo. (C. B.).

cingrol—Graxa ou gordura dos peixes e tambem o pingue da carne derretida. (C. B.).

cintadura—Faixa na côr da pele dos animaes em roda da barriga.

cintarel—Grande compasso. Por *cintel*.

circos—Tiras de pelica a debrurem em toda a roda o couro dos tamancos e sobre as quaes são pregadas as tachas. (C. B. e L. L.).

cirgalhota—Chilacaiota. Vid *Aposilas* de Gonçalves Viana. (C. B.).

Diz-se tambem *zergalhota*, que registei no logar proprio.

cirro—Forma pouco comum de *çurro*.

ciscalhada — Lixo constituido pelos ultimos fragmentos de lenha, de gramineas, etc.

ciscar—Espalhar alguma coisa pelo chão. V. g. se se deixou cair milho pelo chão em grande quantidade e espaço, diz-se: *O chão está todo ciscado de milho*. (C. B.).

citò-cita—É a pronuncia que me dá L. L. e parece a verdadeira. Vid. *Diccionarios*.

clis—Influencia de causa e natureza desconhecida, a que se atribue andaço ou epidemia.

«Eclipse: esta noite houve um clis na lua. F. R.».

«O mesmo que *cris* (eclipse); cfr. *Clina* e *crina*, *cloaca* e *croaca*. Diz-se tambem quando os cereaes *alampeiam* no campo ou se lhe cresta a folha. Provavelmente é fenomeno atribuido a influencia do sol, mas do sol doentio. (C. B.».

clisado — *Sol clisado*, pouco claro, doentio. (G. V.).

coberta—s. f. Telha que fica nos telhados com a concavidade para cima a *cobrir* a justa posição de dois *canaes*.

cobertalho—Qualquer coisa para cobrir ou proteger da chuva, á falta de guarda-chuva. (C. B.).

cobertão—Alpendre, cobêrto grande. R. em Vilaverde e Barcellos. (C. B).

cobêrto—Alpendre, telheiro.

cobrão—Vid. *Topeia*.

cóca—Pancada com a cabeça.

«Presunção, mimo exagerado. M. P.».

cocão—Cantadoira de carro de bois ou peça de madeira que acompanha inferiormente a *chêda*, em quasi todo o comprimento. Tambem se chama *coucão* e *coucoeira*. R. na Gavieira, etc. (C. B.).

«Em Monção *cacoeira*. L. L.».

cócha—Corda de rede.

cóche, côche—Interjeição para dirigir porcos. Tambem se ouve *cuche*, *cuche*. Cfr. *Rev. Lusit.* v, 41.

côcho—Terra ou leira pequena, onde não cabe ou mal um carro de bois. Utensilio usado nos lagares de azeite para com elle encher as medidas de azeitona.

cocôa—O mesmo que *cocão*, supra. (C. B.).

códega — s. f. Femea que não dá crias.

«Diz-se das vacas, das burras e da propria mulher, especialmente quando é por ser velha e feia. O mesmo que *casqueiro* em Ponte de Lima. C. B.».

«Fêmea vasia. M. P.».

códego e **códio** — Camada grande de geada, que endurece a terra. Cfr. *códam* no *Archeologo Português*, XI, 131.

códiga — O mesmo que *casqueiro* neste glossario. (L. L.).

coifa — O mesmo que touca em Lisboa. Nas crianças é cheia de tolhos, rendas e outros *enfeiturados*, prendendo-se no *sobqueixo* por *nastros*. (L. L.).

coios — Gódos, *gougos* ou seixos rolados dos rios. R. em Monção, (C. B.).

coiracho — Couro fresco, pele humana, de pôrco, etc. *Pôr-se em coiracho*, pôr-se nú.

cól — Superficie superior. *A rês bai ò cól da ponte, ò cól da serra*, isto é, sôbre a ponte, no alto da serra. Diz-se tambem *ò cól da caixa, ò cól da masseira*. R. na Gavieira e Soajo. Penso que é o mesmo que *cólo* com apocope de *o* final em virtude da proclise. (C. B.).

cola — Alavanca quando exerce a acção de colar.

«O calço em que se apoia inferiormente a alavanca. C. B. e L. L.».

colada ou **golada** — Partes grossas das entranhas do boi ou do porco.

«Vid. Rev. de Guimarães, III, 68. Parece vir de *collum* e não de *colon*, pois o estomago e os outros intestinos inferiores não fazem parte da colada. C. B.».

colar — Erguer um corpo por meio de alavanca apoiada num ponto intermedio á potencia e resistencia. *Cola-se* exercendo pressão para baixo, a fim de erguer o volume. Arquimedes ergueria o mundo *colando*. Difere de *bimbarrar*, em que *colar* é um acto transitório e *bimbarrar* é estabelecer uma disposição permanente com o fim de sustentar um volume ou corpo qualquer.

colarete — (f. de alfaiate). Tiras de pano na cintura interior das calças. (L. L.).

colar-se — Erguer-se sobre as pontas dos pés, para chegar a certa altura.

coleiro — O atilho com que se ata um mólho ou gavéla de palha, centeio, etc. B. em Soajo. (C. B.).

còlhediço — Tumor nos dedos, mãos ou pés. (L. L.).

còlheira — Grossa peça de arreio que assenta nas espáduas do solipede e onde engatam os tirantes. Nos talhos são os testiculos do boi e regiões anexas. A's vezes parece ouvir-se *còilheira*.

colmaceira — Os diferentes paus, presos uns aos outros, sobre o colmaço, para segurar o colmo. (C. B.).

colmaço-a — De colmo, coberto de colmo. *Pôrco colmaço*, que não tem corropio no pêlo do lombo.

côma — Elevação de terra ao longo de um rego de agua. R. em Vila do Conde. Vid. *Sôma*.

comareiro — Conjunto de plantas ou planta propria de *cômoros*.

«O proprio cômoro. G. V.».

«O mesmo que *balcão*. L. L.».

compostouro — Peça de tear; consta de um pau com muitos tórnos como uma escada e encaixa noutro; serve para carregar a teia. (Com-*cum*).

conchado — *Cordão de ouro muito conchado*.

construir — Perceber, entender, compreender. *Ora explique-me isso a ver se posso construir*. (C. B.).

cônho — Baixa interjeição. (L. L.).

continas — Vontade, tentação, gana. *Deram-me continas de o matar*.

conta — (De *conta*). Expressão que se emprega em assuntos de medida de capacidade ou de extensão para designar que um determinado objecto ou recipiente tem ou leva o que deve por lei, postura ou costume. Ex.: *Este cáuntro é de conta*, quer dizer, é de medida certa e legal, pode medir-se por elle o que houver de se medir. *Este carro de mato não é de conta*, quer dizer, não trás a quantidade de mato que deve trazer, trás menos.

cópa — Mólho de palha de milho, atada pelo meio com verga. E' de *cópas* que se faz a *moreia*, depois da *esfolhada*. *Cópa de palha* é uma pessoa inutil, sem iniciativa, humilde ao excesso.

copeira — Nicho ou espaço em quadro que se deixa na parede da cozi-

nha para ter os cantaros com agua.

Tambem é t. adjectivado na expressão *roda-copeira*, roda hidraulica de caixas.

copéla — Grupo de tres, cinco ou mais *cópas* de palha, de pé, juntas pelas pontas, para arcarem. R. em Soajo. Tambem o linho tirado da agua, se estende em *copélas* para secar. (C. B.).

copilho — Pequeno molho de feno. Quarenta duzias de *copilhos* é um carro de feno. R. em Portella. (C. B.).

çóque — Çoco, tamanco. Ha *çoques abertos e fechados*, estes são uns *butes* de cabedal forte e sóla de páu com pregaria.

cór — *Pela cór do dia*, isto é, pela hora de mais calor, no verão. Lembrei-me a principio se esta palavra seria a representante popular do latim *calorem;* desconfio porem que se dê com ela o que penso dar-se com o termo *cól*, supra, e que seja abreviação de *córa*, a fogueira que se faz á boca do forno, para este não esfriar, emquanto se enforna o pão, embora se não diga a *cór do forno* mas sim a *córa* do forno. (C. B.).

coragento — Animoso.

cordeal — *Não estar cordeal*, não estar amigo, bem disposto, andar amuado, macambuzio.

coria — Vomito bilioso (colera). (C. B.).

cornêcha — Tortulho parasita do centeio; em Caminha chamam *dente de cão*. Fervido em vinho ou agua é beberagem para as parturientes. (L. L.).

corneira — Podridão? Arvore, pessoa a cair, a morrer de *corneira*, diz-se quando a velhice faz o seus estragos. Vid. *Rev. Lusitana*, IV, pag. 300 e I, pag. 240; *Rev. de Guimarães e Portugalia*, IV, pag. 794. É uma frase muito vulgar.

«Dos frutos a cairem de maduros, diz-se tambem que estão a a cair de corneira. C. B.».

cornetada — Assuada com acompanhamento de gaitas, buzinas, bombos, etc. feita aos viuvos, quando pretendem passar a segundas nupcias. (L. L.).

córo — *Sachar o milho pelo córo do dia*, sachei o milho pela força do dia.

coropêlos — Vid. *carapeleiros*. R. em Gondim, Couto. (C. B.).

corpela — Pequeno medeiro de palha. R. em Portela. (C. B.).

corpêlo — Pequeno medeiro de milho, depois de cortado. Idem. (C. B.).

corpo — *Dar de corpo*, defecar.

corredoira — Doença no ubere das vacas leiteiras, que faz sangrar os têtos. R. em Soajo. (C. B.).

correito — Escorreito. Ouve-se *correito* e *scorreito*.

correncia — Corrente de agua, de um liquido, talvez debaixo do aspecto da sua velocidade.

«Corrimento vaginal. M. P.».

corretaina — Corrida constante. Parece que ha uma tendencia para substituir por *aina* a terminação *ana;* assim se diz *sacaina*, etc.

corrida — *Dar uma corrida nos sinos;* repique rápido e geral.

corriola — Guias ou trepas que as trepadeiras lançam, enroscando-se pelas arvores. Tambem se ouve *carriola*. (L. L.)

cortação — Coisa ou facto que impressiona, dó d'alma. Ex.: *Foi mesmo ũa cortaçôum!*

cortadouro (do rego) — Sitio no rego ou levada, onde a agua pode ser desviada para outra direcção.

corta-fogo — Paranheira de forno. (C. B.).

cortiço — Cilindro oco de cortiça que serve para nelle se espadelar o linho, para gaiola de perdizes e para colmeias. Utensilio de cortiça para guardar o sal na cosinha.

corucha — O mesmo que *corucho*. Usa-

se no norte do concelho. (C. B.).

corucho (crucho)—Especie de coroça (*croça*) com a forma conica; suspende-se da cabeça pelo capús, que constitue um só todo com a restante roda; é um abrigo rudimentar e só utilizado por mulheres e rapazes, porque não se pode trazer com chapeu. Parte superior ou remate de uma moreia de palha, de canastro de verga, etc.

«A corôa das arvores. L. L.».

coscaria—Quantidade de côscos. (C. B.).

côscros e **côscos**—Palhas verdes de varreduras para ninho ou cama de porco, etc.

«Residuos de palha de milho e folhelho, que ficam no campo depois da esfolhada. Em Pias (Monção) é o mesmo que *canhos*. C. B.»

cosida—s. f. (t. de correeiro). Serie de pontos cosidos; assim para o efeito de pagamento diz-se: *uma cosida, duas, cosidas, tres cosidas*... tanto em reis.

cosinhas—*Costélas* mais delgadas que servem para segurar e ligár o aro ao cesto. É t. de cesteiro.

costélas—Fasquias ou tiras delgadas de madeira (castanho, cerejeira, salgueiro) com que se fazem os cestos e cestas. As varinhas com que se confeccionam as *caniças*. Tambem se chamam *côstas*. Vid. *cascalheira*.

costurar—Trabalhar de costura.

costureira—Máquina de costura.

cotarélo—Outeirinho, pequena eminencia, cabeço.

cóte—Lado mais estreito ou aresta de um objecto. *Dar de cóte com uma tábua* é dar com a superficie, que representa a espessura. *Pegar de cóte*, tomar a tabua ou pegar nela por êsse lado.

coucéla—Qualquer recipiente do uso doméstico ou da cosinha, proprio para receber liquido; não vai ao lume. R. em Bouro.

côucera—Bicho, larva que ataca a madeira, perfurando-a em todos os sentidos; traça da roupa. Tambem mulhér mexeriqueira. E' vocabulo esdruxulo.

Tambem se ouve *côlera*.

«Molestia do gado. M. P.»

«Bichinho branco que ataca os cortiços das abelhas. Cf. *couça* in *Apostilas*, de Glz. Viana, e *couce* no *Elucidario*, de Viterbo. C. B.»

coucha—Talvez *côcha*; o mesmo que *cadoucha*. (L. L.).

couço—Peça da carruagem onde se embebe a estremidade da lança.

coucoeira e **coucão**—Vid. *côcão* nos dicionarios. (C. B.).

couçoeiro—O mesmo que *couçoeira*.

çoufa—O mesmo que *ceifa*, supra. (C. B.).

counho—Torrão ou pedaço de terra endurecida, com que se pode atirar como com uma pedra. R. em Padroso. (C. B.).

coussilo—Coussilho ou coucêlo, é certa herva das paredes e dos telhados. (C. B.).

«Os rapazes fazem com a membrana inferior dos foliolos posta entre os beiços um assobio. Emprega-se nas escaldadelas, friccionando. Tambem *coucêlho*. L. L.».

Verde como um coussilo é uma comparação usual.

cova do cão—Depressão na nuca, sob a região ocipital.

coxareira—*Trazer a vara á coxareira*: diz-se de uma posição habitual do varapau que os *contratadores* de gado usam, quando montados, o entalam entre a coxa e o selote.

coxelear—Coxear.

coxia—*Correr a coxia* é correr seca e meca. Vid. *Rev. Lus.*, v. 41.

crabeirão (craveirão?)—Utensilio de ferro, na oficina de ferreiro, com um furo no meio, para formar a cabeça dos pregos, principalmente

dos *garroles*, para os *rastos* dos carros de bois (C. B.).

crabo—*O lume ganha crávo*, quando já está bem ateado, com bastantes carvões e sem risco de se apagar facilmente. (C. B.).

crabunhar—*Crabunhar o ferro de uma peça de ferramenta* é dar-lhe a tempera de aço ao fogo; v. g. a uma enxada já gasta, espalmando-lhe o gume, na safra para lh'o renovar.

«Na *Rev. de Guimarães*, *acabrunhar*. C. B.».

«Tambem se ouve *cabrunhar*. M. P.».

crébo — Primeira pessoa do presente do indicativo de *cobrar* (quebrar); *crébas*, *créba*, mas *cubramos*, etc.

crenca — *Mulher crenca*, descansada, vagarosa, tonha.

crepes—A capa e batina eclesiasticas. *O padre F. vestiu hoje os seus crepes.*

criadoso — *Chuva criadosa*, criadora.

criba—Crivo.

cribão—crivo—Ha cribãod o milho e cribão do trigo ou centeio; a *criba* tem os buracos mais pequenos e emprega-se na limpa da linhaça. (L. L.).

cróca—Peça do carrinho do arado.

«Cavidade no tronco de uma arvore. C. B.».

crocar—Formar-se no tronco de uma arvore uma cavidade pela podridão ou velhice. *Deita-se o pão no caldo a crocar*, isto é, a embeber-se bem do liquido para não ter de se comer sêco por dentro. (C. B.).

crócha—Pendão, bandeira do milho.

«Tambem se ouve *corócha*, o que dá a entender que o vocabulo tem relação com a corôa. C. B.».

crôco—Carcomido, ôco; diz-se das arvores e até dos velhos.

crônhos—Coalhada de leite novo, do primeiro ou dos dois primeiros dias a seguir á paridura da vaca e que se obtem, fervendo aquêle ao lume; em varios pontos do concelho se usa como comida, sob varios nomes. (C. B.).

crosco e **coscro**—*Pano crosco*, tezo, engomado; *pasteis croscos*, fritos mais do que devia ser.

«Cfr. *coscoro*. C. B.»

crossada—Grande camada de geada. (L. L.)

crouchos—Vid. *carouchos*.

cruito—O cume de alguma coisa (da cabeça, da serra).

«Tambem se ouve *cruita*. C. B.»

crujidar—Tratar com cuidado, cultivar com esmero. *Campo crujidado*, campo cultivado com mimo, com *curiosidade*.

crujidoso—Cuidadoso, habilidoso, *curioso*. Tem-me parecido que a primeira consoante intervocalica não tem o som de *s* intervocalico da ultima silaba e por isso adoptei a grafia de *j*, tanto para este como para o termo anterior.

crunheiras—Ombreiras de uma porta. R. na Gavieira. (C. B.)

cruzeira e **cruzeiro**—Peça nas azenhas. E' um barrote vertical que serve, por meio de uma cruzeta que o atravessa na parte superior e de duas cunhas de madeira, para baixar ou elevar o arrieiro.

«Tambem se chama *cruz do moinho*. Termo da empa da vinha em latas: *atar uma cruzeira*. (L. L.)

cruzeiros—São os barrotes em cruz nas rodas das azenhas.

cú—*Cú do pião* é a saliencia de madeira oposta ao ferrão. Ha tambem o *cú do páu*, etc. (L. L.)

(*Continúa*).

F. ALVES PEREIRA.

MIGALHAS ETNOGRAFICAS

I. — Costumes populares

1. — *As surras da azeitona:* — Na ocasião da apanha da azeitona, mórmente em anos de boa safra e boa funda, é uso nas terreolas da Beira-Alta, do concelho de Taboa e limitrofes, deitar «surras» a quem passa junto do olival que se anda varejando, visto que o processo civilizado da ripagem é aí ainda desconhecido, e é porventura impraticavel, mercê da corpulencia das arvores. Ao passar pois qualquer pessoa, por exemplo uma mulher, proximo do olival que se está varejando, um varejador, que é naquela região o rei das graçolas, escarranchando-se sobre a pernada de uma oliveira, para adquirir mais firmeza, estabelece com outro, em voz bem sonora, uns dialogos desta feição:

— Ó moço?
— Que é lá?
— Dá cá a colher.
— P'ra quê?
— P'ra deitar uma surra àquela mulher.

E logo se levanta algazarra enorme, grita ensurdecedora, á mistura com sons roucos de buzina, emquanto a pessoa a quem foi lançada a «pulha» se vai escamugindo, enfiada, ás vistas lincicas dos varejadores e das apanhadeiras, a quem o diverrtimento convem, porque lhes proporciona um pedacito de folgado descanso, naqueles frigidos dias de inverno, em que as arvores escorregam como limo, da geada da noite, e as azeitonas cortam as mãos como pedaços de caramelo.

E como o azeite é um produto bem pago, e que pouca despesa cultural demanda, os patrões de boa-mente consentem nos folguedos, pelo que a «surra» em regra se repete deste uniforme teor:

— Ó moço?
— Que é lá?
— Torna-a cá dar.
— P'ra quê?
— P'ra lh'a tornar a deitar.

E de novo o mesmo sussurro se ergue, a mesma vozearia buzinada atrôa as quebradas dos vales, por onde as oliveiras escorregam, em grande lençol verde-negro.

2. — *A corridela de Entrudo:* — O costume de correr o Entrudo decai hoje nas vilorias da Beira-Alta. Inda ha poucos anos, em Espàriz, no distrito de Coimbra, assisti a uma dessas «pu-

lhas», que consistiam em apupos, em gargalhadas roufenhas, dirigidas de uma eminencia proxima ao povoado, através do bocal de funis, a um sujeito a quem aconteceu durante o ano algum desaire mais ou menos comico,—caçarola de iguaria mais fina que se despedaçou, ou se chamuscou ao lume, ou mesmo alguma tempestade domestica, proveniente de infilidade conjugal. Ha um camponio que conta o ridiculo episodio pela báquica tuba, ao que se segue reboante buzinar e vozearia que lá vae percutir dolorosamente as fibras do coração, as cordas do pundonor do individuo alvejado.

3. — *Contagem do tempo*: — O povo ignora em parte o nome dos meses, e sobretudo desconhece a sua sucessão cronologica, em vista do que, quando quer localizar no tempo certo facto ou acontecimento, emprega uma perifrase, bem pitoresca aliás, a qual se relaciona com a sua vida quotidiana, com o seu orbe rural, ou com as suas crenças religiosas. É esta a razão por que ao referir-se a um facto acontecido, por exemplo, em Outubro, diz que «foi no tempo das castanhas»; a um que aconteceu em Novembro diz que «foi no tempo da sementeira da pragana», e, finalmente, a um que aconteceu em Dezembro diz que «foi no tempo da azeitona». Depois Fevereiro é em regra «o mês do Entrudo», Março «o mês da Páscoa», Junho «o mês do S. João»; e o espaço cronologico, que vai de meados de Julho a meados de Agosto, «é o tempo das malhas», Setembro é «o mês de S. Miguel», e forma com a primeira quinzena de Outubro «o tempo das recolhenças».

Já no seculo XVI Gil Vicente se refere, num passo do *Auto da Lusitania*, a esta cronologia popular:

As amoras e o trigo
Vem no tempo dos melões [1].

Como haja dificuldade para o povo em pronunciar numeros altos, e se dê ao mesmo tempo o caso de as pessoas, mórmente de idade provecta, não saberem ao certo os anos que teem, empregam-se duas curiosas metaforas para aproximadamente se expressar a idade. E assim, quando perguntamos a uma velhota, tremula e resequida como pergaminho, que idade tem — ela responde-nos, não sem certo orgulho na sua desolação: — «já cá tenho em riba á roda de um moio e mais um carro». Isto tradu-

[1] Veja-se a edição de 1852, Lisboa, III, 262.

zido em vulgar, quer dizer que a mulherzinha orça pelos cem anos, pois o moio tem sessenta alqueires, ou medidas, e o carro quarenta.

II. — Aliterações

1. — Meter a mão na maquia.
2. — Pôr o pé no pescoço.
3. — Morrer de morte macaca.
4. — Fazer fósquinhas.
5. — Cuspir-lhe na cara.
6. — Abobora que arroz é agua!
7. — Quem cala consente.
8. — Andar a arrastar a asa.
9. — Cair de cangalhas.
10. — Agora já não tem apêlo nem agravo.
11. — Ter as mãos na massa.
12. — Não fazer farinha.

III. — Fórmulas enfaticas

1. — Fedia que tresandava.
2. — Cheirava que rescendia.
3. — Sabia que regalava.
4. — Corria que desaparecia.
5. — Ria que chorava.

IV. — Fórmulas rimadas

1. — Ande eu quente,
e ria-se a gente.
2. — Primeiro estão dentes
que parentes.
3. — Não tem eira,
nem beira,
nem ramo de figueira.
4. — Bem te vejo
perçevejo,
5. — Prometer mundos
e fundos.
6. — Sai a acha
á faxa.
7. — Ir a Lisbôa
a cavalo numa forôa.
8. — Quem tem capa
sempre escapa.
9. — Dente pôdre fóra,
outro são na cova.
10. — Em casa da Mazaruca,
quem não trabuca,
não manduca.
11. — Se o mal não dobra,
galinha não prova.
12. — Misturar alhos
com bugalhos.
13. — Cresça
e apareça.

V. — Interpretação de sons

1. — É a seguinte a interpretação do rufar de marcha dos tambores militares:

Um tostão,
Cento e dez;
Nunca chega
A seis vintens.

2. — E o toque a doentes, nos quarteis, é interpretado pelos soldados deste teor:

Quem quer galinha
Vae p'ra o hospital;
Mas coma poucachinha,
Que lhe póde fazer mal.

VI. — Frases populares

1. — É querer tapar o céo c'uma joeira.
2. — Não chores, que tambem vaes; e se fores meigazinha vaes ao colo.
3. — É comer papas com um fuso!
4. — Cozer a carraspana.
5. — Deu-lhe volta ao miolo.
6. — Agora assobia-lhe ás botas.
7. — É mulher de uma cana só!
8. — Pintar a manta.
9. — Isto é... por aqui me sirvo!
10. — Baba-se pelo diacho do homem.
11. — Levar sumiço.
12. — Fazer as coisas á tôa.
13. — Deu-lhe pr'aí na tineta.
14. — Temo-la travada!
15. — Veio a dar em borra.
16. — Jogar com um pau de dois bicos.
17. — Comer a dois carrinhos.
18. — Não dar ponto sem nó.
19. — Estar pôdre de rico.
20. — Andar ás cegas.
21. — Estar de olho á espreita.
22. — Estar de ouvido á escuta.
23. — Ia todo concho.
24. — Vinha todo lampeiro.
25. — É capaz de o enfiar pelo fundo de uma agulha.
26. — Estalou-lhe a castanha na bôca.
27. — Chegar feito numa sôpa.

28. — Ter os ossos num feixe.
29. — Estar de casa e pucarinho.
30. — Estar a arreganhar o ouriço.
31. — Aquilo é trigo sem joio!
32. — Falta-lhe uma aduela.
33. — Meteram-he os tampos dentro.
34. — Andar a dar á taramela.
35. — Não lhe pesar o pé uma onça.
36. — Parece um bicho do mato.
37. — Chegar a brasa á sua sardinha.
38. — Ir ás carreiras.
39. — Cantar no papo.
40. — Foi-lhe meter tudo no bico.
41. — Andar a fazer negaças.
42. — Isso traz agua no bico!
43. — É mesmo um papagaio a ler!
44. — Não lhe escapa nada pela malha.
45. — É remar contra a maré.
46. — Estava na aldeia e não via as casas.
47. — Estar de pedra e cal.
48. — Disse um chorrilho de asneiras.
49. — Aturar esta bucha!
50. — Dizer tudo de fio a pavio.
51. — É uma maré de rosas.
52. — Ter as costas quentes.
53. — Chovia agoa se Deus a dava.
54. — Ficar mamado.
55. — Deu-lhe agoa pela barba.
56. — Correu a rua de cabo a rabo.
57. — É preciso tirar-lhe as nevoas dos olhos.
58. — É um céo aberto.
59. — Está de a comerem os anjos.
60. — Foi com o fogo no rabo.
61. — Não me enche as medidas.
62. — Isso passa das marcas!
63. — É um fraca roupa.
64. — Anda aqui tudo numa dobadoira.
65. — Dar com a cabeça pelas paredes.
66. — Dar com as ventas ńum sedeiro.
67. — Vender gato por lebre.
68. — Êles agora é que campam.
69. — É um cabecinha de vento.

70. — Inda está com cara de galhofa.
71. — Estou farto até aos olhos.
72. — É todo senhor do seu nariz.
73. — Agarrar com unhas e dentes.
74. — Agùente que tem bons ombros!
75. — Meter os dedos pelos olhos.
76. — Fazer as coisas a tempo e a horas.
77. — Confessar com lingoa de palmo.
78. — Dizer o que vem á boca.
79. — É um unhas de fome.
80. — Andar nas bocas do mundo.
81. — Pregá-la na menina do ôlho.
82. — Chegar á boca da noite.
83. — Fazer das tripas coração.
84. — É uma rapariga tiradinha das canelas.
85. — É uma dôr de coração.
86. — Ficar numa pasmaceira.

VII.—Jôgo infantil

Jôgo do Celdorico. — É um jogo antigo. Gil Vicente já se lhe refere na farsa — *Quem tem farelos* — A velha fica varada com a retorica da filha:

Tomade-a lá! Ui, Izabel!
Quem te deu tamanho bico,
Rostinho de Celorico? (1)
És tu moça ou bacharel?

O jôgo de Celdorico, ou Cerolico, na forma vicentina, arenga-se na Beira Alta, terras da comarca de Taboa, beliscando superiormente as falanges do dedo maximo de varias crianças, que sobre uma mesa, ou sobre o mesmo chão, assentam as mãozitas:

—Celdorico, Celdorico,
Quem te fez tamanho bico?
—Foi Nosso Senhor Jesu-Cristo.
—Que tu vás, e que tu venhas,
Lá p'ra traz dessas montanhas.
Quer de ouro, quer de prata,
Manda o rico que vás á mata.
O piolho na tripeça,
A pulga na balança,
Dá um pino—põe-te em França!

E a criança, cuja mão foi a ultima a ser beliscada, retira-se para um canto, donde depois volta ao ponto do jôgo,—«escolhido o burrinho em que quer vir»,—ás cavalitas de outra criança.

(1) Veja-se a edição de Lisboa, de 1852, a páginas 22-23, terceiro volume.

VIII.—Adivinhas populares

1. — *O ovo:*

Não tem arco, nem arcote,
E está cheio até ao batoque.

2. — *A lingua:*

Entre pedras e pedrinhas,
Está uma dama deitada;
Quer chova, quer faça sol,
Está sempre a dama molhada.

3. — *O milho:*

Capa sobre capa,
Capa de fino pano.
Não o sab'rás este ano,
Nem p'ró outro que vier,
Só se tu eu disser (1).

IX.—Etimologias populares

1. — *Mau-fraijo* — por *naufragio*. A credulidade popular liga a estas catastrofes maritimas uma ideia de horror, de ruina, de maldade por conseguinte, — e dai o scindir a palavra em duas partes, a primeira das quaes é o adjectivo que traduz ao vivo o conceito que de taes tragedias o povo faz, e a segunda a que propriamente expressa o desastre.

2. — *Nobre-cidade* — por *universidade*. O fenomeno analogico operou-se aqui, talvez, sob o influxo da seguinte trova popular:

Coimbra, nobre cidade,
Onde se formam doutores:
Onde se foram formar
Os meus primeiros amores.

3. — *Presencia* — por *presença*. Aqui a palavra influente foi talvez a antónima — *ausencia*.

X.—Comparações populares

1. — Estar quente que nem um borralho.
2. — Ficar com os dentes como ossos.
3. — É uma cara que alumeia como o sol.

(1) O meu ilustre professor o infatigavel folklorista snr. dr. Leite de Vasconcellos apresenta nas *Tradições populares de Portugal*, Porto, 1882, página 129, uma adivinha a respeito da cebola, que com esta que damos oferece estreito paralelismo.

4. — Frio como o nariz de um cão.
5. — São como um pêro.
6. — Cair como a sopa no mel.
7. — Passar como mel coado.
8. — Morder como uma frieira.
9. — Ficar contente como um gato c'um chocalho,
10. — Passar como cão por vinha vindimada.
11. — Aborrecer como os mosquitos.
12. — Estar como Deus com os anjos.
13. — Benzo-me dêles como do Diabo.
14. — Pegar como visco.
15. — Foi-se a êle como um touro.
16. — Estão sempre como o cão com o gato.
17. — Deitou-se-lhe como gato a bofes.
18. — Meter-se como piolho por costura.
19. — Estar como o carrapato na lã.
20. — Cheio como um ôdre.
21. — Eram tantos como a praga.
22. — Doer como a breca.
23. — Custa como burro.
24. — Branca como uma açucena.
25. — Fugir como farinha em peneira.
26. — Marinha que nem um gato.
27. — Ligeiro como o vento.
28. — Pô-lo raso como o chão.
29. — Cantar como um rouxinol.
30. — Comer como um alarve.

XI. — Arengas populares

1. — *O esconjuro do milhafre:* — Quando o milhafre anda pairando no azul do céo, ou descreve, em descensão, curvas espiralicas, as mulheres da Beira-Alta, terreolas de Espàriz, e circumvizinhanças, que têm galinhas com ninhadas, acudindo aos cacarejos do «penagaço» espavorido, enristam o punho para a ave de rapina, e vociferam esta parlenda imprecatoria:

Martaranho do pecado,
Não m'azangues o meu gado,
Nem no branco, nem no negro,
Nem no qu'anda misturado.
Este gado não é meu,
É da Virgem que m'o deu.
Lá p'ra traz d'aquela serra,
Encontrarás o teu pae morto,
Enforcado num ganhoto;
Come a carne e deixa os ossos,
P'r'ámanhã p'ró teu almoço.
Queimá-lo, queimá-lo,
C'uma faxa de palha ao rabo!
Biu! biu! vá p'rá pata que o pariu!

Depois, terminada a lenga-lenga, afastado o imediato perigo, as mulheres chamam com voz meiga os pintainhos: — «pequeninos, pequeninos»; — contam-nos, e lançam-lhes carolos que eles bicam, esfervilhando-se e pipilando de prazer.

XII. — Interpretações populares

É costume do povo traduzir por palavras articuladas, monossilabos, e por vezes, até frases conceituosas, as vozes dos animaes e os pipilos das aves.

1. — Isto observa-se já em Gil Vicente, que no *Auto das Fadas* interpreta por voz humana o canto agudo do minhoto:

Esta ave diz-nos que vio
Mas não pode ver mais bem
Que a dama que ora o tem (1)

2. — Hoje em dia o povo beirão, quando ouve grasnar os corvos, que em vastas nuvens descem sobre as sementeiras, tem esta frase: «lá estão os corvachos a dizer — quatro, quatro».

3. — Ao cantar da poupa dá esta interpretação: «poupa o pão, poupa o pão», frase aliterada, que o povo, como vezes bastas acontece, em virtude de uma tendencia geral, arredondou, acrescentando-lhe: «p'ra o mês de verão», junho, talvez, no conceito popular, pois que só por volta dos meados de julho se efectuam nas eiras as primeiras malhas dos cereaes de pragana, facultando a cosedura de fornadas de pão novo.

4. — O pipilar matinal da cotovia relaciona-o o povo com o erguer da cama, e dá-lhe esta curiosa interpretação: «arriba, arriba», que é como que uma intimativa para madraços e dorminhocos irem para a labuta quotidiana.

XIII. — Crendices populares

1. — É naturalmente muito viva nas terras do concelho de Taboa a crença no Diabo. Ha tempos um individuo que na aldeola de Espàriz, tinha fumaças de libertino, veio contar a publico que dirigindo-se a sua casa, cerca da meia-noite do dia de S. Bartolomeu, «em que o Diabo anda ás soltas», vira deitado no meio do caminho um cabrito a gemer, o qual tangido levemente pela biqueira da bota, lhe saltou ao peito, num choque

(1) Veja-se o III volume da edição de Lisboa de 1852, página 118.

violento, que «quási o virára de cangalhas», soltando um berro cabrum, que estrugiu por aqueles valeiros — e deixou a criatura «mais morta do que viva». O caso foi largamente comentado, e no dia seguinte correu como novidade a tal aparição do Diabo, proveniente talvez de uma alucinação de medo, nascida da passagem de qualquer animalejo noturno.

2. — Tambem a crença nas Bruxas se mantem. As crianças, que de manhã acordam apresentando pelo corpo rosetas e raiações de malhas marmoreas, foram durante a noite mordidas pelas Bruxas, que tem o condão de se metamorfosearem no animal que quiserem, em pulgas até, para mais facilmente poderem «chupar o sangue dos inocentinhos», de que são muito avidas e gulosas.

3. — Crê-se igualmente nos Lobishomens. Ha na terreola de Espàriz um velhote, feio como o pecado, e avaro como um Judeu, que se martiriza dormindo sobre taboas nuas, e tirando êle proprio a charrua com que ara as leiras e quintaes, a grade com que os grada, muito beato, grande devoto do Coração de Jesus, — que o povo afiança ser um Lobishomem. Individuos ha que contam terem passado a horas mortas junto da casa que ele habita, e ouvirem, «correndo como o vento pelos caminhos fóra», um forte barulho, uma estridencia complexa, arrastar de cadeias, rolar de latas, tinir de guisos, chocalhar de ovelhada, — tudo passando, porém, sem os molestar, porque se abrigam nos desvãos dos portais, ou por trás das sebes e silveiras. Estas alucinações parecem apresentar caracter sugestional, nascido da enraizada crença, e cuja causa proxima reside provavelmente no estrupido que certos animaes noturnos fazem através, por exemplo, dos milharaes espessos ou dos feijoaes.

João da Silva Correia.

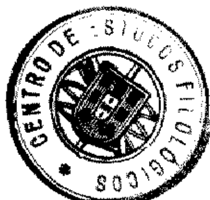


ESTUDOS CAMONIANOS

I (1)

«É mortificante o trabalho de imprimir com perfeição livros latinos, e ainda mais o de imprimir livros gregos, mas superior a tudo está o desgosto de ver tão mal empregada tanta solicitude, n'este tempo em que mais se cuida das *armas*, do que se presta atenção ás *letras*».

No «Prologo» de Aldo Manucio ao **Thesaurus Cornucopiae** — *1497*.



Os dois exemplares dos Autos e Comedias de Antonio Prestes, Luis de Camões e outros.

Em celebração da memoravel data — 10 de Junho de 1580 — dei no jornal *O Dia*, de terça-feira 10 de Junho de 1913, breve e sucinta noticia dos dois exemplares, conhecidos, do livro apontado na epigrafe supra, verdadeira raridade bibliografica da literatura portuguesa.

Fundava-me em ter falecido meses antes daquela data Constantino de Sousa Lobo, irmão e herdeiro do possuidor de um dos dois exemplares dos *Autos*, — o completo —, e não ter deixado em seu testamento, que foi público pela Imprensa diaria, determinação alguma, ácêrca do destino que deveria dar-se ao precioso livro.

Ora, seu irmão, Augusto, poucos meses antes da súbita congestão que o vitimou, afirmara-me, como contei naquele meu aludido artigo, *tê-lo escondido na sua residencia de S. Lazaro, de modo que haveria de custar a atinar onde o guardara.*

¿Teria, pois, continuado a permanecer oculto o curioso repositorio de literatura scénica nacional do seculo XVI até sobrevir o falecimento do testador, não tendo ele, por tal motivo, chegado a entrar na sua posse, ou tê-lo-ia achado, e ter-lhe-ia dado qualquer destino que não houvesse logrado conhecimento público? Neste presuposto, o caso adquiria tal qual gravidade, porque ter-se-ia dado com absoluto desconhecimento dos funcionarios a quem naturalmente, e em nome da Nação, cabia o vi-

---

(1) Publiquei sobre o assunto outros *Estudos*. O primeiro foi, por sua ordem, o que, sob a epigrafe *A Economia dos Lusiadas*, saiu no **Boletim da Sociedade de Bibliophilos «Barbosa Machado»**—Ano III, n.º 3—Lisboa, 1916. O segundo e o terceiro vieram a lume, nas datas mencionadas neste, no jornal *O Dia*.

giar que a sorte daquela preciosidade literaria portuguesa não fôsse, em certo modo, identica ao lastimavel destino que viera a ter o celebre *Tirant-lo-Blanch*, após tantas diligencias para evitar-lhe a desaparição [1].

Acrescia que, logo ao dar-se o repentino falecimento de Augusto de Sousa Lobo, impressionado pela declaração que lhe ouvira, e acima fica transcrita, me apressei a chamar para este caso a atenção de uma folha noticiosa desta capital, lembrando a necessidade de se averiguar o paradeiro do famoso livro, começando-se por tornar pública a singular deliberação que ameaçava irremediavel a sua perda. Foi-me, porém, mandado responder que sendo o caso «assunto de familia», se escrupulizava em dar á noticia qualquer seguimento.

Em vista d'esta resposta, que mais me vexava pela sua significação anti-literaria nacional, do que pelo que pessoalmente me poderia tocar, não sendo eu dado a intrometer-me em *vidas alheias*, ficou este interessante assunto de todo prejudicado.

Tal era, portanto, a materia do artigo de que me declarei autor. Nele apelava, em remate, para a entidade oficial, respeitavel pela competencia literaria e pelo cargo em que se achava e se acha ainda, e com geral aprazimento, investida, tendo, por conseguinte, qualidade para interessar-se pelo assunto. Acaso poderia o ilustre Director Geral das Bibliotecas e Arquivos lograr que viesse a apurar-se se os *Autos* de Antonio Prestes teriam saido, porventura, para fóra de Portugal, ou se continuariam a existir, roídos de bichos, nalgum escuso, onde seu segundo proprietario [2] os condenára a morrer morte de Inquisição.

Tenho o maior prazer em testemunhar que S. Ex.ª o snr. dr. Julio Dantas, meu distintissimo confrade, quis ter a condescendencia de honrar o meu obscuro apêlo, iniciando diligencias no sentido que se lhe requerera, mas tenho tambem o pesar de confessar-me totalmente ignorante do resultado das suas, que haveriam de ser sem nenhuma dúvida, muito bem dirigidas

[1] A historia da perda que Portugal sofreu com a desaparição d'este celebre incunábulo pode ler-se de pag. 110 a 136 da publicação intitulada **Os Incunabulos da Bibliotheca Publica do Porto**, por Arthur de Carvalho (*Capa*). **Incunaubios da Real Bibliotheca Publica Municipal do Porto** *por Arthur Humberto da Silva Carvalho, com 17 reproducções no texto em fac-simile*—Nova Edição—(*Emblema em forma circular, reproduzindo o Brasão de Armas da Cidade da Virgem, com a legenda* «**Bibliotheca Portuensis**»—*Porto—Imprensa Portugueza*—112, *Rua Formosa*, 112—1904 (*Pagina Frontispicial*).

[2] O livro fôra adquirido, completo, pelo pai do Catedratico Augusto Maria da Costa e Sousa Lobo, o Comissario no Porto, em 1842, do Conservatorio Real de Lisboa, Antonio Maria de Sousa Lobo, de quem seu filho o herdara.

diligencias, para se poder saber, emfim, que destino levou aquele já celebre livro, e as razões porque não terá sido possivel a sua adquirição para a Biblioteca Nacional, a fazer amoravel companhia a seu mutilado irmão.

Para que bem se compreenda o motivo da singular declaração que me fizera o meu antigo lente no Curso Superior de Letras, e que desde então me ficou honrando com a sua apreciada estima, reproduzirei, aqui, abreviando-a, a parte d'aquele meu artigo que ao facto se referia.

Empenhado tambem, como tantos homens de letras de ha quarenta anos, mas muito mais modesta e reconditamente, já se vê, na resolução do problema dos problemas da bibliografia nacional; — a destinada a desatar o nó gordio da prioridade, e por conseguinte, da genuinidade de uma das duas edições dos **Lusiadas** de 1572, a qual por tal facto seria sem contestação proclamada *princeps*, imaginára eu, muito erradamente, aliás, e como pelo discorrer dos anos vim a reconhecer, e o confessei na minha predita narrativa, que pelo confronto da grafia das duas comedias de Luis de Camões, que fazem parte da colecção dos *Autos*, com a das chamadas duas edições primeiras do Divino Poema, viria a conseguir a almejada solução. Tal qual o bom Xavier de Maistre, trazendo á luz do Espaço o livro das suas revelações, assim eu alcançaria poder dizer á literatura patria boquiaberta: — Ei-la, Senhores; aqui a tendes, a verdadeira *edição princeps* dos **Lusiadas!** Acabo de certificar-me do facto pela leitura do *Filodemo!*

Ora, sabendo, graças a Innocencio, que Sousa Lobo era possuidor do unico exemplar perfeito que dos *Autos* se conhecia, fiz como os rapazes principiantes de desenho, que, porque traçam no papel, e mal, os primeiros riscos do desenho liniar, querem que o pai logo lhes compre um estojo de pulimento, com todas as peças, desde o grande compasso até o semi-circulo graduado, de goma de peixe. — Ao revéz de contentar-me com ir á Biblioteca examinar o exemplar que ela possue, e satisfazer-me com isso, embora tal exemplar não esteja perfeito, preferi pedir ao Prof. Sousa Lobo o favor de cotejar as notas que lhe mandei com os passos das Comedias de Camões que lhes correspondessem, com o fim de promover um desengano ácêrca das terminações em *-ão*. Como tais diligencias acabaram di-lo aquele meu artigo.

Recorri, pois, posteriormente, e milhor advertido, ao exemplar da Biblioteca, e eis o desengano que alcancei:

Começarei por fazer reimprimir o titulo da obra, na disposição em que o apresenta o frontispicio, pois que não era possivel dar em *O Dia* mais que o enunciado, sacrificando o aspecto do texto á exiguidade da coluna.

É como segue:

Primeira
Parte dos Avtos
E Comedias Portvgvesas
feitas por Antonio Prestes, & por Luis de Camões, & por outros Autores Portugueses, cujos nomes vão nos principios de suas obras. Agora nouamente juntas & emendadas nesta primeira impressão, por Afonso Lopez, moço da Capella de sua Magestade, & a (sic) *sua custa*
Impressos com licença & priuilegio Real
Por Andrés Lobato Impressor de Livros
Anno M. D. Lxxxvij

É 4.º de 179 folhas, e não «*paginas*», como foi indicado no **Dicionario Bibliografico Português,** Tom. I, pag. 241, visto que a numeração é de um só lado ([1]).

Os «*Autores Portugueses*» compreendidos na Colecção já foram mencionados no artigo a que me referi, e assim tambem o numero de obras que a cada qual deles toca. Volto a repetir uma e outra nota:—a Antonio Prestes pertencem 7 *Autos*, a Luis de Camões 2 (*Emfatriões* e *Filodemo*). A Henrique Lopes 1, a Jorge Pinto 1, a Jeronimo Ribeiro 1. Ao todo, 12 produções de teatro, obra de 5 Autores.

As folhas a que devem corresponder os n.os 43 e 45 estão numeradas, respectivamente, 44 e 46, sem prejuizo da igual numeração que a estas compete. O texto é impresso a duas colunas, exceto algumas falas em prosa no *Filodemo*, que ocupam em cheio as folhas onde se acham. No verso da folha 179, que está toda cheia, lê-se no final da 2.ª coluna a seguinte rúbrica:

«*Vanse todos, & fenece a presente obra*».

E a seguir:

«Fim do Liuro Primeyro»

([1]) Não deve, entretanto, deixar de ler-se este artigo o e do Tomo VIII (1.º do *Supl.*), a pag. 288, adiante citado.

Rectificando agora o que se lê em Innocencio (T. VIII, 288) ha que explicar o seguinte:

A folha que inteiramente desapareceu do livro é a 169, na Comedia *Os Cantarinhos*, de Antonio Prestes. Da 107, que está dilacerada em diagonal, desde o seu alto direito á sua margem esquerda, falta, por conseguinte, o retangulo correspondente á numeração. O desastre coube á Comedia do *Fisico*, de Jeronimo Ribeiro. Ficaram, pois, incolumes os dois *Autos* de Luis de Camões.

Quanto ás formas vocabulares, cujos plurais deviam constituir, segundo a minha ingénua persuasão de ha quarenta anos, o desengano ácêrca de qual das duas edições dos **Lusiadas** de 1572 haveria de ser a *princeps;* se a que os formava em *-am*, se a que os apresentava em *-ão*, a seguinte fala na Comedia *Os Emfatrioes* (sic), que decorre de pag. 86 até pag. 101, mostrará ao leitor benevolo que especie de desilusão estava esperando os meus raciocinios a respeito da ortografia camoniana, contraprovada pelas obras scénicas do Poeta.

Começa a Comedia, entrando «logo *Almena* saudosa do marido q̃u he na guerra, & diz:»

«Ha señor Anfatrião
Onde estaa todo meu bem
pois meus olhos vos nam vem
falarey ao coraçam
que dentro nalma vos tem
ausentes duas vontades
qual com mores perigos
qual sofre mores crueldades
Se vos antre os enemigos
se eu antre as saudades.»

Transcrevo ainda, ao acaso, uma resposta que a *Jupiter*, transmudado em *Anfitrião*, dá *Mercurio*, que se propõe passar aos olhos de *Almena* pelo seu criado *Soseas*, castelhano:

«Quẽ tão proprio se trãsforma
tenho por openiam
que na tal transformação
lhe prestou natura a forma
Cõ que fez Anfatrião».

Tambem no Filodemo se imprimiu:

«& mais estas *tam* viçosas
«que *estam* a boca que queres».

Ocorre-me que naquele meu artigo aleguei, entre outras razões para não acreditar na genuinidade da edição do *-am*,—a que ficou provado, já agora, ser, de facto, a contrafeição da verda-

deira *princeps*, — atribuir-se ahi ao Poeta «lingua de preto», quando lhe fizeram escrever:

«Cai a soberba *Ingreza* do seu throno».

Pois nos *Emfatriões* não falta, e por diversas vezes, a transformação do adjectivo *clara* em *crara!*

Em suma, julgo não serem precisas mais transcrições, para provar a anarquia ortografica de *toda* esta compilação de Autos e Comedias portuguesas, dada a lume sob os auspicios do apreciavel comediografo Antonio Prestes. E digo *toda*, porque o proprio Prestes e os demais autores não são melhor tratados nela pelo improvisado editor Afonso Lopez, no que toca ao policiamento vocabular das suas obras, que ele ainda tem o descaro de declarar «*emendadas*»!

¿Quem sabe, afinal, porque vicissitudes semelhantes «*Autos*» passaram; que especie de possuidores foram os dos *originais* deles, que deixaram tirar as grosseiras provaveis *copias* que Afonso Lopez, sem gosto, sem criterio, sem cousciencia, em suma, das suas obrigações de editor, ahi deixou, tão desmazeladamente reunidas, tão lastimosamente estragada a poetica de que elas se pretendem interpretes?!

E comtudo; e apesar destes senões, que pena que o exemplar de que foi herdeiro Constantino de Sousa Lobo não ficasse pertencendo á Biblioteca Nacional de Lisboa!

Emfim, passarei a tratar agora da propria edição *princeps* dos **Lusiadas**, e das suas duas portadas, referindo-me tambem ao artigo que a tal respeito publiquei no indicado jornal *O Dia*, de 10 de Junho do corrente ano.

Almada, Novembro de 1916.

GOMES DE BRITO.



TRADIÇÕES POPULARES DE SANTO TIRSO

(2.ª série) (1)

Como deixava entrever o meu primeiro trabalho sôbre as tradições populares de Santo Tirso, o assunto ficou muito longe de ser esgotado. Acumulei mais algumas centenas de observações, que ficam registadas agora, e continuarei a tarefa até que, tendo estudado melhor todas as frèguesias do concelho, possa elaborar uma obra de conjunto tam perfeita quanto o permitirem as minhas fôrças.

Os elementos apresentados nos vol.es 17 e 18 desta *Revista* e os que reuni depois demonstram a existência de caracteres, que, de resto, não são peculiares da minha terra.

O povo de Santo Tirso é extremamente fatalista. As fórmulas—*Tinha de ser, será o que Deus quiser, o Senhor assim o quis, se Deus quiser, é o que tem de ser*— andam na bôca de todos os lavradores, libertando-os duma responsabilidade que os horroriza. Dispensam-se assim de colaborar na vida pública, de emitir o seu voto livremente, de chamar médico para doenças graves, de aplicar certos cuidados na vida agrícola, etc.

Embora não sejam inteiramente como «*aqueles q̃ nunca ou rara vez pintàrão na consideração este horrivel monstro da morte, antes fugião tanto das occasiões de lhes poder lembrar, que nem enterros querião ver, nem dobrar sinos, e por isso no dia da commemoração de todos os defuntos se ausentavão para as quintas; e de quebrar-se hũ espelho, ou pôr-se hũa vela no chão, tomavão tristeza tão vã, como o seu agouro* (2)», pois que assistem despreocupadamente a enterros e cerimónias de fiéis defuntos, a verdade é que os tirsenses são profundamente supersticiosos, povoando a noite de sêres agoureiros e fazendo daquilo que se deve e não deve fazer um tratado completo que vão transmitindo fielmente de geração em geração.

Parece-me curioso transcrever aqui a parte das «*Constituições Sinodaes do Arcebispado de Braga*» (ordenadas em 1639 pelo Arcebispo D. Sebastião de Matos) (3) que ainda hoje podia aplicar-se plenamente a crenças que vigoram em Santo Tirso. —*Tit.* XLIX, *Const.* I, pag. 606:

---

(1) Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 17 e 282, e XVIII, 183.

(2) Bernardes, *Exerc. Espirit.*, vol. I, pág. 393.

(3) Lisboa (1697). Consultei a obra no arquivo da paróquia de Areias, pertencente assim como outras frèguesias do concelho, ao arcebispado de Braga.

«Da graveza dos delitos da feitiçaria, superstição, e agouros, e como se devem prohibir e detestar».

3. Por varias vezes se pretende adivinhar, alcançar o futuro, como he por feitiçarias, nigromancias, prestygios, arte magica, agouros, sortes, encantamentos, invocação dos espiritos malignos, e por outros semelhantes modos...

4. ... mandamos ... que nenhũa pessoa ... faça conjecturas... por sonhos, ..., cantar das aves, e animaes, ..., ainda que tudo se ordene a remediar alguns males, ou descobrir thesouros, ou furtos: ou para saber algũa cousa passada, ou o que passa, e acontece em outras partes remotas; porque sem ajuda, e obra do demonio, não he possivel saber-se [1].

5. E sob a mesma pena de excommunhão, prohibimos, que pessoa algũa ... use de arte notoria, querendo por observancias vans, e supersticiosas ceremonias, ainda que seja por meyo de oraçoens ... feitas a Deos nosso Senhor, com certas palavras, ou sinaes exquisitos, e não usados, alcançar ao certo, ..., o conhecimẽto das cousas, que estão por vir ... para se livrarem de algum infortunio, ou para não poderem ser feridos em briga algũa, ou para alcançarem saude os que estão enfermos.

6. ... E declaramos, que os que pedem aos Egypcios lhes digão sua boa, ou ma fortuna, peccão gravemente, dando credito ao que lhes dizem.

7. Prohibimos ... que nenhũa pessoa deste Arcebispado tenha agouros, e observe, ou note os dias, e horas, em que começão os negocios, obras, ou caminhos e serviços, e saem de suas casas, esperando ou temendo, por essa razão, bom ou máo successo nas ditas obras, caminhos, serviços, ou negocios...

8. Mandamos ... que nenhũa pessoa faça pacto com o Demonio, nem o venere, nem o invoque por algum modo, para algum effeito: nem use de algũa bruxalidade, feitiçaria, ou seja para bom ou máo fim, principalmente usando de pedras de Ara, corporaes (utensilios de consagração) ou outras cousas sagradas, ou bentas, para legar, ou deslegar, cõceber, ou fazer mover, ou parir mulheres, ou usarem de beberagens, ou outra cousa, para querer bem, ou querer mal; nem de outros unguentos, e confeiçoens supersticiosas para embruxar, ou para qualquer outra cousa, ou effeito máo ou bom.

---

[1] A explicação demonstra ser perfeitamente razoável o que disse a pág. 19 do vol. XVII desta Revista. O povo acredita, mas ... é pecado.

9, ... não he prohibido usar da Astrologia natural, que se chama astronomia ...

Nem tambem he prohibido usar da judiciaria Astrologia natural, que nos livros approvados se declara; e assim será licito a qualquer pessoa, pelas influencias, e constellaçoens dos Ceos, pelas estaçoens, ou movimentos dos astros, suas conjunçoens, e aspectos, conjecturar os effeitos futuros, muy importantes, e necessarios para ajudarem as artes da Medicina, Navegação, e Agricultura dos campos, e das arvores.

10. Declaramos tambem não ser prohibido levantar figura pelos astros, e aspectos dos Planetas, e constellações sobre nascimentos das pessoas, observando a hora do nascimento, e temperamentos e compleiçoens dos pays: o que então será licito, quando se use desta sciencia para sómente conjecturar as inclinaçoens naturaes, e temperamento das pessoas.

E não se deve affirmar nesta materia cousa algũa por certa, antes se porá em Deos... [1]».

—O espirito religioso está profundamente arreigado—o que não impede muitos crentes de proferir ditos e narrar anedoctas e orações irónicas em que os padres são objecto de escárneo e de ironia.

Há também fregueses, que ouvem missa, e aceitam todos os serviços próprios dos sacerdotes, sem que tenham escrúpulos de recusar o pagamento das ofertas e honorários, consignados no antigo *Livro dos Usos e Costumes.*

—A tendência pàra a criação de alcunhas existe em Santo Tirso, assim como em tôdas as partes do país, não sendo vício característico de Vila Rial como poderia depreender-se dum trabalho publicado num dos volumes desta *Revista* pelo meu saudoso amigo P.e A. Gomes Pereira, nem de Barroso (V. o artigo de Braga Barreiros no vol. XVIII, pág. 224 da mesma publicação).

Basta considerar uma lista incompleta de nomes colhidos na freguesia de Areias, embora alguns indivíduos *marcados* pelo povo pertençam a outras freguesias:

Alcunhas derivadas de profissões:

Pàdeiro [2], *Tecelão* [3], *Tamanqueira* [4], *Ferreiro*, *Vendei-*

[1] Cfr. nos ensalmos: «*Pelo poder de Deus ...*» «*Que me ensinou, que eu nada sabia*», «*Nosso Senhor é o verdadeiro Mestre*».

[2] Teve uma padaria.

[3] O *Tombo da Igreja de Santiaguo darêas* (1540) descreve já umas «*casas honde viveo Añes Teçelão*».

[4] Filha dum tamanqueiro.

ras (1), *Escola* (2), *Marinheiro*, *Borra-paredes* (3), *Forneiro* (4), *Parteira*, Manuel *Cirurgião* (5), *Regedor* (6), *Furriel* (7), *Patuleia*, *Bombo* (8), *Rabeca* (9), *Cesteiro*.

Alcunhas nascidas de qualidades ou defeitos físicos:

Manco (10), *Maneta* (11), *Cego* (12), *Fanado* (13), *Cambada* (14), *Fefe* (15), *Squerdo* (16), *S. Pedro* (17), Maria *Grande* (18), *Franciscão* (19), *Pilão* (20), *Rabucho* (21), *Rompante* (22), *Comprido* (23), O *Gordo* do Casal (24), *Vermelho* (25), *Russo* (26), *Maçãzinha* (27), *Cara Linda*, Maria *do Menino* (28) João *dos Versos* (29), *Cheta* (30), *Corado*, *Vara e meia*.

Sinais ou caracteres donde resultaram comparações:

Rato, *Toupeira*, *Bicho*, *Morcego*, *Pulga*, *Papagaia*, *Chasco* (empregado por Camilo na *Braz. de Praz.*), *Melro* (id. ibid.), *Carriço*, *Mocho*, *Pomba*, *Rôla*.

Alcunhas transmitidas por pessoas da mesma casa (v. g. mulher, marido e sogra):

O *Benadita* (Benedita), Manuel *da Júlia*, Maria *da Isabel*,

---

(1) Filhas dum vendeiro.

(2) Parente dum antigo mestre-escola.

(3) Caiador pouco afamado na sua arte.

(4) Parece ter sido empregado no forno dos frades de S. Bento (Santo Tirso).

(5) Filho dum cirurgião antigo. Mais tarde estabeleceu uma padaria e ficou sendo o *Padeiro* da nota (3), de pág. 5.

(6) Proprietário que gastou os seus haveres com a política e ostentando a sua prosápia de autoridade. Encontra-se no Hospital do Conde Ferreira onde é ainda conhecido pelo nome de *Regedor*.

(7) Adquirido no tempo das lutas liberais.

(8) Tocava êsse instrumento numa filarmónica.

(9) Era músico muito conhecido.

(10) Ferido com um tiro de espingarda numa perna, sofreu a amputação dêste membro.

(11) Perdeu uma mão num desastre com uma bomba de dinamite.

(12) É cego dum olho.

(13) Tinha um defeito nas orelhas.

(14) Corcunda. Nome empregado por Camilo na «*Brazileira de Prazins*».

(15) Tinha um defeito na fala.

(16) Por ser *esquerdo*.

(17) Era um velho calvo que costumava andar no *compasso*.

(18) Mulher muito alta.

(19) Homem alto, chamado Francisco.

(20) Nome pôsto talvez a quem andava mal vestido, passando depois para os filhos. *Pilão* emprega-se como sinónimo de *pelitrão* em Santo Tirso. Cfr. no *Fidalgo Aprendiz* o termo *pellão* (Jorn. II, sc. II), e no *Dicion.* de Moraes *Pellão* e *Pulão*.

(21) Homem baixo, direito e empertigado. Cfr., em Vila Rial, *Cavalo Sem Rabo*.

(22) Aplicado talvez a um indivíduo impetuoso.

(23) Filho dum homem muito pequeno. (Ironia?)

(24) *Brasileiro* muito gordo.

(25) Homem de faces muito coradas.

(26) Tem o cabelo ruivo.

(27) Por ter as maçãs do rosto salientes e rosadas.

(28) *Namorou-se* e teve um filho.

(29) Pela monomania de rimar, tendo servido de divertimento a Camilo em Seide.

(30) Era o pai das *Vendeiras* e tinha o hábito de dizer aos fregueses: *Venha a cheta!*

Zé da Dias, O *Engrácia*, Mariquinhas *do Padre*, *Morgada* da Tôrre (dona da antiga casa do morgado), o *Jerónima*.

Nomes adquiridos nas terras, lugares e casais por onde se passou ou onde se vive:

O *Brasileiro* da Lama (1), *Africano* (2), *Galego* (3), *Maia* (4), *Maiato* (5), Luís *do Pessegueiro* (6), *Latas* (7), João de *Silvalde* (8), Joaquim *dos Munhos* (9), Manuel *de Covas* (10), Joaquim *de Carapeços* (11), João *de Almunha* (12), O caseiro *de Leigal* (13), O Quinzinho *do Burgo* (14) *Zé dos Agüeiros* (15), *Çarnados* (16) António *de Caldelas* (17), *Zé da Cortinha* (18), Manuel *de Casal de Vós* (19), *Quintas* (20), Joaquim *de Fontela* (21), *Golpelheiras* (22), João *do Aldrite* (23), Padre *Paranhos* (24), Manuel *da Capela* (25) *Barroco* (26), Ana *Tapada* (27).

---

(1) *Brasileiros* são todos aquêles que vão ao Brasil, principalmente quando trazem dinheiro.

(2) Esteve na África. Chama-se também o *Benedita*. Há outro *Africano* a quem chamam: *Latas*, *Cambalhota* e *Zé das Pinguinhas*.

(3) Descendente de alguém que fugiu para a Galiza a fim de se livrar de soldado.

(4) Adquiriu a alcunha na Maia onde esteve a servir. Vão para a Maia muitos criados que querem bôa soldada.

(5) São *Maiatas* as raparigas da Maia.

(6) No *Tombo* cit. descreve-se o casal do *Peseguetro* (Concorrem no *Tombo* as formas *atravesa*, *Tore* e *Torre*). O *Livro dos Usos e Costumes* (1730) traz o nome—*Pessegueiro*.

(7) Nome já indicado no *Tombo*: «*Añes da Lata*» porque perto havia uma «*lata alta*».

(8) O *Tombo* descreve *Silvalde de Sima* e *Silvalde de Baixo*. Informa-me meu irmão, Dr. António A. Pires de Lima ter lido em prazos antigos *Silval de Sima* e *Silval de Baixo*. O *Livro dos Usos* é assinado por *Riz de Silvade*.

(9) O povo pronuncia *Munhos* em lugar de Moinhos.

(10) Casal antigo que tirou o nome talvez dos muitos combros, barrancos e prêsas que contêm.

(11) O nome do casal é moderno; parece ter vindo duma freguesia de Barcelos

(12) O povo pronuncia *Almunha*, mas o *Tombo* descreve—*Almoinha*.

(13) No *Tombo* concorrem as formas *Leigall* e *Leigal*, *Casal* e *Casall* e *Pevidal* (de castanho), *beirall* (de uveiras).

(14) O *Tombo* cita já um *Añes do Burgo*. Nêle se vêem as formas *longo* e *longuo*.

(15) O *Tombo* diz *Augueiros*, nome que o *Novo Dicion.* regista como *pop.*, supondo-o, parece, forma moderna de *agueiros*.

(16) Da casa de *Çarnados*. O *Tombo* cita duas bouças que «partem com *çarnado* t.ª de Nâdim.» O povo quer derivar *çarnados* de sarna.

(17) Os nomes de *Caldas* e *Caldelas* encontram-se no *Tombo* designando terras próximas, ficando na primeira a magnífica água sulfurosa das *Caldas da Saúde*—deturpação infeliz—pois as Caldas deviam ser de *Sande*, aldeia onde brota a água.

(18) Casal que tomou o nome de «hũ campo que se chama a *Cortinha*». V. *Tombo*.

(19) Casal já descrito no *Tombo*.

(20) Nome derivado por certo do casal das *Quintas*.

(21) *Fontela* é hoje uma aldeia importante que se formou em volta do casal do mesmo nome descrito no *Tombo*.

(22) O *Tombo* fala na devesa da *Golpelheira*, hoje transformada em casal.

(23) Casal moderno que recebeu o nome da «agra do *Aldrite*» (V. *Tombo*).

(24) Antigo dono da casa de *Paranhos*.

(25) Da casa da *Capela* (Palmeira). Na quinta há realmente uma capela que lhe deu o nome.

(26) Da casa do *Barroco*?

(27) Do «*cãpo tapado*»? (*Tombo*).

Alcunhas postas por motivos, hoje já esquecidos, embora alguns se decifrem fácilmente:

Chucha, Cabeçuda, Alha, Mafarrico, Ervilha, Fava, Pascoal, Ponte-Nova, Nabiceira, Lanzinha, Rente, Pelado, Faroz (Feroz), *Lambú, Pigarro, Catarrucha, Viaje* (Viajem), *Bota, Pêssego, Tratante, Branca, Rendilho, Santas, Carecas, Canêca, Sardinha, Remédios, Bundância* (Abundância), *Petrecho, Bispo, Bouças, Aguça, Sequeira, Vapor,* Maria *Menina, Zé Patrão, Bonaparte, Bandarra, Trinta, Trinta-Pintos, Cachimarra, Frio, Lafrão, Travanca, Pilatos, Strelado* (Estrelado), *Rei de la China, Cambalhota, Zé das Pinguinhas, Cera Preta,* Joana *das Vacas, Pano, Freguesia, Pândulo, Jora, Assenta, Carago, Pistola, Caniço, Próspero, Carrapicho, Zaralho.*

São curiosíssimos os processos psicológicos de que o povo se serve para a criação de centenas de alcunhas, que, aplicadas por vezes na infância, acompanham os indivíduos até à velhice, transmitindo-se aos filhos e aderentes, e percorrendo gerações e gerações.

— Outra tendência popular é o abandôno da terra que as tradições colhidas denunciam, e que não vêmos combatida senão por uma festa da árvore, instituição burocrática, sem raizes, e absolutamente estéril. É doloroso ver as árvores plantadas hoje à sombra dum ceremonial um tanto grotesco, sem carinho que as rodeie amanhã, quando não aparecem quebradas!...

Enquanto os foguetes estouram, as músicas e os hinos atroam os ares, e os carros se movem carregando símbolos às vezes infelizes (já vi figurar num cortejo um pipo com os dizeres: *Aqui vende-se vinho*), as matas devastam-se metódicamente, os rapazes que sabem ler procuram um emprêgo público, um lugar nas fábricas, ou protecção que lhes permita emigrar.

Como conseqüências necessárias vão surgindo uma baixa na moralidade, a decadência da raça sob o ponto de vista físico, e a ruína da agricultura, que os poderes públicos desprezam, colocando-a abaixo da indústria e do comércio — êrro que já vai sendo expiado, embora ainda se lhe não descortinem tôdas as conseqüências.

Restrigindo-me à Literatura popular, devo dizer que as fábricas, a monomania do emprêgo público e a emigração exercem uma influência perniciosíssima de que apresentarei bastantes exemplos no decorrer dos meus trabalhos.

I

Ensalmos

1. Para os unheiros

Santa Luzia,
Três irmãs tinha:
Uma amassava,
Outra massinhas fazia,
Outra talhava unheiros
A quem os tinha.
Em louvor de S. Silvestre,
Tudo que te eu faço,
Tudo te preste,
Nosso Senhor é o verdadeiro Mestre.

Pronuncia-se a fórmula nove ([1]) vezes. No fim de cada reza deita-se um grão de trigo na água. Se aparecer o grão com uma bolhinha, é o unheiro ([2]). Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, *Ensaios Ethnogr.*, vol. III, pág. 202, n. I.

A doença talhada com o nome de *unheiro* é o *pterygio ténue*, ou *unha*, indicado por Joaquim José de Santa Anna nos *Elementos de cirurgia ocular* (Lisboa, MDCLXXXX).

2. Para talhar uma dada ([3])

a) *Bô* home me deu pousada,
Má mulher me *fê-la* cama,
Sôbre vides, sôbre lama.
Vai-te embora, dada,
Foge-te desta mama.

([1]) Sôbre as celebradas virtudes do número nove, encontram-se em Filinto estas palavras: «*E posto que sejão em número maior as Artes do que as Musas, escolheo o Poéta o numero nóve, que é symbolico, que é perfeito como composto de tres vêzes tres, e que por tal segundo as idéias Egypcias, e Chaldaicas encerra todas as virtudes e perfeições, e servia tão bem por isso de base a todos os mysterios.* Obras, vol. I, pág. 234, n.a 16) (ed. de MDCCCXXXVI). V. Dr. Leite de Vasconcelos, *Ens. Ethnogr.*, vol. III, pág. 148 e seg.

([2]) Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 25, e Dr. Leite de Vasconcelos, *Ens. Ethnogr.*, vol. III, pág. 202.

—Na Catalunha usam-se ensalmos com formas parecidas:

—«L'encantement contra *l'inflor* no es menys estrambótica:»

Al paradis hi a tres dames;
l'una fila, l'altra plauxa,
l'altra del botament gureix.

(Tenir un bastó sus l'esquena del malalt, i la derrera paraula al posar en travers per formar la creu).

—*Contra'ls humors frets*:
Al camp del bon Deu
hi ha tres nines.
L'una cuseix,
l'altra fila,
l'altra les vives gureix.
Jesús es nat,
Jesús és mort,
Jesús resucitat.
Quo la Santa Magestat i la Santa Trinitat
Gureixi una tala persona,
com aquestas paraules
son la pura veritat.

V. *Anals de L'Academia y Laboratori de ciencies Médiques de Catalunya* — Any seté, n.º 4—Abril de 1913.

([3]) Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 24, *Ens. Ethnogr.*, vol. cit., pág. 200, *Trad. Pop de Port.*, pág. 203, e êste trabalho, cap. II, n.º 4.

b) *Passa-se* com a calça do homem, com a fralda da camisa já trazida, ou com um pente em último caso, dizendo-se:

Bô home pediu pousada,
Má mulher lhe fêz a cama
Sôbre vide, sôbre grade, sôbre lama.
Sai-te daqui, ó dada, desta mama!

Talha-se três vezes e rezam-se um Padre-Nosso e uma Ave-Maria.

Explicaram-me as virtudes do ensalmo assim: «Uns pobres foram pedir a uma casa. O homem (dono da casa) deixava-os ficar na barra. A mulher disse que não; deu-*le* (aos pobres) um molho de vides. A mulher andava a cozer o pão e *deu-le* uma dada. O *home* foi atrás dos pobres, e o Senhor (que era um deles) disse-*le* que dissesse aquelas palavras».

3. Para talhar a erisipela [1]

Pedro Paulo foi a Roma,
Jasu Cristo encontrou,
E êle *le* preguntou:
— Pedro Paulo, que vai lá?
— Morre muita gente
De *zipela* [2] má
—Vai p'ra lá
E talha-a com água da fonte,
E ervas do monte,
Sal do mar
E azeite de oliva.
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
E de S. Pedro e de S. Paulo,
Milagroso S. Tiago,
Que tornes ao teu estado.

4. Para talhar o ruborado

O sempre-verde foi criado,
Ós pés do Senhor baptizado,
Para talhar o corrimento,
E a *zipela* e o ruborado.

5. Para talhar o ar nas crianças

Mete-se lenha ou pruma no forno. A mãe segura a pá onde se coloca a criança amparada por outra mulher que pregunta:

Tu que talhas?

Ao que a mãe responde:

Ar e vento
E tolhimento.

Em seguida tira-se a doente da pá e mete-se no forno.

---

[1] Cfr. *Ens. Ethnogr.*, cit., vol. III, pág. 193, 195 e 197.

[2] A minha informadora pronunciava a palavra como grave contra o costume mais vulgar.

Repete-se a ceremónia duas vezes, terminando por se fazer uma cruz em frente da porta do forno com a pá [1].

6. **Para talhar o bichoco**

Lançam-se num pratinho três ramos pequenos de funcho e ao lado de cada ramo uma pedrinha de sal. Dentro do prato deita-se também um pouco de água da fonte. A água do poço não serve.

É melhor que a operação se realize quando a criança estiver no banho.

Toma-se uma pedrinha de sal e um dos ramos, e, passando-se com êste em volta do *embigo*, diz-se:

Bichoco talhei
Com funcho e sal,
Com água de pedra *pedral* [2],
Que não cresça,
Nem junte os pés com a cabeça [3].

Ditas estas palavras, bota-se fora o raminho e repete-se a prática com os outros dois.

Deve talhar-se assim três vezes, ou então uma só vez, mas empregando-se nove raminhos e nove pedrinhas de sal.

II

Medicina e cautelas supersticiosas

1 — Se uma mulher grávida puser a mão, que tocou numa flor, antes de a lavar, numa parte qualquer do corpo, a criança nascerá com uma flor *(nævus)* pintada no sítio tocado.

A mulher grávida que pegar num baço de porco ou de galinha, tocando com as mãos sujas no corpo, fará com que a criança apareça com baços [4] pintados (S. Martinho de Bougado).

No Pôrto ouvi que não era bom estarem as mulheres grávidas com gatos ao colo para que as crianças não nasçam com as costas cheias de pêlo.

2 — Os casos de polidactilia são atribuidos pelo povo ao facto de a mãe do indivíduo deformado ter escarnecido dos vícios

[1] Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, *Ens. Ethnogr.*, vol. III, pág. 198 e 195, *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 21 e 150, e Alberto Pimentel, *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 218.

[2] Água corredia, explicou a talhadeira. Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 29.

[3] Juntando o bichoco os pés com a cabeça, morre-se.

[4] Os *baços* são rosetas vermelhas, *(nævi materni)* com que nascem algumas crianças.

alheios, ou a pragas rogadas pelos inimigos (1). Na Póvoa de Varzim é crença popular que as mulheres grávidas não devem matar aves e atribuem-se casos de hiperdactilia à desobediência a essa superstição (2).

3 — Os tirsenses teem uma devoção especial por S. Bento — devoção que nasceu do Mosteiro dos Beneditinos, cuja influência se nota nos costumes (v. g. feiras de S. Bento), e nos remédios caseiros. Daí o acompanhar a *Regra de S. Bento*, como um amuleto precioso, a maior parte daqueles que se ausentam da vila.

Entre as muitas aplicações da *Regra*, não é a menos importante o serviço prestado às parturientes.

Numa edição moderna, s. d., já gasta pelos muitos trabalhos sofridos nas mãos dum meu conterraneo, lê-se a pág. 19: «*A mesma Regra de S. Bento he terminante remedio para os partos perigosos, tendo-se apertada na mão, como o está dizendo toda a Italia, França, Hespanha, e o nosso reino por experiencia bem notada* . . .»

Em Viana aplicava-se a túnica de Fr. Bartolomeu dos Mártires às parturientes que, mal a vestiam, eram aliviadas (3).

Filinto refere-se à vela benta que se põe a arder quando uma mulher está a parir (4).

— Tratando-se de gravidez, parece-me interessante registar aqui um costume de Ponte da Barca, que me foi fornecido pelo meu amigo, E. Machado Cruz, professor do Liceu de Braga: Quando os filhos nascem mortos, e a mulher torna a ficar grávida, vai postar-se numa ponte que separa dois concelhos (Ponte da Barca e Arcos de Val de Vez); espera pela primeira pessoa que ali venha ter e pede-lhe que sirva de padrinho, baptizando-se o filho na barriga da mãe.

---

(1) Dr. J. A. Pires de Lima, *Polidactilia*, pág. 9, 29 e 31 (Pôrto, 1914, *Separata* dos *An. Scient. da Fac. de Medic. do Pôrto*). A pág. 25 do mesmo trabalho, conta o autor: «A mãe, crente, como em regra é o povo do Minho, no poder teratogénico das pragas, atribui o vicio de conformação dos seus filhos à seguinte frase que um dia teve a leviandade de pronunciar: — Todos os rapazes haviam de ser assinalados para não irem para soldado» — Daí em deante todos os filhos do sexo masculino lhe nasceram com malformações nas mãos ou nos pés . . .».

Esta observação foi colhida em S. Tiago da Carreira (Vila Nova de Famalicão).

(2) V. Dr. J. A. Pires de Lima, *Sôbre Anomalias dos Membros*, pág. 8 (Pôrto, 1916, *Separ*. dos *An. Scient.* cit., vol. III, n.º 1).

(3) *Vida de D. Fr. Bertol. dos Mart.*, vol. II, pág. 301, (ed. de 1853).

A pág. 309 do mesmo vol. diz-se que o acidente de cólica se curava com a mitra do santo, voltando a dor . . . quando se aproximavam os remédios da botica. Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 34, n.º 36.

(4) *Obras*, vol. III, pág. 19.

O meu irmão Dr. J. A. Pires de Lima colheu da mãe dum rapaz aleijado, de Nespereira (Sinfães), outro remédio interessante:

Aquela mulher teve sete filhos que lhe morreram todos ao nascer. Quando gravidou pela oitava vez, resolveu-se a *passar pela vara do pálio*. Autorizada pelo abade da freguesia, que aliás não acreditava na eficácia do método, fêz o seguinte: Num dia de *função rija*, quando os padres estavam debaixo do pálio, atravessou por meio deles.

Daí a um mês, teve um filho, o aleijado, que vingou, apesar de nascer atravessado com os pés adeante, e o mesmo sucedeu aos seguintes.

A igual tratamento se sujeitou uma vizinha da informadora, *pessoa de estimação*, que perdeu também oito filhos a seguir. Aconselharam-na a *passar pela vara do pálio. Como tivesse pejo* de pedir autorização ao abade da sua freguesia, socorreu-se do pároco de Alvarenga que a deixou realizar a prática aconselhada...

Daí em deante vingou todos os filhos [1].

4—As dadas curam-se, esfregando a mulher os peitos com a fralda da camisa do homem (Areias).

Em Delães (concelho de Famalicão), as mulheres que sofrem daquela doença, vestem *com o detrás para deante* a camisa dos homens logo que estes a tiram. Dizem que evita também o aparecimento de dadas o colocar atravessadas na cama da parturiente as calças do marido [2].

5—A *auguinha do cu lavado para o menino não correr o fado* não deve ser deitada na latrina [3].

6—A *embiga* deve ser deitada ao lume, porque, se um rato a apanha, as crianças saem ladrões (Trofa) [4].

7—Quando uma criança anda a cair de fraqueza (*ougada, ou assim*), passam-se-lhe umas calças por cima. O mesmo remédio se aplica aos porcos (Areias). As calças são empregadas vulgar-

(1) Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 202. V. Dr. J. A. Pires de Lima, *Sôbre alguns casos de Hemimelia e de Ectrodactilia*, pág. 2, (Lisboa, *Separata* do vol. III, n.º 1, do *Archivo de Anatomia e Anthropologia*).

(2) Esta informação foi colhida pelo meu irmão, Dr. J. A. Pires de Lima. Cfr. cap. I, n.º 2.

(3) Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 30, e Alberto Pimentel, *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 217.

(4) Nas *Trad. Pop. de Port.*, pág. 204, registou o snr. Dr. Leite de Vasconcelos a seguinte superstição: «Não é bom deixar levar aos gatos a *embiga* (sic) ou cordão umbilical, porque a creança ficará ladra (Famalicão)».

A crença aqui agora registada aproxima-se mais da comparação vulgar—*ladrão como um rato*.

mente como remédio, como pode ver-se do n.º 4 dêste capítulo, e das *Trad. Pop. de Port.*, pág. 202.

8 — Quando um menino anda *ougado*, isto é, arripiadinho, doente, a desejar tudo, faz-se um bôlo de crescente e deitam-se-lhe três pingas de azeite. Em seguida põe-se a gente atrás da porta e dá-se o bôlo à criança, empregando-se as palavras:

Toma lá ougado, farta-te, e deita êsse ougamento fora (S. Martinho de Bougado) ([1]).

9 — Os primeiros dentes que arrancam ou caem às crianças devem ser lançados para cima do forno. Às crianças dá-se um talo de couve, para elas coçarem as gengivas (Areias) ([2]).

10 — O primeiro piolho catado na cabeça dum menino deve ser morto dentro duma lata para que êste saia cantador (S. Martinho de Bougado) ([3]).

11 — O *Jornal de Santo Thyrso*, n.º 264, de 26 de Maio de 1887, noticia uma festa ao Espirito Santo: «Festeja-se o Espirito Santo no proximo Domingo n'uma capella que existe no logar da Trofa, freguezia de S. Thiago de Bougado, d'este concelho, havendo missa cantada, sermão, etc. A esta festividade concorrem centenares de creanças, muitas ao colo das mães para serem coroadas. A coroação consiste em se collocar sobre a cabeça dos meninos a coroa symbolica do Espirito Santo, depois de terem dado tres voltas em redor da capella; e livra, segundo uma crença popular muito arreigada, de serem atacadas de gota as creanças que mamaram quando das mães bebiam, o que se julga ser causa d'aquella motestia ([4])».

A mesma ceremónia se realiza hoje, não só em S. Tiago de Bougado, como na capela da Senhora das Dores (S. Martinho de Bougado), e em Fradelos (Famalicão). Informaram-me que as voltas em redor da capela eram nove, entrando, no fim de cada uma, a criança dentro para beijar a coroa.

([1]) Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 204, e *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 32, n.º 19.

([2]) Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 205 e *Ens. Ethnogr.*, vol. III, pág. 223.

([3]) Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 31, n.º 18, e *Trad. Pop. de Port.*, pág. 139. Vê-se que o povo inventou a ceremónia, associando o estalido da morte do piolho à voz das crianças.

([4]) Cfr. Alberto Pimentel, *Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pâg. 219, *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 31, n.º 14, e *Trad. Pop. de Port.*, pág. 203.

Na «*Relação da Prodigiosa Navegaçam da Nao chamada S. Pedro e S. Joam*... onde se dá conta da «*produção de todas as cobras e serpentes*» (*Hist. Trag. Marit.*), referindo-se à *tarantula*, «cobra na aparencia de lagarto» diz o autor:

«Sendo a sua pelle medicinal para a epilepsia, como quem sabe este remedio até devora a sua mesma pelle, para não ficar esse seu remedio na terra».

A *Arte de Furtar*, cap. LXIII, pág. 361 (ed. de MDCCXLIV) fala nuns cravos de ferradura de certo cavalo existente no Crato, aproveitados para aneis que «erão remedio presentissimo contra gota artetica».

A coroa existente na capela da Senhora das Dores, oferecida por um mordomo, é de prata e tem no cimo uma pombinha.

Em S. Martinho de Bougado costumam coroar tôdas as crianças, porque quási ninguêm pode evitar as múltiplas causas da gota: atravessar por debaixo da mesa, quando se está a comer; passar por cima da mesa onde é costume tomar as refeições; ir dum colo para outro por cima do lume, etc. (S. Martinho de Bougado).

12 — Era incompleta a notícia sôbre a cura dos rendidos, registada a pág. 32, n.º 30, vol. XVII desta *Revista*. A prática é a seguinte:

Na noite de S. João abre-se num carvalho cerquinho uma fenda por onde possa caber uma criança. Deve operar-se com todo o cuidado, evitando-se que o carvalho abra nos dois extremos da fenda, que se descasque a árvore, ou qualquer esmurradela.

Ao dar a meia noite, colocam-se dum e doutro lado os padrinhos da criança rendida. O padrinho, ao mesmo tempo que passa o menino pela fenda para as mãos da madrinha, diz:

Aceite, senhora comadre,
Êste nosso afilhado,
Que nasceu são
E é quebrado;
Passemo-lo pelo carvalho,
E o milagroso S. João
Nos faça êste milagre;
O carvalho vá soldando,
E o menino vá sarando.

A madrinha aceita a criança, e entrega-a de novo ao padrinho, repetindo a mesma oração.

Volta o padrinho a passá-la através da fenda com o mesmo aparato, e a madrinha a seguir despe o doente, vestindo-lhe a roupa melhor.

Entretanto os outros assistentes apertam cuidadosamente o carvalho com vimes, juntando os dois lados da fenda pelos bordos, chegam à ferida barro amassado como se se tratasse de um enxêrto e cercam-na com a roupa velha tirada à criança.

A junção deve fazer-se com a máxima cautela, pois, secando o carvalho, o menino não sara.

No fim da ceremónia é costume haver uma festa e um banquete (Monte Córdova) (1).

13 — Os rapazes, depois de comerem laranjas, e não que-

(1) Forneci êsta informação ao snr. Dr. Cláudio Basto que a aproveitou num trabalho muito importante e completo sôbre quebraduras, o qual foi publicado na *Terra Portuguesa*, n.º 3 (Abril de 1916). Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 112.

rendo cheirar a elas, costumam respirar junto duma parede caiada de fresco. A cal absorve o cheiro (Areias).

14 — Tendo entrado uma cobra na bôca dum rapaz, êste foi à Senhora da Abadia com quem se apegou, e a cobra saiu ([1]).

As cobras perdem o veneno, se nós as virmos primeiro que elas nos vejam (Areias) ([2]).

15 — Produzia a cólera grandes estragos em Toulon e Marselha, quando o *Jornal de Santo Thyrso*, n.º 115, de 17 de Julho de 1884, publicou a seguinte informação:

«A ultima vez que o cholera invadiu este concelho, os facultativos que então existiam aplicavam as seguintes receitas:

R.º. Misturam-se bem 3 colheres de mel e 3 colheres de vinagre bom, que se juntam a uma libra de chá de salva, flor de sabugueiro e folhas de larangeira. Esta mistura toma-se quente e é para fazer suar; mas deve usar-se da sangria antes se for possivel, e se não poder usar-se por causa do frio, sangre-se o doente logo que elle aqueça. O mais tratamento consiste só em caldos de frangos nos primeiros dias. Tendo o doente secura, usa-se de cosimento de cevada e grama, quatro vezes por dia, um quarteirão cada vez. Quando são necessarias as fricções para aquecer o corpo do doente, temo-nos dado bem dando-as com vinagre quente bom.

Outra. R.º — Logo que o doente seja atacado, deve-se-lhe dar continuadas fricções da cinta até aos pés, quando se sente que arrefecem, e lançam-se-lhe synapismos nos pés e nas barrigas das pernas, quer se sangre ou não; mas podendo ser a sangria primeiro melhor. Tambem é muito util dar-se-lhe uma porção de azeite bom com vinagre forte, se o poder beber, pois todo o ponto é conservar-se-lhe o calor.

Ellas ahi vão, sem que possamos dar grande credito ao seu poder benefico, com quanto se diga d'ellas que operaram excellentes milagres».

— O terror, de que se deixou apossar o povo quando a epidemia começou fazendo grandes estragos na Espanha, deu origem a processões de penitência que tomaram um carácter im-

---

([1]) Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 33, n.os 28 e 29.

([2]) «. . . *bem como o basilisco (diz Sãto Ambrosio) se primeyro he visto do homem, do que o veja, perde a efficacia do seu veneno, e não o mata*. Bern. *Exerc. Espirit.*, vol. I, pág. 485 (ed. de 1706). Cfr. *Rev. Lusit.*, v. XVII, pág. 185.

Lê-se nas *Metamorphoses*, versão de Castilho, pág. 294: «*Nonno, nas suas Dionysiacas, nol-as dá* (às Bacantes) *por tão virginaes, que por acautelar assaltos entre o dormir, se abraçavão de huma cobra viva*».

pressionante. Eis a descrição de uma, feita pelo «*Jornal de Santo Thyrso*», n.º 170, de 6 de Agosto de 1885:

A seguir às preces habituais realizadas em Ribeirão, saiu o cortejo para o Senhor des Perdões na Terra Negra «em que tomaram parte as confrarias d'aquella freguezia, da de Lousado, Esmeriz, S. Julião do Calendario, Fradellos, S. Thiago de Bougado e S. Martinho de Bougado (1). A procissão levava sete andores armados de preto, havendo um sermão á sahida, outro no referido logar da Terra Negra, e ainda outro á entrada. O prestito era imponente; compunha-se de mais de 3:000 pessoas vestidas de rigoroso lucto e a maior parte descalças, não havendo a menor desordem no trajecto da procissão».

No n.º 173 descreve o mesmo semanário outra procissão de penitência (S. Thiago de Bougado) em que se encorporaram 3 andores, 13 confrarias e 5:000 pessoas «não se dando o menor incidente desagradavel».

A nota final é significativa, porque raros eram os ajuntamentos (romarias, etc.) em que não houvesse alguma desordem. Os conflitos surgem ainda hoje, mesmo nos enterros, por causa da precedência exigida por certas confrarias.

16 — Para queimar os *cravos* (verrugas cutáneas) é costume dissolver beijos do mar em sumo de limão, aplicando-se depois o soluto sôbre a excrecência (Areias).

17 — Para as bexigas não passarem para a garganta dos doentes, é bom colocar-lhes ao pescoço um cordão de oiro (Areias) (2).

18 — A espinhela caida é uma fraqueza muito grande. Cura-se com o emplastro, chamado de espinhela, na bôca do estômago (S. Martinho de Bougado) (3).

19 — Aqueles que sofrem de fastio apegam-se com S. Cristóvão (Freguesia de Cabeçudos — Famalicão) e levam-lhe um molete. A devoção deu origem a uma quadra chocarreira, imitando as canções que costumam ouvir-se às romeiras:

Menina, se tem fastio,
Apegue-se a S. *Cristovo*;
Senão apegue-se a mim,
Qu'eu ao pé do Santo moro.
(Areias).

(1) As quatro primeiras freguesias, assim como a Terra Negra, pertencem ao concelho de Famalicão, as duas últimas ao de Santo Tirso. Cfr. *Rev. Lusit.*, v. XVIII, pág. 203, n.º 40.

(2) V. Dr. Cláudio Basto, *Medicina Popular «Bexigas»*, pág. 9 (*Separata* do n.º 1 do «*Portugal Médico*)»,

(3) As pessoas fracas costumam também ir aos matadoiros beber o sangue ainda quente dos animais mortos (Santo Tirso). V. Dr. Cláudio Basto, *Medicina Popular «Espinhela caída»*, pág. 4 (Viana do Castelo, 1915).

20 — O funcho deita-se nas barrelas, com o único fim, segundo me informaram, de perfumar as roupas (Areias).

Nas *Epanaphoras* de D. Francisco Manuel de Mello, pág. 331 (ed. de 1660), encontra-se uma referência às virtudes daquela planta:

Funchal, de funcho «*medicinal erva, até para as serpentes; das quaes se escreve, não pódem sem esta mésinha mudar a pèlle antiga com que se remoção; q̃ a ser concedida para os homẽs, fora de singular preço*».

21 — Além das teias de aranha a que me referi (pág. 33, n.º 31, vol. XVII desta *Revista*), colocam-se sôbre as feridas para estancar o sangue resina e açúcar mascavado (Areias) (1).

Os pedreiros colocam sôbre as pisaduras *gerbão* com ovo; êste remédio tira o sangue pisado e apressa a cura (Areias).

Deve untar-se o lugar da pisadura ou fractura com um cozimento, em vinho branco, de fôlha de cana, *maçãs de acipreste*, e murtinhos (S. Martinho de Bougado).

Sôbre o sítio donde se extrai um prego deitam-se com uma palheira gotas de água a ferver (S. Martinho de Bougado) (2).

A urina que se aplica nas feridas não deve ser a primeira que sai (3). Emprega-se também a urina com bons resultados para curar as doenças do estômago, e o meu informador indicou uma pessoa muito conhecida que se restabeleceu usando de tal processo (Areias). Sôbre a cura duma «chaga pertinaz e corrupta» pela urina podem ver-se os *Arquivos de Historia de Medicina Portuguesa*, 1913, pág. 189.

Há quem use para tratar umas certas feridas de óleo de sapo (Areias) (4).

22 — Apontam-se casos de loucura provocados pelo facto de se dormir depois de tomado um purgante (Areias).

Bebe o juizo aquele que beber com uma luz na mão (S. Martinho de Bougado) (5).

---

(1) Cfr. Gabriele d'Annunzio — *La fille de Jorio*, traduite par Georges Hereille (Paris, Calman Levy), pág. 78: «*La première fois, je me coupai la veine, là où est la marque. Avec des feuilles broyées on étancha le sang qui coulait.*» A pág. 187 da mesma obra vê-se o comentário: «*Les feuilles qu'on broie pour arrêter le sang des blessures sont celles de l'erba mora*» (*morelle noire?*) *et de la ronce*».

(2) Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 34, n.º 39. *Palheira*, t. dado como *Prov. Trasm.* no *Novo Dicion.* É corrente no Minho. A definição do *Novo Dicion.*, confrontada com a de *paveia*, é má, pois levar-nos-ia a concluir que os rapazes introduzem nas covas dos grilos ... molhos de palha para os fazer sair.

(3) Cfr. *Rev. Lusit.*, vol, XVII, pág. 33, n.º 30.

(4) O óleo obtêm-se fervendo os sapos numa panela. Cfr. Camilo, *O Regicida*, pág. 230 (Lisboa, 1874).

(5) Vid. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 35, n. 45, e *Trad. Pop. de Port.*, pág. 41.

—A raspa da unha ou de chapéu, deitada no vinho, tira o juizo. Por ingerir essa raspa foi um homem sacramentado há tempos; outro apostou em como era capaz de *fazer andar à roda a cabeça dum home que nunca se tinha embebedado*, e venceu a aposta empregando aquela droga (Areias).

23—Das crenças populares sôbre os cães danados, a maior parte das quais registadas pelo snr. Dr. Cláudio Basto (*Medicina Popular «Raiva», Separata* do n.º 4 do «*Portugal Médico*») encontrei na minha terra as seguintes:

Os cães danam-se com o calor demasiado, fome, sêde e vento soão. Depois de danados, não mordem no dono, se tiverem dois presunhos; fogem de casa e voltam passados três dias.

Os cães das primeiras ninhadas danam-se quási todos.

Na sua fúria correm desesperadamente com a cauda entre as pernas e a bôca cheia de espuma; teem horror à água e não podem saltar, livrando-se a gente deles desde que suba a uma parede.

As pessoas danadas mordem, impedindo que alguêm delas se aproxime.

—O santo, advogado contra os cães danados, é S. Romão (¹).

—A pág. 5 do trabalho do snr. Dr. Cláudio Basto transcreve-se um passo da *Polyanthea Medicinal* de Curvo Semedo em que se fala na «*Safira* (que) *faz exhalar o veneno dos buboens, e tumores pestilentes*».

Numa transcrição da obra *L'Inde des Rajahs* por Louis Rousselet li que os índios pretendem extraír a peçonha transmitida pela mordedura das serpentes com uma pedra ou ôsso calcinado.

Muitos mordidos, pertencentes aos concelhos de Santo Tirso e Famalicão, acorreram durante alguns anos a Lousado (dêste último concelho) a pedir que lhe aplicassem umas célebres pedras.

Tratei de averiguar que pedras seriam essas, e um parente do indivíduo que as possuiu, homem muito inteligente e ilustrado, e, não obstante, crente em absoluto na eficácia da aplicação, narrou-me o seguinte:

As pedras eram quatro, de um negro azeviche, oblongas, de 15 a 30 milímetros de comprimento, e, apesar de brilhantes, picadas de sinuosidades, que lhe davam a aparência de pedra pomes. Foi um *brasileiro* que as trouxe do Brasil, dando-as a

(¹) V. *Rev. Lusit.* vol. XVIII, pág. 186.

um indivíduo de Lousado, e acompanhando a oferta das necessárias instruções. Contava o *brasileiro* que elas tinham sido extraídas pelos indígenas do Alto Brasil da cabeça duma serpente, e que eram eficazes na absorção do veneno das viboras e do vírus da raiva.

Na vida do donatário as pedras só foram aplicadas a pessoas de família e amigos. Mas, morto aquele, e sucedendo-lhe um filho, a fama estendeu-se ao longe, acudindo a Lousado muitos mordidos de víboras, e principalmente de cães raivosos — afluência que aumentava sempre no mês de Agôsto. O possuidor das pedras e os filhos começaram a aplicá-las com certa relutância, mas por fim usavam de caridade para com todos, nunca exigindo paga, e às vezes auxiliando até os mais pobres. Contava-se na família que, no país, só havia mais duas pedras iguais: uma em Lisboa e outra em Alcobaça.

Modo de aplicação:

Colocava-se a pedra sôbre a ferida do paciente, depois de avivada esta com uma lancêta. Passada uma hora, se a pedra não aderia aos bordos da ferida, era sinal de que não houvera contágio. Se, pelo contrário, ela ia aderindo, insinuando-se nos tecidos lesados, e tomando uma côr láctea, a infecção era certa. Neste caso, mantinha-se a pedra, até que, saturada, caía.

Durante a operação os lábios da ferida descoravam, e o paciente mantinha-se numa sonolência profunda.

Terminados os trabalhos, levantavam-se as pedras cautelosamente, isolando-se com algodão por exemplo, e lançavam-se sucessivamente em leite e cinza.

Na casa da Serra — onde estavam as pedras e se aplicavam — talvez por falta de cuidado com o leite e com a cinza, danaram-se três cevados e todos os cães de guarda que se iam arranjando.

O próprio dono das pedras fêz a experiência em coelhos, danando-se todos [1].

O tempo de prova era de *um ano e um dia*, e, findo êsse prazo, quási todos os tratados davam novas, não constando que nenhum — e foram numerosos os que se sujeitaram às pedras — sucumbisse de raiva.

Entre os curados contam-se o conde de S. Bento, um menino com um braço esfacelado por um cão raivoso, a quem o

(1) Informação dum tio do negociante a quem foram apreendidas as pedras no Pôrto, e que, já depois de escrito êste artigo, me afirmou a sua crença absoluta na virtude das pedras.

distinto médico Dr. Pedrosa, amigo de Camilo, aconselhou aquele tratamento.

Ficando com as pedras um negociante do Pôrto, aplicou-as uma vez a uma senhora, portadora duma infecção gravíssima, e já desenganada por um médico, que, ao vê-la curada, quis comprá-las por um preço elevado que o proprietário recusou. Daí uma denúncia e a apreensão das pedras cujo destino se ignora.

Como se vê da narração, resumida fielmente, a crença na virtude das pedras era absoluta e não admira que a fama se espalhasse, porque o povo até se fiava em simples benzeduras [1] e acudia a Constantim (V. Rial) a visitar a *santa cabeça* [2]: A percentagem dos raivosos, mesmo mordidos por cães atacados de raiva, é pequena; muitas vezes os cães são falsamente considerados com a doença; outras, aplica-se muito a tempo o ferro em brasa e a lancêta; sujeitam-se a tratamento os que comem carne de animais supostos com raiva, etc.

Daí a fama nos milagres do remédio, que de resto é deslustrada por alguns casos que descobri:

Em 1882 um rapaz de Areias, para salvar uma irmã, lança-se contra um cão danado e segura-o até que acode gente e o mata. Pois êsse herói obscuro, hoje esquecido, morreu pouco tempo depois apesar de ser tratado com as pedras, como noticiou o «*Jornal de Santo Thyrso*» n.º 28, de 16 de Novembro de 1882.

No mesmo semanário, n.º 33, de 21 de Dezembro de 1882, lê-se que morreu hidrófobo um homem que se tinha tratado com as pedras, aplicando tambêm outros medicamentos.

— Desaparecidas as pedras, começou a espalhar-se a fama dum remédio antigo que se considerava como conhecido em Santo Tirso desde 1796. Os devotos das pedras pertenciam aos concelhos vizinhos; os veneradores do outro específico vieram de todos os concelhos do Douro o Minho, a ponto de já em 1886 afirmar o «*Jornal de Santo Thyrso*», (n.º 215, de 17 de Junho) que nos últimos dez anos se tinham curado 403 pessoas.

Os médicos, advogados, farmacêuticos, presidente da câmara, administrador do concelho, enfim, tôdas as pessoas mais ilustradas do concelho são unânimes em proclamar as virtudes do remédio das Senhoras Ricardas, considerando-o como infalível. O «*Jornal de Santo Thyrso*» pede a publicação da fórmula,

---

(1) V. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 131.
(2) V. *Rev. Lusit.* vol. XVIII, pág. 186, n.º 2, e 214.

considera-o a par ou superior à vacina de Pasteur (n.os 205, de 8 de Abril de 1886, e 127, de 9 de Outubro de 1884).

Médicos dos concelhos próximos, O «*Jornal de Noticias*», o «*Correio da Manhã*», «*O Dia*» e «*O Futuro*» chegam a censurar o govêrno por fundar um Instituto Pasteur, dando ao desprêzo um remédio nacional, de efeitos sobejamente reconhecidos.

A interessantíssima questão pode ler-se no opúsculo — *Cura da Raiva pelo Remedio preparado pela Familia Sousa de Santo Thyrso* (Santo Thyrso, 1893).

De 1886 a 1892 foram tratadas pela família Sousa 255 pessoas e 11 animais. Segundo o mesmo opúsculo todos se teriam salvado à excepção de um homem que tomou o remédio apenas uma vez e se retirou logo.

O snr. Dr. Ricardo Jorge zombou muito do remédio das Senhoras Ricardas, suas «illustres homonimas tirante o sexo» nos *Ensaios Scientificos e Criticos*, pág. 178 (Porto, 1886).

Não obstante as afirmações do opúsculo citado, feitas de resto na melhor bôa fé por certo (pois não me consta que a família Sousa procedesse movida pela ganância), e a crença das pessoas mais ilustradas da terra e do povo, o certo é que algumas pessoas tratadas morreram de raiva.

A pág. 16 da «*Cura da Raiva* . . .» cita-se um homem de Baião mordido nas mãos e numa coxa. Pois êsse homem morreu hidrófobo cinco meses após o tratamento, como se pode ver da correspondência de Baião de 4 de Março, publicada no «*Commercio do Porto*» de 8 do mesmo mês.

Mas qual seria o remédio, hoje quási completamente esquecido (vicissitude muito freqüente das glórias humanas . . .)?

O snr. Alberto Pimentel (*Santo Thyrso de Riba d'Ave*, pág. 210), considerando a fórmula das Senhoras Ricardas como eficaz, antes de declarada a doença, julga que a receita é a mesma que Frei Luis de Barros, último boticário do mosteiro dos Beneditinos, ensinou ao seu discípulo António José Machado do Vale. A fórmula de Frei Luis era a seguinte:

«Toma-se a raiz de silvão branco, que se encontra nos combros perto dos ribeiros, é como roseira, e d'esta raiz, sendo grossa, tira-se um pedaço do tamanho d'uma mão travessa (deve regular por um decimetro). Pisa-se bem e depois junta-se: Rama de salva... dois manipulos; rama de arruda, id.; margaça, id.; sal... um manipulo; alhos... tres cabeças; escorcioneira... tres oitavas; raiz de terraxaco... duas a tres raizes.

Pisa-se tudo muito bem em almofariz ou tigella, e deita-se-lhe em cima um quarteirão de vinho branco, e na falta d'este pode substituir-se por vinho tinto. Depois de tudo bem mexido, espuma-se dentro d'um pucaro e dá-se a beber ao doente toda esta porção em jejum, nove manhãs seguidas, não se comendo sem passar duas horas. O remedio, sendo para cães ou porcos, dá-se em leite no logar de vinho. Havendo feridas, avivam-se e applicam-se sobre estas as hervas espremidas, que se deixam estar 24 horas, renovando-se esta operação todos os dias que se fizer e tomar o remedio.»

O snr. Alberto Pimentel, tirou, segundo creio, a receita do «*Jornal de Santo Thyrso*, n.º 1 de 1882, embora não declare donde ela foi copiada.

A crença na identidade das fórmulas deriva de três circunstâncias: 1.ª Fr. Luís de Barros viveu como egresso e faleceu em casa do pai das senhoras Ricardas; 2.º a aplicação dos remédios é a mesma; 3.º «as propriedades physicas do remédio por estas (Senhoras Ricardas) empregado, são idênticas ás da formula acima transcripta».

Os argumentos não parecem decisivos. Em primeiro lugar, sendo o remédio antigo e pertencendo a fórmula aos frades, era natural que esta viesse registada na *Pharmacopea dogmatica medico-chimica* .. do P. Fr. João de Jesus Maria, monge e administrador da botica do Mosteiro de Santo Thyrso (Porto, MDCCLXXII), e não se encontra lá. E, se a «*Pharmacopea*» não a publicava para que o segrêdo se não espalhasse, não iria Fr. Luis de Barros desvendá-la a várias pessoas. Não se prova também que Fr. Luis de Barros transmitisse a fórmula publicada.

Quanto ao modo de aplicação, deve notar-se que o avivar das feridas se aconselha em vários processos de atrtamento dos mordidos.

Em Santo Tirso são conhecidas três receitas em que se empregam os mesmos elementos em doses diversas.

De resto a familia Sousa nega terminantemente que o remédio seja feito segundo as fórmulas publicadas, e recusa-se a revelar o segrêdo, considerando-o como um património a legar aos descendentes.

Salgado de Andrade (¹) revela que o remédio «foi experi-

(¹) *Ligeira contribuição para o estudo da raiva em Portugal.* Tese do Pôrto (1901). Esta obra interessante contém fórmulas copiadas de autores antigos, cita uma *pedra negra* existente em Matozinhos, o dente de S. Frutuoso de Aboim (Vila Verde), o dente santo de Bouro e muitos remédios populares.

(Informação de meu irmão Dr. J. A. Pires de Lima).

mentado pelo ilustre director do Instituto Bacteriologico de Lisboa, que chegou à conclusão que poderiam escapar as testemunhas, mas nunca os cães inoculados e tratados pelo remedio Sousa!»

— É tradição vulgar que os alhos realizam curas milagrosas. Contaram a meu pai, há muitos anos, em Vila de Conde, que foi metido um cão raivoso num quarto onde havia alhos. O animal atirou-se a êles com fúria e, passados poucos dias, começou a alimentar-se, salvando-se.

Pela mesma época, procuravam os doentes de Viana do Castelo um *dente santo* existente em Aboím, com o qual se benzia pão para distribuir pelos mordidos de cão danado.

24 — O *pano* do rosto desaparece, aplicando-se o mênstruo (Santo Tirso).

25 — No vol. XVII, pág. 35 da *Rev. Lusit.*, falei na cura duma doença do figado pelos agriões. Meu irmão, Dr. J. A. Pires de Lima, mostrou-me um caso similhante em Francisco da Fonseca Henriques, *Ancora Medicinal*, pág. 279 (Lisboa, 1731).

A diferença consiste em referir-se a *Ancora Medicinal* a um caso de tísica, em que os pulmões se reconstituiram pela acção daquela planta.

26 — Para curar o *tesorelho*, põe-se na nuca dos doentes o jugo dos bois ainda quente (Areias) [1].

27 — Quando os veados iam beber com o gado em água estagnada, metiam os chifres na água, absorvendo assim todo o *veneno*. O gado podia depois beber à vontade (Areias).

(Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 196).

28 — As ferroadas da vespa ou abelha curam-se, colocando sôbre a parte ofendida uma faca de aço, ou espremendo em cima uvas brancas ainda verdes (Areias) [2].

29 — Para tirar os argueiros dos olhos usam-se pedras lisas, apanhadas nas praias (Areias [3]).

30 — O gato, para anular a peçonha das viboras (*Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 33), deve ser preto. Quando se mata um *vibrão*, guarda-se a cabeça, que se aplica depois às mordeduras (S. Martinho de Bougado) [4].

31 — Para se tirar o gôgo às galinhas, procura-se uma veia

(1) Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 177.
(2) Cfr. Cast. *Fastos*, vol., 2, pág. 87 e 317.
(3) Cfr. *Ens. Ethnogr.*, vol. III, pág. 216.
(4) Cfr. Dr. Cláudio Basto—*Medic. Pop.* «*Raiva*», pág. 4 e 5.

escura debaixo da asa, fura-se e espreme-se. O resultado é garantido (Areias).

32 — As pombas não fogem, queimando-se incenso no pombal (S. Simão de Novais, Famalicão) (1).

33 — É dito proverbial: *Está doente de mal que se não sente*... Aplica-se o dito, quando se não acredita na doença, ou por simples gracejo.

34 — Prolongando-se a doença de alguêm (só crianças?) muito tempo sem que se decida a situação, vai-se buscar a Pombeiro erva de Santa Leocádia e ferve-se em água.

Com a água do cozimento lava-se o doente que morre ou sara logo «conforme o que tinha de suceder».

III

Amuletos e agouros

1 — Quando se vai para a feira, pede-se a Deus bôa sorte nas vendas a fazer. A fim de se desviar a *invejidade*, pega-se num bocado de trovisco e mete-se no bôlso. Antigamente as galinheiras levavam um ramo daquela planta na cesta (Areias) (2).

2 — Para evitar *cousa ruim*, coloca-se ao pescoço das crianças e até de pessoas grandes uma saquinha com uma *alha* (isto é, um alho com uma só cabeça), ou com um alho porro. Tambêm pode servir um objecto de aço (Areias) (3).

3 — Muitos usam ao pescoço uma peça de metal com o *S. Solimão* (Sino-Saimão).

4 — Os *cornos* de vaca-loura são arrancados para com êles se fazerem objectos de adôrno (Areias) (4).

5 — Como já ficou registado no capítulo antecedente, a *Regra de S. Bento* acompanha muitos tirsenses para tôda a parte.

6 — No dia de S. João há lavradores que cortam ramos de castanheiro e metem-nos no meio dos campos, para o milho ser acrescentado. Leva-se tambêm o melhor milheiro ao santo (capela de S. João dos Reis em Avidos, Famalicão), ou põe-se nas cascatas (Areias) (5).

7 — Nunca devemos *engeitar* as ferraduras, porque dão feli-

(1) Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 36.
(2) Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 120, e *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 36, n.º 58.
(3) Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 37, n.º 5, e *Trad. Pop. de Port.*, pág. 100.
(4) Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 139.
(5) Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 109.

cidade. Há pessoas que não podem passar por elas, sem as levar para casa (Santo Tirso) ([1]).

8 — Era costume (ainda hoje seguido por alguêm) introduzir nos alicerces das casas dinheiro e um frasquinho de *azougue*. O fim que os crendeiros tinham em vista era atraír a fortuna (Santo Tirso).

9 — Nos cadáveres dos *anjinhos* e das pessoas que morrem com cheiro de santidade (isto é, naqueles, cujas almas vão para o céu com certeza), prega-se um alfinete. Aquele que o prega vai para o céu também (Santo Tirso) ([2]).

Em Vila Rial guardam os solteiros como um talisman o alfinete que esteve pregado no vestido da noiva.

10 — O homem que tiver uma cruz de cabelo no peito fica livre de lhe empecer *cousa ruim* (Areias) ([3]).

11 — Os animais de pênas não devem enterrar-se; é melhor deitá-los fora quando morrem para se não desandar na vida (S. Martinho de Bougado).

12 — Havendo uma chinela ou tamanco voltado para cima, é sinal de que vai haver barulho na casa (Santo Tirso).

13 — Na noite do casamento o primeiro que apagar a luz é o primeiro que morre (Santo Tirso).

14 — Se as crianças brincarem de dia com lume urinam de noite na cama (Santo Tirso) ([4]).

15 — Vendo-se um preto pela manhã, em jejum, tem-se um gôsto; vendo-se uma preta, um desgôsto (Santo Tirso).

16 — Mulher que se molhe muito a lavar a roupa casará com um homem bêbado (Santo Tirso).

17 — Desapertando-se ou abrindo-se a saia ou avental a uma mulher casada, é indício de que o marido anda metido com outra (Santo Tirso).

18 — Bocejando duas pessoas ao mesmo tempo, hão-de ser compadres (Santo Tirso).

19 — Sonhar que uma pessoa morreu é sinal de vida (Santo Tirso) ([5]).

20 — Varrendo-se os pés dum rapaz solteiro, varre-se-lhe o casamento (Areias) ([6]).

([1]) Cfr. *Rev. Lusit.*, vol. XVII, pág. 37, n.º 3.

([2]) Cfr. Dr. Leite de Vasc. *Religiões da Lusitania*, vol. I, pág. 341, e *Ens. Ethnogr.* vol. III, pág. 81.

([3]) V. Dr. J. A. Pires de Lima — *Uma Santa Barbada*, pág. 12. (Pôrto, 1916), *Separata* dos *Arquivos de Hist. de Med. Port.*, 7.º ano, n.º 1.

([4]) Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 35.

([5]) Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 211.

([6]) Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, pág. 224.

21 — O uivar dos cães denuncia a aproximação de outros danados (Areias) ([1]).

22 — Uma pobre caseira de meu pai, muito agarrada à igreja, exclamava um dia ao ver um rebanho de corvos. Louvado seja Deus! *Tantos corvos pretos e nenhum branco*... Lera, segundo parece, que as mulheres casadas a salvar-se seriam tantas como os corvos brancos, e essa idea aterrava-a ([2]).

(Continua)

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.





([1]) Cfr. *Ens. Ethnogr.*, vol. III, pág. 241. Quita (*Obras*, vol. I, pág. 118, ed. de 1831) fala no uivar dos cães como agouro:

«O dia em que de nós te separaste
Cantou na madrugada o triste mocho,
Os rafeiros fugindo dos rebanhos
Uivarão pelos cumes das montanhas».

Cfr. Sá de Miranda, *Celia*, ed. de D. Carolina M. de Vasc., pág. 296.

([2]) Cfr. Cast. *Metam.*, pág. 99 (Lisboa, 1841), e sôbre o canto dos gralhas como agouro: Quita, *Obras*, vol. II, pág. 148 e 187.

Nomes das "agulhas„ sêcas

Em alguns artigos da REVISTA LUSITANA [XIII, 72; XV, 71, e XVII, 55] tenho eu apontado, de onde em onde, nomes populares das «fôlhas sêcas de pinheiro, em colecção», — havendo reunido, no primeiro de êsses artigos, nada menos de vinte-e-quatro [pág. 82-88].

Vou agora coleccioná-los, a êsses nomes — de que alguns careciam de verificação — e a outros mais que tenho coligido, para que todos fiquem devidamente agrupados e sujeitos ao juízo e correcção dos leitores.

1. **agulha** [*Minho:* Viana-do-Castelo, Bouro (Amares); *Douro:* Santo-Tirso, Oliveira-de-Azemeis; *Trás-os-Montes:* Vila-Rial; *Estremadura:* Brejo (Azeitão), etc.]. Nesta última localidade também dizem *agulha sêca* em oposição a *agulha verde*, mas, dizendo-se apenas *agulha*, entende-se, como nas mais terras, a *sêca*.

Também às vezes o povo emprega o vocábulo composto:

2. **agulha-de-pinheiro.**

3. **agulhas** — Em vez do colectivo *agulha*, emprega-se muitas vezes *agulhas*. — ... «caminhar por entre um pinheiral, ... empurrando com o pé as agulhas e as pinhas seccas» ... *Eça de Queiroz*, A CIDADE E AS SERRAS, 3.ª ed., Pôrto 1908, pág. 274.

«Agulha» é o nome próprio da fôlha do pinheiro, por ser esguia e acerosa. — ... «nos pinheiros ..... saem ramos muito curtos com folhas acerosas (*agulhas*)» ... *Antônio Xavier Pereira Coutinho*, CURSO ELEM. DE BOTANICA, VI, Paris-Lisboa, s. d. (Aillaud & C.ª), pág. 75. — «Les feuilles du Pin, petites, sessiles et allongées, sont connues généralement sous le nom *d'aiguilles:*» ... *Aug. Daguillon*, LEÇONS ÉLÉM. DE BOTANIQUE, 10.ª ed., Paris 1903, pág. 552. — ... los enjambres de insectos cuyas orugas se nutren de agujas de pino» ... *Luís Büchner*, LA VIDA PSÍQUICA DE LAS BESTIAS, trad. castelh. de *José Prat*, Valência-Madrid, s. d. (Sempere & C.ª), pág. 13. — Em galego [Vid. LITERATURA GALLEGA, de E. C. Aldao, Barcelona 1911, pág. 235]:

> Nos niñeirales as agullas podres
> alfombran os tarreos,

—Em alemão, *Nadeln*.

Diz-se também, paralelamente a *agulha-de-pinheiro* (colect.):

4. **agulhas-de-pinheiro.** — «A panella preta de barro de Prado ferve solitaria..... á fogueira de cepas e de agulhas de pinheiro»... *Ramalho Ortigão*, AS FARPAS, Lisboa 1887, I, pág. 7.

5. **agulheta** [*Trás-os-Montes:* Carrazeda-de-Ansiães, Freixeda (Vila-Pouca-de-Aguiar), Chaves, etc.]. É um derivado de *agulha*. Usa-se, como êste vocábulo, colectiva e concretamente: *agulheta* e:

6. **agulhetas.** — Na Atalaia (Pinhel), chamam *agulhetas* a «certas ervas dos lameiros, cujas fôlhas são semelhantes às dos pinheiros». (REV. LUS., XI, pág. 146). Como vamos ver, o nome das fôlhas sêcas de pinheiro é muitas vezes comum a vária vegetação e a lenha meúda.

7. **argaço.** Nas APOSTILAS AOS DIC. PORTUGUESES, de A. R. Gonçalves Viana, vem (II, 513, s. v. *tupir*): — «Coberta então [a louça, que esteve a cozer] com as rachas (pinho) e ainda, para *tupir*, com argaço (caruma de pinheiro)»..., passo transcrito de um artigo de Rocha Peixoto na PORTVGALIA, II, 76 [«Sobrevivencia da primitiva roda de oleiro em Portugal»]. A descrição diz respeito aos lugares de Gondar, concelho de Amarante.

Com tal acepção, não é o vocábulo usado para êstes sítios (Vid. o que escrevi, àcêrca de «argaço», na REV. LUS., XIII, 84-88, nota). O NOVO DICIONÁRIO, de Cândido de Figueiredo, dá-o como «termo de Monção». Na 1.ª série das minhas NÓTULAS a êsse Dic. [Viana-do-Castelo 1913, pág. 75], disse eu que *argaço* se não usava em Monção com tal sentido. Obtive confirmação disso. Mas é necessário acrescentar que em qualquer parte *do concelho* de Monção deve o referido vocábulo ser usado. Procurei saber onde, mas não o consegui. N-o REGIONAL, periódico monçanense, de 20 de Agosto de 1905, num artigo do sr. António de Pinho [«Materiaes para um registo dos provincialismos usados no concelho de Monção»], regista-se *argaço* como sinónimo de «caruma». Falta saber a localidade ou localidades onde o vocábulo é empregado. O NOVO DIC., registando-o como «termo de Monção», leva a crer que é usado na vila, o que não é certo, — a não ser que as pessoas que me informaram se houvessem enganado. Assim fica esclarecido o que escrevi no citado lugar das NÓTU-

LAS e na REV. LUS., XVII, 80 (s. v. *argaço*) e 82 (s. v. *fenelho*, etc.).

Argaço é também o nome dado pelo povo a umas plantas dos montes, e a que os livros e os povos de outras terras chamam *sargaço* (Vid. REV. LUS., XIII, 88, nota). É a *Cistacea monspeliensis*, L. (Vid. A FLORA DE PORTUGAL, de *António Xavier Pereira Coutinho*, 1913), mas, não sendo mencionada como existente em o norte do país esta espécie botânica, vê-se que o povo usa aquele nome arbitráriamente. Há pois confusão de *sargaço* e *argaço*, nestas acepções, como a há nas suas acepções próprias, sendo os dois vocábulos distintos, como já mostrei na REV. LUS. XIII, 84-88, nota.

8. **arguiço** [*Douro:* Lousada].—O NOVO DIC. menciona o voc. como *prov*[incialismo] *minh*[oto]; não tenho notícia disso. *Arguiço* é alteração de *argaço;* cfr. MOÍNHA e MOANHA.

9. **bica** [*Douro:* Gafanha (Aveiro)]. Registado em as NOTAS Á MARGEM DO «NOVO DICCIONÁRIO DA LING. PORT.», do sr. Óscar de Pratt (Pôrto 1913, I série). De *bicar*, naturalmente,—por causa da acerosidade das fôlhas.

10. **bichanos** [*Minho:* Pogido (Arcos-de-Valdevez)].

11. **borganhiço** [*Ibidem*]. Relaciona-se com *morganiça*, registado em o NOV. DIC.: «*T. de Turquel.* Espécie de urze.»—*B* por *m*, e palatização do *n*, na forma masculina. Pertence à categoria dos vocábulos que significam «vegetação» e «caruma».

12. **candeia?**—Ao registar êste voc. na REV. LUS., XIII, 85, dei-o como usado nos «arredores de Valença», mas com um sinal de incerteza (?). É que eu ouvi-o em Tui (Galiza) a gente das aldeias, e ai alguém me dissera que também na margem portuguesa do rio Minho se usava, mas, embora tivesse feito bastantes investigações para aclarar o caso, nada logrei saber ao certo. E sei hoje tanto como então. Apenas sei mais que, nos arredores da referida cidade galega, se diz também *candeias*, isto é, se emprega o vocábulo concretamente.

Vejo, porém, na 2.ª ed. do NOV. DIC.: «CANDEIA... *Prov. minh.* Caruma sêca»...—Onde seria colhido êste significado de «candeia»? Seria no meu artigo da REV. LUS.? Neste caso, mau foi pôr como certo o que eu dei como incerto.

13. **caruma** [*Minho:* Viana-do-Castelo, Ponte-de-Lima, Arcos-de-Valdevez; *Douro:* Santo-Tirso, Agueda (Vid. APOSTILAS, I, 250); *Beira-Baixa:* Rapa (Celorico-da-Beira); *Estremadura:* Marinha-Grande (Leiria), Vale-do-Cóina; *Alentejo:* Ourique].— Cfr. Viterbo, ELUCIDARIO, s. v. *feno*.

Em regra, *caruma*, como os seus sinónimos, significa *fôlha* (colectivo) *sêca* de pinheiro. Raramente se emprega como nome de unidade ou na acepção de *fôlha verde* (Marinha-Grande, por ex.).

Em Barcelos (Vid. «Vocabulário» de Barcelos, no ESPOSENDENSE, n.º 430, de 29 de Julho de 1915, e Novo DIC.), «caruma» é «faúlha». Nesta acepção, ouvi o vocábulo a pessoas de Vila-Franca (concelho de Viana-do-Castelo), que lhe não conheciam outro sentido.

Assim, temos *caruma* e, como se vai ver, *fagulha*, *faúlha*, (*fulha*) e *faúla*,—nomes que designam «chispa» e «fôlha sêca de pinheiro». Sem dúvida por o lume dêste combustível lançar muitas chispas.

14. **carumba** [*Minho:* Espósende, algumas freguesias do conc. de Paredes-de-Coura; *Beira-Alta:* Penedono (Vid. REV. LUS. XII, 312); *Beira-Baixa:* Guarda, Rapa (Celorico-da-Beira); *Estremadura:* Vale-do-Cóina, Montemor-o-Novo].—De *caruma*, por epêntese de *b*.

15. **chama** [*Estremadura:* Salvaterra-de-Magos].

16. **chamiça** [*Minho:* Bouro (Amares), Póvoa-de-Lanhoso, Guimarães etc.]—Em algumas terras,« chamiça» é lenha meúda. Lê-se na REV. LUS., XI, 303 [«Tradições populares e linguagem de Vila-Real»]: «*chamiça*, accendalhas de lenha meuda, a que tambem chamam *queiroga*.—É palavra usada em Moimenta (REV LUS., I, 208); porém em Mogadouro e Lagoaça dizem *chamiços* (REV. LUS., V, 38).—o etymo é *flammicia.»—No mesmo volume da REV. LUS., pág. 151, vem «*chamiços*, lenha meuda» [«Tradições populares e linguagem de Atalaia» (concelho de Pinhel)].—Vid. também Novo DIC., e APOSTILAS, I, 280.—No Pôrto, *chamiça* é uma espécie de carqueja, meúda, que os padeiros usam para acender o forno. Há lá o costume, quando alguém pregunta a que horas é uma missa, de lhe responderem:—Vá á Ribeira que *acha missa* [*há chamiça*] a qualquer hora!

17. **chumaço** [*Douro:* Amarante, Lousada].—*Prov. minh.*

diz o Novo Dic.; não tenho notícia. — De plumaceum (Vid. *A. A. Cortesão*, Subsídios para um Dic. compl. da ling. port., Coimbra 1900, s. v. *chumaço*, onde é citado *Meyer-L.*, 2.º, p. 503).

18. **cisca** [*Minho:* Celorico-de-Basto, Fafe]. — Cfr. cisco.

19. **cisco** [*Minho:* Lanheses (Viana-do-Castelo), S. Pedro--da-Tôrre (Valença-do-Minho), Celeirós (Braga)].

Cisco, por aqui, é «lixo», como na Aldeia-de-Santa Margarida (Beira-Baixa) [Vid. Rev. Lus. II, 252], Atalaia [Vid. Rev. Lus., XI, 162], Vila-Rial [Vid. Rev. Lus. XI, 306] etc., etc. — Neste ultimo lugar citado (como no penúltimo), indica-se o étimo: *cinisculum, «já dado por *Körting*, Wörterb. lat.-rom., 2.ª ed., n.º 2195; e por *Carolina Michaëlis* (Cfr. Rev. Lus., III, 140)».

20. **fabulha?** — Uma pessoa de Santa-Maria-de-Moura (Póvoa-de-Lanhoso) disse *fabulha*. Não foi possivel verificar se esta pronúncia era local. *Fabulha* (*favulha*) e *fagulha* (como se diz, em geral, no concelho da Póvoa-de-Lanhoso) concorreriam como *esbomitar* e *esgomitar*, *bómito* e *gómito*, *pintassilbo* e *pintassilgo*, etc.

21. **fagulha** [*Minho:* Póvoa-de-Lanhoso, Quintiães (Barcelos), Espòsende, Bouro (Amares); *Douro:* Coimbra]. — Vid. faúlha.

22. **fandango** [*Minho:* Prozelo (Arcos-de-Valde-Vez)].

23. **fangulha**. Assim ouvi a algumas pessoas do concelho de Viana-do-Castelo. De *fagulha*, por nasalação da primeira sílaba. Cf.: *choncalho* < *chocalho*.

24. **fascaço** [*Minho:* Ganfei, Verdoejo e Friestas (Valença--do-Minho)] — De *fasco* + *aço*.

25. **fasco** [*Minho:* Monção, Valença-do-Minho, Arcos-de--Valdevez, Paredes-de-Coura, Barcelos, Fafe].

Em Salvatierra-del-Miño (Galiza), também dizem *fasco*, sendo no entanto mais usual *bullo*, segundo informação do Rev. Sr. D. João G. Español, digníssimo Director do Seminário Conciliar de Tui. — Em Santa Cristina, aldeia galega, dizem *foupa*. Cfr. *fopa*, em o Novo Diccionario.

O DICCIONARIO ENCICLOP. DE LA LENGUA ESP. (da Biblioteca ilustrada de Gaspar y Roig, Madrid 1853) traz: «FASCO: s. m. Bot.: género de plantas de la familia de los musgos, tribu de las fasceas cuyas especies son muy pequeñas». É provável que *fasco*, nome de vegetação, tenha extensivamente designado a fôlha caída do pinheiro, como *argaço*, *musgo*, *maravalha*, *feno*, etc.

26. **faúla** [*Minho:* Darque (Viana-do-Castelo), em freguesias do concelho de Monção (Vid. *o Regional*, de 20 de Agôsto de 1905 e REV. LUS., XVII, 82, s. v. *fenelho* etc.), Barcelos, Espòsende; *Douro:* Limarinho (Pôrto)]. — Vid. FAÚLHA.

27. **faúlha** [*Minho:* Barcelos, Quintiães (Barcelos), Braga, Espòsende, Bouro (Amares) etc., *Ilha Terceira*]. — Há, pois, *fagulha*, *faúlha* e *faúla*, que, segundo o sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos [REV. LUS., II, 364], «parece serem tres fórmas distinctas umas das outras: *fagulha* = *facucula (de fax; cf. facula); *faúlha* = *fauillia *fauillea; *faúla* = *faúilla *favilla».
— Vid. CARUMA, *in fine*.

28. **fenelho** [*Minho:* em freguesias do concelho de Monção]. Vid. meu artigo na REV. LUS., XVII, 82. — De *feno* + *elho*, por analogia com *folhelho*. Vid. FENO e FOLHELHO.

29. **feno** — O NOVO DIC. traz: «FENO ... **Ant*[igo]. O mesmo que *caruma*.» Ainda é usado, nesta acepção, pelo menos em várias freguesias de Vila-do-Conde (Canidelo, Fornelo, Macieira, Santa Cristina, Santo Estêvão-de-Gião, Vairão) e na Ilha Terceira. — Cfr. ELUCIDARIO, s. v. *feno*.

30. **folhelho**. Como o voc. penúltimo, vem êste incluído no já citado artigo de o REGIONAL, de 20 de Agôsto de 1905, como usado no concelho ou, melhor, em freguesias do concelho de Monção, — artigo a que já também me referi na REV. LUS. XVII, 82, s. v. *fenelho* etc. — São sabidas outras acepções de *folhelho* que justificam dar-se êste nome ao conjunto das fôlhas caídas de pinheiro.

31. **frangulho** [*Minho:* Monção]. Também mencionado no mesmo artigo de o REGIONAL. — Na vila de Monção, pelo que me informam, os nomes mais usados são *fasco* e *frangulho*.

Fagulha deu *fangulha* (que registei acima, n.º 23), por nasalação do *a*. *Fangulha*, por epêntese de *r*, daria *frangulha*. Só encontrei, porém, a forma masculina *frangulho*, neste caso mais natural, pois na dita transformação fonética houve influência de *frango*, *frangalho* (masculinos). Sabido é, no entanto, como é vulgar na linguagem do povo alternarem-se as formas masculina e feminina dos vocábulos: Cfr. *cisco* e *cisca*, *chamiço* e *chamiça*, *gravalho* e *gravalha*, etc., etc., mas sobretudo FUNGALHA e FUNGALHO (n.os 34 e 35).

32. **frouma** [*Minho:* S. Gregório (Melgaço)] — Na Galiza (Desteriz, prov. de Orense), também *frouma*. — *Frouma* é alteração de *fruma*, que é como dizem na Guárdia e em Rosal (Galiza), por ex. — Cfr.: *nouca*, de *nuca* (REV. LUS. XII, 112 e XV, 335). E *fruma*, de *pruma* (Vid. *pruma*). Cfr. *fechadura* e *pechadura*, *fantasma* e *pantasma* etc. — Em S.ta Cristina, povoação galega, «frouma» é «chispa», «faúlha». Vid. CARUMA.

33. **fulha** [*Minho:* Apúlia e Estela (Espòsende); *Douro:* também usado, segundo me informam, para os lados de Penafiel). — De *faúlha*, por contracção de *aú* em *ú*.

34. **fungalha** [*Minho:* Formariz e outras freguesias do conc. de Paredes-de-Coura]. — De *fangulha*, por metátese. A par com FUNGALHO:

35. **fungalho** [*Minho:* Linhares, Ferreira e Cossourado (do conc. de Paredes-de-Coura)].

36. **garapalha** [*Minho:* freguesias do conc. de Monção. Vid. *o Regional*, de 20 de Agôsto de 1905, e REV. LUS. XVII, 82, s. v. *fenelho* etc.]. — Cfr. GARAVALHA.

37. **garavalha,** pop. **garabalha**. — Ouve-se também *garabalha*, a par de *grabalha*, que é mais usual. — *Garavalha* encontra-se registado nos DIALECTOS INTERAMNENSES, do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, Pôrto 1885, «Lingoagem de Ponte-do-Lima», e no citado artigo de *o Regional*, de Monção. — Vem de *maravalha: marabalha* > *barabalha* (cfr. *belancia*, *bilhafre*, havendo ainda a influência da segunda labial) > *garabalha* (cfr. *gomitar*, de *bomitar;* em esp. *agüelo* e *abuelo*). — De *garabalha*, as outras formas: *garapalha*, *grabalha (garbalha)*.

38. **garridos** [*Minho:* S. Tomé-de-Aguião (Arcos-de-Valdevez)].

39. **garvalha,** pop. **garbalha.** — Vid. GARAVALHA.

40. **gramiço?**—Disseram-me, com incerteza porém, que êste voc. se usava em qualquer parte do conc. de Fafe e do de Ponte-do-Lima. — *Gramiço*, de *grabiço (graviço)* que, no conc. de Caminha, é «cavaco». Êste voc. designaria pois «caruma» e «lenha meúda», como muitos outros.

41. **gravalha,** pop. **grabalha** [*Minho:* Viana-do-Castelo, Ponte-de-Lima, Ponte-da-Barca, Arcos-de-Valdevez, Paredes-de-Coura, Espòsende etc.] — «As tendas desconcertadas, as pipas entaladas nos foeiros dos carros, os taboleiros de raminhos de papel esbicado, de bolos e cavacas..... crivam o chão..... tapetado de escorregadia grabalha»... A AURORA DO LIMA, periódico de Viana-do-Castelo, de 2 de Agôsto de 1907.

Não cortes o pinheiro
nem *l'*apanhes a grabalha,
que é o sustento dos *homes*
no ano da pouca palha.

[*Miadela (Viana-do-C.)*]

— Êste voc. já foi registado pelo Sr. Dr. Luís de Figueiredo da Guerra na VIDA NOVA, periódico vianense, de 7 de Setembro de 1906: «*Gravalha*, maravalha, caruma, folha de pinheiro». — Ao lado de *gravalha*.

42. **gravalho,** pop. **grabalho** [*Minho:* Cossourado (Paredes-de-Coura), Vid. REV. LUS. XV, 74; Póvoa-de-Lanhoso].

43. **gravanha,** pop. **grabanha** [*Minho:* Anha (Viana-do-Castelo), Caminha]. Já registado por A. R. Gonçalves Viana nas APOSTILAS, I, 517. — De *gravalha* (cfr. *quelha* e *quenha*).

44. **gravulha,** pop. **grabulha** [*Minho:* Penso (Melgaço)].

45. **irguiço** [*Douro:* Paço-de-Sousa (Penafiel), Paredes]. De *arguiço;* cfr. *argola* e *irgola*.

46. **junco.** Em Vila-Franca-do-Campo (Ilha de S. Miguel)

dizem *junco sêco* e *junco verde*. Nas casas térreas, costumam tapetar o chão com *junco sêco*.

47. **maravalha**, pop. **marabalha** no Minho [*Minho:* Capareiros (Viana-do-Castelo); *Estremadura:* Vale-do-Cóina (Vid. *Óscar de Pratt*, NOTAS Á MARGEM DO «NOVO DIC. DA L. PORT.», 1.ª série, Pôrto 1913, pág. 50)]. — Vid. GARAVALHA. Também, concretamente:

48. **maravalhas** [Setúbal, Ribatejo]. — Lê-se na REV. LUS. I, 213: «*maravalhas*, M[oimenta], hervas, fôlhas para os porcos: no Riba-Tejo significa as agulhas do pinheiro, tronquinhos, fôlhas sêcas para queimar». [Artigo de A. R. Gonçalves Viana]. Cfr. a citação s. v. SAMA. — Cfr. AGULHETAS.

49. **marruchos** [*Minho:* no concelho de Monção, segundo o citado artigo de o REGIONAL, de 20 de Agôsto de 1905, — a que me referi já na REV. LUS. XVII, 82, s. v. *fenelho*. — Relacionar-se há com *marroxo?* no esp. ant. *marrojo* (= malhojo), «desperdicio o deshecho de alguna cosa, lo que se arroja por inútil» [DIC. ENCICLOP. DE LA LENGUA ESP., citado acima]? Do que é inútil — costuma-se dizer que serve só para o lume.

50. **moanha** [*Trás-os-Montes:* Mesão-frio. Vid. REV. LUS., XV, 339]. — Vid. MOÍNHA.

51. **moinha** [*Minho:* Bouro (Amares), Espòsende; *Douro:* Baião. Vid. REV. LUS. XI, 199; *Trás-os-Montes:* Vila Rial]. Em Vila-Rial, às *fôlhas sêcas* chamam *moinha;* às verdes, chamam *saruga;* às fôlhas de pinheiro, de um modo geral, chamam *rama* (Informação do Sr. Dr. A. C. Pires de Lima). Por aqui, *rama* (*-de-pinheiro*) é o conjuncto de ramos de pinheiro. Vid. REV. LUS. XIII, 84. — Cfr. *moinha* e *moanha*, *arguiço* e *argaço*.

52. **moliço** [*Minho:* Espòsende; *Douro:* Maia, Foz-do-Sousa]. De * mollicium. — *Moliço* em algumas terras significa, não «caruma», mas *argaço* (no sentido próprio), assim como êste último voc. também, nalgumas partes, significa «caruma». — Cfr. ELUCIDARIO, s. v. *feno*.

53. **mondilho** [*Minho:* Sanfins (Paredes-de-Coura); Celorico-de-Basto, Vid. REV. LUS. XVII, 82, s. v. *fenelho*]. — Não sei

se o voc. foi bem colhido em Sanfins (o Novo DIC. repetiu o que escrevi na REV. LUS. XV, 74); noutras freguesias de Paredes--de-Coura, chama-se *mondilho* a ervas, cardos, etc., isto é, vegetação dos prados que o gado não come e se aproveita para estrume. Em todo o caso, aí temos outro vocábulo que, como *feno*, *argaço* etc., quere dizer «caruma» e «vegetação». Êste facto é devido a tudo isso se encontrar, de mistura, rasteiro ao chão e servir, em regra, como combustível. Porisso também certos nomes designam «caruma» e «lenha meúda». Nas terras onde plantas e restos de plantas são rapadas do chão para servirem de estrume, usam-se, para designar essas matérias, nomes que também são dados às fôlhas sêcas, caídas, do pinheiro. Em última análise, esta confusão de nomes provém de serem as mesmas as circunstâncias de lugar e de fim ou uso.

54. **monhiço** [*Douro:* Santo-Tirso].—De *moniço*, por palatização do *n*.

55. **moniço** [*Douro:* Barca (Maia), Lordelo-do-Ouro (Pôrto)?]. —De *moliço*, por mudança de *l* em *n*.

56. **munha** [*Minho:* Celorico-de-Basto, Espòsende; *Douro:* S. Cristóvão-de-Nogueira; *Trás-os-Montes:* Vila-Rial]—*Moínha* e *munha*, como *moínho* e *munho*.

57. **musgo** [*Minho:* S. Pedro-d'Este, Val-d'Este e Gualtar (Braga), segundo informação do Sr. P.e J. B. Ferreira Tôrres, dig.mo pároco de Ganfei (Valença-do-Minho); *Trás-os-Montes:* «um molho de musgo» (Sabrosa), «vou ao musgo» (Vila-Rial); *Beira Alta:* Penedono (Vid. REV. LUS. XII, 314)]. Dizem-me de Sabrosa que as fôlhas sêcas de pinheiro, em separado, se chamam *agulhas (nomen unitatis)*, e, em colecção, *musgo (-de-pinheiro):* Uma *agulha* de pinheiro, um molho de *musgo*.

58. **musgo-de-pinheiro**.

59. **pico** [*Douro:* Famalicão; *Estremadura:* Vale-do-Cóina]. No Vale-do-Cóina, dizem *pico sêco* em oposição ao *verde; pico verde*, como *agulha verde*, é a folhagem do pinheiro, em ramos, mas no geral diz-se apenas *pico* (e *agulha*), entendendo-se o sêco.—Em galego [Vid. LIT. GALL., de Aldao, pág. 199]:

A pobre da vella c'o feixe de pico
subía as encostas
da negra montana, que as néboas envolven.

Já tinha colhido êste vocábulo em Tui. — *Pico*, em virtude da acerosidade das fôlhas do pinheiro.

60. **pinhel** [*Douro:* Caíde (Lousada)]. De *pinho*.

61. **pinho** [*Minho:* Gondomil (Valença-do-Minho); *Douro:* Caíde (Lousada)]. — *Pinho* é também a madeira do pinheiro.

62. **pinhos** [*Trás-os-Montes:* Freixo-de-Espada-Cinta; Ilha de S. Miguel: Vila Franca-do-Campo]. «Ir aos pinhos», «faz aí um lume de pinhos». (Inform. do Sr. Óscar de Pratt). Cfr.: *agulha* e *agulhas*, *agulheta* e *agulhetas*, etc. No entanto, não se diz *um pinho*.

63. **pique** [*Minho:* S. Tomé-de-Caldelas (Guimarães)]. É alteração de *pico*. — Também dizem:

64. **piques**.

65. **pluma** [*Minho:* em algumas partes do concelho de Viana-do-Castelo, do de Barcelos, do da Póvoa de Lanhoso etc.]. — *Pluma* e:

66. **pluma-de-pinheiro**. — Mas o mais vulgar é:

67. **pruma** [*Minho:* Viana-do-Castelo, Ponte-da-Barca, Barcelos, Braga, Celorico-de-Basto, Espòsende etc.; *Douro:* S.to Tirso]. — *Pruma* < *pluma*, em virtude da forma das fôlhas.

68. **rapão** [*Estremadura:* Azeitão. Vid. *Óscar de Pratt*, NOTAS À MARGEM DO «NOVO DIC. DA L. PORT.», 1.a série, Pôrto 1913, pág. 66]. — De *rapar*, por meio do sufixo *-ão*, que exprime resultado da acção. Cfr. *rasgão*, *rachão*, *borrão*, etc.

69. **retrama**. Informam-me de que êste vocábulo se usa em Aldeia-da-Ponte (Sabugal), com a significação de «caruma». Registo o informe com dúvida. — A Ex.ma Sr.a D. Maria Angélica Furtado de Mendonça diz-me que *retrama* é a «coma do pinheiro, verde» (Rapa, na Beira-Baixa). — O *Novo Dic.* dá-lhe êste significado: «*Prov. trasm.* Mato sêco, que se põe sôbre os tectos dos palheiros, e sôbre o qual se assenta depois o côlmo».

70. **sama** [*Estremadura:* Tôrres-Vedras]. Êste informe confirma o que diz o Novo DIC. (s. v. *saua*).—Lê-se numa tradução portuguesa: «O socego e a solenidade do pinhal..... O cheiro tépido e concentrado da resina enchia o ar e debaixo dos pés estalavam as maravalhas secas. Adiante, atraz e aos lados,— por toda a parte emfim, erguiam-se os pinheiros avermelhados, e muito difficilmente aqui e alli, por entre a camada de sama apparecia..... uma pallida verdura.» Gorki, VARENKA OLESSOVA, trad. de C. Nogueira, Lisboa 1905, pág. 128.—Provirá de *chama*: troca de *ch* (=*x*) por *s*, palatal?— Cfr. CHAMA [1].

Viana-do-Castelo, Agôsto de 1915.

CLÁUDIO BASTO.



[1]—A tôdas as pessoas, que, amàvelmente, me enviaram informações, deixo aqui patenteado o meu cordeal reconhecimento.—Muito grato ficarei também aos leitores que tenham a gentileza de me fornecer elementos para se acrescentar e corrigir o presente artigo.

UMA EXCURSÃO A CASTRO-LABOREIRO

(NOTAS NUMA CARTEIRA) (1)

Em 1904, estando a veranear nas Agoas do Peso, fiz uma excursão a Castro-Laboreiro em companhia do Rev.º Manoel José Domingues, Abbade de Melgaço. A excursão foi muito breve. Partimos num dia de manhã, e voltámos no dia seguinte depois de almôço. Tomei porém algumas notas ethnographicas e dialectologicas que poderão ter utilidade para os estudiosos; e por isso aqui as publico, pouco mais ou menos na mesma fórma em que as tomei.

Castro-Lâboreiro fica na serra, em uma das regiões portuguesas mais rusticas, por tanto preciosissima para investigações ethnologicas. Ha, de facto, a seu respeito já um «ensaio anthropologico» dado a lume por Fonseca Cardoso na *Portugalia, II,* 179 ss., e algumas referencias avulsas publicadas *ibid., II,* 360, no que toca a trajos, pelo fallecido Rocha Peixoto, que igualmente se refere a Castro-Laboreiro num artigo que escreveu nas *Notas sobre Portugal, I* (1908), 73 ss., acêrca das fórmas da vida communalistica no nosso país. Vid. tambem: o *Itinerario de Lisboa a Vianna do Minho* de Sebastião José Pedroso, Lisboa 1844, pag. 29-30 (2); o *Minho Pittoresco* de J. A. Vieira; e entre outros tratados de Geographia, o *Portugal ant. e moderno* de Pinho Leal, II, 205 ss.

A palavra *Castro-Laboreiro* está por *Castro-do-Laboreiro*, pois nos compostos d'esta especie a particula articular *do* reduz-se a *de*, que depois cae ás vezes: cfr. *Ponte de Lima*, por *do Lima*, *beira-mar* por *beira-do-mar*. O povo em vez de *Castro* diz sempre *Crasto* (e sem *Laboreiro)*. Esta palavra não é mais que o lat. castrum, que no latim da decadencia significava «oppidum» (3); ella applica-se no nosso pais aos montes em que ha vestigios de fortificações da epoca lusitanica (4): Castro-Laboreiro deve pois ter sido na origem um *castrum* proto-historico. *Labo-*

---

(1) Este artigo com quanto esboçado, é quasi todo redigido, logo depois da excursão, só agora o pude concluir para o prelo.

(2) Nos *Ensaios Ethnographicos*, IV, 435-436, reproduzi o que elle diz de Laboreiro.

(3) Cf. *Religiões da Lusitania*, II, 82.

(4) Cf. *O Arch. Port.*, I, 3 ss.

reiro vem do lat. leporarium «lugar em que se criam lebres, coitada ou tapada em que se criam animaes, feras, gado etc.» (Bento Pereira,—*Prosodia*, s. v.); cfr. *Coelheira — Coelheiros*, *Lobeira — Lobeiros*, *Raposeira — Raposeiros*, *Gallinheiro*, *Formigueiro* etc., que são vulgares no nosso onomastico geographico, onde tambem apparece simplesmente *Laboreiro*. Entre esta última fórma e leporarium houve *Leboreiro*, fórma attestada em documentos do seculo XIII ([1]); houve do mesmo modo *Leboreira* ([2]).

O nome patrio dos habitantes de Laboreiro é *Crastejos*, que assenta na fórma popular *Crasto*, já citada ([3]); o suffixo *-ejo* nestes derivados não é muito freqüente, mas posso citar a mais: *Ferralêjo* (de *Ferrel*), *Poêjo* (de *Pó*); cfr. *Torrejano*=*Torr-ej-ano*.

*

Como disse, partimos de Melgaço, o Sr. Abbade e eu, uma manhã, ás 9 ½,—montados em mulas, e acompanhados de duas robustas mocetonas, calçadas de grossos *çoques* (i. é, *çocos* ou «socos»), e com *polainas de branqueta*. Não pareça descortesia irem dous homens com mulheres por arreeiras; é este o costume local.

Fomos subindo montes, e atravessando miseros logarejos: Cavalleiros, Cabana, Villa do Conde, Candosa, Ladrunqueira; neste último as nossas companheiras beberam vinho mosto por uma malga, em uma venda.

Ao passarmos por Fiães, visitámos as ruinas do convento que ahi se vêem entre bons campos, em meio do mysterioso silencio que outr'ora convidava os monges á meditação; a entrada para lá é uma bella alameda de carvalhos. A igreja conserva ainda as suas portas ogivaes ([4]). Diz-se que em tempos viera para aqui a imagem de uma santa, que fez que num campo proximo rebentassem agoas milagrosas que encheram um tanque; ha muito que os milagres acabaram, mas a lenda, que já tem o seu protótypo antigo na de Hippocrene, continúa a occupar a mente do povo, sempre propensa a maravilhas, especialmente por estes lindos sitios do Alto-Minho, onde cada elemento da Natureza, fonte, ribeiro, collina, penhasco, arvore, ajuda

---

([1]) Vid. *Onomastico* de Cortesão, *sub voce*.

([2]) Vid. Cortesão, *ibidem*, *sub voce*.

([3]) Vid. *Uma excursão ao Soajo*, Barcellos 1882, p. 34.

([4]) No *Minho Pittoresco*, I, 7-9, vem uma noticia e uma gravura da igrèja de Fiães.

a conservar os mythos poeticos do passado, e promove a criação de outros novos.

Em vez de pinheiros, que abundavam até agora, começam a ver-se unicamente *vidos* ou *bidos* (i.é, «vidoeiros» ou «bétulas») [1], carvalhos, e plantas rasteiras. Continuámos a subir, e chegámos ao sítio do Outeiro da Loba, que na sua denominação dá ideia da fauna local; depois chegámos a uma aldeia chamada *A Alcobaça*, palavra bastante curiosa, já por ser precedida do artigo *a*, já porque serve para desfazer o êrro dos que suppoem que a villa de Alcobaça, na Estremadura, deve o seu nome aos rios Alcoa e Baça. Vê-se que *Alcobaça* foi expressão commum e bastante geral: além dos dois citados exemplos, temos *Alcobacinha* no districto de Santarem, e *Alcobaza* na Hespanha.

Na Alcobaça termina propriamente a colheita do milho, e principia a do centeio. O milho, como é raro, recolhem-no em *canastros* de vergas de carvalho,—especie de sebes de carro, tapadas com cupulas de colmo; peculiaridade esta d'aqui, e de Lamas de Mouro, que fica proximo.

Pouco depois entrámos na fréguesia de Castro-Laboreiro, pelo lugar de Porto de Cavalleiros: casas cobertas de colmo (na Alçobaça já algumas), que, vistas de longe, mal se distinguem, na côr, dos giganteos penedos de granito que as rodeiam. Portellinho, logo em seguida, é povoação da mesma categoria. Contarei uma aventura que me aconteceu aqui. Quando vou a alguma aldeia, costumo examinar os teares, porque ás vezes os pesos d'elles ou tem fórma artistica, ou são objectos archeologi-

---

(1) *Bido* ou *vido* está por **bidoo*, ou *viduo*, que se conserva em galego a par de *bido*; cfr. em Portugal *Viduinho* (nome de um sitio no concelho de Cinfães), *Vi*[illegible] (=Biduedo), *Vidueiro* (e *Viduefros*), e *Vidual*, fórmas que tambem fazem presup[illegible] *doo* em português antigo; na Galliza ha *Bidueiras*, *Bidueiro* (e *Bidueiros*), e *Bidu*[illegible] nas Asturias *Biduedo*. Todas estas fórmas tem *i* na syllaba inicial. A par ha, em Po[illegible]tugal, *Beduido*, na Galliza *Beduedo*, nas Asturias *Beduledo*. Sem dúvida *Beduledo* e *Beduedo* vem de *betula-*betulus. Quanto ao nosso *Beduido*, poderá explicar-se tambem assim, ou por dissimilação de **biduido*. O dificil é explicar a mudança do *e* tonico de *betula-*betulus no *i* de *biduo*, tanto mais que ela é muito antiga: já no sec. XIV temos *Viduedo* e *Bidoa*, e no sec. XIII *Biduedo*,—como pode ver-se no *Onomastico* de Cortesão. A snr.ª D. Carolina Michaëlis diz simplesmente «*bido*, de betulus» na *Rev. Lusit.*, III, 179, e Garcia de Diego «*biduo*, de betula», sem darem a razão da mudança. Como *i* por *e* atono não seria insolito, poderia primeiro ter-se formado *bidueiro* de **bedueiro*, e respectivamente *biduedo* etc., d'onde, por derivação regressiva, sairia *biduo* (cf. *amendoeira—amêndoa*, *Aguieira-águia*, *nevoeiro-névoa*, em que vemos palavras primitivas, ou supostas tais, com vogal tonica seguida de um digrafo vocalico); como porém o *i* é antigo, talvez no lat. pop. *betula-*betulus influisse uma fórma germanica a que corresponde o alto-alem. ant. *bircha*, al. mod. *Birke*, ingl. *birch*, onde se mostra *i*, e do cruzamento saisse *bitula-*bitulus. Quando, como no caso presente, a documentação antiga é imperfeita, precisamos de recorrer a hipoteses, nem sempre completamente satisfactorias.

cos, achados casualmente no campo, e applicados para aquelle uso; em Portellinho vi um tear, e pedi á tecedeira,—uma velha, em mangas de camisa, com o collete muito rente ao corpo, e grossas polainas—, me deixasse entrar em casa, no que ella de boa vontade consentiu, pois cuidou que eu era carpinteiro; a breve trecho, porém, como a nossa gente do campo vive sempre debaixo do pesadelo dos tributos, suppôs-me fiscal da fazenda, e toda se affligiu, sendo precisa a conciliadora intervenção do Sr. Abbade para lhe incutir sossêgo, e eu poder sondar em descanso o vetusto apparelho penelopeu, que infelizmente nada tinha especial.—Do nome de uma planta que ha pouco citei como indigena da região vem o do lugar de Vido ou Bido, que tambem atravessámos, e que não sobrepuja os precedentes. Ao lado fica Varzea Travéssa. Por fim entrámos na *villa*, que é como os Crastejos chamam á sua terra, visto que ella o foi algum dia. Ainda que as instituições sociaes mudem, o vulgo, que está afeito á linguagem tradicional, conserva esta longo tempo, em contradicção com os factos.

Apesar da sua rusticidade, Castro-Laboreiro procura acompanhar o progresso: possue algumas lojas de negócio, uma fonte de cantaria, e um Commendador, que é ao mesmo tempo o Professor primario da frèguesia, o Sr. Mathias Lobato, pessoa amavel, a quem os forasteiros ficam sempre devendo obsequios.

Ao longe o castello, posto num alto, provocou logo a minha visita, porquanto esperei encontrar ahi alguns vestigios proto- ou prehistoricos; na sua última fase, é todavia de epoca portuguesa, o que se vê da architectura e de uma inscripção. Nada encontrei no interior. Sem embargo, quem procedesse a excavações, talvez encontrasse qualquer cousa junto d'aquela mole de granito, onde, por causa da inexpugnabilidade do sitio, que fica de mais a mais entre dois regatos, jazeu certamente o primitivo *Castro*. De lá se goza ampla vista de aldeólas, por exemplo, Corveira, Laceiras, Barreiro, Açoreira, Meijoeiro (quartel permanente da guarda fiscal), Dorna, Entalada, Pontes, Mareco, solitarias, entre arvoredos e montes. Várias d'ellas servem de *inverneiras* [1]. Em contraste com ellas ha as *brandas*, por exemplo, Portos, Seara, Eiras, onde se passa o verão; a palavra *branda* está, quanto a

[1] «No inverno os Crastejos abandonam as povoações do alto, e recolhem ás suas choças no fundo dos vales, as *inverneiras*, para as quais transportam o seu limitado trem de cozinha, instrumentos de trabalho, as roupas e o gado». *Minho Pittoresco*, I, 22.

mim, por **verãada* <*veranata, e corresponde á hespanhola *vernada* «Zeit, die das Vieh auf den Sommerweiden zubringt» ([1]); cfr. de um lado, o gall. e crastejo *gando*, e hesp. *ganado*, e do outro, o hesp. *braña* «pasto de verano», de *veranea ([2]).

No dia da nossa chegada havia na *villa* feira de gado. Tive por conseguinte ensejo de observar muitos homens juntos: apresentavam-se geralmente de cara rapada, vestiam de çaragoça (jaqueta, calças e collete) ([3]), traziam chapeu de panno ou carapuça, e varapau. Mulheres, por ser de gado a feira, não andavam lá muitas. O trajo ordinario d'ellas é: camisa; faxa vermelha; collete; jaqueta; saia branca; saiote; saia de côr, quasi sempre preta, feita de *fôloado* «panno de lã de ovelha ou de linho», que se fabrica em Castro; *mandil; singuidalho*, do mesmo ou de outro panno ([4]); na cabeça *capella*, que póde ser substituida por lenço; nas pernas *calções* e *piucas*, meias sem pé, que se prendem com uma liga ou *baraça;* e nos pés *chancas* ([5]). A outras peças de vestuario já acima me referi. No inverno, tanto homens como mulheres se abrigam das neves, chuvas e friagens com o *corucho*, especie de capuz de burel que se traz na cabeça, e tem uma especie de aba que se prolonga pelas costas abaixo; a palavra *corucho* provém talvez de corona + suff. *-ucho*.

O sr. Abbade de Melgaço é natural da frèguesia de Castro, e por isso facil lhe foi apresentar-me em muitas casas para eu observar os costumes.

Uma das industrias caseiras mais correntes é a de fiar. Ha grande variedade de rocas no nosso país, e cada uma das peças e componentes d'ellas tem seu nome: assim a parte bojuda, onde se colloca o fiado, chama-se em Castro *rocanço*, e apresenta tres saliencias; o cone truncado que cobre o *fianço* cha-

---

(1) *Zeitschrift f. rom. Philol.*, XXIX, 428 (Subak).

(2) Körting, *Lat.-Rom. Wb.*, s. v. — Nas Asturias chamam «*brañas* ou *beranas* los agostaderos en las cumbres de las sierras, donde pastan los ganados en el verano», vid. *Boletín de Sc. Academia de la Hist.*, LIX, 10; a pág. 42 fala-se de outras «*brañas* ó lugares de los vaqueros». — A palavra *branda* nada tem com a fr. *brande*, como supûs em 1882 no meu opusculo intitulado *Uma excursão ao Soajo*, p. 33.

(3) O collete, que em algumas partes da Galliza se diz *sertún*, diz-se em Castro Laboreiro *chaleco* (com *ch*). Há parallelismo com o mirandês: *sartún* em Sendim, *jaléco* (com *j*) em Duas-Igrejas.

(4) Serve de *mandil*. Cfr. *Portugalia*, II, 375: *singuidalho* crastejo ou *sanguidalho*, «que fórma triangulo à frente».

(5) «Homens e mulheres d'aqui usam de polainas de burel brancas e *chancas* (especie de sandalias, com a *sola* de páo, presa ao pé por correias)»: vid. Pinho Leal, *Portugal ant. e mod.*, II, 207. — Cfr. *Minho Pittoresco*, I, 20 (gravura).

ma-se *naipo*, por ser feito de cartas de jogar (naipe) (¹). *Fianço* é o nome do fiado. Os fusos são de duas especies: de ferro, para linho, e de pau, para lã; adquiri alguns mais curiosos, que trouxe para o Museu Ethnologico. Aos pesos de tear (feitos de madeira) ouvi dar o nome de *catolcas*.

A cozinha consta de: *lareira*, *borralheira*, especie de camara para recolher o borralho, coberta por uma lage que se chama *copeira* ou *pilheira* (²); *escanos*, postos ao lado da lareira, para se sentarem; *almario*, simples prateleira para louça; *masseira*; *fumeiro* ou «canniço», pôsto superiormente á lareira, para ahi se enxugar a roupa; *arcaz*, caixa para guardar os cereaes.

Os Crastejos servem-se, mais ou menos, de pratos de madeira, tanto para comerem, como para conservarem a comida. Eu vi d'estes pratos. Tambem se usam *cuncas* «malgas» ou «tigelas» da mesma substancia; d'antes todos comiam nellas, hoje porém só as crianças. Consta-me que esta «loiça» se fabrica na Galliza, e se exporta de lá para o Alto-Minho. Ha colhères de madeira, que se chamam igualmente *cuncas*. A fórma masculina *cunco* applica-se a uma gamella de pau para se bater a massa do pão antes de ir para o forno, ao que se chama *patiar o pão* (em S. Gregorio dizem *afupar o pão*). Acerca de *cunca* < lat. concha vid. G. de Diego, *Gram. hist. gallega*, § 41, 8. A par d'isto póde citar-se *córno* «copo de chifre»; é corrente a frase: «dá-me um *córno d'agoa*» (³).—Já Estrabão diz que os montanheses da Lusitania se serviam de vasos de madeira, como os Celtas: ξυλίνοις δὲ ἀγγείοις χρῶνται, καθάπερ καὶ οἱ Κελτοί (4). O costume vem pois de longe. Por todo o Portugal estão em voga colhéres, gamelas, baldes de madeira; pratos todavia não sei que existam noutra parte senão no extremo Norte; tijelas, denominadas *escudelas*, vendem-se ainda no Porto, e tenho-as visto applicar á comida das crianças e dos gatos. — *Camboeira*, palavra derivada de *cambão*, (i-é, *cambom*) significa um movel composto de uma haste com taboas de cada lado para ter pães, carne, etc.; assemelha-se á *queijeira* da Beira. — O systema de pesar é á antiga: adoptam pesos de pedra com uma argola de ferro (de arroba para cima), — o que se observa em muitas outras localidades.

(¹) Acêrca das rocas ha um artigo de Vieira da Natividade na *Portugalia*, t. II, fasc. 4 (Alcobaça). Pela minha parte direi que possuo desenhos de rocas de varios pontos do país, com a competente nomenclatura, e que no Museu Ethnologico reuni grande numero d'ellas (de canna e de pau).

(²) Na Beira-Alta *pilheira* é a propria camara.

(³) Cfr. uma cantiga do Soajo que públiquei em *Uma excursão ao Soajo*, pág. 23.

(⁴) *Geographia*, III, III, 7 (ed. de Meineke).

Para illuminação das casas, os mais pobres fazem uso de *guiços*, que são pedaços de urzes sêcas (*gândaros*), de queirogas sêccas e de tojos secos, descascados do tempo, e que se accendem á maneira de vela: sustentam-nos na mão, ou espetam-nos num buraco da parede; de vez em quando *esmoucam-nos*, quebrando no chão a parte carbonizada, para os reaccenderem. Na Galliza acontece o mesmo, e o nome é igual, só se escreve com *z*. Com os guiços concorrem vantajosamente candeias de lata, suspensas em seu *velador*, como é geral no Norte e Centro do país; outr'ora havia-as de ferro, e alimentavam-nas de *sil* ou banha de porco. A palavra *sil* é bastante curiosa, pois corresponde na significação, e em parte na fórma, ao latim adeps suillus (suilla); só tem de se admittir o adjectivo (depois substantivado) *suilis, isto é, *suile, formado de sus, como o substantivo suile (cfr. suinus).

Terminarei aqui a parte descritiva, mencionando a *cama*, palavra que significa propriamente «leito de madeira»; assim se diz: «o carpinteiro faz uma cama». A *cama* consta de um caixão grande, com quatro *banzos* ou pernas, que terminam superiormente em piramides. Os mais pobres ahi dormem sobre palha, envolvidos numa manta de burel (sem enxergão, nem lençoes); de travesseiro serve um farrapo [1]. Num dos *banzos* da cabeceira enrola-se o rosario em que rezam.

Passarei agora a dizer duas palavras acêrca da linguagem.

Phonetica. — Diz-se *mã* «mão», *chã* «chão», com *a* aberto (mais ou menos; talvez aberto só na emphase, e fechado no falar normal); *càda cã*: temos aqui o mesmo fenomeno que em gallego (*man*, *chan*). Ouvi *lã* (aberto). Diz-se *coraçom*, como tambem em gallego (*curazon*) [2]: fórma portuguesa arcaica. Fenomenos analogos ao galego são igualmente: *cã*, *pã*, *stã*, *bẽ*. Ouvi *manhã*, e *menhã*, como é vulgar no país. Á fórma nasalada *mãi*, da nossa lingoa litteraria, corresponde aqui *mai*, que rima com *pai* (em gallego diz-se *mai* e *nai*). *Múito* é do mesmo modo sem nasal (gallego *muito* e *móito*). Entre nasal e vogal intercala-se *ṅ* (*n gutural*): *nũ ṅ é*; *tamẽ ṅ eu*. — O ditongo *ou* sôa *ôu*, como no resto do Minho. Ha diferença entre *s* e *r*, como geralmente acontece na raia; ha *b* por *v*; *ch*.

Morphologia. — A palavra *pantasma* é do genero feminino,

[1] No *Minho Pittoresco*, I, 16, vem um desenho do leito de Castro-Laboreiro.

[2] Em galego escreve-se *n* final, á hespanhola, mas *-on* representa uma vogal nasal como em português.

por acabar em *-a*, o que tambem se observa em português antigo em *phantasma*, que lhe corresponde ([1]). — Pronomes: *ningũna* «nenhuma», *che* «te» em *fáço-che*. — Verbos: *fui foche foi fomos fostes fôrõ* (i, é, *-ôm* atono. não *-ũ*), *tube tubeche tôbo tubemos tubêstes tubêrõ*. A mór parte d'estas fórmas são lá antiquadas; só as mulheres as usam, raro os homens. Diz-se até, para riso, a seguinte phrase que caracteriza o arcaismo da linguagem de Castro: *foche a bineche a deche-l' ò pecho a metêch' ò gando?* «foste e vieste e deste-lhe ao fecho ([2]) e meteste o gado?». Outros verbos: *bõu bás bai imos ides bã* (não ha *iba*); *fije fijeche fezo fijemos fijêstes fijerõ; quije quijeche quiso* ([3]) *quijemos quijestes quijérõ*. A 2.ª pessoa em *-che*, e a 3.ª em *-o* são muito proprias do gallego. — Fórmas várias: *eu poissa* «eu possa» (lat. * posseam), *eu côido* «cuido», *faziã* «fazião», *som* «são», *põ* «poem».

Amostras de poesia popular. — Ouvi algumas cantigas, que em parte servirão ao mesmo tempo de textos para conhecer a lingoa:

Adeus, ó bila de Crasto,
As costas lh'eu bõu birando;
Im que lh'eu as costas bire,
Meu coraçom bai chorando.

Adeus, ó bila d'Acrasto,
Probência de Tras-os-Montes,
No dia que t'eu nũ bêjo,
Meus olhos são duas fontes ([4]).

Adeus, ó terra de Crasto,
As costas te bõu birar:
Bõu para o bal de Chabes ([5]),
Donde m'eu bõu desterrar.

Fita berde no chapeu,
Meu amor, nũ lh'a ponhais:
Dá-lh'o bento, abole, abole ([6])...
E eu côido que m'açanais!

Heid' amar o cordom berde,
Im quanto tiber berdura;
Hei-d'amar a quem quijer,
Q'inda nũ fije scritura.

Neste lenço deposito
Lagrimas que por ti choro,
Por nũ poder alcançar
Os braços de quem adoro.

([1]) Sobre outros phenomenos da mesma classe, vid. *Lições de Philologia Port.*, p. 405-406. — *Pantasma*, com *p-*, tambem se usa no Algarve (*Rev. Lus.*, IV, 336), e na Andaluzia (*Zs. für rom. Phil.*, t. V, 1881, p. 305, onde Schuchardt aventa que o *p* não corresponde a *ph* latino, mas resulta de influencia de *espantar*, o que talvez não seja, pois tambem temos *espera* < sphaera). Em Santander ha *pentasma*, porém esta palavra não é comparavel ás outras, porque os Bizcainhos confundem *f* e *p*: Mugica, *Dialect. castell.*, I, 2 e 12.

([2]) De madeira.

([3]) Ou *quijo*?

([4]) Esta cantiga é uma variante insciente de uma cantiga aplicada a Vila-Real de Trás-os-Montes.

([5]) «Vale de Chaves».

([6]) O verso ouvi-o assim: «dá-lh' o bento, abole», mas evidentemente falta o segundo verbo, por isso o acrescentei. A quadra é muito expressiva.

Esses teus lindos olhos
Som cadeias de bom ferro,
Prisões que me a mim sigurã...
Eu ôutras já as nũ quero.

Alfaiate, guarda a filha,
Nũ na ponhas á jenela,
Os soldados da marinha
Nũ tirã ^n^ os olhos d'ela.

Alfaiates nũ som homes,
Nem se lhe póde chamar:
Quando pérdim ũ^n^a agulha,
Logo se põ a chorar!

Vocabulario.—Aqui agrupo alphabeticamente os vocabulos mais especiaes que citei acima, e outros que colhi a par.

abulir, bulir. Vid. pg. 277.
açanar, acenar.
acismos, exorcismos. Presuppõe como fórma intermedia **exocismos*.
almôrço, almôço. Quanto ao *al-*, cf. hesp. *almuerço;* mas aquella fórma tambem se encontra em português classico.
almario, armario. Vid. pg. 275.
anho, cordeiro.
arcaz, caixa. Vid. pg. 275.
banzo, coluna da cama.
borralheira (na cozinha). Vid. pg. 275.
branda. Vid. pg. 273.
cabeçalho (no carro). Vid. «carro».
cama: Vid. pg. 275.
camarros, -as. Alcunha que se dá aos naturais de Pedroso (região da frèg. de C. Laboreiro, e que comprehende Formigo, Teso, Curral do Gonçalo, Eiras, Padresôiro, Seára, Portas).—Dizem que o nome provém do de uma planta do mato, porém não sei ao certo.
cambas. Vid. «carro».
camboeira: Vid. pg. 275.
canastro: Vid. pg. 272.
capela (vestuario). Vid. pg. 274.
carro. As principais peças são: *cabeçalho, chavelhas, stadulhos, chedas, ladral* e *rodas.* Vid. «roda».—*Stadulho* creio virá de *statuc(u)lu-, nome verbal de *statuere* (cfr. *statumen*), como *governalho* <gubernac(u)lu. Acêrca de *cheda* vid. D. Carolina Michaëlis nos *Iahresberichte* de Vollmöller, v., 338. *Ladral* vem de laterale.
catoica, peso de tear.
chaleco (vestuario). Vid. pg. 374, n. 3.
chancas, tamancos. Vid. pg. 274.
chavelhas: vid. «carro».
cinta: vid. «carro».
copeira (na cozinha): vid. pg. 275.
çoques (çocos ou socos).
córno, copo de côrno.
corucho (vestuario): vid. pg. 274.
cunca, tigela. Tambem significa «colhêr» de pau. Vid. pg. 275.
cunco (gamella): vid. pg. 275.
Crastejo, habitante de Castro Laboreiro. Vid. pg. 271.
debandôira, dobadôira. A fórma *debandôira* é etimologica, isto é, vem de *debãadoira < *depanatoria; cf. *debar* < *debãar < *depanare, derivado de panus «canella de fiado» (Bento Pereira). O etimo de *debar* foi dado por D. Carolina Michaëlis, *Studien zur hispan. Wortdeutung*, Florença 1885, § 15.—De *debar* fez-se *dobar*, por influencia da labial *b:* cf. *dobaixo=dubaixo* de *de baixo*. Em algumas localidades diz-se *dòbar*, com *o* aberto, que assenta no *o* de *dóbo, dóbas* etc.
eixo: vid. «roda».
em que (sôa *im que*), «ainda que». É arcaico.
escano: vid. pg. 275.
esmoucar (corresponde a «espevitar»): vid. pg. 276.—De boa vontade explicaria eu *esmoucar* por *es-moucar*, trazendo assim mais uma justificação da explicação que de

mouco, por Malchus, deu a Sr.ª D. Carolina Michaëlis nas suas *Studien zur hispan. Wortdeutung*, Florença 1885, § 28: como *esmoucar*, na lingoa comum, significa esboicelar», conteria esse verbo a ideia primitiva que depois nos aparece modificada em *mouco*. Propriamente ex-*malchare «tornar Malco», «desorelhar», «esboicelar».

foloado: vid pg. 274. De *foloar*: participio substantivado. Propriamente *fuloar*, derivado de *fulão* «pisão».

galha: vid. «galheira».

galheira, forcado de madeira ou de ferro, de tres galhos, para se apanhar o mato depois de cortado e se colocar no carro que o ha-de conduzir. Quando tem dois galhos; chama-se *galha*.

gândaro (esdruxulo): vid. pg. 276.

gando, gado.

gato (na roda). Vid. «roda».

guiço: vid. pg. 276.

im que: vid. «em que».

inverneira: vid. pg. 273.

jenela, janella. Corrente no país, a par de *jinela*.

labisome, lobishomem.

ladral (no carro). Vid. «carro».

Lagarteiros -as): alcunha dos povos do Ribeiro, na frèguesia de C. Laboreiro.

lareira: vid. pg. 275.

lhama (na roda): vid. «roda».

mile (na roda): vid. roda».

mûito (sem nasal): muito. Cf. pg. 276.

mái, mãe. Cf. pg. 276.

naipo (na roca): vid. pg. 274.

ningura, nenhum. Cf. pg. 276.

pantasma, phantasma, aparição nocturna. Cf. pg. 276-277.

patiar: vid. pg. 275.

pilheira: vid. pg. 275.

pontáda, ponto dado com agulha. Propriamente «acto de dar ponto».

rocanço: vid. pg. 274.

roda. A roda do carro tem as seguintes peças (principais): *cambas*, *mile*, *lhama* (chapa que reveste a orla da roda), *gatos* (de ferro), *eixo*.

rompe-cabeças, brinquedo infantil, de pau, composto de várias peças, que se armam e desarmam. — Cf. a minha *Historia do Museu Etnologico*, Lisboa 1915, pg. 212.

sil: vid. pg. 276.

singuidalho (peça de vestuario): vid. pg. 274

solagado, guardado, escondido.

soleira (parte da cama).

stadulho, orificio nas chedas do carro. Como na lingoa comum *estadulho* é o mesmo que «fueiro», tomou-se aqui estadulho pelo orificio onde ele se introduz (metonimia).

tapúas. Diz Pinho Leal, falando de C. Laboreiro: «D'aqui sahem no inverno para Trás-os-Montes e outras terras mais de 200 homens a fazer paredes de mattos e campos. Chamam a estes pedreiros *tapúas*». Vid. *Portugal ant. e mod.*, II, 207.

velador: vid. pg. 276.

A linguagem de Castro-Laboreiro relaciona-se pela sua phonetica (*-ã*, *-om*, *mai*) e pela sua morphologia (*che*, *foche*, *tôbo*, *côido*, *som*, *pom*) com as falas fronteiriças que estudei na *Rev. Lusitana*, VII, 133 ss. Participa do português propriamente dito e do galego.

*

No regresso de Castro-Laboreiro trouxemos até Portellinho o mesmo caminho da ida. Ás alturas de Portellinho desviámo-

nos da róta, por montes quasi nus de arvoredo, á vista de Lamas do Mouro, em direcção a Covalhão e Urjaes, d'onde seguimos até o Pêso. Acompanharam-nos constantemente as mesmas duas mulheres, que eram como duas cabras monteses, na rijeza physica e nos modos.

Lisboa, 1904-1916.

J. Leite de Vasconcellos [1].



[1] O precedente trabalho, de que se fará separata, relaciona-se, quanto ao plano, com outros opusculos meus, respeitantes á terra portuguesa, taes como:

Uma excursão ao Soajo (Alto Minho), 1882 (eu deveria ter escrito *a Soajo* em vez de *ao Soajo*, porque o povo pronuncia lá o nome sem artigo; só por longe se diz *o Soajo*. Em documentos medievais *Soagio* e *Suagio*, fórmas alatinadas. Talvez *Soajo* se relacione com *soage* ou *soagem*, nome de uma planta. Na moderna toponimia galega ha *Soaje* e *Suaje*);

Por Tras-os-Montes (no prelo);

Pela Beira (no prelo);

Excursão á Extremadura Translagana, 1914;

Excursão archeologica ao Sul de Portugal, 1898;

Pelo Alentejo, 1912;

Excursão alentejana, 1914;

Entre Tejo e Odiana (no prelo).

Da Lusitania á Betica, 1900 (Alentejo e Algarve).

Em 1894 comecei a escrever um trabalho com o titulo de *No reino do Algarve*, porém não o acabei.

Festa das Calendas, e outras,

DE

Villa do Conde

Esta antiga e nobre villa, cuja existencia historica os documentos attestam já no seculo x [1] com uma igreja edificada no **castro** denominado de S. João, precisamente no logar onde hoje se encontra o extincto Convento da Encarnação (Franciscanos), ainda conserva no presente algumas festividades tradicionaes, que denotam remota antiguidade.

D'entre ellas poderemos fazer avultar as festas do S. João, da Senhora da Guia, e das Calendas.

As festas do S. João perderam toda a sua poesia e encanto (apesar de typicas nesta localidade), pela falta de collaboração das freiras e creadas *(tachos)* do extincto Mosteiro de Santa Clara, as quaes na sua cêrca festejavam tambem o Precursor, associando-se aos canticos entoados pelo povo da villa, que na cêrca de fóra assistia á curiosa procissão promovida pela communidade das claristas.

A romagem da Senhora da Guia, que se venera na sua vetusta capella da Foz do Ave, capella, que com a invocação de S. Julião, Martyr, já existia no seculo XI [2], é feita pelos pescadores de Villa do Conde e Povoa de Varzim.

E' uma romaria muito concorrida por gente da classe piscatoria, como pescadores são tambem os gerentes da confraria.

Esta festa archaica celebra-se annualmente no dia 2 de fevereiro (Purificação de Nossa Senhora), havendo na vespera procissão da Matriz para a Capella sita na barra desta villa, como disse.

Esta romaria, exclusivamente religiosa, não tem a alegria e o enthusiasmo das romarias do Minho, provavelmente por não haver arraial, nem festival nocturno.

Em todas as romarias do verão apparece sempre o romeiro e o *touriste;* á festa da Senhora da Guia, talvez por ser d'inverno, vae apenas o romeiro cumprir piedosamente o seu voto ou

(1) Cf. *Port. Mon. Hist.*, Dipl. et Chart., n.º 67, anno de 953.
(2) Cf. cit. *Portug. Mon. Hist.*, Dipl. et Chart., n.º 420, anno de 1059.

promessa, constante de visita á capella, de esmóla para o culto, e da *romaria* propriamente dita.

Esta consiste essencialmente em os romeiros darem volta á Capella ou directamente á Imagem, se está e mandor, tres vezes, a pé ou de joelhos, conforme prometteram.

Durante as voltas vão rezando o *Padre Nosso.*

Claro que no arraial das romarias de verão não faltam as danças e os descantes populares no meio de animação e enthusiasmo indiscriptivel, para o que muito concorrem as musicas, os fogos d'artificio, o vinho verde, e a mocidade, que põe sempre uma nota alegre em todas as festas.

Aqui mesmo neste concelho no mês de Julho faz-se a romaria de S. Bento de Vairão (1), para onde se despovôa a villa inteira, uns com intuitos religiosos, outros com o pretexto d'um jantar, no campo, ao ar livre; e em setembro, a de Santa Euphemia (2) nos confins de Alvarelhos e Guilhabreu.

São romarias tradicionaes amplamente concorridas de gente dos concelhos de Villa do Conde, Povoa de Varzim, Maia, Bouças e Santo Thyrso.

Quanto á festa das *Calendas,* para determinar com precisão a sua origem historica, é necessario préviamente definir o sentido liturgico da palavra *calenda.*

Em liturgia denomina-se *Kalenda* o Martyrologio ou antes a lição deste, que sempre é lida no côro á hora de Prima antes do verso — Pretiosa — excepto nos ultimos tres dias da Semana Santa; e chama-se deste modo, porque começa pela kalenda e lua respeitantes ao dia immediato, pois a lição do Martyrologio seguinte diz-se no dia antecedente. Claro que a lição

(1) S. Bento de Nursia, Patriarcha da Ordem Benedictina, é orago deste extincto mosteiro de Religiosas da mesma Ordem, cuja existencia os diplomas mencionam já no seculo X, como se vê do doc.º n.º 112, an. de 974, inserto nos *Portug. Mon. Hist.*, Dipl. et Chartae.

(2) A antiga ermida de Santa Euphemia situada no monte do mesmo nome, freguesia de Alvarelhos, já existia em 1623, porquanto encontra-se mencionada no *Catalogo dos Bispos do Porto*, de D. Rodrigo da Cunha, pag. 401. Da antiguidade desta ermida e do tempo da celebração da sua festa (setembro) vê-se que primitivamente se tratava de Santa Euphemia, de Calcedonia, registada no Martyrologio romano a 16 de setembro; todavia depois de reformada a dita ermida em 1728, e tendo já sido feita a revisão do Breviario bracarense de 1724, ordenada pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, que ali introduziu a 17 de abril outra Santa Euphemia, filha de Caio Attilio, regulo bracarense, nacionalizaram a padroeira da mesma ermida, e d'ahi por deante a Santa Euphemia de que estou falando passou a ser a de Braga e não a de Calcedonia. Não ha duvida, era mais patriotico; mas infelizmente a Santa Euphemia bracarense nunca existiu, nem ha tradição della nesta diocese. Não passa d'uma invenção do Padre Higuera, auctor dos falsos *Chronicões*.

do Martyrologio, abrindo pela indicação do dia do mês e da lua, nem sempre começa pela palavra *Kalenda,* mas tambem pelas *Nonas* e *Idus*, que são os nomes das tres partes, em que os Romanos dividiam o mês; todavia como no maior numero de dias se empregava para a sua designação a palavra Kalenda, d'ahi os liturgistas usarem indistinctamente das palavras *Kalenda* e *Martyrologio* na mesma accepção [1].

Demais: o proprio Martyrologio, tendo sido accomodado á ordem ou forma do kalendario, principia pelo primeiro dia de janeiro, a que corresponde a palavra *Kalenda;* pois assim chamaram os Romanos ao primeiro dia de cada mez, e deste modo as *Kalendas* antecediam as *Nonas* e os *Idus* [2].

Como disse, recita-se sempre no dia precedente a lição do Martyrologio, que encerra as memorias dos Santos do dia seguinte, e assim a festa da Circumcisão do Senhor, celebrada nas kalendas de janeiro (dia primeiro), é annunciada no côro no dia 31 de dezembro; portanto a *Kalenda* ou *Martyrologio* desta festa, como a de todas as outras, é *lida* ou *cantada* no dia anterior. Digo lida ou cantada, porque a *Kalenda* das festividades mais solemnes é em geral cantada no côro com o apparato determinado no cerimonial ou conforme a praxe estabelecida. Ora Fr. Manoel da Esperança, na sua *Historica Serafica*, livro VIII, pag. 220, diz que no Mosteiro de Santa Clara desta villa era celebrada com grande pompa a Kalenda do Nascimento do Salvador, e a pag. 222 diz que o mesmo se fazia com a Kalenda dos Santos Martyres de Marrocos.

Não deve, pois, causar extranheza a ninguem que, celebrando as freiras de Santa Clara desta villa, onde tiveram o senhorio, com luzimento a Kalenda d'algumas festas, este costume se estendesse e communicasse á população devota da mesma villa, e que esta, imitando as freiras, fizesse uma solemnidade externa na vespera de certas festas, para assim commemorar tambem a sua Kalenda.

A *festa das Calendas* é, pois, uma festa tradicional nesta terra, onde conta alguns seculos de existencia.

---

(1) Cf. *Cerimonial Monastico da Congregação de S. Bento de Portugal*, pag. 58 e 538; e Viterbo, *Elucidario*, vb. Ladèra.

(2) As *Nonas* eram no dia *sete* dos mezes de março, maio, julho e outubro, e a *cinco* dos outros mezes; os *Idos* eram no dia *quinze* dos mezes de março, maio, julho e outubro, e a *treze* dos outros mezes. Chamava-se *Calendas* o dia primeiro de cada mez, do antigo verbo *calo (voco)* eu chamo, porque primitivamente o Pontifice, chamando, annunciava a lua nova ao povo.

Comtudo devo dizer que a festa externa das Kalendas corresponde e precede sempre a uma solemnidade interna religiosa celebrada na Matriz ou capellas, isto é, se ha festividade religiosa no templo, de vespera percorre as ruas o prestito das Calendas, não se fazendo aquella, esta omitte-se, por não ter razão de ser; de modo que são festas connexas e inseparaveis.

As festas das Calendas fazem-se por via de regra em novembro e dezembro, coincidindo com as solemnidades de Santa Catharina, Santa Luzia, Natal e Anno Novo.

Quando outr'ora se celebrava na Matriz a festividade do Menino Deus no dia primeiro de janeiro, de vespera fazia-se sempre a festa das Calendas; com as antigas e magnificas solemnidades religiosas do Menino Deus na capella da Lapa havia igualmente em a noite anterior ([1]) o festejo das Calendas, bem como na vespera de Santa Luzia; ainda neste anno se fez a commemoração da Kalenda de Santa Catharina, cuja festa por motivo justificado foi addiada para o mês de janeiro.

A festa das calendas, como aqui é feita, só tem notavel o seu caracter primitivo e a sua semelhança com costumes d'outras localidades do meu conhecimento.

Esta festa é celebrada de noite com archotes accesos, especie de *marche aux flambeaux*, acompanhada de *luminarias* compostas de disticos allusivos á festa e fixados em hastes, e após os gigantes dos dois sexos ([2]), de altura enorme, que dançam ao som de tambores, a que vulgarmente se dá o nome de «musica do Zé Pereira».

Na Braga de tempos idos iam da freguesia de Maximinos para o centro da cidade os devotos d'algumas festas religiosas fazer o peditorio da vespera precedidos de *gigantes*, a que chamavam *amazonas*, e de tambores; e de Compostella sabe-se, que são imprescindiveis nas festas de S. Thiago os *gigantones* que dançam ao som da gaita de folle, os quaes em obediencia ao seu programma, costumam saudar o Apostolo dentro da propria cathedral.

Destas semelhanças aqui indicadas não deve certamente concluir-se para a identidade do motivo determinante das festas, mas aliás para a generalidade da fórma ou cerimonial da sua celebração.

Finalmente do exposto parece-me resultar que as festas das

([1]) Corpos de gigantes de roca assentes nos hombros d'homens d'estatura elevada. O povo chama a isto — *Calendas*.

([2]) 23 de dezembro.

Calendas em Villa do Conde nada teem commum, senão o nome, com as festas gentilicas das Calendas, condemnadas no Canon LXXIII da *Collecção de canones ordenada por S. Martinho de Dume* dirigida a Nitigio ou Nitigesio Bispo, ou a todo o Districto, da Igreja de Lugo; porquanto, segundo se vê do commentario feito por Antonio Caetano do Amaral, a pag. 355 e segg., estas festas celebravam-se em janeiro e março, chamavam-se *Saturnalia* e *Matronalia,* conforme pertenciam aos homens ou ás mulheres, e ainda hoje sobrevivem entre nós em divertimentos populares.

Não admira, pois, que S. Martinho condemnasse expressamente as festas das *Calendas* por elle appelidadas de impias; tal reprovação ecclesiástica ainda hoje subsiste, porque no meado do seculo XVI instituiu-se em Milão ([1]) a solemnidade das *Quarenta Horas*, em memoria do tempo que o Salvador esteve no sepulcro, a fim de impedir e reparar as desordens do *carnaval* ([2]). Esta solemnidade religiosa passou da Italia á França, e ampliou-se a toda a Igreja no pontificado de Clemente VIII (1592-1605) ([3]).

Villa do Conde, 14—II—916.

J. AUGUSTO FERREIRA.

([1]) O instituidor foi o capuchinho Padre José de Fermo.

([2]) Martigny, no seu *Dict. des Antiquités Chrétiennes*, pag. 267, diz que a Igreja, fixando no primeiro de janeiro (*Calendas de janeiro*) a festa da Circumcisão, teve por fim apagar os restos da superstição pagã, que perservaram neste dia durante muito tempo no proprio Christianismo; assim os antigos missaes tinham duas missas: uma dá Circumcisão, e outra com esta rubrica—*Missa ad prohibendum ab idolis.*

([3]) Cf Marion, *Hist. de l'Église, III*, pag. 323.

Crendices e linguagem de Pedroso (concelho de Gaia)

I

Crendices populares

I. Varia

— Depois de cevados os porcos, são mortos na epoca propria, para serem acondicionados nas salgadeiras, preparo de salpicões, etc. São comprados porcos pequenos para a engorda, mas devem entrar no curral ás arrecuas depois de esfregados com alhos, por causa da má olhadura. Se, por qualquer circunstancia, não medrarem bem, deve um homem urinar-lhes no lombo.

— Muita gente tem por habito benzer-se quando passa por uma encruzilhada de caminhos, principalmente á hora das trindades, por causa das *coisas ruins* que, dizem, costumam encontrar-se nela.

— Quando se vende uma rez na feira, não se deve vender a corda com que veio presa, porque, com ela, vai a fortuna do dono da rez.

— Costumam chamar *Custodios* aos recem-nascidos, emquanto não são baptizados. Não os deixam ás escuras de noite, porque, dizem, não é bom.

— Á noite, antes de despejarem para o quintal a agua de lavar os pés, tem por habito dizer:

> Guarda lá, finados,
> Que aí vai agua de pés lavados.

— Havendo num casal sete filhos dum só sexo, um dos irmãos deve ser padrinho do ultimo, porque, acredita-se, se forem todos homens, o ultimo será *lubis-homem*, e se forem mulheres, a ultima será *bruxa* (1).

— O padre, quando acabar de rezar a missa, deve fechar o missal, porque, se o não fizer, as bruxas que se encontrarem na igreja não podem de lá saír, sem que ele o venha fechar (2).

— De noite não deve varrer-se as casas para fóra, porque se varre a fortuna.

---

(1) Cfr. Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, p. 307.

(2) Cfr. *Trad. pop. de Portugal*, p. 310.

— É costume juncar-se o solo de verdes á passagem do Viatico. Acredita-se que o alecrim, que serviu para isso, fica benzido, de forma que quem vem no acompanhamento apanha-o, e guarda-o para ser queimado em ocasião de trovoadas, pois tem a virtude de as aplacar, ou evitar-lhe os petigos.

— Uma folha de sabugueiro posta á cinta e segura pelo cós da saia, tem a propriedade de fazer bem á eresipéla.

— Quando uma mulher dér á luz, quem assiste ao parto deve engana-la no sexo do recem-nascido, para que ela se *livre.* Chamam *livrar-se* á expulsão das secundinas ou páreas.

— É crença que não se devem comer amoras no dia 24 d'Agosto, porque. andando o Diabo á solta, vem dejectar sobre elas.

— Á passagem de certos caminhos, a determinadas horas do dia, tem muitos o habito de deitar de fóra a fralda da camisa, ou fazerem uma figa com a mão, para que as bruxas não empeçam com eles.

— Na cerimonia do baptismo deve rezar-se com cuidado o Credo, porque, se lhe faltar alguma palavra ou houver engano, a criança fica medrosa e sujeita a aparecerem-lhe coisas ruins.

— Não se deve permitir que os gatos comam os restos de comida deixados por uma mulher que esteja a amamentar alguma criança, porque lhe desaparece o leite.

— Estando alguma criança sentada ou deitada no chão, não deve ser enguiçada (passar-se por cima d'ela), porque não cresce nesse dia.

— Não se devem contar as estrelas apontando-as com e dedo, porque nascem verrugas [1].

— A galinha riça (de penas crespas) tem a propriedade do ser hemostatica, aplicando-se os caldos para hemorragias uterinas. Mas, para esta virtude ser completa, deve arrancar-se-lhe, em vida, uma asa.

— Quando estiver um cão a uivar, tira-se o chinélo do pé esquerdo, dão-se tres pancadas com ele no chão, e volta-se-lhe a sola para cima. Serve isto para fazer o cão calar-se [2].

— Quando caír algum pedaço de pão ao chão, deve ser levantado e beijado.

— Quando troveja, é bom queimar-se no lume ramos que fossem benzidos no dia de Ramos.

---

[1] Cf. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 26.
[2] Cfr. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 168.

— Duas mulheres que estejam a amamentar filhos, não podem beber a seguir, do mesmo copo, porque a segunda, dizem, bebe o leite da primeira, secando portanto. Ora, para que tal não suceda, deve a primeira que bebe, dar o copo a uma terceira pessoa, que não esteja no caso d'ellas, ou então entornar uma pequena porção de liquido.

— Por uma razão semelhante, os lavradores, antes de tirarem o leite ás vacas, deitam no canado uma porçãozinha d'agua, para que o leite, quando seja fervido, se caír no lume, não estanque a vaca.

— Quando d'um casamento, costumam reparar qual dos cirios tem a chama mais viva; se do lado do noivo, é sinal de que a noiva falece primeiro, e vice-versa.

— A mulher, que dá de mamar, não deve beber com a criança ao peito, porque lhe podem dar ataques de gôta.

II. Benzeduras

Talhar o bicho — (o povo chama *bicho* a qualquer erupção de pele). — Toma-se uma faca ou uma brasa acêsa e vae-se benzendo o doente na parte atacada pelo *bicho*, dizendo-se o seguinte: «Jesus e nome de Jesus! Jesus e nome de Jesus! Jesus e nome de Jesus! Eu te talho bicho, bichão, sapo, sapão, aranha, aranhão, cobra, cobrão, bicho de toda a nação. Eu te talho e retalho; para deante não irás, e para trás tornarás. Em louvor de S. Silvestre, que isto que eu peço preste, e Deus seja o seu divino Mestre». P. N. A. M. (1).

Talhar a erisipéla — Deita-se agua e azeite num prato. Tomam-se nove ramos de *queirôses*, ou de carqueja, e com um ramo de cada vez, molhado na agua com azeite, vai-se benzendo a parte atacada pela erisipéla, e, no fim da reza, esse ramo é posto no bordo do prato, e assim até ao nôno, indo depois tudo para trás do lume. É crença que, conforme vai secando tudo, assim vai tambem desaparecendo a erisipéla. A reza é a seguinte: «Jesus e nome de Jesus! Jesus e nome de Jesus! Jesus e nome de Jesus! Pedro Paulo foi a Roma. Pedro Paulo veio de Roma, e o Senhor lhe perguntou: — Pedro Paulo, que vai lá? Senhor! muita zípela e ezipéla. Muita gente morre d'ela. — Pedro Paulo, torna lá. — Com que se talha ela? — Com agua da fonte, esparto do monte, azeite de oliva e com o poder de Deus

(1) Cfr. *Ensaios Ethnographicos* de Leite de Vasconcellos, III, 192.

e da Virgem Maria ela sararia. Zípela vai-te para a fonte! Zípela vai-te para o monte! Zípela vai-te para o mar que lá é o teu logar! P. N. A. M.» [1].

Talhar o fogo—Com nove folhas de sabugueiro, de trez foliolos cada uma, e com uma folha de cada vez molhada em agua, benze-se a pessoa atacada de fogo, dizendo-se: «Sempre-verde bemaventurado, que no jardim do Senhor foste achado, sem no disposto (plantado) nem semeado, pelas ondas do mar regado, pelo vento abanado, do sol sendo arraiado, tira-me este fogo afogueado. Assim como o mar não hade merecer agua, assim como o fogo não ha-de merecer fogo, assim como Nosso Senhor Jesus Cristo não ha-de merecer outro maior que si, pelo poder de Deus e da Virgem Maria não lavre este fogo aqui. P. N. A. M.» [2].

Talhar a ingoa—Com trez dedos molhados em saliva fazendo cruzes sobre a ingoa e fitando um estrelo, ou na sua falta uma luz, diz-ze: «Jesus e nome de Jesus! Jesus e nome de Jesus! Jesus e nome de Jesus! Estrelinha (ou luzinha conforme o caso) de Jesus, eu tenho uma ingoa e ela diz que seques tu e viva ela, e eu digo que seqùe ela e vivas tu. P. N. A. M.».

Talhar o unheiro—Toma-se um rosario, e ao passo que com ele se vai benzendo, por cima da cabeça, a pessoa doente, vae-se dizendo: «Jesus e nome de Jesus! Jesus e nome de Jesus! Jesus e nome de Jesus! Unheiro tem-te em ti, assim como Nosso Senhor Jesus Cristo se teve em si. Sangue, tem-te nas veias, assim como Nosso Senhor Jesus Cristo se teve á hora da sua ceia. *Imôr* tem-te forte, assim como Nosso Senhor Jesus Cristo se teve á hora da sua morte. *Barbulhinhos, barbulhões esmarrirão* como os carvões; assim como a cobra não tem asas e o sapo não tem rabo e o mar não tem cabo. Em louvor de Santa Luzia um P. N. A. M.» [3]

Talhar o fio torcido,—Diz-se fio torcido a uma distensão ou entorse pequeno. Toma-se um pucaro de barro, novo, deita-se-lhe dentro agua a ferver e inverte-se o pucaro num alguidar, colocando-se depois sobre o fundo do pucaro o testo, umas tesouras e um pente. A pessoa que talha toma um novêlo, um dedal e enfia uma agulha sem dar nós nas pontas da linha.

Quem tem o fio torcido coloca a mão ou pé sobre o pucaro

(1) Cfr. *Ensaios Ethnographicos* III, 195-198.
(2) Cfr. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 122.
(3) Cfr. *Ensaios Ethnogr.*, III, 202.

e a que talha diz: Jesus e nome de Jesus! Jesus e nome de Jesus! Jesus e nome dc Jesus! Eu que coso? (Responde a doente) Carne quebrada fio destorso. (Torna a que talha). Isso mesmo é o que eu coso, carne quebrada fio destorso. Fio destorso torna ao teu posto, carne quebrada torna ao teu lado, para que fiques são e salvo como na hora em que foste nado e baptisado. P. N. A. M.»

Emquanto se diz esta resa, passa-se a agulha pelo novelo como quem está a coser, depois não se despeja o pucaro sem passar 24 horas [1].

Talhar o tezorêlho—(Parotidite) Talha-se da seguinte forma: o doente enfia o pescoço num cango de bois e a pessoa que talha diz: Jesus e nome de Jesus! Jesus e nome de Jesus! Jesus e nome de Jesus! Tezorêlho sai-te d'aqui, assim como bois e vacas *cangam* aqui. P. N. A. M.» [2]. Ha tambem èsta outra forma de talhar o terzuelho: molha-se o dedo em saliva e fazendo cruzes no pescoço do doente, diz-se: «Jesus e nome de Jesus! Jesus e nome de Jesus! Jesus e nome de Jesus! Tezorêlho, *gargotilho* (garrotilho) *iscrença* (?) brasa, brasão, não morras da morte que morreu Adão. P. N. A. M.»

Talhar as empingens—Deita-se sal na boca e, com a saliva, vae-se friccionando a empingem, dizendo ao mesmo tempo: «*Empige rabige* sai-te d'aqui, assim como eu hoje já comi e bebi (estando em jejum) tu medres aqui. (E tudo já comido)... assim como ainda não comi nem bebi... etc. P. N. A. M.

II

Linguagem popular

Vocabulos

acadible ou **acarible**—Ser sujeito, achacado.
almantaria—almotolia.
alumieira—Mão cheia de moliço a arder para alumiar de noite, de modo que imita archote.
assezinar—Importunar.
atempado—De certa idade, já não muito novo.
atremar—Atinar, acertar.
cachonda—Qualquer femea com cio.
cara—*De cara direita:* frente a frente, sem rebuço.
chambaril—Pau curvo em que se dependuram os porcos depois de mortos.
chanato—Concerto de pouca monta.
chimpar—Entorna.

(1) Cfr. *Ensaios Ethnogr.*, III, 203-204.
(2) Cfr. *Trad. Pop. de Port.*, p. 177.

congregado — Manhoso.
encasular — (achas) empilha-las cruzando-as.
enfolipar — Ganhar fole, empolar.
engadelhar — Brigar, lutar.
engurinhadas — (mãos) hirtas com frio.
enozelhar — Dar nós ou com o aspecto de nós.
entalir — Ferver rapidamente ou uma cozedura rapida.
esmarrir — Trabalhar como um moiro.
esquinheiro — passagem estreita entre dois esteiros, de uma propriedade para outra.
estrubenga — Corda que segura os madinhos á cabeçalha do carro de bois.
frago — Excremento de cabra, ovelha, etc.
gatêsma — Cordinha que se prende ás cabritas da serra de mão para auxiliar o serrador.
gêbre — (em) nú em pêlo.
latento — Objecto espalmado, chato.
mádinho — Especie de fueiro que pelo estrubengo, é seguro á frente do cabeçalho do carro de bois para impedir que a carga, de palha ou madeira, se desfaça.
mánal — Mangoal.
mundice — Galinhas.
mutêna — Quarenta e oito achas.
outrodiaço — Outro dia.
porrão — Vaso de barro para guardar *pingue* (manteiga de porco)
rolheiro — Mêda feita com molho de cereal por malhar.
rustido — Nutrido.
sermil — Selamim.
soláda — (dar uma) auxilio que um carro de bois presta a outro por meio de uma corda.
talhadouro — córte que faz num rego d'agua, para a desviar para outro lugar, quando se está a regar.
tarraçada — Beber uma porção d'agua de um folego.
terragido — (meter) causar tristeza comover profundamente.
trinca — Uma dentada de *qualquer coisa*.

Pedroso, 13 de Dezembro de 1913.

J. D. da Rocha Beleza.



"Folklore„ de S.ta Victoria do Ameixial
(EXTREMOZ)



«Por pobre que cada um se julgue, venha com sua mercadoria, que alguem lhe achará o preço».

Alexandre Herculano, *Opusculos*, t. IV, p. 45.

—«Um dos pontos mais precisos, e uteis, que se costuma sinalar no assumpto geographico, é a informação, e pintura dos genios, usos, e inclinações das gentes de qualquer paiz»

J. Bautista de Castro, *Mappa de Portugal*, t. I, cap. XIV, p. 125 (3.ª ed. 1870).

I

A principal manifestação da nacionalidade é a lingoagem. Constitue a mais funda ligação entre os membros do aggregado nacional, assimilando-os num todo harmonico, dando-lhes a mais firme cohesão mental. A identidade de vocabulario produz o que a identidade politica não consegue só de per si effectuar, nem sempre concordando o estado com a nação.

Os monumentos escriptos,—isto é, a litteratura, provam-lhe a existencia activa e modificadora, oscillante das formas tradicionaes ás influencias estranhas. Essas formas tradicionaes, primitivas ou colectivas, e estas influencias exoticas, são o objectivo essencial do estudo das lingoas. A modificação morphologica como o syntactica faz-se successivamente ao travez dos periodos historicos da nacionalidade. Na penna do litterato (Don Denis á frente), na bocca do povo, tradicional por expressão propria, a evolução das formas define a historia da lingoa, falada n'uns, escripta noutros, evidente em todos.

Tem-se dado ultimamente importancia especial, que além de muito a merecer é de inteira justificação, á sciencia da lingoagem,—a *glottica*. O desenvolvimento da lingoagem acompanha as vicissitudes nacionaes, e tem, parallelamente á evolução politica, o seu caminho. O português, com os primeiros documentos litterarios do *cyclo prè-dionisiaco* em diante, differencia-se

das mais lingoas hispânicas, para chegar á culminancia classica dos monumentos do seculo XVI.

O estudo da lingoa tem porém um duplo objectivo. Não comprehende apenas a lingoagem litteraria, isto é, as formas eruditas, de modificação célere, e animadas de contactos com outras lingoas, aprimorada no aperfeiçoamento que a cultura lhe imprime. Abrange tambem a lingoagem popular, as formas rudes que o povo conserva, lentamente modificadas, fóra de acções estranhas, entregue a si mesmo.

«A transformação das lingoas não depende do acaso, mas «de muitas condições que se achão na natureza humana, e como «a natureza humana não é decerto um disparate, segue-se que a «lingoagem popular, em que essa transformação, em alto grau se «manifesta, não pode ser de modo nenhum na sua essencia um «facto irregular e arbitrario (1).

A lingoagem popular dá ao philologo, pelas suas variantes phoneticas, morphologicas e syntacticas, como pelo seu glossario de termos proprios, apropriados, expressivos, regionaes, elementos imprescindiveis para o estudo historico-social da lingoa (2).

II

A litteratura popular tem um apreço de primeiro plano, quando se faz o exame psychologico do povo a que pertence. Os *contos*, as *lendas*, na sua novellistica imaginativa, onde o phantastico é o principal caracter, a poesia epica das *xácaras* ou *romances;* a poesia lyrica, seja a religiosa das *lôas* e supersticiosa dos *ensalmos*, seja a profana das cantigas ou *cantares*, *canções do berço*, e os improvisos dos *descantes* ou *desgarradas;* o theatro de *autos* e *entremeses;* os *adagios*, maximas mnemonicas de forma rimada;— prestam-se ao estudo do caracter, inclinações e gostos do povo.

A par da observação technica, tem admiravel lição poetica, puramente nacional. «Porque a verdade da poesia popular está em brotar da inspiração que provém directamenie dos actos da vida; o povo tem as suas dores, os seus fastos, a sua descrença e esperança» (3).

(1) Leite de Vasconcellos, *Dialectos interamnenses*, «Lingoagem popular do Baião». Porto, 1885.

(2) Cfr. Adolpho Coelho, *A lingua portugueza*, «phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe». Coimbra, 1868. Prefacio, p. IV.

(3) Theophilo Braga, *Historia de poesia popular*, cap. III, p. 66 (ed. de 1867).

Tendo o espirito popular a tendencia poetica, de romantismo pagão, entre naturalista e ideologico, repleto de amoroso e ironia, maravilhoso e crença, — o povo canta o que vê, sente, ou sabe, quer de tradição, quer de informes coevos. Por isso a poesia d'elle é sentida e vivida ([1]).

É uma poesia simples e despida de arteficios. *Champfleury* commoveu-se porque os irmãos *Grimm* disseram não haver mentira na poesia popular ([2]).

Ao lado da ethnographia plastica, *artistica*, a ethnographia intellectiva (*mithologico-litterario-musical*) occupa o logar de predominio pela sua forma activa, pela sua expressão viva, estabelecendo-se por ella a ligação das manifestações populares, intelligentes, com as eruditas, num intimo espirito nacional. «Poesia original, propria, primitiva» ([3]), ella exprime, a poetica popular, a idiosyncrazia do povo que a cria. «O tom e o espirito verdadeiro portuguez esse é forçoso estudal-o no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições, e a sua crença, e os seus erros» ([4]).

Esse é o objectivo do ethnographo no *folklore*. Do povo colhe o que ao psychologo (*Psychologia ethnica*) e ao philologo importa no seu estudo especial. Ao poeta faculta elementos de inspiração, como ao musico desvenda melodias, tonalidades e rythmos. Mostra o que de subjectivo existe na alma do povo, transmittido por meio das suas formas poeticas ([5]).

Que «a lei não ha de vir de fora; das crenças, das recordações e das necessidades do país deve sahir para ser a sua lei natural» ([6]).

Disse *Garrett*, o iniciador d'estes estudos em Portugal, que um dos primeiros trabalhos de que precisavamos era reunir as «canções populares, xácaras, romances ou rimances, soláos ou «como lhe queiram chamar» ([7]).

III

A aldeia de Santa Victoria é uma povoaçãozinha branca do Alemtejo. Debruça-se do massiço que de Villa Viçosa corre até

([1]) Theophilo Braga, *op. cit.* p. 96.
([2]) Champfleury. *Chansons populaires des provinces de France*, p. 16.
([3]) Almeida Garrett, *Romanceiro*, t. II, p. XI, «Introducção», ed. de 1851.
([4]) Almeida Garret, *Op. cit.*, id. p. XIII, ed. de 1851.
([5]) Leite de Vasconcellos, in *Revista Lusitana*, «Etmologia», vol. XVII, 191, p. 304 e ss.
([6]) Almeida Garrett, *Op. cit.* II id. p. VI.
([7]) Almeida Garrett, *Op. cit.* II, ed. p. XIII.

Sousel, numa série de montes cobertos de matto e olivaes. Em frente abre-se-lhe a campina immensa, que a Serra de Ossa barra lá ao fundo.

Fica nos campos do Ameixial ao norte de Extremoz, de cujo concelho faz parte. Formou-se á volta de uma ermida, edificada na primeira metade do seculo XVIII em homenagem de Santa Victoria. Commemora a victoria dos Portuguezes do Conde de Villa-Flor, sobre o exercito castelhano de D. João de Austria, em 1663, evocada antes num padrão de mârmore no sitio da peleja, distante dois kilometros da aldeia, á beira da estrada de Extremoz a Sousel ([1]). A aldeia, assente em restos de edificações romanas, tem outros vestigios, datados alguns, do seculo em que se formou.

IV

Quadras populares

1.ª Parte.—Indicações prévias. Phonetica.

1—Vogaes e dithongos, oraes:

a—O *a* surdo de *razão* pronuncia-se *e*, correspondentemente surdo. Vid. 42.ª quadra, 3.º verso; como em *rezoavel*, *remalhar*, *repaz*, etc.

ai—antes do platal *x* condensa-se em *a* aberto. Cfr. 14.ª quadra (nota). *Mais*, *vaes* e *vae*, pelo mesmo motivo, dão *más*, *vás* e *vá*; vid. 30.ª q. 3.º v., 35.ª q. 3.º v.

au—condensa-se em *o* aberto: vid. 34.ª q. 3.º verso; 35.ª 3.º v.; 192.ª 2.º v.; etc.

e—mudo, inicial, medio ou final, vale *i* correspondente: *irmida*, e *istar*, 3.ª quadra, 2.º verso; *aligria*, 12.ª quadra, 2.º v. e *amôris* (vid. *r*), 2.ª quadra, 4.º v.; em todos os monossylabos *me*, *te*, *se*, *que*, etc.; *es* desinencial vale *is*, 161.ª q.

é—O *e* tonico aberto alonga-se continuamente em *éi*: vid. 9.ª quad. 3.º v. 1.º v.

ê—id. fechado, alonga-se em *êi*: vid. 3.ª quad. 4.º v., 78.ª 3.º v. etc.

êi—dithongo tonico, ao contrario condensa-se em *ê*: vid. 1.ª q. 1.º v. 5.ª q. 3.º v.

êu—coberto, id. em *ê*: vid. 1.ª q. 1.º v., etc.

i—surdo pronuncia-se *e*, surdo tambem: vid. 2.ª q. 3.º v.;

[1] O actual padrão não é o primitivo. Vid. *Revista Militar*, 1853, p. 316.

3.ª q. 1.º v.; 106.ª q. 3.º v. (*queser*); 193.ª 2.º v. (*dezer*); 200.ª q. 1.º v., (*Lesboa*), etc.

o — surdo vale *u*: vid. 84.ª 2.º v. (*butão*), 91.ª, 3.º v. (*bunito*) etc.

oi — aberto ou fechado, pronuncia-se com a condensação *ó* ou *ô*: vid. (*relójo*) 94.ª q. 1.º v., e vid, 81.ª 2.º v. (*rôxo*), antes da platal *j* ou *x*.

ou — soffre condensação; vale *ô*: vid. 6.ª q. 3.º v.; 27.ª q. 3.º v., etc.

u — surdo vale o *o* correspondente: vid. 50.ª q. 3.º v. (*homilde*).

u — tonico pronuncia-se por alargamento *ui*: vid. 94.ª q. 3.º v. (*minuitos*), e 126.ª 1.º v. (*luito*).

ui — condensa-se em *u*: vid. 54.ª q. 4.º v. e 190.ª q. 2.º v. (*muntos*, e *mun*), 100.ª 3.º v. (*cudares*) 115.ª 3.º v. (*cudado*) etc.

2 — Vogaes e dithongos, nasaes:

em e *en* (mediaes e finaes) valem *eim* e *ein*. É porém uma nasalação mui fechada, differente da do Norte, onde se pronuncia *ãe* aberto ([1]). Vid. 1.ª q. 2.º v.; 4.ª q. 3.º v.

em ou *en*, iniciaes, valem ora *eim* e *ein*, ora *im* e *in*. Encosto pronuncia-se *eincosto* e *incosto*; a primeira forma é mais vulgar.

im-in, inicial, dá *en* e *ein* (que é a pronuncia de *en*); vid. 135.ª q. 2.º v. (*englêsa*), a *infeliz* pronuncia-se *enfeliz*, — *impossivel*, *eimpossivel* ([2]).

ão — 1.º se está coberto, perde a disjunctiva e então vale *au*; vid. 4.ª q. 3.º v., 75.ª q. 2.º v. (*senã*). — 2.º se está descoberto, lê-se *ão*, mas a pronuncia differe de Norte a Sul; já a differenciava Duarte Nunes do Leão, *in Orthographia da lingoa portuguesa* (1676), fls. 29. Não se gutturaliza como no Norte: Cfr. Baptista de Castro, *Epitome*, etc. (1673) 1, p. 198; Gonçalves Vianna, *Essai de phon. op. cit.* pag. 3; Leite de Vasconcellos, *Dialectos minhotos*, «Lingoagem pop. do Baião» 1885) p. 12; etc.

3 — Consoantes:

l final, descoberto, pronuncia-se por alongamento, com paragoge de *i*, como no Norte se forma com *e*: vid. 1.ª q. 2.º v., 6.ª q. 3.º v.

r final id. *ri*, como no Norte *re*: (3).

---

(1) Cfr. Gonçalves Viana, *Essai de phonétique*, pag. 11.

(2) J. Leite de Vasconcellos, *Subdialectos Alemtejanos*, pag. 10.

(3) L. de Vasconcellos, *Op. cit.* e *Dialectos Alemtejanos*, p. 9.

2.ª Parte—Quadras.

N. B.—A medida do verso obedece á syllaba grammatical, e não á syllaba sónica. O *l* e *r* finaes pronunciam-se *li* e *ri*; como são valores de pronuncia, sem formarem syllaba metrica, não obedecem forçadamente á metrificação, pois não passam de sons de consoantes. Vid. por ex. o 3.º verso da 12.ª quadra, 4.º da 15.ª ou 19.ª, e o 1.º da 84.ª, etc.

1 — Ê comprê linha di marca,
P'ra marcári um aveintáli;
Todo o mê sintido eimbarca
P'r'ós lados do Amêxiáli.

2 — Adês, villa di 'Stramoz,
Adês, séirra do Padrão,
Campos di *Santa Vetoira*,
Dondi os mês amôris 'stão.

3 — Valha-mi *Santa Vetoira*
Qui lá istá na irmida,
Tu éi que éis o mê amôri,
E ha-dis sêiri por toda a vida.

4 — Adro di *Santa Vetoira*
Tanta pedrinha qui têim;
Si nã fôsseim os tês olhos,
Nã passava lá ninguêim.

5 — Comparo Avis com Galvêa,
Só lhi falta o laranjáli.
Casa-Branca co'a Figuêra,
Ponte-Sôri co'o Ervedáli.

6 — Bàti a villa co'a Figuêra,
Só lhi falta o laranjáli,
Casa-Branca com Sôséli,
E o Cano co'o Ervedáli.

7 — Vái o'monti ás carrêras,
Passê a Sã Saturninho,
Prêicurê êim Valmacêras
P'ra Sant'Amaro o caminho.

8 — A aldêa di Santo Amaro
Já nã têim sinã uma rua,
Lá ó cimo náci o sóli,
Cá ó fundo põe-si a lua.

9 — Aldêa di Santo Amaro,
Quêim te tapára c'um leinço.
Anda lá uma dimanda,
Mal-di mim si a nã vêinço.

10 — Adês, séirra; adês, Murtáli,
Ó lado da freguisia;
Adês, ó istrada reáli,
Adês, amôri d'algum dia.

11 — Oh qui béillo milho, milho!
Oh qui béilla milharada!
E qui béilla vista d'olhos
Para quêim vêim di jornada.

12 — Já lá vêim o sóli nasceindo,
Qu 'éi o rê das aligrias.
Como pódi o sóli sêiri vêilho,
Nasceindo todos os dias.

1 *Pera*, forma ant. de para.

2 *Extramoz* e *Stramoz* são dicções populares correntes de *Extremoz*, por influencia da palatal *r*, como em *amaricano*. Tambem se diz: *Estramóres* e *Stramori*, vid. *Rev. Lus.*, «Vocabulario Alemtejano», de Tomás Pires, pg. 88. *Vetoira* corresponde a *Vitoria* por metathese de *r-i* em *i-r*, e abrandamento de *i-e* na primeira syllaba.

3 *Vetoira*, vid. 2.ª Quadra.

4 *Vetoira*, vid 2.ª q.

5 *Galvêia* por *Galveias*. O povo diz *Ponte-Sór* e não *Ponte-de-Sor*, como havia já observado o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos in *O Archeologo Português*, vol. XIX, p. 398.

6 *Bate* e não *bate-se*. *Sôsel* é condensação de *Sousel* (*ou-ô*).

7 *Pré* por *pro* é facto vulgar e commum a todo o país: e *pré* no Alemtejo, como *é=éi*, vale *préi*.

10 *Algum dia* significa *outr'ora, antigamente*; diz-se «nos tempos de algum dia», «havia algum dia». Ha mais regiões de uso identico; vid. Leite de Vasconcellos, *Dialectos interamnenses*, II, «Ling. pop. do Baião», p. 20.

13 — Êu hê di morrêiri cantando,
Já qui chorando nasci.
Jái-os gostos d'éista vida
Acabaram para mim.

14 — Tristêiza e pàxão e mágoa
E'i o qui m'obriga a cantári.
Trago os olhos rasos d'agoa,
O mê desêjo éi chorári.

15 — A carrasquêra môrinha
Têim na folha comparada.
Nã canta uma sózinha
Sêim bradári p'la camarada.

16 — Bêim sê quêim si fôi dêtári,
Na cama para dormíri.
Nã ha di os olhos fechári,
Einquanto mi aqui ôvíri.

17 — Tu, cantadori, nã sabias
Qu' ê vinha a eista função.
Ábri as asas, 'stêindi as guias,
À chigada do gavião.

18 — O cantari de trêis éi trêimpi,
Di qùatro forma q'adrado,
Báti o fraco no valêinte,
Fica tudo ademirado.

19 — Ê trago teirra no bolso,
Auga fichada na mão.
Pódis pôri uma soidade,
Amôri, no tê coração.

20 — Dê um ai êintre dois áis,
Respondêiram-mi as montanhas;
Nã sê quêim haja que possa
C'umas soidades tamanhas.

21 — S'ê morrêiri ó péi da fáia,
Eintêirra-me ó péi do frêxo.
E s'ê morrêiri di soidades,
Mê amôri, di ti mi quêxo.

22 — S'ê morrêri, - dôci lêimbrança! -
Pôi-mi na campa um lettrêro,
P'ra quêim passári dizêiri:
Amôri firmi e verdadêro.

23 — Si o mê amori mi morria,
Já têinho o luto comprado,
Um vistido côr de rosa,
Um cachinéi incarnado.

24 — Mandê fazêiri um jazigo
No cêintro da dura pêinha,
P'ra sipultári o mê sêintido,
Atéi qu'o mê amôri vêinha.

25 — Ó disgraçado nã chóris,
Qu'ê indas nã morri;
Disgraçada serê-i-êu,
Di vivêri no mundo sêim ti.

26 — Quêim mi déissi já morrêiri,
Dipois di morta têiri vida;
Queria vêiri quêim ti lograva
Carinhos, alma tã qu'rida.

27 — Móro ditraz da igrêja,
Nã ôço sinã cavári;
Quêim nã logra o que deséja,
Éi morrêiri não acabári.

28 — Mê bêim namora a duas;
Q'ali andará êinganada?
No cêintro da sipultura
Éi qu'ê 'stô mais discansada.

14 Antes da palatal *x*, e depois de vogal, não se pronuncia o *i* de *paixão*, ***caixa***, *baixa*, etc. Em ***deseijo***, ***beijo***, ***queijo*** dá-se ó mesmo caso, antes da palatal *j*, e a pronuncia, differente das provincias do Norte, é: ***deséjo***, ***béjo***, ***quéjo***, de e tonico muito fechado. Vid. para *oi* em 81.ª q.

16 Em *quadrado*, ***emquanto***, ***qual***, etc. dá-se a syncope do *u*, semivogal.

18 *Ademirado* por epenthese de *e* em ***admirado***.

19 *Soidade* é a forma antiga da palavra ***saudade***, mais proxima do latim ***solitatem***, por queda do *l* intervocalico, e hoje ainda na forma popular.

20 *Soidades*, vid. 19.

21 *Soidades*, vid. 19.ª quadra.

23 Em *cor di rosa*, o *r* de côr liga-se á preposição, e por isso não se diz ***côri di***. *Cachiné-cachené* é a trad. popular do fr. ***cachenez***.

25 *Indas* é a forma com apherese e paragoge de *ainda*: vid. 154. Em ***serê-i-êu***, o *i* interposto é hiatico.

27 ***Igreja***, vid. 14.ª q.

28 *Namorar* está tornado intransitivamente. com prep. *a*. Para *q'al*, vid. 16.ª q.

29 — Chorári, lind'amôri, chorári,
Chorári, lind'amori, por ti;
E'is falso, namoras ôtra,
Já ti nã leimbras di mĩ.

30 — Já ôvi gimêiri o mocho
N'aquéila fáia sombria;
Vá-si o mocho digo êu:
Já lá vá minh'alegria.

31 — Alto pinhêro têim pinhos,
Quêim têim pinhos têim pinhões,
Quêm têim amôris, têim pêinas,
Quêim têim pêinas têim pàxões.

32 — A òlivêra lá no adro
Têim na folha uns annéis;
Amôri por causa di ti
Passo tormêintos crueis.

33 — Vivo tristi e apàxonado,
Nã sê o qu'hê di fazêiri;
S'ê ti nã chêgo a lográri,
Di pàxão vêinho a morrêri.

34 — Tristiemêinti vida passa
Quêim ò longi *bêbi* amando,
Créici o dia òmeinta a mágoa,
Seimpre a pêina vae dobrando.

35 — Ósêinti faz seimpri firmi,
Mê pêto nã faz deffreinça.
Q'anto más òsêinti vivo,
Más ti trago n'alêimbrança.

36 — O mê amôri éi tã lindo
Com'à rosa no botão,
Paréici uma istrellinha
Eim manhã di Sâm João.

37 — Mê amôri éi tã lindo
Com'à rosa q'ando ábri,
Anda nos olhos di todos,
Nossa Sinhora m'o g'árdi.

38 — Valha-mi Nossa Sinhora,
Qu'éi a mãe di Sã Juquim,
Valham-mi aquêilles dois olhos
Qu'istã na frêinti di mim.

39 — Valha-mi Nossa Sinhora,
Lá ó péi dos Agostinhos;
Já qu'ê nã sô m'recedora
Di lográri os têns carinhos.

40 — Ó mê minino Jasus,
Quêim lhe dêo o fato vêirdi?
Uma minina donzéilla
D'uma doeinça qui têivi.

41 — Ê fui àquilla séirra
P'ra avistári um brunhéro;
Faço más gosto êim ti amári
Qu'êim sêir rica e têiri dinhêiro.

42 — Fui á sêirra ós midronhos,
Colhêiri fôlhas de villudo;
Amôri, as tuas razoins
Fazeim-m'a mim 'squecêiri tudo.

43 — D'aqui per'ó mê *monti*
Tudo éi caminho chão.
Tudo sã cravos e rosas
Despostos por minha mão.

44 — Auga no ribêro acaba,
Tudo têim acabamêinto,
Amezedade ó mê amôr;
Cada vêiz qui más ómêinta.

30 *Vá-se* e *já lá vá*, por *vae-se* e *já lá vae*, por influencia da reversa *s*, como em *más* por *mais*, e para a palatal *x* em *paxão* por *paixão* (14.ª q.).

31 Para *paxão*, vid. 14.ª q.

33 *Apaxonado*, id.

34 *Bêbe* por abrandamento duplo *i-e*, *vv-bb*, de *vive*.

35 *Q'anto*, vid. 16.ª q.

37 *Q'ando* e *g'arde*, vid. 16.ª q.

38 É commum a syncope do 1.º *a* de *Joaquim*, em *Joquim* e *Juquim*.

40 Abrandamento commum de *e* mudo em *a*, na palavra *Jasus*.

43 *Monte*: vid. *Vocabulario*.

44 *Auga* é metathese corrente de *g-u* em *u-g*, de *agua*, geral no país. *Amezedade* assimilação de *e-e*, e epenthese de *ed* em *amezedade*.

45 — A açucêina c'o péi n'auga,
Dura qu'reinta dias,
Ê sêim ti nêim uma hora,
Tu por mim não o fazias.

46 — A açucêina c'o péi n'auga,
Criada no àriáli,
Dá-lhi o vêinto nã si tróci,
Assim faz quêim éi liáli.

47 — Coitadinho di quéim têim
Sê amôri p'ra lá do rio,
Quéir fallári e nã pódi,
Do coração faz navio.

48 — O rôxinóli q'ando bébi,
Põe o péi n'auga correinti,
C'o mesmo biquinho éscrévi
Cartinhas d'amor òsêinti.

49 — Debáxo d'auga istá lodo,
Dibáxo do lodo chão,
Dibáxo d'uma amezade
Si risulta uma páxão.

50 — O junquilho á borda d'auga
Dêta um chêro que ricêindi,
Não ha nada más hòmildi
Qu'o amori q'ando pritêindi.

51 — Ó auga que vás corrêindo,
Ó jardim vás dári a volta;
Um amôri qu'ê nã pritêindo,
Dêxá-lo, pôco m'importa.

52 — Dêtastis-m'auga na mão,
Ê tinha sêide, bebi.
Si alguêim no mundo si péirdi,
Sô ê por causa di ti.

53 — Ó auga têinti nos *vais*,
Nã sêjas tã corredia;
Quêim namora nã s'òseinta,
Quêim quéiri bêim nõ si desvia.

54 — Amôris são alcatrúzis,
Tiramos auga da ribêra.
Si me nã quéiris, adês, lúzis,
Têinho munto quêim mi quêra.

55 — Já passê o mári a nado,
O Gôdiana a péi inxuito;
Nã queiro comêiri pã sêico,
Teindo á vista conduito.

56 — Fui ó mári, fui ó Brasili,
Fui á 'Spanha, istô aqui,
Irê ó cabo do mundo,
Amôri, por causa de ti.

57 — Já corri o mári á roda
C'uma véilla branca acêisa;
Todo o már achê fondura,
Só êim ti pôca fermêiza.

58 — Já corri o mári à roda
C'o bico d'uma navalha;
Anda agora munto êim moda
Cachiné e leinço di malha.

59 — A folha do trigo éi vêirdi,
Não éi c'mo a da cevada,
A nossa amizedade, amôri,
Ó péi da tua éi dubrada.

60 — Téirras altas sã p'ró trigo
E as baxas p'ró tremêiz;
Ripara, toma sintido,
Nã tornis cá ôtra vèiz.

45 *Qu'renta* por *quarenta*, syncope de *a* em *qua*.

46 *Auga*, de *agua*, vid. 44.ª q.; *Trocer*, metathese *o-r* e *r-o* de *torcer*.

48 *Q'ando* por *quando*, v. 16.ª q. *Auga*, de *agua*, v. 44.ª q

49 *Debáxo* e *páxão*, v. 14.ª q. *Auga*, v. 44.ª q.

50 id. *Q'ando* por *quando*, v. 16.ª q.

51 *Auga*. 44.ª q. *Vás* por *vaes*, v. 28.ª q. Prefixo *pre* não accentuado, vid. 7.ª q., surdo *pri* (*pritender*).

52 *Auga*, 44.ª q. *Auga*, v. 44.ª q.

53 *Val* forma o plural da forma geral *al-ais*; dá pois *vais*. *Éjo*, v. 14.ª q.

54 *Auga*, 44.ª. Em *si me nã quéiris* devia de ser *si mi nã*..., mas deu-se dessimilação. *Munto* é a nasalação corrente de *muito* com a queda do *i*.

55 *Guadiana — Gudiana — Gôdiana.*

58 *Munto*, v. 54.ª q. *Cachiné*, v. 28.ª q.

59 *Amezedade*, v. 44.ª q.

61 — Têinho dêintro do mê pêto
Laranja, cidra e limão.
Ja têinho todas as fructas,
Falta-mi o tê coração.

62 — Lá no adro da igrêja,
Istã dois ramos de limões;
Si quéiris qu'ê liáli ti sêja,
Não âmis dois corações.

63 — Os olhos do mê amôri
Sã duas azêtoninhas,
Fichados sã dois butõisis,
E abéirtos dúas rusinhas.

64 — O' parrêra dá-mi um cacho,
O' sêlva dá-mi uma amora;
Amôri dá-mi o tê ritrato,
Quéiro-ti vêiri a toda a hora.

65 — As rezões da tua bocca,
Sã com'ás pêiras riaes,
Atraz di umas vêim ôtras,
Cada veiz ti quéiro más.

66 — Dá-mi da pêira madura,
Da maçã uma talhada;
Quêim têim amôris, dá tudo,
Quêim n'os nã teim, nã dá nada.

67 — Parrêra, dá-mi um cacho,
O' cacho, dá-mi um baguinho;
Amôri, dá-mi um abraço
Qu'ê ti darê um bêjinho.

68 — O' laranja di Janêro,
O' limão da Primaveira;
Ê vivo no cativêro,
Mê amôri, á tua espéira.

69 — Di Lesboa mi mandaram
Q'atro pêiras num raminho;
C'mo éiram coisas dî longi,
Comêiram-n'as no caminho.

70 — Minha rosa àvultada,
Qui lá 'stás ó péi do tanqui,
Dá-tî o sóli dî chapada,
Cada vêiz 'stás más galânti.

71 — Já fui cravo, já fui rosa,
Já 'stivi num aligrêiti,
Agora 'stô no tê pêto,
Sirvindo dî ramalhêiti.

72 — Náci a rosa p'r'ó jardim,
Náci o jardim p'r'á fîlôri,
Tu nacêistis pera mim,
Ê p'ra sêiri o tê amôri.

73 — Os tês olhos sã dois cravos,
As sobrancêilhas 's folhinhas,
As tuas muntas palavras
P'ra mim sã pôcochinhas.

74 — Dizis qui nã pódi sêiri
Uma sêlva dári um cravo,
Aqui têins o mê amôri,
Na mêisma sêlva criado.

75 — O cravêro da minha sogra
Já nã têim sinã trêis cravos,
O primêro éi o mê amôri;
Os ôtros dôis mês cunhados.

76 — Da palma náci o palmito,
Do palmito náci a filôri,
Tu nacêistis para mim,
Ê para sêiri o tê amôri.

77 — Tu éis o cravo branco
Q'andava no mê chapéu,
Tu éi qui éis o mê amôri,
C'mo Dês qui 'stá no céu.

78 — Margarida, corpo lindo,
Cravo da minha janélla,
Càxinha dos mês sigrêidos,
Ondi os mês amôris vêilam.

63 *Butão*, pl. *botões*. *Rôsinha* adoça a bilabial *o*, accentuada, em a correspondente *u*, surda; (*rusinha*).

64 *Sêlva* soffreu o adoçamento da vogal tonica de *silva*, *i-ê*.

69 *Q'atro* por *quatro*, v. 16.ª q.

72 *Filor* de *Flor*, por epenthese de *i=e* de syllaba atona. *Pera* é a forma arcaica, usada popularmente, de *para*, por lei de facilidade de pronuncia.

73 *Munto*, v. 54.ª q.

74 *Sêlva* = *Silva*, v. 64.ª q.

76 *Filor*, v. 72.ª q. *Pera*, v. 72.ª q.

78 *Càxinha*, v. 14.ª q.

79 — Margarida, corpo lindo,
Cravo da minha varanda,
Càxinha dos mês sigrêidos,
Ondi o mê amôri anda.

80 — Ó cravo tu éis a filôri
Qu'ê no mundo más adoro;
Si mi péirdis o amôri,
Toda a minha vida choro.

81 — A basta ispadana
Dá um lyrio rôxo abéirto:
Pois qui o namoro éi fama,
Éi fazêiri o dito céirto.

82 — Óseintô-si o jardinêro,
Séicam-s'as folhas á rosa.
Quêim duas quéri amári,
Nêim uma nêim ôtra gosa.

83 — Ó minha rosa êincarnada,
Ó minha linda filôri;
D'antis nã mi éiras nada,
Agora já éis o mê amôri.

84 — A rosa pera sêiri rosa,
Ha di têiri péi ô butão.
O amôri pera sêiri liáli
Ha di sêir Chico ou Simão.

85 — Dêxa-te 'stári cana vêirdi
Nêisse tê cannaviáli;
Dêxa-ti 'stári mê amôri,
Qu'ó péi de mim nã 'stás máli.

86 — Assubi ao cannaviáli
Pera tocári ás matinas;
Éi de nôti, vêjo máli,
Ah ladrão qui não atinas.

87 — Ha sêlvas qui dão amoras,
Ha sêlvas qui as nã dão,
Ha amôris qui sã liaes,
Ha ôtros qui o nã são.

88 — A faia por alta sêiri
Nã si dêxa di alimpári;
Mê amôri, si temos sêiri,
Nã têins más voltas a dári.

89 — O' alto sobrêro, ó alto,
Já ti tiraram cavacas,
Já discubristis ò tê pêto,
Já sábéim n'as tuas faltas.

90 — O cinzêrão, q'ando náci,
O' tê pêto faz eincosto,
Si nã querias qu'ê ti amássi,
Nã nacêssis 'ó mê gosto.

91 — O tê pêto éi um palmito
Chêigam n'as filôr's 'ó chão.
Êissi tê modo bunito
Cativa o mê curação.

92 — A salsa, pera sêiri salsa,
Ha di'stári 'ó mêo da horta,
O amôri pera sêiri liáli
Dévi 'stári longi da porta.

93 — A' vista têinho a quêim quéiro,
O' longi a quêim queiro bêim,
Péirto quêim mi namora,
Inteinda-mi agora alguêim.

94 — Mandê fazêiri um rilojo
Da folhinha do poêjo,
Pera contári os minuitos
Das horas que ti nã vêjo.

80 *Filor*, v. 72.ª q.

81 *Róxo* é a pronuncia no Sul, e *rôixo*, no Norte; cfr. ***pàxão*** de ***paixão***, ***bêjo*** de *beijo*.

83 *Filor*, v. 72.ª q.

84 *Pera*, v. 72.ª q. *Botão* pronuncia-se claramente *bùtão*.

86 *Pera*, v. 72.ª q. Êjo, v. 14.ª q. e 18.ª.

87 *Sêlvas* — *silvas*, v. 64.ª q.

88 *Temos ser*, em vez de ***temos de ser*** por suppressão da preposição.

90 *Q'ando*, v. 16.ª q.

91 *Filor*, v. 72.ª q.

92 *Pera*, v. 72.ª q.

94 *Reloijo* de ***relogio***, por metathese *g-i i-g* (*jo*). e ***relójo***, *ói-ó*. ***Èjo***, v. 14.ª q. ***Pera***, v. 72.ª q. «Que ti nã vejo» e não «qui ti nã vejo» por desassimilação *e-i*.

95 — Andas vistido di vêirdi,
Com'ó proprio òrtigão;
Dêxári de ti amári nã hê-di,
Amôri do mê coração.

96 — Lá no largo da istação
A' sombra dos êcalitres...
Amôri, vi o tê coração
A chorári êim altos gritos.

97 — Não éi a acêfa qui custa,
Nêim sã n'os calôris do v'rão.
E'i o pico da héirva-gata,
Juntamêinti c'o bêja-mão.

98 — Mal o haja as azinhêras,
Qui as hêdi mandár cortári,
Os campos qu'ê más adoro
Não m'os dêxam avistári.

99 — O álecrim déista téirra,
Não éi lá c'm'ó da minha,
Eisti têim uma folha larga,
E ó mê têim-n'a miudinha.

100 — Déistis-mi álecrim por preinda,
E por prôinda o acêtê;
Cuidavas que m'inganavas,
E êu éi que t'inganê.

101 — Pus o péi na aroêra,
Logo li caío a folha;
Si têins munto quêim ti quêra,
Munto más onde ê iscolha.

102 — 'Stá calma qu'abrasa o mundo,
Á sombra mi 'stá quêmando.
Qui fará o mê amôri,
Qu'anda no campo lavrando?

103 — 'Stá calma qu'abrasa o mundo
Á sombra mi 'stô quêmando.
Qui fará o mê amôri,
Qu'anda na êra alimpando?

104 — Quêim m'déira qui viéissi
Um vêintinho corridôri,
Qu'alivasse e trôxéssi
Cartinhas 'ó mê amôri.

105 — Cantigas sã pataratas,
Sã vózis, léiva-as o vêinto.
Quêim s'impréiga êim cantigas,
Têim faltas d'intêindimêinto.

106 — Quinta-fêra éi trêivo,
Por sêiri a más filorista;
Namora quêim tu queséiris,
Istêjas seimpri á minha vista.

107 — Amôri, dá-mi o tô rilojo
Para as minhas mãos um mêis,
Para contári os minuitos
Dos teimpos que mi nã vêis.

108 — Mê amôri, quêim podéira
Trazêir-ti no coração,
Adondi o sóli ti nã déira,
D' invéirno, nêim di verão.

109 — O coração di uma pomba
Têim asas da primavéira,
Desêjava adevinhári
Tê sêintido q'al éira.

110 — Ai Jasus, doe-mi a cabêiça,
Do coração a amitádi,
Já nã vêjo 'ó mê amôri
Sinã ao domingo á tardi.

95 *Propio*, syncope do segundo *r* de ***proprio***, por dissimilação, corrente no país.

96 *Écalitros* e *ècalitres*, de ***eucalitos—eucaliptos***, por adoçamento de *o-e*, *êu=ê* e rotativismo do *r*, como em ***batatras***.

97 *Acêfa* prothese de *ceifa*, e *êi=ê*.

98 ***Mal o haja***, formula interjectiva de maldição popular.

100 ***Cudavas***, por contracção de ***ui*** em ***cuidavas***.

103 ***Alimpar***, prothese de ***a*** em ***limpar***.

104 ***Alevar***, id. de ***levar***.

106 ***Filorista*** deriv. de ***filor***, v. 72.ª q.

107 *Reloijo* e ***relojo***, v. 94.ª q. Dá-se em ***relojo*** a mesma condensação ***oi-o*** que ***ai*** em ***a*** de *pàxão*, e ***êi-ê*** de ***desejo***, ***ôi-ô*** de ***rôxo***, v. 14.ª q. e 81.ª.

108 *Adonde*, interconsonantização de ***a*** *(de)* *onde*, por influencia de ***donde*** forma popular do relativo *onde* (assimilação ***d-d***): ***donde vaes***.

110 ***Jasus***, v. 40.ª q. ***Ametade***, prothese de ***a*** em ***metade***, v. 103.ª q.

111 — Já vi nacêri o sóli
Lá no mári êintri balisas,
Acridita qu'ê nã vêjo
Más téirra qu'á qui tu pisas.

112 — Ê fui o qui dissi 'ó sóli
Despensas di anacêiri;
Á vista d'êissis tês olhos,
O qui vinha cá fazêiri?

113 — Anda o sóli atraz da lua,
A luz atraz do luári,
A minh'alma atraz da tua
Sêim n'a podêiri alcançári.

114 — Istá o céo inevoado,
Amanha nã 'stá bom dia,
Têinho o mê amôri zangado,
Ai Jasus o qui seria?

115 — Istá o ceo inevoado,
Á roda copos de vrido,
Tira de mim o cudado,
Qu' ê tiro di ti o sêintido.

116 — Sèitistrêillo, sóli e luz,
Tudo no ári êimbarcô.
Cara linda com'á tua
Indas Dês a nã pintô.

117 — Plantê-mi a contári as 'strêillas,
Só a do Norte dêxê;
Por sêiri a más piquinina,
Só contigo a acomparê.

118 — O' minha istrêilla do Nórti,
'O' pôri do soli aparécis.
Si quéiris sabêiri o mê fórti,
Prégunta a quêim mi conhéici.

119 — Dêtê azêti no lúmi,
Augardêinti na candêa;
A' vista d'êssis tês olhos,
Atéi o juizo varêa.

120 — Chamástis-mi variêinta,
Ê fui quêim variê;
Variaram os mês olhos,
Assim qui p'rós tês ólhê.

121 — Vi passári um pôsa-lôsa,
P'rós lados di Moçambiqui,
Tinha ôvisto tanta côsa
Nã sê quêim acrediti.

122 — Nã péigui a isbagulhári,
A botári teirra p'r'ó lado;
Adôndi o gavião chigári,
Nã têim qui fazêiri o pombo.

123 — Ê só com'ó gavião,
Qui no ári faço parada;
Quando abáxo ó chão
Nunca alivanto sêim nada.

124 — O êincarnado nã brilha
Sêim têiri o azuli ó péi.
Arranjári amóris nã custa,
Dêxá-los éi qu'éilla éi.

125 — Dizêim qu'o prêito éi fêo,
Ê digo qu' éi linda côri.
Com o prêito éi qu'ê iscrêivo
Cartinhas ó mê amôri.

126 — Dizêim qu'o prêito éi luito,
Ê digo qu'êille éi gravedádi,
Dêxa-ti cudári, mê amôri,
Andas á minha vontádi.

127 — Amaréillo, amaréillo,
Amaréillo, linda filôri;
Quêim nã gosta di amaréillo,
Nã gosta do sê amôri.

128 — Tu éis prata *perfinda*,
Luzeinta na tua rua;
Têinho visto caras lindas,
Mas nêim uma com'á tua.

112 ***Anascer***, id. de ***nascer***.

114 ***Jasus***, v. 40.ª q.

115 *Vrido*, metathese ***idr-rid*** **de** ***vidro***.

120 *Varienta*, vid. *Vocabulario*. ***Auga***, **v. 44ª. É corrente a syntaxe do 2.º verso:** «Eu foi quem variei», a comparar com estoutra: «Eú fui dos que variei».

121 *Pousa-lousa*, vid. *Vocabulario*. ***Ouvisto*** é o part., corrente no povo, do **verbo** *ouvir*, por associação com *visto* de *ver*.

122 e 123 *adonde*, *q'ando*, *abáxo* e ***alevanto***, **são factos** já mencionados **respectivamente** em 108.ª, 16.ª, 14.ª e 112.ª qq.

126 *Gravidade*, vid. *Vocabulario*.

127 *Filor*, v. 72.ª q.

128 *Perfinda*, v. *Vocab.*

129 — Quêim á prata tira a liga,
Fica a prata disligada;
Quêim por ti arrisca a vida,
Nã pódi arriscári más nada.

130 — S'ê tivéissi papéili di ôro,
Comprava pêina di prata;
C'o sangui das minhas vêas
Iscrevia-ti, amôri, uma carta.

131 — S'ê sôbéissi, Mariana,
Qu'i tu éiras alfaiáti,
Mandava viri di Vianna
Agulha e didáli di prata.

132 — Êissi tê cabêillo lôro
Éi qui m'anda a cativári.
Todo chêo de pintas d'ôro,
Quêim não ha-di ti gostári?

133 — Dêsdi q'ando pelo mundo
C'uma candêa na mão;
Êu acharê amôri más firmi,
Mas liáli com'á ti não.

134 — Mandê víri da Concêção
Uma chavinha di vidro,
Pera abriri tê coração,
Pera sabêiri o tê sêintido.

135 — Ê da pêina do pavão
Fiz uma chávi á einglêisa,
Pera abríri tê coração
Com toda a delicadêiza.

136 — Aqui mi têins ó tê lado,
Á tua desposição,
Mê coração éi fichado,
E a chávi na tua mão.

137 — Eim chigando á minha casa,
Éi sêimpri por qu'ê prégunto;
Amôri, dá-mi o tê retrato,
Qui to quéiro istimári munto.

138 — Trago deintro do mê pêtó,
Ao lado do coração,
Duas lettrinhas qui dízeim:
Morrêiri sim, dêxar-ti não.

139 — Chapéu fino disàbado,
Éi a minha ilevação;
Amôri, o tê ritrato
Trago-o no mê coração.

140 — As tuas mimosas lêitras,
Da tua adorada mão,
Fazêim-mi a mim 'squecêiri tudo,
Amôri do mê coração.

141 — Vae o camboio na carrêra,
Já partio o fio á lança.
Nã sê de qui manêra
M'hadi passári da aleimbrança.

142 — Vae o camboio na carrêra,
Vae chigando á istação;
Ê nã sê de qui manêra
Hê-di amári o tê coração.

143 — Chapéu fino e disàbado,
Traz o mê bêim na cabêiça.
S'ê nã sô do tê agrado,
Précura quêim ti mereça.

144 — Eim bêim s'os homis prantando:
Canta tu, canta lá tu;
O teimpo vai-si passando,
E o *bálhi* não éi neim ũn.

145 — Eim bêim s'as mulhéiris prantando:
Canta tu, canta lá tu;
O teimpo vai-si passando,
E o *bálhi* não éi nêim ũn.

146 — Salsa vêirdi ó péi da nora
'Ó alquéiri raminho têimpéra;
Vali más ũm sinhôri di fora,
Qui trêis ô q'atro da téirra.

137 É commum no país o accento secundario no prefixo de *preguntar*.

139 *aba* conserva no composto *desabado* o accento do *a* tonico, em accento tonico secundario. *Elevação* está por *enlevação* de *enlevo*, onde a vogal nasal inicial se reduziu á oral corréspondente.

141 *Camboio* é a forma popular de *comboio*. *Alembrança*, prothese de *a* em lembrança. *Lança* do comboio é comparação com a *lança* de carros (varal).

142 *Camboio*, v, anterior. Diz-se *dé que* e não *di qui* (desassimilação, v. q. 94.

143 *Desábado*, v. 139.ª q. *Précura*, v. 7.ª q.

144 *Prantar*, reversão das liquidas *l-r* em *plantar*. *Balhe* e *balho*, a liquida *l* de *il* (*baile*) formou a palatal *lh*.

147 — Munto tolos sã os hómis,
Dã-lhi o péi, tomam a mão.
Más tolas sã as mulhéiris
Qui le dã ' ocasião.

148 — Êis o cofri da lôcura,
Casa fêta sêim madêra,
Cara horreinda, nôti 'scura,
Cabêiça sêim miolêra.

149 — Andas p'ra báxo e p'ra cima,
Com'ó ritroz na balança;
S' ê ti nã chêigo a lográri,
A minh'alma nã discansa.

150 — Quêim mi déira dári um ái,
Tã largo como comprido,
Chigássi e nã passássi
Adondi ê têinho o mê seintido.

151 — O mê bêim nã o éira,
Têim-si agora fêto.
Istá um figurão,
Qu'intéi métti rispêto.

152 — Á porta da minha sogra
Há-i-uma sêlva amaréilla.
Todas passam, vão andando,
Só ê fico prêiso n'éilla.

153 — Amôri do mê coração,
Não ha palavra más dôci,
O tu mi quêras ô não,
Ê quèiro-te bêim, acabô-si.

154 — Aindas qui mê pae mi máti,
Minha mãe mi tíri a vida,
A minha palavra istá dada,
A minha mão promettida.

155 — Ó que lindo risplêindôri
Qu'ê têinho na minha frêinti,
Agora éi qu'ê têinho amôris
Ao gosto da minha geinti.

156 — O amôri, q'ando s'êincontra,
Métti sustos e dá gostos,
Sobrissalta o coração,
Faz subíri a côri aos rostos.

157 — Olhos da minha cara
Ficaram êinvergonhados,
Olharam p'ra qu'êim nã tinha
Fermêiza nos sês tratados.

158 — Os olhos requéireim olhos,
Os corações corações,
Uma palavra requéiri ôtra
Eim céirtas occasiões.

159 — S'os mês olhos ti offêindêiram,
Mê amôri, castig'-os bêim.
Já nã queiro na minha casa
Olhos qui offeideiram ninguêim.

160 — Os mês olhos e os tês olhos,
Todos q'atro s'quéireim bêim,
Os mês quéirem bêim ós têus,
Os tês sabi Dês a quêim.

161 — Si 'abalássis per'ó diséirto,
Amôri do mê coração,
Dêxa-mi o caminho abéirto
Para siguiri uma pàxão.

162 — Toma lá êisti mê lêinço,
Aindas qu'ê por ti nã 'spéiri,
Ê gosto di ti immêinso,
Mas a minha mãe nã quéiri.

163 — S'ê sôbéissi qu'avoando
Alcançava o tê seintido,
Mandava formári umas asas
Das pêinas qu'ê têinho tido.

164 — Aindas que mê pae nã quêra,
Minha mãe diga qui não,
Quêra ê, quêras tu,
Istá o querêiri na nossa mão.

149 *Bàxo*, v. 14.ª e 81 qq.

150 *Adonde*, v. 108.ª q.

151 *Inté*, è a forma, commum no país, de *até*.

152 *Ha-i-uma*, o *i* é simples reducção do hiato. *Sêlva*, de *silva*, v. 64.ª q.

154 *Aindas* è forma popular de *ainda*, antes de consoante, como *indas* o é de *inda-ainda*. Cfr. n.º 176, 184, 185, etc.

160 *Q'atro* por *quatro*, facto vulgar da vogal consoante *u*, já apontado, v. 16 q.

161 Vid. para *paxão*, 107 q.

162 *Aindas*, v. 154 q. — Note-se a ortoepia.

163 *Avoar*, prothose muito vulgar de *voar*; diz-se em todo o país; «mais vale um passaro na mão do que dois àvoar:» (*àvoar* por *a avoar*).

164 e 171 *Aindas*, v. 154.ª q.

165 — Ó mê amori lá ó lôngi,
Chêiga-ti cá per'ó péirto,
Já mi doe o coração
De mi vêiri nêisti diséirto.

166 — Andas p'ra lá, nã mi 'scréivis,
Nã sê qu'amôri éi o têu.
Andas falando com ôtras,
Quêim têim n'a fama sô êu.

167 — Adôndi 'stá o mê amôri,
Adôndi 'stá êilli agora.
Istá péirto di quêim n'o vêi,
E lóngi di quêim n'o adora.

168 — As istrêillas do céu dizeim
O mesmo qui digo êu,
Quêim dispréiza o sê amôri
Dispréiza o que Dês li dêu.

169 — Lindos olhos são os têus,
Tu éis a minha dôdici;
O tê modo agrada ó mêu,
Quéiro-tí bêim, jã t'ê díssi.

170 — O mê leinço di cachinéi
C'uma lêittra côr di rosa;
O mê coração p'ra ti éi,
E ôtra d'êilli si nã gosa.

171 — Quêim mi déira dári um ai,
Qui chigássi adondi ê quéiro;
Queria qu'o mê bêim dessméssi:
Aquêilli ai por mim o déiron.

172 — Acridita, mê amori,
Acridita qui éi virdádi.
Acridita qui ê nã têinho
A más ninguêim amezadi.

173 — Dilicado éi o fumo,
Passa a têilha dubrada,
Dilicados sã os têis olhos,
Qui namoram di pancada.

174 — S'o mê amôri mi morria
Dipois da palavra dada,
Nêim a téirra mi comia,
Nêim ôtro amôri mi lograva.

175 — Dê um ai qui fêiz trimêiri
Uma mêinza á tua sala;
Istás a dormíri, acorda;
Istás acordado, fala.

176 — Êissi tê lêincinho branco
Indas mi ha di viri á mão,
Indas qu'ê pêinsi dari
Por êilli o mê coração.

177 — Subi ó céo por uma linha,
Deci por um diamânti;
Quêim vae ó ceo p'ra ti vêiri
Já ti têim amôri bastânti.

178 — Trázis leinço êincarnado,
Trázis guéirra êim tê pêto,
Quêim mi déira iri á guéirra,
E guerreári a tê rispêto.

179 — Quêim diz qu'o amári qui custa,
Dicéirto nunca amô:
Êu amê e sô amada,
Nunca o amôri mi custô.

180 — Falástis-mi e dêxástis-mi,
Tua abalada fôi bôa.
Diz'-mi as novas qui trôxéistis
Lá dos lados di Lesboa.

181 — Amári e sabêiri amári,
Amári e sabêiri a quêim,
Amári êissis têis olhos,
Amári a más ninguêim.

182 — Vô-mi imbora, vô-mi imbora,
Vô-mi imbora, nã vô não;
Diz qu'ê mi vá imbora,
Cá fica o mê coração.

167 *Adonde*, id. 168.ª.

170 *Cachiné*, id 23.ª

173 *De pancada*: expressão adverbial que quer dizer *á pancada*, agressivamente, com provocação, imposição, sem attender a resistencia.

175 O *e* de *mesa* nasalizou-se em *mensa*, facto oposto de *elevação* deriv. de *enlevação*, «enlevo», v. 139.ª q.

176 *Indas*, de *ainda*, vid. 154.

178 «*Guerrear a teu respeito*» quer dizer «*guerrear por ti*», «*por amor de ti*».

183 — Alviceras daria êu
O dinhêro, ô valôri,
A quêim m'agora desséissi:
Aqui têins o tê amôri.

184 — Amôri vêim á minha casa,
Aindas cá éis attêindido,
Indas lá têins a cadêra
Das vêizis qui lá têins ido.

185 — Inda agora aqui chiguê,
Más cêido nã pudi víri,
Aindas chiguê a horas
Das tuas vózis ôvíri.

186 — Ditosa di mim, ditosa,
Ditosa di quêim ti amári,
Ditosa siria êu,
S'ê ti chigássi a lográri.

187 — Ê cá êinteindo por acêinos,
Nêim quí sêjam êincobéirtos;
Eim dêtando os mês planos
Q'ási todos mi sáim céirtos.

188 — Istô prêiso êim vários laços,
Na cadêa dos amântis;
Amôri, sigo os mêismos passos,
Indas sô quêim éira d'ântis.

189 — Êissi tê lêincinho branco
Anda sêimpri a branquijári.
Êissi tê pêtinho santo
Éi qui m'anda a cativári.

190 — O mê leinço di malha
Têim uns riscos mun sumidos;
Éi o que m'a mim atrapalha
Sabêiri ê cá da tua vida!

191 — Camarada, dá liceinça;
Camarada faz favóri;
Qui li quéiro dar uma fala
O sê, porque éi mêu amôri.

192 — As raparigas vêjam bêim,
E tómeim munta côtéilla,
Qu'ê já vi aquêilli aléim
Dári um bêjo alêim n'aquéilla.

193 — Ripara per'ó qui tê digo,
Ripara per'ó mê dezêiri:
Si namoras com migo,
Ó domingo vai-mi vêiri.

194 — S'ê sôbéissi na verdádi,
Qui tu mi quirias bêim,
G'ardava-ti lialdádi,
Não amava a más ninguêim.

195 — Hê-di ti amári corrêindo,
Devagári ha irpáti.
Nã quéiro qui vás dezêindo:
Nêim p'ra ti amári têinho árti.

196 — Já não ha papéili eim Mafra,
Nêim tinta pe'rós 'scrivêintis,
Nêim pêinas pera 'scrivêiri
'Ó mê amôri seintimeintos.

197 — Anda cá, cunhada minha,
Anda cá p'r'ó péi di mim;
Já qu'ê nã vêjo o tê mano,
Faço gosto êim ti vêir a ti.

198 — Faz' o gosto á tua gêinti,
Tua mãe sêja a primêra;
Quéiro qui tragas contêinti
Toda a tua parêintêra.

183 *Alviceras*, de *alviçaras*, por influencia da continua *r*, como em *americano*.

184 e 185 *Aindas* vid. 154.

187 *Acenos*, em vez de *acêinos*, pronuncia-se *açanos*, em que a palatal fechada se modificou pela guttural correspondente.

188 *Indas*, vid. 154.

193 No Alto-Alemtejo, pelo menos, pronunciam-se a preposição «com» e o pronome pessoal «migo», separada e distinctamente, *com migo*.

194 *G'ardar* com *q'al*, *enq'anto*, por syncope da semi-vogal de *gu*, *qu*.

196 *Pera*, v. 72.ª q.

198 *Parenteira* — *parentella*.

199 — Minha sogra quéir-mi máli,
Minha cunhada tambêim;
Nã m'eimporta a minha sogra,
Quêra-mi êille o filho bêim.

200 — Quêim mi déira eim Lesboa,
Quêim mi déira agora lá,
Pera allivio di uma pêina
Di um padêro qui lá 'stá.

201 — Namora, mê bêim, namora,
Namora na minha ôsêincia;
Namora q'anto queséiris,
Qu'a mim nã faz defrencia.

3.ª Parte — Observações ás quadras.

Os n.os correspondem aos da quadra.

Diz-se *quadrar* uma cantiga, estabelecer a rima cruzada entre os quatro versos da quadra. Quando a estrophe é maior, chama-se *oitavar* á procura de rima alternada. Uma quadra que não fale de amor, e se retira a qualquer trivialidade, tem a classificação de *feia* ou *tòrgalheira*, e de *pé de azinho.*

1 Repare-se na imagem de *embarcar o sentido.* — 6 A villa (*de Extremoz*) *bate-se*, rivaliza com a Figueira, villa, decahida, no concelho de Avis. — 7 *Vae o monte ás carreiras: monte* é a casa de vivenda e o armazem ao meio da herdade; o cantador corria tanto que o *monte* desapparecia, imagem impressiva que lembra passagens do descriptivo de Homero, pelo contraste rapido com o que se segue. — 8 «*Ao cimo da rua nasce o sol, ao fundo põe-se a lua*, é a indicação mais positiva dos pontos cardiaes de orientação de uma rua; — 9 «*Tapar a aldeia com um lenço*», equivale a «mais valêra que não existisses» ou «pôr uma pedra sobre o assunto» que d'ella se evoca; — 14 Evocação admiravel de paisagem é esta, onde não falta o movimento e o impressionismo da viagem; — 12 *O sol é o rei das alegrias*, em especial no Alemtejo, país de sol e de frio; trocadilho curioso e elegante está nos dois ultimos versos: *porque é velho o sol, se nasce todos os dias?* — 15 *Folhas comparadas* são as folhas oppostas no verticillo; acompanham-se portanto; — 16 *Três* formam a *trempe*, equivalente geometrica de *trindade* ou *triangulo, triduo, terceto;* porque *quatro* formam *quadrado.* — 23 Note-se a conducção syntática do primeiro e do segundo verso; *cachené* traduz o francês *cache-nez*, e popularizou-se como outrora por ex. *chapéu* de *chapeau*, *habilhar* de *habiller*, e hoje no povo *bisclêta* de *byciclette*, *charrêta* de *charrétte*, *vaturêta* de *voiturette* (automóvel). — 30 Toda a noite á espera da entrevista, o amante ouvia o mocho; e quando este se foi, ou se calou, era manhã, aca-

201 *Defrencia*, de *differença*, por syncope do *e* da 2.ª syllaba, e assimilação de *e-e* entre o *i* da 1.ª e o *en* da 3.ª, e alargamento de *i* em *ença-encia*, como em *graça-gracia.*

bou-se a noite e com ella os amores. — 34-35 Desevolvem o rifão: «*longe da vista perto do coração*». — 36 É curiosa a imagem de comparar o namorado com a estrella da manhã de S. João, a cujo nome andam ligadas tantas crenças amorosas. — 38 *Nossa Senhora*, diz o poeta, *é mãe de S. Joaquim*, quando o inverso acerta. — 40 Faz referencia a um *ex-voto*. — 41 É reducção poetica do aphorismo amoroso: *o teu amor e uma cabana*. — 44 Contrastam o primeiro grupo de versos e o segundo: tudo acaba no mundo menos o amor, que sempre augmenta. Nem só os escriptores utilizam a antithese, é tambem da retorica do povo, e é natural. — 45 A longevidade da açucena dentro da agua, é pura fixão poética, para exprimir o contraste exposto nos dois ultimos versos. Sessenta dias diz uma quadra de V. Real. — 46 A açucena fica assim em antithese no verso, como a cana está no apólogo de Lafontaine (*a canna e o carvalho*). Ella, porém, não torce nem quebra. — 47 *Do coração faz navio*, note-se a objectivação do amor, no *barco* do coração, onde o *sentido embarca*, (quadra 1.ª). Vid. variante, na quadra n.º 697, da collecção de quadras *populares de Villa Real*, por Antonio Gomes Pereira, in *Rev. Lusit.* x, pag. 147. — 50 Vid. variante em V. Real, id-quadra n.º 714, p. 148. — 54 Esta quadra exprime a forma dos amores que passam, os amores de um dia de que falam tantas cantigas do povo; e no ultimo verso entende-se que *rei morto, rei posto*. Dizem os franceses: *les absents ont toujours tort*. — 57-58 Estas duas quadras, com uma outra variante de pormenor, correm no país todo. Vid. por ex. *Rev. Lusit.* x, p. 129, quadra 418 de Villa Real. — 61 Na bocca do povo, como na dos poetas eruditos, o coração é tudo, idealmente nuns, materialmente noutros; já foi *barca*, v id. quadra 47.ª; agora é *fructa* para colleccionar ao lado da *laranja*, *cidra* e *limão*; de *limão*, se quem canta é mulher, não o negaria Camões, que o tivesse junto do coração. — 63 A comparação é elegante e completa. Os olhos fechados são dois botões, que rosa fechada elles são; abertos, são duas rosas, o que aos botões succede. Além d'isso negrejam como azeitonas; imagem cromatica; não quis lembrar que quem o *feio ama bonito lhe parece*. — 66 Se *para amigos mãos rotas*, porque não hão de amores justificar o dito vulgar: *o que é meu, teu é?* — 71 É a quadra mais galante da collecção, embora vaidosa; recorda um *mote* de um outeiro do seculo XVIII, peralta e enflorado. — 72-76 Digam que não ha fatalismo na alma do povo. *O que tem de ser tem muita força. O que fôr soará. Tu nasceste para mim*, diz a quadra. — 74 Contrasta com o n.º 71. *Offerece*, e não se

dá por enthronado, o cantador, entre ramalhetes. É antes singello e modesto. Não se admira de sair o *cravo* do amor; e da *silva* de espinhos elle, cantador, o affirma. A quadra 77.ª é uma variante. — 82 Affirma a verdade do ciume contra ambição polygamica. É o que diz o rifão: *vale mais um passaro na mão, que dois a voar.* — 84 Aqui está uma glosa comica da quadra popular que diz que «*a rosa para ser rosa,* — *hade ser de Alexandria,* — *e a mulher para ser mulher* — *ha de se chamar Maria;* a resposta feminina é deveras graciosa. Vid. tambem a quadra 92.ª de um estylo comparavel. — 87 Esta quadra corre vulgarmente com a modificação de *leaes* por *sincéros.* — 92 Vid. 84. — 93 É como quem diz: *quero quem me não quer; não quero quem me faz conta.* — 100 Variantes: Villa Real, *Rev. Lus.* x, pag. 136, quadra 521. — 101 Cfr. 54. — 105 Variante é esta d'essa outra quadra que diz: — *cantigas leva-os o vento,* — *que m'importa a mim que as leve*... commum no pais.

Quem se fiar em cantigas
Tem falta de entendimento:
São palavras que só saem
De dentro do pensamento.

Trás-os-Montes.

Cantigas são meninices
Palavras leva-as o vento:
Quem se finta em cantigas
É falto de entendimento.

Villa Real — *Rev. Lusit.* x, p. 131, n.º 446.

— 106 Bom sinal de affecto essa quadra! Tudo ella supporta desde que veja o seu amor. — 109 *O coração ... com asas de primavera,* é imagem de poesia nova. Aonde iriam buscar a ideia? A figuras mythologicas certo que não. Como tudo é leve na primavera, desde o ar á seiva vital, deve ser a leveza de tudo que produziu a imagem das *asas de primavera.* — 112 Outra quadra genial. Compõe-se-lhe a forma poetica de madrigal com a da quadra tão sabida: *eu sou sol e tu és sombra,* — *qual de nós será mais firme?* etc. e pode emparelhar esta com a quadra 113 d'esta collecção, que tem ideia proxima, trocado o sol pela lua; é o homem (sol) atraz da mulher (lua), e a mulher atraz da amor (luar); mas não se alcançam, assim como o sol vê fugir a lua, e a lua persegue o luar, atraz da qual anda sempre, sempre á vista um do outro, perseguidor e perseguido. — 115 .. *á roda copos de vidro,* é visão do poente, para mais com o reforço da quadra antecedente: *amanhã não está bom dia;* havia nuvens, estava limpo o oriente, ou melhor o horizonte, e ao pôr do sol a côr purpurina do poente *ameaçava vento* para o dia seguinte, e formava *á roda* (do ceo) *copos de vidro,* coloridos. A imagem é enge-

nhosa [1]. — 117 Na Beira ha uma variante; 3.º v. *e por ser a mais bonita*... — 118 Confunde-se a estrella do Norte com o planeta Venus, a *estrella da tarde*, ou do *Bom Pastor* por symbolismo christão. — 122 É como quem diz: *onde está gallo não canta gallinha*. — 129 É o que mais pode offerecer quem se sacrifica: a vida. Bem canta o cantador. — 131 Mostra talvez evocação dos bordados e rendas do Minho. Uma cantiga de V. Real fala da *dobadoira* de Vianna. — 132 E' uma quadra digna de inspirar um pintor moderno. Tem realmente grande visão de luz e forma. — 133 Compara-se com a ideia de Diogenes, quando procurava um homem. — 134 A chave tem significação amorosa na arte popular. [2] — 136 Vid. 66. — 138 Com algumas variantes, esta quadra corre por todo o país. — 143 Cfr' 106. — 144-145 Referem-se ás demoras e hesitações dos cantadores nos bailes, onde é forçoso cantar. — 146 De uma forma requebrada, exprime o aphorismo: *Santos de casa não fazem milagres*. — 147 E' dicção corrente: *F. deu-lhe o pé e elle tomou logo a mão*, expressão de atrevimento. — 148 Como quem diz: *sem pés nem cabeça*, ou *sem bedelho nem trambelho*. — 149 E' curiosa esta comparação da balança, oscilante como os amores de que a cantiga faz queixa. — 153 Cfr. 66 e 136. — 156 Esta quadra forma um tratado de psychologia dos amorosos:

O amor quando se encontra,
Causa penas, dá desgosto,
Sobresalta o coração,
Sobem as côres ao rosto.

Variante de Trás-os-Montes.

— 163 Note-se o trocadilho, vulgarissimo nas canções do povo, de *penas que tenho tido*, para, de tantas serem, mandar *formar umas asas*, para *avoar*. — 167 *Longe da vista*... — 173 Os olhos são tão aggressivos que, de fixar, namoram *de pancada*. *A' candeia*, se diz numa quadra de Villa Real [3]. — 177 A imaginação que produziu esta quadra pertencia ao numero d'aquellas de um Anderssen ou de Grimm do povo, que criaram os contos de fadas e maravilhas. — 179 São infinitas as variantes.

(1) Esta coloração celeste do occaso produziu, na poêsia mithologica da Germania, a lenda de Loreley, que Heine versificou. Aparte a significação da passagem da luz para a sombra, da vida para a morte, onde as aguas tragam os marinheiros que se perdem na treva, tem valor aqui a imagem colorida onde a *Jungfrau* sobresae, nevada e hirta, na purpura do occaso; corôa-se da luz do *pente* brilhante, com que *Loreley* compõe os cabellos, loiros como o ouro.

(2) Luis Chaves, «Um motivo de folclore — A chave» — in *A Canção de Portugal*, Lisboa, n.º 9, de 6-8-916.

(3) *Rev. Lusit.*, vol. x, pág. 127, quadra 383 (coll. do snr. Antonio Gomes Pereira).

— 189 Esta quadra, como a 115.ª e a 132.ª, mostram o poder de imaginação pictorica do povo, como a 177.ª por ex.

V

Outras cantigas

1 — Canções do berço.

O que destas canções do povo pude ouvir, reduz-se a três quadras. São vulgares e muito escutadas em todo o país, apenas com algumas variantes. Pertencem ambas àquelle typo, que, na classificação do Snr. Dr. Leite de Vasconcellos, está em segundo lugar [1]: «cantigas que se referem aos diversos momentos ou «fases do sono, desde que a criança mostra desejos de dormir, até que de todo adormeceu». Ei-las:

1 — Va-t'imbora, raposa,
Pera cima do tilhado,
Dêxa dromiri o minino
Um soninho discançado.

2 — O mê minino têim sôno,
E o sono nã quéiri viri,
Vêim nos anjinhos do céo
Ajudá-lo a dromiri.

3 — Drómi, drómi, mê minino
Qu'á mãezinha logo vêim:
Foi lavári os cuêrinhos
A' fontinha de Belêim.

2 — Cantigas do S. João.

S. João é festejado por todo o país com danças e descantes.

Sã João á minha porta,
E ê nã têinho que li dári,
Darê-li uma cadêrinha,
Pera Sã João si asseintári.

Sã João adromicêu
No rigaço de sua Mãe,
Quêim mi déira, Sã João,
Dromiri com'a ti tambeim.

3 — Decimas.

Recolhi, entre outras, as *Decimas do Padrão*, que se referem á columna memorial da batalha do Ameixial; vid. cap. III. Foram publicadas na*Revista de Guimarães*, vol. XXX, pag. 49 a 74.

Nota final. Como curiosas cantigas *parallelisticas* ou bailadas (J. Joaquim Nunes, *Rev. Lusit.* XII, pág. 241 e ss.—«As cantigas parallelisticas de Gil Vicente») vid. as quadras n.os 2, 5, 6, 10, 11, 18, 21, 29, 31, 35, 38, 41, 67, etc.

(1) Leite de Vasconcellos, in *Rev. Lusitana*, vol. X (1907), «Canções do Berço», pág. 14.

VI

Vocabulario

A

abalar — Partir de viagem, ir-se embora.

abobilha, e **abobilha de cima,** syncope de *abobadilha* — «He abobada de gesso tabicado», Bluteau, *Vocabulario,* s. v. *abobadilha.* Em geral, dá-se este nome a qualquer cobertura boleada.

a cavallo — Tudo o que não seja andar a pé, é andar a cavallo; ir de carro, é ir a cavallo, e ás vezes diz-se claramente *a cavallo no carro.*

aceifa — Prothese de *ceifa;* vid. quad. n.º 97; aprestos do traje da ceifeira: chapeu grande, *(chapeu alemtejano)* com uma pena de pavão apertada na fita, junto do laço, se o tem; saias amanhadas de *calções,* erguidas até o joelho e apertados com *arellos (ourêllos)*; *punhos,* para proteger os pulsos, *manguitos,* mangas até o cotovello; *canudos,* tres tubos de cana, mais ou menos ornamentodos, para protecção do pollegar e dois dedos immediatos.

adôbe — Vid. *tejolo,* 3.

afusilar — Prothese de *fusilar:* é voc. muito empregado pelos caçadores.

agarrafa — Prothese de *garrafa.*

aguadêiro — *Chapeu aguadeiro* é o chapeu grande do Alemtejo, pois guarda contra a agua da chuva.

aguieiros — As traves que vão do frèchal (*madre*) á parede mestra, classificam-se em tres tamanhos: *virões* as maiores, *aguieiros* as médias, *páses* (*pás*) *de S. João* as menores.

alcàitár — Vid. *Diccionario* de Candido de Figueiredo, s. v. *alcaetar.* — Aqui significa: espreitar e passear a esmo.

alfêr — Apocope de *alfeire: gado de alfeire* é o gado de rebanho (Viterbo, *Elucidario*), vid. *parido.*

algraviz — Vid. *forja,* 11.

almeada e **almeara** — *Mêda* de palha, empilhada em massiço de secção rectangular, sobre o qual se põe um segundo em forma de telhado com duas vertentes, cujo eixo divisório se alonga na direcção dos lados maiores do rectangulo seccional: cobre-se e resguarda-se com palha velha e piorno.

alquêve — *Alquêive,* terra de pousio

aluguêta — Pègozinho n'um rio, onde afflue o peixe: termo piscatorio.

ancinho — V. *eira.*

andalias — *Sandalias.*

apaixonar-se — Ter «sentimento de alguma coisa», Bluteau, *Vocabulario). Nã ti apaixonis* — não te importes, não te incommodes.

apontaria — Prothese de *pontaria.*

arames, us. no pl. — É a collecção ou bateria de vasos e pratos de metal.

arélios, ourellos — V. *acêfa.*

armario (armairo) arrendado — É um armario com portas de rótula; *armairo,* metath. corrente de *armario.*

Arrayoes — Dicção popular de *Arrayolos.*

arrigadôr — Prothese de *a* em *rigadôr,* pron. local de *regador.*

arrêios — Vid. *barqueira, burnil, canga, cangalhos, encosto, fatilho,* etc.

arripiar-arrepiar — Desistir, mudar; F. *arrepiô da idêa.*

arrimar, de *arrimari ó pêi di,* encostar-se ou chegar-se a (ao pé de).

arrotear — Especialização ou limitação de *arrotear:* cavar á roda das oliveiras.

artista — É todo o que exerce qualquer officio ou industria:

> Barbaro di profição,
> Hómi sêim conhecimêinto,
> Nã tinhas p'ra o tê susteinto
> Seindo artista de abegão?

De umas décimas populares.

áspera — *Agua aspera*, indica que está fria.

assabão — Prothese de *a* em *sabão*.

assarias — É o ultimo prato do jantar; primitivamente era o assado, servido a preceito no final; hoje falta o assado, mas fica o nome. Quando se annunciam as *assarías* está pronto o jantar.

assintadêira (assintadêra) — Vid. *forja*, 3.

assomar-se — Chegar ou chegar-se a alguma coisa; apparecer, surgir.

açucár-açúcar — É corrente e mui vulgar a tendencia de tornar graves as palavras esdruxulas (*relojo*, *Antonho*); aqui a palavra grave torna-se aguda.

atalhar (atalhari) — De *talhar*, significa cortar; é o que faz o homem que desmancha o bácoro morto, *atalha-o*; tambem se empregam os termos *dismanchari* e *esbandalhari*, este muitas vezes tomado absolutamente.

attenças — Esperanças, por ex.: *ninguêim faça o máli, nas attenças di le viri bêim*; e esmola em: *istás ás atteinças di tê pae*, ás sopas de teu pae, no sentido de «á espera do que o pae lhe dê».

atequina — Vid. *tejolo*, 1 a).

aventar — Lançar fóra, atirar fóra.

avento — Deriv. de *aventar*.

B

bácoro — A todo o porco, que se mata para consumo, se dá este nome.

balancia — É tambem *belancia*, *belencia*, *bilencia*, — melancia.

balde, forquilhão — Vid. *eira*.

bálhi e **balho** — Baile.

bancada — Dispositivo do fabrico de tejolo no seccadouro, vid. *tejolo*, 1 a).

banco — Mesinha formada de uma táboa lisa, sustentada por quatro pés de pau encaixados em orificios feitos n'ella; serve para estender o porco, para esquartejar.

banho de ferrêiro — Vid. *forja*, 2.

bargueira (de arrêio) — Corda que passa da *canga* por detraz das mãos da besta, atrellada.

barril — Cantarinho de barro com duas asas e colo estreito.

barrilha — Vid. *tejolo*, 3.

barrileira — Cesta de palha, com duas aselhas, que pende do carro, e onde se leva com agua o *barril*, vasilha de barro.

batatras — De *batatas*, por epenthese de *r* (rotativismo).

bautizo — *Baptizo*, baptizado.

beija-mão — Herva, vid. quadra 97 — *beija-mão*.

belencia — Vid. *balancia*.

bicada de mato — Ponta, extremidade de matto

> O dia que alli chegou
> Com seu gado e com seu fato,
> Com tudo se agasalhou
> Em uma bicada de um mato.

Bernardim Ribeiro.

Egloga de Jano e Franco.

bengala — *Bingala*, é qualquer varapau para trazer na mão.

bolêta — *Bolota* de azinheira, para a distinguir da bolota de sobreiro que é particularmente *bolota*.

bolra — Metathese de *borla*.

bolrão — Grande *bolra*, vid. *bolra*.

boneca — Figura formada de combinações geometricas, encimada por

um losango, que se coloca ao fundo da chaminé, para resguardar do fumo a parede.

boquilhas — Das rodas de carro; cubos das rodas, abertos em forma de calice.

bordar — Chamam os pastores ao trabalho das decorações que abrem á navalha em objectos de madeira, cortiça e chifres.

bordoada — Em *bordoada do pégo*, expressão de pesca, é a «borda do pégo».

borralhadôr — Chuço de pau, usado nos fornos para mover o borralho.

botár as bêstas — «Levá-las ao pasto», *lança-las* ao pasto.

brinca — «Brincadeira».

buinho — Palha de junco, para assentos de cadeiras e bancos.

burnil, (plural burnéis) — Collar de coiro, com borlas ás vezes, onde assenta a canga do burro ou mulo.

C

cabana — Vid. *cabanas*.

cabanas — Abrigos de colmo. 1.º *cabana* propriamente dita é um abrigo formado por dois planos inclinados um contra o outro, e abertos numa ou nas duas extremidades; ou por esses mesmos sobre duas paredes verticaês que os continuam; são feitas de armação de paus, com entrelaçamento de palha, piorno e tojo; as que são fechadas, guardam animaes e alfaia agricola: 2.º a *cancella* é um abrigo transportavel formado por um plano obliquo, assente de um lado no chão, e o outro lado erguido por dois esteios; o plano que assim forma tejadilho é de pau e mato; abriga pastores e é aberto. — 3.º a *choça* (çocha), é pyramidal, coberta, com uma entrada, mais ou menos resguardada e ás vezes com janelucos; é de palha armada em páus; serve de *barraca* de guarda permanente. — 4.º *sambulacho*, é um abrigo feito de folhagem verde, segura em armação de pau, sobre esteios.

cabanejo — Cesto ou cabaz fundo, de vime, com duas aselhas.

cabeçalhos — Do cangalho, travincas de ferro, na canga.

cacaranha — Vid. *anexins*, n.º 2.

caçár rama — Procurar *rama*, «corta-la, apanhá-la».

cachola — Cozinhado de miolos de porco.

calções — Vid. *acêfa*

califorua, californica — (Syncope de *ic*), vid. *Dicc.* de Candido de Figueiredo.

calitre e **calitro** — *Eucalito* de *eucalipto*.

calitro — Vid. *calitre* e *ècalitre*.

calpelhoêiro — (calão): Parvo, tolo.

cancêlla — Vid. *cabanas* (2).

candêio — «*Candeia*», lampeão».

canga — Armação de madeira ou de ferro, para assentar no cachaço das bestas; é reforçada com os *cangalhos*, anilhas de ferro, se ella é de madeira.

cantareira — (Casa), poial interior para os cantaros.

canudo — É o carro alemtejano de cobertura abobadada, (com *bolras* e *bolrões*).

canudos — Vid. *acêifa*.

canzinho e **canzito** — *Cãozinho*, *cãozito*; sendo a pronuncia *ão* = *ã*, vem *canzinho*, e o fem. directo *canzinha*.

carrégue — Particip. (syncopado) do verbo *carregar*.

carrêira — Vid. *tejolo*, 2.

carrêtos — Cylindros de madeira por onde passa a ferragem no *engenho de rolar*.

carrinhar — «Carrear», de carrinho, «transportar em carro, ou mover um carro».

cartellada — De *cartello*; enfiada de carrinhos de linha.

caspacho — Abrandamento de *gaspacho*, igüaria de pão em môlho de azeite, agua (quente — *gaspacho fervido*; ou fria — *gasp. cru*), vinagre, etc.

câsse, casso — «Concha», grande colhér côva.

cavallete — Vid. *forja*, 3.

cêrca — Campo «cercado» de muros.

chabôco — *Cabouco*, buraco, cava.

chamadeira — «Aguilhada».

chanfre — Vid. *forja*. Abrandamento de *o-e de chanfro*.

chapada — Encosta do monte.

chaparro — Azinheira pequena; vid. *chaparreiro*, *Vocabulario* de Blutem.

charrêta — Trad. do francez *charrette*, como *byciclêta* e *vatureta*.

chavelho — Cavilha de ferro que prende aos varaes as correntes (*tirantes*) das bestas.

chibarro — Chibato, bode castrado (*Vocabulario* de Bluteau).

chegadeira — Vid. *forja* 3.

china — *Pedra-china*, pedra com que se alisa a louça de Extremoz; vid. *lambedeiras*.

choça — Vid. *cabanas*, n.º 3.

ciganas e **ciganinhas** — Chispas do lume de carvão.

ciganinhas — Vid. *ciganas*.

cinzeirão — Herva graminacea (quadra 90.ª).

côfé — Café, vid. *gafé*.

convíti — «Convite», presente, ou gratificação.

corisco — Vid. *raio*.

corto — Participio sincopado de *cortar*.

cospêta, scopêta — *Escopeta*.

çocha, (choça) — Vid. *cabanas*, n.º 3.

côxo — Concha de cortiça para agua, em forma de taça *côxa* sem pé, tirada dos cotovellos dos sobreiros.

D

deboto — «Debotado», desbotado, particip. syncopado.

derramar, derramar-se — Zangar, irritar; zangar-se.

derrubar — «Dobrar orlas ou extremidades»; ex. *derrubar um lenço*, é bainha-lo.

desenregar — Vid. *enregar*.

desmanchar — Vid. *atalhar* e *esbandalhar*.

desmontar — Cortar as hervas á volta das oliveiras.

desparate — «Disparate»; todo o exagêro ou coisa de vulto: *é rico que é um disparate; está um disparate de calor*.

deitar — Vid. *lançar*.

didàl — «Dedal».

drobàri — *Drobar*, metathese de «dobrar», ás vezes em vez de *derrubar* (d[er]rubar).

dromir — Metathese de «dormir».

E

êcalitre e **êcalitro** — «Eucalipto», v. quadra 96.

êcalitro — Vid. *êcalitre*.

eira (êra) — *Almeara* ou *almeada*, «mêda»; *ancinho*, forquilha rectilinea de seis dentes; *forcado*, forquilha de dois dentes curvos; *forquilha* de 4 oú 6 dentes verticillares; *forquilhão* ou *balde*, forquilha curva de 6 dentes rectilineos; *varejão*, vara para assentar a meda».

empalmos — Argolas que cingem a canga.

emparador — Vid. *tejolo*, 1 a).

empar de ganchos — *impar* — «par de ganchos» da canga, onde se prende a *trella*; não é prothese de *im-em*, mas sim antithese, como em «não ter *inacção*» (Extremoz).

empiolar (*em-êim-im*) — *Empiolar* (termo de caça), descobrir os tendões das patas trazeiras dos coelhos para cruza-las, e transporta-los dependurados no cinto do caçador.

encampar (*en-êin-in*) — De campo, «metter a caminho pelo campo».
enchumbrar — «Diz-se do tempo quando ameaça chuva, por se carregar de nuvens «de chumbo» o céo, e por extensão, o terreno que humedece.
enciár (anciar) — «Enfadar».
encosto — Especie de saco de palha, comprido e com borlas, onde assenta o *burnil;* vid. este voc.
enganchár — Enganchar o gado, atrelar.
engênho — «Engenho de rolar», vid. *forja.*
enjoar — Diz-se da faca, se está embotada, vid. *morder.*
enregar — De *rego;* encaminhar os homens, retomar o trabalho, vid. *desenregar.*
enricar — «Enriquecer», (de *rico*).
entòrgalhar — De *torgalho;* emparvoar.
esbandalhar (*es-is*) — «Desmanchar o porco», vid. *atalhar.*
escovinhas (*es-is*) — Danças regionaes do Alemtejo, como as *sáias.*
esgarrar, esgarçar — *Esgaçar, descascar.*
esgravulhar — Esgarabulhar, vid. *Vocabulario Alemtejano*, de Thomás Pires, *Rev. Lus.*, x, 87.
esguichar — Termo de caça; diz-se quando o coelho ou lebre sae do mato, «esguicha».
estifazer e **estifação** — Metathese de *s* (*tis-sti*), (como *sastifazer*); *a* inicial → *e*, (*sestifazer*); assimilação de *s-s* (*estifazer*).
espetão (*es-is*) — Vid. *forja*, 3.
estirafar (id.) — *Estiraçar.*
estramparênte (id.) **stramparente** — Metathese de *s* com ou sem prothese de *e*, de *transparente.*
estranstôrno (id.) — Prothese de *e*, metathese e assimilação de *s-s*, em *transtorno.*
estrimpél (*es-is*) (calão) — «Estás um estrimpel», não prestas para nada.
extremas (*ex-is*) — Divisorias, marcações de propriedades, (vid. *vieiros*).
extrevaria e **estrevaria** — *Estrebaria*, *b* → *v*, *Voc. Alemt.*, id., p. 88.

F

facelmente — Corrente, a miúde, em vez de *certamente*, *Voc. Alemt.* id.
familia — Conjuncto de trabalhadores da mesma obra ou logar ou «gente».
fanéco — Pão de trigo, redondo, do campo, para os ganhões.
fatachar — *Fateichar*, «abarcar».
fatilho — É o mesmo que *burnil*, vid. este voc.
fataria — Porção de roupa.
fato — Roupa de cama, opposto a *traje* e *veste.*
féstas — Presente por occasião de festa.
fêzes — «Ralações». *Não crie fezes*, não se rale.
feiras — Presentes, lembranças de uma feira; dádivas ás pessoas amigas, por quem regressa da feira.
f'gaça — *Fogaça*, syncope de *o* da 1.ª syl. *Voc. Alemt.*, p. 89.
figaça — *Fogaça*, por comp. de *figo*, id.
finónimo — *Phenómeno*, metathese de *m* → *n*, e pronuncia provincial de *e-i.*
fintar — «Levedar», diz-se da massa do pão.
forcado — Vid. *eira.*
forja de ferreiro — 1) *Forje*, com *fol* e *algaraviz* (tubo grosso onde encima o bico do folle, na parede da forja), *chaminé* por cima, *pano* á frente; *maniar* é manejar o folle. 2) no *banho de ferreiro*, (grande talha de bocal cortado, cheia de agua, é feita a tempera). 3) instrumentos: *assentadeira*, cunha que differe da «talhadeira» em não ter gume, e ter a base quadrada, (quebra as arestas); *cavallete* é a bigorna com um chanfro (*chanfre*) e mêsa (*pêta*); *cràveira*, com cabo e patilha de orificio variavel, para

fazer cravos; *chegadeira*, gancho de ferro para juntar o lume da forja; *enferrador*, ferro espesso de forma de pyramide rectangular truncada, munido de cabo, para medir os ferros de arado; *espetão*, espeto de ferro para *arejar* o carvão na forja; *engenho de rolar*, para enrolar as ferragens das rodas dos carros; *martello* de ferreiro, *marreta* e *malho*, em ordem crescente de tamanhos; *pé de cabra*, assentadeira com a base boleada, para arredondar arestas; *ponteiro* é um tufo prismatico ou pyramidal; *sefradeira*, anel aberto, e alto, para contrapancada do tufo; *talhadeira*, cunha com cabeça e gume, para cortar o ferro; *tufo*, instrumento tronco-conico, bases boleadas, para abrir *olhos*, orificios; *tenazes* differentes.

forquilha — Vid. *eira*.

forquilhão — Vid. *eira*.

franella — «Flanella», (reversão de *l* em *r*).

franqueza — «Abundancia», (ha peixe com *franqueza*); «certeza» (*elle não vae com* franqueza, *eu vou com* franqueza).

frósfis (e **frósquis**) — *Frósfes, fosfres, fosferes, fósforos*; prod. de alterações successivas, de abrandamentos, syncopes e metatheses.

frosquis — Vid. *frosfis*.

função — Festa, folgança, baile.

G

gado — Em um carro é a designação geral da besta que tracciona, seja embora uma só. Vid. *alfêr* e *parido*.

gafé — Abrandamento de *c-g* em *café*.

galapa — Vid. *tejolo*, 1, C).

gamelão — Tronco escavado, ou vasilha de madeira em forma de salmoura, posta junto dos poços, para o gado beber.

ganadêiro — Criador de gado.

ganapé — Abrandamento de *c-g* em *canapé*.

ganhão — Trabalhador que vive do seu trabalho fixo. Vid. *maltês* e *familia*.

ganharia — Bando de ganhões. *Voc. Alemt.*, id., p. 90.

gasalho — Caça ao gasalho, em que o caçador se encobre. Id., p. 90.

golpe — Folhas laminares de liliaceas, com que os pescadores batem a agua para juntar o peixe.

grade — Vid. *tejolo*, 1 b).

grado — «Crescido», «graúdo».

grandada — Porção grande: ex. *grandada* de pombas.

grandêza — Em: «é uma grandeza»! Usa-se para exprimir admiração ante qualquer coisa imponente.

grave — Importante, luxuoso, bonito, ex. *um vestido grave*.

gravidade — Importancia, imponencia, formosura.

grupêlha — Cêira de palha de forma rectangular, levada na rectaguarda dos carros, (de *garupa—grupa*).

guspe — Cuspo, abrandamentos de *c-g*, e *o-e* final.

I—J

inàgóra — Inda àgora, in(d)àgora.

intervellar (e **entervellar**) — «Interpellar», significa interromper conversas; trf. de *p* (labial) em *v* (labio-dental).

jardineira — «Flôr de laranjeira», grinalda que as noivas virgens, levam ao acto do casamento.

junça — Juncos para fazer cestas, (cyperacea).

L

ladrilho — Vid. *tejolo*, 3.

ladrilheira — Vid. *tejolo*, 3.

laima — *Laima* de terra, «área», vid. *Voc. Alemt.*, id., p. 93.

lambaz — Vid. *tejolo*, 3.
lambedeira — Mulher que faz desenhos na louça, e a alisa; v. *China*.
lançar — Vid. *tejolo*, 2.
laticar — (Termo de caça), ladrar agudo e nervoso dos cães atraz da caça.
lêito do carro — Fnndo do carro.
levantar e **alevantar** — Vid. *tejolo*, 2.
linguariça — Epenthese de *ar* em *linguiça*. Vid. *Voc. Alemt.*, id., p. 93.
lismo — Epenthese de *s* em *limo*.
louceiro — Vid. *tejolo*, 1 a).
lume — Faiscas que o carvão esparrinha; chamam-se *ciganas*, *ciganinhas*, *velhas*.

M

machôco (machouco) — Varapau de sobreiro, encortiçado.
madre — Trave grossa longitudinal na parte mais alta da casa, aonde vão passar as traves transversaes: *virões*, *aguieiros*, *pás de S. João*, vid. estes vocs.
magana — Prostituta, desavergonhada.
maltês — *Maltês*, o trabalhador temporario. Vid. *ganhão*.
manguitos — Vid. *aceifa*.
manajeiro — Vid. *menageiro*.
maniar — *Manejar*, vid. *forja*.
marcurrar — Arriar com peso.
maré — Occasião, estado de espirito.
marégia — *Marèsia*, tempo máu, húmido, chuvoso ou ventoso. Diz-se: *uma maresia de vento*.
marrocáte — Vid. *faneco*.
mascarra — Fuligem de fornos e chaminés.
mate — *Mate*, vid. *tejolo*, 2).
medroso — Que medra: ex. *trigo medroso*, desenvolvido.
menageiro — (de *menagem* ao patrão). O homem que dirige os trabalhadores, como *marnoto*.
menza — Nasalização de mêsa.
merendêira — *Merendeira*, pão pequeno.
meroçar — *Meroçar*, vid. *tejolo*, 2.
moiral — Vid. *môral*.
montanaz — «Montês», de monte.
monte — *Monte;* três sentidos: a moradia e armazenagem numa herdade; a casa em geral, isolada ou ou não; o tardoz das casas na povoação, que deitam para quintal.
morcella — (t. de calão); este *morcella* = este *idiota*.
mordêr — A faca *morde* quando é afiada, vid. *enjoar*.
môral e **moiral** — «Maioral», pastor a quem o gado é entregue.
mortal — *Mortal*; diz-se da luz ou carvão a apagar-se.
móvis, móves — *Móveis*, sync. de *ei-e*.

N

nado — *A nado;* passar um rio a váu é passa-lo *a nado;* vid. *a cavallo*.
nina — Apherese de menina. É muito usada a exclamação: *ai nina!* Explica-se por desmembramento de «menina». — *Voc. Alemt.*, id., p. 97.

O

olhêirão — *Olheirão*, «lameiro».

P

paixão (páxão) — Todo o sentimento moral doloroso, ou arrrelia, zanga.
panal — «Toalha» que cobre qualquer coisa.
panellas de ir ao fogo — Caçarola de barro vidrado.
pangalhada, pandega — «bohémia» (t. de calão).
pangalhão, pandego — «bohémio» (id.).
pâno de chaminé — O pedaço de parede que a forma.

pão — Vid. *faneco*, *marrocate*, e *merendeira*.

parár — (Termo de caça); o cão «pára», detem-se a farejar, ou a procurar caça.

párvoa — Fem. de *parvo*.

parido — É o gado de criação, vid. *alfêr*.

pas de Sã João (pases) — As traves transversaes mais pequenas.

pataca — Bolsa para tabaco.

pé de cabra — Vid. *forja*, 3.

péila — Córte de matto.

pellica — Çamarra, curta á frente, longa atraz.

pellico — Çamarra, rodada, comprida.

peneirol — Mascara de rede de arame para mèlleiros.

perfinda — (Quadra 128), *perfeita?* ou *perfida?*

perruma — Pão de farellos, para cães.

pial — Syncope de *poial*, banqueta de pedra ou tijolo e cal.

pilheira — Nicho parietal para louça, nas cozinhas, ou saliencias na chaminé *(pilhêra da chaminéi)*.

pironga — Modificação de *piramide*: «Marco geodesico». (*Pera-longa*?)

pôis — Interjeição constante na linguagem, é affirmação e reforço.

pôisa-lôisa — «Borboleta», chamada em Tras-os-Montes *pousa-moura*.

poltrilha e **poltrilhêro** — «Pelotica e pelotiqueiro».

ponteiro — Vid. *forja*, 3.

prêsa — É um tanque de agua permanente, para lavagem.

propio — Desassimilação de *proprio*.

Q

québra — Ramo cortado; *uma quebra de mangerico*.

quimóni, quimone — «Kimono».

qùadra — «Cavallariça» ou mesmo uma sala.

qùarta — Cantaro de barro: *grande* e *pequena*.

R

rabeira — Esporão no trazeiro do carro alentejano.

racha — Jogo de atirar e aparar a melancia; paga quem a deixar cair.

ráio, scentelha ou **corisco** e **perigo** — «Pedras de raio», machado neolithico.

rechina — Cozinhado de gordura de porco, «rojão».

régoa — Vid. *tejolo*. 1 ib.

remanecera — Na frase: lá vem ella a *remanecer*: a apparecer.

resto — Uma coisa está *de resto*, está a findar.

retrahir — Significa «distrahir».

rolar — Vid. *forja*.

roscloró — Plural *rosclorós*, «enfeites», usado tambem por ex. em Tras-os-Montes.

S

saias — Dança alentejana pulada.

sambexugas — «Sanguesugas». *Samessugas* em Villa Real.

sambulacho — Vid. *cabanas*, n.º 4.

sanguexugas — «Sanguessugas». Transformação da apical *s*, na palatal *x*.

sanja ou **vellada** — «Valla», «vallado».

scentelha — Vid. *raio*.

seara — Conjuncto cultural: de trigo, milho, e até de oliveiras e azinheiras.

seccadôuro — Vid. *tejolo* 1 c.

seffradeira — Vid. *forja* 3.

serróda — Sobroda, assimilação *b-r*, e abrandamento *o-e*.

solar — «Reflexo», «agachar-se», de *assolar*, abater. Termo de caça; o cão *solou-se*, á espera de coelho ou a formar salto.

T

tabique — Vid. *tejolo*, 3.

taipazes — Pl. de *taipal*, tabuas que fecham o carro, seguras nos *tendaes*, vid. este voc.

tairoga, tairoca — *Taroca*. (Epenthese de *i*) «tamanco».

talhadeira — Vid. *farja*, 3.

tapiço — Almofada em que assenta a canga.

tarefa — Vasilha de barro para azeite.

tarrafa — Rede de pescar; é circular, pequena e fechada.

tarro — Caixa de cortiça, para transporte de mantimentos

teindaes (e **tindaesis**) — *Tendaes*, «fueiros» de carro.

tejolo e **telha** — Fabrico de tejolo e telha. 1) dispositivos de fabrico; 2) seccadouro; 3) differentes formas de tejolo.

1) — *a*) *a tequina* é o conjuncto de: *atequina própia*, mesa de barro e tejolo, sobre que se estende a massa do barro; *bancada*, mesa de rebordo, com uma pia cavada, ao meio, feita de barro e tejolo, onde está o *barro* para fazer tejolo ou telha; *emparador*, pia de pouco fundo, cheia de terra fina ou areia para *decidir* (despegar o barro); *louceiro*, grande tijella com agua para molhar a massa.

b) instrumentos: *grade de ferro*, para formar as telhas, tem o contorno das telhas planificadas: *galapa*, telha de madeira, boleada, com cabo, onde se recebe da *atequina*, sobre o dorso, dando-lhe a convexidade, e se leva para o seccadouro. *c*) seccadouro ou *estendal*, ao ar livre; *d*) cozedura: *forno*; *e*) armazenagem: *telheiro*.

2) — seccadouro; disposição em *mate*, ou 7 a 8 telhas, em arco, deitadas, approximados os tipos da mesma largura; *carreira*, é uma série de *mates*; *meroçar* é pôr os ladrilhos em *meroço*, isto é em columnas, em diversas camadas abertas; *levantar* os tejolos é collocá-los ao alto dois a dois encostados uns aos outro, ou pô-los em serie de grupos assim formados; *lançar* ou *deitar* o tejolo ou telha é colloca-los a seccar.

3) — *adobe* é o tejolo grande quadrado, para parede e chão; — *adobe forneiro* é o adobe grosso para paredes de forno e chaminé; *ladrilheira*, é o tijolo quadrado, para pavimento pesado; *ladrilho*, é o tejolo grosso, rectangular, curto, para pavimento leve; *lambaz*, é o tejolo de maior formato, para obra pesada e de resistencia, (pateos, lagares, etc., em pavimento); *tabique*, é o tejolo rectangular, delgado para tectos, sobre as traves transversaes e sob as telhas; *barrilha*, é o tejolo mais pequeno, rectangular.

telheira — Vid. *tejolo*.

tenazes — Vid. *forja*, 3.

tequina — Vid. *tejolo*.

tiço — Pau deitado à fogueira, para fazer (*atiçar*) o lume.

tiracol — *A tiracol*, «a tiracollo», (apócope de *o*).

tôrre da fonte — *Torre da fonte*, «frontão», «cadeirão» na fonte da aldeia.

tralha — Coisa de pouco valor.

tranqueira — Buraco, atraz da porta, para encaixar a tranca.

trapeira — Vidraça no tecto, formada por duas telhas de vidro (vid. *vistola*).

trélia ou **arreata** — Corrente que prende a canga aos varaes.

trempe — V. quadra 18.ª — grupo de tres.

tresmalho — Rêde de atravessar no rio, é rectangular.

truco — Jogo de vasas, para quatro parceiros.

tufo — Vid. *forja*, 3.

V

vara — É o varal do carro alemtejano.

variento — Vário, movel, leviano (quadra n.º 120).
varijão — Vid. *eira.*
vasiento — Vasio: *casa vasienta*, casa sem ninguem.
vaturêta — Trad. do fr. *voiturette.*
vélhas — Velhas, vid. *lume.*
vellada — Vid. *sanja.*
viellas — Anneis para reforço dos empalmos das cangas.
vieiro — Marca, divisoria de propriedades.
virão — Vid. *aguiêiro.*
vistola — O mesmo que *trapeira* ou *trapêra.*
vézeiro, vezeiro — Em *usêro* e *vèzêro.*
vôlto — Voltado, participio syncopado de voltar, como *côrto* de cortar, e *debôto* de debotar — desbotar.

VII

Anexins

1 — *Queim fógi ás dispêisas, fógi ós interéissis.*

2 — De um homem que se diz ter mundos e fundos, sem nada possuir, dizem:

Ei lavradôri da Cacaranha,
Lavra c'um gato e uma aranha.

Equivale a est'outro mui vulgar:

Sem eira, nem beira,
Nem pau de bandeira.

3 — *Quêim nã têim pano, nã monta loja*, faz variadte de'ssoutro: *Quem cabritos vende e cabras não tem, de algures lhe vem.*

4 — *Quêim nã ganha nêim héirda, têim fortuna di méirda.* Cfr. com o antecedente.

5 — *Istô com'ó padri na igrêja,*
Quêim ei tolo qui o nã sêja.

Referir-se-ha á invocação: *Agnus dei qui tolis peccata*...?

6 — *Quêim compra teim podêiri,*
Veindi sêim querêiri.

7 — «Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita», é aphorismo commum. Ouvi esta que em si refere o mesmo sentido:

Quêim brutos cria,
Brutos têim toda a vida.

8 — *Quêim têim qui andári,*
Não si fica a olhári.

9 — *Ei como pádri di Niza,*
Ondi os faz lá os bautiza.

Equivale a: «quem as faz, que as desfaça», ou «onde se fazem, lá se pagam».

10 — *O azêti é mêo serralhêro,* dizem os ferreiros quando untam os instrumentos do officio.

11 — *O que nã mata farta.* Diz-se para o Norte, para desviar sentido de mau preparo ou má limpeza «o que não mata engorda».

12 — *Queim náci pera dé-rês*
Nã chêiga nunca a vintêim.
(Vid. n.º 7).

13 — *Ninguêim faça o máli,*
Nas attêinças di le vir beim.

É como quem diz: «não ha mal que sempre dure, nem bem que não acabe».

14 — De um homem que rouba dizem:

Nacêiram êim dia di Rês,
Abáxaram-si cinco
Irguêram-si sês.

15 — *Tortos as fazeim, céigos as vêcim.* Diz-se quando é feita referencia a uma cousa sem nexo, ou quando alguem se jacta de gloriolas baratas. Emparceira com estas expressões: *sem pés nem cabeça*, e *mais depressa se apanha um mentiroso, que um côxo.* Tambem se podia citar o proverbio: *nem tudo que luz é ouro*, pois que nem o brilho ou enthusiasmo da mentira, se impõe á verdade, nem a verdade se esconde nêlles. Diz um proverbio allemão: *Lügen haben Kurze Beine.*

VIII

Ás legendas dos «milagres»

Os *milagres*, «*tabulæ votivæ* ou *tabulæ pictæ* [1]), abundam nas capellinhas aldeãs. Não faltam na capella de S.ta Victoria do Ameixial. Tão curiosa é a nota *pictorescà* dos quadros, como a observação das *legendas;* aquella dá informações do ambiente

---

(1) A proposito de milagres cfr. *Portugalia*, II, p. 180 e ss. (art.º de Rocha Peixoto «Tabulae-votivae») e *O Archeologo Português*, XIX, 1914, p. 160 e ss. (art.º de Luis Chaves, «a «Colecção de «milagres» do Museu Etnologico Português»). Estas legendas são muito cheias de curiosidade no ponto de vista linguistico (orthoepia e orthographia), artistico (enfeites de palmitos e palmetas, etc.), *folklorico* (nomes de *montes*, maneiras de dizer, invocações, *ex-votos*, etc.) medico (por vezes ha noticia das doenças). São-o tanto, como as scenas dos retabulos nas informações de indumentaria, mobiliario, arranjo domestico, expressão e forma artisticas.

em que os «milagres» se produziam, com a reprodução de indumentaria e mobiliario; a *legenda* patenteia formas de dizer, expressões quasi-rituaes, e a par d'isso uma orthographia peculiar. Este costume perdura hoje, e encontrei, perto da aldeia, num monte a meio caminho de Sousel, alguns *milagres* de 1913 e 1914.

1) — || *Milagre que fez N. S. das Nessidades, á Catharina de Sena, q̃. estando m.to enferma, | e recorrendo a N. S. recebeu grandes Milhoras. Estr.os 10 de Fr. d'1835* (palmeta). ||

Camara. Leito do sec. XVIII, roupas communs. Tres mulheres ajoelhadas, junto da cama, voltadas para a direita, onde no alto apparece a Virgem com o Menino que tem uma *vela acesa na mão* (1). Moldura estreita, a imitar o marmore.

2) — || *Ofereceu Antonio Joaquim, a N. S. das Necessidades, em acção de graças, por | seu irmão Francisco Maria, ficar bom da perna que partiu d'uma arvore abaixo, anno 1903.* ||

Está figurado o desastre por uma arvore que se parte, e arrasta na queda um homem que por ella grimpava. O retábulo é de lata e a moldura é pintada na folha.

3) — || *Milagre que fêz Nossa Senhora das Necessidades da fregue | zia de Santa Victoria a Narcisa de Jesus da mesma fregue | zia no anno de 1865; a qual tendo em perigo de vida seu ma | rido José Martinho recorreu á Mesma Senhora, e forão attendidos seus rogos.* ||

Enscenação theatral, de bambinellas e cortinas a emoldurarem o retábulo. Á esquerda um leito com um doente; á direita uma mulher, uma rapariga e um rapaz, oram voltadas para a direita, onde apparece a Virgem, rodeada de nuvens. É de lata.

4) — || *Milagre que fez N. S.a das Neceçidades a Antonio Joaquim morador na Freguezia de S.ta | Esteivão, monte Cazas Novas de baxo, que tendo sua mulher em parto | elle emplorou, a mesma Snr.a que lhedeo melhoras. Auno de 1883.* = ||

Em metade á direita, n'um andor, a Virgem. Á esquerda, leito, e uma mulher deitada n'elle. Aos pés da cama, de joelhos, voltado para a direita, um homem.

(1) Com os *milagres*, são offerecidos outros *ex-votos*, como por ex. velas de cera. Por isso, apparece a Virgem ao doente, ou o Menino, com a vela que elle lhe offereceu, já bom, juntamente com o quadro representativo do milagre. Vid. 1, 6, 14, 16, 10.

5) — || *Milagre que fes Nossa S.ª das Nisidades a Joze Miguel e sua mulher Francisca Roza | achando-se em grande enfermidade e tres filhas sem terem secorro algum senão destes dois Innoçen | tes e recorrendo á Virgem Mai SS. os livrou do Perigo em que se axava devida no anno de 1847.* ||

Tres leitos de cabeceira alta, á esquerda; no primeiro um homem, nos outros dois, todos a par, uma mulher e tres crianças. Á direita, um rapaz e uma menina, de pé, caminham para os leitos, com remedios. No alto a Virgem rodeada de uma auréola de nuvens irisadas. Retabulo de madeira.

6) — || *Milagre que fes N. Snr.ª das Necessidades á | Egnassa Augusta, que estando m.to doente em | perigo de vida e recorrendo á Snr. logo teve | Milhoras, Anno de 1903.* ||

Á esquerda o leito com a enferma. Á direita, homem e mulher, com perfis das figuras do *Borda d'agua*, oram. A Virgem, de desenho grosseirissimo, imitado de carta de jogar, apparece no alto com uma tocha na mão direita. O quadro é de madeira, com moldura esponjeada.

(7 — || *Milagre que fez Santa Victhoria a Joaquim Antonio morador na Freguezia de S.to Este | vão. monte Casas novas, de baxo, que tendo a Mulher em-parto elle emplorou a | mesmo Snr.ª que lhe deo melhoras, elle lhe rende enfenitas Graças, anno de 1883.* ||

É do mesmo typo do n.º 4, como se pode verificar até, pela legenda, ser do mesmo A.

8) — || *Milagre. q̃ fes N. Sr.ª das necessidades a Joaq̃. Joze Lavrador na irdade da troca Leite q̃ estando em | perigos de vida e sua Mulher e seus filhos sepegarão. Com o Mai Santicima ella foi servida da- | rlhe prefeita saude..... 1846.* ||

Chão de tejolo. A' direita um leito de cabeceira alta, pintada. Roupa bem composta e rica. Rendas e fitas. De lá da cama um filho vestido á moda da epoca (estudante, talvez), aos pés da cama uma mulher, duas filhas e dois filhos. A' direita a Virgem, em busto, coroada, sceptro na mão, de grandes bandós, que lhe dão a nota de copia de um retrato de D. Maria II. E' de madeira, com moldura. *Troca Leite* é um «monte» da freg.

9) — || *Milagre q̃. fez N.sa S.ª das Nececidades a Maria | anas Balbina, — que tendo sua filha em prigo de ☰ | vida recorreo a dita S.ª q̃. lhe deo melhoras. | Freguezia S.to Estevi. Anno d'1894.* ||

A' direita, cama de ferro e n'ella uma menina com uma boneca. Aos pés da cama duas mulheres e um homem, de joelhos, mãos postas. No alto á direita, a Virgem. O retabulo é de lata, com a moldura pintada n'ella.

10) — ‖ *Milagre q̃. fes Nossa Senhora a Franci= | ca Inaçia da Freguezia da Sr.ª da Graca q̃. tendo | seu Espozo em perigo de vida recorreo, a me | sma Sr.ª e foi servida dar-lhe milhoras* | (um palmito deitado). *Anno de 1860* (outro palmito igual). ‖

A' esquerda um leito, arranjado como sempre com colcha colorida, de rodapé enfolhado, travesseiros adornados de fitas; um homem deitado, encosta-se á cabeceira. Aos pés do leito uma mulher orante. A Virgem á direita. O quadro é de lata.

11) — ‖ *Milagre q̃. fes N.ª S.ª das Nececidades de S.ta Vitoria | a Marcelina Roza q̃. tendo o seu Espozo Antonio | Nunes Bravo em perigo de vida. recorreo | junta com os seus filhos a porteçāo. da Sr.ª | e foi servida dar-lhe perfeita saude. 7 de Julho de 1866.* ‖

Do mesmo typo do n.º 10 apenas com differença no numero de orantes.

12) | ‖ *Milagre q̃. fez Nossa S.ª das Nesidades a João Antonio | Salçinha, que tendo sua Mulher Gravemente do | ente recorreo a mesma S.ª que lhe deo melhoras | e elle lhe vem remder-lhe emfinitas graças* (palmito) | *Anno de 1892.* ‖

Cama de ferro á esquerda. Um rapaz, um homem e uma mulher, voltada á esquerda oram, aos pés da cama. No canto superior esquerdo, a Virgem com o menino. O quadro é de lata, com a moldura pintada.

13) — ‖ *Milagre q̃. fez N. S.ª das nicicidades a Fr.co Roiz lavrador do preiro estando | em prigo devida em q̃. vio a morte rreprezen[ta]da. Recorreo a dita | Snr.ª foi servida dar-lhe saude no anno de 1803.* ‖

Á esquerda, um leito grande, baixo, sem cabeceira. De lá, medico de cartola, aponta para a Virgem num gesto de desalento. No canto esquerdo, alto, a Morte, esqueletica, de asas negras, com uma gadanha dupla denteada, a encostar um dos ferros á fronte do doente. No canto opposto, a Virgem. O retabulo é de lata. *Pereiro* é um «monte», junto da aldeia.

14) — ‖ *Milagre q̃. fez N. Sr.ª das Nicicidades Antonio damota m | orador no ffreixial fregz.ª de S.ta Vitoria; estando*

empirigo de | vida rrecommendo a d.ta Sñr.a foi servida dar-lhe saude — | no anno de 1804. ||

Á esquerda, leito de balaustres torneados. Á frente o medico toma o pulso do doente, e veste casaca vermelha do sec. XVIII. De lá da cabeceira, a mulher, e á direita duas creanças. Aos pés do leito, uma mulher resa, voltada para a direita. Outra, mais ao fundo, sentada no chão, apoia a cabeça nas mãos, apoiando-se num banco. Á parte, uma menina e um rapaz. No canto direito, no alto, a Virgem, de capa e tunica, cirio na mão. Tudo numa disposição de quadro popular hollandês, um ambiente sombrio, donde soltam chispas de luz. O quadro é de lata. *Freixial* é um «monte» da freguesia.

15) — || *M. Q. Fez N. S.a das Nessidades A Joa.qm Antonio Amarate Filho de Barbura de Jezus que estando Grave-mente do ente recorreo com a sua | Familia que foi a S.a servida dar-lhe perfeita sau de | Anno d'1857.* ||

Cama, á esquerda. Á frente e aos pés da cama, uma mulher, quatro raparigas e tres rapazes, orantes, voltados para a direita. No alto, á direita, a Virgem, em trajes do segundo Imperio. É de lata.

16) — || *Milagre que fez N. Snr.a das Necessidades, á Joze An- | tonio Palmeiro, que estando m.to duente emperigo de Vida | e Recorrendo a Sñr.a Logo teve milhoras. Anno d'1835.* ||

Leito á esquerda, cabeceira alta, pintada. Uma Mulher aos pés do leito. A Virgem no canto direito, no alto, de tunica branca, manto azul, tocha na mão direita, menino Jesus na esquerda. O retabulo é de madeira com moldura.

17) — || *Milagre que fes Sr.a das nececidades a Maria da Con= | ceição. que estando em perigo de vida, ella e seu Espozo | João Antoxio e seus filhos recorrerão a mai Cantiçima | a Sr.a foi servida dar-lhe perfeita saude rezidentes em. | S.ta Vitoria termo de Estremos Anno de 1881* (palmito horizontal). ||

Á frente, um leito a tres quartos de perfil, e uma mulher n'elle reclinada. Ao fundo, um homem, um rapaz, uma rapariga e um petiz. Ao canto direito, alto, a Virgem com o menino, e na mesma moda da rapariga. O quadro é de lata com a moldura pintada n'elle.

18) — || *Milagre q̄ fez a Sr.a das Necesidades a Maria Joze | da Freguezia de S.to Estevo que temdo seu | Espozo em perigo*

de vida, recorreo am- | *esma Sr.ª e foi servido o darlhe saude.* | *Anno de 1864.* ||

A' esquerda, leito de cabeceira rectilinea. Colcha florida, rendas. Aos pés do leito uma mulher de joelhos, orante. Na direita, no alto, a Virgem.

19) — || *Milagre q̃. fez Noça Senhora das necidades á Coleta de Jezus estando gra-* | *vemente, emferma de hum parto que teve então, recorreu aesta* | *Snr.ª lhe deu milhoras no anno de 1845* (tres rosetas). ||

A' esquerda, leito de cabeceira, alta, rectilinea; n'elle, uma mulher encostada nos travesseiros. Para lá do leito, á cabeceira, um homem de joelhos, aos pés outro homem, dois rapazes e uma rapariga. Os homens envergam sobrecasaca da moda, comprida, e largas em baixo. O retabulo é de madeira, com moldura.

20) — || *Milagre que fez Noça Senhora das Necidades* | *a Martinho de Jesus. Estando sua mãi em prigo* | *de vida, e ella recorreo a dita Snr.ª e foi servido darlhe vida* | *S. Lourenço...* | *10 de Fevreiro de...* ||

A' esquerda, leito parallelo a plano do quadro. Aos pés tres homens e tres mulheres, oram á virgem que apparece no canto alto, direito, de cirio na mão cercada de nuvens azues. O retabulo é de lata. Com moldura pintada.

IX

Varia quaedam

1 — Cumprimentos, etc.

Viva lá o Sr. F. mais a companhia. (Cumprimento a um F. acompanhado).

Sálvi-os Dês, ou *Salvi Dês a vomecêis.* (saudação matutina.

Sálvi Dês a vomecêi, tio F. (id.).

Boa-nôti a vomecêi. (despedida nocturna).

Uma nôti im paz, ou *uma nôti boa,* ou *inté dimanhã, druma bêim.* (id.).

Fiqui vomecêi mais a companha; (despedida, depois da interrupção da conversa).

Fiqueim di conveirsa. (id.).

2 — Maneiras de dizer.

Tinha-si-li impêinsado aquêilla côsa na idêa...

Vá di jantári, diz o menageiro aos homens á hora do jantar, para *desenregarem*. E assim *vá di almoçári, vá di mereindári, vá d'iri eimbora*.

Vá d'einregari. Diz o menageiro para retomar o trabalho.

Vão os ribêros chẽos d'agua di mári a mári = de lés-a-lés.

Ricibi a tua carta e n'eilla vi o que mi dizias (principio de carta dictada).

As soidadis pera com tigo só á vista tirão fim (fecho de carta).

Nã crie féizes por causa d'isso (não se importe).

Os homis di algum dia, ou *as côsas di algum dia* (isto é de outros tempos, de outr'ora). Vid. Leite de Vasconcellos. *Dialectos pop. do Minho* IV-VII, «Linguagem popular de S. Jorge», p. 13.

3 — Crendices, receitas, etc.

a) *Tér sol*. Para vêr se alguem, que se queixa de dores de cabeça, *tem sol*, põe-se-lhe no occiput um copo com agua. Se ella ferve, com certeza que *tem sol*.

b) Quem varre os pés a alguem, tem de lhe arranjar casamento. É o contrario de Trás-os-Montes, onde por isso se tira casamento.

c) Para ver se alguem terá vontade de casar com ôutrem, mette-se-lhe uma pedrinha no çapato. Se a atira fóra, não quer. Se a conserva, é signal de sim.

d) Quando os pés estão dormentes, fazem-lhes cruzes em cima.

e) Quando se põe a porta (de cortiça) na bocca do forno, a mulher que fez a fornada, diz:

Dês ti accrescêinti,
E as almas do céo p'ra seimpri.

f) Duas candeias são signal de casamento.

g) Mèzinha para curar sezões: quem as tiver, corta as unhas e mistura os desperdicios com tabaco, fazendo com isso um cigarro; depois passa por uma encruzilhada, e lança o cigarro para traz das costas, sem vêr onde cae. Quem apanhar o cigarro fica com as sezões.

h) Contam os velhos que «algum dia», quando havia casamento na igreja, succedia, depois da funcção religiosa, correr a noiva templo fóra, e ir para a rua, a fingir que não queria casar senão pela força. O noivo perseguia-a. Este costume ou varian-

tes, hoje ainda em pratica em algumas terras, por ex. em Miranda, é forma primitiva do casamento por lei do vencedor. Vid. noticias de casos similhantes n'*O Archivo Popular*, n.º 42. (Semanario Pintoresco), de Sabbado, 19-X-1839.

4 — Onomasticon

1. Onomasticon dos «montes»

A direcção agricola das herdades alemtejanas é no *monte*. É este o centro da herdade. Ahi habita o proprietario ou arrendatario, e ahi armazena o *casco da lavoura*, isto é: as alfaias agrícolas, os mantimentos, as forragens; os cercados e arribanas do gado, o alojamento dos ganhões, tem ahi lugar.

A nomenclatura dos «montes» provém: 1.º facto, — do nome ou alcunha dos proprietarios, quer dos primitivos, quer dos actuaes; 2. — de indicação, ás vezes, da naturalidade dos donos; 3.º — de qualquer determinativo que ficou a designar o nome proprio; 4.º — de nomes phantasiados, alguns porém devendo de ter significação original; 5.º — da designação topographica; 6.º — da cultura, disposição e seu caracter; 7.º — de nomes de santos de devoção, por nome imposto, ou por motivo de alguma imagem a mencionar.

Se o nome do «monte» é um adjectivo, vem necessariamente junto do substantivo que determina. Fóra d'isso, usa-se o nome sem a palavra «monte», e no número que o designativo indica.

Exemplos:

1.º facto: *Barreta* (de Barreto), *Fermosilho* (de Formosinho), *Ramilo* (de Ramiro), *Pampalona* (de Pamplona), João Pardo, (as) *Correias*, (os) *Machados*, M.te da *Pratis* (Prates).

2.º facto: *Malpique* (de Malpica).

3.º facto: Casão, Casas Novas, Torre, Foro, Serminheiro, Fonte Nova, M.te das Poças, *Almo* (Alamo), M.te da Pinha, etc., Monte Branco.

4.º facto: Pouca Roupa e Pouca Roupinha (ha mais vezes este contraste, v. 6.º), M.te Sota, *Romeias* (Romeiras), *Maldrome* (Maldorme), Venda da Porca, Venda do Somno.

5.º facto: Bosque, Estrada, *Monchão* (Mouchão).

6.º facto: Quinta, Olival, Cerca, Serra Murada, Granja, Viçosa, Lagar, Horta Redonda de Baixo, e Horta Redonda de Cima.

7.º facto: *S.to Estêvo* (Estêvam), S.to Amaro, *S. Christóvo* (Christovam), *S. Bertelomêu* (Bartolomeu).

O nome dos donos fez-se substantivo commum, e o «monte» designa-se por esse nome com o genero apropriado, ás vezes, para concordar com o substantivo «monte» que se omitte.

Ex. O Pereiro (de Pereira). Sendo de sexo feminino o dono, dá-se o mesmo caso, sem a concordancia descripta, porém; ex. a Barreta, a Pacheca, em que só o appelido se adequou.

Se o appelido é feminino pode conservar-se, mas o nome do «monte» não concorda com elle gramaticalmente: a *Pampalona*, por Monte da *Pampalona*. No plural: as Corrêias, por Monte das Correias.

2. — Onomasticon pesssoal. Appellidos.

Nomes flexionados: Rubio, Barreto, Engeitado, *Brabo* (Bravo).

Nomes communs: Contente, Ganhão, Engeitado, Estriga, Tainhas, Suão, Murteira, Miradoura, Roda.

Nomes toponymicos: Caxias, e dos nomes das propriedades: o Ramillo (Ramiro), etc.

Diversos: Carapêta [1], Guedas, Pirra, Catambas, Pintão.

Encontra-se Leonor como appellido masculino, (José Leonor) como é vulgar no pais juntar o nome de Maria a nome de homem (José Maria). Ha para mulher e homem o appellido de Ninita.

Como é de uso corrente, a alcunha passa ao valor de appellido, sem que seja necessario para isso contar com qualquer outro factor além do tempo. Um homem é mentiroso, fica logo com a fama e pouco depois com a alcunha de *Mentiras*. O possuidor d'essa virtude perdeu, com a continuação de a ouvir apregoar, a sensibilidade produzida, e poude usar a alcunha por appellido. E, em muitos casos o attributivo ganhou foros de nome proprio. Filho de pintor, conhecido por tal, ficou tendo, embora não pintasse, como o pae, a ocre ealmagre os frisos e portões sertanejos, a alcunha e depois o appellido de *Pintor*.

5 — Lendas

Como em toda a parte, onde ha vestigios de civilizações passadas, tambem na aldeia de Santa Victoria, assente no meio de uma região inçada de restos romanos, andam na lenda local os martyrios de uma moura encantada. Vive no fundo de um poço, cavado no sopé de um outeiro, em cota inferior á da estrada para o Cano. É sombrio o local, quando o sol vae baixo, arido no centro dos caminhos escalvados que nelle convergem.

(1) N'uma provisão de D. Affonso VI, em assumpto de Elvas, figura um mestre escola da Sé, com o nome de João Nunes *Carapeto*. E numa carta de doação apparece o nome de um local chamado *Carapeta*, na mesma cidade e reinado.

A moura sae todas as noites, da meia noite para as duas da madrugada. Vae pentear-se a um tanque (*presa*) que ha do outro lado da estrada, e ouve-se no silencio da noite o arrastar das cremalheiras que a prendem.

6 — Os alfinetes de Santa Luzia.

No altar de Santa Luzia, na capella do orago da aldeia de Santa Victoria, depõem os doentes de mal dos olhos, cartas de alfinetes. A quantidade offerecida vale mais pelo significado religioso do que pelo merecimento material. Assim, o crente pode offerecer uma pequena parcella de carta de alfinetes.

São conhecidos noutras localidades costumes de empregar alfinetes com fins superticiosos e funerarios (1).

Os de Santa Luzia, ou indicam como o antigo *clavus annualis* (2), depois usado com outros fins além da marcação chronologica, a fixação de qualquer coisa, que com o cravo seriam as orações (3); ou servem antes para fixar o mal (4); ou então lembram, com segurança, ante a Santa milagrosa, a saude dos curados (5). Talvez primitivamente fossem pregados na tunica ou no manto da imagem.

Resta que factos ulteriores provem o criterio a seguir.

Diz uma quadra de Villa Real:

Senhora Santa Luzia
Do logar de Carrazedo:
Dai-me vista ós meus olhos,
Qu'andar cego é degredo

Vid. *Rev. Lusit.*, x, p. 156. Collecção de quadras «Trad. pop. e ling. de V. Real», de Gomes Pereira.

LUIS CHAVES.

(1) Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, p. 227 e 243.

(2) Daremberg & Saglio: *Dictionn. des antiquités grecques et rom.* s. v. *Clavus*.

(3) Id., id.

(4) Leite de Vasconcellos, *Op. cit.*, p. 227.

(5) Como os alfinetes no defuncto, que lhe lembram os vivos, na presença de Deus. Leite de Vasconcellos, *Op. cit.*, p. 243.

MISCELANEA

"Nunca de antes navegados„

O célebre verso camoniano

Por mares nunca de antes navegados,

Lusiadas, I, I [1], que contém uma ideia que o Poeta repisa várias vezes, qual era a da novidade das nossas navegações [2], tem sido comparada com outros de literaturas antigas e modernas: nenhum porém dos comentadores que consultei (Manoel Correia, 1613; Faria e Sousa, 1639; Garcez Ferreira, 1731; Storck, 1883; Epiphanio, 1910; Dr. Rodrigues, nas *Fontes dos Lusiadas*, em publicação), cita isto de Lucrecio, *De natura rerum*, I, 925-926:

Avia Pieridum peragro loca, nullius ante
Trita solo,

que com ele póde tambem ser comparado.

Ha pois aqui o que os retoricos chamam um *lugar comum*. Os poetas tem-se servido d'este a seu talante.

J. L. DE V.

Anfiguri

Estando eu em palácio de grande altura,
Casa cheia tem fartura,
Quem doba tem o sarilho,
Toda a venda vende figos,
Para contentar os rapazes,
Lá no mar há alcatrazes,
Também se pescam gaivotas,
Isto quem tem pernas tortas
Todos lhe chamam canejo,
Vão-se as sezões com o desejo,
E a ferida com o engùento,
Quem moe o moinho é o vento,

---

(1) A graphia correcta é *de antes*, como vem nas duas edd. de 1572, e não *d'antes*, como se lê em algumas posteriores, e até no emblema da Sociedade de Geografia de Lisboa. Não devêmos alterar a lição primitiva; alterando-a, alteramos tambem a pronúncia.

(2) Cf. o meu livro *O Doutor Storck e a Litteratura Portuguesa*, Lisboa 1910, pág. 107-108.

Quem tece a teia é a aranha,
Esta cantiga é tamanha,
Que não tem conto nem fim,
Um raminho de alecrim,
Que se dá aos namorados,
As armas são para os soldados,
Também para os caçadores,
Isto quem tem amores,
Bem ligeiro deve andar,
Tem pente para a cabeça,
Tem gaita para tocar,
Menina, não endoideça,
Que se pode dar por feliz:
Quem tem tamanho nariz
Que lhe chega ao alto seio,
Todo o mundo passa e olha,
Que tem mais de palmo e meio.
Metido em água fria
Cria bafio e bolor,
Eu bem sei quem o gabou,
Para bigorna de um ferrador,
Até parece um cajado
Que anda ás costas de um pastor,
Tomara eu cá o tempo das uvas,
Que é o refrêsco da gente:
Visto ser uma cousa
Que sempre se dá ao doente,
E áquele que bem se trata,
Corre o gato para a gata,
O velho ao pão de rala,
Não vi correia sem ter mala,
Nem trapeiro sem ter gancho,
Nem cegonha sem ter bico,
....

(colhido em Loulé, 1915).

BERNARDINO BARBOSA.

Um falso vocabulo

Na *Regra de S. Bento*, que figura entre os *Ineditos de Alcobaça*, publicados por Fr. Fortunato de S. Boaventura, lê-se no cap. 22 o vocabulo *palheredos*, que, com a significação de *preparados*, o editor inseriu no respectivo *Glossario*, e o dr. Cortesão transcreveu igualmente nos seus *Subsidios para um Diccionario completo da Lingua Portuguesa*. É minha opinião, porém, que tal vocabulo representa apenas um *lapsus calami* do copista,

devendo corrigir-se em *aparelhados*. No codice alcobacense n.º 14, que é onde se encontra aquele texto, e existe na Biblioteca Nacional de Lisboa, tanto se pode ler efectivamente *palheredos*, como *peralheredos*, visto achar-se cortada a parte inferior do *p* e ter sido esta a abreviatura pela qual, como é notorio, os copistas representavam a silaba *per*. Levam-me a opinar assim não só a forma insolita do vocabulo, para a qual não encontro representante latino adequado, como tem todas as aparencias de sê-lo aquele donde provém, mas principalmente o não aparecer ele noutras traduções que da mesma Regra existem em codices posteriores. Assim é que, enquanto o citado codice n.º 14 usa de *palheredos* (ou *peralheredos*), dizem *aprestes* os n.os 328 e 73 d'Alcobaça e 32 de Lorvão, que se guarda no Arquivo Nacional, todos escritos depois, sendo o ultimo já do seculo XVI; o n.º 73, porém, serve-se de dois vocabulos sinonimos, o mencionado *aprestes*, e *aparelhados*, que precede imediatamente aquele, ao qual parece servir de glosa. Em nenhum dos codices que consultei aparece o tal *palheredos* (ou *peralheredos*) e sim *aparelhados* num deles, o que de certo não sucederia se tal palavra tivesse realmente existido, visto todos serem reprodução do anterior, apenas alterada nos casos em que os vocabulos se haviam tornado obsoletos, sendo então substituidos por outros modernos, com o fim de tornar mais compreensivel a sua leitura.

J. J. NUNES.

Anão, anainho, anaio

Anão vem de nanus com prótese moderna de *a*, senão o -*n*- sincopava-se; cfr. o hesp. ant. e o mirandês *nano*. Não deve pois *anão* referir-se a inanis, como faz Meyer-Lübke, *Roman. etym. Wb.*, n.º 4334, a proposito do hesp. *enano*. O galego *anano* assenta em *enano*.

Em vez de *anão* diz-se no Minho *anáio* e *anaínho*. Suponho que *anaínho* está por *naninus, e que *anáio* é um falso deminuitivo de *anaínho*, que póde soar *anaiinho;* cfr. *saia — saínha — saiinha*.

J. L. DE V.

Cacografia dialectal

Em Setembro de 1893 vi em Chão de Sapo, concelho do Cadaval, um cruzeiro no meio da povoação, no qual se gravára o letreiro que copio aqui ao lado. O que nele ha curioso é o *mandô* da 4.ª linha, escrito assim mesmo, com *ô*. Como é sabido, o ditongo *ou* nesta região sôa *ô*; o pedreiro tinha pois bom ouvido, pois não se submeteu á ortografia literaria.

GERMANº MATHIAS ME MANDÔ FAZER EM 1876

J. L. DE V.

Esternocar

No vol. I do *Novo Dicc. da ling. port.* do Snr. C. de Figueiredo, pag. 720 da 2.ª ed., vem mencionado o vocabulo «*esternoco-te!*» como expressão interjectiva, no sentido de «eu te esconjuro! some-te!». O autor compara o vocabulo com *externar*. Já em 1882 nas minhas *Tradições pop. de Portugal*, § 360-*c*, eu tinha citado a frase *strenoco-te para o Díabo*, e no § 380-*d* simplesmente *sternoco-te*, ambas empregadas pelo povo para afastar cousas más. Á segunda corresponde no mesmo § est'outra: «vai-te para Coira!». O verbo *esternocar*, *sternocar*, *strenocar* nada tem com *externar*, como diz o autor do *Novo Diccionario*: o etimo está em **tresnocar*=*treslocar, «translocar», «transferir» i. é, enviar (as cousas más para o Diabo): cfr. *desnocar*, que o povo usa em vez de «deslocar» (no Algarve e no Baixo-Douro, pelo menos). De **tresnocar* se fez por metatese *tresnocar* e sucessivamente *strenocar* e *(e)sternocar*: cfr. *stremalhar*, *stremudar*, *strepassar*, *strepoer*. Este ultimo verbo é muito curioso tambem pela terminação arcaica: ouvi-o ha anos em Porto de Mós («ao *strepoer* do monte» etc.), a par de *strepôr* «transpôr», e é metatese de *trespoer*, que vem em Azurara, *Chronica de Guiné*, ed. de Paris, pag. 310. Como ilustração do assunto, direi que espantar as coisas ruins para Coira, isto é, para Paredes de Côira ou de Coura, provém de se enviarem outr'ora para lá, como para outras terras d'extremo, os condenados a destêrro; o mesmo se fazia para Castro-Laboreiro, como me informam antigos magistrados. No sec. XVI mandavam-se as feiticeiras para Castro-Marim e Marvão, povoações tambem da

fronteira: *Revista Lusitana*, v, 21, 267, 268 (Pedro de Azevedo). Devem ter-se mandado igualmente para Coira em tempos passados. Além de ficar no extremo, Coira tem pouca eufonia no seu nome, e por isso se contam d'essa vila anedotas beocicas no gôsto das que citei na *Rev. Lusit.*, II, 69: a lenda, por exemplo, do juiz de Barcelos, de que falei nos *Ensaios Ethnogr.*, IV, 275, localiza-se em Coira. Á gente de Coira chamam ironicamente *Os Papas*, por causa das excelentes papas de milho e leite que lá se faziam: d'elas fala Alves da Cunha no seu livro intitulado *Paredes de Coura*, 1909, pag. 62 e 397. Em todos os paises ha factos semelhantes, e no nosso Portugal inumeras outras terras são alvo de zombarias como esta. Não se melindrem pois os habitantes de Paredes de Coira com o que digo.

J. L. DE V.

«Peine pour joie»

O Condestavel D. Pedro, Mestre de Avis, Rei de Aragão, filho do Infante que morreu em Alfarrobeira em 1449, é autor de obras literarias muito conhecidas, umas já publicadas, outras ainda em parte ineditas: vid. Caetano de Sousa, *Hist. Geneolog.*, II, 84-88; Balaguer y Merino, *D. Pedro el Condestable de Portugal*, Gerona 1881; D. Carolina Michaëlis, «Hist. da Literat. Port.» no *Grundriss* de Gröber, II-2, 259 ss.; eandem, *Uma obra inedita do Condestavel*, Madrid 1899; e a minha *Historia* do *Museu Etnologico*, Lisboa 1915, pag. 272. Obedecendo aos costumes da epoca, adoptou o Condestavel uma *empresa*, cujo moto ou letra era a conceituosa frase francesa *paine pour ioie*, tão conceituosa, que cada investigador a traduz de seu modo! Vid. D. Carolina, citada *Obra inedita*, pag. 50-52. Este moto está tambem gravado em varios monumentos pertencentes á Ordem de Avis: no bocal de uma cisterna da cêrca da igreja da mesma vila, como observei em 1912, em companhia do meu amigo o Snr. Antonio Paes; e em dois brasões de pedra, um igualmente em Avis, outro em Fronteira (vid. *O Archeologo Port.*, XIX, 396-397); está além d'isso num relicario que se guarda numa dependencia da igreja d'Avis, e que lá vi em Abril de 1914, por indicação, e em companhia, do referido Snr. Paes.

Vale a pena dizer mais umas palavras acêrca do relicario. Ele é de prata dourada, e tem uma inscrição que diz: *Esta arca*

*mandou fazer ho * claro * e mui nobre Don Pedro regedor * do mestrado dAvis filho pᶦmogenito* (1) *do ifante Don P° * de * clara * memoria * regente * que * foi * nove * anos * deste reino e foi feita pera os osos dos ben aventurados Pedro e Paulo Apllõs* (2) *e pera outras * reliqᶦas preciosas * e pera * ho* le-nho * do * Senhor.* Na face anterior da arca vê-se de relêvo o brasão de D. Pedro, analogo aos dois de que acima falo, o qual tem a legenda § PAINE § POVR § IOIE §; á direita d'ele está um rei (3), que tem aos pés um anjo (?); á esquerda está S. Bento, padroeiro da Ordem, e em cima do escudo a Virgem sentada sobre o crescente, e com o Menino no regaço. — O relicario não possuirá talvez muito valor estetico, mas possue alto valor historico: e eu teria tentado obtê-lo para o Museu Etnologico, se, por condescendencia com o Snr. Antonio Paes, não obtemperasse ao pedido que me fez a gente de Avis para lh'o deixar ficar como memoria do glorioso passado d'esta terra.

J. L. DE V.

Fórmas populares do nome «José»

Além da fórma hipocoristica *Zé*, que é muito conhecida, usam-se outras pela Estremadura etc., como: *Jesé*, *J'zé*, *Zdé* (*Sdé*, *Jdé*), *Rdé* (com *R* lene). Esta última ouve-se nas zonas geograficas onde se dá o rotacismo ($s + sonora = r + sonora$: vid. *Esquisse d'une Dialectologie*, pag. 115-116), por exemplo na região do Zêzere: é bastante curiosa e inesperada, e creio que é agora publicada pela primeira vez. A par de *-é* ha tambem *-éi*, por exemplo em Vila-de-Rei (Castelo-Branco): *Jeséi;* de *J'zéi* falei na *Rev. Lus.*, IV, 240 (4).

J. L. DE V.

---

(1) O *p* sem côrte.

(2) = *Apostollos.*

(3) Acaso D. Afonso II, doador de Avis aos Freires de Evora, da Ordem de Calatrava (cfr. Gama Barros, *Hist. da administração publica*, I, 373).

(4) A fórma *José* vem de Ioseph, em próclise, como *João* (cfr. *Rev. Lus.*, IX, 166). Feminino *Josefa* < *Iosepha. — Em docc. do sec. XV aparece *Josepe*, nome de um Hebreu (*Archivo Hist. Port.*, II, 183) e talvez de um Italiano (*Josepe Gallite*: ib. ib., 238) <> *Giuseppe* < hebr. Iosep. O hesp. hipocoristico *Pepe* reduplica uma silaba.

NECROLOGIA

Epifanio Dias

Transcreve-se em seguida o discurso que à beira da sepultura do Snr. Augusto Epifanio da Silva Dias, falecido em Lisboa em 30 de Novembro de 1916, e que foi um dos nossos filologos e humanistas mais notaveis, e ao mesmo tempo colaborador da *Revista Lusitana*, recitou o Dr. Urbano Canuto Soares, antigo e distinto aluno da Faculdade de Letras de Lisboa.

Noutro volume publicarei uma biografia mais extensa do meu chorado mestre e amigo.

J. L. de V.

O ilustre morto, a quem viemos prestar a derradeira homenagem, rendendo preito póstumo àquele que em vida, a despeito do seu extraordinario valor, passou quasi despercebido e ignorado das multidões, embora entre uma minoria selecta fosse justamente reputado como Mestre insigne, cujos conselhos e ensinamentos eram sempre acolhidos com o maior respeito. O ilustre morto, que assim desaparece do tablado agitado da vida, deixando uma lacuna, talvez impreenchivel, na provincia do Saber a que sempre de alma e coração se consagrou, legando o exemplo imortal da vontade tenaz, que até em face da Morte se obstina, num estoicismo superior, em sacrificar à nova Divindade — a Sciencia — os ultimos e angustiados momentos, foi homem de superior talento, e de rara cultura, vincou em obras de imperecivel merecimento as caracteristicas do seu espirito profundamente analitico, a nunca desmentida probidade scientifica, o saber e erudição verdadeiramente formidaveis e o entranhado amor da sua patria, que ele, como português de melhores eras, soube amar desveladamente, exteriorizando esse culto pelos serviços inesqueciveis que prestou em materia de instrução pública e pelo afecto com que comentou as obras de algumas das grandes figuras literarias de Portugal.

Na historia do ensino em Portugal, Epifanio Dias deixa indelevel memoria. Professor consciencioso e sabio, nós, os discipulos, nunca o procuravamos debalde. Eram inexauriveis os tesouros do seu saber vasto e solido, que chegava a causar vertigem. O ilustre professor acolhia e sempre satisfazia com inigualavel benevolencia as perguntas dos alunos, que, ávidos de

saber, assediavam o Mestre, ao qual são perfeitamente aplicaveis as palavras com que o grande marquês de Pombal se referia ao eruditissimo Cenaculo: *poço sem fundo e sem lodo.* Foi pela sua dedicação ao ensino que o Snr. Epifanio fez uma obra verdadeiramente nacional, a Gramatica Portuguesa, monumento que fica como um dos trabalhos capitais da nossa literatura scientifica. A Gramatica Portuguesa é veridicamente *proles sine mater creata.* Antes do eminente filologo, nada ou pouco havia que respeitasse á sistematização das leis gerais da gramatica prática da nossa lingua. Pois neste terreno safaro e ingrato, onde de maravilha despontava qualquer plantazita raquitica, aparece-nos de improviso, com todos os impetos da seiva nova e forte, a obra decisiva, que, rompendo com as tradições obsoletas da gramatica filosofica, entre nós esterilmente cultivada por Jeronimo Soares Barbosa, apresenta originalidade absoluta, especialmente no que se refere a sintaxe, sobre que nada havia feito. Bastaria só a Gramatica Portuguesa para consagrar a individualidade do Snr. Epifanio ante os vindouros. D'ela podia, com efeito, o insigne homem de sciencia dizer o que o poeta de Venusa proclamava do seu labor literario:

Exegi monumentum aere perennius

Mas, além dos inestimaveis serviços prestados á lingua, a sua imensa actividade frutificou em obras que são modelo de saber, critico e consciencioso — as edições do *Esmeraldo* de Duarte Pacheco Pereira, das *Obras* de Cristovão Falcão e dos *Lusiadas*.

Espirito profundamente original e inovador, cabe-lhe a gloria de ter encaminhado por novos trilhos o ensino escolar do latim, ensino que entre nós se pautava pela deficiente e erronea gramatica de Alves de Sousa. Eram verdadeiramente assombrosos os conhecimentos que d'esta lingua e da lingua grega possuia o ilustre Mestre, e por isso pode dizer-se sem receio de contestação que foi um dos mais insignes humanistas não só do nosso país senão tambem da Europa [1].

Falámos sumariamente, e sem o brilhantismo e autoridade, que seriam de desejar, do indefesso labor scientifico e literario do homem distintissimo cujo corpo inerte vai em breve ser cal-

[1] O que dizemos no texto verificámo-lo quando fomos seu discipulo de grego na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa no ano lectivo de 1911-1912. O texto grego era sempre explicado pelo nosso Mestre sem preparação prévia, e ele sempre fazia comparações com o latim.

cado pela terra, mas cuja memoria perdurará evos a dentro, indo-se, no dizer do nosso Épico, da lei da morte libertando. A admiravel formula que Ibsen põe no *Inimigo do Povo*: «O homem mais forte que ha no mundo é o mais só» resume por si a psicologia de Epifanio Dias. Sempre viveu afastado, longe do aplauso mercenario das multidões, que, inconscientes, tantissimas vezes levantam altares àqueles em quem a audacia corre parelhas com a inepcia. A seriedade inquebrantavel dos seus processos nunca lhe permitiu descer á turba ignara, e por isso viveu sempre encerrado na sua torre de marfim, como eleito do talento que incontestavelmente era. Tinha, porém, um coração generoso e sensivel, que sempre atendia ás importunações dos seus discipulos e que ele muito bem espalhou pelos que lhe demandavam auxilio. Que descanse em paz quem fez da vida um apostolado, sacrificando saude, tranquilidaae, bem-estar em prol da Patria e da Sciencia!

URBANO CANUTO SOARES.

BIBLIOGRAFIA

Tradições populares portuguesas (1910-1916) [1]

— **Contos populares portugueses,** por Consiglieri Pedroso, Lisboa, 1910, um volume de 580 paginas. São ao todo 62 os contos que o notavel folklorista coligiu. Precede-os de um estudo sobre a significação e importancia dos mesmos.

— **Cantigas,** por M. Cardoso Marta, Lisboa, 1911, folheto de 34 paginas, 2.ª edição. Contem 121 quadras populares que o coleccionador antecede de rapido comentario.

— **Folclóre da Figueira da Foz,** coordenado por M. Cardoso Marta & Augusto Pinto, Espósende, 1911, 1.º tomo, 306 paginas. Os coordenadores colheram da tradição canções, romances e alguns elementos de folklóre infantil.

— **Velhas canções e romances populares portugueses,** por Pedro Fernandes Tomás, Coimbra, 1913, um volume de 191 paginas, com prefacio de Antonio Arroyo. As canções religiosas e politicas, os anfiguris e os romances do livro são acompanhados da correspondente notação musical.

— **Sobre as canções populares portuguesas e o modo de fazer a sua colheita,** por Antonio Arroyo, Coimbra, 1913, folheto de 50 paginas. Este trabalho é uma separata da Introdução á obra de Pedro Fernandes Tomás, mencionada no paragrafo anterior.

— **Nossa Senhora do Monte, padroeira da Ilha da Madeira,** Lisboa, 1913, pelo P.e Joaquim Placido Pereira. É um folheto de 77 paginas, que contém varias tradições referentes á aparição de Nossa Senhora do Monte, aos seus milagres e ao culto que lhe

---

[1] **[Era minha tenção continuar na *Revista Lusitana* a publicação da bibliografia das tradições populares portuguesas que iniciei nos quatro volumes dos *Ensaios Ethnographicos*, e para a qual sempre vim juntando elementos. Visto que, porém, o tempo me falta, pedi que se encarregasse d'isso o meu antigo aluno Dr. João da Silva Correia, da Faculdade de Letras de Lisboa, o qual começa agora a dedicar-se com entusiasmo e capacidade a estudos de Filologia e de Folklore, do que os leitores tem já amostra no presente volume da *Revista Lusitana*, supra, pag. 217 ss. — J. L. de V.].**

é prestado. O folheto contém ainda uma imagem da Senhora e a reproducção de um ex-voto que representa o naufragio de um lugre portuguez.

— **Folclore da Figueira da Foz,** coordenado por M. Cardoso Marta & Augusto Pinto, Esposende, 1913, tomo 2.º e último, 269 paginas. Ocupa-se de devoções, superstições, costumes, adagios, contos e modismos populares.

— **O Franganito,** por Ana de Castro Osorio, Lisboa, 1914, folheto de 8 paginas. É um conto tradicional para crianças.

— **Cancioneiro popular,** por Jaime Cortesão, Porto 1914. É uma antologia lirica popular, de 186 paginas, precedida de um estudo critico.

— **Contos maravilhosos,** por Ana de Castro Osorio, Lisboa, 1914, um volume de 145 paginas, que contém onze historias infantis.

— **Cantigas do povo para as escolas,** coleccionadas por Jaime Cortesão, Porto, 1914, um volume de 85 paginas com um prefacio dedicado ás crianças. Contém, alem de cantigas populares, historias infantis rimadas e adivinhas.

— **Contos da Caròchinha,** Lisboa, 1914, um volume de 200 paginas. Contem 42 historias populares para crianças.

— **Primeiro nucleo de um museu instrumental em Lisboa,** catálogo sumário coordenado por Michel Angelo Lambertini, Lisboa, 1914. Traz referencias a todos os instrumentos de musica que constituem o primeiro nucleo de um museu instrumental para cuja organização muito tem trabalhado o coordenador do catalogo.

— **Manual de historia das religiões,** por Monsenhor J. A. Ferreira, Braga, 1914, um volume de 334 paginas, com «introdução», oito capitulos, e «conclusão».

— **Tradições populares de Santo Tirso,** por A. C. Pires de Lima, Porto, 1915, 96 paginas, separata do volume XVIII da *Revista Lusitana*. Compreende medicina popular, superstições proverbios, romances e cantigas.

— **Ex-votos do Museu Etnologico Português,** catalogo descritivo, por Luis Chaves, Lisboa, 1915, 50 paginas. Alem da descrição dos milagres, contém as reproduções de alguns retabulos da colecção do Museu Etnologico.

— **Contos tradicionais do povo português,** por Teofilo Braga, Lisboa. 1915, segunda edição ampliada, um volume de 332 paginas. Esta obra compreende a literatura dos nossos contos populares, os contos propriamente ditos, e lendas, patranhas e fabulas, colhidas quer modernamente da tradição oral, quer em autores portugueses antigos.

— **Folklore e tradições do Brasil,** por Lindolfo Gomes, 1915, Estado de Minas, Juiz de Fora, 29 paginas. É uma conferencia do autor, realizada no Gremio Literario Bernardo Guimarães de Juiz de Fora, e em que se ocupa da utilidade do conhecimento das tradições populares.

— **Gravura Popular,** folheto primeiro, por Alberto Sousa, Coimbra, 1915, 7 paginas. Traz varias gravuras de caracter religioso e uma relação de alguns gravadores portugueses da classe popular.

— **Folk-Lore varzino,** por Candido Landolt, Povoa de Varzim, 1915, 230 paginas. Este volume contem a legislação piscatoria dos Pòveiros, a sua vida, costumes e caracter, e além disso o cancioneiro e o vocabulario popular varzinense.

— **Tradições populares de Santo Tirso,** por A. C. Pires de Lima, Porto, separata do volume XIX da *Revista Lusitana*, 1916. Contem orações, costumes, cantigas e superstições locais.

— **Os Barristas de Extremoz** (seculos XVIII-XX), com o subtitulo de *Imagens e Bonecos*, Lisboa, 1916, por Luis Chaves, separata do n.º 1 da revista *Terra Nova*, folheto de 13 paginas com varias gravuras.

JOÃO DA SILVA CORREIA.

Erratas do artigo "RETALHOS DE UM ADAGIARIO,, (pag. 40)

Pag.	Linh.	Nota	Onde se lê	Leia-se
40	30		O homem ruivo	A homem ruivo
41	3		Herodoto	Heródoto
42	5		contre	con tre
42	12		fôrn	fôru
43	32		na nota 7.	na nota 5.
44	2		Italianos: *Con la pelle ...*	Italianos: a) *Con la pelle ...*
44	24		*Refrances*	*Refranes*
44		8	Volgar	Vvlgar
44		8	Irean	Ivan
45		2	G. Arivau, obr. citada.	*El Folk-Lore Andaluz*, Sevilla, 1882-1883.
46		2	V. nota 15, *in fine*.	V. pag. 47, nota 1, *in fine*.
46		4	Monduy	Monday
46		4	cantão de Aunean	cantão de Auneau
46		4	(Artigo cit. na nota 11, de pag. 46.)	(Artigo cit. na nota 10, de pág. 44).
47	1		viajar (1);	viajar;
47	1		ou negócio	ou negócio (1);
47	21		sete vilas acasteladas, sete oiteiros	sete vilas acasteladas, sete partidas do mundo, sete oiteiros
48	13		povo ingénuo	povo, ingénuo
49		1	conserva	conservou
51	33		sciciliano	siciliano
53	7		lodrado	ladrado
53	9		Imbua	Ímbua
53	22		mèt	niet
55	7		conduzia de um	conduzia um
55	19		depois	despois
55	41		cherar	chorar
55	46		entre	antre
55	47		atirei-lhe	atirei-le
56	1		bênção	locução
56	20		estranho	estrondo
57	30		do sufrágio	de sufrágio
58	8		avezinha (cujas asas ...)	Avesinha (cujas azas ...)
60	10		passao	passo
61	13		tem	temos
62	1		as resoluçõees	a resolução
62	27		pêca	pecca

A pag. 44, a nota 11 deve ser substituida por: idem, *ibidem*.

A nota publicada a pag. 44 sob o n.º 11 deve ter o n.º 12 e corresponder ao prov. extraido dos *Refranes*, de Herman Nuñez, inserto a linhas 24 e 25. Na mesma nota, onde se lê: (Obr. cit. na nota 5) — deve ler-se: (Obr. cit. na nota 10).

J. M. A.

INDICE DO VOL. XIX

Erratas do artigo **UMA EXCURSÃO A CASTRO LABOREIRO**

Pag. 274, nota 2, linha 3.ª, leia-se *La Academia* em vez de «Sc. Academia»;

Pag. 275, linha 6.ª, leia-se *Na cozinha temos* em vez de «A cozinha consta de»;

Pag. 276, *Phonetica*, linha 3.ª, leia-se *chã* em vez de «cã», e linha penultima, leia-se *s* e *z* em vez de «*s* e *r*»;

Pag. 278, *Vocabulario*: devia ser *Camarros* com *C*, e não com *c* minusculo; s. v. «cinta», leia-se *peça do*, em vez de «vid».

Ha outras erratas de somenos importancia.